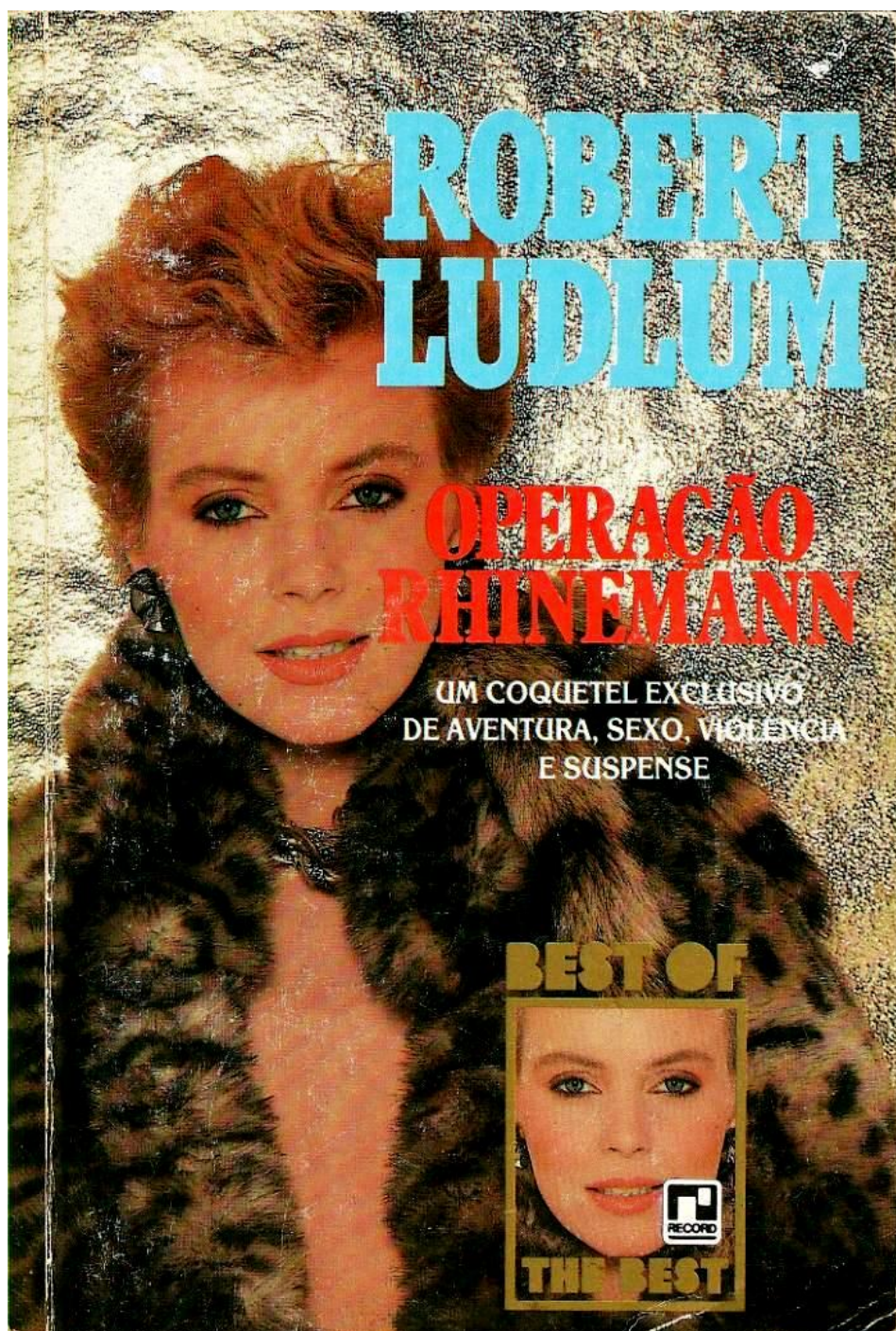




OPERAÇÃO RHINEMANN

Segundo semestre de 1943. O desfecho da Segunda Guerra Mundial ainda era duvidoso. Os alemães, de um lado, concentravam todos os seus esforços nos foguetes que, disparados de seu território, deveriam atingir Londres. Os Aliados, de outro lado, preparavam a segunda frente que se iria realizar com o desembarque na Normandia. Aviões de grande altitude, capazes de efetuar os bombardeios de saturação indispensáveis para a invasão da Europa, tinham absoluta prioridade.

Para que os foguetes de longo alcance funcionassem, eram imprescindíveis os diamantes industriais, que os alemães só encontravam numa parte da África em poder dos Aliados.

Para os bombardeiros, os Aliados precisavam de um tipo de giroscópio fabricado apenas na Alemanha.

Estava assim criada uma situação de difícil impasse. Governantes, industriais e militares começavam a ceder ao pânico. A única solução se afigura estranha, mas inevitável: os inimigos chegam a um acordo inconfessável, e decidem trocar diamantes industriais por giroscópios. Local marcado para a troca: Buenos Aires.

Representando os Estados Unidos, o agente de espionagem designado para essa missão nada sabe de concreto. No entanto, não tarda a perceber que a missão não era tão simples quanto as instruções que recebera faziam supor: e vê-se de repente a ponto de perder o juízo, a vida e a vida da mulher amada, num verdadeiro redemoinho de desespero.

ROBERT LUDLUM

OPERAÇÃO RHINEMANN

Tradução de
ÁUREA WEISSENBERG

EDITORA RECORD

PREFÁCIO

20 de março de 1944
WASHINGTON, D.C.

— David?

A moça entrou na sala e observou, em silêncio, o militar de estatura elevada que olhava através da janela do hotel. A chuva caía acompanhada do vento frio de março, criando aglomerados de névoa sobre a paisagem de Washington.

Spaulding voltou-se, cômico da presença, não da voz.

— Desculpe, você disse alguma coisa?

Notou que ela trazia a capa de chuva e que havia no seu olhar preocupação e medo, mal disfarçados.

— Caso encerrado — disse ela, em voz baixa.

— Caso encerrado — confirmou ele. — Ou estará dentro de uma hora.

— Estarão todos presentes?

Aproximou-se, a capa segura na sua frente como se fosse um escudo.

— Sim, não há opção.. Eu também não tenho opção. — O ombro esquerdo de Spaulding estava envolto em ataduras sob a túnica, o braço apoiado numa larga tipóia negra. — Quer me ajudar, por favor? A chuva não vai passar.

Jean Cameron abriu a capa, com relutância.

Deteve-se, olhos fixos no colarinho da camisa militar; depois, nas lapelas do uniforme.

Todas as insígnias tinham sido removidas.

Notavam-se leves descolorações no tecido, onde os emblemas haviam estado.

Não havia indicação de posto, nenhum distintivo de bronze ou prata para identificá-lo. Nem sequer as iniciais douradas do país a que servia.

A que havia servido.

Ele percebeu que ela notara.

— Exatamente como iniciei — disse, em voz baixa. — Sem nome, sem posto, sem história. Apenas um número seguido de uma letra. Quero que eles se lembrem disso.

A moça permaneceu imóvel segurando a capa.

— Vão matá-lo, David.

As palavras eram quase inaudíveis.

— É exatamente o que não farão — replicou, calmamente. — Não haverá assassinos, nem acidentes, nem ordens repentinas me transferindo para Burma, ou Dar es Salaam. Isso está encerrado. . . Eles têm que ignorar o que eu fiz.

Ele sorriu de leve, acariciando-lhe o rosto. Aquele rosto encantador. Inspirou fundo, impondo-se um controle que sentia precário. Deslizou a capa de chuva com todo o cuidado sobre o ombro dele, que estendeu o braço para a manga direita. Por um instante, ela comprimiu o rosto contra as costas do rapaz e ele a sentiu estremecer enquanto dizia:

— Não terei medo. Eu prometi.

Transpôs as portas de vidro do Hotel Shoreham e meneou a cabeça para o porteiro abrigado sob o toldo. Não queria táxi. Que as últimas chamas da ira morressem por si mesma. Uma longa caminhada.

Pela última vez na vida envergaria o uniforme. O Uniforme agora desguarnecido de insígnia e identificação. Transportaria o segundo grupo de portas do Ministério da Guerra, dando seu nome à polícia militar. David Spaulding.

Diria apenas isso. E seria o bastante; ninguém o deteria, não haveria interferências.

Ordens de comandantes anônimos — identificação apenas divisional — permitiriam que ele percorresse os corredores cinzentos até uma sala sem indicações.

As ordens se encontrariam na mesa da segurança, em consequência de uma outra ordem, cuja origem ninguém seria capaz de apontar. Ninguém compreendia.

Protestavam, ultrajados.

Mas nenhum ultraje se equiparava ao seu.

E eles o sabiam, os comandantes desconhecidos.

Nomes que, meses atrás nada significavam para ele se encontrariam na sala anônima.

Nomes que eram agora símbolos de um abismo de hipocrisia, revoltando-o a tal ponto que julgara enlouquecer.

Howard Oliver.

Jonathan Craft.

Walter Kendall.

Os nomes soavam inócuos. Poderiam pertencer a centenas de milhares. Havia neles algo de tão. . . americano.

Contudo, aqueles nomes, aqueles homens tinham-no levado à beira da loucura.

Estariam na sala anônima e ele se lembraria de todos os que se encontravam ausentes.

Erich Rhinemann. Buenos Aires.

Alan Swanson. Washington.

Franz Altmüller. Berlim.

Outros símbolos. Outras meadas...

O abismo de falsidade onde ele havia sido atirado pelos. . . inimigos.

Como havia acontecido, meu Deus?

Como podia ter acontecido?

Mas acontecera, e ele anotara os fatos do seu conhecimento.

Escrevera tudo, colocando o documento num arquivo metálico depositado na caixa-forte de um banco do Colorado.

Impossível encontrá-lo. Encerrado na terra por um milênio... Pois seria melhor assim.

A menos que os homens da sala anônima o forçassem a agir de maneira diferente.

Caso o fizessem. . . o equilíbrio mental de milhões seria posto à prova. A revolta não respeitaria as fronteiras nacionais nem a causa de qualquer grupo mundial.

Os líderes se tornariam párias.

Assim como ele se tornara um pária.

Um número seguido de uma letra.

Alcançou a escadaria do Ministério da Guerra. As pilastras de pedra castanha já não significavam força. Lembravam-lhe apenas uma pasta marrom-clara.

Já não tinham substância.

Transpôs as portas duplas que conduziavam ao posto de segurança, ocupado no momento por um tenente-coronel de meia-idade, ladeado por dois sargentos.

— Spaulding, David — falou, em voz baixa.

— Sua identificação. . . — O tenente-coronel fixou os ombros da capa, depois o colarinho.

— Spaulding.

— Meu nome é David Spaulding. Minha fonte é Fairfax — repetiu David, em voz baixa. — Verifique seus papéis, soldado.

A cabeça do tenente-coronel ergueu-se movida pela ira, gradualmente substituída pelo espanto quando fixou o rapaz. Pois David não falara com aspereza, ou indelicadeza. Limitara-se a apontar um fato.

O sargento à esquerda do tenente-coronel colocou uma folha de papel diante do oficial, sem interrompê-lo. O outro examinou-a.

Relanceando rapidamente para David, fez um gesto para que ele passasse.
Descendo o corredor cinzento, capa no braço, Spaulding sentia os olhares que lhe percorriam o uniforme desprovido de qualquer identificação. Várias continências foram feitas com hesitação.
Nenhuma correspondida.
Alguns voltavam-se Outros espiavam do limiar das portas.
Era aquele o oficia , diziam os olhares. Tinham ouvido os boatos trocados aos cochichos, em voz baixa, nos recantos afastados. Era aquele o homem.
Uma ordem fora expedida...
O homem.

PRÓLOGO

1

8 de setembro de 1939
NOVA YORK

Os dois oficiais do Exército, uniformes rigidamente engomados, cabeça descoberta, observavam, através da parede de vidro, o grupo de homens e mulheres vestidos de maneira informal. A sala em que se encontravam estava às escuras.

Uma luz vermelha se acendeu. Os acordes de um órgão soaram nos dois alto-falantes colocados em ângulos opostos do cubículo escuro, de paredes de vidro. Seguiu-se um ladrar distante de cães — animais de grande porte, ferozes — e depois uma voz sonora, nítida, severa, dominou os sons do órgão e o ladrar dos cães.

"Onde quer que exista a loucura, onde quer que soe o grito dos aflitos, você encontrará a silhueta elevada de Jonathan Tyne — à espera, espreitando nas sombras, pronto para lutar contra as forças do mal. As visíveis e as invisíveis. . ."

Súbito, ouviu-se um grito agudo, de dilacerar a mente. "liiiiá!" No interior da sala iluminada, uma mulher obesa piscou para o homem baixinho, de óculos de lentes grossas, que lia uma folha datilografada, e afastou-se do microfone, mascarando rapidamente um chiclete.

A voz profunda continuou: "Esta noite encontramos Jonathan Tyne correndo em socorro da aterrorizada Lady Ashcroft, cujo marido desapareceu nas nevoentas charnecas da Escócia, há três semanas, precisamente à meia-noite. E diariamente, à meia-noite em ponto, o uivo dos cães desconhecidos soam nos campos mergulhados em trevas. Parecem desafiar o próprio homem que caminha furtivamente no nevoeiro espesso. Jonathan Tyne. O defensor das vítimas indefesas do mal. . ."

O órgão soou, num crescendo; o ladrar dos cães tornou-se mais frenético.

O oficial mais velho, um coronel, relanceou para o companheiro, primeiro-tenente. Olhar traindo preocupação, o rapaz fixava o grupo despreocupado de atores no interior do estúdio iluminado.

O coronel pestanejou.

— Interessante, não acha?

— O quê?... Ah, sim, senhor. Muito interessante. Quem é ele?

— O sujeito alto, naquele canto. O que está lendo o jornal.

— Ele faz o papel de Tyne?

— Quem? Não, tenente. O papel dele é pequeno, creio. Num dialeto espanhol.

— Um pequeno papel... em dialeto espanhol. — O tenente repetiu as palavras do coronel, tom hesitante, expressão perp'ixa. — Desculpe, coronel, mas estou confuso. Não

compreendo o' que viemos fazer aqui. O que *ele* faz aqui. Pensei que fosse engenheiro civil.

— E é.

O órgão soava, pianíssimo; o ladrar dos cães foi diminuindo. Outra voz — mais leve, mais cordial, sem sugestão de drama — emergiu das caixas de som.

"Pilgrim. O sabonete com o perfume das flores de maio. O sabonete Mayflower. Pilgrim continua oferecendo a você... *As Aventuras de Jonathan Tyne.*"

Abriu-se a porta recoberta de cortiça do cubículo e um homem calvo, muito teso, vestindo um terno de corte conservador, entrou, com um envelope pardo na mão esquerda. A direita, ele estendeu ao coronel. E voz baixa, pouco acima de um sussurro, falou:

— Olá, Ed. É um prazer revê-lo. Não preciso dizer que sua visita é uma surpresa.

— Suponho que sim. Como vai, Jack?... Tenente, este é o Sr. John Ryan, ex-Major John N. M. I. Ryan, da Sexta Corporação.

O oficial levantou-se.

— Sente-se, tenente — disse Ryan, apertando a mão do rapaz.

— É um prazer conhecê-lo. Obrigado, senhor.

Ryan enveredou por entre as poltronas de couro negro e instalou-se junto ao coronel, diante da parede de vidro. A música de órgão tornou-se mais forte, acompanhando o uivar dos cães. Vários atores e atrizes agruparam-se ao redor de dois microfones, observando um homem que se encontrava por detrás de xnrntro cubículo de vidro — este iluminado —, do lado oposto do estúdio.

— Como vai Jane? — perguntou Ryan. — E as crianças?

— Ela detesta Washington. O menino, também. Preferiam continuar morando em Oahu. Mas Cynthia adora. Está com 18 anos e gosta das festas da capital.

A um sinal do homem que se encontrava no cubículo iluminado, os atores iniciaram o diálogo. Ryan prosseguiu:

— E você? "Washington" soa bem na ficha.

— Creio que sim, mas ninguém sabe que estou aqui. Para mim não adianta.

— Oh?

— G-2.

— Sim, foi o que depreendi.

— Você parece muito bem, Jack.

Ryan teve um sorriso embaraçado.

— Pouco trabalho. Dez outros sujeitos da agência poderia fazer melhor o que estou fazendo. Mas não têm West Point na ficha. Sou um símbolo da agência, sinal de integridade. Os clientes se sentem atraídos.

O coronel riu.

— Besteira. Sempre soube lidar com gente endinheirada. Até o alto escalão confiava a você os congressistas.

— Você me lisonjeia. Pelo menos, creio que está me lisonjeando.

"Iiiiiá!" — fez a atriz obesa, que continuava a mascar chiclete, gritando junto ao segundo microfone. Recuou então, beliscando um ator efeminado que se preparava para falar.

— Há uma porção de gritaria por aqui — observou o coronel.

— E cães ladrando, e órgão desafinado e uma porção de gemidos e respiração ofegante. *Tyne* é o nosso programa de maior audiência.

— Confesso que já o escutei. A família inteira escuta, desde que voltamos.

— Você não acreditaria se eu lhe dissesse quem escreve a maior parte dos *scripis*.

— Quem é?

— Um poeta agraciado com o prêmio Pulitzer. Sob pseudônimo, naturalmente.

— É estranho.

— De modo algum. Sobrevivência. Nós pagamos. A poesia, não.

— É por isso que *e/le* está aqui? — O coronel fez um gesto de cabeça em direção ao rapaz alto, de cabelos escuros, que abandonara o jornal mas permanecia num canto do estúdio, afastado dos outros atores, recostado na parede de cortiça pintada de branco.

— Não tenho a menor idéia. Eu não sabia quem ele era, isto é, sabia, mas ignorava tudo a seu respeito, até que você me telefonou. — Ryan entregou ao coronel o envelope pardo.

— Aqui está uma relação dos espetáculos e agências em que trabalhou. Fiz uma sindicância. Parece que andam pensando nele para um papel de protagonista. Hammerts o utilizam bastante...

— Quem?

— Fazem contratos aos lotes. Têm cerca de 15 programas, seriados diurnos e espetáculos noturnos. Dizem que ele é uma pessoa de confiança, não cria problemas. É usado exclusivamente para dialetos, parece. E quando precisam de fluência de linguagem.

— Alemão e espanhol.

Era uma afirmativa.

— Certo.

— Só que não é espanhol, é português.

— Quem percebe a diferença? Você sabe quem são os pais dele.

Outra afirmativa de resposta antecipada.

— Richard e Margo Spaulding. Concertistas de piano, muito famosos na Inglaterra e na Europa em geral. *Status* atual: semi-aposentados em Costa dei Santiago, Portugal.

— Mas são americanos, não?

— Completamente. Fizeram questão de que o filho nascesse aqui. Mandavam-no a escolas americanas, onde quer que estivessem. Enviaram-no de volta aos Estados Unidos para os dois anos finais do secundário e, em seguida, a universidade.

— Então, por que Portugal?

— Sabe-se lá? Conheceram na Europa seus primeiros sucessos e decidiram ficar, fato pelo qual seremos gratos. Voltam aqui apenas a passeio, que já não é muito freqüente...

Sabia que ele é engenheiro civil?

— Não, não sabia. Interessante.

— Interessante? Apenas, "interessante"?

Ryan sorriu, com um laivo de tristeza no olhar.

— Bem, nos últimos seis anos não têm havido muitas construções, não é? Não há grande demanda de engenheiros... fora da CCC e da NRA. — Erguendo a mão direita, fez um gesto que abrangia os homens e mulheres reunidos no estúdio. — Sabe o que está ali dentro? Um advogado cujos clientes — quando ele os consegue — não podem pagar; um executivo da Rolls-Royce que está sem trabalho desde 1938; e um ex-senador, cuja campanha, há poucos anos, não só lhe custou o emprego como uma porção de empregadores em potencial. Consideram-no comunista. Não se iluda, Ed. Você está muito bem. A Depressão ainda não terminou. Esses aí têm sorte. Encontraram passatempos que transformaram em carreiras. . . enquanto durarem.

— Se eu fizer o que preciso, a carreira dele não durará mais de um mês, a partir de agora.

— Calculei isso. A tempestade está se armando, não é? Estaremos envolvidos muito breve. E eu voltarei também. . . Onde quer utilizá-lo?

— Lisboa.

David Spaulding afastou-se da parede branca do estúdio, segurando as páginas do *script*, enquanto se aproximava do microfone, preparando-se para a deixa.

Pace observou-o através da parede de vidro, perguntando a si mesmo como soaria a voz de Spaulding. Notou que, quando ele se aproximou do grupo de atores reunidos ao redor

do microfone, houve um consciente — ou talvez inconsciente — afastamento, como se o novo participante fosse de certo modo um estranho. Talvez não passasse de uma cortesia normal, permitindo ao novo intérprete uma chance para se situar, mas o coronel achou que não. Não houve sorrisos, nem olhares, nem sinais de familiaridade, como se notava entre os outros.

Ninguém piscou. Até a mulher obesa, que gritava e mascava chiclete e beliscava os outros atores, limitou-se a observar Spaulding, lábios imóveis.

E então ocorreu algo estranho.

Spaulding sorriu e os outros, até o homem magro e efeminado que se encontrava no meio de um monólogo, reagiram com sorrisos e movimentos de cabeça. A mulher obesa piscou.

Um momento estranho, pensou o Coronel Pace.

A voz de Spaulding — semi-grave, incisiva, com forte sotaque — emergiu das caixas de som. Ele fazia o papel de um médico louco que chegava às raias do grotesco. Seria cômico, pensou Pace, não fosse a autoridade que Spaulding emprestava ao *script*. O coronel não entendia de teatro, mas sabia quando alguém se mostrava convincente. E Spaulding era convincente.

Isto seria necessário em Lisboa.

Dentro de minutos, o papel do rapaz estava terminado. A mulher obesa tornou a gritar. Spaulding recuou para o canto e, em silêncio, zelando para que as páginas não fizessem ruído, voltou ao jornal. Recostando-se à parede, tirou um lápis do bolso. Aparentemente, estava resolvendo as palavras cruzadas do *The New York Times*.

Pace não conseguia afastar os olhos de Spaulding. Era importante para ele observar, sempre que possível, qualquer pessoa com quem entraria em contato. Observar pequeninas coisas: a maneira de andar, de manter a cabeça, a firmeza ou instabilidade do olhar; as roupas, o relógio, as abotoaduras; se os sapatos estavam engraxados, os saltos desgastados; a qualidade — ou ausência dela — na postura do homem.

Pace tentou equacionar o ser humano recostado à parede, escrevendo no jornal, com o dossiê que se encontrava em sua sala de Washington.

O nome surgira pela primeira vez dos arquivos do Corpo de Engenharia Militar. David Spaulding havia estudado as possibilidades de uma comissão. Não se apresentara como voluntário — queria saber quais as suas oportunidades. Havia projetos de construção interessantes? Qual a duração do alistamento? O tipo de perguntas que milhares de homens — homens especializados — andavam fazendo, ao saber que a Lei de Serviço Seletivo seria promulgada dentro de uma ou duas semanas. Se o alistamento significasse um período de serviço mais curto e/ou o aproveitamento de talentos profissionais, então seria melhor alistar-se do que ser convocado com a multidão.

Spaulding havia preenchido todos os formulários apropriados e tinham-lhe dito que o Exército entraria em contato com ele. Isso fora seis semanas antes, e ninguém o procurara. Não que estivessem desinteressados. Os homens de Roosevelt diziam que a lei de convocação seria aprovada pelo Congresso muito breve e a planejada expansão dos acampamentos militares era tão imensa, tão incredivelmente maciça, que um engenheiro — em especial um engenheiro de estruturas com as qualificações de Spaulding — era material prioritário.

Mas elementos de projeção no Corpo de Engenheiros estavam a par da busca feita pela Divisão de Informação do Alto Comando Unido do Ministério da Guerra.

Discretamente, devagar. Não se podia cometer erros.

Assim, passaram adiante, para o G-2, os formulários de David Spaulding e receberam ordens de se conservarem a distância.

O elemento que a DI procurava exigia três qualificações básicas. Uma vez estabelecidas, o restante do retrato poderia ser minuciosamente estudado para se verificar se o todo

possuía as outras qualidades desejáveis. As três básicas já eram por si bastante difíceis: a primeira, falar português fluentemente; a segunda, igual domínio do alemão; a terceira, experiência profissional em engenharia estrutural, o suficiente para permitir a compreensão rápida e correta de plantas, fotos — inclusive descrições verbais — da mais ampla variedade de desenhos industriais, desde pontes e fábricas, até depósitos e complexos ferroviários.

O homem de Lisboa precisaria destas qualidades básicas e as utilizaria durante toda a guerra que estava por se desencadear; a guerra em que os Estados Unidos inevitavelmente combateriam.

O homem de Lisboa seria responsável pela criação de uma rede de informações primordialmente destinada à destruição das instalações inimigas no interior de seu próprio território.

Certos homens — e mulheres — viajavam de um lado para outro em território hostil, baseando suas atividades indefiníveis em países neutros. Tais pessoas o homem de Lisboa utilizaria — antes que outros o fizessem.

Alguns, ele treinaria para infiltração. Unidades de espionagem. Grupos de agentes bilíngües e trilingues, que ele enviaria através da França, penetrariam as fronteiras alemãs para trazerem de volta suas observações e eventualmente provocarem destruição.

Os ingleses concordavam em que era necessário um americano em Lisboa. O Serviço de Informação britânico admitia sua fraqueza em Portugal; estavam presentes havia muito tempo, eram em demasiado óbvios. E havia lapsos atuais muito sérios na segurança em Londres. O MI-5 estava infiltrado.

Lisboa tornara-se um projeto americano.

Desde que se encontrasse o homem certo.

Os formulários preenchidos por David Spaulding relacionavam os pré-requisitos. Ele falava três idiomas desde criança. Seus pais, os renomados Richard e Margo Spaulding, possuíam três residências: um pequeno e elegante apartamento em Londres; uma casa de inverno em Baden-Baden, Alemanha; e uma ampla moradia junto ao oceano, na colônia de artistas de Costa dei Santiago, em Portugal. Spaulding crescera nesse ambiente. Quando estava com 16 anos, o pai — apesar das objeções da mulher — insistiu em que ele completasse a educação secundária nos Estados Unidos e ingressasse numa universidade americana.

Andover, em Massachusetts; Dartmouth, em New Hampshire; e finalmente o Carnegie Institute, na Pensilvânia.

É claro que o Departamento de Informação não descobrira tudo isso nos formulários de aplicação de Spaulding. Os fatos suplementares — e muito mais ainda — foram revelados por um homem chamado Aaron Mandel, em Nova York.

Pace, olhos fixos no homem alto e esguio que baixara o jornal e observava os atores, divertido e distante, recordou seu único encontro com Mandel. E mais uma vez comparou as informações com o homem que se encontrava na sua frente.

Mandel fora colocado no formulário sob o título de "Referências". *Procurador, agente de concertos dos pais*. E o endereço: uma série de salas no edifício Chrysler. Mandel era representante de artistas de sucesso, judeu russo que rivalizava com Sol Hurok na clientela, embora não se mostrasse, como o outro, inclinado e desejoso de chamar atenção.

— David foi um filho para mim — disse Mandel a Pace. — Mas devo supor que já sabe.

— Por quê? Sei apenas o que li nos seus formulários de aplicação. E alguma informação solta: boletins acadêmicos, referências profissionais.

— Digamos que eu estava esperando você. Ou alguém como você.

— Não compreendo.

— Ora, deixe disso. David viveu muitos anos na Alemanha. Pode-se quase dizer que ele se criou ali.

— Seus papéis de aplicação e também o passaporte incluem residências de família em Londres e num lugar chamado Costa del Santiago, em Portugal.

— Eu disse "quase". E ele fala com fluência o alemão.

— E também o português, pelo que soube.

— Também. E a língua irmã, o espanhol. . . Eu não sabia que o ingresso no Corpo de Engenharia do Exército exigia a atenção de um coronel. E o exame do passaporte...

Mandel sorriu, franzindo o rosto ao redor das pálpebras.

— Eu não estava preparado para uma pessoa como o senhor — disse o coronel, com simplicidade. — A maioria das pessoas aceita isto como rotina. Ou se convencem de que é rotina... com um pouco de ajuda.

— A maioria não vive como os judeus na Kiev czarista... Que deseja que eu faça?

— Para começar, disse a Spaulding que nos esperava? Ou alguém. . .

— Claro que não — interrompeu Mandel, com delicadeza. — Já disse que para mim ele é como um filho. Não gostaria de sugerir-lhe tais idéias.

— É um alívio. Talvez não dê em nada.

— Mas espera que sim.

— Francamente, espero. Mas há perguntas que precisam de resposta. Seu *background* é não só fora do comum como aparentemente cheio de contradições. Para começar, não se espera que o filho de músicos de renome. . . isto é. . .

— Concertistas — Mandel forneceu o termo que Pace buscava.

— Sim, concertistas. Não se espera que filhos de gente assim se tornem engenheiros. Ou contadores, se é que me entende. Além disso — tenho certeza de que o senhor compreenderá —, parece muito ilógico que, uma vez aceito o fato, isto é, que o filho seja engenheiro, venha-se a saber que a maior parte de sua renda atual seja ganha como. . . intérprete radiofônico. O quadro indica um certo grau de instabilidade. Talvez mais que "um certo".

— Vejo que sofre da mania americana da consistência. Não é uma censura. Considero-me menos adequado como neurocirurgião; é possível que o senhor toque piano muito bem, mas duvido que eu o representasse em Covent Garden. . . As perguntas que faz são fáceis de responder. E talvez a palavra *estabilidade* possa ser encontrada no âmagô... Faz alguma idéia do que seja o mundo dos concertos? *Loucura*. . . David viveu nesse mundo por quase 20 anos. Desconfio... não, não desconfio, sei... que isso não lhe agradava... É freqüente as pessoas ignorarem certas características fundamentais da musicalidade. Características facilmente hereditárias. Um grande músico é muitas vezes, à sua maneira, um matemático excepcional. Veja Bach. Um gênio da matemática...

Segundo Aaron Mandel, David Spaulding encontrara sua futura profissão no segundo ano de universidade. A solidez, a permanência da criação estrutural, combinadas à precisão dos detalhes de engenharia, revelaram-se ao mesmo tempo a solução e a fuga do mundo tumultuado dos palcos de concerto. Mas havia outras características hereditárias também em ação. Spaulding tinha personalidade, senso de independência. Precisava de aprovação, de ser reconhecido. E tais recompensas não eram facilmente obtidas por um jovem engenheiro recém-saído da faculdade, trabalhando numa grande firma nova-iorquina em finais da década de 30. Não havia simplesmente muito o que fazer, nem o capital para realizá-lo.

— Ele deixou a firma de Nova York — prosseguiu Mandel — para aceitar diversos projetos individuais, onde, segundo acreditava, ganharia dinheiro mais rápido e trabalharia com independência. Não tinha compromissos... podia viajar. Vários no Meio Oeste, um . . . não, dois na América Central, quatro no Canadá, creio. Conseguiu os primeiros em

anúncios de jornal. Estes levaram a outros. O dinheiro não chegou assim tão rápido, conforme eu mesmo lhe havia dito. Os projetos não eram dele. Eram provincianos. . . havia interferência local.

— E isso o levou ao trabalho no rádio?

Mandel riu, recostando-se na cadeira.

— Como deve ter percebido, Coronel Pace, eu divaguei. Os concertos e uma guerra na Europa — que em breve chegará a estas plagas, como todos percebemos — não se coadunam. Nos últimos anos, meus clientes passaram a outros setores, inclusive o muito bem pago campo radiofônico. David percebeu rapidamente uma oportunidade para si e eu concordei. Saiu-se bem, como deve saber.

— Mas não é um profissional treinado.

— Não, não é. Contudo, possui algo diferente. . . Pense. A maioria dos filhos de intérpretes famosos, políticos de destaque ou famílias imensamente ricas possui essa qualidade. É a confiança no público; uma segurança, se preferir, seja qual for a sua insegurança interior. Afinal, estão em exibição desde que começam a caminhar e falar. David a possui, com certeza. E tem bom ouvido, como os pais, é óbvio. Uma memória auditiva para ritmos musicais ou lingüísticos. . . Ele não representa, *lê*. Quase exclusivamente nos dialetos ou idiomas estrangeiros que fala com fluência...

A incursão de David Spaulding no "muito bem pago campo radiofônico" foi motivada exclusivamente pelo dinheiro. Estava habituado a viver bem. Numa época em que os proprietários de firmas de engenharia achavam dificuldade em garantir para si mesmos 300 dólares semanais, Spaulding ganhava 300 ou 400 apenas com o trabalho no rádio.

— Conforme dev, e ter concluído — disse Mandel —, o objetivo imediato de David é reunir uma quantia suficiente para fundar sua própria firma. Imediato, a menos que alterado pela conjuntura nacional ou internacional. Ele não é cego. Basta ler os jornais para ver que estamos sendo arrastados para a guerra.

— Acha que deveríamos ser?

— Sou judeu. Na minha opinião já estamos atrasados.

— Esse Spaulding. Descreveu o que me parece um homem de muitos recursos.

— Descrevi apenas o que poderia ter descoberto em diversas fontes. E você descreveu a conclusão tirada daquela informação superficial. Não é o quadro total.

A essa altura, Pace recordava, Mandel levantara-se, evitando-lhe o olhar, e passara, a, caminhar pela sala. Buscava pontos negativos; tentava descobrir palavras que desqualificassem "seu filho" para os interesses do governo. Pace percebera-o muito bem.

— O que deve tê-lo impressionado no que contei é a preocupação de David consigo mesmo, com o seu conforto, se preferir. Do ponto de vista dos negócios, é algo que deve ser aplaudido, e por isso combati sua preocupação com a estabilidade. Mas não seria franco se omitisse que David é extraordinariamente obstinado. Ele age muito mal — segundo me parece — sob uma autoridade. Em suma, é egoísta, pouco inclinado à disciplina. Lamento dizê-lo. Gosto muito dele...

E quanto mais Mandel falava, mais indelével se tornava para Pace a palavra "afirmativo" no dossiê de Spaulding. Não que acreditasse por um só instante nos extremos de comportamento que o velho atribuíra a David.

Ninguém poderia agir com tanta "estabilidade" se tal fosse verdade. Ainda que apenas metade fosse correto, não se tratava de defeito, mas de qualidade.

A última das exigências.

Assim, caso houvesse algum soldado no Exército dos Estados Unidos — com ou sem uniforme — forçado a agir com independência, sem o conforto da cadeia de comando, sem o conhecimento de que difíceis decisões seriam tomadas por seus superiores, este era o oficial de Informação em Portugal.

O homem de Lisboa.

1

8 de outubro de 1939

FAIRFAX, VIRGÍNIA

Não havia nomes.

Apenas números e letras.

Números seguidos de letras.

Dois-Seis-B. Três-Cinco-Y. Ginco-Um-C.

Não havia história pessoal, *background* individual... nenhuma referência a esposa, filhos, pai, mãe... a países, cidades, local de nascimento, escolas, universidades; havia apenas corpos, mentes e inteligências independentes, específicas, reativas.

O local era no interior da região de caça da Virgínia, 220 acres de campos, colinas e regatos de montanha. Havia extensões de floresta espessa junto a trechos descampados. Pântanos — perigosos, com solo de areia movediça e habitantes hostis, répteis e insetos — encontravam-se a poucos metros de rochedos debruçados sobre inesperados precipícios.

O local fora selecionado com cuidado, precisão. Era delimitado por uma cerca de quatro metros e meio de altura, através da qual uma corrente elétrica paralisadora — não letal — fluía continuamente; e a cada três metros encontrava-se um severo cartaz, avisando aos que se aproximassem que aquela extensão particular de terra... floresta, pântano, descampado e colina... era propriedade exclusiva do Governo dos Estados Unidos. Quem a invadisse estava devidamente informado de que a entrada era não só proibida como extremamente perigosa. Títulos e parágrafos de leis específicas, relativas a exclusividade, eram indicados juntamente com a voltagem da cerca.

O terreno era tão diverso quanto se poderia encontrar a distância razoável de Washington. De um modo ou de outro, harmonizava-se notavelmente com a topografia dos locais projetados para o treinamento daqueles que se encontravam no interior do imenso recinto.

Números seguidos de letras.

Nada de nomes.

Havia um único portão no centro do perímetro norte, ao qual se chegava por uma estrada do interior. Sobre o portão, entre as duas casas da guarda, via-se um letreiro metálico, que dizia, em letras de imprensa: "QUARTEL-GENERAL DA DIVISÃO ATIVA - FAIRFAX".

Não havia qualquer outra descrição ou propósito identificado. Diante de cada casa da guarda havia avisos idênticos aos colocados ao longo da cerca, anunciando a exclusividade, as leis e a voltagem.

Não havia possibilidade de erros.

David Spaulding recebera uma identidade — sua identidade de Fairfax. Era Dois-Cinco-L.

Sem nome. Apenas um número seguido de uma letra. *Dois-Cinco-L*.

Tradução: Seu treinamento seria encerrado no quinto dia do segundo mês. Destino: Lisboa.

Era inacreditável. No espaço de quatro meses, um novo tipo de vida — de *viver* — teria que ser absorvido com totalidade tão absoluta que sua aceitação se tornava quase impossível.

— Você provavelmente não conseguirá — disse o Coronel Edmund Pace.

— Não tenho certeza de que quero — foi a resposta de Spaulding.

Mas parte do treinamento era motivação. Profunda, sólida, arraigada, para além de qualquer dúvida..., mas não da realidade psicológica percebida pelo candidato.

Com o Dois-Cinco-L, o Governo dos Estados Unidos não acenou bandeiras nem agitou causas patrióticas. Tais métodos não teriam sentido; o candidato passara seus anos de formação fora do país, num sofisticado ambiente internacional. Falava a língua do futuro inimigo, conhecia-o como pessoa — motorista de táxi, donos de mercearias, banqueiros, advogados — e a ampla maioria dos que conhecia não eram os alemães fantasiados pelas máquinas de propaganda. — Em vez disso — e este era o legítimo apelo de Fairfax — tratava-se de pobres idiotas, conduzidos por criminosos psicopatas. Os líderes eram na verdade fanáticos e a arrasadora evidência provava seus crimes para além de qualquer dúvida. Esses crimes incluíam matança indiscriminada, tortura e genocídio.

Para além de qualquer dúvida.

Criminosos.

Psicopatas.

Além disso, havia Adolf Hitler.

Adolf Hitler matava judeus aos milhares. Breve seriam milhões, se sua *solução final* fosse corretamente interpretada.

Aaron Mandel era judeu. Seu segundo "pai" era judeu, o pai a quem ele amava mais que o verdadeiro. E os malditos idiotas toleravam um ponto de exclamação depois da palavra "*Judeu!*"

David Spaulding poderia odiar os malditos idiotas — os motoristas de táxi, os donos de mercearia, os banqueiros, os advogados — sem muita compunção, nas circunstâncias.

Além desse *approach* racional, Fairfax utilizava uma arma psicológica secundária que se tornara padrão no recinto, mais para uns que para outros, porém sempre presente.

Os que treinavam em Fairfax possuíam em comum uma qualidade — ou um defeito, dependendo do ponto de vista. Sem ela ninguém era aceito.

Um espírito de competição altamente desenvolvido. O impulso para vencer.

Sobre isto não havia dúvidas. A arrogância não era um traço desprezado em Fairfax.

No caso de David Spaulding — dossiê progressivamente aceito pelo Departamento de Informação — os comandantes de Fairfax reconheceram que o candidato em treinamento para Lisboa possuía um ponto fraco que a vida ativa poderia enrijecer — enrijeceria sem dúvida, se ele conseguisse sobreviver —, mas quaisquer que fossem os progressos no recinto tanto melhor. Especialmente para o interessado.

Spaulding era confiante, independente, extremamente versátil nos ambientes... até aí tudo bem; mas Dois-Cinco-L tinha uma fraqueza. Havia em sua psique uma lentidão para tirar vantagem imediata, uma hesitação para saltar na brecha quando a sorte era à seu favor. Tanto verbal como fisicamente.

O Coronel Edmund Pace percebeu esta falha na terceira semana de treinamento. O código abstrato de justiça que orientava Dois-Cinco-L não serviria em Lisboa. E o Coronel Pace conhecia a solução.

O ajuste mental seria feito através de processos físicos.

"Captura, Imobilização e Libertação" era o título insípido do curso que continha o mais árduo treinamento físico de Fairfax: o combate corpo a corpo. Faca, correntes, arame, agulha, corda, dedos, joelhos, cotovelos... jamais um revólver.

Reação, reação, reação.

Exceto quando era a pessoa que iniciava o ataque.

Dois-Cinco-L fazia bons progressos. Era um homem alto, mas possuía a rápida coordenação em geral associada a uma pessoa mais compacta. Seu progresso, portanto,

precisava ser retardado; o homem, humilhado. Assim, aprenderia as vantagens práticas das oportunidades.

De homens mais baixos, mais arrogantes.

O Coronel Edmund Pace "pediu emprestado" aos ingleses os melhores elementos de suas unidades de comando. Transportados pelo Bomber Ferry Command, três espantados "especialistas" foram discretamente introduzidos no recinto de Fairfax, onde receberam instruções.

— Derrubem o Dois-Cinco-L. Foi o que fizeram durante várias semanas. E súbito descobriram que já não conseguiam fazê-lo com impunidade.

David Spaulding não quis aceitar a humilhação; tornara-se tão bom quanto os especialistas.

O homem de Lisboa estava progredindo.

O Coronel Edmund Pace recebeu os relatórios em sua sala do Ministério da Guerra.

Tudo corria de acordo com os planos.

As semanas transformaram-se em meses. Todas as armas portáteis ofensivas e defensivas, todos os ardis de sabotagem, todos os métodos concebíveis de ingresso e egresso — aparente e disfarçado — foram exaustivamente estudados pelos que treinavam em Fairfax. Códigos e variações tornaram-se linguagem fluente; fabricação imediata, uma segunda natureza. E Dois-Cinco-L continuou a progredir. Sempre que parecia haver um esmorecimento, instruções mais severas eram expedidas aos "especialistas" em Captura, Imobilização e Libertação. A chave psicológica estava patente na humilhação física.

Até que deixou de ser viável. Os comandos foram ultrapassados.

Tudo segundo os planos.

— Você talvez consiga, afinal — disse o coronel.

— Não sei bem o que consegui — replicou David, envergando seu uniforme de primeiro-tenente, tomando um drinque no Mayflo-wer Cocktail Lounge. E riu silenciosamente. — Suponho que se distribuíssem diplomas em Atividades Criminais Avançadas eu estaria qualificado.

O treinamento de Dois-Cinco-L estaria completo dentro de 10 dias. A licença de 24 horas era uma irregularidade, mas Pace a exigira. Precisava conversar com Spaulding.

— Isso o aborrece? — perguntou.

Spaulding fitou o coronel por sobre a reduzida mesa.

— Se eu tivesse tempo para pensar, com certeza. Não o aborrece?

— Não, porque compreendo as razões.

— OK. Neste caso, eu também.

— Elas se tornarão mais nítidas em ação.

— Claro — concordou David, secamente.

Pace observava Spaulding com atenção. Como era de se esperar, o rapaz se modificara. Desaparecera-lhe a graça ligeira, um tanto mimada, de inflexões e gestos. Fora substituída por uma rigidez, uma concisão de movimentos e palavras. A transformação não estava completa, mas bastante adiantada.

A pátina do profissional começava a emergir. Lisboa acabaria de enrijecê-lo.

— Está impressionado com o fato de Fairfax tê-lo levado a saltar um posto? Eu levei 18 meses para ganhar esta barra de prata.

— Tempo, novamente. Não tive tempo para reagir. Nunca usei Uniforme até o dia de hoje. É desconfortável.

Alisou a túnica com a mão.

— Ótimo. Não se habitue a ele.

— Estranho que diga isso. . .

— Como se sente? — perguntou Pace, interrompendo-o.

David fitou o coronel. Por um instante, a graça, a suavidade — até mesmo o humor irônico — emergiram.

— Não sei bem... É como se eu tivesse sido fabricado numa linha de montagem muito rápida. Uma espécie de engrenagem a toda velocidade, se é que me entende.

— De certo modo, é uma descrição correta. Só que você prestou à fábrica uma grande contribuição.

Spaulding girou lentamente o copo, fixando primeiro os cubos de gelo, depois Pace.

— Gostaria de aceitar isto como um cumprimento — disse, em voz baixa. — Mas creio que não posso. Conheço as pessoas com quem venho treinando. São extraordinárias.

— Estão altamente motivadas.

— Os europeus são tão doidos como aqueles a quem querem combater. Têm as suas razões. Não posso questioná-las...

— Bem, não temos tantos americanos assim — interrompeu o coronel — Ainda não.

— Os que existem estão a dois passos da penitenciária.

— Não são do Exército.

— Eu não sabia — disse Spaulding rapidamente, acrescentando ao óbvio um sorriso. — Naturalmente.

Pace ficou aborrecido consigo mesmo. A indiscrição era pequena, mas ainda assim uma indiscrição.

— Não tem importância. Dentro de 10 dias estará na Virgínia. O uniforme desaparecerá então. Para dizer a verdade, foi por engano que lhe entregaram esse. Somos ainda novatos neste tipo de coisa; tegras de requisição e fornecimento são difíceis de modificar.

Pace bebeu, evitando o olhar de Spaulding.

— Pensei que me considerassem uma espécie de adido militar na Embaixada. Um entre muitos.

— Sim, para o registro. Farão a sua ficha. Mas há uma diferença, que faz parte do papel. Você não gosta de uniforme. Nós achamos que não deve usá-lo. Jamais. — Pace pousou o copo e fixou David. — Você conseguiu um lugar muito seguro, muito confortável, por causa dos idiomas, das residências e dos conhecimentos de sua família. Em suma, fugiu o mais rápido possível quando soube que havia uma chance do seu bonito pescoço ingressar de fato no Exército.

Spaulding meditou um instante.

— Parece lógico. Por que isto o preocupa?

— Por que somente um homem da Embaixada saberá a verdade. Ele se identificará... Após algum tempo, os outros talvez desconfiem. Mas não terão certeza. Nem o embaixador, nem o pessoal. . . Estou tentando dizer que você não será muito apreciado.

David riu silenciosamente.

— Espero que me transfira antes do linchamento

A réplica de Pace foi rápida, tranqüila, quase seca.

— Outros serão transferidos. Você, não. Spaulding retribuiu em silêncio o olhar do coronel. — Não compreendo — disse, em seguida.

— Creio que não posso explicar com clareza. — Pace pousou o drinque na mesinha de coquetel. — Terá que começar devagar, com extrema cautela. O MI-5 britânico forneceu-nos alguns nomes, não muitos, o suficiente para o início. Mas você terá que construir sua própria rede. As pessoas terão contato somente com você e mais ninguém. Isto exige freqüentes viagens. Acreditamos que gravite para o norte, atravessando a fronteira da Espanha, até o país basco, quase todo antiálangisra. Cremos que a região ao sul dos Pireneus se tornará ponto de encontro e via de fuga... Não nos iludimos: a Ma-ginot não resistirá. A França cairá. . .

— *Jesus!* — murmurou David. — Vocês andaram fazendo uma porção de pesquisas.

— É quase a única coisa que fazemos. É a razão da existência de Fairfax.
 Spaulding recostou-se na cadeira, girando o copo novamente,
 — Compreendo a formação da rede; de um jeito ou de outro, é para isso que estamos treinando. É a primeira vez que ouço falar no norte da Espanha, na região basca. Conheço o país.
 — Talvez estejamos enganados. É apenas uma teoria. Você poderia descobrir os caminhos marítimos... Mediterrâneo, Málaga, Biscaia, ou a costa portuguesa... , mais praticável. Você terá que decidir. E criar.
 — Está bem. Compreendo... Que é que isto tem a ver com transferência?
 Pace sorriu.
 — Ainda nem chegou ao seu posto e já está pedindo uma licença?
 — Você aludiu ao assunto. E um tanto bruscamente, creio.
 — Sim, aludi. — O coronel mudou de posição na minúscula cadeira. Spaulding era muito rápido. Agarrava-se às palavras e utilizava curto espaço de tempo para maximizar sua eficácia. Seria ótimo nos interrogatórios. Perguntas rápidas, ásperas. Em ação. — Decidimos que você permanecerá em Portugal em condição permanente. Quaisquer licenças normais ou "anormais" que lhe sejam concedidas serão passadas no sul. Há uma série de colônias ao longo da costa...
 — Costa del Santiago entre outras — interveio Spaulding, a meia voz. — Refúgios dos ricos internacionais.
 — Exatamente. Crie coberturas ali. Circule com seus pais. Torne-se um elemento do ambiente. — Pace tornou a sorrir, desta vez com hesitação. — Há trabalhos piores.
 — Não conhece aquelas colônias.. . Se é que entendi, como dizemos em Fairfax, o Candidato Dois-Cinco-L deve dar uma boa olhada nas ruas de Washington e Nova York, porque não tornará a vê-las por muito tempo.
 — Não podemos nos arriscar a trazê-lo de volta depois de ter criado a rede, supondo-se que consiga fazê-lo. Se por qualquer razão tiver que voar para fora de Lisboa, rumo a território aliado, haverá uma corrida do inimigo para acompanhar todos os movimentos que fizer durante meses. Isso prejudicaria tudo. Você estará mais seguro — nossos interesses estarão mais seguros — se permanecer estacionário. Os ingleses nos ensinaram isso. Alguns dos seus agentes operam no mesmo local há anos.
 — Isso não é muito consolador.
 — Você não faz parte do MI-5. Sua tarefa terá a duração da guerra. E ela não será eterna. Foi a vez de Spaulding sorrir, o sorriso de alguém surpreendido numa situação que ainda não definira.
 — Há algo de louco nessa declaração... "A guerra não será eterna"...
 — Por quê?
 — Ainda não estamos nela.
 — Você está — disse Pace.

2

8 de Setembro de 1943
PEENEMÜNDE, ALEMANHA

O homem de terno listrado, talhado por alfaiates da Alte Strasse, fixou incrédulo os três que se encontravam do outro lado da mesa. Teria protestado vivamente se os especialistas de laboratório não envergassem as insígnias quadradas, de metal vermelho, na lapela das brancas jaquetas engomadas, insígnias que atestavam que os cientistas tinham permissão

de caminhar por corredores proibidos a todos, exceto à elite de Peenemünde. Também ele ostentava uma placa metálica na lapela listrada; era uma permissão temporária, que ele não sabia se desejava ou não.

Naquele momento não a desejava, com certeza.

— Não posso aceitar a sua estimativa — disse, em voz baixa.

— É absurda.

— Venha conosco — replicou o cientista do centro, com um gesto de cabeça para o da direita.

— É inútil adiar — acrescentou o terceiro.

Os quatro levantaram-se, dirigindo-se à porta que era a única entrada da sala. Cada qual sucessivamente desprendeu a insígnia e pressionou-a contra uma placa cinzenta da parede. No instante do contato, uma pequenina lâmpada branca acendeu-se e assim permaneceu por dois segundos. Uma foto fora tomada. O último do grupo — que fazia parte do pessoal de Peenemünde — abriu então a porta e todos saíram para o corredor.

Se apenas três homens tivessem saído, ou então cinco, ou qualquer número que não correspondesse ao das fotos, alarmas seriam acionados.

Caminharam em silêncio pelo longo e imaculado corredor; o berlinense à frente, com o cientista que sentara à mesa entre os outros dois e que era evidentemente o porta-voz. Seus companheiros seguiam logo atrás.

Chegando a um grupo de elevadores, repetiram o ritual das insígnias vermelhas, da placa cinzenta e da luzinha branca acesa durante dois segundos exatos. Sob a placa surgiu um número.

Seis.

Do elevador número seis emergiu um toque surdo de campainha quando a espessa porta de aço deslizou. Um a um, os homens entraram.

O elevador desceu oito andares, quatro abaixo do solo, até o nível mais profundo de Peenemünde. Quando os quatro emergiram em outro corredor branco, foram recebidos por um homem alto, de macacão verde, justo, uma pistola enorme no cinturão marrom. O coldre continha uma Luger Sternlicht, pistola de modelo especial, com lente telescópica. Conforme indicava a viseira do guarda, tais armas eram fabricadas para a Gestapo.

O oficial da Gestapo reconheceu evidentemente os cientistas. Com um sorriso mecânico, voltou a atenção para o homem de terno listrado. Estendendo a mão, fez sinal para que o berlinense retirasse a insígnia vermelha.

O berlinense obedeceu. O elemento da Gestapo tomou-a, dirigiu-se a um telefone na parede do corredor e apertou uma combinação de botões. Pronunciando o nome do visitante, aguardou cerca de 10 segundos.

Colocando o fone no gancho, voltou ao homem de terno listrado. Desaparecera a arrogância que exibira instantes atrás.

— Peço desculpas pela demora, *Herr* Strasser. Devia ter percebido. . .

E entregou a insígnia ao berlinense.

— Não há necessidade de pedir desculpas, *Herr* Oberleutnant. Seriam necessárias somente se houvesse esquecido o seu dever.

— *Danke* — respondeu o homem da Gestapo, fazendo um gesto para que os quatro ultrapassassem o seu posto de segurança.

Prosseguiram em direção a uma porta de duplos batentes; ouviram-se os estalidos das molas que se abriam. Luzinhas brancas acenderam-se sobre a moldura; novas fotografias foram tiradas dos que transpuseram a porta.

Voltaram-se para a direita, num corredor que se subdividia. Este não era branco, mas castanho-escuro, tão escuro que Strasser precisou de vários segundos para adaptar a vista — habituada ao brilho imaculado do corredor principal — ao ambiente noturno da-

quela passagem. Pequenas luzes suspensas no teto forneciam a pouca iluminação existente.

— Nunca esteve aqui — observou o representante dos cientistas ao berlinense. — Este corredor foi planejado por um engenheiro em ótica. Supõe-se que prepare a vista para a alta intensidade das luzes dos microscópios. Quase todos nós o consideramos um desperdício.

Havia uma porta de aço no extremo do corredor escuro e comprido. Strasser estendeu automaticamente a mão para a sua insígnia de metal vermelho, mas o cientista meneou a cabeça e falou, com ligeiro gesto:

— Claridade insuficiente para fotografias. O guarda no interior já foi alertado.

A porta abriu-se e quatro homens entraram no amplo laboratório. Ao longo da parede da direita, havia uma fileira de tamboretos e, diante de cada um deles, um poderoso microscópio, todos colocados equidistantes sobre uma longa mesa de trabalho embutida. Por detrás de cada aparelho projetava-se uma lâmpada de alta intensidade, no extremo de uma haste recurva que emergia da superfície imaculadamente branca. A parede da esquerda era uma variação da oposta. Não havia tamboretos, porém, e o número de microscópios era menor. A mesa de trabalho, mais elevada, era usada evidentemente para conferências, quando diversos pares de olhos espreitavam através das mesmas lentes — os tamboretos atrapalhariam. Os cientistas permaneciam de pé enquanto discutiam as partículas ampliadas.

No extremo da sala havia não uma entrada, mas outra porta. Um cofre-forte. A pesada porta de aço media dois metros de altura por um metro e vinte de largura, e era negra. As duas alavancas e a roda da combinação eram em prata brilhante.

O cientista que representava os outros aproximou-se.

— Temos 15 minutos antes que o relógio cerre o painel e as gavetas. Solicitei o encerramento por uma semana. Preciso de sua contra-autorização, naturalmente.

— E tem certeza de que eu a darei, não é?

— Tenho. — O cientista girou a roda para a direita e esquerda nos pontos necessários. — Os números mudam automaticamente cada 24 horas — disse, firmando a roda no ponto extremo e estendendo a mão para as alavancas de prata. Desceu então a superior, ao som de um zumbido quase inaudível, e segundos após ergueu a inferior.

O zumbido cessou, ouviram-se estalidos metálicos, e o cientista abriu a espessa porta de aço, voltando-se então para Strasser.

— Estes são os instrumentos de Peenemünde. Veja pessoalmente.

Strasser aproximou-se do cofre. No interior havia cinco fileiras de bandejas de vidro, de cima abaixo; cada fileira possuía o total de 100 bandejas, 500 ao todo.

As vazias estavam marcadas com uma listra branca no vidro dianteiro e a palavra "*Auffüllen*" em caracteres bem legíveis.

As bandejas cheias eram indicadas por listras negras na frente.

Havia quatro fileiras e meia de bandejas brancas. Vazias.

Strasser olhou atentamente, abriu várias, fechou-as e fixou o cientista de Peenemünde:

— Este é todo o depósito? — perguntou, em voz baixa.

— Sim. Temos seis mil revestimentos prontos. Deus sabe quantos entrarão em experiência. Calcule por si mesmo até quando poderemos continuar.

Strasser sustentou o olhar do cientista.

— Percebe o que está dizendo?

— Percebo. Entregaremos apenas uma fração exigida pelo programa. Muito inferior ao necessário. Peenemünde é um desastre.

9 de Setembro de 1943

MAR DO NORTE

A esquadilha de bombardeiros B-17 não atingira o alvo principal, Essen, devido a uma camada de nuvens. O comandante do esquadrão, apesar das objeções de seus co-pilotos, ordenou uma missão secundária: as docas ao norte de Bremerhaven. Ninguém gostava de Bremerhaven. A defesa feita pelos Messerschmitts e Stukas era devastadora. Chamavam-nos de "esquadrões suicidas da Luftwaffe". Compostos de jovens nazistas fanáticos, facilmente tanto poderiam colidir com os aviões inimigos como atirar contra eles. Isso não seria obrigatoriamente o resultado de extrema bravura; com frequência, não passava de inexperiência ou — pior — mau treinamento.

Bremerhaven era uma terrível missão secundária. Quando se tratava do primeiro objetivo, os caças da Oitava Força Aérea amenizavam o perigo da missão; mas não estavam presentes em Bremerhaven, por se tratar de uma missão secundária.

O comandante do esquadrão, porém, era obstinado. Pior, viera de West Point; a missão secundária seria não só um sucesso como realizada de uma altitude que garantisse o máximo de precisão. Não tolerava as críticas muito expressivas de seus subordinados nos aviões ao redor, no sentido de que tal altitude dificilmente seria lógica *com* a escolta de caças; *sem* ela, considerando-se a pesada artilharia antiaérea, tornava-se ridícula. O comandante do esquadrão respondera com uma seca recitação do novo rumo e o encerramento do contato pelo rádio.

Quando chegaram aos corredores de Bremerhaven, os caças alemães surgiram de todos os lados; a artilharia antiaérea estava intensa. E o comandante do esquadrão levou seu avião direto ao ponto de precisão máxima, explodindo em pleno ar.

O segundo em comando prezava a própria vida e o preço do avião um pouco mais que o seu superior de West Point e ordenou ao esquadrão que ganhasse altitude. Os bombardeiros deveriam descarregar tudo, mas que "pelo amor de Deus" aliviassem o peso de modo que todos os aviões pudessem subir o máximo, reduzindo o fogo antiaéreo e o dos caças.

Em diversos casos a ordem veio tarde demais. Um bombardeiro incendiou-se e caiu em espiral. Somente três pára-quedas emergiram. Dois Outros foram tão atingidos que desceram imediatamente. Pilotos e tripulação saltaram. Quase todos.

Os restantes continuaram a subir e os Messerschmitts com eles. Subiram cada vez mais alto, ultrapassando o limite de segurança. Máscaras de oxigênio, foi a ordem. Nem todas funcionaram.

Dentro de quatro minutos o que restava do esquadrão encontrava-se no límpido céu noturno, mais límpido ainda por causa da escassez de partículas de ar. As estrelas cintilavam com um brilho extraordinário, a lua parecia mais que nunca a lua dos bombardeiros.

A fuga estava nas alturas.

— Navegador! — falou o exausto comandante pelo rádio. — Dê a nossa posição! Voltamos a Lakenheath!

A resposta transmitida pelo rádio azedou o momento de alívio. Originava-se de um artilheiro.

— Ele está morto, coronel. Nelson está morto.

Não havia tempo para comentários.

— Assuma, número três. É sua a rota — disse o coronel, no número dois.

A orientação foi transmitida. A formação reagrupou-se e desceu a uma altitude segura, sob o abrigo de nuvens, rumando para o Mar do Norte.

Passaram-se cinco minutos, sete, doze. Vinte. Havia relativamente poucas nuvens embaixo e a costa da Inglaterra deveria ter sido avistada pelo menos dois minutos atrás. Vários pilotos mostraram-se preocupados.

— Transmitiu a rota certa, número três? — perguntou o líder do esquadrão.

— Afirmativo, coronel — veio a resposta pelo rádio.

— Algum dos navegadores discorda?

Uma variedade de negativas fez-se ouvir nos demais aviões.

— Não há dúvida quanto à rota, coronel — disse a voz do capitão do número cinco. — Mas a execução foi errônea.

— Que diabo quer dizer com isso?

— Indicou dois-três-nove, pelo que ouvi. Calculei que meu equipamento estivesse avariado...

Súbito, ouviram-se interrupções de todos os pilotos do esquadrão dizimado.

— Ouvi um-sete. . .

— O meu era um maldito dois-nove-dois. Fomos diretamente atingidos. . .

— Jesus! Eu li seis-quatro. . .

— Nosso avião foi bastante atingido. Descontei totalmente a minha leitura!

E então houve silêncio. Todos compreenderam.

Ou compreenderam o que não podiam aceitar.

— Afastem-se de todas as frequências — disse o comandante do esquadrão. — Tentarei alcançar a base.

A camada de nuvens rompeu-se. Não por muito tempo, mas o bastante. Ouviu-se pelo rádio a voz do capitão do número três.

— Um cálculo rápido, coronel, diz que rumamos para noroeste.

Novo silêncio.

Daí a instantes o comandante tornou a falar.

— Conseguirei me comunicar com. alguém. Todos os mostradores dizem o mesmo que o meu? Combustível para 10 a 15 minutos?

— Foi uma longa missão, coronel — disse o número sete. — Nada além disso, com certeza.

— Calculei que estaríamos sobrevoando durante cinco minutos — falou o oito.

— Mas não estamos — interveio o quatro.

O coronel, no número dois, conseguiu alcançar Lakenheath numa frequência destinada a emergências.

— Segundo podemos determinar — falou a voz inglesa, tensa, agitada, mas controlada —, e com isso abro linhas através de toda a defesa costeira de terra e mar, estão se aproximando do setor de Dunbar. Fica na fronteira da Escócia, coronel. Que diabo estão fazendo aqui?

— Por Deus que não sei! Não há pistas?

— Não para o *seu* avião. E não para uma formação inteira, com certeza. Talvez um ou dois. . .

— Não quero saber de nada, seu filho da mãe! Dê-me instruções de emergência!

— Estamos realmente despreparados...

— Você me ouviu? Tenho aqui o que resta de um esquadrão dizimado! O combustível vai durar menos de seis minutos... Agora, *falei*

O silêncio durou precisamente quatro segundos. Lakenheath conferenciou rápido. Com decisão.

— Acreditamos que avistem a costa, provavelmente da Escócia. Desçam no mar... Faremos o possível, rapazes.

— Somos onze *bombardeiros*, Lakenheath! Não um bando de patos!

— Não há tempo, líder do esquadrão... A logística é intransponível. Afinal, não fomos nós que os orientamos para lá. Desçam no mar. Faremos o possível. . . Boa sorte.

PRIMEIRA PARTE

1

10 de Setembro de 1943

BERLIM, ALEMANHA

O Reichsminister de Armamentos, Albert Speer, subiu rapidamente a escadaria do Ministério da Aeronáutica, no Tiergarten. Não sentia as rajadas diagonais de chuva que tombavam do céu cinzento; não notava que seu sobretudo desabotoado abria-se, expondo a túnica e a camisa à tempestade de setembro. O ímpeto de sua fúria varria da mente tudo o que não fosse a crise imediata.

Loucura! Absoluta, imperdoável, inapelável loucura!

As reservas industriais de toda a Alemanha estavam quase esgotadas, mas ele poderia enfrentar aquele vasto problema, utilizando corretamente o imenso potencial manufatureiro dos países ocupados; revertendo à inevitável prática de importação de mão-de-obra. Mão-de-obra? Escravos!

Produtividade desastrosa; sabotagem contínua, infundável.

Que esperavam eles?

Era uma época de sacrifícios! Hitler não podia continuar a ser tudo para todo o povo! Não podia fornecer Duesenbergs enormes, óperas suntuosas e restaurantes movimentados; em vez disso precisava fornecer tanques, munição, navios, aviões! Estas eram as prioridades! Mas o Führer não conseguia apagar da memória a revolução de 1918.

Totalmente inconsistente! O único homem cuja vontade amoldava a História, próximo ao sonho absurdo do Reich milenar, encontrava-se petrificado na recordação longínqua das multidões incontáveis, das massas insatisfeitas.

Speer perguntou a si mesmo se os futuros historiadores registrariam o fato. Se compreenderiam até que ponto Hitler era fraco, quando se tratava de seus próprios compatriotas. Como se curvava temeroso, quando a produção de bens de consumo não atingia as cifras antecipadas.

Loucura!

Ainda assim ele, o Reichsminister de Armamentos, poderia controlar tal inconsistência se estivesse convencido de que era apenas uma questão de tempo. Alguns meses; seis, no máximo.

Pois havia Peenemünde.

Os foguetes.

Tudo se reduzia a Peenemünde!

Peenemünde era irresistível. Peenemünde provocaria o colapso de Londres e Washington. Ambos os governos perceberiam a inutilidade de prosseguir com a aniquilação total.

Homens sensatos poderiam então reunir-se e elaborar tratados razoáveis.

Ainda que para isto fosse necessário silenciar os insensatos. Silenciar Hitler.

Speer sabia que outros pensavam da mesma maneira. O Führer começava a revelar sinais de fadiga, cansaço. Rodeava-se da mediocridade, num mal disfarçado desejo de permanecer na confortável companhia de seus pares intelectuais. Mas isso ultrapassava os limites, já que o próprio Reich fora afetado. Um negociante de vinhos como ministro do exterior! Um publicitário de terceira categoria, ministro dos Negócios do Oriente! Um antigo piloto de caça como supervisor de *toda a economia!*

Ele próprio, inclusive. Tranquilo, tímido arquiteto, agora ministro dos armamentos. Tudo isso poderia modificar-se com Peenemünde.

Até ele próprio, graças a Deus!

Mas antes era preciso que Peenemünde existisse. Não podia haver dúvidas quanto ao seu êxito operacional. Sem Peenemünde a guerra estava perdida.

E agora vinham falar-lhe em dúvidas. Uma falha que poderia tornar-se a precursora da derrota da Alemanha.

Um cabo de expressão vazia abriu a porta do gabinete. Speer entrou e viu que a longa mesa de conferência estava quase cheia, as cadeiras dispostas em facciosa separação, como se os grupos suspeitassem uns dos outros. De fato, era o que acontecia naquela época de crescentes rivalidades no interior do Reich.

Encaminhou-se para a cabeceira da mesa, onde, à sua direita, encontrava-se o único homem em quem confiava naquela sala: Franz Altmüller.

Altmüller era um cético de 42 anos. Alto, louro, aristocrático, a imagem do Terceiro Reich ariano, que nem por um minuto aceitava o absurdo racial proclamado pelo Terceiro Reich. Mas aceitava a teoria de aproveitar-se de todas as vantagens que se apresentassem, fingindo concordar com quem quer que o beneficiasse.

Em público.

Em particular, entre seus associados *muito* próximos, falava a verdade.

Quando a verdade também fosse proveitosa.

Speer era não só associado de Altmüller como seu amigo. As famílias de ambos eram mais que vizinhas: os pais haviam-se reunido com freqüência em empreendimentos comerciais; as mães eram amigas de colégio.

Altmüller saía ao pai. Homem de negócios extremamente competente, sua especialidade era produção-administração.

— Bom dia — disse Altmüller, retirando um fio imaginário da lapela da túnica. Vestia o uniforme do partido com maior freqüência que o necessário, preferindo pecar pelo exagero.

— Parece improvável — respondeu Speer, sentando-se rapidamente.

Os grupos — pois eram grupos — ao redor da mesa continuaram a conversar entre si, mas as vozes tornaram-se perceptivelmente mais discretas. Olhares voltaram-se na direção de Speer, desviando-se rápidos. Preparavam-se todos para o silêncio imediato, mas ninguém queria parecer apreensivo, culpado.

O silêncio viria quando Altmüller, ou o próprio Speer, se levantasse para falar ao grupo. Seria o sinal. Não antes. Prestar atenção antes desse momento seria aparentar medo. E medo era o equivalente à admissão de erro. Ninguém naquela sala de conferências podia permitir-se tal coisa.

Altmüller abriu um envelope pardo e colocou-o diante de Speer. Era uma relação dos convocados à reunião. Havia essencialmente três facções distintas, cada qual com subdivisões e com o seu porta-voz. Speer leu os nomes e disfarçadamente — na sua opinião — verificou a presença dos três líderes.

No extremo da mesa, resplandecente no seu uniforme de general, a túnica ostentando condecorações mais de 30 anos passados, Ernst Leeb, chefe do Departamento de Material Bélico do Exército. Era de estatura mediana, mas excessivamente musculoso, condição que conservava mesmo passados os 60 anos. Fumava cigarros com piteira de marfim, que utilizava para interromper à vontade a conversa dos seus subordinados. Em certo sentido, Leeb era uma caricatura, embora ainda poderoso. Hitler gostava dele, tanto pela imperiosa figura militar como pela competência.

A meia altura, à esquerda da mesa, encontrava-se Albert Vogler, o áspero, agressivo gerente-geral da Indústria do Reich. Vogler era um homem corpulento, a própria imagem do burgomestre; a carne flácida do rosto franzia-se constantemente, numa expressão

interrogativa. Ria muito, mas era um riso áspero; um artil, não uma satisfação. Bem adequado à sua posição, Vogler gostava especialmente de entabular negociações entre adversários industriais. Era um excelente mediador, porque ambos os lados geralmente o temiam.

Diante de Vogler e um tanto à direita, mais próximo de Altmüller e Speer, encontrava-se Wilhelm Zangen, oficial do Reich na Associação Industrial alemã. Zangen tinha lábios finos, penosamente contraídos, carentes de humor; parecia um esqueleto, que só se sentia feliz com seus mapas e gráficos. Homem metuculoso, era dado a transpirar na raiz dos cabelos que começavam a escassear, sob as narinas e no queixo, sinal de nervosismo. Transpirava naquele momento, levando continuamente o lenço ao rosto para secar a umidade constrangedora. Desmentindo sua aparência, contudo, Zangen era um lutador persuasivo, pois nunca discutia sem se basear em fatos.

Eram todos persuasivos, pensou Speer. Não fosse a sua ira, aqueles homens poderiam intimidá-lo, e com certeza o fariam. Albert Speer era sincero em sua auto-avaliação; compreendia não possuir um forte senso de autoridade. Achava difícil expressar seus pensamentos com firmeza entre elementos potencialmente hostis. Mas agora aqueles homens potencialmente hostis se encontravam na defensiva e ele não podia permitir que sua ira os conduzisse ao pânico e à busca exclusiva da própria absolvição.

Precisavam de uma solução. A Alemanha precisava de uma solução.

Peenemünde tinha que ser salva.

— Como sugere que comecemos? — perguntou Speer a Altmüller, baixando a voz de jeito que ninguém mais pudesse ouvi-lo.

— Creio que não faz a menor diferença. Haverá uma hora de ruidosas, tediosas e muito obtusas explicações antes de chegarmos a algo de concreto.

— Não estou interessado em explicações

— Desculpas, neste caso.

— Menos ainda em desculpas. Quero uma solução.

— Se for encontrada nesta mesa — o que, francamente, duvido —, você terá que escutar o excesso de verbosidade. Talvez algo surja daí. Mas, duvido.

— Quer explicar?

Altmüller fitou Speer diretamente nos olhos.

— Em última análise, não sei se haverá solução. Mas, se houver, não creio que esteja nesta mesa... Talvez me engane. Por que não os escutam primeiro?

— Está bem. Quer iniciar, por favor, com o sumário que preparou? Temo perder a paciência quando estiver em meio.

— Sugiro que perca a paciência em determinado ponto desta reunião, mais tarde — murmurou Altmüller. — Não vejo como poderá evitá-lo.

— Compreendo.

Altmüller afastou a cadeira e levantou-se. Grupo a grupo, as vozes foram se calando ao redor da mesa.

— Cavalheiros, esta reunião extraordinária foi convocada por motivos que são do seu conhecimento. Pelo menos, deveriam ser. Aparentemente, apenas o Reichsminister dos Armamentos e sua equipe não foram informados, fato que o Reichsminister e sua equipe consideram espantoso... Em resumo, a operação Peenemünde enfrenta uma crise de inigualável seriedade. Apesar dos milhões gastos neste extremamente vital plano de armamento, apesar das afirmativas constantes dos respectivos departamentos, soubemos agora que a produção poderá ficar paralisada em questão de semanas. Vários meses antes da data prevista para os primeiros foguetes operacionais. Tal data jamais foi questionada. Tornou-se a pedra angular de toda a estratégia militar; exércitos inteiros foram manobrados de acordo. A vitória da Alemanha está ameaçada... Se as

perspectivas compiladas pela equipe do Reichsminister — *arrancadas a custo* e compiladas — forem válidas, o complexo Peenemünde esgotará sua reserva de diamantes industriais em menos de 90 dias. Sem diamantes industriais, os instrumentos de precisão de Peenemünde não podem existir.

A babel de vozes excitadas, guturais, lutando por obter atenção, elevou-se quando Altmüller tornou a sentar-se. A piteira do General Leeb cortou o ar como se fosse um sabre; Albert Vogler franziu as sobrancelhas e as pálpebras inchadas, apoiou as mãos gorduchas na mesa e falou, em voz áspera e monótona; o lenço de Wilhelm Zangen agitou-se furiosamente sobre o seu rosto e pescoço, a voz aguda erguendo-se em desarmonia com os tons graves que o rodeavam.

Franz Altmüller inclinou-se para Speer.

— Já observou as jaulas das onças zangadas no zoológico? Os guardas tentam impedi-las de se atirarem contra as barras. Sugiro que perca a sua benigna paciência muito antes do que havíamos combinado. Agora, que acha?

— Não é solução.

— Não permita que eles pensem que você se acovardou. . .

— Nem que estou recuando. . . — Speer interrompeu o amigo com o esboço de um sorriso e levantou-se. — Senhores.

As vozes calaram-se.

— *Herr* Altmüller fala com severidade. Ele o faz porque eu lhe falei severamente esta manhã, bem cedo. Agora, a perspectiva é mais ampla. Não é momento para recriminações. Não devemos amenizar o aspecto crítico da situação, pois este é sério. Mas a ira nada resolverá. E precisamos de soluções... Portanto, proponho buscar a sua assistência, a ajuda das maiores inteligências militares e industriais do Reich. Em primeiro lugar, precisamos conhecer os detalhes, é claro. Começarei por *Herr* Vogler. Como gerente da Indústria do Reich, quer nos apresentar sua estimativa?

Vogler ficou perturbado. Não queria ser chamado em primeiro lugar.

— Não sei se posso esclarecer muita coisa, *Herr* Reichsminister. Também me submeto aos relatórios que me são entregues. Eles têm sido otimistas. Até a semana passada não houve menção de dificuldades.

— Que quer dizer com otimistas? — perguntou Speer.

— As quantidades de bort e diamantes carbonados eram consideradas suficientes. Além disso, há as experiências em andamento com o lítico, o carbono e a parafina. Nosso serviço de informação afirma que o inglês Storey, do Museu Britânico, fez nova verificação nas teorias de Hannay-Moissan. Diamantes foram produzidos por este processo.

— Quem investigou o inglês? — Franz Altmüller falou, com severidade. — Ocorreu-lhe que tais dados poderiam destinar-se a ser transmitidos?

— Tal verificação é assunto da Informação. Não faço parte da Informação, *Herr* Altmüller.

— Continue — disse Speer, rapidamente. — E, além disso?

— Há um experimento anglo-americano sob a supervisão do grupo Bridgemann. Estão submetendo o grafite a pressões que ultrapassam seis milhões de libras por polegada quadrada. Até o momento não há notícia de que tenham sido bem sucedidos.

— Há notícias de fracasso? — Altmüller ergueu as sobrancelhas aristocráticas, tom polido.

— Devo lembrar-lhe novamente que não faço parte da Informação. Não recebi a menor notícia.

— Dá o que pensar, não é — disse Altmüller, em tom não interrogativo.

— Contudo — interveio Speer, antes que Vogler pudesse replicar —, tem razões para supor que as quantidades de bort e carbonado são suficientes, não é exato?

— Suficientes. Ou pelo menos acessíveis, *Herr* Reichsminister.

— Acessíveis como?

— Creio que o General Leeb está mais a par do assunto. Leeb abandonou sua piteira de marfim.

Altmüller, notando-lhe a surpresa, interveio rápido:

— Por que o oficial de material bélico teria tal informação, *Herr Vogler*? — Perguntou por simples curiosidade.

— Mais uma vez os relatórios. Que eu saiba, o oficial do material bélico é o responsável pela avaliação do potencial industrial, agrícola e mineral dos territórios ocupados. Ou dos territórios que serão futuramente ocupados.

Ernst Leeb não estava inteiramente despreparado. Estava despreparado para as insinuações de Vogler, não para o assunto. Voltou-se para um assistente, que remexeu papéis enquanto Speer o interrogava.

— O oficial do material bélico anda sob enorme pressão hoje em dia, assim como o seu departamento, *Herr Vogler*, é claro. Será que o General Leeb teve tempo. . .

— *Arranjaremos* tempo — replicou Leeb, cujo porte Kitar fazia contraste com a grosseria de burgomestre exibida por Vogler. — Quando soubermos, por intermédio dos subordinados de *Herr Vogler*, que uma crise estava iminente — não imediata, mas iminente —, procuramos logo as possibilidades de solução.

Franz Altmüller levou a mão aos lábios para ocultar um sorriso involuntário e fixou Speer, que estava demasiado aborrecido para encontrar humor na situação.

— Ainda bem que o oficial do material bélico está tão confiante, general — falou Speer. O Reichsminister de Armamentos tinha pouca confiança nos militares, o que disfarçava com dificuldade. — Por favor, a sua solução.

— Falei em *possibilidades*, *Herr Speer*. Para chegar a soluções práticas é preciso mais tempo do que o que nos concederam.

— Muito bem. Suas possibilidades.

— Há um remédio imediato, com precedente histórico. — Leeb fez uma pausa para tirar o cigarro da piteira e apagá-lo, cômico de que todos ao redor da mesa o observavam com atenção. — Tomei a liberdade de recomendar estudos preliminares ao Comando Geral. Exige uma força expedicionária inferior a quatro batalhões... África. As minas de diamantes a leste de Tanganica.

— *O quê?* — Altmüller inclinou-se para a frente, sem poder conter-se. — Não está falando sério.

— Por favor!

Speer não permitiria que seu amigo interrompesse. Se Leeb havia concebido uma ação tão drástica, ela teria seus méritos. Militar algum, conhecendo a fragilidade das linhas de combate — devoradas na frente oriental sob o ataque arrasador dos aliados na Itália —, poderia sugerir tal absurdo, a menos que entretivesse uma esperança realística de sucesso. — Continue, general.

— As minas Williamson, em Mwadui, entre os distritos de Tanganica e Zanzibar, na região central. As minas Mwadui produzem anualmente mais de um milhão de quilates de diamantes carbonados. A informação — que nos é fornecida regularmente, por insistência minha — afirma que há reservas para vários meses. Nossos agentes em Dar es Salaam estão convencidos de que tal incursão seria bem sucedida.

Franz Altmüller passou a Speer um papel onde havia escrito: "Enlouqueceu!"

— A que precedente histórico se refere? — perguntou Speer, colocando a mão sobre o papel.

— Todos os distritos a leste de Dar es Salaam pertencem por direito ao Terceiro Reich, África Oriental alemã. Foram tomados à *fatherland* depois da grande guerra. O próprio Führer deixou isto bem claro há quatro anos.

Houve silêncio ao redor da mesa. Um silêncio embaraçado. Mesmo os olhos de seus auxiliares evitaram o velho soldado. Finalmente, Speer falou, em voz baixa:

— Isto não é justificativa nem precedente, general. O mundo pouco se importa com as nossas justificativas, mas, embora eu ponha em dúvida a logística de movimentar batalhões até o outro lado do mundo, talvez tenha levantado um ponto válido. Onde, em local mais próximo... na África Oriental, quem sabe, pode-se encontrar o bort ou o carbonado?

Leeb voltou-se para seus assistentes. Wilhelm Zangen levou o lenço ao nariz, inclinou a cabeça magra na direção do -general e falou como se exalasse, em sua voz aguda e irritante:

— Eu responderei, *Herr Reichsminister*. E então verá o quanto é inútil esta discussão... Sessenta por cento dos diamantes de bort do mundo inteiro encontram-se no Congo belga. Os dois principais depósitos estão em Kasai e nos campos de Bakwanga, entre o Kanshi e o Bushimale. O governador-geral do distrito é Pierre Ryckmans, fiel ao governo belga exilado em Londres. Asseguro a Leeb que a lealdade do Congo à Bélgica é maior que a nossa jamais foi em Dar es Salaam.

Irado, Leeb acendeu um cigarro. Speer recostou-se na cadeira e dirigiu-se a Zangen.

— Muito bem. Sessenta por cento de bort. Que diz do carbonado e do restante?

— África Equatorial francesa, totalmente aliada à França Livre de De Gaulle. Gana e Serra Leoa, os pontos de controle britânico mais severos. Angola, domínio português, de neutralidade inviolável, nós o sabemos sem a menor dúvida. África Ocidental francesa, não só sob o controle da França Livre, como dominada por forças aliadas nos seus contrafortes. . . Havia uma única possibilidade e nós a perdemos há um ano e meio. Vichy abandonou a Costa do Marfim... Não há acesso à África, *Reichsminister*. Não de natureza militar.

— Compreendo. — Speer rabiscou a esmo no papel que Altmüller lhe havia passado. — Recomenda uma solução não-militar?

— Não há outra. A questão é: qual?

Speer voltou-se para Franz Altmüller. Seu associado, alto e louro, fitava-os a todos. As fisionomias expressavam apenas estupor.

2

11 de Setembro de 1943

WASHINGTON, D.C.

O General-de-Brigada Alan Swanson saltou do táxi e fixou a imensa porta de carvalho da residência de Georgetown. O percurso pelas ruas calçadas de pedrinhas parecera-lhe um contínuo rufar de tambores.

Prelúdio da execução.

No alto daquela escadaria, para além daquela porta, no interior da aristocrática construção de pedra e tijolos, havia um salão. E naquele salão milhares de execuções seriam pronunciadas, e não relacionadas com qualquer das pessoas que se encontravam ao redor da mesa.

Prelúdio do aniquilamento.

Se os planos fossem mantidos. E era inconcebível que fossem alterados.

Assassinato em massa.

Seguindo ordens, relanceou em ambas as direções para certificar-se de que não fora seguido. Idiotice! CIC mantinha-os sob constante vigilância. Qual dos pedestres, ou dos automóveis que se movimentavam devagar, o teria em sua mira? Não importava. A esco-

lha do local de encontro era também uma idiotice. Acreditariam realmente que era possível conservar a crise em segredo? Julgavam que fazer reuniões em residências afastadas de Georgetown ajudaria em alguma coisa?

Idiotas!

Mal percebia a chuva que caía constante, em linha reta. Tempestade de outono em Washington. Sua capa de chuva estava aberta; a túnica do uniforme, úmida e amarrotada. Nada daquilo lhe importava. Não podia dar atenção a esses detalhes.

A única coisa em que pensava encontrava-se numa caixa metálica de 15 centímetros de largura por 7,5 de altura e 30 de comprimento. Fora planejada para essas dimensões. Tinha a aparência de tecnologia sofisticada e destinava-se a operar baseada nas propriedades fundamentais da inércia e da precisão.

Não era funcional. Não dera certo.

Falhara em vários testes seguidos.

Dez mil bombardeiros B-17 de grande altitude estavam saindo das linhas de produção do país inteiro. Sem os giroscópios de grande altitude, com onda de rádio para orientá-los, poderiam muito bem permanecer em terra!

E, sem aqueles aviões, a operação Overlord estava seriamente ameaçada. A invasão da Europa teria um preço tão absurdo que se tornaria obsceno.

Contudo, enviar aviões em bombardeios maciços, noite e dia, por toda a Alemanha, sem a proteção da grande altitude, seria enviar a maioria para a destruição, as tripulações direto para a morte. Os exemplos eram constantes, sempre que os grandes aviões subiam alto demais. O que era atribuído a erro do piloto, fogo inimigo e fadiga do instrumento não era exato. A culpa era da altitude. . .

Vinte e quatro horas antes, um esquadrão de bombardeiros na rota de Bremerhaven havia fugido à artilharia antiaérea, exigindo o máximo dos aparelhos, reagrupando-se em plano muito acima do nível do exigido. Pelo que ficou determinado, os instrumentos enlouqueceram; o esquadrão acabou no setor de Dunbar, próximo à costa escocesa. Todos os aviões, exceto um, haviam-se despedaçado no mar. Três sobreviventes foram recolhidos pela patrulha costeira. Três além de Deus sabiam quantos haviam escapado de Bremerhaven. Um aparelho tentara aterrissar e explodira nos arredores de uma cidade. . . Sem sobreviventes.

A Alemanha estava na curva da derrota inevitável mas não morreria facilmente. Aprestava-se para contra-atacar. A lição russa fora aprendida. Os generais de Hitler estavam preparados. Compreendiam que sua derradeira esperança de uma rendição que não fosse *incondicional* residia na capacidade de tornar tão alto o custo da vitória aliada que este abalaria a imaginação e a consciência da humanidade.

Então, entrariam num acordo.

E isso era inaceitável para os aliados. *Rendição incondicional* era uma política tripartite; o absurdo fora de tal modo inculcado que ninguém, ousara opor-se. A febre de vitória total varria o país; os líderes haviam-na amoldado. E naquele frenesi fixavam paredes em branco, não vendo o que os outros viam e afirmando heroicamente que as perdas seriam toleradas.

Swanson subiu as escadas da casa de Georgetown. Como se estivessem aguardando-o, a porta abriu-se, um major fez continência e Swanson foi rapidamente introduzido. No *hall* havia três oficiais não-comissionados, com pernas de pára-quedistas, em posição de sentido; Swanson reconheceu os distintivos do batalhão dos Rangers. O Ministério da Guerra havia armado a cena com todo o capricho.

Um sargento conduziu Swanson a um pequeno elevador de grades metálicas. Dois andares acima, o elevador parou e Swanson saiu para o corredor. Reconheceu o coronel que se encontrava junto à porta fechada no extremo do corredor, mas não lhe recordou o

nome. Trabalhava em Operações Clandestinas e nunca se encontrava muito em evidência. O coronel adiantou-se, fazendo continência.

— General Swanson? Coronel Pace.

Swanson cumprimentou de cabeça e estendeu a mão.

— Ah, sim. Ed Pace, certo?

— Sim senhor.

— Então, arrancaram-no do porão. Ignorava que isto fosse território seu.

— Não é, senhor. Mas tive ocasião de conhecer os homens a quem vai encontrar. Controle da segurança.

— E com você aqui, eles sabem que falamos a sério — disse Swanson, com um sorriso.

— Tenho certeza que sim, mas ignoro o assunto.

— Tem sorte. Quem está lá dentro?

— Howard Oliver, da Meridional. Jonathan Craft, da Packard. O laboratorista da ATCO.

— Ganharei meu dia. Nem posso esperar. Quem preside? Meu Deus, devia haver alguém do nosso lado.

— Vandamm.

Os lábios de Swanson formaram um assobio inaudível: o coronel fez que sim com a cabeça. Frederic Vandamm era subsecretário de Estado e, segundo se dizia, o assistente mais próximo de Cordell Hull. A melhor maneira de chegar a Roosevelt era através de Hull; se esta via estivesse fechada, procurava-se Vandamm.

— Artilharia impressionante — comentou Swanson.

— Creio que quando o viram, Craft e Oliver ficaram apavorados. Spinelli vive eternamente nas nuvens. Seria capaz de confundir Patton com o porteiro.

— Só conheço Spinelli de reputação. É considerado o melhor especialista em giroscópios... Oliver e Craft sabem *muito* bem disso. Gostaria que vocês não fornecessem nem mapas rodoviários àqueles dois.

— Nada podemos fazer quando são eles os donos das estradas, senhor. — O coronel deu de ombros. Era evidente que concordava com a opinião de Swanson.

— Eu lhe darei uma pista, Pace. Craft é um fracassado nos círculos sociais. Oliver é mau-caráter.

— E bastante volumoso — replicou o coronel, rindo baixinho. Swanson despiu a capa de chuva.

— Se ouvir disparos, coronel, sou eu. Caminhe em outra direção.

— Aceito o aviso como uma ordem, general. Sou surdo — respondeu Pace, estendendo a mão para a porta e abrindo-a rapidamente para seu superior.

Swanson entrou na sala. Era uma biblioteca, onde a mobília fora encostada às paredes para ser instalada, no centro, uma mesa de conferências. À cabeceira, via-se o aristocrático Frederic Vandamm, com sua cabeleira branca. À esquerda, Howard Oliver, obeso e começando a se tornar calvo, um homem baixo, moreno, de óculos, que Swanson supôs ser Gian Spinelli.

A cadeira vazia no extremo da mesa, diante de Vandamm, destinava-se a ele, evidentemente. Era uma boa posição.

— Lamento a demora, Sr. Subsecretário. Um carro oficial a teria evitado. Não é fácil encontrar um táxi... Senhores?

O trio cumprimentou de cabeça. Craft e Oliver murmuraram "general". Spinelli limitou-se a fixá-lo por detrás das espessas lentes dos óculos.

— Peço desculpas, General Swanson — disse Vandamm, com sua maneira de falar precisa, inglesada, que denunciava um *background* abastado. — Por razões óbvias, não quisemos que esta conferência se realizasse numa repartição do Governo. E, caso viesse a ser conhecida, que a ela se atribuísse importância. Estes senhores representam o Ministério da Guerra, não preciso dizer. A ausência de aparato era desejável. Carros oficiais atravessando Washington a toda velocidade — não me pergunte por que, mas nunca diminuem a velocidade — tendem a despertar preocupações. Compreende?

Swanson retribuiu o olhar velado do subsecretário. Vandamm era esperto, pensou. Fora um jogo arriscado de sua parte referir-se ao táxi, mas Vandamm compreendera, recolhera a jogada e a utilizara, até mesmo com imparcialidade.

Os três elementos das corporações estavam atentos. Naquela conferência representavam o inimigo.

— Fui discreto, Sr. Subsecretário.

— Estou certo que sim. Vamos ao assunto? O Sr. Oliver pediu permissão para iniciar com uma declaração geral da posição da Meridian Aircraft.

Swanson observou Oliver consultando suas anotações. Detestava-o intensamente; o homem transpirava uma avidez fundamental. Era um manipulador, havia tantos nos dias de hoje. Encontravam-se por toda Washington, amontoando imensas somas graças à guerra; proclamando a força e o valor dos contratos, o preço do poder — que estava nas mãos deles.

Dos lábios grossos de Oliver saiu uma voz áspera.

— Obrigado. Nós, da Meridional, julgamos que a... *suposta* gravidade da presente situação obscureceu os verdadeiros progressos que fizemos. O aparelho em questão provou, para além de qualquer dúvida, sua capacidade superior. A nova e aperfeiçoada Fortaleza está pronta para a operação; é uma simples questão da altitude desejada.

Oliver calou-se bruscamente, colocando as mãos obesas sobre os papéis. Encerrara sua declaração. Craft anuiu de cabeça. Ambos fixaram Vandamm, expressão neutra. Gian Spinelli limitou-se a fixar Oliver, olhos castanhos ampliados pelos óculos.

Alan Swanson estava estupefato, não precisamente pela brevidade de declaração, mas pela habilidade da mentira.

— Se isto é a declaração de uma posição, eu a considero inteiramente inaceitável. O aparelho em questão *não* provou sua capacidade operacional nas altitudes especificadas pelo contrato do Governo.

— É operacional — replicou Oliver, secamente.

— Operacional. Não funcional, Sr. Oliver. Não é funcional até que possa ser orientado do ponto A ao ponto B nas altitudes indicadas nas especificações.

— *Especificadas* como "máximo pretendido", General Swanson — replicou Oliver, com um sorriso obsequioso que transmitia apenas cortesia.

— Que diabo significa isso? — perguntou Swanson, fixando o Subsecretário Vandamm.

— O Sr. Oliver limita-se à interpretação contratual.

— Pois eu não.

— É o que preciso fazer — replicou Oliver. — O Ministério da Guerra recusou pagar à Meridian Aircraft Corporation. Temos um contrato...

— Discuta o maldito contrato com outra pessoa!

— Ira não resolverá nada — disse Vandamm, áspero.

— Desculpe, Sr. Subsecretário, mas não estou aqui para discutir *interpretações contratuais*.

— Temo que seja preciso fazê-lo, General Swanson. — Vandamm falava agora com calma. — O Departamento de Despesas negou pagamento à Meridian baseado na *sua* negativa de autorização. O senhor não a deferiu.

— Por que o faria? O avião não pode realizar a tarefa que esperávamos.

— *Pode* realizar a tarefa segundo o contrato — disse Oliver, movimentando o gordo pescoço, de Vandamm para o general-de-brigada. — Tenha a certeza, general, de que despendemos todos os nossos esforços no sistema de segurança máxima *pretendido*. Mobilizamos todos os nossos recursos. Alcançaremos uma solução, disso estamos convictos. Mas até então esperamos que os contratos sejam cumpridos. Nós fomos fiéis às garantias.

— Sugere que aceitemos o avião *como está*?

— É o melhor bombardeiro que existe.

Era Jonathan Craft quem falava. Sua voz macia e alta emitiu uma frágil exclamação que logo cessou, enquanto ele juntava os dedos delicados para dar mais ênfase à afirmativa.

Swanson ignorou Craft e fixou o rosto miúdo e os olhos ampliados do cientista da ATCO, Gian Spinelli.

— E os giroscópios? Pode me responder, Sr. Spinelli? Howard Oliver, interveio, sem cerimônia.

— Use os sistemas existentes. Coloque o avião em combate.

— *Não!* — Swanson não se conteve. Era uma explosão de revolta, o subsecretário que dissesse o que bem entendesse. — Nossa estratégia exige ataques constantes nas regiões mais profundas da Alemanha. Vindos de todos os pontos, conhecidos e desconhecidos. Campos na Inglaterra, Itália, Grécia... sim, mesmo de bases secretas da Turquia e Iugoslávia. De transportes do Mediterrâneo e até do Mar Negro! Milhares e milhares de aviões invadindo todas as rotas aéreas. Precisamos da altitude extra! Qualquer coisa a menos é inaceitável!... Lamento, Sr. Vandamm, mas creio que se justifica a minha preocupação.

— Compreendo — disse o subsecretário de Estado. — É por isto que estamos hoje aqui. Para procurar soluções... assim como dinheiro. — Desviou o olhar para Craft. — Pode acrescentar alguma coisa às observações do Sr. Oliver, do ponto de vista da Packard?

Craft afastou uns dos outros dedos manicurados e inspirou profundamente, como se estivesse a ponto de enunciar algo de saber essencial. A fonte de conhecimento executivo, pensou Alan Swanson, manobrando para obter a aprovação do presidente da mesa.

— Claro, Sr. Subsecretário. Como o maior subcontratante da Meridian, estamos tão perturbados quanto o general com a falta de resultados no sistema de orientação. Nada poupamos para resolver o assunto. A presença do Sr. Spinelli é a prova. Afinal, fomos nós que chamamos a ATCO... A essa altura, Craft sorriu heroicamente, com um laivo de tristeza. — Conforme deve saber, a ATCO é a melhor... e a mais cara. Nada poupamos.

— Chamaram a ATCO — disse Swanson, em tom cansado — porque seus laboratórios não conseguiram cumprir a tarefa. Apresentaram as despesas excedentes à Meridian, que as passou para nós. Não vejo onde tenham poupado tanto assim.

— Meu Deus, general! — exclamou Craft, de modo pouco convincente. — O *tempo*, as *negociações*... tempo é dinheiro, general, não se iluda. Eu poderia demonstrar-lhe...

— O general fez uma pergunta a *mim*. Gostaria de responder.

As palavras, pronunciadas com um leve sotaque, vieram do minúsculo cientista, que ignorava as tolices de Craft, ou não as percebia, ou ambas as coisas.

— Eu lhe ficaria grato, Sr. Spinelli.

— Nosso progresso tem sido consistente, firme, se preferir, mas não rápido. Os problemas são grandes. Acreditamos que a distorsão das ondas de rádio além de determinadas altitudes varia com a temperatura e a curvatura da Terra. A solução reside em alternar as compensações. Nossas experiências estão estreitando cada vez mais este campo. . . A taxa de progresso seria mais rápida, não fossem as constantes interferências. Gian Spinelli calou-se, voltando os olhos grotescamente ampliados para Howard Oliver, cujo pescoço espesso e rosto de mandíbulas pesadas ficaram subitamente vermelhos de raiva.

— Não houve interferência nossa!

— E nem da Packard, com certeza! — interveio Craft. — Mantivemos contato quase diário. Nossa preocupação não fraquejou!

Spinelli voltou-se para Craft.

— Sua preocupação, assim como as da Meridian, foi exclusivamente monetária, no meu entender.

— Isso é um absurdo! Todas as indagações financeiras foram feitas a pedido da. . . divisão de auditoria do contratante. . .

— E absolutamente necessárias! — Oliver não ocultava sua raiva do minúsculo italiano. — Seu laboratório. . . As pessoas não se entendem! São verdadeiras *crianças*!

Nos 30 segundos subseqüentes, três homens exaltados altercaram em contraponto. Swanson fixou Vandamm e os olhares de ambos encontraram-se, cheios de compreensão. Oliver foi o primeiro a perceber a armadilha. Ergueu a mão... uma ordem de corporação, pensou Swanson.

— Sr. Subsecretário — falou Oliver, dominando a ira. — Não permita que a nossa discussão lhe transmita uma falsa impressão. Apresentamos o produto.

— Este, não apresentaram — disse Swanson. — Lembro-me nitidamente dos prognósticos nas ofertas de contrato. Naquela época tinham tudo pronto.

Quando Oliver fixou-o, Alan Swanson sentiu instintivamente que deveria buscar uma arma para se proteger. O executivo da Meridian estava prestes a explodir.

— Confiamos nas avaliações de subordinados — disse Oliver, lentamente, com hostilidade. — Creio que os militares conheceram a sua parcela de erros.

— Subordinados não planejam estratégias importantes. Vandamm ergueu a voz.

— Sr. Oliver. Suponhamos que o General Swanson estivesse convicto de ser inútil reter o pagamento. Que espécie de prazo poderia garantir, agora?

Oliver voltou-se para Spinelli.

— Que acha? — perguntou, friamente.

Os grandes olhos de Spinelli varreram o teto.

— Francamente, não posso dar uma resposta. Poderíamos resolver o problema na próxima semana. Ou no próximo ano.

Swanson enfiou rapidamente a mão no bolso da túnica e tirou uma folha de papel dobrado. Abrindo-a na sua frente, leu:

— Segundo este memorando... a última comunicação vinda da ATCO. . . uma vez que o sistema de orientação esteja aperfeiçoado, declaram precisar de seis semanas para experiência em vôo. Nos campos de prova de Montana.

— Certo, general. Eu próprio o ditei — disse Spinelli.

— Seis semanas a partir da próxima. Ou do próximo ano. E, supondo-se que as experiências de Montana sejam positivas, mais um mês para equipar as esquadrilhas.

— Sim.

Swanson voltou-se para Vandamm.

— Diante disto, Sr. Subsecretário, não há alternativa senão modificar as prioridades imediatas. Ou pelo menos o planejamento. Não podemos acompanhar a logística.

— Inaceitável, General Swanson. Precisamos acompanhá-la. Swanson fixou o velho e cada qual sabia precisamente a que o outro se referia.

Overlord. A invasão da Europa.

— Precisamos adiar, senhor.

— Impossível. Em definitivo, general.

Swanson olhou para os três homens ao redor da mesa. O inimigo.

— Até breve, senhores.

3

12 de Setembro de 1943

AS COLINAS BASCAS, ESPANHA

David Spaulding aguardou na sombra da árvore grande e tortuosa, no terreno rochoso que dominava a ravina. Era a região basca e a atmosfera estava fria e úmida. O sol do final da tarde banhava as colinas à retaguarda. Havia muitos anos — parecia-lhe um milênio — aprendera as vantagens de captar os reflexos do sol no aço de pequenas armas. Seu rifle estava recoberto de cortiça queimada. Quatro.

Estranho, mas o número quatro voltava-lhe repetidamente à lembrança enquanto examinava o horizonte. *Quatro*.

Quatro anos e quatro dias, exatamente. E o contato daquela tarde estava marcado para quatro horas precisas.

Fazia quatro anos e quatro dias, vira pela primeira vez os uniformes castanhos por detrás da espessa repartição de vidro, no estúdio de rádio, em Nova York. Fazia quatro anos e quatro dias, caminhara em direção àquela parede para pegar sua capa de chuva, deixada no encosto de uma cadeira, e percebera os olhos do oficial mais velho fixos na sua pessoa. Com firmeza. Com frieza. O mais moço evitara-o, como que se sentindo culpado de intrusão, mas não o superior, não o tenente-coronel.

O tenente-coronel estivera estudando-o.

Fora o começo.

Perguntava-se agora — ao observar a ravina em busca de movimento — quando terminaria. Viveria para assistir ao final? Pretendia estar vivo.

Chamara aquela vida de "engrenagem", durante um drinque no Mayflower de Washington. Fairfax fora uma engrenagem; contudo, ele ignorava na época até que ponto a palavra se revelaria correta — uma engrenagem disparada, que jamais se detinha.

A intervalos diminuía de ritmo. As pressões físicas e mentais exigiam um desacelerar em momentos reconhecíveis. Reconhecíveis para ele. Momento em que percebia estar se tornando descuidado... ou demasiado seguro de si. Ou demasiado absolutista com respeito às decisões que envolviam a vida humana.

Ou a sua própria.

Em geral eram tomadas com facilidade. E às vezes assustavam-no. Profundamente.

Nessas ocasiões ele se afastava. Viajava para o sul, ao longo da costa de Portugal, onde os refúgios dos ricos, temporariamente afastados de suas conveniências, negavam a existência da guerra. Ou permanecia em Costa dei Santiago com seus perplexos pais. Ou confinava-se na Embaixada de Lisboa, entregando-se às tarefas insignificantes da diplomacia neutra. Um pequeno adido militar que não usava uniforme. Não se esperava isso nas ruas, estava dentro do "território". Mas não usava e ninguém se importava. Não era muito apreciado. Circulava socialmente em excesso, possuía muitos amigos anteriores à guerra. De modo geral era ignorado com certo desdém.

Nessas ocasiões descansava, forçando a mente a apagar-se para recarregar.

Há quatro anos e quatro dias tais pensamentos seriam inconcebíveis.

E, no entanto, dominavam-no agora. Quando tinha tempo para pensar.

Tinha, naquele momento.

Não havia ainda movimento na ravina. Qualquer coisa andava errada. Consultou o relógio; a dupla de San Sebastian estava bastante atrasada. Atraso anormal. Havia seis horas apenas, o *under-ground* francês radiografara confirmando que tudo estava em ordem, sem complicações — a dupla partira.

Os mensageiros de San Sebastian trariam fotos das pistas alemãs instaladas ao norte de Mont-de-Marsan. Os estrategistas de Londres pediam-nas com insistência fazia meses. Aquelas fotos haviam custado a vida de quatro pessoas... de novo aquele maldito número... quatro agentes do *under-ground*. ..

A dupla deveria, pelo contrário, chegar mais cedo. Deveriam estar à espera do homem de Lisboa.

Foi então que avistou algo a distância, talvez a meio quilômetro, difícil dizer. Sobre a ravina, para a'ém da encosta que ficava em frente, numa colina em miniatura. Um brilho.

Uma cintilação intermitente, mas ritmada. O intervalo era sinal de intenção, não acidente.

Enviavam sinais para eles. Alguém que conhecia bem os métodos da operação enviava sinais, talvez um homem treinado por ele. Era um aviso.

Spaulding colocou o rifle ao ombro e ajustou a correia mais ainda, de modo que a arma se tornasse um apêndice fixo mas flexível do seu torso. Apalpou o fecho do coldre pendurado no cinto; estava no lugar, a arma firme. Afastou-se do tronco da velha árvore e, agachado, galgou o restante da encosta rochosa.

No cimo, correu para a esquerda, na vegetação elevada, em direção a uma plantação de pêras em ruínas. Dois homens de roupas cobertas de lama, rifle ao lado, encontravam-se sentados no chão, brincando com punhais para passar o tempo. Súbito, ergueram a cabeça, estendendo a mão para a arma.

Spaulding fez um gesto indicando que deveriam permanecer no chio e, aproximando-se, falou baixo, em espanhol:

— Alguém de vocês sabe quem é a dupla que está a caminho?

— Bergeron, creio — disse o da direita. — E provavelmente Chivier. Aquele velho sabe lidar com as patrulhas; há 40 anos atravessa de um lado para outro da fronteira.

— Então, é Bergeron — disse Spaulding.

— O quê? — perguntou o outro homem.

— Fizeram sinais. Estão atrasados e alguém utilizou o que resta do sol para chamar a nossa atenção.

— Talvez para dizer que estão a caminho — falou o primeiro, colocando a faca na bainha enquanto falava.

— Possível, mas improvável. Não sairíamos daqui. Pelo menos durante mais duas horas.

— Erguendo-se a meio, Spaulding olhou para leste. — Vamos! Seguiremos até além do pomar. De lá podemos ter uma visão mais ampla.

Os três, em fila, separados, mas capazes de ouvir uns aos outros, atravessaram correndo o campo dominado pela elevação, percorrendo cerca de 200 metros. Spaulding colocou-se por detrás de um rochedo pouco elevado, que se projetava da ravina, e esperou os outros dois. O rio corria lá embaixo, a uns 30 metros, segundo calculou. A dupla de San Sebastian o atravessaria cerca de 100 metros a oeste, pela passagem rasa e estreita que sempre utilizavam.

Os dois chegaram com diferença de segundos.

— A velha árvore onde estava é o ponto de encontro, não é? — perguntou o primeiro homem.

— Sim — respondeu Spaulding, tirando o binóculo do estojo preso no cinturão. Era um instrumento poderoso, com lentes Zeiss Ikon, dos melhores fabricados na Alemanha. Tomado a um alemão morto no rio Tejo.

— Então, por que descemos até aqui? Se houver um problema, sua linha de visão será melhor no ponto onde estava. Mais direta.

— Se houver um problema, eles saberão disso. Rodearão para a esquerda, para leste. Para oeste a ravina se afasta do ponto de encontro. Talvez não seja nada. É possível que você tenha razão; querem apenas avisar que estão se aproximando.

A pouco mais de 50 metros de distância, a oeste da passagem estreita, dois homens surgiram. O espanhol ajoelhado à esquerda de Spaulding topeu-lhe o ombro.

— São Bergeron e Chivier — disse, em voz baixa.

Spaulding ergueu a mão pedindo silêncio e percorreu a área com o binóculo. Bruscamente, fixou-o num ponto e com a mão esquerda orientou para o local a atenção dos subordinados.

Abaixo de onde se encontravam, talvez a uns 25 metros, quatro soldados com uniforme da Wehrmacht lutavam com a folhagem, aproximando-se das águas da ravina.

Spaulding voltou o binóculo para os dois franceses que atravessavam o rio, apoiando-o no rochedo até avistar, na floresta por detrás dos homens, o que sabia ali se encontrar.

O quinto alemão, um oficial, meio escondido no emaranhado de raízes e ramos baixos, rifle apontado para os dois franceses que atravessavam a ravina.

Spaulding passou rapidamente o binóculo para o primeiro espanhol, murmurando: — Atrás de Chivier.

O homem olhou e depois entregou o binóculo ao companheiro.

Cada um deles sabia o que precisava fazer; até mesmo os métodos estavam claros. Era uma simples questão de tempo e precisão. De uma bainha colocada atrás do quadril direito, Spaulding retirou uma baioneta de carabina, encurtada pelo desgaste. Seus companheiros fizeram o mesmo. Cada qual espreitou por sobre o rochedo para os homens da Wehrmacht que se encontravam lá embaixo.

Os quatro alemães, enfrentando água pela cintura e a correnteza — que, embora não excessiva, era ainda assim considerável — prenderam os rifles ao ombro, lateralmente, e separaram-se em fila, descendo o rio. O que ia à frente começou a atravessar, testando a profundidade.

Spaulding e os dois espanhóis saíram rapidamente de trás do rochedo e deslizaram pelo declive, ocultos pela folhagem, os sons que faziam abafados pela corrente. Em menos de meio minuto encontravam-se a cerca de nove metros dos soldados da Wehrmacht, escondidos por árvores caídas e mato. David entrou na água bem junto à margem, sentindo-se aliviado ao notar que o quarto soldado

— a menos de quatro metros na sua frente — era o que tinha mais dificuldade para manter o equilíbrio nas rochas escorregadias. Os outros três, com intervalo de 10 metros, concentravam-se nos franceses, rio acima. Concentravam-se intensamente.

O nazista viu-o. Medo e espanto estamparam-se nos seus olhos. A tração de segundo necessária para assimilar o choque foi o quanto bastou para David. Protegido pelos sons da correnteza, Spaulding saltou sobre o homem, mergulhando-lhe a faca no pescoço e empurrando-lhe violentamente a cabeça para debaixo d'água, onde o sangue se misturou à corrente.

Não havia tempo, nem um segundo a desperdiçar. David libertou a forma sem vida e viu que os dois espanhóis se encontravam paralelos a ele, na margem. O primeiro, agachado e escondido, fez um gesto em direção ao soldado que ia à frente; o outro meneou a cabeça em direção ao segundo. E David compreendeu que o terceiro soldado da Wehrmacht era dele.

Não foi preciso mais que o tempo necessário a Bergeron e Chivier para chegarem à margem sul. Os três soldados estavam liquidados, corpos empapados de sangue, flutuando rio abaixo, contornando rochedos e enchendo as águas com listras de cor magenta.

Spaulding fez sinal aos espanhóis para atravessarem o rio em direção à margem norte. O primeiro içou-se junto de David, a mão direita ensangüentada em consequência de um profundo corte na palma.

— Você está bem? — perguntou Spaulding, em voz baixa.

— A lâmina escorregou. Perdi minha faca — praguejou.

— Saia desta área — falou David. — Faça curativo no ferimento, na fazenda Valdero.

— Posso fazer uma atadura firme. Não tem importância.

O segundo espanhol reuniu-se a eles, estremecendo à vista do ferimento do companheiro, o que Spaulding achou estranho para um guerrilheiro que minutos antes mergulhara uma faca no pescoço de um homem, quase decapitando-o.

— Isso está feio — comentou.

— Você não pode agir assim — acrescentou Spaulding. — E não temos tempo para discutir.

— Posso. . .

— *Não pode* — falou David, peremptório. Volte a Valdero. Nós nos encontraremos dentro de uma hora ou duas semanas. Vá e conserve-se escondido!

— Está bem.

O espanhol estava perturbado, mas era evidente que não queria e não podia desobedecer às ordens do americano. E fez menção de enveredar na floresta, rumando para leste.

Spaulding chamou-o em voz baixa, pouco acima do rumor da corrente.

— Obrigado. Belo trabalho o de hoje.

O espanhol sorriu e tomou o rumo da floresta, segurando o pulso.

Com a mesma rapidez, David tocou o braço do segundo, fazendo sinal para que ele o seguisse. Parando junto a uma árvore caída, cujo tronco mergulhava na água, agachou-se e ordenou ao espanhol que fizesse o mesmo. Em voz baixa, falou:

— Quero pegá-lo vivo. Quero interrogá-lo.

— Eu o pegarei.

— Não, deixe comigo. Só não quero que atire. Poderia havei uma patrulha mais atrás.

Spaulding notou que o homem não pudera conter um sorriso e compreendeu por quê: seu espanhol tinha as inflexões macias do castelhano, e um castelhano de estrangeiro. Soava estranho na região basca.

E ele próprio estava deslocado.

— Como quiser, amigo — disse o homem. — Atravesso o rio mais adiante e alcanço Bergeron? Deve estar vomitando a essa hora.

— Não, ainda não. Espere até estarmos seguros aqui. Ele e o velho simplesmente continuarão a caminhar. — David ergueu a cabeça acima do tronco tombado e calculou a distância. O oficial alemão se encontrava a uns 60 metros, escondido na floresta. — Seguirei para lá e me colocarei atrás dele, para ver se descubro sinais de outra patrulha. Se descobrir, voltarei aqui e daremos o fora. Senão, tentarei agarrá-lo. . . Se houver algum problema, se ele me escutar, é provável que siga para o rio. Pegue-o.

O espanhol fez que sim. Spaulding verificou a segurança da correia do rifle, movimentando-a no último instante, dirigiu ao subordinado um esboço de sorriso e notou que as mãos do homem — imensas, calejadas — estavam abertas no solo, como garras. Se o oficial da Wehrmacht caminhasse na sua direção jamais ultrapassaria aquelas mãos, pensou.

Enveredou rápido, silencioso, pelo bosque, braços e pés movimentando-se como os de um caçador primitivo, afastando os ramos, evitando pedras e folhagem emaranhada.

Em menos de três minutos percorrera 30 metros à retaguarda e à esquerda do nazista. Imóvel, de pé, retirou o binóculo do estojo, examinando a floresta e a trilha. Não havia patrulhas. Recuou cautelosamente, amoldando cada movimento do corpo ao ambiente.

Quando se encontrava a três metros do alemão, que estava ajoelhado no solo, David abriu silenciosamente o coldre e retirou a pistola. Em tom áspero, embora polido, falou, em alemão:

— Fique onde está ou explodirei sua cabeça.

O nazista girou, buscando desajeitado a arma. Spaulding avançou rapidamente vários passos e com um pontapé arrancou-a de sua mão. O alemão fez menção de levantar-se, mas David atirou-lhe a pesada bota de couro contra a têmpora. O quepe do oficial caiu ao chão e sangue jorrou do ferimento, espalhando-se pelos cabelos e escorrendo pelo rosto. Estava inconsciente.

Abaixando-se, Spaulding abriu a túnica do nazista. Preso ao tórax do *berleutnant* havia uma pasta de viagem. Abrindo o zíper de aço da lona impermeabilizada, encontrou o que estava certo de encontrar.

As fotos das instalações secretas da Luftwaffe, ao norte de Mont-de-Marsan. Acompanhando-as, desenhos de armador que eram em essência, planos básicos. Esquemáticos, pelo menos. Tomados de Bergeron, que em seguida conduziu o alemão à cilada.

Se conseguisse entendê-los com a ajuda das fotos, alertaria Londres no sentido de que unidades de sabotadores pudessem executar a necessária destruição, imobilizando o complexo da Luftwaffe. Ele próprio enviaria as unidades.

Os estrategistas aéreos aliados ficavam doidos quando se tratava de bombardeios em massa. Os aviões mergulhavam do céu, reduzindo a poeira tudo o que fosse — e não fosse — o alvo, aniquilando tanto vidas inocentes como as do inimigo. Se Spaulding conseguisse impedir ataques aéreos ao norte de Mont-de-Marsan, estaria de certo modo, de maneira abstrata, compensando a decisão que precisava tomar naquele momento.

Não havia prisioneiros de guerra nas colinas galegas, nenhum centro de internamento na região basca.

O tenente da Wehrmacht, que se mostrara tão ineficaz no seu papel de caçador, que poderia viver uma existência tranqüila numa cidade alemã, num mundo em paz, precisava morrer. E ele, o homem de Lisboa, seria o executor. Faria o jovem oficial voltar a si e começaria a interrogá-lo, de faca em punho, a fim de saber até que ponto os nazistas haviam penetrado o *underground* em San Sebastian. Em seguida o mataria.

Afinal, o oficial da Wehrmacht vira o homem de Lisboa e poderia identificá-lo como David Spaulding.

O fato de que a execução seria misericordiosamente rápida — ao contrário da morte nas mãos dos *partisans* — não oferecia consolo a David. Sabia que, no instante em que puxasse o gatilho, o mundo giraria loucamente por um instante. Depois, ele se sentiria nauseado, todo o seu ser em estado de revulsão.

Mas não demonstraria coisa alguma. Nada diria, nada indicaria... silêncio. E a lenda continuaria a crescer. A lenda que fazia parte da engrenagem.

O homem de Lisboa era um assassino.

Wilhelm Zangen levou o lenço ao queixo, depois às narinas e finalmente à raiz dos cabelos. Transpirava abundantemente. Uma irritação formara-se na cisão do queixo, sob os lábios, agravada pela necessidade de barbear-se continuamente e pela constante pressão.

Sentia todo o rosto arder e seu embaraço agravou-se com as palavras de despedida de Franz Altmüller:

— Wilhelm, deveria consultar um médico. Não está nada atraente.

Com aquela frase de aparente solicitude, Altmüller levantara-se da mesa e dirigira-se à porta, a passos lentos, decididos, a pasta contendo relatórios segura com a ponta dos dedos, como se fosse algum apêndice doentio.

Haviam estado sozinhos. Altmüller despedira o grupo de cientistas sem reconhecer o menor progresso. Nem sequer permitira ao oficial do Reich para a indústria alemã agradecer a contribuição de todos. Altmüller tinha consciência de que ali se encontravam as maiores inteligências científicas da Alemanha, mas não sabia lidar com elas. Eram sensíveis, voláteis à sua maneira silenciosa, precisavam de elogios constantes. E ele não tinha paciência para o tato.

No entanto, houvera progresso.

Os laboratórios Krupp estavam convictos de que a solução se encontrava nas experiências com grafite. Essen trabalhava ininterruptamente havia quase um mês, os gerentes passando noites em claro, uma após outra. Haviam conseguido *produzir partículas de carbono* em tubos metálicos selados e estavam convictos de que esse carbono continha todas as propriedades exigidas para os instrumentos de precisão. Era uma simples questão de tempo; tempo para criar partículas maiores, o bastante para o teste de tolerância em maquinaria já existente.

Franz Altmüller escutara o grupo da Krupp sem o menor sinal de entusiasmo, embora nas circunstâncias ele se justificasse. Quando o representante da Krupp terminara o sumário, Altmüller fizera uma única pergunta, com a expressão mais entediada possível :

— Essas... partículas foram sujeitas a pressões de instrumentos operacionais?

Claro que não! Como poderiam ter sido? Haviam sido submetidas a pressões artificiais, sucedâneas; no momento era a única coisa possível.

A resposta era inaceitável. Altmüller despedira as inteligências mais criativas do Reich sem uma única frase de apreço, com mal disfarçada hostilidade.

— Senhores, trouxeram-me palavras. Não precisamos de palavras, precisamos de diamantes. Precisamos deles, *precisamos* obtê-los dentro de semanas. Dois meses no máximo. Sugiro que voltem aos seus laboratórios e reconsiderem o problema. Bom dia, senhores.

Altmüller era impossível!

Depois que os cientistas saíram, tornara-se ainda mais cortante.

— Wilhelm — dissera, em tom que raiava o desprezo —, era está a solução não-militar de que falou no Ministério dos Armamentos?

Por que não usara o nome de Speer? Seria necessário ameaçá-lo com títulos?

— É claro. Certamente mais realista do que aquela louca invasão do Congo. As minas do rio Bushimaie! Loucura!

— A comparação é odiosa. Eu o superestimei. Dei-lhe mais crédito do que merece. Deve compreender que fracassou.

Não era uma pergunta.

— Discordo. Os resultados ainda não chegaram. Não pode fazer tal julgamento.

— Posso e fiz! — Altmüller batera na mesa com a palma da mão, estalo de carne macia contra madeira rija. Intolerável insulto. — Não temos tempo! Não podemos perder semanas

enquanto os seus desajustados brincam nos laboratórios com bicos de gás incandescente, criando pedrinhas que se despedaçariam ao primeiro contato com o aço! Precisamos do *produto*!

— E terá! — o queixo de Zangen tornara-se um misto oleoso de suor e barba despontando.

— As maiores inteligências da Alemanha...

— *Estão fazendo experiências* — interrompera Altmüller, tranqüilamente, com desdenhosa ênfase. — Dê-nos o *produto*. Esta é a minha ordem. Nossas poderosas companhias têm longas histórias que datam de muitos anos. Uma delas deve ter com certeza um velho amigo.

Wilhelm Zangen secara o queixo. A irritação era uma agonia.

— Já examinamos essas áreas. Impossível.

— Examine novamente. — Altmüller apontara com o dedo elegante para o lenço de Zangen. — Wilhelm, deveria consultar um médico. Não está nada atraente.

24 de Setembro de 1943

NOVA YORK

Jonathan Craft, subindo a Park Avenue, consultou o relógio de pulso sob um poste de iluminação. Seus dedos longos e finos tremiam, último vestígio de um excesso de martínis que parara de tomar 24 horas antes, em Ann Arbor. Infelizmente, estivera embriagado nos três dias anteriores. Não fora ao escritório. De lá, haviam-lhe acenado com o General Swanson e ele não podia suportar tal lembrança. Agora, era forçado a isso.

Eram 20:45. Mais 15 minutos e entraria no número 800 da Park Avenue, sorria para o porteiro e entraria no elevador. Não queria chegar cedo e não ousava chegar atrasado. Estivera no apartamento sete vezes, e cada uma delas fora traumática para ele. Sempre a mesma razão: era portador de más notícias.

Mas precisavam dele. Era o homem impecável. Sua família era antiga, endinheirada. Frequentara as escolas certas, as melhores festas. Tinha acesso a áreas sociais e institucionais que os *negociantes* jamais pisariam. Não importava que estivesse preso em Ann Arbor. Era uma situação temporária, um inconveniente de tempo de guerra. Um sacrifício.

Regressaria a Nova York e à Bolsa tão logo aquela maldita situação estivesse encerrada. Precisava conservar em mente tudo aquilo, porque dentro de minutos teria que repetir as palavras que Swanson gritara para ele no escritório da Packard. Redigira um relatório confidencial da conversação... da inacreditável conversação... e o enviara a Howard Oliver, da Meridian. *Se você fez o que imagino, isso aparece sob o cabeçalho dos atos de traição! E estamos em guerra!*

Swanson.

Loucura.

Perguntou a si mesmo quantos estariam presentes. Era sempre melhor quando se tratava de um grupo, uns 12, por exemplo. Assim, discutiam entre si e ele ficava quase esquecido. Não a informação.

Deu volta ao quarteirão, inspirando profundamente, acalmando-se. . . matando 10 minutos. *Ato de traição!*

E estamos em guerra!

Seu relógio indicava cinco minutos para as nove. Entrou no edifício, sorriu para o porteiro, deu o número do pavimento ao cabineiro e, quando a porta metálica se abriu, penetrou no vestibulo particular do apartamento de cobertura.

O mordomo aceitou-lhe o sobretudo e conduziu-o através do *hall*. Transpondo uma porta, desceu os três degraus que levavam ao *living* rebaixado.

Havia apenas dois homens na sala. Craft sentiu imediatamente uma pontada no estômago, reação instintiva provocada em parte pelo fato de haver apenas mais duas pessoas presentes a essa conferência extremamente vital, mas, sobretudo, pela visão de Walter Kendall.

Kendall movimentava-se nas sombras, era um manipulador de personagens que se mantinha a distância. Cinquenta anos, estatura mediana, cabelos ralos e sujos, voz áspera e indistinta, aparência desleixada. Seus olhos agitavam-se continuamente, quase nunca retribuindo o olhar do interlocutor. Diziam que sua mente concentrava-se sem interrupção em esquemas e contra-esquemas. Aparentemente, sua finalidade na vida era manobrar de maneira a vencer os outros seres humanos — amigos ou inimigos, não fazia diferença para Kendall, pois ele não categorizava assim as pessoas.

Eram todos vagamente adversários.

Mas Walter Kendall era brilhante em tudo ó que fazia. Contanto que fosse mantido nos bastidores, suas manipulações serviam aos clientes. E resultavam em grandes quantias de dinheiro, que ele amealhava, o que provavam seus ternos mal ajustados, frouxos nos joelhos e no traseiro. Mas era conservado sempre nos bastidores. Sua presença significava crise.

Jonathan Craft desprezava Kendall porque este o assustava.

A presença do segundo homem era de se esperar, nas circunstâncias! Howard Oliver, o obeso representante da Meridian Aircraft junto aos contratos do Ministério da Guerra.

— Pontual — observou Walter Kendall, secamente, sentando s numa poltrona e estendendo a mão para retirar documentos de um» pasta imunda junto aos seus pés.

— Olá, Jon.

Oliver aproximou-se e trocou com ele um curto, neutro, aperto de mão.

— Onde estão os outros? — perguntou Craft.

— Ninguém mais virá — respondeu Kendall, com. um olhar furtivo para Oliver. — Howard tem que estar presente e eu sou pago para isso. Você teve uma maldita reunião com Swanson.

— Leu meu relatório?

— Leu — disse Oliver, aproximando-se de um carrinho metálico onde havia copos e garrafas. — Ele tem perguntas a fazer.

— Deixei tudo perfeitamente claro...

— Não são essas as perguntas — interveio Kendall, apertando a ponta do cigarro antes de levá-lo à boca. Quando acendia um fósforo, Craft dirigiu-se a uma poltrona de veludo diante do contabilista e sentou-se. Oliver servira-se de um uísque e permanecera de pé.

— Se quiser um drinque, Jon, sirva-se — disse Oliver.

À menção de álcool, Kendall relanceou dos papéis para o outro com olhos penetrantes.

— Não, obrigado — respondeu Craft. — Prefiro terminar isto o mais depressa possível.

— Como quiser. — Oliver fixou o contabilista. — Faça as suas perguntas.

Kendall, tirando baforadas do cigarro, falou, com a fumaça evolvendo das narinas:

— Esse Spinelli, da ATCO... Falou com ele depois que se reuniu com Swanson?

— Não. Nada havia a dizer. Nada que *eu* pudesse dizer. . . sem instruções. Como sabe, conversei com Howard pelo telefone. Ele me disse que esperasse. Escrevesse um relatório e nada fizesse.

— Craft é o contato com a ATCO — disse Oliver. — Não queria que ele saísse correndo, apavorado, tentando acalmar as coisas. Daria a impressão de estarmos ocultando algo.

— E estamos. — Kendall tirou o cigarro da boca, deixando cair cinza nas calças, e continuou a remexer calmamente nos papeis que tinha no colo. — Vamos examinar as queixas de Spinelli como Swanson as apresentou.

O contabilista tocou ligeiramente, de maneira concisa, em cada ponto aludido, cobrindo as declarações de Spinelli com respeito ao atraso nas entregas, transferência de pessoal, demora nos planos e uma dúzia de outras queixas menores. Craft respondeu com igual brevidade, dizendo o que sabia, declarando ignorância quando não podia responder. Não havia razão para esconder coisa alguma. Estava transmitindo instruções, não emitindo.

— Spinelli pode provar essas acusações? E não se iludam. São acusações, não queixas.

— Que *acusações*? — Oliver interveio, exaltado. — Aquele filho da mãe estragou tudo! Quem é ele para fazer acusações?

— Deixe disso — falou Kendall, com sua voz áspera. — Nada de brincadeiras. Deixe isso para uma comissão parlamentar, a menos que eu possa descobrir qualquer coisa.

As palavras de Kendall provocaram nova pontada no estômago de Craft. A perspectiva de desonra — ainda que remotamente associada a ele — arruinaria sua vida. A vida que esperava viver quando regressasse a Nova York. Os idiotas financeiros, os *negociantes*, jamais compreenderiam.

— Isso é exagerar... Kendall voltou-se para Craft.

— Talvez não tenha ouvido Swanson. Não é exagero. Vocês têm o contrato das Fortalezas porque seus projetos demonstraram que podiam fabricá-las.

— Um momento! — gritou Oliver. — Nós. . .

— Que se dane a fraseologia legal! — replicou Kendall, gritando mais ainda. — Minha firma. . . *eu*. . . certificamos aqueles projetos. Sei o que dizem e o que significam. Vocês deixaram a outra companhia em falta. Eles não diriam o que vocês disseram. Nem a Douglas, nem a Boeing, nem a Lockheed. Foram ambiciosos, conseguiram o que queriam e agora não estão fornecendo o que deviam... Qual é a novidade? Vamos voltar ao princípio: Spinelli pode provar o que disse?

— *Merda* — explodiu Oliver, dirigindo-se ao bar.

— Que quer dizer com provar? — perguntou Jonathan Craft, estômago em agonia.

— Há memorandos circulando por aí referentes a isto? — perguntou Kendall, batendo nas páginas.

— Bem... — Craft hesitou; não agüentava mais a dor de estômago. — Quando a transferência de pessoal foi realizada, os memorandos foram colocados no intercomunicador. . .

— A resposta é afirmativa — interrompeu Oliver, irritado, servindo-se de um drinque.

— E os cortes financeiros? Oliver interveio novamente:

— Esses, nós disfarçamos. As requisições de Spinelli perderam-se na circulação da papelada.

— Ele protestou? Escreveu memorandos?

— Isso é departamento de Craft — respondeu Oliver, bebendo quase todo o uísque de um só gole. — Spinelli é cria dele.

— Então. . . — Kendall fixou Craft.

— Bem, ele expediu diversas comunicações. — Craft inclinou-se para a frente, tanto para aliviar a dor como para parecer confidencial. — Retirei tudo dos arquivos — disse, em voz baixa.

— Cristo — explodiu Kendall. — Não me importa absolutamente o que você tenha removido. Ele tem cópias. Datas.

— Eu não saberia dizer...

— Não foi ele próprio quem datilografou os malditos memorandos, foi? Você não retirou também as malditas secretárias, retirou?

— Não precisa ofender...

— *Ofender!* Você é engraçado! Talvez lhe dêem um uniforme de listras elegantes em Leavenworth. — O contabilista bufou, voltando a atenção para Howard Oliver. — Swanson

pode armar um caso e enforçar você. Não é preciso ser advogado para perceber. Vocês não cumpriram. *Planejaram usar o sistema de orientação existente.*

— Só porque os novos giroscópios não puderam ser fabricados! Porque aquele maldito cientista se atrasou tanto que não conseguiu alcançar o resto da programação!

— E também porque isso poupou a vocês uns 200 milhões. . . Deveriam ter acionado as bombas e não cortado a água. São grandes patos numa galeria pequena. Até um cego conseguiria abatê-los.

Oliver pousou o copo e disse, lentamente:

— Não pagamos a você para fazer esse tipo de julgamento, Walter. É melhor descobrir outra coisa.

Kendall amassou o cigarro mutilado, dedos sujos cobertos de cinza.

— Já descobri. Vocês precisam de companhia. Estou em meio a uma questão muito emocional. Vai custar bastante, mas não têm opção. Precisam fazer acordos; telefonar para todo mundo. Comuniquem-se com a Sperry Rand, GM, Chrysler, Lockheed, Douglas, Rolls-Royce, se for preciso. . . qualquer filho da mãe que possua um laboratório de engenharia. Um programa intensivo de cunho patriótico. Distribuam seus dados, deixem a descoberto tudo o que possuem.

— Eles nos roubarão! — rugiu Oliver. — Milhões!

— Será mais caro se não agirem assim. . . Vou preparar estatutos financeiros suplementares. Colocarei tanto gelo nas páginas que levarão 10 anos para degelar. Isso também custará bastante.

Kendall sorriu, exibindo dentes sujos. Howard Oliver fixou o desleixado contabilista.

— É uma loucura — disse, em voz baixa. — Doaremos fortunas por algo que não pode ser adquirido porque não existe.

— Mas vocês disseram que existia. Você disse a Swanson que existia. Pelo menos, com muito maior segurança do que todos os outros. Venderam o seu vasto *know-how* industrial e, quando não conseguiram cumprir o prometido, procuraram desculpas. Swanson tem razão. Vocês são uma ameaça para o esforço de guerra. Deviam ser fuzilados.

Jonathan Craft fixou o sorridente contabilista de maus dentes e sentiu ânsias de vomitar. Mas ele era a única esperança.

5

25 de Setembro de 1913

STUTTGART, ALEMANHA

Wilhelm Zangen postou-se junto à janela que dava para a Reichssieg Platz, em Stuttgart, lenço no queixo inflamado, coberto de transpiração. Aquela parte da cidade fora poupada aos bombardeios: era residencial, até mesmo tranqüila. Avistava-se o rio Neckar ao longe, correndo mansamente, ignorando a destruição que desabara sobre o outro lado da cidade. Zangen percebeu que se esperava .que ele falasse, respondesse a von Schnitzler, que era o porta-voz da I. G. Farben. Os dois homens estavam tão ansiosos para ouvir suas palavras quanto Von Schnitzler. Não fazia sentido adiar. Precisava executar as ordens de Altmüller.

— Os laboratórios Krupp fracassaram. Diga o que disser Essen, não há tempo para experiências. O Ministério dos Armamentos deixou isto bem claro. Altmüller está decidido. Fala em nome de Speer.

— Voltando-se, fixou os três homens. — Considera-os responsáveis.

— Como é possível? — perguntou von Schnitzler, voz gutural, irada. — Corno podemos ser responsáveis por algo que desconhecemos? C ilógico. Ridículo!

— Desejam que eu transmita esse juízo ao Ministério?

— Eu próprio o transmitirei, obrigado — replicou von Schnitzler. — Farben não está envolvida nisto.

— Estamos todos envolvidos — disse Zangen, tranqüilamente.

— Como pode estar envolvida a nossa companhia? — perguntou Heinrich Krepps, diretor da Schreibwaren, o maior complexo gráfico da Alemanha. — Nosso trabalho em Peenemünde praticamente não existiu, e o que houve foi confundido absurdamente. Segredo é uma coisa; mentir para nós mesmos, outra diferente. Não nos inclua, *Herr* Zangen.

— Estão incluídos.

— Rejeito sua conclusão. Estudei nossas comunicações com Peenemünde.

— Talvez não esteja a par de todos os fatos.

— Tolice!

— É possível. No entanto. . .

— Tal condição dificilmente se aplicaria a mim, Sr. Oficial — falou Johann Dietricht, o herdeiro efeminado, de meia-idade, do império Dietricht Chemikalien. Sua família contribuía generosamente para os cofres nacional-socialistas de Hitler; quando o pai e o tio haviam morrido, Johann Dietricht permanecera à frente da empresa, mais de nome que de fato. — Nada ocorre em Dietricht que não seja do meu conhecimento. Nada temos a ver com Peenemünde!

Johann Dietricht sorriu, curvando os lábios grossos, pestanejando com olhos que traíam um excesso de álcool, sob as sobrancelhas aparadas, denunciando sua inclinação sexual — novo excesso. Zangen não suportava Dietricht. O homem — mera força de expressão — era uma vergonha, seu estilo de vida um insulto à indústria alemã. De novo pensou consigo mesmo que não valia a pena adiar. A informação não seria surpresa para von Schnitzler e Krepps.

— Há diversos aspectos da Dietricht Chemikalien de que não tem a menor idéia. Seus laboratórios vêm trabalhando solidamente para Peenemünde no campo da explosão química.

Dietricht empalideceu. Krepps interveio.

— Qual é o seu propósito, Sr. Oficial do Reich? Chamou-nos aqui só para nos insultar? Para dizer a nós, diretores, que não somos senhores de nossas companhias? Não conheço muito bem *Herr* Dietricht, mas asseguro-lhe que von Schnitzler e eu não somos fantoches.

Von Schnitzler estivera observando atentamente Zangen, notando que usava freqüentemente o lenço para secar o queixo, com gestos nervosos.

— Suponho que tenha informação específica, tal como a que acaba de prestar a *Herr* Dietricht, confirmando suas afirmativas.

— Tenho.

— Então, está dizendo que operações isoladas, no interior de nossas fábricas, nos foram ocultadas.

— Estou.

— Neste caso, como podemos ser considerados responsáveis? São acusações absurdas.

— Feitas por razões práticas.

— Está falando em círculos! — gritou Dietricht, que mal se recuperara do insulto de Zangen.

— Devo concordar — disse Krepps, como se a concordância com o homossexual fosse desagradável, porém obrigatória.

—Vamos, senhores! Preciso ser mais explícito? As companhias são *suas*. A Farben forneceu 83% de todos os produtos químicos para os foguetes; a Schreibwaren processou todas as plantas; a Dietricht, a maioria dos detonadores para os revestimentos de explosivos. Estamos em crise. Se não a solucionarmos, nenhum protesto de ignorância terá qualquer valor. Poderemos chegar ao ponto em que elementos do Ministério e de outros setores negarão que qualquer informação tenha sido sonegada. Enterraram coletivamente suas cabeças. E não tenho certeza de que tal juízo esteja errado.

— Mentira! — gritou Dietricht.

— Absurdo! — acrescentou Krepps.

— Mas repulsivamente prático — concluiu lentamente Schnitzler, fixando Zangen. — Então é isto que está nos dizendo, não é? O que diz Altmüller. Ou empregamos todos os nossos recursos na busca de uma solução — que vá em socorro do nosso *Schwachling* industrial — ou teremos que enfrentar disposição equilateral aos olhos do Ministério.

— E aos olhos do Führer. O julgamento do próprio Reich.

— Mas *como*? — perguntou o apavorado Johann Dietricht. Zangen recordou as palavras precisas de Altmüller.

— Suas companhias possuem longa história, que remonta a muitos anos. Associada e individual. Do Báltico ao Mediterrâneo, de Nova York ao Rio de Janeiro, da Arábia Saudita a Johannesburg.

— E de Xangai até a Malásia e aos portos da Austrália e da Tasmânia — falou em voz baixa von Schnitzler.

— Isso não nos interessa.

— Foi o que pensei.

— Está sugerindo, Sr. Oficial do Reich, que a solução de Peenemünde reside em nossas antigas associações?

Von Schnitzler inclinou-se para a frente, mãos e olhos sobre a mesa.

— É uma crise. Não podemos ignorar nenhuma saída. As comunicações podem ser facilitadas.

— Sem dúvida. Por que julga que se concretizariam? — continuou o diretor da I. G. Farben.

— Lucros — replicou Zangen.

— É difícil distribuí-los diante de um pelotão de fuzilamento. — Movimentando o corpo pesado, von Schnitzler voltou-se para a janela, pensativo.

— Supõe a realização de transações específicas. Refiro-me a atos de *omissão*.

— Esclareça, por favor. — O olhar de Krepps permaneceu sobre a mesa.

— Existem talvez 25 fontes aceitáveis de bort e diamantes carbonados — aceitáveis no sentido de se poder obter quantidade suficiente com uma só transação. África e América do Sul; um ou dois locais da América Central. Essas minas são dirigidas por companhias sob condições de extrema segurança. São inglesas, americanas, francesas, belgas... todos as conhecem. Os embarques são controlados, o destino investigado... Sugerimos que tais embarques sejam desviados, os destinos alterados em território neutro pelo expediente de se omitirem as precauções de segurança normais. Atos de incompetência, se quiserem. Erro humano, não traição.

— Enganos extraordinariamente proveitosos — observou von Schnitzler.

— Precisamente — respondeu Wilhelm Zangen.

— Onde se encontram homens assim? — perguntou Johana Dietricht, voz aguda.

— Em toda parte — retrucou Heinrich Krepps. Zangen enxugou o queixo com o lenço.

29 de Novembro de 1943
REGIÃO BASCA, ESPANHA

Spaulding correu pela colina até avistar os ramos convergentes das duas árvores. Era o ponto de referência. Voltando-se para a direita, começou a galgar o terreno íngreme, percorrendo aproximadamente 100 metros, a segunda marca. Dobrando para a esquerda, caminhou devagar em direção à vertente ocidental, corpo encurvado, olhos movimentando-se constantemente em todas as direções, pistola empunhada com firmeza.

Na encosta ocidental, procurou uma rocha única — entre tantas as que se espalhavam pela colina galega —, que fora lascada na parte inferior. Lascada cuidadosamente, com três entalhes. Era a terceira marca, a última.

Encontrou-a, avistando primeiro as três canas inclinadas na colina de mato rijo. Ajoelhando-se, consultou o relógio: 14:45.

Estava 15 minutos adiantado, conforme planejava. Dentro de um quarto de hora desceria a vertente ocidental, bem diante da rocha entalhada. Ali, encontraria uma pilha de gravetos. Sob a ramagem havia uma pequena caverna. Nessa caverna — se tudo houvesse corrido segundo os planos — estariam três homens. Um deles era membro de um grupo de infiltração. Os outros dois eram *Wissens-chaftler* — cientistas alemães ligados aos laboratórios Kindorf, do vale do Ruhr. Sua fuga era um objetivo havia muito planejado.

Os obstáculos eram sempre os mesmos.

Gestapo.

A Gestapo se apoderara de um agente do *underground* e estava à par dos *Wissenschaftler*. Mas, como era típico da elite SS, guardara o conhecimento para si mesma, à procura de caça mais importante do que dois insatisfeitos laboratoristas. Agentes da Gestapo haviam concedido aos cientistas ampla liberdade; falta de vigilância, as patrulhas do laboratório afrouxadas ao extremo da ineficiência, os interrogatórios de rotina abandonados. Contradições.

A Gestapo não era nem ineficaz nem descuidada. Os SS estavam armando uma cilada.

As instruções de Spaulding para o *underground* haviam sido secas, simples: que armassem a cilada. Não encontrariam caça na rede.

A notícia de que os cientistas, com um passe de fim-de-semana para Stuttgart, estavam na realidade viajando para o norte, através da rede do *underground* que conduzia a Bremerhaven, infiltrou-se até ele. Em Bremerhaven o contato seria feito por intermédio de um oficial da Marinha alemã, comandante de uma pequena unidade, que realizaria uma dramática fuga em direção aos aliados. Era do conhecimento geral que a Marinha alemã fervilhava de revoltosos. Era o campo de recrutamento das facções anti-hitleristas que surgiam por todo o Reich.

A notícia daria a todos o que pensar, raciocinou Spaulding. E a Gestapo seguiria dois homens que supunha serem os *Wissenschaftler* de Kindorf quando na verdade não passavam de patrulheiros de segurança da Wehrmacht, homens de meia-idade, enviados para uma falsa vigilância.

Jogos e contra-jogos.

Tanta coisa estranha. Os interesses em expansão do homem de Lisboa.

Aquela tarde era uma concessão. Exigida pelo *underground* alemão. Ele teria que fazer sozinho o contato. Dizia o *underground* que o homem de Lisboa havia provocado um excesso de complicações; havia muita margem para erro e contra-infiltração. Não havia,

pensou David, mas se uma missão isolada acalmasse os nervosos estômagos dos anti-reichistas, a concessão era bastante pequena.

Ele possuía seu próprio grupo de Valdero, a meio quilômetro de distância, nas colinas. Dois disparos e viriam em sua ajuda nos cavalos castelhanos mais velozes que se poderia encontrar.

Era o momento. Poderia descer à caverna para o contato final.

Deslizou pela superfície rija, os calcanhares mergulhando na terra e nas rochas da íngreme ribanceira, até se encontrar acima da pilha de ramos e gravetos que ocultavam a entrada do esconderijo. Tomando um punhado de terra solta, atirou-o na folhagem.

A resposta veio de acordo com as instruções: a rápida batida de um graveto contra os ramos empilhados. O bater de asas de pássaros afastados de uma moita.

Spaulding desceu rapidamente até a base do esconderijo e postou-se junto à camuflagem.

— *Alles in Ordnung. Kommen Sie.* — Disse, em voz baixa e firme. — Não resta muito tempo para a viagem.

— *Halt!* — foi o inesperado grito vindo da caverna.

David girou nos calcanhares, encostou-se à colina e ergueu o Colt. A voz do interior tornou a falar, desta vez em inglês.

— É... Lisboa?

— Por Deus, sim! Não faça isso! Acabará com um tiro na cabeça! — Cristo, pensou Spaulding, o grupo de infiltração deveria ter usado uma criança, um imbecil, ou ambos, como mensageiro. — Saiam.

— Peço desculpas, Lisboa — disse a voz, quando os ramos se separaram e os gravetos foram deslocados. — Passamos por maus momentos.

O mensageiro surgiu. Era óbvio que não se tratava de ninguém treinado por David. Baixo, musculoso, não teria mais que 25 ou 26 anos e seus olhos refletiam medo e nervosismo.

— No futuro, não responda a um sinal e depois interrogue a pessoa no último momento — disse Spaulding. — A menos que pretenda matá-lo. *Er ist Schwarztuch-chiffre.*

— *Was ist das?* Negro...

— Faixa negra, amigo. Não é do seu tempo. Significa: confirme e liquide. Não tem importância, mas não faça mais isso. Onde estão os outros?

— Lá dentro. Estão bem. Muito cansados e com medo, mas não feridos. — O mensageiro voltou-se, afastando outros ramos. — Saiam. É o homem de Lisboa.

Os dois apavorados cientistas, homens de meia-idade, saíram cautelosamente da caverna, pestanejando à luz do sol quente e ofuscante. Fixaram David Com gratidão e o mais alto falou, em inglês hesitante:

— Este é um momento... que estamos aguardando. Os nossos muito obrigados.

Spaulding sorriu.

— Bem, ainda não estamos livres. *Frei.* Ambos os sentidos se aplicam. São homens corajosos. Faremos todo o possível por vocês.

— Não restava... *nichts* — disse o mais baixo. — Meu amigo é socialista... *Politik*... era impopular. Minha falecida mulher era... *eine Jüdin*.

— Filhos?

— *Nein* — respondeu o homem. — *Gott sei dank.*

— Eu tenho um filho — disse friamente o cientista mais alto. — *Er ist... Gestapo.*

Nada mais havia a dizer, pensou Spaulding. Voltando-se para o mensageiro, que observava as colinas e a floresta abaixo daquele ponto, falou:

— Eu assumo de agora em diante. Volte à Base Quatro o mais depressa possível. Temos um grande contingente vindo de Koblenz dentro de alguns dias e precisamos de todos. Descanse um pouco.

O mensageiro hesitou. David conhecia aquela expressão. Vira-a muitas vezes. Era a do homem que passaria a viajar sozinho. Sem companhia, agradável ou desagradável. Sozinho.

— Não foram estas as minhas instruções, Lisboa. Devo ficar com você...

— Por quê? — interrompeu Spaulding.

— Minhas instruções...

— De quem?

— Dos que se encontram em San Sebastian. *Herr* Bergeron e seus homens. Não foi informado?

David fixou o mensageiro. O medo transformara-o num mau mentiroso. Ou talvez fosse outra coisa. Algo completamente inesperado por não ser lógico; àquela altura, não poderia sequer remotamente ser considerado. A menos que...

David concedeu aos jovens nervos abalados do mensageiro o benefício da dúvida. Um benefício, não uma exoneração. Isso viria mais tarde.

— Não, não me informaram. Vamos. Seguiremos para o campo Beta. Ficaremos lá até amanhecer.

Spaulding fez um gesto e os quatro puseram-se a percorrer a falda da colina.

— Nunca trabalhei tão ao sul — disse o mensageiro, postandose atrás de David. — Não viaja à noite, Lisboa?

— Às vezes — respondeu Spaulding, voltando-se para olhar os cientistas que caminhavam lado a lado. — Não quando posso evitar. À noite, os bascos atiram indiscriminadamente. E soltam uma porção de cães.

— Compreendo.

— Vamos caminhar em fila. Coloque-se atrás dos nossos convidados — disse ao mensageiro.

Os quatro caminharam vários quilômetros para leste. Spaulding mantinha o passo rápido; os cientistas não se queixavam, mas era óbvio que achavam difícil a viagem. Por diversas vezes, David disse aos outros que permanecessem onde se encontravam, enquanto ele penetrava a floresta em diversos setores, voltando minutos depois. Cada vez que assim agia, os cientistas descansavam, gratos pelas pausas. Mão o mensageiro. Parecia apavorado — como se o americano não pretendesse voltar. Spaulding não estimulava conversa, mas após cada desaparecimento o jovem alemão não conseguia conter-se.

— Que é que está fazendo? — perguntava.

David fitava o *Widerstandskämpfer* e sorriu.

— Recolhendo mensagens.

— Mensagens?

— Há pontos marcados ao longo do nosso caminho. Estabelecemos locais para deixar informação que não queremos transmitir pelo rádio. Demasiado perigoso, caso interceptado.

Prosseguiram por uma trilha estreita na orla do bosque até alcançarem uma interrupção na floresta basca. Era uma pastagem em plano mais baixo, dominada por colinas. Os *Wissenschaftler* transpiravam fortemente, respiração arquejante, pernas doloridas.

— Descansaremos aqui por algum tempo — disse Spaulding, para evidente alívio dos cientistas. — É tempo de fazermos contato.

— *Was ist los?* — perguntou o jovem mensageiro. — Contato?

— Ajustando a nossa posição — respondeu David, tirando do bolso da jaqueta um pequeno espelho metálico. — Os vigias ficarão descansados se souberem que estamos aqui... Se você trabalhar no norte — o que vocês chamam de sul — é melhor não esquecer nada disto.

— Não esquecerei.

David captou o reflexo do sol no espelho e dirigiu-o a uma colina do norte. Fazendo uma série de movimentos com o pulso, agitou a placa metálica com precisão ritmada.

Segundos após veio a resposta, a meia altura da colina mais elevada, ao norte. Cintilações de luz emergiram de um ponto infinitesimal na verde distância. Spaulding voltou-se para os outros.

— Não vamos para Beta. Há patrulhas falangistas na área. Ficaremos aqui até recebermos sinal de que o caminho está livre.

O basco vigoroso recolheu o espelho da mochila. Seu companheiro continuava com o binóculo focalizado no campo, vários quilômetros abaixo, onde o americano e seus três companheiros estavam sentados no chão.

— Ele disse que estão sendo seguidos. Que devemos tomar contraposições e nos mantermos escondidos — disse o do espelho metálico. — Vamos buscar os cientistas amanhã à noite. Ele dará o sinal.

— Que é que ele vai fazer?

— Não sei. Disse que avisássemos Lisboa. Permanecerá nas colinas.

— É um homem frio — comentou o basco.

2 de Dezembro de 1943

WASHINGTON, D.C.

Alan Swanson encontrava-se no assento traseiro do carro militar, fazendo o possível por conservar a calma. Olhava pela janela — o tráfego matutino era tranqüilo. A imensa força de trabalho de Washington encontrava-se nos seus destinos; máquinas roncavam, telefones tocavam, homens gritavam e murmuravam por toda parte, tomando o primeiro drinque do dia. A exaltação aparente nas primeiras horas do dia de trabalho descaía com a aproximação do meio-dia. As 11:30 muito gente pensava que a guerra era uma chateação e sentia-se entediada com suas tarefas mecânicas, com as infindáveis duplicatas, triplicatas, quadruplicatas. Não conseguiam compreender a necessidade da penosa logística, da disseminação de informes para as inúmeras cadeias de comando.

Não podiam compreender por que não viam o quadro geral, apenas fragmentos, repetidas estatísticas. Claro que se sentiam entediados.

E cansados. Como ele estivera havia 14 horas, em Pasadena, Califórnia.

Tudo saía errado.

A Meridian Aircraft iniciara — fora *forçada* a iniciar — Um programa intensivo, mas os maiores cientistas do país não conseguiam eliminar os erros existentes na caixinha que continha o sistema de orientação. Os minúsculos esferóides não funcionavam corretamente nas altitudes máximas. Revelavam-se erráticos; absolutos neste segundo, indignos de confiança no próximo.

E o mais infinitesimal desvio poderia resultar numa colisão em pleno ar entre aeronaves gigantescas. E com os números projetados para os bombardeios em massa, antecipando Overlord — planejado para ter início dentro de quatro meses —, as colisões ocorreriam.

Mas naquela manhã tudo parecia diferente.

Seria diferente se houvesse substância no que lhe haviam dito. Não conseguira dormir no avião, mal se alimentara. Ao pousar em Andrews, correria ao seu apartamento de Washington, tomara banho de chuveiro, fizera a barba, trocara de uniforme e ligara para sua mulher, em Scarsdale, onde ela passava uns tempos com a irmã. Não recordava a conversa que se estabelecera entre eles; as costumeiras frases de carinho estavam ausentes, as perguntas eram distraídas. Ele não tinha tempo para ela.

O carro militar enveredou pela estrada da Virgínia e acelerou. Iam a Fairfax; chegariam em 20 minutos, mais ou menos. Em menos de meia hora, descobriria se o impossível seria, pelo contrário, inteiramente possível. A notícia chegara no momento da execução; a cavalaria surgira nas colinas distantes — toques abafados de clarim anunciando reforços. Abafados, na verdade, pensou Swanson, quando o automóvel saiu da estrada principal, enveredando por uma secundária. Em Fairfax, que ocupava 200 acres em plena região de caça, havia uma área isolada abrigando cabanas Quonset, ao lado de um imenso radar e torres de rádio que se projetavam do solo como deformidades gigantescas. Era o Comando da Divisão de Operações Clandestinas; depois das salas subterrâneas da Casa Branca, era o local mais sensível de processamento dos serviços de informação aliados. Na tarde anterior, o comando da Fairfax recebera confirmação de uma investigação desde muito abandonada como negativa. Viera de Johannesburg, África do Sul. Não fora comprovada, mas havia evidência suficiente para se acreditar que seria. Os giroscópios direcionais de elevada altitude haviam sido aperfeiçoados. Seus planos poderiam ser obtidos.

2 de Dezembro de 1943
BERLIM, ALEMANHA

Altmüller saiu velozmente de Berlim pela estrada de Spandau, em direção a Falkensee, no Duesenberg esporte. Era de manhã cedo e o ar estava frio e agradável.

Sentia-se tão exaltado que perdoou os planos teatralmente secretos do Nachrichtendienst, código da seleta unidade do serviço de espionagem, conhecida somente de alguns dos ministros mais importantes e de raros no próprio alto comando. Uma especialidade Gehlen. Por esta razão, jamais organizava reuniões em Berlim. Eram sempre fora da cidade, em alguma área remota, isolada, e, além disso, numa casa particular, ao abrigo de uma potencial curiosidade.

Naquela manhã, o local era Falkensee, vinte e poucos quilômetros a noroeste de Berlim. O encontro seria numa casa de hóspedes da propriedade pertencente a Gregor Strasser.

Altmüller voaria até mesmo para Stalingrado se o que lhe haviam dito fosse verdade.

O Nachrichtendienst encontrara a solução para Peenemünde!

A solução *era real*; cabia a outros apressá-la.

A solução que escapara a grupos de "negociadores" enviados a todas as partes do mundo para explorar — ressuscitar — "relações" anteriores à guerra. Capetown, Dar es Salaam, Johannesburg, Buenos Aires. . .

Fracasso.

Nenhuma companhia, nenhum indivíduo se mostrara desejoso de fazer negociações com os alemães. A Alemanha estava iniciando uma luta de morte. E seria derrotada.

Era esta a opinião de Zúrique. E o que Zúrique considerava exato o mundo dos negócios internacionais não discutia.

Mas o Nachrichtendienst descobrira outra verdade.

Era o que lhe haviam dito.

O poderoso motor do Duesenberg acelerou-se, alcançando alta velocidade; a folhagem de outono passava, reduzida a manchas indistintas.

Os portões de pedra da propriedade de Strasser surgiram à esquerda, com a águia de bronze da Wehrmacht encimando cada coluna. O carro enveredou pela comprida e tortuosa alameda, detendo-se num portão guardado por dois soldados e ferozes cães pastores. Altmüller atirou seus documentos ao primeiro guarda, que evidentemente estava esperando-o.

— Bom dia, *Herr Unterstaatssekretar*. Siga pela alameda da direita por favor, até além da casa principal.

— Os outros já chegaram?

— Estão à espera, senhor.

Altmüller ultrapassou a casa principal e, chegando a um declive da alameda, diminuiu a velocidade. Para além da curva cercada de árvores ficava a casa de hóspedes; mais parecia um chalé de caça que uma residência — pesados toros de madeira nas paredes, como se fizesse parte da floresta.

No pátio coberto de saibro viam-se quatro limusines. Estacionou e saltou, puxando a túnica, verificando as lapelas, a ver se estavam empoeiradas. Muito erecto, dirigiu-se à porta.

Não se usavam nomes durante as conferências do *Nachrichtendienst*; caso as identidades fossem conhecidas — e tinham que ser —, nunca eram mencionadas numa reunião. Cada qual se dirigia ao seu igual com um olhar e ao grupo com um gesto.

Não havia uma comprida mesa de conferências, como Altmüller esperava; nada de disposição formal de lugares regida por um desconhecido protocolo. Em vez disso, meia dúzia de homens de seus 50 ou 60 anos, em trajes informais, reunidos na pequena sala de teto elevado à maneira bávara, conversando tranquilamente, tomando café. Altmüller foi recebido como "*Herr Unterstaatssekretar*" e avisado de que a reunião seria breve. Teria início com a chegada da última pessoa aguardada.

Altmüller aceitou uma xícara de café e procurou ajustar-se ao ambiente descontraído. Não conseguiu. Queria protestar, exigir uma discussão séria e imediata. Será que não *compreendiam*?

Mas era assim no *Nachrichtendienst*. Não se gritava. Não se exigia.

Finalmente, após o que pareceu uma eternidade ao seu estômago em revolta, Altmüller ouviu um automóvel parar diante do chalé. Instantes após, a porta abriu-se e ele quase deixou cair a xícara de café. Conhecia o homem que entrou, por tê-lo visto algumas vezes em que acompanhara Speer a Berchtesgarden. Era o criado do Führer, mas naquele momento não tinha a aparência servil de um subalterno.

Sem qualquer aviso, os homens silenciaram. Vários sentaram-se em poltronas; outros encostaram-se à parede ou então permaneceram ao redor da mesa de café. Um homem idoso, com pesado casaco de *tweed*, postou-se diante da lareira e falou. Dirigia-se a Franz, que se colocou isolado por detrás de um sofá de couro.

— Não há razões para discussão prolongada. Acreditamos possuir a informação que procura. Digo "acreditamos" porque recolhemos informação, não agimos. O Ministério talvez não se interesse pela ação.

— Isso me parece inconcebível — disse Altmüller.

— Muito bem. Várias perguntas, agora, para que não haja desentendimentos, má interpretação. — O velho fez uma pausa para acender um gordo *meerschaum*. — Esgotaram todos os canais normais de informação? Através de Zurique e Lisboa?

— Esgotamos. E em numerosos outros locais, ocupados, inimigos e neutros.

— Referia-me aos condutos reconhecidos — suíços, escandinavos e portugueses, principalmente.

— Não fizemos nenhum esforço especial nos países escandinavos. *Herr Zangen* julgou que...

— Nada de nomes, por favor. Exceto no setor de confrontação de informação ou de conhecimento público. Utilizem descrições governamentais, se quiserem. Nada individual.

— O Reichsamt da Indústria, que tem contatos constantes com a região do Báltico, está convicto de que ali nada temos a ganhar. Suponho que as razões sejam geográficas. Não há diamantes no Báltico.

— Ou foram queimados com demasiada freqüência — falou um discreto senhor de meia-idade, junto a Altmüller, sentado no sofá de couro. — Se quiserem que Londres e Washington saibam o que estão fazendo, antes mesmo de fazê-lo, entrem em contato com os escandinavos.

— Uma análise precisa — acrescentou outro membro da Nachrichtendienst, que se encontrava junto à mesa, xícara de café em punho. — Voltei de Estocolmo na semana passada. Não podemos confiar nem sequer nos que nos apóiam publicamente.

— Nesses, menos ainda — falou o velho que se achava diante da lareira, sorrindo e voltando o olhar para Franz. — Podemos supor que tenha feito ofertas substanciais? Em moeda suíça, naturalmente.

— Substanciais é palavra modesta para as cifras que mencionamos — replicou Altmüller.

— Serei franco. Ninguém chegará até nós. Os que poderiam concordam com a opinião de Zurique, segundo a qual seremos derrotados. Temem represálias. Falam até em reclamações de depósitos bancários no pós-guerra.

— Se tais murmúrios chegarem ao Alto Comando haverá pânico.

A declaração foi feita com um gracejo peio criado do Führer, sentado numa poltrona. O velho da lareira prosseguiu:

— Assim, é preciso eliminar o dinheiro como incentivo. . . mesmo extraordinárias quantias de dinheiro.

— Os termos das negociações não foram bem sucedidos. Todos sabem.

Altmüller conteve a irritação. Por que não chegavam ao que interessava?

— E não há desertores ideologicamente motivados no horizonte. Não que tenham acesso aos diamantes industriais, com certeza.

— É óbvio, *mein herr*.

— Então, precisam procurar outro motivo. Outro incentivo.

— Não percebo a finalidade. Disseram-me. . .

— Perceberá — interrompeu o velho, batendo com o cachimbo na lareira. — Descobrimos um pânico tão grande quanto o de vocês...

— O pânico do inimigo. Encontramos o motivo mais lógico para todos os interessados. Cada lado possui a solução do outro.

Franz Altmüller sentiu um súbito medo. Não estava bem certo de ter entendido todas as implicações do que o homem dissera.

— Que disse?

— Peenemünde aperfeiçoou um sistema de orientação direcional para grandes altitudes, não é exato?

— Certamente. Indispensável à operação básica dos foguetes.

— Mas não haverá foguetes — ou, no máximo, uns poucos — sem remessas de diamantes industriais.

— É evidente.

— Há interesses industriais nos Estados Unidos que enfrentam problemas insolúveis. . .

— o velho fez pausa de um segundo preciso e continuou — *insolúveis*, que só podem ser resolvidos pela aquisição de giroscopios funcionais de alta altitude.

— Está sugerindo. . .

— O Nachrichtendienst não sugere, *Herr Unterstaatssekretar*. Apresenta os fatos. — O velho tirou o cachimbo dos lábios. — Quando surge a ocasião, transmitimos informação concreta de diversas fontes. Insisto, só fatos concretos. Foi o que fizemos em Johannesburg. Quando o elemento da I. G. Farben, enviado para adquirir diamantes das minas Koenig, não obteve resultado, interviemos e confirmamos uma antiga investigação do Serviço de Informação, que seria transmitida a Washington, nós sabíamos. Nossos

agentes da Califórnia nos tinham avisado da crise na indústria aeronáutica. Cremos que a ocasião seja propícia.

— Não sei se compreendi. . .

— A menos que estejamos enganados, será feita uma tentativa de restabelecer contato com os elementos da Farben. Supomos que as contingências foram feitas para tais possibilidades.

— Claro. Genebra. Os canais costumeiros.

— Então, nossa parte neste negócio está encerrada, senhor. Desejamos uma agradável viagem de volta a Berlim.

2 de Dezembro de 1943

FAIRFAX, VIRGÍNIA

O interior da Quonset desmentia o despojado exterior. Para começar, era cinco vezes mais ampla que a costumeira estrutura Quonset, e sua armação metálica fora isolada com material que absorvia os sons e se projetava sem emendas do chão ao teto elevado. Parecia menos um hangar de aviões — o que deveria ter sido — que uma imensa concha sem janelas, de paredes substanciais. Ao redor do imenso recinto havia bancas de painéis de rádio de complicada alta-freqüência; diante de cada painel havia molduras de vidro com dúzias de mapas minuciosos, alteráveis ao toque de um botão. Suspensos acima dos mapas, viam-se delicados braços de aço fino — marcadores semelhantes a agulhas de polígrafo — manipulados pelos radioperadores e observados por homens que empunhavam fichários. Toda a equipe era militar, do Exército, e não havia um só abaixo de primeiro-tenente.

Três quartos da construção eram ocupados por uma parede que ia do chão ao teto e que evidentemente não constituía o final da estrutura. Havia uma única porta no centro. Estava fechada e era de aço pesado.

Swanson nunca estivera no interior daquela construção. Fora conduzido diversas vezes à Divisão Fairfax para ser informado de descobertas altamente classificadas pelo Serviço de Informação e para observar o treinamento de equipes de particular insurgência ou de espionagem — mas, apesar de seu posto de general-de-brigada e dos segredos que conservava na cabeça, não recebera autorização para penetrar naquela construção. Os autorizados permaneciam dentro do recinto de 200 acres semanas seguidas, ou até meses. As licenças eram raras e gozadas apenas em caráter de emergência e sob escolta. Era fascinante, pensou Swanson, que acreditava sinceramente ter perdido toda a capacidade de surpreender-se. Não havia elevadores nem escadas nem janelas, notou uma porta de lavatório na parede da esquerda e, mesmo sem entrar, concluiu que era ventilado artificialmente. E havia uma única entrada. Uma vez no interior, o sujeito não se podia esconder por qualquer período de tempo, nem sair sem ser verificado e examinado. Os itens pessoais eram deixados na entrada; nenhuma pasta, envelope, papel ou material podia sair do chalé sem autorização assinada do Coronel Edmund Pace e com o coronel pessoalmente ao lado do indivíduo em questão.

Se houvesse segurança total, era ali que se encontrava.

Swanson aproximou-se da porta de aço; sua escolta, um tenente, comprimiu um botão. Uma luzinha vermelha brilhou sobre o intercomunicador da parede e o tenente falou:

— General Swanson, coronel.

— Obrigado, tenente — foram as palavras que saíram do círculo gradeado sob a luz. Ouviu-se um clique na fechadura e o tenente estendeu a mão para a maçaneta.

O gabinete de Pace parecia qualquer outra sala de comando da Informação — imensos mapas nas paredes, luzes fortes iluminando-os e mapas ajustáveis pelo premir de botões instalados na escrivaninha. Havia teletipos equidistantes sob sinais impressos designando os teatros de operação — todo o equipamento costumeiro. Exceto o mobiliário em si. Este era tão simples que chegava às raias do primitivo. Nada de poltronas, sofás, algo confortável. Simples metal; cadeiras de encosto reto, escrivaninha que era mais uma mesa, e chão sem tapetes, de madeira. Era uma sala para atividade concentrada; ninguém podia relaxar em tal ambiente.

Edmund Pace, da Divisão de Campanha, Fairfax, levantou-se, deu volta à mesa e cumprimentou Alan Swanson.

Havia uma outra pessoa na sala, um civil. Frederic Vandamm, Subsecretário de Estado.

— General. Prazer em revê-lo. A última vez em que nos encontramos foi na casa do Sr. Vandamm, se bem me lembro.

— Sim, foi. Como vão as coisas por aqui?

— Um tanto isolados.

— Sem dúvida. — Swanson voltou-se para Vandamm. — Sr. Subsecretário? Vim o mais depressa possível. Inútil dizer o quanto estou ansioso. Foi um mês difícil.

— Eu sei — falou o aristocrático Vandamm, sorrindo cautelosamente enquanto apertava a mão de Swanson. — Vamos direto ao assunto.. Coronel Pace, gostaria de esclarecer o general, conforme combinamos?

— Sim, senhor. Depois eu me retiro.

Pace falava em tom neutro. Era a maneira de um militar transmitir a outro a mensagem: *cuidado*.

Aproximou-se de um mapa da parede, cheio de marcas. Era a ampliação de determinado setor de Johannesburg, África do Sul. Frederic Vandamm sentou-se na cadeira diante da escrivaninha e Swanson, acompanhando Pace, postou-se junto dele.

— Nunca se sabe quando um sinal será captado. Ou onde. — Tomando um indicador de madeira que se encontrava sobre a mesa, indicou um ponto azul no mapa. — Ou mesmo se a localização é importante. Neste caso, talvez seja. Há uma semana, um membro da legislatura de Johannesburg, advogado e ex-diretor das Minas Koenig Ltda., foi procurado por elementos que julgamos pertencerem ao Zürich Staats-Bank. Queriam que ele servisse de intermediário numa negociação com Koenig. Uma simples transação de francos suíços por diamantes — em larga escala, com a antecipação de que o padrão de diamante permaneceria mais constante que as flutuações do ouro. — Pace voltou-se para Swanson.

— Até aqui, tudo bem. Com os sistemas *lend-lease* e monetário transformando-se em fumaça por toda parte, há muita especulação no mercado de diamantes. Seria possível realizar grandes negociatas no pós-guerra. Tendo aceito o contato, pode imaginar seu choque quando, ao chegar para a reunião, descobriu que um dos "suíços" era um velho amigo — um velho e bom amigo — de antes da guerra. Um alemão que fora seu colega de escola. A mãe do *afrikaner* era austríaca; o pai, bôer. Os dois haviam-se mantido em estreito contato até 1939. O alemão trabalhava para a I. G. Farben.

— Qual a finalidade do encontro? — Swanson estava impaciente.

— Chegarei lá. Este *background* é importante.

— Muito bem. Continue.

— Não havia especulação de diamantes, nem qualquer transação com um banco de Zurique. Tratava-se de uma simples compra. O homem da Farben queria adquirir grandes remessas de bort e carbonado...

— Diamantes industriais? — interrompeu Swanson. Pace fez que sim.

— Ofereceu uma fortuna ao seu velho amigo, sob o compromisso de que ele conseguisse realizar o negócio. O *afrikaner* recusou, mas sua velha amizade com o alemão impediu-o de denunciar o incidente. Até três dias passados.

Pace abandonou o indicador e dirigiu-se à sua mesa. Swanson compreendeu que o coronel possuía informação adicional, informação escrita, e que precisava consultá-la. E instalou-se numa cadeira ao lado da de Vandamm.

— Há três dias — prosseguiu Pace, de pé diante da escrivaninha — procuraram novamente o *afrikaner*. Desta vez não houve tentativa de ocultar identidades. O visitante era alemão e possuía a informação que os aliados desejavam. Vinham desejando desde muito tempo.

— O sinal? — perguntou Swanson, impaciência no tom de voz.

— Não exatamente o que esperávamos... O alemão disse que iria ao escritório do *afrikaner*, mas este se protegeu. Disse ao advogado que, se fizessem qualquer tentativa para seqüestrá-lo, seu velho amigo da I. G. Farben seria executado na Alemanha. — Pace tomou uma folha de papel que se encontrava na mesa e, inclinando-se, passou-a a Swanson. — Esta é a informação, o relatório enviado por um correio.

Swanson leu as palavras datilografadas sob o cabeçalho do Serviço de Informação Militar; acima, via-se um carimbo que dizia: "ALTAMENTE SECRETO. SÓ PARA SER VISTO. FAIRFAX 4-0"

"28 de nov. de 1943, Johannesburg. Confirmado por Nachrichtendienst. Giroscopios direcionais subestratosféricos aperfeiçoados. Todos os testes positivos. Peenemünde. Contato subsequente: Genebra. Contingente Johannesburg."

Swanson deixou que a informação penetrasse, relendo várias vezes o comunicado. A Edmund Pace fez uma pergunta de uma só palavra:

— Genebra?

— O contato. Canal neutro. Não oficial, é claro.

— Que é este Nachrichtendienst?

— Unidade de informação. Pequena, especializada; tão especializada que se encontra acima dos círculos mais secretos. Nós nos perguntamos às vezes se ela toma partido. Com frequência, parece mais interessada em observar que participar. Mais preocupada com o pós-guerra que com o presente. Desconfiamos que se trata de uma operação Gehlen. Mas nunca se engana. Nunca orienta mal.

— Compreendo.

Swanson entregou o papel a Pace.

O coronel não o aceitou. Em vez disso, rodeou a escrivaninha, em direção à porta de aço.

— Agora, deixarei os senhores. Quando terminarem, por favor, apertem o botão branco da minha escrivaninha.

Abrindo a porta, saiu rapidamente. A pesada armação de aço fechou-se de maneira estanque. Um estalido subsequente foi emitido pela fechadura.

Frederic Vandamm fixou Swanson.

— Aí está a sua solução, general. O giroscópio. Basta mandar um homem a Genebra. Alguém quer vendê-lo.

Alan Swanson fixou o papel em suas mãos.

Altmüller fixou o papel em sua mão. Passava de meia-noite, a cidade estava mergulhada em escuridão. Berlim suportara outra noite de bombardeio arrasador; não haveria outros até o final da manhã seguinte, de acordo com o padrão habitual. Contudo, as cortinas negras estavam bem cerradas nas suas janelas, como em todo o Ministério.

A rapidez era tudo naquele momento. No entanto, na rapidez do planejamento, as precauções obrigatórias não poderiam ser abandonadas. O encontro em Genebra seria apenas o primeiro passo, o prelúdio, mas precisava ser planejado com toda a delicadeza. Não era tanto *o que* seria dito como *quem* o diria. *O que* poderia ser transmitido por qualquer pessoa com as credenciais adequadas ou a autoridade reconhecida. Mas, no evento do colapso alemão, aquele *alguém* não poderia representar o Terceiro Reich. Speer mostrara-se irredutível.

E Altmüller compreendia: se perdessem a guerra, o traidor não poderia ser relacionado com o Reichsminister. Ou com os líderes de que a Alemanha precisaria na derrota. Em 1918, depois de Versailles, houvera recriminações internas em massa. A polarização era profunda, sem peias, e a paranóia nacional relativa às traições internas havia lançado as bases para o fanatismo da década de 20. A Alemanha não conseguira aceitar a derrota, não podia tolerar a destruição de sua identidade pelos traidores.

Desculpas, é claro.

Mas as perspectivas de uma repetição, por mais remotas que fossem, precisavam ser evitadas a todo custo. O próprio Speer mostrava-se um fanático no assunto. O representante em Genebra teria que ser uma figura isolada do Alto Comando. Alguém dos círculos da indústria alemã, de maneira alguma associado com os líderes do Terceiro Reich. Alguém sacrificável.

Altmüller tentara apontar a inconsistência na manipulação de Speer: os planos do giroscópio de grande altitude dificilmente poderiam ser entregues a uma mediocridade sacrificável dos círculos industriais alemães. Peenemünde estava enterrada — literalmente enterrada; suas medidas de segurança militar eram absolutas.

Mas Speer não quisera escutar e Altmüller compreendera subitamente a lógica do Reichsminister. Ele transferia o problema exatamente para onde lhe competia: para aqueles cujas mentiras e hipocrisia tinham levado Peenemünde à beira do desastre. E, como em tantas outras coisas do Reich em guerra — a mão-de-obra, os campos de morte, os massacres —, Albert Speer convenientemente olhava para o outro lado. Queria resultados positivos, mas não podia sujar a túnica.

Naquele caso em particular, pensou Altmüller, Speer tinha razão. Se houvesse riscos de grande desgraça, que os corresse a indústria alemã. Que os homens de negócio alemães assumissem completa responsabilidade.

Genebra era vital apenas no sentido em que servia de introdução. Palavras cautelosas seriam pronunciadas e estas poderiam — ou não — conduzir ao segundo estágio da inacreditável negociação.

O estágio dois era geográfico: o local da troca, caso esta se realizasse.

Na semana anterior, Altmüller pouco mais fizera, dia e noite, senão concentrar-se no assunto. Estudava o problema do ponto de vista do inimigo, tanto quanto do próprio. Sua mesa de trabalho estava coberta de mapas, ostentava pilhas de relatórios descrevendo minuciosamente os climas políticos de todos os territórios neutros do mundo.

Afinal, o local tinha que ser neutro; não havia salvaguardas suficientes que ambos os lados pudessem investigar e respeitar. E talvez o mais importante é que a transação precisava ser realizada a milhares de quilômetros de distância das esferas de poder do inimigo.

Distância.

Remoto.

Mas com os meios de comunicação instantânea. América do Sul. *Buenos Aires*.

Uma escolha inspirada, pensou Franz Altmüller. Os americanos a considerariam vantajosa. Era improvável que a rejeitassem. Buenos Aires possuía muito do que cada inimigo considerava seu; ambos exerciam enorme influência, mas nenhum dos dois detinha verdadeira autoridade.

O terceiro estágio, conforme ele o concebia, ocupava-se do fator humano, definido pela palavra "*Schiedsrichter*".

Árbitro.

Um homem que fosse capaz de supervisionar a troca, bastante poderoso no território neutro para elaborar a logística. Alguém que parecesse imparcial e, acima de tudo, aceitável para os americanos.

Buenos Aires possuía tal homem.

Um dos erros gigantescos de Hitler.

Chamava-se Erich Rhinemann, judeu, forçado ao exílio, perseguido pela insana máquina publicitária de Goebbels, terras e companhias expropriadas pelo Reich.

Essas terras e companhias, ele não as transformara em ouro antes que a tempestade desabasse. Eram uma pequena percentagem de seus bens, o suficiente para aplacar os gritos enlouquecidos da imprensa anti-semita, mas pouco mais que um lanho na sua imensa riqueza.

Erich Rhinemann vivia em esplendoroso exílio em Buenos Aires, a fortuna segura nos bancos suíços, com interesses em expansão em toda a América do Sul. E o que pouca gente sabia era que Rhinemann era um fascista mais dedicado que a camarilha de Hitler. Era um ditador em tudo o que fosse financeiro e militar, um elitista em relação à condição humana. Era um construtor de impérios que permanecera estranhamente — estoicamente — silencioso.

E tinha as suas razões.

Seria devolvido à Alemanha, fosse qual fosse o resultado da guerra. Ele o sabia.

Se o Terceiro Reich saísse vitorioso, o edito asinino de Hitler seria revogado — como o seria o poder do Führer caso ele continuasse a se desintegrar. Se a Alemanha fosse derrotada — como pretendia Zurique — o talento de Rhinemann e suas contas suíças seriam necessários para reconstruir a nação.

Mas tudo isso estava no futuro. Era o presente que importava, e no momento Erich Rhinemann era judeu, forçado ao exílio por seus compatriotas, inimigos de Washington.

Seria aceitável para os americanos.

E cuidaria dos interesses do Reich em Buenos Aires.

Os estágios dois e três, na opinião de Altmüller, pareciam bastante claros. Mas ficariam sem sentido caso não houvesse um acordo em Genebra. O prelúdio precisava ser bem tocado pelos instrumentos menores.

O que se tornava preciso era o homem para ir a Genebra. Um indivíduo que ninguém pudesse ligar aos líderes do Reich, mas que possuísse um certo prestígio no mercado.

Altmüller fixava os documentos sob a lâmpada da escrivaninha. Tinha os olhos cansados, todo ele estava cansado, mas sabia que não podia sair daquele gabinete ou dormir até tomar uma decisão.

Sua decisão; era somente sua. A ser aprovada por Speer, na manhã seguinte, com um simples relance. Um nome. Nenhuma discussão. Alguém imediatamente aceitável.

Jamais saberia se haviam sido as cartas de Johannesburg ou o processo inconsciente de eliminação, mas seus olhos fixaram-se num nome e ele o rodeou com um círculo. E percebeu imediatamente que se tratava, mais uma vez, de uma escolha inspirada.

Johann Dietrich, o irado herdeiro das Dietrich Fabriken; o repulsivo homossexual dado a excessos alcoólicos e ao pânico súbito. Um membro inteiramente sacrificável da comunidade industrial.

Até o mais cínico relutaria em considerá-lo um elemento de ligação do Alto Comando.
Uma mediocridade sacrificável.
Um mensageiro.

5 de Dezembro de 1943
WASHINGTON, D.C.

As pancadas graves do relógio da lareira marcaram sombriamente a hora. Eram seis da manhã e Alan Swanson olhou pela janela os prédios escuros de Washington. Seu apartamento ficava no décimo segundo andar e proporcionava uma ampla vista da capital, especialmente das janelas do *living*, onde se encontrava, de roupão e descalço.

Contemplara a paisagem de Washington durante quase toda a noite, nos últimos três dias. Deus sabia que, quando conseguia dormir era perseguido por súbitos pesadelos e brusco despertar; e encontrava sempre o travesseiro úmido, absorvendo a constante transpiração que lhe cobria os poros da nuca.

Se sua mulher estivesse presente, insistiria em que ele se internasse no Walter Reed para um *checkup*. Insistiria tanto que ele acabaria submetendo-se. Mas ela não estava presente; Alan se mostrara inflexível. Ela deveria permanecer com a irmã em Scarsdale. A natureza de suas atividades no momento era tal que ele não tinha tempo para a mulher. Ela, esposa de militar, compreendia; alguma seria crise estava ocorrendo e o marido não podia suportar, além disso, as suas pequeninas exigências. Ele não gostava que ela o observasse em tais situações; e sabia que ela não desconhecia isso. Ela ficaria em Scarsdale.

Oh, meu Deus! Era inacreditável!

Ninguém dissera tais palavras. Talvez ninguém sequer permitisse a si mesmo pensá-las. Era isso, naturalmente. Os poucos — os bem poucos — que tinham acesso aos dados desviavam os olhos e a mente da decisão derradeira. Cortavam a transação ao meio, recusando-se a reconhecer a parte final do acordo. Aquela metade, os outros que cuidassem, não eles.

Como o velho aristocrata Frederic Vandamm havia feito.

Aí está a sua solução, general. Seu sistema de orientação. Em Peenemünde... Alguém quer vendê-lo.

Era só.

Compre.

Ninguém queria saber do preço. Este era insignificante... que outros se preocupassem com os detalhes. Em circunstância alguma — *nenhuma circunstância* — os detalhes insignificantes seriam discutidos! Seriam simplesmente providenciados.

Tradução: á cadeia de comando dependia da execução de ordens gerais. Não exigia — repito — *não* exigia excessiva elaboração, esclarecimento ou justificativa. Especificações eram anatematizadas; consumiam tempo. E, segundo a santa escritura militar, os mais altos escalões não tinham tempo. Mas que diabo, homem, havia a guerra! Era preciso dar atenção às grandes questões militares!

O lixo seria remexido por subalternos, cujas mãos talvez ficassem ocasionalmente malcheirosas em consequência dessas tarefas inferiores, mas era para isso que existia a Cadeia de comando.

Compre!

Não temos tempo. Nossos olhos estão voltados para o outro lado. A mente, ocupada com outras coisas.

Execute a ordem por sua própria iniciativa, como um bom soldado que compreende a cadeia de comando. Ninguém indagará; é o resultado que importa. Todos sabemos disso. A cadeia de comando, meu velho.

Loucura.

Por *estranha coincidência*, uma pista do Serviço de Informação era devolvida por um homem de Johannesburg, através do qual se buscara a aquisição de diamantes industriais. Uma compra na qual uma fortuna em moeda suíça fora oferecida pela I. G. Farben, o gigante dos armamentos do Terceiro Reich.

Peenemünde possuía o sistema de orientação. Estava disponível. Por determinado preço.

Não seria preciso uma grande inteligência para descobrir qual.

Diamantes industriais.

Loucura.

Por razões inconfessáveis, a Alemanha precisava desesperadamente de diamantes. Por razões bastante claras, os aliados precisavam desesperadamente do sistema de orientação a grande altitude.

Uma troca entre inimigos em meio à mais feroz guerra da história da humanidade.

Loucura. Ultrapassava toda compreensão.

E o General Alan Swanson afastou-a de sua imediata. . . totalidade

A pancada única do relógio significava um quarto de hora. Aqui e ali, por todo o emaranhado de concreto escuro, luzes eram acesas em pequeninas janelas. Uma claridade cinza-avermelhada começou a dominar a escuridão do céu; vagos contornos de nuvens já podiam ser distinguidos.

Nas grandes altitudes.

Swanson afastou-se da janela em direção ao sofá da lareira e sentou-se. Doze horas atrás — 11 horas e 45 minutos, para ser exato — dera o primeiro passo da remoção.

Delegara a loucura ao local que lhe competia: aos homens que haviam criado a crise, cujas mentiras e manipulações tinham levado Overlord ao precipício da obscenidade.

Dera ordens a Howard Oliver e Jonathan Craft para estarem no seu apartamento às seis horas. Doze horas e 15 minutos atrás. Telefonara na véspera, deixando bem claro que não toleraria desculpas. Se transporte fosse problema, ele resolveria, mas precisavam estar em Washington, em seu apartamento, às seis horas.

Denúncia seria uma alternativa viável.

Chegaram precisamente às seis, quando as pancadas do relógio da lareira começavam a soar. Naquele momento, Swanson compreendeu que lidava com o poder absoluto. Homens como Oliver e Craft — Oliver, especialmente — não revelariam tal pontualidade a menos que estivessem com medo. Não seria cortesia, com certeza.

A transferência fora feita com total simplicidade.

Havia um número de telefone em Genebra, Suíça. Havia um homem naquele número que responderia a uma determinada frase em código, reunindo duas partes disparatadas, agindo como intérprete, se necessário. Ficava entendido que a segunda pessoa — para finalidades de definição — tinha acesso a um sistema de orientação aperfeiçoado para grandes altitudes. A primeira pessoa, por sua vez, teria conhecimento — talvez acesso — a carregamentos de diamantes industriais. As minas Koenig de Johannesburg seriam um bom ponto de partida.

Era esta a informação que receberiam.

Recomendava-se que o Sr. Oliver e o Sr. Craft agissem imediatamente, nela baseados.

Se deixassem de fazê-lo, acusações extremamente sérias, incluindo fraude individual e corporativa nos contratos de armamentos, seriam apresentadas pelo Ministério da Guerra.

Seguiu-se um longo período de silêncio. As implicações da declaração — com todas as suas ramificações — foram gradualmente aceitas por ambos.

Alan Swanson acrescentara então a sutil confirmação de suas piores perspectivas: o escolhido para ir a Genebra não poderia ser ninguém conhecido dele. Nem de algum elemento de ligação do Ministério da Guerra com qualquer das companhias. Isto era o mais importante.

O encontro de Genebra seria experimental. Quem quer que fosse a Suíça deveria ser pessoa competente e, se possível, capaz de perceber um logro. Evidentemente, um homem que praticasse o logro.

Isso não seria difícil para eles, nos círculos por onde andavam. Deviam conhecer alguém assim, com certeza.

Conheciam. Um contabilista chamado Walter Kendall.

Swanson consultou o relógio da lareira. Seis e vinte.

Por que o tempo passava tão devagar? Por outro lado, por que não se detinha? Por que não se detinha o mundo inteiro debaixo do sol? Por que seria preciso atravessar a noite?

Dentro de uma hora estaria no seu gabinete e tomaria discretas providências para que Walter Kendall fosse transportado por canais neutros a Genebra, Suíça. Ele colocaria as ordens numa bolsa azul, misturada com dezenas de outras diretivas de transporte e licenças de viagem. Não haveria assinatura nas ordens, apenas o carimbo oficial da Divisão de Campanha Fairfax, procedimento-padrão no caso.

Cristo!, pensou Swanson. Se pudesse haver controle... sem *participação*.

Mas sabia ser impossível. Mais cedo ou mais tarde ele teria que enfrentar a realidade do que havia feito.

8

6 de Dezembro de 1943

REGIÃO BASCA, ESPANHA

Estivera no norte oito dias. Não esperava permanecer tanto tempo, mas sabia ser necessário... um dividendo inesperado. O que começara como uma fuga rotineira de dois cientistas do vale do Ruhr transformara-se em algo diferente.

Os cientistas eram uma isca a ser sacrificada. Isca da Gestapo. O mensageiro que possibilitara a fuga do Ruhr não era membro do *underground* alemão. Era da Gestapo.

Spaulding levava três dias para se certificar absolutamente. O elemento da Gestapo era um dos melhores que ele havia encontrado, mas seus erros seguiam um padrão: ele não era um mensageiro experiente. Depois que se certificou, David compreendeu exatamente o que era preciso fazer.

Durante cinco dias conduziu seu companheiro do *underground* através de colinas e passos das montanhas em direção ao leste, até a Sierra de Guará, quase 50 quilômetros distante das rotas de fuga clandestinas. Penetrou em aldeias remotas, "conferenciou" com homens que sabia serem falangistas — mas que não o conheciam — e então disse ao homem da Gestapo que se tratava de *partisans*. Viajou por estradas primitivas, desceu o rio Guayardo, explicando que eram aquelas as rotas de fuga... Ao contrário do que acreditavam os alemães, as rotas ficavam para o *leste*, em direção ao Mediterrâneo e não ao Atlântico. Esta confusão era a razão primordial do êxito da rede dos Pireneus. Em duas ocasiões enviara o nazista a cidades, em busca de mantimentos — e ambas as vezes seguira-o, observando que o homem da Gestapo entrava em prédios de onde saíam os espessos cabos telefônicos.

A informação estava sendo transmitida para a Alemanha, razão suficiente para o investimento de cinco dias adicionais. Os interceptadores alemães estariam durante meses

concentrados no sistema das rotas para o *leste* e a rede em direção peste ficaria relativamente desimpedida.

Mas o jogo estava para terminar. E era tempo. Tinha trabalho a fazer em Ortegá, na costa de Biscaia.

A pequena fogueira estava reduzida a cinzas, a noite era fria. Spaulding consultou o relógio. Eram duas da manhã. Ordenara ao "mensageiro" que ficasse de guarda a distância do acampamento, longe do clarão da fogueira. Na escuridão. Dera ao homem da Gestapo bastante tempo e isolamento para agir, mas o alemão não agira. Permanecera no seu posto.

Tanto melhor, pensou David. Talvez ele não fosse tão hábil quanto julgara. Ou talvez a informação que seus homens das colinas haviam transmitido não fosse correta. Não havia pelotão de soldados alemães — suspeitava-se que fossem tropas alpinas — descendo a montanha para aprisionar o agente da Gestapo.

E ele também.

Aproximou-se do rochedo onde o alemão estava sentado.

— Vá descansar. Eu fico de vigia.

— *Danke* — disse o alemão, levantando-se. — Primeiro, exigências da natureza. Preciso aliviar os intestinos. Vou levar uma pá até o campo.

— Vá para o bosque. Os animais pastam lá fora e o vento transmite.

— É claro. Você é meticoloso.

— Procuro ser.

O alemão voltou à fogueira, procurando sua mochila. Tomando uma pá de campanha, enveredou para o bosque que contornava o campo. Spaulding observou-o, certo agora de que sua primeira impressão fora correta. O agente da Gestapo era um perito. Não esquecera que seis dias atrás os dois cientistas do Ruhr haviam desaparecido durante a noite, quando ele estava cochilando. David percebera a fúria nos seus olhos e sabia que o nazista recordava agora o incidente.

Se Spaulding estivesse avaliando corretamente a situação do momento, o homem da Gestapo aguardaria pelo menos uma hora pelo relógio, para certificar-se de que ele, David, não estava entrando em contato com *partisans* invisíveis na escuridão. Só depois daria o sinal que atrairia as tropas alpinas para a floresta, rifles apontados.

Mas o homem da Gestapo cometera um erro. Aceitara com demasiada pressa e sem comentários a afirmativa de Spaulding sobre o campo, o vento, e a sugestão de utilizar a floresta.

Haviam chegado ao campo no final da tarde; era árido, mato crestado, escarpa rochosa. Nenhum animal pastaria ali, nem mesmo cabras.

E não soprava vento algum. O ar da noite estava frio, mas parado.

Um mensageiro experiente teria objetado, sem dúvida com bom humor, que de maneira alguma utilizaria a floresta mergulhada na escuridão. Mas o agente da Gestapo não pudera resistir à oportunidade gratuita de fazer seu próprio contato.

Se é que tal contato existia, pensou Spaulding. Verificaria dentro de poucos minutos.

David aguardou 30 segundos depois que o homem desapareceu na floresta. Então, atirou-se rapidamente ao solo e começou a rolar afastando-se do rochedo e descrevendo um ângulo agudo a partir do ponto em que o mensageiro penetrara a floresta.

Tendo percorrido cerca de 10 metros no mato rasteiro, ergueu-se e correu agachado, para a orla do bosque, calculando estar a uns 50 metros do alemão.

Penetrou silenciosamente a densa folhagem, diminuindo a distância entre os dois. Não o avistava ainda, mas sabia que em breve o encontraria.

E então viu. O sinal do alemão. Um fósforo foi riscado, protegido e rapidamente extinguido. Mais outro. Este queimou vários segundos e depois foi soprado rapidamente.

Das profundezas do bosque vieram duas respostas rápidas e separadas. Dois fósforos riscados em direções opostas.

David calculou a distância em cerca de 30 metros. O alemão, não familiarizado com a floresta basca, permanecera próximo à orla do campo. Os homens para quem fizera sinal estavam se aproximando. Spaulding — sem emitir som que perturbasse o murmúrio do bosque — aproximou-se também.

Ouviu murmúrios de vozes. Distinguia apenas palavras isoladas, mas era o bastante.

Voltou rapidamente pelo mato rasteiro, até o ponto onde penetrara entre as árvores, e correu para o posto de sentinela, o rochedo. Retirando uma pequena lanterna de bolso da jaqueta, fincou dedos separados no mato rasteiro e voltou-a para sudoeste, comprimindo o botão cinco vezes, em rápida sucessão. Em seguida, recolocou a lanterna no bolso e aguardou.

Não teria muito a esperar.

E não teve.

O alemão saiu do bosque, carregando a pá e fumando um cigarro. A noite estava escura, a lua aparecia somente a intervalos por entre espessas nuvens. A escuridão era quase total. David levantou-se do rochedo e fez sinal, com um curto assobio, para que o alemão se aproximasse.

— Que é, Lisboa?

Spaulding falou em voz baixa duas palavras:

— *Heil* Hitler.

E mergulhou a baioneta curta no estômago do nazista, inclinando-a para baixo e matando-o instantaneamente.

O corpo caiu ao chão, fisionomia contorcida; o único som foi um arquejo, um princípio de grito, bloqueado por dedos rígidos mergulhados na boca e fazendo pressão para baixo, como a faca, impedindo a passagem do ar.

David correu pela vegetação até a orla do bosque, para um ponto à esquerda de onde o penetrara anteriormente, mais próximo, embora não muito, do local onde o nazista falara em cochichos com seus dois companheiros. Mergulhou numa moita de folhagens de inverno e, quando a lua surgiu de repente através das nuvens, permaneceu imóvel por vários segundos, à escuta de qualquer som de alarma.

Não ouviu nenhum. A lua tornou a esconder-se, a escuridão voltou. O corpo no campo não fora avistado na rápida claridade. E este fato revelou a David um ponto muito importante.

Se houvesse tropas alpinas no bosque, não se encontravam na orla. Se existissem não estariam concentradas no campo.

Estavam à espera, reunidas em outras direções.

Ou apenas à espera.

Pondo-se de joelhos, afastou-se rapidamente para oeste pelo mato espesso, flexionando o corpo e os membros de maneira a amoldar-se a cada curva da folhagem, fazendo ruídos compatíveis com os murmúrios da floresta. Chegou ao ponto em que os três homens haviam conferenciado minutos antes, sem sentir qualquer presença, sem ver coisa alguma. Tirando do bolso uma caixa de fósforos à prova de umidade, separou dois. Riscou o primeiro e, no instante em que ardeu, soprou-o. Em seguida, riscou o segundo e permitiu que ardesse um instante a mais antes de extinguí-lo.

A cerca de 12 metros avistou uma chama de fósforo em resposta, diretamente ao norte.

Quase simultânea foi a segunda resposta. Esta, a oeste, talvez a uns 15 ou 20 metros.

Nada além disso.

Mas o suficiente.

Spaulding arrastou-se rapidamente pela floresta, em diagonal, na direção nordeste. Não percorreu mais que uns três metros, agachando-se junto ao tronco de uma velha árvore corroída pelas formigas.

Aguardou. Enquanto esperava, retirou do bolso da jaqueta um arame fino, curto, flexível, tendo em cada extremidade uma peça de madeira que se adaptava à mão humana.

O soldado alemão fazia muito ruído para um alpino, pensou David. Caminhava apressado, ansioso para atender à ordem inesperada. Isso revelou outra coisa: o agente da Gestapo que ele matara era um homem exigente. Significava ainda que os demais soldados deveriam permanecer em posição, aguardando ordens. Haveria um mínimo de iniciativa individual.

Não havia tempo para pensar neles naquele momento. O soldado alemão estava passando pelo tronco da árvore.

David saltou silenciosamente, o arame erguido com ambas as mãos. O laço tombou sobre o capacete; o recuo foi tão veloz e brutal que o arame cortou a carne do pescoço de maneira absoluta.

De novo, só se ouviu um sopro de ar.

David Spaulding ouvira aquele som tantas vezes que já não o fascinava como antigamente. Silêncio.

Em seguida, o inconfundível quebrar de arbustos; passos pisando solo desconhecido, rápidos, impacientes — produzidos pela mesma sofreguidão que cometera o homem morto a seus pés,

Spaulding colocou o arame ensangüentado novamente no bolso e retirou a baioneta curta da bainha presa ao cinto. Sabia não haver razão para pressa; o terceiro homem estaria esperando, confuso, assustado talvez... Provavelmente não, se fosse alpino. As tropas alpinas eram mais rijas que a Gestapo. Dizia-se que eram escolhidas primordialmente por laivos de sadismo. Eram robôs que podiam viver em passos das montanhas, cultivando suas hostilidades em gelado isolamento até receberem ordens de atacar.

Não havia dúvida alguma de que dava um certo prazer matar um alpino, pensou David.

A engrenagem.

Adiantou-se, faca erguida.

— *Wer? . . . Wer ist dort?* — murmurou agitado o vulto na escuridão.

— *Hier, mein Soldat* — respondeu David, mergulhando a baioneta no peito do alemão.

Os *partisans* desceram das colinas. Eram cinco, quatro bascos e um catalão. O líder era basco, vigoroso e franco.

— Você nos obrigou a uma viagem absurda, Lisboa. Por três vezes pensamos que estava louco. Mãe de Deus! Viajamos 50 quilômetros.

— Os alemães viajarão várias vezes isso, garanto. Que há no norte?

— Uma fileira de alpinos. Vinte, talvez. De seis em seis quilômetros, bem na fronteira. Deixaremos que fiquem sentados nas suas fezes?

— Não — respondeu Spaulding, pensativo. — Matem-nos. . . todos, exceto os últimos três. Forcem-nos a voltar. Confirmarão o que queremos que a Gestapo acredite.

— Não compreendo.

— Nem precisa.

David aproximou-se da fogueira moribunda e chutou os carvões. Precisava comunicar-se com Ortegá. Não pensava em outra coisa.

Súbito, percebeu que o robusto basco o havia seguido. Encontrava-se do outro lado da fogueira reduzida; queria dizer qualquer coisa. Fitando David com firmeza, falou, ao reflexo das chamas:

— Achamos que devia saber, agora. Descobrimos como os miseráveis fizeram contato há oito dias.

— Que é que você está dizendo? — Spaulding sentia-se irritado. Cadeias de comando na região norte eram, no melhor dos casos, um risco calculado. Receberia os relatórios escritos. Não queria conversa. Queria dormir, acordar e chegar a Ortegá. Mas o basco parecia ofendido e isso não convinha. — Continue, amigo.

— Não contamos antes. Pensamos que, se estivesse com raiva, agiria com precipitação.

— Como? Por quê?

— Foi Bergeron.

— Não acredito. . .

— É exato. Pegaram-no em San Sebastian. Não falou com facilidade, mas conseguiram. Dez dias de tortura... fios no aparelho genital, entre outros artifícios que incluíam injeções de droga. Soubemos que morreu cuspendo neles.

David fixou o homem e percebeu que aceitava a informação sem qualquer emoção. *Sem emoção*. E essa falta de emoção foi um aviso para ficar alerta. Treinara o homem chamado Bergeron, vivera com ele nas colinas, conversara horas infindáveis de coisas que somente o isolamento faz surgir entre os homens. Bergeron lutara com ele, sacrificara-se por sua causa. Bergeron era o maior amigo que jamais tivera no norte..

Dois anos atrás, a notícia o teria mergulhado num acesso de fúria. Teria esmurrado a terra e exigido uma missão para além da fronteira, uma vingança.

Um ano atrás ter-se-ia afastado do portador da notícia, exigindo alguns minutos a sós. Um breve silêncio para considerar, sozinho, o homem que entregara a sua vida e as lembranças que aquele outro conjurava.

No entanto, nada sentia naquele momento.

Nada, absolutamente.

E era horrível não sentir nada, absolutamente. — Não cometa novamente esse erro — disse ao basco. — Da próxima vez me conte. Eu não ajo com precipitação.

9

13 de Dezembro de 1943

BERLIM, ALEMANHA

Johann Dietricht movimentou o corpo volumoso na poltrona de couro, diante da escrivaninha de Altmüller. Eram 22:30 e ele não jantara; não houvera tempo. O vôo em Messerschmitt, de Genebra, fora desconfortável, assustador; além do mais, encontrava-se em estado de exaustão aguda, fato que apontou diversas vezes ao Unterstaatssekretar.

- Compreendemos tudo aquilo por que passou, *Herr* Dietricht. E o extraordinário serviço que prestou ao seu país — Altmüller falava com solicitude. — Só precisaremos de mais alguns minutos e depois será conduzido aonde desejar.

— Um restaurante decente, se é que se pode encontrar algum aberto a esta hora da noite — replicou Dietricht, petulante.

— Pedimos desculpas por tê-lo trazido às pressas. Talvez uma noite agradável, uma refeição realmente bem preparada. *Schnapps*, boa companhia. Deus sabe o quanto merece. . . Há uma hospedaria a vários quilômetros da cidade. Frequência restrita, em geral jovens tenentes da Força Aérea, em treinamento. A cozinha é excelente.

Não havia necessidade de Johann Dietricht retribuir a expressão sorridente de Altmüller. Aceitava certas coisas como inerentes ao seu estilo de vida. Fora sempre tratado com atenção. Era um homem muito importante e os outros invariavelmente procuravam agradá-lo. Como *Herr* Altmüller procurava agradá-lo naquele momento.

— Talvez seja uma forma de relaxar. Foi um dia horrível. Dias, na verdade.

— Claro, se tiver outra. . .

— Não, não. Aceito a sua recomendação. . . Vamos logo, está bem?

— Muito bem. Repitamos diversos pontos para que não haja margem de erro. . . O americano não se mostrou preocupado com respeito a Buenos Aires?

— Ficou satisfeítíssimo. Homem nojento. Incapaz de fitar a pessoa nos olhos, mas sabia o que dizia. Simplesmente nojento. As roupas, até as unhas. Sujeito sujo!

— Sim, claro. Mas não terá interpretado mal?

— Meu inglês é fluente. Compreendo até as nuances. Ele ficou muito satisfeito. Percebi que servia a uma dupla finalidade: era distante — milhares de quilômetros — e numa cidade nominalmente controlada por interesses americanos.

— Sim, antecipamos tal reação. Ele possuía autoridade para confirmá-lo?

— Sim, certamente. Sem dúvida. Apesar de suas maneiras grosseiras, era óbvio que detinha uma posição muito elevada, decisiva. Indiscutivelmente ardiloso, mas bastante ansioso para fazer a troca.

— Discutiram, ainda que periféricamente, os motivos' um do outro?

— Era inevitável! Esse Kendall foi muito direto. Uma questão financeira, pura e simplesmente. Não havia outras considerações. E acredito nele de forma total. Só fala em cifras. Reduz tudo a números! Duvido que tenha capacidade para qualquer outra coisa. Sou extremamente sensível.

— Contamos com isso. E Rhinemann? Ele também é aceitável?

— Isso não importa. Apontei-lhe o risco calculado que estamos correndo, num esforço para afastar suspeitas; disse-lhe que Rhinemann se encontrava em exílio forçado. Kendall só se impressionou com a riqueza de Rhinemann.

— E o elemento tempo. Precisamos ser profundamente minuciosos. Vamos repetir as datas projetadas. Seria desastroso se eu cometesse um erro. Segundo entendi, o americano possuía estimativas das exigências para a remessa de carbonado e bort. . .

— Sim, sim — interrompeu Dietricht, como se esclarecesse uma criança. — Afinal, ele não tinha a menor idéia do que precisávamos. Combinei o máximo, naturalmente; não havia muita diferença na questão de tempo. Eles precisam desviar carregamentos do ponto de origem; há risco excessivo no confisco das remessas existentes.

— Creio que não compreendi. Poderia ser um ardil.

— Estão presos em suas próprias medidas de segurança. Há um mês, todos os repositórios de diamantes possuem controles excessivos, dezenas de assinaturas para cada quilo. Extrair o que precisamos seria manobra maciça, conduzindo à denúncia.

— O inconveniente de uma operação democrática. Os subalternos são investidos de responsabilidade. E, uma vez esta recebida, é difícil retirá-la. Incrível.

— Conforme disse o tal Kendall: havia um excesso de perguntas, um excesso de pessoas envolvidas. Seria muito complicado. A segurança deles está cheia de gente complicada.

— Somos obrigados a aceitar as condições — disse Altmüller, com resignação, em benefício próprio, não de Dietricht. — E o tempo calculado para esses desvios de remessa são quatro a seis semanas. Não pode ser antes?

— Certamente. Se estivermos dispostos a processar nós mesmos o minério.

— Impossível. Acabáramos com toneladas de resíduos inúteis. Precisamos do produto acabado, naturalmente.

— Lógico. Deixei isto bem claro.

— Parece-me uma demora desnecessária. Preciso procurar inconsistências, *Herr* Dietricht. Disse que esse Kendall era ardiloso. . .

— Mas ansioso. Disse também que ele estava ansioso. Fez uma analogia que confirmou suas declarações. Disse que seu problema era nada menos que o de um homem

penetrando nos cofres nacionais, no estado de Kentucky, e saindo com caixas de lingotes de ouro... Terminamos?

— Quase. O contato em Genebra receberá o nome do homem de Buenos Aires? O homem com quem faremos contato?

— Sim, dentro de três ou quatro dias. Kendall acreditava que seria um cientista chamado Spinelli. Um especialista em giroscópio?

— O título pode ser posto em dúvida, creio. É italiano?

— Mas civil.

— Compreendo. Era de se esperar. Os planos serão submetidos a exame, naturalmente. Restam agora os cheques e contracheques que cada qual empregará no momento da troca. Uma dança ritual.

— *Ach!* Isso é para a sua gente. Já estou fora. Fiz a contribuição inicial e, segundo creio, a mais importante.

— Não há dúvida. E suponho que tenha correspondido à confiança do Führer, transmitida por este Gabinete. Não falou a ninguém da viagem a Genebra?

— A ninguém. A confiança do Führer não foi traída. Ele bem sabe. Como meu pai e seu irmão, meu tio, a lealdade e a obediência dos Dietricht é inabalável.

— Ele o mencionou várias vezes. Assunto encerrado, *mein herr*.

— Ótimo! Foi de destroçar os nervos!... Aceitarei sua recomendação do restaurante. Se quiser providenciar, telefonarei chamando meu carro.

— Como quiser, mas posso com facilidade mandar o meu chofer particular transportá-lo. Como já disse, é um tanto limitado, o meu chofer é um rapaz expedito. — Altmüller relanceou para Dietricht, encontrando-lhe o olhar por um rápido instante. — O Führer ficaria preocupado se soubesse que eu não o tratei bem.

— Muito bem, suponho que seja mais fácil. Não queremos que o Führer se preocupe. Dietricht levantou-se com dificuldade, enquanto Altmüller erguia-se também e rodeava a escrivaninha.

— Obrigado, *Herr Dietricht* — disse o Unterstaatssekretär, estendendo a mão. — Quando chegar o momento, tornaremos conhecida a sua extraordinária contribuição. É um herói do Reich, *mein herr*. Foi um privilégio conhecê-lo. Meu auxiliar o conduzirá ao carro. O chofer está à espera.

— Que alívio! Boa noite, *Herr Altmüller*.

Johann Dietricht encaminhou-se pesadamente em direção à porta, enquanto Franz estendia a mão para apertar um botão na escrivaninha.

Na manhã seguinte, Dietricht seria encontrado morto em circunstâncias tão embaraçosas que ninguém ousaria mencioná-las, senão em cochichos.

Dietricht, o anormal, seria eliminado.

E todos os traços da negociação de Genebra que o ligassem aos líderes do Reich estariam com ele apagados. Buenos Aires encontrava-se agora nas mãos de Erich Rhinemann e de seus ex-companheiros da indústria alemã.

À exceção dele — Franz Altmüller.

O verdadeiro manipulador.

15 de Dezembro de 1943

WASHINGTON, D.C.

Swanson não gostava dos métodos que era obrigado a empregar. Sentia que constituíam o início de uma infundável série de mentiras. E ele não era um homem mentiroso. Talvez fosse melhor que muitos em surpreender hipócritas, mas isso era devido à prática constante e não a características intrínsecas.

Os métodos eram desagradáveis: observar pessoas que ignoravam estar sendo observadas e ouvidas; que falavam sem as inibições que certamente teriam experimentado se soubessem que olhos, ouvidos e gravadores estavam à espreita. Tudo isso pertencia à um outro mundo, o mundo de Edmund Pace.

Fora bastante fácil manipular. O Serviço de Informação do Exército tinha salas de interrogatório por toda Washington. Nos locais mais improváveis. Pace recebera uma lista de endereços e escolhera o hotel Sheraton. Quarto andar, suíte 4-M; duas peças à vista e uma terceira oculta. O quarto oculto ficava por detrás de uma parede dotada de orifícios de vidro unidirecional. Esses orifícios para observação eram cobertos por quadros impressionistas suspensos de modo permanente no quarto e na sala. Gravadores de tomada encontravam-se nas prateleiras sob os orifícios, no interior do quarto oculto. Alto-falantes ampliavam a conversação com um mínimo de distorção. Os únicos obstáculos visuais eram as leves colorações pastel dos quadros.

O que não chegava a ser obstáculo.

Não fora difícil também conduzir os três homens à suíte do Sheraton. Swanson havia telefonado a Jonathan Craft, da Packard, informando que Walter Kendall chegaria de Genebra no princípio da tarde. O autoritário general dissera ainda ao apavorado civil que talvez fosse necessário manter contato telefônico. Sugerira, portanto, que Craft reservasse um quarto em hotel comercial, movimentado, no centro da cidade. Recomendara o Sheraton.

Craft mostrara-se solícito. Corria para salvar a vida. Se o Departamento de Guerra sugeriria o Sheraton, seria o Sheraton. E fizera a reserva sem se dar ao trabalho de avisar a Howard Oliver, da Meridian.

A recepção cuidara do resto.

Quando Walter Kendall chegara, a uma hora atrás, Swanson impressionara-se com a aparência desordenada do contabilista. Eia desleixo inato, e não o resultado da viagem. Um desalinho que se estendia aos gestos, aos olhos sempre em movimento. Era um roedor gigante no físico de um homem de estatura mediana. Parecia incongruente que homens como Oliver e Craft — o último em especial — se associassem a Walter Kendall. O que lhe acentuava o valor, na sua opinião. O homem possuía uma firma de auditoria em Nova York. Era analista financeiro, contratado pelas companhias para manipular projetos e estatísticas.

O contabilista não trocara aperto de mão com nenhum dos dois. Seguiu direto para uma poltrona diante do sofá e abriu a pasta, começando a fazer seu relatório sucinto:

— O filho da mãe era efeminado, juro por Deus!

No decorrer de uma hora, Kendail descreveu minuciosamente tudo o que se passara em Genebra. A quantidade de bort e carbonado combinada; a qualidade dos certificados; Buenos Aires; Gian Spinelli; os planos do giroscópio — os certificados, a entrega por parte deles, e o elemento de ligação, Erich Rhinemann, judeu exilado. Kendail era um roedor 'autoritário, que não se sentia embaraçado nos círculos das negociações escusas. Na verdade, sentia-se muito à vontade.

— Como podemos ter certeza de que negociarão de boa fé? — perguntou Craft.

— *Boa fé?* — zombou Kendail, fazendo uma careta para o executivo da Packard. — Você é demais. Boa fé!

— Poderiam não nos entregar os pianos corretos — prosseguiu Craft. — Poderiam entregar substitutos sem valor!

— Ele tem razão — interveio Oliver, lábios tensos.

— E nós poderíamos entregar caixotes de vidro facetado. Acha que isso não passou pela cabeça deles? Mas não o faremos, assim como nós não o faremos. Pela mesma maldita

razão. Nossos próprios pescoços estão na guilhotina. Temos um inimigo em comum, e não é mutuamente.

Oliver, sentado diante de Kendail, fixou o contabilista.

— Lá, os generais de Hitler; aqui, o Departamento de Guerra.

— Certo. Somos ambos linhas de fornecimento. Por Deus, pela pátria e um ou dois dólares. E estamos ambos na mesma nojenta posição. Não dizemos aos malditos generais como devem dirigir a guerra e eles não nos dizem como devemos manter a produção. Se eles embaralharem a estratégia e perderem uma batalha, não gritaremos. Mas se formos pegados desprevenidos, se não entregarmos o que prometemos, os miseráveis virão nos cortar o pescoço. É horrivelmente injusto. Esse efeminado, Dietrich, pensa como eu. Precisamos nos proteger.

Craft levantou-se do sofá; era um ato de nervosismo, um gesto de dúvida. Hesitante, falou em voz baixa:

— Não se trata exatamente de nos protegermos de modo normal. Estamos negociando com o inimigo.

— Que inimigo? — Kendail remexeu nos papéis que tinha no colo, sem erguer os olhos para Craft. — Bem, está certo. Mas ainda assim, é melhor que "normal". Vença quem vencer, cada um de nós terá uma vantagem quando tudo estiver terminado. Concordamos com isso também.

Houve um prolongado silêncio. Oliver inclinou-se na poltrona, olhos fixos em Kendall.

— Isso é um dividendo, Walter. Talvez haja muito bom senso no que disse.

— Muito — replicou o contabilista, com um rápido olhar para Oliver. — Estamos destruindo as cidades deles, bombardeando fábricas, riscando-as do mapa; estradas de ferro, de rodagem, desaparecem em nuvens de fumaça. E ficará pior ainda. Será preciso muito dinheiro para reconstruir tudo. Dinheiro da reconstrução.

— Suponhamos que a Alemanha vença — disse Craft, à janela.

— Muito improvável — respondeu Kendall, — É apenas uma questão da quantidade de prejuízos infligidos a ambos os lados, e nós temos o material. Quanto maiores os danos, mais dispendiosa a reconstrução. Isso inclui a Inglaterra. Se vocês forem espertos, estarão preparados para transformar e aproveitar parte das alterações do pós-guerra.

— Os diamantes... — Craft voltou-se da janela. — Para que os querem?

— Que diferença faz? — Kendall separou uma página e escreveu qualquer coisa. — Precisam deles. Ficaram com a cabeça na guilhotina, exatamente como nós com o sistema de orientação... Por falar nisso, Howard, teve a conversa preliminar com as minas?

Oliver estava imerso em pensamentos. Pestanejando, ergueu a vista.

— Sim. Koenig. Escritório em Nova York.

— Como foi que colocou a questão?

— Disse que se tratava de assunto altamente secreto, com aprovação do Departamento de Guerra. Que a autorização viria do gabinete de Swanson, mas nem mesmo ele estaria a par do assunto.

— E engoliram isso? — O contabilista continuava a escrever.

— Eu disse que dinheiro não seria objeção. Eles pretendem ganhar alguns milhões. Nós nos encontramos no Banker's Club.

— Engoliram. — Era uma afirmativa.

— Walter... — prosseguiu Oliver — você mencionou Spinelli. Não me agrada. É má escolha.

Kendall parou de escrever para fitar o homem da Meridian.

— Não pretendia dizer coisa alguma a ele. Apenas que vamos comprar; que ele precisa verificar tudo antes de pagarmos, certificar-se de que os planos são autênticos.

— Inútil. Ele não sairia do projeto. Haveria perguntas demais. Procure outra pessoa.

— Compreendo o que quer dizer — disse Kendall, abandonando o lápis e explorando o nariz, num gesto pensativo. — Espere um momento... Há uma pessoa. Bem em Pasadena. É um filho da mãe estranho, mas seria perfeito. — Kendall riu, respirando pela boca. — Ele nem mesmo fala. Não pode falar.

— Ele presta? — perguntou Oliver.

— Tem seus problemas, porém será melhor do que Spinelli — replicou Kendall, escrevendo numa folha de papel separada. — Eu cuidarei disso... Vocês pagarão. Oliver deu de ombros.

— Inclua nas despesas extras, seu miserável. E depois?

— Um contato em Buenos Aires. Alguém que possa negociar com Rhinemann, combinar os detalhes da troca.

— Quem? — perguntou Craft, apreensivo, mãos juntas em oração.

O contador sorriu, descobrindo dentes manchados.

— Está se oferecendo? Parece um padre. . .

— Meu Deus, não! Estava simplesmente. . .

— Quanto? — interrompeu Oliver.

— Mais do que você quer pagar, mas creio que não há opção. Passarei o que puder para Tio Sam. Economizarei o que for possível para você.

— Faça isso.

— Há uma porção de militares em Buenos Aires. Swanson sofrerá alguma interferência.

— Ele não se envolverá — disse Oliver, rapidamente. — Foi específico. Não quer ouvir ou ver o seu nome novamente.

— Não me importa a mínima o que ele faça. Mas esse Rhinemann vai querer certas garantias, isso posso dizer desde já.

— Swanson ficará aborrecido. — A voz de Craft era aguda e intensa. — Não o queremos aborrecido.

— Aborrecido, merda! Ele quer manter bem limpo aquele bonito uniforme... É melhor não pressioná-lo agora. Dêem-lhe tempo. Preciso planejar uma porção de coisas. Talvez descubra um meio de manter limpo o uniforme dele. É possível que eu mande a conta.

Ele quer manter bem limpo aquele bonito uniforme. . .

Era o que desejava profundamente,- Sr. Kendall, pensava Swanson, ao aproximar-se do conjunto de elevadores.

Mas já não era possível. O uniforme teria que se sujar. O aparecimento de um homem chamado Erich Rhinemann tornara-o inevitável.

Rhinemann era uma das falhas de Hitler. Berlim o sabia. Londres e Washington também. Rhinemann era um homem totalmente comprometido com o poder — financeiro, político, militar. Para ele, a autoridade devia emanar de uma fonte única, e não aceitaria eventualmente nada menos que ser a fonte desse poder.

O fato de ser judeu era simples detalhe. Um inconveniente que cessaria com o término da guerra.

Quando a guerra terminasse, Erich Rhinemann seria chamado de volta. O que restasse da indústria alemã o exigiria; os líderes financeiros o exigiriam.

Rhinemann reingressaria no mercado internacional com mais poder do que jamais gozara.

Sem a negociação de" Buenos Aires.

Com ela, seu impulso seria extraordinário.

Seu conhecimento e participação na troca proporcionariam uma arma sem igual a ser usada contra todos os lados, todos os governos.

Especialmente Washington.

Erich Rhinemann precisava ser eliminado.

Depois da transação.

E, ainda que fosse apenas por esta razão, Washington teria que colocar outro homem em Buenos Aires.

10

16 de Dezembro de 1943

WASHINGTON, D.C.

Não era costumeiro que o oficial mais graduado saísse de Fair-fax por qualquer motivo, mas o Coronel Edmund Pace recebeu ordens nesse sentido.

Pace colocou-se diante da escrivaninha do General Swanson e principiou a entender. As instruções do general eram breves, mas cobriam mais território do que sua brevidade sugeria. Pastas da Informação seriam recolhidas de arquivos de fechadura dupla, examinadas minuciosamente algumas delas.

Swanson sabia que a princípio Pace desaprovava. O comandante da Fairfax não pôde ocultar sua surpresa. O agente em questão teria que ser fluente tanto em alemão como em espanhol. Precisava ter bons conhecimentos — não de especialista, porém maiores que os de um curioso — de engenharia aeronáutica, inclusive dinâmica metalúrgica e sistemas de navegação. Precisava ser um homem capaz de manter um papel, talvez ao nível de embaixada. Isto significava um indivíduo que possuísse as graças necessárias para se movimentar facilmente nos círculos abastados, na arena diplomática.

A esta altura, Pace protestara. Seu conhecimento da pista de Johannesburg e da negociação de Genebra levava-o a objetar. Mas interrompera Swanson apenas para ouvir deste que guardasse suas observações até que o superior acabasse de falar.

A última qualificação do homem de Buenos Aires — e o general concordava na sua inconsistência, ao incluí-la nas qualificações técnicas- anteriores — dizia que o agente precisava ter experiência em "despachos rápidos".

O homem precisava de conhecimentos de homicídio. Nada de combate com adversários isolados, levados ao frenesi pela visão e pelo ruído da batalha. Mas um homem que pudesse matar em silêncio, enfrentando o alvo. Sozinho.

Esta última qualificação abrandou Pace. Sua expressão transmitiu a certeza de que, fosse o que fosse a questão em que seus superiores estavam envolvidos, não era exatamente o que ele desconfiava. O Departamento de Guerra não requisitaria tal pessoa, se pretendesse manter os acordos superficiais.

O oficial-comandante de Fairfax não fez comentários. Ficava entendido que somente ele faria a pesquisa nos arquivos. Pediu um código, um nome, para qualquer comunicação.

Swanson inclinou-se para a frente, olhos no mapa da parede, que se encontrava ali havia mais de três horas.

— "Tortugas" — respondeu.

18 de Dezembro de 1943

BERLIM, ALEMANHA

Altmüller fixou o selo intacto do grande envelope pardo. Movimentando-o sobre a lâmpada da escrivaninha, tomou uma lente da gaveta e examinou-o. Ficou satisfeito. O selo não fora tocado.

O correio da Embaixada viera de Buenos Aires — via Senegal e Lisboa — e entregara pessoalmente o envelope, segundo as instruções. Como o correio tinha base permanente

na Argentina, Altmüller não queria que ele levasse mexericos de volta, de modo que entretivera uma conversa inócua, referindo-se várias vezes à comunicação de maneira casual, depreciativa, sugerindo tratar-se de um aborrecimento — um memorando relativo às finanças da Embaixada e que na verdade pertencia à esfera do Finanzministerium, mas que podia ele fazer?... o embaixador era um velho amigo de Speer.

Depois que o correio saíra, fechando a porta, Altmüller voltara a atenção para o envelope. Era de Erich Rhinemann.

Abriu-o pelo alto. A carta estava escrita a mão, em caligrafia quase indecifrável.

"Meu caro Altmüller,

Servir ao Reich é um privilégio que assumo com entusiasmo. Sou grato, naturalmente, por suas afirmativas de que meus esforços serão conhecidos de todos os meus velhos amigos. Imaginei que não o faria por menos, nas circunstâncias.

Ficará satisfeito ao saber que nas águas costeiras, de Punta Delgada até o Caribe, os meus navios navegam sob a neutralidade da bandeira paraguaia. Este detalhe pode lhe ser útil. Além do mais, possuo diversos navios de pequeno e médio portes equipados com motores potentes e que são capazes de navegar velozmente pelas águas costeiras; e existem postos de reabastecimento permitindo que consideráveis distâncias sejam rapidamente atravessadas. Não podem se comparar com o avião, naturalmente, mas as viagens são feitas em completo sigilo, longe dos olhares curiosos que hoje em dia rodeiam todos os aeroportos. Até os neutros precisam transpor constantes bloqueios.

Esta informação deve responder às estranhamente obscuras questões que apresentou.

Suplico que seja mais preciso nos futuros comunicados. Apesar de tudo, pode estar tranqüilo quanto ao meu compromisso com o Reich.

Associados de Berna me informam que o seu Führer revela fortes sinais de fadiga. Era de se esperar, não?

Lembre-se, meu caro Franz, de que o conceito é sempre mais importante que o homem. Na atual situação, o conceito veio *antes* do homem. E ele o monumento.

Aguardo suas notícias.

Erich Rhinemann

Como fora delicadamente desprovido de sutileza o homem!

compromisso com o Reich. . . associados de Berna. . . fortes sinais de fadiga. . . era de se esperar...

. . . monumento maior que o homem. . .

Rhinemann expunha seus talentos, seu poder financeiro, suas preocupações "legítimas" e seu inequívoco compromisso com a Alemanha. Incluindo, *justapondo* tais fatores, ele se colocava acima do Führer. E assim condenava Hitler — para maior glória do Reich. Rhinemann mandara fazer, sem dúvida, cópias fotostáticas de sua carta e iniciaria um fichário muito completo da operação Buenos Aires. E um dia a utilizaria para colocar-se no cimo da Alemanha do pós-guerra. Talvez de toda a Europa. Pois teria a arma que garantia a sua aceitação.

Na vitória ou na derrota. Total devoção ou, pelo contrário, chantagem de tais proporções que os aliados estremeeriam à simples idéia.

Que seja assim, pensou Altmüller. Não tinha rancor de Rhinemann. Era um *expert* em tudo em que se envolvia. Metódico quase em excesso; conservador no progresso, mas apenas no sentido de dominar todos os detalhes antes de prosseguir. Acima de tudo, possuía uma ousada imaginação.

O olhar de Altmüller caiu nas palavras: "Suplico que seja mais preciso nos futuros comunicados".

Franz sorriu. Rhinemann tinha razão. Ele fora obscuro. Mas por sólida razão: não tinha certeza do seu destino; ignorava para onde estavam conduzindo-o. Sabia apenas que os caixotes de diamantes carbonados precisavam ser minuciosamente examinados, e isso levaria tempo. Mais tempo do que Rhinemann imaginava, se a informação que recebera de Peenemünde era correta. Segundo Peenemünde, era uma simples questão de os americanos embalarem uma grande quantidade de bort de baixa qualidade, o que para o olhar inexperiente passaria despercebido. As pedras rachariam ao primeiro contato com o aço.

Se a operação estivesse em mãos dos ingleses, seria esta a manobra esperada.

E mesmo os americanos possuíam bons manipuladores de informação. Se os serviços de informação estivessem a par da troca. Mas Altmüller duvidava de seu envolvimento ativo. Os americanos eram institucionalmente hipócritas. Fariam exigências aos seus industriais esperando que elas fossem cumpridas. No entanto, fechariam os olhos quanto aos métodos; o laivo puritano recebia considerável atenção em Washington.

Crianças. Mas crianças zangadas, frustradas, poderiam ser perigosas.

Os caixotes teriam que ser minuciosamente examinados. Em Buenos Aires.

Uma vez aceitos, não se correria o risco de que fossem pelos ares, ou mergulhassem na água. Assim, era lógico indagar a Rhinemann quais as vias de transporte disponíveis. Pois em algum ponto, fosse como fosse, os caixotes teriam que encontrar o método mais viável de transporte até a Alemanha.

Submarino.

Rhinemann compreenderia; talvez até aplaudisse a precisão dos futuros comunicados.

Altmüller levantou-se da escrivaninha, espreguiçou-se e caminhou a esmo pelo gabinete, tentando desfazer-se das câibras provocadas pelo fato de ter estado sentado durante muito tempo. Aproximou-se da poltrona onde Johann Dietrich sentara dias antes.

Dietrich estava morto. O mensageiro anormal, sacrificável, fora encontrado numa cama ensangüentado, e as histórias da noite de farra eram tão repulsivas que fora decidido enterrá-las junto com o corpo, sem mais delongas.

Altmüller perguntou a si mesmo se o americano teria estômago para tais decisões.

Duvidou.

19 de Dezembro de 1943

FAIRFAX, VIRGÍNIA

Swanson postou-se em silêncio diante da pesada porta de aço, nó interior do edifício Quonset. O tenente da segurança ficou ao intercomunicador da parede apenas o suficiente para anunciar o nome do general. Recolocou o fone e, com um movimento de cabeça, fez uma segunda continência. A pesada porta emitiu um estalido e Swanson compreendeu que podia entrar.

O comandante de Fairfax estava sozinho, conforme ele ordenara. Encontrava-se de pé à direita da mesa, uma pasta na mão. Saudou o superior.

— Bom-dia, general.

— Bom-dia. Trabalhou depressa. É algo que eu aprecio.

— Talvez não seja tudo o que deseja, mas é o melhor que podemos apresentar... Sente-se, general. Descreverei as qualificações. Se as aprovar, o dossiê é seu. Se não, voltará para o cofre.

Swanson dirigiu-se a uma das cadeiras de encosto duro diante da mesa do coronel e sentou-se, com certo ar de aborrecimento. Ed Pace, como tantos de seus subordinados

das Operações Clandestinas, agia como se não fosse responsável diante de ninguém, exceto Deus; e até Ele teria que ser investigado por Fairfax. Swanson pensou que seria muito mais simples se Pace lhe entregasse a pasta e deixasse que ele lesse sozinho.

Por outro lado, a doutrinação de Fairfax continha no âmago a possibilidade — remota, embora — de que qualquer par de olhos pudesse ser roubado pelo inimigo. A pessoa estaria em Washington esta semana e em Anzio ou Solomons na próxima. Havia lógica nos métodos de Pace; uma rede geográfica de agentes do *underground* poderia ser revelada com uma simples quebra na cadeia de segurança.

No entanto, era aborrecido como o diabo. Pace parecia adorar seu papel; não tinha senso de humor, pensou Swanson.

— O sujeito em questão é elemento comprovado em campanha. Agiu com a maior independência num dos nossos postos mais delicados. Idiomas: fluência aceitável. Comportamento e cobertura: extremamente flexível. Movimenta-se com facilidade nos círculos civis, desde os chás de embaixada até os bares de operários — é bastante móvel e convincente.

— Está apresentando um quadro positivo, coronel.

— Neste caso, sinto muito, é valioso onde se encontra. Mas ainda não ouviu tudo. Talvez mude de idéia.

— Continue.

— Como ponto negativo, não pertence ao Exército. Não quero dizer que seja civil — tem o posto de capitão, para ser exato, mas creio que jamais o utilizou. O que quero dizer é que nunca agiu dentro de uma cadeia de comando. Foi ele quem estabeleceu a rede. É ele o comando. Vem sendo há quase quatro anos.

— Por que considera isto negativo?

— Não há meio de se dizer como reage à disciplina. Como recebe ordens.

— Não haverá muita latitude para desvios. Está tudo decidido.

— Muito bem. . . Segundo ponto negativo: ele não entende de aeronáutica...

— Isto é importante! — disse Swanson, com aspereza. Pace estava perdendo tempo. O homem de Buenos Aires precisaria compreender o que se passava. Talvez mais que compreender.

— Pertence, porém, a um setor relacionado com aeronáutica, general. Um dos que, segundo nosso pessoal, está preparando-o para instruções intensivas.

— Como assim?

— Ele é engenheiro civil, com considerável experiência em planejamento mecânico, elétrico e de estrutura metálica. Seu *background* inclui plena responsabilidade por planejamentos inteiros, desde os alicerces até os acabamentos. É especialista em plantas. Swanson manteve-se calado, depois anuiu.

— Está bem. Prossiga.

— A parte mais difícil de seu pedido foi encontrar alguém que possuísse tais qualificações técnicas e tivesse experiência prática em "eliminação". O senhor mesmo reconheceu isso.

— Eu sei. — Swanson achou que seria o momento de exibir um pouco mais de humanidade. Pace parecia exausto. A procura não fora fácil. — Eu fiz um pedido difícil. Seu engenheiro não-militar e flexível tem alguma "eliminação" registrada?

— Procuramos evitar registros, porque. . .

— Compreendo.

— Sim. Ele se encontra onde isso é inevitável, lamento dizê-lo. À exceção dos elementos de Burma e da Índia, teve, mais que nenhum outro no setor, ocasião de utilizar soluções extremas. Que soubéssemos, jamais hesitou em utilizá-las.

Swanson fez menção de falar, depois calou-se, franzindo as sobrancelhas sobre o olhar interrogador.

— Não se pode deixar de ficar intrigado com tais indivíduos, não é mesmo?

— São treinados. Como todos os demais, cumprem sua tarefa com uma finalidade. Ele não é um assassino por natureza. Poucos de nossos bons elementos o são.

— Jamais compreendi seu trabalho, Ed. Não é estranho?

— De maneira alguma. Eu não conseguiria agir no seu setor do Departamento de Guerra. Aqueles mapas, gráficos e civis hipócritas me confundem. . . Que lhe parece o elemento?

— Tem alguma alternativa?

— Várias. Mas em cada uma surge o mesmo ponto negativo. Os que conhecem línguas e têm conhecimentos de aeronáutica não possuem experiência em eliminações. Não há registros de... preconceito extremo. Trabalhei supondo que este fator era tão importante quanto os demais.

— Sua suposição estava correta... Diga-me: conhece-o?

— Muito bem. Fui eu quem o recrutou. Observei todas as fases do seu treinamento. Vi-o em ação. É um profissional.

— É o que eu quero.

— Então, talvez seja o nosso homem. Mas antes de afirmá-lo gostaria de fazer uma pergunta. Na verdade, preciso fazê-la. Alguém a fará a mim.

— Espero poder responder.

— Está dentro do possível. Não é específica.

— Qual é?

Pace caminhou pela borda da escrivaninha, na direção de Swanson. Apoiando-se nela, cruzou os braços. Era um outro sinal militar: *Sou seu subordinado, mas isto nos coloca em plano de igualdade neste momento.*

— Eu disse que o elemento era valioso onde se encontrava. Isso não disse tudo. É inestimável, essencial. Removendo-o de lá, prejudicamos uma operação muito sensível. Podemos manobrá-lo, mas os riscos são consideráveis. O que preciso saber é se esta missão justifica a transferência.

— Deixe-me colocar a questão nestas palavras, coronel — respondeu Swanson, tom de voz manso, mas decidido. — A missão está acima de todas as prioridades, com possível exceção do Projeto Manhattan. Suponho que já tenha ouvido falar no Projeto Manhattan.

— Ouvi. — Pace afastou-se da escrivaninha. — E o Departamento de Guerra, através do seu gabinete, confirmará esta prioridade?

— Confirmará.

— Neste caso, aqui está ele, general. Pace entregou a Swanson o dossiê.

— Um dos nossos melhores elementos. É o nosso homem em Lisboa... Spaulding. Capitão David Spaulding.

11

26 de Dezembro de 1943
RIBADAVIA, ESPANHA

David rumava para o sul de motocicleta, seguindo a estrada de terra paralela ao rio Minho. Era o caminho mais rápido para a fronteira, logo adiante de Ribadavia. Transpondo-a, ele se voltaria para oeste até um aeroporto nos arredores de Valência. O voo para Lisboa levaria duas horas, se o tempo se mantivesse firme e ele encontrasse avião. Valência esperava-o somente daí a dois dias. Todos os aparelhos talvez estivessem em uso.

Sua ansiedade igualava a intensidade das rodas que giravam sob seu corpo. Era tão extraordinário. Para ele não fazia sentido. Não havia em Lisboa *ninguém* que pudesse emitir as ordens que ele recebera de Ortegá!

Que acontecera?

Teve a súbita impressão de que uma parte vitalmente importante de sua existência fora ameaçada. E então espantou-se com sua própria reação. Não tinha nenhum amor por aquele mundo temporário; não sentia prazer com as infundáveis manipulações e contra-manipulações. Na verdade, desprezava a maioria de suas atividades diárias, estava farto do medo constante, dos infundáveis fatores de alto risco a serem avaliados antes de cada decisão.

Contudo, percebia o que o aborrecera tanto: progredira no trabalho. Chegara a Lisboa séculos atrás, iniciando vida nova — e conseguira dominá-la. De certo modo, aquilo representava todos os edifícios que desejava construir, todos os planos que gostaria de transformar em argamassa e aço. Havia precisão e finalidade no seu trabalho; os resultados surgiam diariamente. Com frequência, várias vezes ao dia. Como centenas de detalhes nas especificações das construções, a informação chegava-lhe, ele a reunia e dela extraía a realidade.

E desta realidade dependiam os outros.

Agora, alguém queria tirá-lo de Lisboa! De Portugal e da Espanha! Seria tão simples assim? Seus relatórios teriam aborrecido excessivamente algum general? Um plano estratégico fora anulado porque ele enviara a verdade de uma operação aparentemente bem sucedida? Os altos escalões de Londres e Washington estariam finalmente aborrecidos a ponto de removerem o espinho crítico? Era possível. Frequentemente lhe haviam dito que nas salas subterrâneas da Tower Road de Londres houvera explosões por causa de suas avaliações. Sabia que o Gabinete de Serviços Estratégicos de Washington achava que ele invadia seu território; mesmo a G-2, ostensivamente a sua própria agência, criticava seu envolvimento nas equipes de fuga.

Mas, além das queixas, havia algo que a todas sobrepujava: ele era um bom agente. Elaborara a melhor rede da Europa.

Era por isso que se sentia confuso e bastante perturbado por uma razão que não queria admitir: precisava de elogios.

Não havia construções importantes, planos extraordinários que se transformassem em edifícios mais extraordinários ainda. Talvez jamais houvesse. Ele seria um engenheiro de meia-idade quando a guerra terminasse. Um engenheiro de meia-idade que deixara de praticar a profissão havia anos, até mesmo no vasto Exército dos Estados Unidos, cujo corpo de engenharia possuía a mais ampla equipe de construção da História.

Procurou não pensar no assunto.

Atravessou a fronteira em Mendoso, onde os guardas o conheciam como um rico e irresponsável expatriado que evitava os perigos da guerra. Aceitando suas gratificações, acenavam para que ele passasse.

O vôo de Valência até o minúsculo aeroporto nos arredores de Lisboa foi prejudicado por pesada chuva. Tornou-se necessário descer duas vezes, em Águeda e Pombal, antes da etapa derradeira. Recebeu-o um veículo da Embaixada; o motorista, um criptógrafo chamado Marshall, era o único elemento da Embaixada que conhecia a sua verdadeira função.

— Tempo horrível, não é? — comentou o criptógrafo, instalando-se ao volante, enquanto David atirava a mochila no banco traseiro. — Não o invejei naquele avião. Com uma chuva dessas.

— Esses pilotos de teco-teco voam tão baixo que se poderia saltar do avião. O que me preocupava eram as árvores.

— Eu me preocuparia com tudo. — Marshall enveredou para o portão de madeira que servia de entrada ao campo. Na estrada, acendeu o farol alto. Ainda não eram seis horas, mas o céu estava escuro e as luzes tornaram-se necessárias.

— Pensei que você me lisonjearia, perguntando por que um especialista do meu gabarito está fazendo papel de chofer. Cheguei aqui às quatro horas. Vamos, pergunte. Foi uma espera daquelas!

Spaulding sorriu.

— Pensei que você estivesse procurando cair nas minhas boas graças, Marsh, para que eu o levasse ao norte na próxima viagem. Ou será que me promoveram a brigadeiro?

— Você foi promovido a qualquer coisa, David. — Marshall falava sério. — Eu próprio recebi a mensagem D.C. Altamente classificada; só para ser vista, criptógrafo-chefe.

— Estou lisonjeado — disse Spaulding, em voz baixa, aliviado por poder conversar com alguém sobre a absurda notícia da sua transferência. — Que diabo significa isso?

— Não tenho a menor idéia do que querem de você, é claro, mas posso tirar uma conclusão: queriam você ontem. Cobriram todas as possibilidades de atraso. As ordens foram no sentido de se compilar uma lista dos seus contatos, com histórico completo de cada um: motivos, datas, dinheiro empregado, itinerários, códigos... tudo. Não esquecer nada. Ordem subsequente: alertar toda a rede no sentido de que você está fora da estratégia.

— *Fora da...* — David não completou a frase, incrédulo. "Fora da estratégia" era frase usada tanto para os desertores como para as transferências. Sua conotação era definitiva, rompimento total. — Isso é uma loucura! Esta é a *minha rede*!

— Não é mais. Mandaram um homem de Londres esta manhã. Creio que é cubano. Rico também. Estudou arquitetura em Berlim antes da guerra. Tem estado num escritório, estudando os seus arquivos. É o seu substituto. . . Eu queria que você soubesse.

David olhou através do pára-brisa raiado da chuva forte de Lisboa. Encontravam-se na estrada pavimentada que percorria o bairro de Alfama, com suas ruas tortuosas, cheias de ladeiras, sob a torre da catedral mourisca de São Jorge e a Sé em estilo gótico.

A Embaixada americana ficava na Baixa, para além do Terreiro do Paço. Mais uns 20 minutos.

Então, estava realmente terminado, pensou Spaulding. Haviam-no expulsado. Um arquiteto cubano seria agora o homem de Lisboa. A sensação de despojamento dominou-o novamente. Tanta coisa estava sendo-lhe arrebatada em condições tão extraordinárias.

Fora da estratégia. . .

— Quem assinou a ordem?

— Isso faz parte da loucura. O uso de códigos importantes supõe autoridade suprema. Pessoa alguma tem acesso. Mas ninguém a assinou. Não há nome senão o seu no cabograma.

— Que querem que eu faça?

— Que tome um avião amanhã. A hora do voo será comunicada esta noite. O avião faz uma parada em Lajes Field, na ilha Terceira, Açores. É ali que você recebe as ordens.

Swanson estendeu a mão para a minúscula alavanca do intercomunicador de sua mesa e falou:

— Mande entrar o Sr. Kendall.

Levantou-se, permanecendo no mesmo lugar à espera de que a porta se abrisse. Não daria volta à mesa para cumprimentar aquele homem. Não estenderia a mão nem como símbolo de boas-vindas. Recordava que Walter Kendal! evitara apertar a mão de Craft e Oliver no Sheraton. Ninguém sentiria falta do cumprimento. Evitá-lo, porém, talvez chamasse atenção.

Kendall entrou, a porta fechou-se. Swanson notou que a aparência do contabilista pouco mudara desde aquela conferência em que o observara do quarto invisível, dois dias atrás. Kendall continuava com o mesmo terno, provavelmente a mesma camisa suja. Só Deus sabia de sua roupa de baixo. Não era uma idéia agradável de se entreter. Havia uma ligeira contração no lábio superior de Kendall. Não significava ira, ou mesmo desdém. Era simplesmente devida à maneira de respirar — pela boca e pelas narinas, simultaneamente. Como um animal.

— Entre, Sr. Kendall. Sente-se.

Kendall sentou-se, sem comentários. Muito rapidamente encontrou o olhar de Swanson.

— Segundo a minha agenda de compromissos, foi chamado para esclarecer um atraso específico no contrato da Meridian — disse o general, sentando-se rapidamente. — Não para justificar, simplesmente esclarecer. Como... uma firma de auditoria externa pode fazer.

— Mas não é por isso que estou aqui, é?

Kendall enfiou a mão no bolso, em busca de um amarrotado pacote de cigarros, e apertou a ponta de um deles antes de acendê-lo. Swanson notou que as unhas do contabilista eram maltratadas, roídas, sujas na ponta. O brigadeiro começou a perceber — mas não quis ponderar — que em Walter Kendall havia algo doentio, do qual a aparência era uma simples manifestação.

— Não, não é por isso que está aqui — respondeu, secamente. — Quero estabelecer regras básicas para que não haja mal-entendidos... Para que, primordialmente, não me entenda mal.

— Regras básicas significam um jogo. Que jogo estamos jogando, general?

— Talvez "Uniformes Limpos" seja um bom nome. Ou: "Como Estabelecer Interferência em Buenos Aires". Isso poderia parecer-lhe menos conclusivo.

Kendall, que fixava o cigarro, voltou bruscamente o olhar para o general.

— Então, Oliver e Craft não puderam esperar. Tinham que trazer uma gorda maçã para o professor. Achei que não aceitaria.

— Nem Oliver, nem Craft estiveram em contato com este Gabinete, ou comigo, nestes últimos dias. Desde que viajou para Genebra.

Kendall não respondeu imediatamente.

— Então, seu uniforme está bastante sujo, agora... O Sheraton. Achei um tanto deselegante para Craft. Ele é do tipo Waldorf... Então, mandou colocar aparelhos de escuta no quarto. Armou uma cilada para aqueles dois. — A voz de Kendall era rouca, mas não irada ou elevada. — Bem, lembre-se de como cheguei ao meu destino. Como cheguei a Genebra. Isso também está na gravação.

— Atendemos a um pedido do Comando de Produção de Guerra relativo a uma negociação com uma firma de Genebra. Isto acontece com frequência. Contudo, nós acompanhamos o caso, se há razão para pensar em *algo de prejudicial*...

— Merda!

Swanson exalou, audivelmente.

— Sua reação não tem razão de ser. Não quero discutir. Entendeu o que eu queria dizer. Possuo uma gravação que poderia mandá-lo direto ao carrasco ou à cadeira elétrica. A Oliver também. . . Craft talvez se saísse com uma condenação perpétua. Você pôs em ridículo suas dúvidas. Não o deixou falar. . . Mas a questão ficou *estabelecida*.

Kendall inclinou-se para a frente e amassou o cigarro num cinzeiro da mesa de Swanson. O súbito pavor levou-o a fitar o general, perscrutando.

— Mas está mais interessado em Buenos Aires que na cadeira elétrica, não é?

— Sou obrigado a estar, por mais que isso me seja desagradável e repulsivo...

— Esqueça o "merda" — interrompeu Kendall, asperamente. Não era nenhum amador em tais discussões. Sabia quando devia afirmar-se e às suas contribuições. — Conforme disse, a questão ficou estabelecida. Creio que se encontra no chiqueiro com o restante dos porcos, nós... Não se faça de santo. Sua auréola cheira mal.

— Justo. Mas não esqueça que eu tenho uma dúzia de diferentes chiqueiros para me refugiar. Um Departamento de Guerra que poderia transportar-me para Burma ou para a Sicília em 48 horas. Vocês, não. Estão aqui mesmo... no chiqueiro. Para todos verem. E eu tenho uma gravação que o tornaria muito especial. É isto que quero que tenha em mente, de maneira bem clara. Desde já.

Kendall apertou a ponta do segundo cigarro e acendeu a outra extremidade. Soltou a fumaça pelo nariz e estava a ponto de falar, mas calou-se, fitando o general, com um misto de temor e hostilidade.

Swanson surpreendeu-se evitando o olhar de Kendall. Aceitar o homem naquele momento seria aceitar o pacto. Percebeu então o que o tornaria aceitável. Era a solução, a sua solução. Superficial, pelo menos. Espantou-se por não lhe ter ocorrido antes.

Walter Kendall teria que ser eliminado.

Como Erich Rhinemann seria eliminado.

Quando o caso de Buenos Aires estivesse próximo ao fim, a morte de Kendall seria obrigatória.

E então todas as pegadas específicas do Governo dos Estados Unidos estariam eliminadas.

Perguntou-se por um instante se os homens de Berlim teriam previsto essas bruscas decisões. Duvidava.

Fitou o contabilista sujo, doentio, retribuindo-lhe plenamente o olhar. O General Alan Swanson já não sentia medo. Nem estava consumido de remorsos.

Era um soldado.

— Vamos continuar, Sr. Kendall?

Os projetos do contabilista para Buenos Aires eram bem elaborados. Swanson deu-se conta de estar fascinado por seu senso de manobra e contra-manobra. O homem raciocinava como um rato de esgoto, apoiado no instinto, apalpando as fontes de odor e luz, a intensidade das suspeitas, na estimativa sempre variável dos adversários. Era na verdade um animal predatório e fujão.

As maiores preocupações dos alemães estariam reduzidas a três: a qualidade dos diamantes de bort e carbonado; a quantidade da remessa; e, finalmente, os métodos de segurança para o transporte à Alemanha. A menos que tais fatores fossem garantidos, não haveria entrega dos planos do giroscópio — o sistema de orientação.

Kendall supunha que o carregamento de diamantes seria inspecionado por uma equipe de especialistas — não um homem, nem mesmo dois.

Congregariam um grupo de três a cinco homens; o período de tempo necessário talvez se estendesse a uma semana, dependendo da sofisticação dos instrumentos usados. Esta informação, ele a obtivera de Koenig, em Nova York. Durante esse período, disposições

simultâneas seriam tomadas no sentido de permitir a um aerofísico estudar os planos do giroscópio trazidos de Peenemünde. Se os nazistas fossem cautelosos, como Kendall supunha, os planos seriam entregues por etapas, segundo a escala que o grupo de inspeção considerasse adequada para o exame dos diamantes. O cientista do giroscópio receberia partes dos planos no seu isolamento, sem chance para fazer fotos táticas ou duplicatas até que o grupo dos diamantes terminasse seu trabalho.

Uma vez ambos os lados satisfeitos com a entrega, Kendall antecipava que uma derradeira ameaça garantisse o transporte em segurança até os respectivos destinos. E era lógico que esta "arma" seria idêntica para ambos os lados: ameaça de denúncia. Traição à causa e ao país.

Penalidade: a morte.

A mesma "arma" que o general apontava para ele, Walter Kendall.

Qual era a novidade?

Kendall consideraria possível obter os planos e em seguida sabotar ou recuperar o carregamento de diamantes?

Não. Não enquanto persistisse uma troca entre civis. A ameaça de denúncia era muito completa; havia um excesso de provas de contato. Nenhuma das crises poderia ser negada e os nomes eram conhecidos. A pecha de colaboração arruinaria homens e corporações. Boatos "confirmados" poderiam circular facilmente.

E, se os militares interviessem, os civis se afastariam imediatamente — a responsabilidade da entrega já não seria deles.

Swanson deveria sabê-lo; era precisamente a situação que ele planejava.

Swanson sabia.

Onde seriam examinados os diamantes? Onde o local mais vantajoso?

A resposta de Kendall foi sucinta: qualquer lugar que parecesse vantajoso para um lado seria rejeitado pelo outro. Julgava que os alemães tinham previsto isso e por tal razão sugerido Buenos Aires. Estava na gravação. Swanson não escutara?

Homens poderosos na Argentina eram inquestionavelmente a favor do Eixo, embora com discrição, mas a dependência do Governo na economia aliada passava na frente. A neutralidade era essencialmente controlada pelos fatores econômicos. Cada lado, portanto, possuía alguma coisa: os alemães encontrariam um ambiente simpático, mas os americanos eram capazes de exercer uma influência bastante forte para combater tal simpatia — sem eliminá-la.

Kendall respeitava os homens de Berlim que haviam escolhido Buenos Aires. Eles compreendiam a necessidade de equilibrar os elementos psicológicos, de ceder, mantendo embora as esferas de influência. Eram competentes.

Cada lado seria extremamente cauteloso. O ambiente o exigia. O senso de oportunidade seria tudo.

Swanson sabia como os planos seriam obtidos: uma cadeia de aviões voando pelas bases costeiras sob cobertura diplomática. A cobertura se estenderia aos militares. Somente ele teria conhecimento da operação; ninguém mais nas Forças Armadas, ou mesmo no Governo, seria avisado. Ele tomaria as providências e as revelaria a Kendall no momento necessário.

— Que transporte utilizariam os alemães? — perguntou o general.

— O problema deles é maior. Eles o reconhecem, de modo que farão provavelmente algumas exigências invioláveis. Talvez peçam um refém, mas não creio.

— Por que não?

— Quem temos nós, envolvido no assunto, que não seja sacrificável? Cristo, se fosse eu, você seria o primeiro a dizer: "Liquide o filho da mãe!" — De novo os olhos de Kendall

encontraram-se rapidamente com os de Swanson. — É claro que você não teria conhecimento das garantias que eu adotei. Muitos uniformes ficariam sujos como o diabo.

Swanson reconheceu a ameaça de Kendall pelo que ela valia. Sabia também que poderia enfrentá-la. Precisaria de um pouco de raciocínio, mas tais considerações viriam mais tarde. Não' seria tarefa insolúvel preparar a eliminação de Kendall. O isolamento viria primeiro: depois, um dossiê minucioso...

— Vamos nos concentrar no modo como esperam transportar o bort e o carbonado. Não adianta ameaçarmos um ao outro — falou Swanson.

— Estamos para além disso, então?

— Creio que sim.

— Ótimo. Mas não esqueça — disse Kendall.

— Os diamantes serão levados a Buenos Aires. Essas providências já foram tomadas?

— Estão sendo tomadas. A data da entrega será daqui a três semanas ou pouco mais. A menos que haja alguma complicação no Atlântico Sul. Não esperamos que haja.

— O grupo de inspeção trabalhará em Buenos Aires. Nós mandamos o físico... Quem será? Spinelli?

— Não. Por todos os motivos nós o eliminamos. Mas já sabe disso...

— Sim. Quem, então?

— Um homem chamado Lyons. Eugene Lyons. Vou trazer-lhe um dossiê a respeito. Suará frio quando o ler, mas se existe alguém melhor do que Spinelli é ele. Não nos arriscaríamos. Está em Nova York no momento.

Swanson fez uma anotação.

— E o transporte alemão? Alguma idéia?

— Algumas. Avião de carga peutro voando para o norte até Recife, Brasil, depois a leste até Palmas ou algum ponto da Guiné, na costa africana. Depois, direto a Lisboa e dali para lá. É a rota mais rápida. Mas eles talvez não queiram arriscar as rotas aéreas.

— Você parece militar.

— Quando faço um trabalho, sou minucioso.

— O que mais?

— Creio que escolherão um submarino. Talvez dois, para camuflar. É mais lento, porém mais seguro.

— Submarinos não podem entrar nos portos argentinos. Nossas patrulhas os destruiriam. Se entrarem, não sairão. Não modificaremos estas regras.

— Talvez seja necessário.

— Impossível. Precisa haver outro meio.

— Talvez tenha que encontrá-lo. Não esqueça daqueles uniformes limpos.

Swanson desviou a vista.

— E Rhinemann?

— Que tem ele? Está se preparando para voltar. Com todo aquele dinheiro, nem mesmo Hitler é capaz de contê-lo.

— Não confio nele.

— Seria um maldito idiota se confiasse. Mas o pior que ele pode fazer é exigir concessões no mercado — ou dinheiro —, de ambos os lados. E daí? Ele cumprirá. Por que não o faria?

— Tenho certeza de que cumprirá. É a única coisa sobre a qual sou positivo... E isso me leva ao ponto principal deste encontro. Quero um homem em Buenos Aires. Na Embaixada.

Kendall absorveu a declaração de Swanson antes de responder. Estendendo a mão para o cinzeiro, colocou-o no braço da poltrona.

— Um dos seus homens, ou um dos nossos? Precisamos de alguém. Julgamos que a indicação seria nossa.

— Julgaram errado. Eu o escolhi.

— Poderia ser perigoso. Digo isso sem cobrar... uma vez que já disse.

— Se intervirmos, o contingente civil se afastará. — Era uma pergunta.

— Faz sentido. . .

— Somente se o homem que enviarmos *souber* dos diamantes. Você deve zelar para que ele não saiba. — Uma afirmativa. — Zelar muito bem, Kendall. Sua vida depende disso.

O contabilista observou Swanson atentamente.

— Que história é essa?

— Há seis mil milhas entre Buenos Aires e as fábricas da Meridian Aircraft. Quero que faça a viagem sem tropeços. Quero que os planos sejam trazidos por um profissional.

— Está se arriscando a sujar os uniformes, não está, general?

— Não. Diremos ao homem que Rhinemann negociou os planos com Peenemünde. Diremos que Rhinemann comprou-os do *under-ground* alemão, para rotas de fuga.

— Cheio de falhas! Desde quando o *underground* trabalha por dinheiro? Por que percorreria três mil milhas? Ou, por que trabalharia para Rhinemann?

— Por que precisam dele e ele precisa do *underground*. Rhinemann foi exilado por ser judeu. Um erro. Era rival de Krupp. Há muita gente da indústria alemã que lhe continua leal. E ele conserva os escritórios de Berna. . . Nossa crise dos giroscópios não é segredo, nós o sabemos. Rhinemann utilizou esse conhecimento e fez negociações com Berna.

— Por que aludir ao *underground*?

— Tenho minhas razões. Não são de sua conta.

Swanson falou secamente, palavras curtas. Atravessara-lhe a mente, de relance, que estava de novo cansado em excesso. Precisava cuidar disso. Suas forças ficavam abaladas quando estava exausto. E no momento tinha quê se mostrar convincente. Precisava fazer com que Kendall obedecesse sem hesitação. O importante era colocar Spaulding ao alcance de Erich Rhinemann. Rhinemann era o objetivo.

O general-de-brigada observou o homem desleixado que se encontrava na sua frente. Sentia-se doente só em pensar que aquele rebotinho humano era tão necessário no momento. Ou será que ele fora tão rebaixado a ponto de utilizá-lo? Utilizá-lo e depois ordenar sua execução? Aquilo aproximava os respectivos mundos.

— Muito bem, Sr. Kendall, vou esclarecer. . . O homem que escolhi para Buenos Aires é um dos melhores agentes que possuímos no Serviço de Informação. Ele trará os planos. Mas não quero me arriscar de maneira alguma a que ele saiba do transporte de diamantes. Rhinemann operando sozinho é suspeito; a inclusão do *underground* alemão coloca o caso acima de suspeitas.

Swanson estudara o caso; todo mundo falava do *underground* francês, do balcânico, mas o alemão trabalhara mais e com maior eficiência e sacrifício que todos os outros reunidos. O antigo homem de Lisboa saberia disso. O detalhe transformaria a missão de Buenos Aires em algo aceitável e legítimo.

— Espere um momento. . . Jesus Cristo! Espere um momento. — A desagradável expressão de Kendall modificou-se bruscamente, como se, com repentino e relutante entusiasmo, encontrasse mérito no que Swanson dissera. — Poderia ser um bom ardil.

— Que quer dizer com isso — *ardil*?

— Exatamente o que disse. Falou que vai usá-lo para o agente. O *underground* está acima de suspeitas e toda essa merda... Muito bem, vamos além disso. Acaba de apresentar a garantia que precisamos oferecer.

— Que garantia?

— Que o embarque dos diamantes Koenig poderá sair de Buenos Aires. Isso resolverá tudo. . . Deixe-me fazer duas perguntas. E responda com franqueza.

Rato de esgoto, pensou Swanson, fitando o homem excitado, descabelado.

— Fale.

— Esse *underground* deve ter tirado muita gente da Alemanha, gente importante. Todo mundo sabe disso.

— Têm-se mostrado muito eficientes.

— Ele tem elos com a Marinha alemã?

— Creio que sim. A Central de Informações aliada deve saber especificamente. . .

— Mas não quer se dirigir a eles. Ou quer?

— Fora de cogitação.

— Mas possível?

— O quê?

— A Marinha alemã, diabo! A frota submarina!

Kendall estava inclinado para a frente, olhos fixos nos de Swanson.

— Creio que não. Não sou... primordialmente um elemento da Informação. O *underground* alemão tem uma rede extensa. Suponho que haja contatos com o comando naval.

— Então é possível.

— Sim, tudo é possível — Swanson baixou a voz, recuando diante de suas próprias palavras. — É possível.

Kendall recostou-se na cadeira e amassou o cigarro. Sorrindo seu sorriso sem atrativos, meneou o dedo para Swanson.

— Aí está a sua história. Limpa como um assobio e acima de qualquer suspeita. . . Enquanto estamos adquirindo os planos, acontece que um submarino alemão passa pelas proximidades, pronto a emergir e entregar um importante desertor, ou até dois, se preferir. Cortesia do *underground*. Haverá melhor razão para um submarino vir à tona em águas inimigas? Protegidas por patrulhas?... Só que ninguém sai. Em vez disso, carga entra a bordo.

Swanson procurou assimilar as manobras rapidamente expostas por Kendall.

— Haveria complicações. . .

— Errado! O local está isolado. Uma coisa nada tem a ver com a outra! Não passa de conversa, afinal.

O general-de-brigada Alan Swanson compreendeu que encontrara um homem mais competente que ele em ação.

— É possível. *Blackout* no rádio. Instruções da Central aliada. Kendall levantou-se, dizendo, em voz baixa:

— Detalhes. Planejarei tudo... E você me pagará. Oh, Deus, como pagará.

13

27 de Dezembro de 1943

AÇORES

A ilha Terceira, nos Açores, 837 milhas a oeste de Lisboa, era um pouso familiar aos pilotos que atravessavam o Atlântico pela rota do sul, voando para os Estados Unidos. Ao descerem, sentiam sempre a agradável impressão do tráfego menor e do serviço prestado por pessoal eficiente, o que lhes permitia levantar vôo novamente com rapidez. O aeroporto de Lajes era um bom destacamento. Os que para ele eram designados reconheciam-no e procuravam trabalhar bem.

E foi por isso que o major no comando de um B-17 de carga e transporte de pessoal, levando como único passageiro o Capitão David Spaulding, não compreendeu a demora.

Começara a perder altitude a 14 mil pés. A torre de Lajes interrompera suas instruções de aproximação, ordenando ao piloto que aguardasse. O major objetara; não havia necessidade, do seu ponto de vista. A pista estava livre. O operador de rádio da torre concordara com o major, mas dissera estar apenas repetindo instruções telefônicas vindas do comando americano de Ponta Delgada, na ilha vizinha de São Miguel. Az-Am-HQ dava as ordens; aparentemente, aguardava alguém que iria receber o avião e esse alguém não chegara. A torre manteria o major informado e, por falar no assunto, ele estaria carregando alguma carga prioritária? Apenas curiosidade.

Certamente que não. Não havia carga alguma; apenas um adido militar chamado Spaulding, da Embaixada de Lisboa. Um daqueles malditos rapazes dos chás diplomáticos. A viagem era um voo rotineiro para Norfolk e por que, diabo, ele não podia pousar?

A torre manteria o major informado.

O B-17 pousou às 13:00 precisamente, depois de sobrevoar 27 minutos.

David levantou-se do assento removível, fixo ao piso por ganchos, e espreguiçou-se. O piloto, um agressivo major que aparentava ser muito jovem, emergiu da cabina e comunicou que havia um jipe lá fora — ou que viria em breve — para transportar o capitão até a base.

— Gostaria de manter um horário razoável — disse o jovem piloto, dirigindo-se sem humor ao seu subalterno mais velho. — Sei que vocês, diplomatas, têm muitos amigos nesses postos sociais, mas eu tenho uma longa etapa de voo a percorrer. Não esqueça, por favor.

— Tentarei manter a partida de pólo em três períodos — replicou David, em tom cansado.

— É, faça isso.

Voltando-se, o major dirigiu-se ao fundo da cabina, onde um sargento da Força Aérea abriu a porta de carga utilizada como saída do avião. Spaulding seguiu-o, perguntando a si mesmo quem encontraria lá fora.

— Meu nome é Ballantyne, capitão — disse o civil de meia-idade, ao volante do jipe, estendendo a mão a Spaulding. — Sou da Açores-American. Entre. Só andaremos alguns minutos. Vamos para a casa do superintendente, uns 100 metros além da cerca.

David notou que os guardas do portão não se deram ao trabalho de deter Ballantyne, fazendo-o passar com um gesto. O civil enveredou pela estrada paralela ao campo e acelerou. Em menos tempo do que o necessário para acender um cigarro, o jipe entrou na alameda de uma *hacienda* espanhola de um só pavimento, seguindo para um local que só poderia ser descrito como um mirante isolado.

— Chegamos. Vamos, capitão — disse Ballantyne, saltando e indicando a porta de tela do recinto. — Meu sócio, Paul Hollander, está à sua espera.

Hollander era também um civil de meia-idade. Quase inteiramente calvo, usava óculos de aros metálicos, que envelheciam sua aparência. Como Ballantyne, sua expressão tresandava inteligência. Com I maiúsculo. E um sorriso franco.

— É um verdadeiro prazer, Spaulding. Como tantos de nós, sempre admirei o trabalho do homem de Lisboa.

I maiúsculo, pensou David.

— Obrigado. Gostaria de saber por que já não sou mais o homem de Lisboa.

— Isso não posso responder. Nem Ballantyne, lamento.

— Talvez achem que lhe devam um descanso — sugeriu Ballantyne. — Meu Deus, ficou lá por quanto tempo? Três anos sem interrupção.

— Quase quatro — respondeu David. — E houve muitas interrupções. Costa Brava é bem melhor que Palm Beach. Disseram-me que vocês — suponho que sejam vocês — me

dariam ordens... Não quero parecer impaciente, mas há um adolescente desagradável, com posto de major, dirigindo o avião. Ele é que está impaciente.

— Diga-lhe que vá para o diabo — e Hollander riu. — Temos as suas ordens e também uma pequena surpresa para você: é tenente-coronel. Diga ao major que mande passar a farda.

— Parece que saltei um posto.

— Não exatamente. Chegou a major no ano passado. Aparentemente, não precisava de títulos em Lisboa.

— Nem associações militares — interveio Ballantyne.

— Nenhum dos dois, de fato — falou David. — Pelo menos não me rebaixaram. Tive pressentimentos de que iriam montar guarda ao redor de privadas.

— Difícil. — Hollander sentou-se numa das quatro espreguiçadeiras, convidando David com um gesto a fazer o mesmo. Era a sua maneira de dizer que o encontro não seria tão rápido quanto Spaulding julgara. — Se fosse tempo de exposições ou revelações, tenho certeza de que você seria condecorado.

— Obrigado — falou David, sentando-se. — Isso acaba com uma séria preocupação. De que se trata?

— De novo: não sabemos. Recebemos apenas instruções *ex-cathedra*. Temos que fazer a você diversas perguntas, das quais apenas uma poderia impedir a transmissão de suas ordens. Vamos começar por aí. Estou certo de que gostaria de saber pelo menos para onde vai.

Hollander sorriu novamente o seu sorriso franco.

— Gostaria. Continue.

— Já que foi desligado de seus deveres em Lisboa, chegou a fazer contato — internacional ou não —, com quem quer que fosse fora da Embaixada, incluindo o mais inocente adeus? Ou o pagamento de uma conta — um restaurante, uma loja? Ou um encontro casual com algum conhecido no aeroporto, ou a caminho de lá?

— Não. E mandei minha bagagem pela mala diplomática. Nada de malas ou equipamento de viagem.

— Você é meticuloso — observou Ballantyne, ainda de pé.

— Tenho razões. Naturalmente que tinha compromissos para a semana após a minha volta do norte. . .

— De onde? — perguntou Hollander.

— Da região basca e de Navarra. Pontos de contato abaixo da fronteira. Eu sempre marcava compromissos logo em seguida; mantinha a continuidade. Não muitos, mas o bastante para nos conservarmos à vista. Fazia parte da cobertura. Havia dois esta semana: almoço e coquetéis.

— E que fez com eles? — Ballantyne sentou-se junto de David.

— Dei instruções a Marshall — o criptógrafo que recebeu minhas ordens — para telefonar a cada um, pouco antes do dia em que eu deveria aparecer, dizendo que me atrasei. Apenas isso.

— Não que você não compareceria? — Hollander parecia fascinado.

— Não. Apenas atrasado. Ajustava-se ao papel.

— Aceito a sua palavra — riu Hollander. — Respondeu afirmativamente e mais que isso. Que lhe parece Nova York?

— Como sempre: agradável por limitados períodos de tempo.

— Não sei por quanto tempo, mas esse é o seu destino. E sem uniforme, coronel.

— Morei em Nova York. Conheço muita gente lá.

— Seu novo papel é extremamente simples. Foi dispensado honrosamente, depois de servir na Itália. Razões de saúde, ferimentos leves. — Hollander tirou do bolso um

envelope e entregou-o a David. — Está tudo aqui. Terrivelmente simples. Documentos... tudo.

— Está bem — David aceitou o envelope. — Sou um sujeito desligado em Nova York. Até agora, tudo certo. Não poderia transformar isso em realidade?

— Disse que os papéis são simples, não disse autênticos. Lamento.

— Eu também. Que acontece depois?

— Alguém se mostra muito solícito com você. Tem um excelente emprego e muito bem pago. Na Meridian Aircraft.

— Meridian?

— Divisão de Planejamento.

— Pensei que a Meridian ficasse no Meio Oeste. Illinois ou Michigan.

— Tem escritórios em Nova York. Pelo menos agora.

— Plantas de aviões, suponho.

— Creio que sim.

— Isso é contra-espionagem?

— Não sabemos — respondeu Ballantyne. — Não recebemos informação alguma, exceto os nomes dos dois indivíduos a quem se apresentará.

— Estão no envelope?

— Não — respondeu Hollander. — Serão dados verbalmente e devem ser decorados. Nada por escrito até que se encontre no local.

— Oh, meu Deus, isso me lembra Ed Pace. Ele adora esse tipo de tolice.

— Lamento. Está acima de Pace.

— O quê?... Pensei que não houvesse nada acima, exceto talvez a Santa Comunhão... Então, como me apresento? E a quem?

— Correio prioritário direto a um endereço em Washington. Nenhuma indicação de departamento, mas transmissão e prioridade liberadas através da Divisão de Campanha, Fairfax.

Spaulding emitiu um assobio quase inaudível.

— Quais são os nomes?

— O primeiro é Lyons. Eugene Lyons, aerofísico. Devemos dizer a você que ele é um tanto estranho, mas um tremendo gênio.

— Em outras palavras: rejeite o homem, aceite o gênio.

— Algo semelhante. Suponho que esteja habituado a isso — observou Ballantyne.

— Sim. E o outro?

— Um homem chamado Kendall. — Hollander cruzou as pernas. — Nada a respeito dele. Apenas o nome. Walter Kendall. Não tenho a menor idéia do que ele faz.

David ajustou o cinto de segurança na poltrona removível. Os motores do B-17 funcionavam em alta velocidade, lançando vibrações através da imensa fuselagem. Olhou em volta do avião como se fosse a primeira vez que pisasse num, tentando reduzir os vãos e o chapeamento a uma espécie de planta imaginária. Se a descrição que Hollander fizera da sua missão estivesse correta — e por que não estaria? —, em breve se encontraria estudando plantas de aviões.

O que lhe pareceu estranho foram os métodos de precaução. Eram desrazoáveis; numa palavra: ultrapassavam até mesmo as preocupações anormais de segurança. Seria muito simples para ele apresentar-se a Washington, ser transferido e receber instruções mais minuciosas. Em vez disso, pelo menos aparentemente, não haveria instruções.

Por que não?

Deveria aceitar ordens de dois homens que jamais conhecera? Sem a sanção do reconhecimento — sequer da apresentação — de qualquer autoridade militar? Que diabo andava Ed Pace fazendo?

Lamento. . . Acima de Pace.

Eram as palavras que Hollander havia pronunciado... *liberadas através da Divisão de Campanha, Fairfax.* Hollander novamente.

À exceção da Casa Branca, Fairfax estava acima de tudo, David sabia. Mas Fairfax, era *militar*. E ele não receberia instruções de Fairfax — elas foram simplesmente "liberadas".

As "perguntas" restantes de Hollander não haviam sido perguntas, na verdade. Eram iniciadas com frases interrogativas — "você sabe", "você pode", "você tem" — mas não eram perguntas e sim novas instruções.

Tem amigos em alguma das companhias de aviação? No plano executivo?

Ignorava. Estivera tanto tempo fora do país que não sabia sequer se tinha amigos.

No entanto, Hollander dissera que ele precisaria evitar tais "amigos", caso existissem. E apresentar seus nomes a Walter Kendall, se os encontrasse.

Conhece mulheres em Nova York que estejam sob o olhar do público?

Que espécie de pergunta teria sido aquela? A mais tola que jamais ouvira! Que diabo quisera dizer Hollander?

O agente Az-Am, calvo, óculos no nariz, esclarecera de modo sucinto. Fazia parte do dossiê de David o detalhe de que suplementara seus rendimentos civis como ator radiofônico. Isso significava que conhecia atrizes.

E atores, sugerira Spaulding. E daí?

Amizades com atrizes muito conhecidas poderiam conduzir a fotos em jornais, esclarecera Hollander. Ou cochichos em colunas, seu nome em publicações. Tudo isso precisava ser evitado.

David recordou que conhecia — ou conhecera — várias moças que haviam tido êxito no cinema, depois que ele se ausentara. Tivera um caso de curta duração com uma atriz que era no momento uma das maiores estrelas da Warner Brothers. Concordou, com relutância. O agente tinha razão. Tais contatos precisavam ser evitados.

É capaz de absorver rapidamente, decorar especificações de planos não relacionados com o 'design' industrial?

Se lhe dessem uma chave de símbolos correlativos e fatores materiais, a resposta seria afirmativa.

Neste caso, deveria preparar-se — fosse lá como fosse — para planos aeronáuticos.

Isso era óbvio, pensou Spaulding.

E era só o que poderia dizer, completara Hollander.

O B-17 taxiou para o extremo oeste da pista de Lajes e fez a manobra para levantar vôo. O major desagradável fizera questão de se encontrar junto à porta de carga, olho no relógio, quando Spaulding regressara. Saltando do jipe, David trocara um aperto de mão com Ballantyne e erguera três dedos para o major.

O marcador perdeu a conta na última hora. Você sabe como são esses rapazes de calças listradas — dissera ao piloto.

O major não achara graça.

O avião ganhou velocidade, o solo martelando o trem de aterrissagem com crescente ferocidade. Em segundos, o aparelho estaria no ar. David inclinou-se para pegar um jornal dos Açores que Hollander lhe dera e que ele colocara no chão, ao apertar o cinto de segurança.

Súbito, aconteceu. Uma explosão de tal violência que a poltrona removível voou dos ganchos e foi projetada contra a parede direita do avião, carregando David inclinado. E ele

jamais saberia, mas com freqüência haveria de especular, se o jornal dos Açores tinha ou não salvado a sua vida.

Havia fumaça por todo lado; o avião ergueu-se do chão e girou lateralmente. O ruído de metal despedaçado encheu a cabina com um grito contínuo, infundável; armações de aço curvaram-se para baixo, soltando-se do alto e dos lados da fuselagem — arrebentando-se, saltando das montagens.

Uma segunda explosão destroçou a cabina da frente; salpicos de sangue e pedaços de carne jorraram contra as paredes que giravam e se despedaçavam. Uma parte de crânio humano, com traços de cabelos queimados sob o brilhante e viscoso fluido vermelho, esbofeteou o braço de Spaulding. Através da fumaça, avistou o sol brilhante invadindo a parte anterior do avião em disparada.

O aparelho partira-se ao meio.

David compreendeu imediatamente que possuía uma única chance de sobrevivência. Os tanques de combustível estavam repletos para a longa travessia do Atlântico; explodiriam em segundos. Procurou o fecho do cinto e puxou-o com toda força. Estava enguiçado. A queda violenta fizera com que o tecido nele se amontoasse. Puxou, torceu, o fecho saltou e ele se libertou.

O avião — o que dele restava — iniciou uma série de explosivas convulsões na luta final para imobilizar-se no terreno acidentado que se aproximava velozmente, estendendo-se para além da pista. David inclinou a poltrona para trás, arrastando-se como pôde em direção aos fundos. A certa altura, foi obrigado a parar e agarrar-se ao piso, cobrindo o rosto com os braços, quando um fragmento de metal cortou-lhe a parte posterior do ombro direito.

A porta de carga estava escancarada; o sargento da Força Aérea, metade do corpo para fora da estrutura de aço, jazia, morto, o peito aberto do pescoço aos pulmões.

David calculou a distância até o solo da melhor maneira que o pânico lhe permitiu e atirou-se para fora do avião, encolhendo-se ao mesmo tempo por causa do impacto da queda e da necessidade de rolar para longe da cauda que avançaria veloz.

A terra era dura e cheia de pedras, mas ele estava *livre*. Continuou rolando, arrastando-se, cavando, mergulhando as mãos ensangüentadas no solo seco e rijo, até esgotar completamente o fôlego.

Caído no chão, ouviu o grito das sirenas a distância.

E depois a explosão que encheu o ar e estremeceu a terra.

Mensagens prioritárias transmitidas por alta freqüência foram trocadas entre a sala de operações do aeroporto de Lajes e a Divisão de Campanha, Fairfax.

David Spaulding seria transportado para fora da ilha Terceira no próximo vôo para Newfoundland, previsto para dentro de uma hora. Em Newfoundland seria recebido por um caça na base aérea e voaria direto a Mitchell Field, Nova York. Já que o Tenente-Coronel Spaulding não sofrera danos físicos maiores, não haveria modificação nas ordens que lhe tinham sido transmitidas.

A causa das explosões no B-17 e mortes resultantes era, sem dúvida alguma, sabotagem. Iniciada em Lisboa ou realizada durante o processo de reabastecimento em Lajes. Intensiva investigação foi imediatamente iniciada.

Hollander e Ballantyne encontravam-se com David quando ele foi examinado e tratado pelo médico do Exército britânico. Com ataduras sobre as suturas do ombro direito, os cortes nas mãos e nos braços devidamente tratados, Spaulding declarou-se abalado, mas capaz de agir. O médico saiu, depois de ministrar um sedativo intravenoso que lhe possibilitaria descansar completamente na etapa final da viagem a Nova York.

— Estou certo de que tem direito à licença de uma semana ou mais — disse Hollander. — Meu Deus, é uma sorte estar conosco!

— "Vivo" é a palavra — acrescentou Ballantyne.
— Serei o alvo? — perguntou Spaulding. — Teria alguma ligação comigo?
— Fairfax acha que não — respondeu Hollander. — Acreditam que seja coincidência.
Spaulding observou o agente Az-Am e teve impressão de que hesitava, como se ocultasse algo.
— Estranha coincidência, não acham? Eu era o único passageiro.
— Se o inimigo pode eliminar um grande avião e mais um piloto, suponho que considere isso um progresso. E a segurança em Lisboa é péssima.
— Não onde eu estava. Não de modo geral.
— Bem, então, talvez aqui em Terceira... Estou apenas repetindo o que pensa Fairfax.
Ouviram-se batidas na porta do ambulatório e Ballantyne abriu-a. Um primeiro-tenente, muito erecto, falou em voz baixa, dirigindo-se a David, evidentemente cômico de que escapara da morte por um triz.
— Hora de preparar-se, senhor. Levantaremos vôo dentro de 20 minutos. Posso ajudar em alguma coisa?
— Não tenho coisa alguma, tenente. Tudo o que eu transportava se encontra naquele amontoado de ferro calcinado, na pista 40-sul.
— É claro. Sinto muito.
— Não sinta. Melhor a bagagem que eu. . . Vou já.
David voltou-se para Ballantyne e Hollander, trocando apertos de mão.
Do último, despediu-se em segundo lugar e notou-o nos olhos do agente.
Hollander ocultava qualquer coisa.

O comandante naval britânico abriu a porta de tela do mirante e entrou-. Paul Hollander levantou-se da espreguiçadeira.

— Trouxe? — perguntou o oficial.
— Trouxe. — O comandante colocou a pasta na solitária mesa de ferro batido e abriu os fechos. Do interior, retirou um envelope e entregou-o ao americano. — O laboratório fez um bom trabalho. Bem iluminado, verso e reverso. Quase o artigo verdadeiro.
Hollander desenrolou o barbante da dobra do envelope e retirou uma foto. Era a ampliação de um pequeno medalhão, uma estrela de seis pontas.

A Estrela de Davi.

No centro do verso via-se uma inscrição floreada em hebraico. No reverso, o baixo-relevo de uma faca, com um raio atravessando a lâmina.

— O que está em hebraico é o nome de um profeta chamado Haggai. É o símbolo de uma organização de fanáticos judeus que opera fora da Palestina. Chama-se Haganah. Seu objetivo, afirmam, é vingança — dois mil anos de vingança. Prevemos muitos problemas com eles nos próximos anos; temo que tenham deixado isso bem claro.

— Mas diz que estava soldado à parte inferior da cabina traseira.

— De maneira a estar protegido de tudo, exceto uma explosão direta. Seu avião foi destruído pela Haganah.

Hollander continuava de olhos na fotografia. Súbito, fixou-os no comandante britânico.

— Por que, meu Deus? Por quê?

— Isso não posso responder.

— Nem Fairfax. Creio que nem sequer desejam tomar conhecimento. Querem enterrar o assunto.

WASHINGTON, D.C.

Quando as palavras saíram do intercomunicador, na voz macia e equilibrada da tenente WAC que era sua secretária, Swanson compreendeu que não se tratava de comunicação rotineira.

— Fairfax na linha um, senhor. É o Coronel Pace. Disse que eu deveria interrompê-lo.

Desde que entregara o dossiê de Spaulding, o comandante de Fairfax mostrara-se relutante em aparecer pessoalmente. Não falara de sua relutância, simplesmente delegava as mensagens aos subordinados. E já que todas diziam respeito ao progresso da operação que retiraria Spaulding de Portugal, a atitude de Pace estava clara: apressaria, mas não reconheceria pessoalmente sua participação.

Edmund Pace ainda não estava satisfeito com as confusas explicações de "mais alta prioridade" relativas ao homem de Lisboa. Ele obedeceria ordens dadas por segundas pessoas.

— General, há uma mensagem de emergência do aeroporto de Lajes, na Terceira — disse Pace, urgência na voz.

— Que diabo significa isso? *Onde?*

— Açores. O transporte B-17 em que viajava Spaulding foi sabotado. Explodiu ao levantar voo.

— Meu Deus!

— Posso sugerir que venha até aqui, general?

— Spaulding morreu?

— Relatórios preliminares indicam negativo, mas não quero garantir nada. Tudo nebuloso. Queria esperar até obter confirmação, mas agora não posso. Houve um acontecimento inesperado. Venha, por favor, general.

— Estou a caminho. Obtenha a informação sobre Spaulding! Swanson reuniu os papéis que se encontravam na mesa — a

informação de Kendall — e que precisavam ser grampeados, selados numa fina caixa metálica e trancados num arquivo com duas combinações e uma chave.

Se houvesse razão para segurança total, ela se encontrava simbolizada naqueles documentos.

Girou os discos da combinação, deu volta à chave e depois pensou por um segundo que poderia reverter o processo e levar consigo os papéis. . . Não, não seria sensato. Estavam mais seguros no arquivo. Um arquivo preso ao chão era melhor que o bolso de tecido de um homem que caminhava na rua e andava de automóvel. Um arquivo não poderia sofrer acidentes; não estava sujeito à fragilidade de um general-de-brigada cansado, de 53 anos de idade e casado.

Cumprimentou o guarda de serviço na entrada e desceu rápido os degraus que o conduziram à calçada. O chofer estava à espera, avisado pela secretária WAC, cuja eficiência compensava suas contínuas tentativas de ser para ele mais que uma secretária eficiente. Ele sabia que um dia, quando as pressões se tornassem excessivas, ele a convidaria a entrar, trancaria a porta e os dois fariam amor no sofá de couro marrom.

Por que estaria pensando na secretária? Não dava a mínima importância à tenente WAC que se sentava com ar tão protetor diante de seu gabinete.

Recostou-se no banco e tirou o quepe. Sabia por que estava pensando na secretária: isso lhe proporcionava um alívio momentâneo. Adia pensamentos relativos às complicações que poderiam ou não explodir numa pista dos Açores.

Oh, Cristo! A idéia de reconstruir o que conseguira arquitetar era-lhe repulsiva. Voltar, recomeçar, pesquisar o homem certo seria impossível. Já era bastante difícil para ele rever os detalhes como estes se encontravam no momento.

Os detalhes fornecidos por um rato de esgoto. Kendall.

Um enigma. Um repulsivo quebra-cabeças que nem mesmo o G-2 poderia resolver. Swanson fizera uma verificação rotineira, baseada no fato de que o contabilista estava a par dos contratos da Meridian Aircraft. Os rapazes da Informação e os maníacos de Hoover regressaram virtualmente de mãos vazias, à exceção de nomes e datas. Havia recebido ordens para *não* entrevistar o pessoal da Meridian, ou qualquer pessoa que tivesse contato com ATCO ou Packard, ordens que aparentemente tornaram a tarefa quase impossível.

Kendall tinha 46 anos, era fortemente asmático e CPA. Solteiro, tinha poucos amigos e morava a dois quartos da firma de que era o único proprietário, sediada em Manhattan. As estimativas pessoais se apresentavam bastante uniformes: Kendall era um indivíduo desagradável, anti-social e, por acaso, também um brilhante estatístico.

O dossiê poderia contar uma história desoladora — abandono dos pais, falta de privilégios, o de sempre —, mas não contava. Não havia sinais de pobreza, registro de privações ou dificuldades parecidas com as sofridas por milhões, especialmente nos anos da Depressão.

Não havia registro em profundidade de coisa alguma, aliás. Um enigma.

Mas nada havia de enigmático nos "detalhes" de Walter Kendall relativos a Buenos Aires. Eram a própria clareza. Seu senso de manipulação fora disparado e o desafio estimulava os instintos já inclinados às manobras. Era como se ele houvesse descoberto a negociação suprema. O que era exato, na opinião de Swanson.

A operação estava dividida em três exercícios isolados: a chegada e inspeção do embarque de diamantes; a análise simultânea dos planos do giroscópio, à medida que fossem chegando; e a transferência para o submarino. Os caixotes de bort e carbonado das minas Koenig seriam secretamente, isolados num armazém de Dársena Norte, distrito de Puerto Nuevo. Os alemães postados no armazém só dariam satisfações a Erich Rhinemann.

O aerofísico Eugene Lyons seria instalado num apartamento vigiado do bairro de San Telmo, o equivalente ao Gramercy Park de Nova York, e se comunicaria com Spaulding.

Spaulding precederia Lyons em Buenos Aires e estaria adido à Embaixada, sob qualquer pretexto que Swanson considerasse aceitável. Sua missão — conforme imaginava Spaulding — seria coordenar a compra de planos do giroscópio e, caso confirmada a sua autenticidade, autorizar o pagamento. Esta autorização seria feita por código radiografado a Washington e que supostamente permitiria a transferência de fundos para Rhinemann, na Suíça.

Spaulding iria então para um aeroporto a ser mutuamente combinado, a fim de ser transportado para fora da Argentina. Receberia licença de viajar quando Rhinemann recebesse notícia de que o "pagamento" fora efetuado.

Na realidade, o código enviado por Spaulding seria um sinal para que o submarino alemão emergisse num ponto preestabelecido, fazendo contato com um pequeno barco transportando o carregamento de diamantes. As patrulhas aéreas e marítimas seriam mantidas fora da área. Se alguém pusesse em dúvida a ordem — e isso era improvável —, contariam a história dos fugitivos do *underground*.

Quando a transferência marítima fosse efetuada, o submarino radiografaria a confirmação — o "pagamento" de Rhinemann. Mergulharia e iniciaria a viagem de volta à Alemanha. Spaulding receberia então permissão para voar para os Estados Unidos.

Tais salvaguardas eram as melhores que ambos os lados poderiam esperar. Kendall estava convicto de que venderia a operação a Erich Rhinemann. Ele e Rhinemann possuíam uma certa objetividade que faltava aos demais.

Swanson não discutia a similaridade; era outra razão viável para a morte de Kendall.

O contabilista voaria para Buenos Aires dentro de uma semana e faria as negociações finais com o expatriado alemão. Rhinemann teria que compreender que Spaulding agia como um correio experiente, um guarda do excêntrico Eugene Lyons — posição que Kendall admitia ser desejável. Mas Spaulding nada mais era. Não fazia parte da transferência de diamantes; nada sabia do submarino. Forneceria os códigos necessários, porém jamais tomaria conhecimento da transferência. Não tinha meios de sabê-lo.

Estanque, selado: aceitável.

Swanson havia lido e relido os "detalhes" de Kendall; não encontrava defeito. O penetrante contabilista reduzira uma negociação imensamente complicada a uma série de atitudes simples e de motivos isolados. De certo modo, Kendall criara um logro extraordinário. Cada passo tinha a sua verificação; Cada movimento, um contramovimento.

E Swanson acrescentaria o último logro: David Spaulding mataria Erich Rhinemann.

Origem da ordem: instruções da Central de Informação aliada. Por natureza do envolvimento de Rhinemann, ele se tornaria um risco demasiado grande para o *underground* alemão. O ex-homem de Lisboa poderia empregar os métodos que considerasse mais convenientes — contratar um assassino ou matá-lo pessoalmente, o que a situação exigisse. Contanto que se certificasse de que seria feito.

Spaulding compreenderia. O mundo de sombras dos agentes e duplos agentes fora a sua vida nos últimos anos. David Spaulding, se é que se devia acreditar no seu dossiê, aceitaria a ordem pelo que ela valia — uma solução sensata, profissional.

Se Spaulding estivesse vivo.

Oh, Cristo! Que teria acontecido! Onde fora? Lapess, Lajes. Um maldito aeroporto dos Açores! Sabotagem. Explosão ao levantar vôo! Que diabo significaria aquilo?

O chofer saiu da estrada, enveredando pelo caminho secundário da Virgínia. Estavam a 15 minutos do recinto da Fairfax; Swanson surpreendeu-se mordendo o lábio inferior. Cortara o tecido delicado e sentia gosto de sangue.

— Recebemos novas informações — disse o Coronel Edmund Pace, diante do mapa fotográfico representando a ilha Terceira, nos Açores. — Spaulding está bem. Abalado, naturalmente. Pequenas suturas, escoriações, mas nada quebrado. Escapou por milagre. Piloto, co-piloto, um homem da tripulação, morreram todos. Os únicos sobreviventes foram Spaulding e um artilheiro da torre posterior, que talvez não escape.

— Ele pode se movimentar? Spaulding?

— Sim. Hollander e Ballantyne estão com ele, agora. Suponho que queira tirá-lo de lá...

— Mas, claro — interrompeu Swanson.

— Mandeí colocá-lo num transporte para Newfoundland. A menos que queira modificar as ordens, uma patrulha costeira o recolherá e trará para o sul. Mitchell Field.

— Quando chegará?

— Hoje à noite, se o tempo permitir. Senão, amanhã cedo. Mando trazê-lo para cá?

Swanson hesitou.

— Não... Mande um médico a Mitchell para fazer um exame completo. Mas conserve-o em Nova York. Se precisar alguns dias de descanso, mande instalá-lo num hotel. No mais, tudo continua na mesma.

— Bem... — Pace parecia ligeiramente aborrecido com o superior. — Alguém precisará vê-lo.

— Por quê?

— Seus documentos. Tudo o que preparamos foi pelos ares com o avião. Transformado num monte de cinzas.

— Ah, sim, naturalmente. Não pensei nisso.

Swanson afastou-se de Pace para a cadeira diante da mesa simples, despojada e sentou-se.

O coronel observava o general-de-brigada, evidentemente preocupado com a sua incapacidade de focalizar, com a concentração inadequada.

— Podemos preparar novos com facilidade, isso não é problema.

— Ótimo, faça isso, sim? Depois, mande alguém encontrá-lo no Mitchell para entregar tudo.

— OK... Mas é possível que queira mudar de idéia. Pace aproximou-se da escrivania, mas permaneceu de pé.

— Por quê? A respeito de quê?

— Seja do que for... O avião foi sabotado, já disse. Caso se lembre, pedi que viesse por causa de um acontecimento inesperado.

Swanson fixou o subordinado.

— Tive uma semana difícil. E já falei da gravidade deste projeto. Não me venha agora com jogos de Fairfax. Não alego conhecimentos no seu campo. Pedi apenas ajuda; ordenei, se quiser. Diga o que pretende, sem preâmbulos, por favor.

— Procurei prestar-lhe assistência. — O tom de Pace era de polida rigidez. — Não é fácil, general. E acabo de ganhar para o senhor 12 horas, a fim de considerar alternativas. Aquele avião foi destruído pela Haganah.

— *O quê?*

Pace esclareceu sobre a organização judaica que operava fora da Palestina, observando Swanson atentamente o tempo todo.

— Isso é uma loucura! Não faz sentido! Como sabe?

— A primeira coisa que um grupo de inspeção faz no local da sabotagem é esfriá-lo com água, recolher os destroços, procurar provas que poderiam se fundir com o calor ou queimar-se, no caso de explosivos. É uma investigação preliminar e feita com rapidez... Um medalhão da Haganah foi encontrado preso à cauda. Eles querem pleno crédito.

— Meu Deus! Que disseram vocês ao pessoal dos Açores?

— Ganhei um dia para o senhor, general. Dei instruções a Hollander no sentido de minimizar qualquer conexão e ocultá-la de Spaulding. Francamente, sugerir coincidência, se a questão escapasse ao seu controle. A Haganah é independente, fanática. A maioria das organizações sionistas não quer contato com ela. Chamam-na de "grupo de selvagens".

— Como poderia a questão escapar ao controle? — Swanson estava perturbado com outra coisa.

— Sabe com certeza que os Açores estão sob controle britânico. Um antigo tratado português lhes concede o direito a instalações militares.

— Eu sei disso — falou Swanson, secamente.

— Os britânicos encontraram o medalhão.

— Que farão?

— Pensarão no assunto e eventualmente apresentarão um relatório à Central de Informação aliada.

— Mas você sabe do que se passou, agora.

— Hollander é um bom agente. Presta favores e obtém favores em troca.

Swanson levantou-se da cadeira e pôs-se a andar a esmo ao seu redor.

— Que acha, Ed? Spaulding era o objetivo? — perguntou, fixando o coronel.

A expressão de Pace revelou que ele começava a compreender a ansiedade do general. Não tanto relativa ao projeto — este se encontrava fora de sua alçada e ele o aceitava —, mas pelo fato de um colega de farda ser obrigado a agir num setor com o qual não estava sintonizado, num território que não fora treinado para atravessar. Em tais ocasiões, um membro decente do Exército revelava simpatia.

— Só lhe posso apresentar conjecturas e muito desligadas; nem sequer posso adivinhar. . . Talvez fosse Spaulding. E, mesmo que fosse, isto não significa obrigatoriamente que o caso tenha ligação com o seu projeto.

— O quê?

— Ignoro quais tenham sido as atividades de campanha de Spaulding. Pelo menos, especificamente. E a Haganah está fervilhando de psicopatas da variedade assassina. São tão racionais quanto as unidades de Julius Streicher. Spaulding talvez tenha sido obrigado a matar um judeu português ou espanhol. Ou a utilizar alguém numa armadilha. Num país católico, é o quanto basta para uma célula da Haganah... Ou poderia ser alguém que estivesse no avião. Um oficial ou membro da tripulação com parente anti-sionista, especialmente se este anti-sionista era judeu. Eu teria que fazer uma verificação. . . A menos que se esteja à par do assunto, não se consegue compreender esses judeus.

Swanson permaneceu em silêncio por longo tempo. Quando falou, foi para agradecer a atitude de Pace.

— Obrigado. . . Mas é provável que não seja nada disso, não é? Refiro-me aos judeus de Spaulding, ou às armadilhas, ou a um tio do piloto... É Spaulding.

— Não se sabe. Especular, está certo. Mas não concluir.

— Não posso compreender *como*. — Swanson tornou a sentar-se, pensando em voz alta.

— Levando tudo em consideração... O pensamento perdeu-se no silêncio.

— Posso fazer uma sugestão?

Pace dirigiu-se à sua cadeira. Não era momento de falar com superioridade a um superior confuso.

— Certamente — respondeu Swanson, fixando o coronel, olhar expressando sua gratidão àquele duro e confiante elemento da Informação.

— Não estou liberado para o seu projeto e, para falar a verdade, não quero estar. É um exercício do Departamento de Guerra e é lá o seu lugar. Disse há minutos que deveria considerar alternativas. . . deveria mesmo. Mas somente se encontrar uma conexão direta. Observei-o e notei que não encontrou.

— Por que não existem.

— O senhor não está envolvido — e eu mesmo não sei como, considerando-se o que sei da pista de Johannesburg — com os campos de concentração? Auschwitz? Belsen?

— Nem sequer de maneira remota.

Pace inclinou-se para diante, cotovelos apoiados na mesa.

— São essas as preocupações da Haganah, além dos "judeus espanhóis" e das "armadilhas"... Não tome qualquer decisão agora, general. Seria precipitada, sem razão que a apoiasse.

— Apoiasse... — Swanson fitou-o, incrédulo. — Um avião explodiu. Homens morreram!

— É um medalhão poderia ser colocado por qualquer um na cauda do avião. É possível que estejam testando-o.

— Mas, *quem*?

— A isso não sei responder. Previna Spaulding; ele achará engraçado, uma vez que estava no avião. Mas permita que meu elemento em Mitchell Field diga a ele que poderia haver uma repetição, que tome cuidado... Ele é experiente, general. Sabe se portar... Contudo, posso sugerir também que procure um substituto?

— Um substituto?

— Para Spaulding. Se houver uma repetição, poderá ser bem sucedida. Ele seria eliminado.

— Quer dizer que o matariam.

— Sim.

— Em que espécie de mundo vivem vocês? — perguntou Swanson, em voz baixa.

— Complicado.

15

29 de Dezembro de 1943
NOVA YORK

Spaulding observava o tráfego pela janela do hotel que dava para a Fifth Avenue e o Central Park. O Montgomery era um daqueles hotéis pequenos e elegantes onde se hospedavam seus pais em Nova York, e havia uma agradável sensação de nostalgia no fato de ali se encontrar novamente. O velho porteiro chegara a chorar discretas lágrimas ao registrá-lo. Spaulding esquecera — felizmente recordara antes da assinatura secar — que o velho o levara a passeio no parque, décadas atrás. Havia mais de um quarto de século! Passeios no parque. Governantas. Motoristas à espera no *foyer*, preparados para transportar seus pais a um concerto, um trem, um ensaio. Críticos musicais. Executivos de companhias de discos. Festas infundáveis, onde em geral ele aparecia antes de se deitar e seu pai pedia que ele dissesse a algum dos convidados em que idade Mozart compusera a *Quarta*; datas e fatos que era obrigado a memorizar e que não lhe interessavam absolutamente. Discussões.. Crises histéricas por causa de um maestro inadequado, uma *performance* má ou uma crítica pior.

Loucura.

E sempre a figura de Aaron Mandel tranquilizando, acalmando; seu pai autoritário, enquanto a mãe se apagava, à espera num papel secundário que disfarçava sua força inata.

E os períodos tranquilos. Os domingos — exceto aqueles em que havia concerto —, quando os pais recordavam subitamente de sua existência e procuravam compensar num só dia a atenção que julgavam impropriamente delegada a governantas, motoristas e simpáticos e polidos gerentes de hotel. Nessas épocas tranquilas, ele sentia as tentativas sinceras, porém artificiais, de seu pai e gostaria de dizer-lhe que tudo estava, bem, que ele não se sentia esquecido. Não precisavam passar dias de outono vagueando por zoológicos e museus; na verdade, os zôos e os museus europeus eram muito melhores. Não era necessário que o levassem a Coney Island ou às praias de New Jersey no verão. Que eram eles, comparados ao Lido ou à Costa dei Santiago? Mas sempre que se encontravam na América sentiam aquela compulsão paterna para se ajustaria um modelo chamado "Pai e Mãe Americano".

Triste, engraçado, inconsistente; impossível, enfim.

E por qualquer razão oculta ele jamais voltara àquele pequeno e elegante hotel nos últimos anos. Raro havia necessidade, é claro, mas poderia ter feito um esforço; a gerência gostava sinceramente da família Spaulding. De certo modo, parecia-lhe correto. Após tantos anos no estrangeiro, ele queria uma base segura numa terra estranha, segura pelo menos nas recordações.

Spaulding afastou-se da janela, em direção à cama onde o criado colocara sua mala nova, com as novas roupas civis que ele comprara em Rogers Peet. Tudo, inclusive a mala. Pace tivera a providência de enviar-lhe dinheiro pelo major que trouxera as duplicatas dos documentos destruídos em Terceira. Precisara assinar recibo pelo dinheiro — não pelos papéis — e isso o divertira.

O major que o recebera em Mitchell Field — na pista — escoltara-o até a enfermaria da base, onde um entediado médico do Exército considerara-o apto, mas "abatido"; criticara profissionalmente as suturas colocadas pelo médico britânico nos Açores, mas não achou

motivo para mudá-las; e sugeriu que David tomasse dois comprimidos de APC de quatro em quatro horas e descansasse.

Advertência paciente.

O major-correio tocara uma canção no piano de Fairfax, dizendo que a Divisão de Campanha continuava analisando a sabotagem de Lajes; era possível que fosse voltada para ele, por algo que tivesse feito em Lisboa. Deveria ser cuidadoso e comunicar qualquer incidente fora do comum diretamente ao Coronel Pace, em Fairfax. Além disso Spulding estava sob as ordens de um general-de-brigada chamado Alan Swanson, do Departamento de Guerra. Swanson era o seu controle e entraria em contato com ele em questão de dias, 10 no máximo.

Então, por que ligar para Pace? Em vista de possíveis "incidentes". Por que não entrar diretamente em contato com esse tal Swanson, já que era ele o controle?

Instruções de Pace, replicara o major; até que o general-de-brigada assumisse, seria mais simples assim.

Ou mais sigiloso, pensou David, recordando o olhar toldado de Paul Hollander, o agente Az-Am de Terceira.

Algo estava acontecendo. A transferência do controle começava a ser realizada de maneira não ortodoxa. Desde os códigos sem assinatura, de alta prioridade, recebidos em Lisboa, até a ordem extraordinária: fora da estratégia. Desde a entrega em pleno oceano dos documentos por intermédio dos agentes Az-Am, que declararam ter que interrogá-lo primeiro, até as mais estranhas ordens no sentido de que ele se apresentasse a dois civis em Nova York, sem qualquer instrução anterior.

Era como uma valsa-hesitação. Ele descansaria uma hora, tomaria banho, faria a barba e veria Nova York à noite pela primeira vez em mais de três anos. Veria o que a guerra havia feito à Manhattan noturna; à diurna — que ele visse — pouco ou nada fizera. Somente os cartazes. Seria bom dormir com uma mulher naquela noite. Mas, se isso acontecesse, teria que ser algo tranquilo, sem lutas ou urgência. Um interlúdio agradável, verdadeiramente agradável. Por outro lado, não estava disposto a folhear um catálogo telefônico para criar a situação. Três anos e nove meses haviam passado desde que ele pegara um telefone em Nova York. Nesse período, aprendera a ser cauteloso com mudanças ocorridas em questão de dias, para não falar de anos e meses.

Recordava com satisfação que os transferidos dos Estados Unidos para a Embaixada de Lisboa falavam com freqüência da acessibilidade das mulheres americanas, especialmente em Washington e Nova York, onde a quantidade e a impermanência agiam a favor de aventuras de uma noite. Lembrou-se então, com um laivo de divertida resignação, que essas mesmas histórias falavam do irresistível magnetismo do uniforme de oficial, especialmente de capitão para cima.

Envergara uniforme exatamente três vezes nos últimos quatro anos: no *lounge* do hotel Mayflower, com Ed Pace, no dia de sua chegada a Portugal, e no dia da saída.

Nem sequer possuía um naquele momento.

O telefone tocou, assustando-o. Somente Fairfax e, supunha ele, esse tal de General Swanson sabiam onde se encontrava. Da enfermaria do Mitchell Field ligara para o Montgomery, fazendo a reserva. O major dissera que precisaria de setenta e duas horas de descanso. Ninguém deveria perturbá-lo. E agora alguém o procurava.

— Alô?

— *David*. — Voz feminina, cultivada no Plaza. — David Spaulding!

— Quem está falando?

Perguntou a si mesmo se suas fantasias recém-liberadas estariam brincando com a realidade.

— Leslie, querido! Leslie Jenner! Meu Deus, deve fazer quase cinco anos!

A mente de Spaulding disparou. Leslie Jenner fazia parte da sociedade nova-iorquina, mas não dos círculos radiofônicos; era da turma da universidade. Encontros sob o relógio do Biltmore; longas noites no La Rue, festas às quais fora convidado não tanto por causa de graças sociais como pelo fato de ser filho dos concertistas Spaulding. Leslie pertencia a Miss Porter's, Finch e a Junior League.

Só que o sobrenome mudara. Ela casara com um rapaz de Yale. Não lembrava do nome.

— Leslie, isto é. . . bem, é uma surpresa. Como soube que eu estava aqui?

Spaulding não estava disposto a entregar-se a uma conversa ociosa.

— Nada acontece em Nova York que eu não saiba! Tenho olhos e ouvidos em toda parte, querido! Uma verdadeira rede de espionagem!

David Spaulding sentiu-se empalidecer. Não lhe agradava o gracejo da moça.

— Falo sério, Leslie... Eu não telefonei para ninguém. Nem mesmo para Aaron. Como descobriu?

— Já que quer saber, Cindy Bonner — antes Cindy Tottle, casada com Paul Bonner — estava trocando uns horríveis presentes de Natal para Paul, em Rogers Peet, e jurou que viu você experimentando um terno. Bem, você conhece Cindy! Tímida demais...

David não conhecia Cindy. Não conseguia recordar o nome, muito menos o rosto. Leslie Jenner prosseguiu, enquanto ele pensava no assunto:

— . . . e então correu ao telefone mais próximo e me avisou. Afinal, querido, nós sempre fomos uma grande dupla!

Se uma "grande dupla" significava dois meses de fins-de-semana em East Hampton, no verão, dormindo com a filha da casa, então

David tinha que concordar. Mas não concordava com a descrição, fora um caso muito passageiro, discreto, anterior ao muito badalado casamento da moça.

— Prefiro que não revele ao seu marido esta informação...

— Oh, meu Deus, pobrezinho! Sou *Jenner*, querido, não Hawkwood! Nem mesmo conservei o nome. De jeito nenhum conservaria.

Então é isso, pensou David. Casou com um homem chamado Hawkwood, Roger ou Ralph, algo semelhante. Jogador de futebol ou tenista?

— Lamento muito. Eu não sabia...

— Richard e eu nos separamos há séculos. Foi um desastre. O filho da mãe não conseguia se manter afastado nem de minhas melhores amigas! Tenho certeza de que as garotas inglesas andam muito satisfeitas com ele. . . E falo sério! Eu sei!

David experimentou um leve frêmito na virilha. Leslie Jenner estava fazendo um convite.

— Bem, são aliados — respondeu Spaulding, de bom humor. — Mas você não disse como me encontrou aqui.

— Foram precisos exatamente três telefonemas, meu bem. Tentei os costumeiros: Comodore, Biltmore e Waldorf. Depois me lembrei que seus pais sempre se hospedavam no Montgomery. Muito "Velho Mundo", querido. . . Pensei que com essa dificuldade para se fazer reservas você se lembraria dele. . .

— Seria um bom detetive, Leslie.

— Somente quando o objeto de minhas investigações vale a pena, meu bem. . . Nós nos divertimos, naquele tempo.

— Sim, nós nos divertimos — concordou Spaulding, pensando em coisa totalmente diversa. — E não podemos desperdiçar sua proeza de memória. Que tal um jantar?

— Se você não me tivesse convidado eu gritaria.

— Devo buscá-la no seu apartamento? Qual o endereço? Leslie hesitou uma fração de segundo.

— É melhor nos encontrarmos no restaurante. Jamais sairíamos daqui.

Um convite, sem dúvida alguma.

David sugeriu um café da Fifty-first Street, de que ele se lembrava.

— Sete e meia? Oito?

— Sete e meia está ótimo, mas não lá, querido. Fechou há anos. Por que não o Gallery? Fica na Forty-sixth. Farei reservas, Eles me conhecem.

— Ótimo.

— Pobrezinho, estive ausente tanto tempo. Não sabe de nada. Eu servirei de guia.

— Ótimo. Sete e trinta, então.

— Nem posso esperar. Mas prometo não chorar.

Spaulding colocou o fone no gancho. Estava confuso e em diversos níveis. Para começar, uma garota não telefonava para um ex-amante após quase quatro anos de guerra, sem perguntar — especialmente nos tempos que corriam — onde ele estivera, como estava ou, pelo menos, qual o tempo que contava permanecer na cidade. Não era natural, negava a curiosidade em tempos inclinados à curiosidade.

A outra razão era profundamente perturbadora.

A última vez que seus pais haviam estado no Montgomery fora em 1934. E ele não voltara ali depois. Conhecera a moça em 1936. Em outubro de 1936, em New Haven, no Yale Bowl, lembrava-se nitidamente.

Leslie Jenner não poderia saber sobre o hotel Montgomery. Não no que se relacionava aos seus pais.

Mentia.

16

29 de Dezembro de 1943

NOVA YORK

O Gallery era exatamente como David esperava: muito veludo vinho, com generosas fileiras de palmas, de formas e tamanhos variados, refletindo os flocos de luz amarelo-pálido em dezenas de pontos das paredes, colocados tão alto que tornavam os *menus* ilegíveis. A clientela era igualmente previsível: jovem, rica, deliberadamente despreocupada; uma profusão de sobrancelhas franzidas e sorrisos oblíquos descobrindo dentes muito brilhantes. As vozes elevavam-se e caíam, as palavras atropelavam-se, a dicção escorregadia.

Leslie Jenner já se encontrava à sua espera. Correu a abraçá-lo diante das portas do vestiário, estreitando-o com violência, em silêncio, por vários minutos — ou pelo menos foi o que pareceu a Spaulding. Fosse como fosse, um tempo excessivo. Quando ela inclinou a cabeça para trás, lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Eram genuínas, mas havia algo — seria a rigidez dos lábios cheios? os próprios olhos? —, algo de artificial na moça. Ou seria nele? Os anos afastado de locais como o Gallery e moças como Leslie Jenner?

Em todos os outros sentidos ela estava como ele recordava. Talvez mais velha, certamente mais sensual, com aquele inconfundível olhar experiente. Seus cabelos, antes de um louro-escuro, estavam acastanhados; os olhos, grandes e castanhos, haviam dado sutileza ao inato ar provocante; o rosto parecia levemente enrugado, mas ainda firme, aristocrático. E ele sentiu o corpo dela contra o seu, despertando lembranças, esguio, forte, seios amplos, um corpo que girava em torno do sexo. Por ele e para ele amoldado.

— Oh, meu Deus, meu Deus! Oh, David!

E premiu os lábios contra a orelha do rapaz.

Sentaram-se à mesa reservada, ela segurando com firmeza a mão dele, libertando-a somente para acender um cigarro e tomando-a de novo. Falavam com rapidez. Ele não

tinha certeza de estar sendo ouvido, mas ela anuí com freqüência, sem tirar dele os olhos. Repetiu as linhas simples de seu papel: Itália, fermentos leves; permissão para voltar a uma indústria essencial, onde seria mais útil que carregando um rifle. Não sabia ao certo quanto tempo ficaria em Nova York. (Neste caso era sincero, pensou consigo mesmo. Não tinha a menor idéia do tempo que permaneceria na cidade, e bem que gostaria de saber.) E estava feliz em revê-la.

O jantar era prelúdio da cama. Ambos o sabiam; nenhum dos dois se deu ao trabalho de ocultar a excitação de reviver a mais agradável das experiências: sexo na juventude, gozado nas sombras, para além das censuras dos mais velhos. Mais apreciado porque proibido, perigoso.

— Seu apartamento? — perguntou ele.

— Não, querido. Eu o partilho com minha tia, a irmã mais moça de mamãe. É muito elegante hoje em dia partilhar o apartamento. Muito patriótico.

David não entendeu o raciocínio.

— Então, o meu — disse, com firmeza.

— David? — Leslie apertou-lhe a mão, fazendo uma pausa antes de continuar. — Aquela velha família que trabalha no Montgomery conhece muita gente da nossa turma. Os Allcott, por exemplo, têm lá uma suíte, assim como os Dewhurst. . . Eu tenho a chave do apartamento de Peggy Webster, na Village. Lembra-se de Peggy? Você foi ao casamento dela. Jack Webster. Você conhece Jack. Está na Marinha. Ela foi visitá-lo em San Diego. Vamos ao apartamento de Peggy.

Spaulding observou-a com atenção. Não esquecera o estranho comportamento ao telefone, a mentira; a respeito do velho hotel e do seus pais. Contudo, era possível que sua imaginação estivesse trabalhando demais — os anos em Lisboa haviam-no tornado mais cauteloso. Poderia haver explicações, lapsos de memória da parte dele, mas no momento sentia-se tão curioso quanto excitado.

Estava muito curioso. E muito excitado.

— O apartamento de Peggy — concordou.

Se havia algo além do objetivo sexual, esse algo escapou-lhe.

Depois de tirarem os agasalhos, Leslie preparou drinques na cozinha, enquanto David amontoava papéis sob a grelha da lareira, observando o fogo começar a arder.

Leslie imobilizou-se na porta da cozinha, vendo-o separar os toros e criar uma corrente de ar. Drinques na mão, sorriu.

— Dentro de dois dias será o Ano Novo. Nós saltaremos no tempo e esta será a nossa véspera de Ano Novo. O início, espero.

— De muitos — respondeu ele, levantando-se e aproximando-se dela. Tomou ambos os copos, não o que lhe fora estendido. — Vou colocá-los aqui.

Levou-os para a mesinha diante do pequeno sofá voltado para a lareira e virou-se rápido, polido, para observar-lhe os olhos. Ela não fixava os copos. Ou o local onde os colocara.

Em vez disso, aproximou-se da lareira e tirou a blusa. Deixou-a cair no chão e voltou-se, os seios amplos acentuados pelo sutiã apertado, transparente, com uma teia de pespontos no bojo.

— Tire a camisa, David.

Ele obedeceu e aproximou-se. Ela estremeceu diante das ataduras, tocando-as de leve com os dedos, pressionando o corpo contra o dele, a pelve firme contra o quadril de David, movimentando-se lateralmente, com habilidade. Ele a rodeou com os braços e abriu o sutiã; ela se inclinou de leve quando o tirou; depois, voltou-se, arqueando-se para cima, contra o torso do rapaz. Com a mão direita, David segurou-lhe um seio e ela, afastando-se em parte, abriu-lhe as calças.

— Os drinques podem esperar, David. É véspera de Ano Novo. O nosso pelo menos. Segurando-lhe ainda o seio, ele a beijou nos olhos, nos ouvidos. Ela o tocou e gemeu.

— Aqui, David. Aqui mesmo no chão.

Deixou-se cair de joelhos, a saia erguida até as coxas, o alto das meias visível.

Deitou-se junto dela e beijaram-se.

— Eu me lembro — murmurou ele, rindo de leve. — A primeira vez. A cabana junto ao abrigo do barco. No chão. Eu me lembro.

— Perguntava a mim mesma se você lembraria. Eu jamais esqueci.

Passavam apenas 45 minutos da meia-noite quando ele a levou para casa. Haviã-m-se amado duas vezes, bebido uma porção do bom uísque de Jack e Peggy Webster e conversado sobre "os velhos tempos". Leslie não tinha inibições relativas ao seu casamento. Richard Hawkwood, o ex-marido, era uma pessoa simplesmente incapaz de manter um relacionamento permanente. Era um glutão sexual, contanto que o sexo estivesse espalhado; não muito, caso contrário. Era também um fracassado — tanto quanto a família dele permitia — no mundo dos negócios. Hawkwood fora educado para gozar de 50 mil dólares anuais; sua capacidade lhe permitiria ganhar talvez uns seis.

A guerra fora criada para homens como Richard, na opinião dela. Destacavam-se nesta circunstância, como acontecera ao marido. Deveria "tombar em chamas" fosse lá onde fosse, desaparecendo com brilho em vez de regressar às frustrações da vida civil. Spaulding achou que ela estava se mostrando severa. Leslie afirmou que se mostrava condescendente. Riram e se amaram.

Durante todo o tempo, David manteve-se alerta, à espera de que ela dissesse, revelasse ou perguntasse algo fora do comum. Qualquer coisa que esclarecesse as razões por detrás das mentiras que dissera. Não encontrou nada.

Perguntou novamente, fingindo incredulidade pelo fato de Leslie recordar seus pais e o Montgomery. Ela insistiu na memória infalível, acrescentando apenas que "o amor torna qualquer procura mais eficaz".

Mentia novamente, ele o sabia. O que havia entre eles não era amor.

Ela o deixou no táxi, não quis que subisse. A tia estaria dormindo, era melhor assim.

Os dois se encontrariam novamente no dia seguinte. No apartamento dos Webster. Dez horas da noite. Ela tinha um compromisso para jantar, mas sairia cedo e quebraria o compromisso da véspera do Ano Novo. Teriam o dia inteiro só para eles.

Quando o porteiro a introduziu e o táxi se pôs a subir a Fifth Avenue, David pensou pela primeira vez que Fairfax queria que ele iniciasse sua missão na Meridian Aircraft dois dias depois, véspera de Ano Novo. Esperava que se trabalhasse meio expediente.

Estranho. Véspera de Ano Novo. Natal.

Nem sequer se lembrara do Natal. Mandara presentes aos pais em Santiago, mas fora antes da viagem ao norte, à região basca e a Navarra.

Natal não tinha significado. Papai Noel tilintando suas campainhas nas ruas de Nova York, as decorações das vitrinas, nada daquilo tinha sentido para ele.

E sentiu-se triste. Sempre gostara daqueles festejos.

Pagou ao motorista, cumprimentou o porteiro noturno do Montgomery e tomou o elevador. No seu pavimento, saltou e dirigiu-se à porta. Automaticamente, porque sentia os olhos cansados, passou o dedo sobre o cartão que dizia "NÃO PERTURBE", pendurado à maçaneta.

Depois, apalpou a madeira e olhou para baixo, acendendo o is³ queiro para ver melhor. Os fios desapareceram.

O sexto sentido e as instruções de Fairfax para se manter alerta haviam-no levado a distribuir fios pelo quarto do hotel. Invisíveis, de seda bege ou negra, colocados em meia dúzia de lugares; caso desaparecessem ou se rompessem, isso indicaria um invasor.

Estava desarmado e não podia saber se havia alguém ainda no quarto.

Regressando ao elevador, apertou o botão e perguntou ao cabineiro se ele possuía uma chave geral. Sua porta não queria abrir. O homem não possuía e conduziu-o ao vestíbulo.

O porteiro da noite atendeu, ordenando ao cabineiro que permanecesse no seu lugar enquanto ele ajudava o Sr. Spaulding a resolver o problema da fechadura.

Quando os dois saíram do elevador e desceram o corredor, Spaulding ouviu nitidamente um ferrolho sendo corrido, quase silencioso, mas inconfundível. Voltou rápido a cabeça em ambas as direções, tentando localizar a origem do som.

Nada além de portas fechadas.

O porteiro não teve dificuldade em abrir a porta, mas sentiu-a -para compreender o braço do Sr. Spaulding ao redor do seu ombro, impelindo-o para o interior do quarto único, junto com ele.

David olhou em redor, rapidamente. As portas do banheiro e do armário estavam abertas como as deixara. Não havia outros esconderijos. Libertando o empregado, gratificou-o com uma nota de cinco dólares.

— Muito obrigado. Sinto-me embaraçado. Creio que bebi demais.

— Por nada, senhor. E muito obrigado.

O homem saiu, fechando a porta.

David pôs-se a verificar rapidamente os fios. No armário, no bolso do casaco, espalhados e enroscados.

Não havia fios.

Na escrivaninha, primeira e terceira gavetas.

Ambos os fios estavam deslocados. O primeiro, no interior, sobre uma pilha de lenços; o segundo, entre as camisas.

Na cama, o fio estava colocado lateralmente ao longo da colcha, em linha com o desenho.

Nada em parte alguma.

Dirigiu-se à mala, que se encontrava no porta-bagagem junto à janela, ajoelhou-se e examinou a fechadura direita; o fio se encontrava preso no fecho metálico sob a pequenina mola. Se a mala fosse aberta, ele se partiria.

Estava partido, restando apenas uma metade.

O interior da mala abrigava um único fio nos fundos, cruzando o bolso elástico a três dedos de distância do lado esquerdo.

Desaparecera.

David levantou-se. Aproximando-se da cama, procurou o catálogo telefônico. Inútil esperar. Qualquer vantagem que tivesse estaria na surpresa. Seu quarto fora revistado por um profissional. Não se esperava que ele percebesse.

Conseguiria o telefone de Leslie Jenner, voltaria ao apartamento dela e descobriria uma cabina telefônica próxima à entrada; com sorte, à vista da entrada. Então, telefonaria, contaria uma história absurda qualquer e pediria para vê-la. Não mencionaria a busca, nada que levantasse suspeitas. Ele a surpreenderia e escutaria, atento à sua reação. Se ela concordasse em vê-lo, tudo bem. Do contrário, manteria o apartamento sob vigilância a noite inteira, caso necessário.

Leslie Jenner tinha uma história a contar e ele descobriria qual. O homem de Lisboa não passara três anos nas províncias do norte sem se tornar um perito.

Não havia Jenner no edifício de apartamentos.

Havia apenas seis Jenners em Manhattan.

Foi dando, um a um, os números à telefonista do hotel e cada qual — em variáveis estágios de sono e ira — deu a mesma resposta.

Não havia ali nenhuma Leslie Jenner. Ninguém a conhecia.

Spaulding desligou. Levantando-se da cama, andou pelo quarto.

Iria ao edifício e interrogaria o porteiro. Era possível que o apartamento estivesse em nome da tia, embora implausível. Leslie Jenner colocaria seu nome e número de telefone nas Páginas Amarelas, se pudesse. Para ela, o telefone era um meio de vida, não um instrumento de conveniência. Se ele fosse ao apartamento e começasse a fazer perguntas, estaria anunciando uma insensata preocupação. E não estava disposto a isso.

Quem seria a moça que o vira em Rogers Peet? A que estava trocando presentes de Natal. Cynthia? Cindy?... Cindy. Cindy Tuttle.... Tottle. Não Tottle... Bonner. Casada com Paul Bonner, "trocando uns horríveis presentes de Natal para Paul".

Voltou à cama e tomou novamente o catálogo.

Paul Bonner encontrava-se na lista: 480, Park Avenue. Um endereço adequado. Deu o número à telefonista.

A voz da moça, mais adormecida que desperta, atendeu:

— Alô?

— Sra. Bonner?

— Sim. De que se trata? Fala a Sra. Bonner.

— Sou David Spaulding. Viu-me esta tarde em Rogers Peet. Estava trocando presentes para seu marido e eu, comprando um terno... Perdoe-me incomodá-la, mas é importante. Jantei com Leslie... Leslie Jenner. A senhora telefonou para ela. Acabo de sair do apartamento. Deveríamos nos encontrar amanhã e descobri agora que não será possível. É uma tolice, mas esqueci de trazer o telefone dela e agora não consigo encontrá-lo no catálogo. Será que podia...

— Sr. Spaulding. — A moça interrompeu-o, em tom áspero, já livre do sono. — Se isto é uma brincadeira, saiba que é de muito mau gosto... Eu não o vi esta tarde e não estava trocando. . . não estive em Rogers Peet. Meu marido morreu há quatro meses. Na Sicília... Não falo com Leslie Jenner. . . Hawkwood, creio que é como se chama agora... há mais de um ano. Ela se mudou para a Califórnia, Pasadena, parece-me. . . Não nos temos visto. E não é provável que passemos a nos encontrar.

David ouviu o ruído brusco da ligação interrompida.

17

31 de Dezembro de 1943

NOVA YORK

Era a manhã da véspera de Ano Novo.

Seu primeiro dia de "emprego" na Meridian Aircraft, Divisão de Planejamento.

Permanecera a maior parte do dia anterior no hotel, saindo apenas para almoçar e comprar revistas; jantara no quarto e finalmente dirigira-se de táxi a Greenwich Village, onde sabia que não encontraria Leslie Jenner às 10 horas.

Permanecera confinado por duas razões. A primeira fora a confirmação do diagnóstico do médico de Mitchell Field: estava exausto. A segunda era igualmente importante. Fairfax estava investigando Leslie Jenner Hawkwood, Cindy Tottle Bonner e um oficial de Marinha chamado Jack ou John Webster, cuja esposa se encontrava convenientemente na Califórnia. David queria as informações antes de prosseguir e Ed Pace prometera ser tão minucioso quanto possível em 48 horas.

Spaulding sentia-se impressionado com as palavras de Cindy Bonner relativas a Leslie Jenner.

Ela se mudou para a Califórnia. Pasadena, parece-me...

E um telefonema para o superintendente do apartamento de Greenwich Village confirmara que os Webster moravam ali; o marido estava na Marinha e a mulher, viajando na Califórnia. Ele guardava a correspondência para os dois.

Viajando pela Califórnia.

Ela se mudou para a Califórnia. . .

Haveria alguma conexão? Ou simples coincidência?

Spaulding consultou o relógio. Eram oito horas. Manhã da véspera de Ano Novo. No dia seguinte, estariam em 1944.

Naquela manhã, porém, teria que se apresentar a um certo Walter Kendall e a Eugene Lyons, na sede provisória da Meridian, na Thirty-eighth Street

Por que uma das maiores companhias de construção aeronáutica dos Estados Unidos teria escritórios "temporários"?

O telefone tocou e David estendeu a mão para atender.

— Spaulding?

— Olá, Ed.

— Consegui o que foi possível. Não faz muito sentido. Para começar, não há registro de divórcio entre os Hawkwood. E ele está mesmo na Inglaterra. Oitava Força Aérea. Mas nada de especial. É piloto, Décimo Comando de Bombardeiros, em Surrey.

— E que história é essa de ela morar na Califórnia?

— Há 18 meses saiu de Nova York e mudou-se para a casa de uma tia, em Pasadena. Tia muito rica, casada com um homem chamado Goldsmith. Ele é banqueiro — alta roda, jogadores de pólo. Pelo que soube — e é bem pouco —, ela simplesmente gosta da Califórnia.

— OK. E esse Webster?

— Confere. Era oficial-artilheiro do *Saratoga*. Está em San Diego para reparos. Deve voltar ao serviço dentro de duas semanas, e a data confere. Até então, inúmeras licenças de 48 e 72 horas, mas nenhuma prolongada. Sua mulher Margaret, reuniu-se ao marido tenente há uns dois dias. Está hospedada no hotel Greenbrier.

— Algo a respeito dos Bonner?

— Só o que você já sabe, exceto que ele foi um autêntico herói. Estrela de Prata Póstuma, Infantaria. Abatido numa patrulha, cobrindo a retirada de uma emboscada. Invasão da Sicília.

— E é só?

— É só. É evidente que todos se conhecem, mas não encontro nada que se relacione com a sua missão no Departamento de Guerra.

— Mas você não é o controle, Ed. Disse que ignorava qual a missão.

— Exato. Mas, pelos fragmentos que conheço, não consigo encontrar nada.

— Meu quarto foi revistado. Quanto a isso não há dúvida.

— Talvez roubo. Soldado rico num hotel elegante, regressando de ausência prolongada. Alguém poderia imaginar que você estivesse com muitos pagamentos atrasados, dinheiro descontado.

— Duvido. Demasiado profissional.

— Muitos profissionais trabalham nesses hotéis. Esperam que o sujeito saia para embriagar-se e . . .

Spaulding interrompeu-o.

— Quero investigar uma coisa.

— O quê?

— Essa moça, Bonner, disse que não era provável que voltasse a estar em contato com Leslie Jenner e não brincava. É uma coisa estranha de se dizer, não é? Gostaria de saber por que falou assim.

— Vá em frente. Foi o seu quarto de hotel, não o meu. . . Sabe o que eu acho? E pensei no assunto. Precisava pensar.

— O quê?

— Essa turma de Nova York se dedica ao jogo das camas musicais. Você não entrou em detalhes, mas não acha lógico que uma senhora que esteja passando alguns dias em Nova York o tenha visto pessoalmente — ou conheça alguém que o visse — e pensado: "Por que não? Afinal, que diabo, voltaria logo para a Califórnia e provavelmente nunca mais tornaria a vê-lo..."

— Não, não é lógico. Ela foi demasiado complicada. Não precisava. Procurava me manter afastado do hotel.

— Bem, você estava presente. . .

— Com certeza. Sabe, não é engraçado. Segundo o major de Mitchell Field, você pensa que a história dos Açores foi por minha causa. . .

— Eu disse que *poderia* ser... — interrompeu Pace.

— E eu não acho. No entanto, estou convicto de que o caso da noite passada foi proposital e você não acha. Talvez estejamos ambos cansados.

— Talvez eu esteja também preocupado com o seu controle. Swanson é muito nervoso. Não está no seu setor. Creio que não suportaria novas complicações.

— Então, não vamos apresentar-lhe outras. Não agora. Eu saberei quando for necessário.

Spaulding observou o descabelado contabilista que descrevia a operação Buenos Aires. Jamais conhecera alguém como Walter Kendall. O homem era positivamente sujo. Seu odor era apenas em parte disfarçado por doses liberais de rum. A camisa e o colarinho estavam sujos, o terno amarrotado, e David observou fascinado o homem respirando simultaneamente pela boca e pelas narinas. O agente de Terceira havia dito que Eugene Lyons era "estranho"; se esse Kendall era "normal", estava ansioso por conhecer o cientista.

A operação Buenos Aires parecia bastante simples, muito menos complexa que a maior parte do seu trabalho de Lisboa. Tão simples, na verdade, que se sentiu irado por terem-no deslocado de Lisboa para isso. Se alguém se tivesse dado ao trabalho de esclarecê-lo algumas semanas antes, poderia ter poupado a Washington uma porção de planos e talvez dinheiro. Lidara com o *underground* alemão desde que a organização havia consolidado suas diversas facções, tornando-se uma força efetiva. Se aquele Erich Rhinemann era capaz de comprar os planos, removê-los do complexo de Peenemünde, ele — o homem de Lisboa — seria capaz de retirá-los do país, provavelmente com maior segurança do que tentando infiltrá-los pelo Mar do Norte ou os portos de Canal. Esses portos eram estanques, obsessivamente patrulhados. Caso não fossem, grande parte do seu trabalho seria desnecessária. O único aspecto notável da operação era o fato de Rhinemann ter obtido os planos — fossem lá do que fossem —, retirando-os de Peenemünde. Isso era de fato extraordinário. Peenemünde era um subterrâneo de concreto de aço mergulhado na terra, dotado do mais complexo sistema de segurança e controle jamais elaborado. Seria mais fácil a um homem sair — por diversas razões inventadas — do que retirar uma simples folha de papel.

Além do mais, Peenemünde mantinha seus laboratórios isolados, estágios vitais coordenados apenas por um punhado da elite científica sob verificação da Gestapo. Em termos de Buenos Aires, isto significava que Erich Rhinemann era capaz de (1) ter contato e comprar diversos chefes de laboratório em ordem sistemática; (2) ultrapassar ou comprar

(impossível) a Gestapo; ou (3) obter a cooperação dos cientistas que atravessavam as barreiras dos laboratórios.

A experiência de David conduzia-o a desqualificar as duas últimas hipóteses; demasiada oportunidade de traição. Rhinemann deveria ter-se concentrado nos chefes de laboratório; era perigoso, mas praticável.

À medida que Kendall falava, David decidiu guardar consigo mesmo suas conclusões. Faria várias perguntas, uma ou duas cujas respostas desejava mesmo obter, mas não formaria uma associação com Walter Kendall desta vez. Era uma decisão fácil de tomar. Tratava-se de um dos homens mais desagradáveis que conhecera.

— Existe alguma razão em particular para que os planos sejam entregues por etapas? — perguntou.

— Talvez não sejam. Mas Rhinemann vai retirá-los, parte por parte. Todo mundo tem a sua escala. Ele diz que é mais seguro assim. Segundo seus planos, calculamos o período de uma semana.

— Está bem, faz sentido. . . E esse Lyons pode autenticá-los?

— Ninguém melhor que ele. Falarei no assunto dentro de minutos. Há certas coisas que precisa saber. Chegando à Argentina, ele será propriedade sua.

— Isto parece ameaçador.

— Você saberá controlá-lo. Terá ajuda. . . O importante é que, tão logo verifique os planos, envie os códigos e Rhinemann seja pago. Não antes.

— Não compreendo. Por que tanta complicação? Estando os planos verificados, por que não pagar em Buenos Aires?

— Ele não quer esse dinheiro num banco argentino.

— Deve ser uma fortuna.

— É.

— Pelo pouco que sei de Rhinemann, não é estranho que esteja trabalhando com o *underground* alemão?

— É judeu.

— Não diga isso a quem tenha estado em Auschwitz. Não acreditarão.

— A guerra torna obrigatórios certos relacionamentos. Nós, por exemplo. Estamos trabalhando com os russos. Mesmo caso: objetivos comuns, esqueçamos os desentendimentos.

— Neste caso, o sujeito tem excesso de sangue-frio.

— O problema é deles, não nosso.

— Não insisto... Uma pergunta óbvia: já que estou a caminho de Buenos Aires, para a Embaixada, por que esta escala em Nova York? Não seria mais fácil simplesmente transferir-me de Lisboa para a Argentina?

— Decisão de última hora, creio. Desagradável, não?

— Meio complicada. Estou na lista de transferências?

— Em quê?

— Na lista de transferências do serviço diplomático. Departamento de Estado. Adido militar.

— Não sei. Por quê?

— Gostaria de saber se é do conhecimento geral o fato de que saí de Lisboa. Ou se poderia vir a ser. Julguei que não seria.

— Então, não é. *Por quê?*

— Preciso saber como me portar, é só.

— Achamos que devia passar alguns dias familiarizando-se com tudo. Conhecendo Lyons, a mim, examinando os planos. Sabendo o que procuramos, esse tipo de coisa.

— Muita consideração. — David notou o olhar interrogador de Kendall. — Não, não me refiro a isso. Com frequência nos atiram problemas de campanha quase sem conhecimento do *background*.

Eu próprio fiz isso com meus homens... Então, está dispensa, o combate na Itália são a cobertura das minhas atividades em Lisboa? Somente para Nova York?

— Sim, creio que é isso.

Kendall, que estava sentado na ponta da cadeira, levantou-se e andou em volta.

— Até que ponto devo levar a história?

— Levar o quê?

Kendall evitava fitar David, que estava inclinado para a frente, sentado no sofá do escritório.

— A cobertura. Os documentos mencionam o Quinto Exército — Clark; Trigésima Quarta Divisão, Batalhão 112 etc. Devo me informar a respeito? Não conheço grande coisa do teatro "de guerra italiano. Aparentemente, fui ferido nas proximidades de Salerno. Alguma circunstância especial?

— Isso é coisa do Exército. Quanto a mim, você ficará aqui cinco, seis dias; depois, Swanson falará com você e o mandará para Buenos Aires.

— Está bem, esperarei pelo General Swanson.

Percebera a inutilidade de executar os rituais G-2 com Kendall... Semiprofissional, semi-amador. Valsa-hesitação.

— Até partir, passará todo o tempo que julgar necessário com Lyons. No gabinete dele.

— Ótimo. Gostaria de conhecê-lo. — Levantou-se.

— Sente-se. Ele não está aqui hoje. Não há ninguém aqui além da recepcionista. Até uma hora. É véspera de Ano Novo. — Kendall afundou na poltrona e tirou um cigarro, cuja ponta apertou. — Preciso falar com você a respeito de Lyons.

— Está bem. — David voltou ao sofá.

— É um bêbado. Passou quatro anos na prisão, numa penitenciária. Mal pode falar, porque queimou a garganta com álcool puro... É também o sujeito mais conhecedor de aerofísica que existe no mundo.

Spaulding fixou Kendall em silêncio por vários segundos. Quando falou, não fez a menor tentativa de ocultar o choque.

— É uma recomendação um tanto contraditória, não é?

— Eu disse que ele é inteligente.

— O mesmo acontece com metade dos loucos do Bellevue. É capaz de trabalhar? Já que será minha "propriedade", conforme disse, gostaria de saber o que, diabo, me deram. E *por que*, naturalmente.

— Ele é o melhor.

— Isso não responde à minha pergunta.

Perguntas.

— Você é um soldado. Recebe ordens.

— E dou também. Não me venha com essa.

— Está bem. .. Você tem direito, creio.

— Eu diria que sim.

— Eugene Lyons escreveu uma obra sobre aerodinâmica; foi o mais jovem professor do Instituto Massachusetts de Tecnologia. Talvez fosse jovem demais; decaiu rápido. Casamento desnivelado, muita bebida, uma porção de dívidas. Creio que foram as dívidas. É o que acontece em geral. Isso e um excesso de inteligência que ninguém quer reconhecer.

— Que aconteceu?

— Endoideceu, embriagou-se uma semana inteira. Quando deu de si, estava num quarto de hotel do lado sul de Boston e a moça que o acompanhava estava morta. Espancara-a até matá-la... Era uma prostituta, de modo que ninguém se importou muito. Mas ele, sim. O veredicto foi homicídio não premeditado e o Instituto conseguiu-lhe um bom advogado. Esteve quatro anos na prisão, saiu, mas ninguém quis contratá-lo, ninguém quis saber dele... Isso foi em 1936. Ele desistiu; reuniu-se aos vagabundos nas sarjetas. Literalmente.

Kendall fez uma "pausa e sorriu. David sentiu-se perturbado com aquele sorriso. Nada havia de engraçado na história.

— É óbvio que não ficou por lá — foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

— Ficou durante uns três anos. Queimou a garganta em Houston Street.

— É muito triste.

— Foi a melhor coisa que podia acontecer. Na enfermaria do hospital, anotaram sua história e um médico interessou-se por ele. Foi transferido para o maldito CCC, razoavelmente reabilitado; com a eclosão da guerra, ingressou nos trabalhos de defesa.

— Então, ele está bem agora.

Era uma afirmativa, a única coisa que lhe ocorreu dizer, mais uma vez.

— Não se reabilita um homem assim de uma hora para a outra. Ou mesmo em dois anos... Ele sofre recaídas, volta à bebida *de vez* em quando. Já que trabalha com material secreto, vive isolado com seus dois guardas pessoais. Aqui em Nova York, por exemplo; tem um quarto no hospital St. Luke. É transportado de um lado para outro como esses bêbados de sociedade... Na Califórnia, a Lockheed instalou-o num apartamento com jardim, tendo dois enfermeiros a vigiá-lo 24 horas por dia, quando se encontra fora da fábrica. Na verdade, saiu-se bem.

- Deve ser muito valioso. Quanto trabalho...

- Eu disse – interrompeu Kendall. – Ele é o melhor. Só precisa ser vigiado.

- Que acontece quando fica sozinho? Tenho conhecido alcoólatras. São capazes de escapular, às vezes com muita inteligência.

- Isso não é problema. Ele receberá bebida, quando quiser. É muito esperto. Mas nunca sai sozinho. Não vai onde há muita gente, se é que me entende.

- Não sei se entendo.

- Ele não fala. Mal consegue uns murmúrios roucos. Lembre-se de que queimou a garganta. Afasta-se das pessoas... o que é ótimo. Quando não está bebendo – o que acontece quase sempre – lê e trabalha. Passa dias no laboratório, inteiramente sóbrio, sem sair uma só vez. Tudo perfeito.

- Como se comunica, por exemplo, no laboratório ou numa reunião?

- Bloco e lápis, alguns murmúrios, as mãos. Quase sempre bloco e lápis. Apenas números, equações, diagramas. É essa a sua linguagem.

- Toda a sua linguagem?

- Certo... Se está pensando em ter uma conversa com ele, esqueça. Não conversa com ninguém há 10 anos.

31 de Dezembro de 1943

Nova York

Spaulding desceu apressadamente a Madison Avenue em direção à esquina nordeste da B. Altman's. Caía neve fina; os táxis passavam rápidos, sem dar atenção aos poucos pedestres que faziam sinal no meio do quarteirão. As melhores corridas estariam na

entrada da loja de departamentos, para transportar os que faziam compras de última hora na véspera de Ano Novo. Gente que comprava na Altman's, na tarde daquele dia, eram passageiros de primeira. Por que gastar gasolina com inferiores?

David surpreendeu-se caminhando mais depressa do que precisava. Não ia a parte alguma, a nenhum local específico que exigisse sua presença em determinada hora. Só queria afastar-se de Walter Kendall o mais rápido possível.

Kendall terminara sua instrução a respeito de Eugene Lyons com a declaração de que “dois guarda-costas” acompanhariam o cientista a Buenos Aires. Não haveria bebidas para o mudo-eremita de garganta queimada. Os enfermeiros levavam “pílulas cavалares” para todas as ocasiões. Eugene Lyons, sem bebida, passaria horas com os planos. Por que não? Ele não fazia nada. Não haveria conversas, pensou David.

Recusara o convite de Kendall para almoçar, sob pretexto de visitar amigos da família. Afinal, estivera ausente mais de três anos...

A verdade é que queria afastar-se daquele homem. E havia outra razão: Leslie Jenner Hawkwood.

Não sabia por onde começar, mas teria que ser rápido. Tinha menos de uma semana para conhecer o que se encontrava por detrás da incrível noitada que haviam passado. O início incluiria uma viúva chamada Bonner, isso ele sabia.

Talvez Aaron Mandel pudesse ajudar.

Tirando do bolso uma nota de um dólar, aproximou-se do porteiro da Altman's e conseguiu um táxi em menos de um minuto.

O percurso pela cidade foi feito ao acompanhamento da loquacidade do motorista, que parecia ter uma opinião sobre qualquer assunto. David achou-o aborrecido. Queria pensar e não conseguia. Súbito, sentiu-se grato.

- Pretendia pegar a multidão de véspera de Ano Novo no Plaza, sabe o que quero dizer? A gente ganha ótimas gorjetas naquelas festas de esforço de guerra. Mas minha mulher não quis. Disse que eu tinha que ir para casa beber um pouco de vinho, rezar a Deus para que nossos rapazes vivam este ano. Agora, preciso ir. Se alguma coisa acontecesse, eu imaginaria que a culpa foi das gorjetas de Ano Novo. Superstições! Que diabo! O rapaz é datilógrafo em Fort Dix.

David esquecera o óbvio. Não, não esquecera; apenas deixara de considerar as possibilidades porque não se relacionavam com ele. Ou ele com elas. Estava em Nova York. Na véspera do Ano Novo. Isto significava festas, bailes de caridade e uma infinita variedade de festejos inspirados pela guerra, numa dúzia de diferentes salões e em dezenas de residências.

A Sra. Paul Bonner estaria num desses locais, numa dessas festas. Fazia quatro meses que o marido morrera. Era luto suficiente nas circunstâncias. Amigos — outras mulheres como Leslie Jenner, mas não ela própria, naturalmente — deixariam isso bem claro. Era assim que se portava a sociedade em Manhattan. E era muito sensato, afinal.

Não seria excessivamente difícil descobrir aonde ela iria. E encontrando-a, encontraria os outros... Era um ponto de partida.

Deu uma gorjeta ao motorista e atravessou rápido o vestíbulo do Monfgomery.

— Sr. Spaulding! — A voz do velho porteiro ecoou no cubículo de mármore. — Há um recado para o senhor.

Aproximou-se do balcão.

— Obrigado.

Desdobrou o papel. "O Sr. Fairfax telefonou. Quer ligar para ele o mais depressa possível?"

Ed Pace queria comunicar-se com ele.

A linha estava intacta sob a maçaneta da porta. Entrando no quarto, dirigiu-se logo ao telefone.

— Descobri algo a respeito dessa moça, Hawkwood — falou Pace. — Achei que você gostaria de saber.

— O que é?

Por que, mas por que Pace iniciava sempre assim uma conversa? Esperava que ele respondesse que não, que não queria saber de nada, e desligasse?

— Temo que se ajuste à minha opinião da noite passada. Sua antena anda trabalhando demais.

— Pelo amor de Deus, Ed, eu o condecorarei assim que puder. Mas, o que é?

— Ela é promíscua. Tem uma ampla vida sexual no distrito de Los Angeles. Discreta, mas ativa. Uma prostituta de alto nível, se é que não o ofendo.

— Não me ofende. Qual é a fonte?

— Vários irmãos em armas, para começar. Marinha e Força Aérea. Depois, gente do cinema, atores e uns dois executivos de rádio. E a turma sócio-industrial: Lockheed, Sperry Rand. Ela não é a mais bem-vinda no Santa Mônica Yacht Club.

— Existe algum padrão G-2?

— Primeira coisa que investigamos. Negativo. Nenhum elemento classificado na cama dela. Só gente importante, militares e civis. E ela está em Nova York. Indagações discretas revelam que ela foi visitar os pais pelo Natal.

— No catálogo telefônico, não há nenhuma Jenner que a conheça.

— Em Bernardsville, New Jersey?

— Não — respondeu David, cansado. — Manhattan. Você disse Nova York.

— Tente Bernardsville, se quiser encontrá-la. Mas não mande recibos de despesa. Você já não é correio agindo no norte.

— Não. Bernardsville é região de caça.

— O quê?

— Território muito social. Cavalariças e certames de equitação... Obrigado, Ed. Você me economizou um bocado de trabalho.

— Nem pense nisso. Tudo o que você conseguiu foi que a Central de Informação aliada resolvesse os problemas de sua vida sexual. Procuramos agradecer aos nossos empregados.

— Prometo me realistar quando a guerra terminar. Obrigado, mais uma vez.

— Dave?

— Que foi?

— Não recebi autorização para a missão de Swanson, de modo que não entro em detalhes, mas que lhe parece tudo isso?

— Juro que não entendo por que você não foi autorizado. É uma simples compra feita por dois sujeitos estranhos. Um, pelo menos... Não, dois, que eu saiba. O que conheci é demais. Parece-me que complicaram a história, mas por falta de experiência... Nós a teríamos resolvido melhor.

— Conheceu Swanson?

— Ainda não. Só depois dos feriados, foi o que me disseram. Que diabo, eu não atrapalharia os feriados de Natal do brigadeiro. As aulas só começam na primeira semana de janeiro.

Pace riu, na outra extremidade da linha.

— Feliz Ano Novo, Dave.

— O mesmo para você, Ed. E obrigado.

Spaulding recolocou o fone no gancho e consultou o relógio. Eram 13:15. Poderia requisitar um veículo do Exército, supunha, ou pedir emprestado um carro de Aaron

Mandel. Bernardsville ficava a cerca de uma hora de Nova York, a oeste de Oranges, se é que se lembrava corretamente. Talvez fosse melhor pegar Leslie Jenner de surpresa, sem lhe dar oportunidade para fugir. Por outro lado, segundo a premissa anterior ao telefonema de Pace, Leslie estava provavelmente em Nova York, preparando-se para a véspera de Ano Novo que lhe havia prometido, fosse onde fosse. Num apartamento, numa casa de pedra, ou num hotel semelhante ao dele.

Spaulding perguntou a si mesmo, por um instante, se Pace teria razão. Estaria procurando localizar Leslie por razões muito diversas das suas suspeitas? As mentiras, a busca... Era possível. Por que não? Mas uma viagem de duas ou três horas a oeste de Jersey não o aproximaria de qualquer dos objetivos, investigatório ou freudiano, caso ela lá não se encontrasse.

Pediu à telefonista do Montgomery que conseguisse o número da residência dos Jenner em Bernardsville, New Jersey. Que não fizesse a chamada, apenas conseguisse o número e o endereço. Em seguida, ligou para Aaron Mandel.

Adiara o telefonema o mais que pudera. Aaron choraria, faria perguntas e ofereceria tudo o que havia sob o sol e a lua de Manhattan. Ed Pace havia dito que entrevistara o velho agente de concertos quatro anos atrás, antes de enviar David para Lisboa; isto significava que poderia razoavelmente evitar discussões prolongadas sobre o seu trabalho.

E Aaron talvez o ajudasse, caso ele precisasse do seu tipo de ajuda todo especial. Seus conhecimentos em Nova York eram quase inesgotáveis. David saberia mais depois de entrar em contato com Bernardsville; e seria menos embaraçoso se, antes de pedir um favor a Aaron, dedicasse alguns momentos a uma conversa sentimental.

A princípio, Spaulding pensou que o velho teria um ataque das coronárias ao telefone. Sua voz era embargada, expressando choque, preocupação, estima. As perguntas eram mais rápidas do que David podia responder — o pai, a mãe, e ele próprio, como estavam?

Mandel não fez perguntas sobre o trabalho dele, mas não acreditou que David estivesse tão sadio quanto afirmava. Insistiu num encontro, senão naquela noite, com certeza no dia seguinte.

David concordou. Final da manhã. Tomariam um drinque juntos, talvez um almoço ligeiro. Receberiam juntos o Ano Novo.

— Deus seja louvado, você está bem. Virá amanhã?

— Prometo — disse David.

— E você nunca quebrou uma promessa feita a mim.

— Não quebrarei. Amanhã. Aaron...

— Sim.

— É possível que eu precise encontrar uma pessoa esta noite. Não sei bem onde procurar, mas é provável que esteja nos círculos da alta sociedade. Como vão os seus contatos com Park Avenue?

O velho teve o riso tranquilo, bem-humorado, ligeiramente arrogante, que David tão bem recordava.

— Sou o único judeu de Torah em São João, o Teólogo. Todo mundo quer artistas — grátis, naturalmente. Cruz Vermelha, cruz verde. Debutantes para ataduras de guerra, bailes para franceses condecorados. É só falar e Mandel consegue. Tenho três *coloraturas*, dois pianistas e cinco barítonos da Broadway dando espetáculo para os nossos rapazes esta noite. Tudo no Upper East Side.

— Talvez telefone um pouco mais tarde. Estará no escritório?

— Onde mais estaria? Para soldados e gerentes de concertos, quando é que há férias?

— Você não mudou.

— O principal é que você está bem. . .

Tão logo desligou, o telefone tornou a tocar.

— Já tenho o número de telefone e o endereço da pessoa em Bernardsville, Sr. Spaulding.

— Quer me dizer, por favor?

A telefonista deu-lhe a informação e ele anotou no inevitável bloco junto ao telefone.

— Quer que faça a ligação, senhor?

David hesitou e depois disse:

— Sim, por favor. Ficarei na linha. Peça para chamar a Sra. Hawkwood.

— Sra. Hawkwood. Muito bem, senhor. Mas posso chamá-lo depois de completar a ligação.

— Prefiro permanecer em circuito aberto... — David conteve-se, mas não a tempo. Era um erro pequeno, mas logo confirmado pela telefonista, que disse, em voz de quem entendia:

— Claro, Sr. Spaulding. Caso atenda outra pessoa que não a Sra. Hawkwood, prefere não completar a chamada?

— Eu direi.

A telefonista, agora parte de uma conspiração amorosa, representou seu papel com tranqüila eficiência. Discou para a telefonista externa e, dentro de instantes, ele ouviu um telefone tocando em Bernadsville, New Jersey. Atendeu uma mulher. Não era Leslie.

— A Sra. Hawkwood, por favor.

— Sra... — A voz em Bernardsville parecia hesitante.

— Sra. Hawkwood, por favor. Telefonema interurbano — disse a telefonista do Montgomery, como se estivesse na companhia telefônica, fazendo uma chamada convencional.

— A Sra. Hawkwood não está, telefonista.

— Pode dizer quando será encontrada, por favor?

— A que horas? Oh, meu Deus, não estamos esperando-a. Pelo menos não creio que ela...

Imperturbável, a telefonista prosseguiu, interrompendo delicadamente:

— Tem algum número onde eu possa encontrar a Sra. Hawkwood, por favor?

— Bem... — A voz em Bernardsville soava agora confusa.

— Suponho que na Califórnia...

David compreendeu que era o momento de interferir.

— Eu falarei com a pessoa que está na linha, telefonista.

— Muito bem, senhor.

Ouviu-se um ruído, indicando que a mesa saía do circuito.

— Sra. Jenner?

— Sim, fala a Sra. Jenner — respondeu a voz em Bernardsville, evidentemente aliviada ao ouvir um nome mais familiar.

— Meu nome é David Spaulding. Sou amigo de Leslie e...

— *Jesus!* Esquecera o primeiro nome do marido.

— ...do Capitão Hawkwood. Deram-me esse número...

— David Spaulding! Como vai, meu filho? Fala Madge Jenner, seu tolinho! Meu Deus, deve fazer uns 10 anos. Como vão seus pais? Soube que estavam morando em Londres. Que coragem!

Cristo! pensou Spaulding. Jamais lhe ocorrera que a mãe de Leslie recordaria dois meses em East Hampton, quase uma década atrás.

— Oh, Sra. Jenner... Eles estão bem. Desculpe incomodá-la...

— Você jamais nos incomodaria, meu caro rapaz. Somos apenas um casal de velhos cavaleiros por aqui. James abandonou tudo, ninguém mais quer saber de manter cavalos... Pensou que Leslie estava aqui?

— Sim, foi o que me disseram.

— Lamento dizer que não. Para ser franca, raramente a vemos. Mudou-se para a Califórnia, você deve saber.

— Sim, para a casa da tia.

— Tia por afinidade. Minha cunhada. Não nos damos muito bem. Ela se casou com um judeu. Chama-se Goldsmith — mal disfarça o Goldberg, ou o Goldstein, não é? Estamos convencidos de que ele negocia no mercado negro, ganhando milhões, entende?

— Sim, compreendo... Então Leslie não a visitou no Natal?

— Meu Deus, não! Mal nos mandou um cartão. . .

David sentiu-se tentado a telefonar para Ed Pace em Fairfax, comunicando ao chefe da Informação que Califórnia G-2 nada conseguira em Bernardsville. Mas seria inútil. Leslie Jenner Hawkwood estava em Nova York.

Precisava descobrir por quê.

Telefonou novamente para Mandel e deu-lhe dois nomes: o de Leslie e o de Cindy Tottle Bonner, viúva de Paul Bonner, o herói. Sem o dizer claramente, David sugeriu que sua curiosidade poderia ser mais profissional do que pessoal. Mandel não fez perguntas, pôs-se em ação.

Spaulding compreendeu que poderia facilmente telefonar para Cindy Bonner, desculpar-se e pedir para falar-lhe. Mas não podia arriscar-se a uma recusa, que viria com certeza por causa do telefonema que ele fizera duas noites atrás. Não era prudente. Precisava vê-la, confiar num contato pessoal.

E mesmo então talvez ela nada soubesse dizer. Contudo, a pessoa desenvolvia certos instintos e aprendia a percebê-los. Invertidos, complicados, irracionais... atávicos.

Passaram-se 20 minutos; eram 14:45 quando o telefone tocou.

— David?

— Aaron.

— Essa Sra. Hawkwood, nada absolutamente. Todo mundo diz que se mudou para a Califórnia e ninguém tem notícias dela. . . Sra. Paul Bonner: há uma festa particular esta noite na Sixty-second Street, residência dos Warfield. Número 212.

— Obrigado. Esperarei do lado de fora e entrarei de penetra, com toda a delicadeza.

— Não é preciso. Há um convite para você. Pessoal, da dona da casa. Chama-se Andrea e está encantada em receber o soldado, filho dos famosos Spaulding. Ela também quer uma soprano para fevereiro, mas isto é problema meu.

19

31 de Dezembro de 1943

NOVA YORK

A clientela que jantava no Gallery poderia ter-se mudado intacta para a casa dos Warfield na Sixty-second Street. David circulava facilmente: O pequenino emblema dourado que ostentava na lapela servia à sua finalidade. Era aceito com mais facilidade e ficava também mais disponível. Os drinques e o bufê eram generosos; o conjunto negro de *jazz*, excelente.

Encontrou Cindy Bonner a um canto, esperando seu acompanhante — um tenente do Exército — voltar do bar. Era pequenina, cabelos ruivos e cútis muito clara, quase pálida. Sua postura era do Vogue, o corpo esguio revestido de roupas muito caras e muito discretas. Mas parecia pensativa. Não era a imagem da viúva do herói, nada tinha de heróico. Era uma pobre menininha rica.

— Tenho sinceras desculpas a apresentar — disse ele. — Espero que as aceite.

— Não imagino por quê. Creio que não nos conhecemos. Sorriu, mas não de todo, como se sua presença despertasse uma recordação que ela não conseguia definir. Spaulding notou a expressão e compreendeu. Era a sua voz. A voz que no passado lhe valera um bom dinheiro.

— Meu nome é Spaulding. David. . .

— Você telefonou duas noites atrás — interrompeu a moça, olhar zangado. — Os presentes de Natal para Paul. Leslie. . .

— É por isso que estou pedindo desculpas. Foi um terrível mal-entendido. Perdoe-me, por favor. Não é o tipo de brincadeira que eu faria. Fiquei tão zangado quanto a senhora.

Falava calmamente, mantendo o olhar dela fixo nos seus. Foi o bastante: ela pestanejou, tentando compreender, a zanga desaparecendo. Relanceou para a minúscula águia de cobre que ele levava na lapela e que poderia significar qualquer coisa.

— Acho que acredito.

— Deveria. Foi um gracejo doentio. Não sou doente.

O tenente voltou com dois copos. Estava bêbado e hostil. Cindy fez rápidas apresentações; o tenente mal se dignou tomar conhecimento do civil. Queria dançar; Cindy não queria. A situação — bruscamente criada — estava a ponto de azedar.

David falou, com um laivo de melancolia:

— Servi com o marido da Sra. Bonner. Gostaria de conversar com ela por alguns minutos. Logo terei que sair, pois minha mulher está à espera.

A combinação de fatos tranquilizadores deixou confuso o tenente embriagado, aplacando-o. Havia feito apelo ao seu espírito de cavalheirismo; inclinou-se, meio instável, e voltou ao bar.

— Muito hábil — aprovou Cindy. — Se existe uma Sra. Spaulding, eu não ficaria surpreendida. Disse que saiu com Leslie; isso está de acordo com a sua maneira de agir.

David fixou-a. *Confie nos instintos*, pensou consigo mesmo.

— Não existe uma Sra. Spaulding, mas houve uma Sra. Hawkwood há duas noites. Suponho que não goste muito dela.

— Ela e meu marido receberam o polido cognome de dupla. De longa duração. Há quem diga que eu a obriguei a mudar-se para a Califórnia.

— Então, farei a pergunta óbvia. Nas circunstâncias, por que teria ela usado seu nome? E depois desaparecido? Devia saber que eu tentaria entrar em contato com a senhora.

— Usou a palavra *doentio*. Ela é doente.

— Ou então estava tentando me dizer alguma coisa.

David saiu da casa dos Warfield pouco antes da chegada do Ano Novo. Alcançando a esquina da Lexington Avenue, voltou-se para o sul. Nada tinha a fazer senão pensar, caminhar, tentando reunir o que soubera para descobrir algo que fizesse sentido.

Não conseguiu. Cindy Bonner era uma viúva amarga; a morte do marido no campo de batalha roubara-lhe a única oportunidade de vingar-se de Leslie. Queria simplesmente esquecer, afirmara. Mas a ferida fora muito profunda. Leslie e Paul Bonner haviam formado "dupla". Havia alcançado o estágio — segundo Cindy — em que o casal concordara em divorciar-se. Um confronto entre as duas mulheres, porém, não confirmou a história de Paul Bonner. Leslie Jenner Hawkwood não tinha a menor intenção de divorciar-se do marido.

Era uma confusa, desagradável situação de alta sociedade. As "camas musicais" de que falara Ed Pace.

Neste caso, por que Leslie teria usado o nome de Cindy? Era não só uma provocação de gosto duvidoso, como insensato.

À meia-noite atravessou a Fifty-second Street. Algumas buzinas soaram nos automóveis que passavam. Ao longe, ouviram-se sinos e assobios; do interior de bares emergiu uma gritaria estridente, uma cacofonia de sons. Três marinheiros de uniforme sujo cantavam muito alto e desafinado, para divertimento dos pedestres.

Caminhou para oeste em direção à fileira de cafés entre a Madison e a Fifth. Considerou entrar no Shor, ou no 21, dali a uns 10 minutos, mais ou menos, o tempo bastante para que os festejos acalmassem um pouco.

— Feliz Ano Novo, Coronel Spaulding.

A voz áspera saía de um umbral às escuras.

— O quê? — Deteve-se e espreitou para a escuridão. Um homem alto, vestindo um leve sobretudo cinzento, rosto sombreado pela aba do chapéu, encontrava-se imóvel. — Que disse?

— Desejei Feliz Ano Novo — respondeu o homem. — Inútil dizer que venho seguindo-o. Ultrapassei-o há vários minutos.

A voz revelava um sotaque, mas David não conseguiu localizá-lo. O inglês britânico era adquirido, a origem devia estar na Europa Central. Talvez nos Bálcãs.

— Considero a declaração bastante fora do comum e... inútil dizê-lo... muito perturbadora.

— Conservou-se onde estava. Não tinha arma e perguntou a si mesmo se o homem oculto no umbral estaria armado. Impossível saber.

— Que deseja?

— Dar-lhe as boas-vindas, para começar. Esteve ausente muito tempo.

— Obrigado... Agora, se me permite...

— Não permito! Não se mova, coronel! Fique onde está, como se conversasse com um velho amigo. Não recue. Estou segurando uma .45, apontada para seu peito.

Vários transeuntes passaram por David, do lado do meio-fio. Um casal saiu de um edifício de apartamentos a uns cinco metros à direita do umbral às escuras; estava com pressa e passou rápido entre Spaulding e o homem alto com a arma invisível. David sentiu-se tentado a usá-lo, mas duas considerações o impediram. A primeira era o sério perigo para o casal; a segunda, o fato de que o homem da arma tinha algo a dizer. Se quisesse matá-lo já o teria feito há mais tempo.

— Não me moverei... De que se trata?

— Dê dois passos para a frente. Apenas dois. Não mais.

David obedeceu. Agora, via melhor o rosto, mas não com nitidez. Era um rosto fino, esquelético, enrugado. Os olhos eram profundos e sublinhados por olheiras. Olhos cansados. O brilho baço do cano da pistola era o objeto que David melhor podia distinguir. O homem desviava com frequência os olhos para a esquerda, às costas de Spaulding. Procurava alguém. Estava à espera.

— Muito bem, dois passos. Agora, ninguém pode caminhar entre nós.

— Espera alguém?

— Ouvi dizer que o principal agente de Lisboa era muito controlado. Você confirma isso. Sim, estou à espera. Virão me buscar em breve.

— Devo acompanhá-lo?

— Não será necessário. Estou entregando uma mensagem, é só... O incidente de Lajes. É lamentável, foi trabalho de fanáticos. No entanto, aceite-o como um aviso. Nem sempre podemos controlar iras profundas, conforme deve saber. Fairfax deveria saber: Fairfax saberá antes que termine este dia de Ano Novo. Talvez neste momento... Lá está o meu carro. Movimente-se para a minha direita, à sua esquerda.

David obedeceu, enquanto o homem fazia meia-volta de atravessar a calçada, escondendo a pistola sob o sobretudo.

— Cuidado, coronel. Não haverá negociações com Franz Altmüller. Estão encerradas!

— Espere um momento! Não sei do que está falando. Não conheço nenhum Altmüller!

— *Encerradas!* Aprenda com a lição de Fairfax!

Um *sedan* marrom-escuro de faróis acesos parou junto ao meio-fio. A porta traseira abriu-se e o homem alto atravessou correndo a calçada entre os pedestres e entrou. O carro afastou-se, veloz.

David correu para o meio-fio. O mínimo que poderia fazer era anotar o número da licença.

Não havia número. A placa traseira fora retirada.

Olhou então para a janela traseira, de onde um rosto espreitava para ele. O choque roubou-lhe o fôlego. Por um rápido instante, perguntou a si mesmo se seus olhos, se os seus sentidos estavam iludindo-o, transportando a sua imaginação de volta a Lisboa.

Saiu correndo pela rua atrás do carro, evitando automóveis e os malditos transeuntes que festejavam o Ano Novo.

O *sedan* marrom enveredou para o norte na Madison Avenue e acelerou. Sem fôlego, David imobilizou-se.

O rosto na janela traseira era o do homem que trabalhara com ele nas mais secretas operações de Portugal e Espanha.

Marshall. O chefe dos criptógrafos de Lisboa.

O motorista do táxi aceitou o desafio de David, para transportá-lo ao Montgomery em cinco minutos ou menos. Levou sete, mas, considerando-se o tráfego na Fifth Avenue, Spaulding deu-lhe cinco dólares e entrou correndo no vestíbulo.

Não havia recados.

Não se dera ao trabalho de colocar fio na porta — um descuido consciente, concluiu. Além da empregada da limpeza, se pudesse teria deixado um convite aberto aos que haviam revistado seu quarto duas noites antes. Uma repetição talvez provocasse descuido, pistas para a identidade.

Despiu o sobretudo e dirigiu-se ao armário onde guardara a garrafa de *scotch*. Havia dois copos limpos numa bandeja de prata junto à bebida. Gastou apenas os segundos necessários para servir-se de um drinque antes de ligar para Fairfax.

— Feliz Ano Novo — disse lentamente, levando o copo aos lábios.

Aproximando-se da cama, tomou o telefone e deu o número da Virgínia à telefonista. Os circuitos da área de Washington estavam sobrecarregados; a ligação levaria vários minutos para se completar.

Que significaria aquilo, por Deus? *Aprenda com a lição de Fairfax*. Que diabo queria dizer? Quem era Altmüller?... Qual o primeiro nome?... Franz. Franz Altmüller.

Quem seria ele?

Então, o "incidente" de Lajes fora planejado por sua causa. Por quê?

E *Marshall*. Era Marshall naquela janela traseira! Não havia engano!

— Comando da Divisão de Campanha — foram as palavras monótonas que vieram do Estado da Virgínia, distrito de Fairfax.

— Coronel Edmund Pace, por favor.

Houve uma ligeira pausa no outro extremo da linha. Os ouvidos de David captaram uma leve aspiração, que ele tão bem conhecia. O telefone estava interceptado, em geral ligado a um gravador.

— Quem deseja falar com o Coronel Pace?

Foi a vez de David hesitar. Pensava que talvez lhe tivesse escapado antes o ruído do interceptador. Era bem possível e Fairfax era afinal... Fairfax.

— Spaulding. Tenente-coronel David Spaulding.

— Posso transmitir o recado ao coronel, senhor? Ele está em reunião.

— Não, não pode. Pode e deve chamar o coronel.

— Lamento, senhor. — A hesitação de Fairfax tornara-se penosa. — Dê-me seu número de telefone...

— Escute, soldado, meu nome é Spaulding. Meu nível é quatro-zero e trata-se de uma chamada prioritária quatro-zero. Se estes números nada significam para você, pergunte ao filho da mãe que está no interceptador. É uma emergência. Ligue-me com o Coronel Pace! Ouviu-se um clique alto na linha. Uma voz profunda, contundente, fez-se ouvir.

— Fala o Coronel Barden, Coronel Spaulding. Também sou quatro-zero, e qualquer quatro-zero terá que receber autorização deste filho da mãe. Não estou disposto a qualquer exibição de autoridade. Que deseja?

— Gosto de sua maneira direta de falar, coronel — disse David, sorrindo, apesar da urgência. — Quero falar com Ed. É de fato alta prioridade. Refere-se a Fairfax.

— Não posso chamá-lo, coronel. Não temos circuitos e não estou gracejando. Ed Pace está morto. Baleado na cabeça há uma hora. Um maldito filho da mãe matou-o aqui mesmo no recinto.

20

1º. de Janeiro de 1944
FAIRFAX, VIRGÍNIA

Eram 4:30 quando o carro do Exército transportando Spaulding chegou ao portão de Fairfax.

Os guardas haviam sido alertados; Spaulding, em trajes civis, sem documentos de autorização, foi comparado à sua foto do arquivo e recebeu permissão para entrar. David sentira-se tentado a pedir para ver a foto; que soubesse, teria uns quatro anos de idade. No interior, o automóvel rumou para a esquerda, seguindo para a área sul do imenso recinto. Cerca de meio quilômetro além, pela estrada de saibro, depois de ultrapassar cabanas Quonset, o carro deteve-se diante de uma estrutura metálica. Era o prédio da administração de Fairfax.

Dois cabos ladeavam a porta. O sargento-motorista saltou e fez sinal aos dois para permitirem a entrada de Spaulding, que já se encontrava diante deles.

David foi conduzido a um escritório no segundo andar, onde se encontravam dois homens: o Coronel Ira Barden e um capitão-médico chamado McCleod. Barden era de estatura baixa, com a constituição de um jogador de futebol, cabelos negros cortados rente à cabeça. McCleod era encurvado, esguio, de óculos — a imagem do acadêmico pensativo.

Barden gastou o mínimo de tempo em apresentações e voltou-se imediatamente para o caso em questão.

— Dobramos a patrulha em toda parte; coloquei homens com K-9 ao redor de toda a cerca. Gostaria de saber que ninguém poderá sair. O que nos preocupa é se alguém conseguiu escapulir antes.

— Como aconteceu?

— Pace recebeu algumas pessoas para uma reunião de Ano Novo. Doze, para ser exato. Quatro da sua Quonset, três da Registros, o restante da Administração. Tudo muito discreto... que diabo, estamos em Fairfax. Segundo pudemos determinar, saiu pela porta dos fundos de sua cabana cerca de 20- minutos após a meia-noite. Carregava o lixo, creio. Ou talvez quisesse apenas tomar ar. Não voltou. . . Um guarda que estava pouco adiante na estrada chegou até a porta dizendo que tinha ouvido um tiro. Ninguém mais ouviu. Pelo menos no interior.

— É extraordinário. Estes alojamentos dificilmente seriam à prova de som.

— Alguém ligou a vitrola.

— Pensei que fosse uma festa tranqüila.

Barden olhou fixo para Spaulding. O olhar não era irado, apenas um modo de transmitir sua profunda preocupação.

— A vitrola não ficou ligada mais que uns 30 segundos. O rifle usado — a balística o confirma — era uma arma de treinamento, calibre 22.

— Um estalido seco, nada mais que isso — falou David.

— Exatamente. A vitrola era um sinal.

— Dentro. Na festa — acrescentou Spaulding.

— Sim. . . McCleod é o psiquiatra da base. Estivemos examinando os que se encontravam no interior...

— Psiquiatra?

David estava confuso. Tratava-se de um problema de segurança, não de medicina.

— Ed era um sujeito obstinado, como você bem sabe. Ele o treinou... Examinei sua ficha, Lisboa. É um dos ângulos. Estamos examinando outros.

— Ouçam — interveio o médico —, vocês dois querem conversar e eu tenho dossiês a examinar. Telefonarei amanhã de manhã. Daqui a algumas horas, Ira. Prazer em conhecê-lo, Spaulding. Gostaria que isso não tivesse acontecido.

— Concordo — disse Spaulding, apertando a mão do psiquiatra. Este reuniu a dúzia de dossiês que se encontravam na escrivaninha do coronel e saiu.

A porta fechou-se e Barden indicou uma cadeira. David sentou-se, esfregando os olhos.

— Que diabo de Ano Novo, não é? — comentou Barden.

— Já vi melhores.

— Quer examinar o que lhe aconteceu?

— Creio que não vale a pena. Fui detido. Já contei o que me disseram. Ed Pace era evidentemente a "lição de Fairfax". A história tem ligação com um general-de-brigada chamado Swanson, do Departamento de Guerra.

— Temo que não.

— Tem que estar.

— Negativo. Pace não estava envolvido nessa história do Departamento de Guerra. Sua única preocupação foi recrutá-lo; uma simples transferência.

David lembrou-se das palavras de Ed Pace. *Não recebi autorização... que lhe parece tudo isso?... conheceu Swanson?*

Fitou Barden.

— Alguém pensa que sim. Mesmo motivo. Relacionado com a sabotagem em Lajes, nos Açores.

— Como?

— O filho da mãe me disse na Fifty-second Street! Há cinco horas... Ouça, Pace está morto e isso lhe dá uma certa liberdade nas circunstâncias. Quero verificar os nossos arquivos Quatro-Zero. Tudo o que se relacione com a minha transferência.

— Já fiz isso. Depois do seu telefonema eu não podia esperar um inspetor-geral. Ed era o meu melhor amigo. . .

— E...?

— Não há pastas. Nada.

— Tem que haver! Tem que haver um registro para Lisboa. Para mim.

— Existe. Declara simplesmente que foi transferido para o Departamento de Guerra. Nenhum nome. Apenas uma palavra. Uma única palavra: "Tortugas".

— E os documentos que vocês prepararam? O desligamento, o registro médico, o Quinto Exército, o 120º. Batalhão? Itália?... Aqueles documentos não foram fabricados sem um dossiê, da Fairfax!

— É a primeira vez que ouço falar neles. Não há nada a respeito no cofre de Ed.

— Um. major — Winston, creio que se chama — recebeu-me em Mitchell Field. Vim de Newfoundland num avião da patrulha costeira. Ele me entregou os documentos.

— Entregou-lhe um envelope selado e deu-lhe instruções verbais. É a única coisa que ele sabe.

— *Jesus!* Que diabo aconteceu à tão famosa eficiência Fairfax?

— Diga você. E, já que está pensando no assunto, quem assassinou Ed Pace?

David fixou Barden. A palavra "assassinato" não lhe ocorrera. Não se cometia assassinato; matava-se, e isso fazia parte da coisa. Contudo, aquilo era de fato um assassinato.

— Não sei responder. Mas posso dizer onde deve começar a fazer perguntas.

— Diga, por favor.

— Ligue para Lisboa. Descubra o que aconteceu a um criptógrafo chamado Marshall.

1º de Janeiro de 1944

WASHINGTON, D.C.

A notícia do assassinato de Ed Pace chegou a Alan Swanson de modo indireto e o efeito foi arrasador.

Encontrava-se em Arlington, numa pequena reunião de Ano Novo oferecida por um general da Inteligência, quando chegou o telefonema. Era um comunicado de emergência para um outro convidado, um general do corpo do Comando Geral. Swanson encontrava-se próximo à porta da biblioteca quando o outro saiu, pálido, dizendo, em tom incrédulo:

— Meu Deus! — Não se dirigia a ninguém em particular. — Alguém atirou contra Pace, em Fairfax. Ele morreu!

Os poucos presentes à seleta reunião de Arlington participavam dos mais altos escalões militares e não havia necessidade de ocultar a notícia; todos sabiam, mais cedo ou mais tarde.

Os primeiros pensamentos aflitos de Swanson foram para Buenos Aires. *Haveria alguma ligação?*

Escutou os brigadeiros e os generais de duas e três estrelas fazendo controladas, mas excitadas especulações. Ouviu as palavras "infiltradores", "assassinos contratados", "agentes duplos" e ficou abismado com as absurdas teorias, apresentadas de maneira racional, no sentido de que um dos agentes secretos de Pace tinha que ser o culpado do assassinato. Em algum ponto, um desertor fora pago para voltar a Fairfax. Em algum ponto havia um elo fraco na cadeia da Informação e esse elo fora comprado.

Pace era um elemento excepcional, não só no Serviço de Informação como em toda a Central aliada, tanto assim que por duas vezes pedira que sua estrela de brigadeiro fosse oficialmente registrada mas não divulgada, protegendo a discrição do seu cargo.

Mas essa discrição não fora suficiente. Um homem extraordinário como Pace teria a cabeça a um preço extraordinário. De Xangai a Berna. Graças à rígida segurança de Fairfax, o crime devia ter levado meses em planejamento. Concebido como um projeto a longo prazo, a ser executado internamente. Não haveria outro meio de consegui-lo. E no momento havia mais de 500 pessoas no recinto, inclusive uma força rotativa de espionagem, unidades em treinamento vindas de vários países. Sistema algum de segurança poderia ser absoluto nas circunstâncias. Bastava que um homem se esgueirasse para o interior.

Meses de planejamento. . . um desertor fora pago para voltar a Fairfax... agente duplo... um elo fraco na cadeia da Informação. De Xangai a Berna.

Um projeto a longo prazo!

Eram estas as palavras específicas, os termos e os juízos que Swanson ouviu claramente, porque queria ouvi-los.

Afastavam o motivo de Buenos Aires. A morte de Pace nada tinha a ver com Buenos Aires porque o elemento tempo o impedia.

A transação Rhinemann fora planejada pouco menos de três semanas atrás; era inconcebível que o assassinato de Pace se relacionasse com a história, pois isso significaria que ele próprio havia quebrado o sigilo.

Ninguém mais neste mundo sabia da contribuição de Pace. E mesmo ele pouco soubera. Apenas fragmentos.

E todos os documentos de *background* relativos ao homem de Lisboa haviam sido retirados do cofre de Pace. Restara apenas a transferência do Departamento de Guerra.

Um fragmento.

Ocorreu-lhe algo então e ele se espantou com o seu frio senso de trapaça. De certo modo, era aterrador que lhe houvesse escapado aos recessos da mente. Com a morte de Edmund Pace, nem mesmo Fairfax seria capaz de reunir os acontecimentos que conduziam a Buenos Aires. O Governo dos Estados Unidos estaria mais um passo afastado do plano.

Como se abstratamente procurasse um apoio, aventurou-se até o pequeno grupo de seus pares que haviam estado recentemente em contato com Fairfax — com Pace, mais exatamente — discutindo sobre uma simples questão de licença. Era uma insignificância, na verdade, mas ele esperava...

Encontrou apoio imediato. O general do Estado-Maior, dois brigadeiros e um general de três estrelas haviam também utilizado Pace.

Com frequência. Muito mais do que ele fizera.

- Ganhava-se muito tempo lidando diretamente com Ed — disse o do alto comando. — Ele passava por sobre a burocracia e enviava logo a licença.

Um passo mais distante.

Regressando ao seu apartamento de Washington, Swanson voltou a ser torturado por dúvidas. Dúvidas e oportunidades. O assassinato de Pace era um problema em potencial por causa do impacto que produziria. Haveria uma ampla investigação, todos os caminhos seriam explorados. Por outro lado, estariam todos concentrados em Fairfax. A Central de Informação aliada ficaria absorvida, pelo menos por algum tempo. Precisava agir logo. Walter Kendall tinha que seguir para Buenos Aires e concluir as negociações com Rhinemann.

Os planos para o sistema de orientação vindos de Peenemünde. Só importavam os planos. Mas antes de hoje à noite, esta manhã David Spaulding. Era o momento de entregar ao ex-homem de Lisboa a sua missão.

Swanson tomou o telefone, sentindo a mão trêmula.

O remorso estava se tornando intolerável.

1º de Janeiro de 1944

FAIRFAX, VIRGÍNIA

— Marshall foi abatido a vários quilômetros de um lugar chamado Valdero, na província basca. Foi uma emboscada.

— Mentira! Marsh nunca esteve no norte! Não era treinado, não saberia o que fazer! David levantou-se da cadeira, enfrentando Barden.

— As regras mudam. Você já não é o homem de Lisboa. . . Ele viajou e foi abatido.

— Fonte?

— O próprio embaixador.

— A fonte dele?

— Os canais normais, suponho. Ele disse que foi confirmado. Trouxeram a identificação.

— Não tem valor!

— Que queria? O corpo?

— Isso talvez o surpreenda, Barden, mas a mão ou um dedo não estão fora de cogitação. Isso é identificação... Fotos? Disparos próximos, ferimentos, olhos? Mesmo isso pode ser fingido.

— Ele não falou em nada disso. Que diabo preocupa você? Foi *confirmado*.

— Verdade? — perguntou David, fixando Barden.

— Pelo amor de Deus, Spaulding! Que diabo significa... "Tortugas"? Já que isso matou Ed Pace, eu quero saber! E vou descobrir de qualquer maneira! Não ligo a mínima para os criptógrafos de Lisboa!

O telefone tocou na mesa de Barden. O coronel relanceou rapidamente para o aparelho e depois voltou a fixar Spaulding.

— Atenda — falou David. — Uma dessas chamadas será do Serviço de Baixas. Pace tem família... Tinha.

— Não complique minha vida mais do que já complicou. — Barden dirigiu-se à escrivaninha. — Ed receberia uma licença sob escolta, esta sexta-feira. Estou adiando o telefonema até amanhã.. . Alô? — O coronel escutou por vários segundos e depois fixou Spaulding. — É o telefonista de Nova York, o que está fazendo a sua cobertura. O General Swanson vem tentando se comunicar com você. Ele está no aparelho. Quer falar com o velho?

David lembrou-se do que Pace dissera sobre o nervoso brigadeiro.

— Precisa dizer a ele que estou aqui?

— Diabo, não.

— Então, pode chamá-lo.

Barden saiu de trás da escrivaninha quando Spaulding tomou o telefone e repetiu, por diversas vezes: "Sim, senhor". Finalmente desligou, dizendo:

— Swanson quer falar comigo no seu gabinete, esta manhã.

— Quero saber por que diabo o arrancaram de Lisboa — falou Barden.

David sentou-se, mas não respondeu imediatamente. Quando falou, fez um esforço para não parecer militar e solícito.

— Não creio que tenha nada a ver com você... nada. Não quero me esquivar. Por outro lado, sou obrigado. Mas quero manter abertas umas duas opções. Pode chamar de instinto, se quiser...

Há um homem chamado Altmüller, Franz Altmüller. Quem é ele, onde está, não tenho a menor idéia. Alemão, suíço, não sei... Descubra o que puder ao nível quatro-zero. Telefone para o hotel Mont-gomery, em Nova York. Ficarei lá pelo menos o restante da semana. Depois, seguirei para Buenos Aires.

— Farei isso se você for flexível na informação... diga-me que diabo está acontecendo.

— Você não vai gostar. Porque, se eu falar e se tiver alguma ligação com o caso, isto significa que Fairfax tem seus códigos decifrados em Berlim.

1º de Janeiro de 1944

NOVA YORK

O avião comercial de passageiros começou a descer no aeroporto La Guardia. David consultou o relógio. Passava um pouco do meio-dia. Tudo acontecera em 12 horas: Cindy Bonner, o estranho da Fifty-second, Marshall, o assassinato de Pace, Barden, as notícias de Valdero... E finalmente a desajeitada conferência com a fonte de controle amador, o General-de-Brigada Alan Swanson, Departamento de Guerra.

Doze horas.

Não dormia fazia quase 48. Precisava dormir para descobrir uma perspectiva, reunir o fugidio quebra-cabeças. Não o detalhe, que estava bem claro.

Erich Rhinemann teria que ser liquidado.

Claro que tinha que ser liquidado. A única surpresa para David fora a maneira balbuciante com que o general dera a ordem. Esta não exigia explicações ou desculpas. E finalmente explicava a sua transferência de Lisboa. Preenchia o vácuo do *porquê*. Não era especialista em giroscópios, isso não fazia sentido. Mas agora compreendia. Ele era uma boa escolha. Pace fizera uma seleção totalmente profissional. Tratava-se de uma tarefa para a qual ele se ajustava — além de ser um elemento de ligação bilíngüe entre o cientista mudo, Eugene Lyons, e o homem dos planos de Rhinemann.

Esse quadro estava claro e sentiu-se aliviado ao vê-lo entrar em foco.

O que o preocupava era o quadro confuso.

Marshall, o criptógrafo da Embaixada, que cinco dias atrás o recolhera num aeroporto inundado de chuva, nos arredores de Lisboa. O homem que ele vira espiando pela janela traseira do automóvel, na Fifty-second; o homem que se supunha ter sido abatido numa emboscada no norte, região onde jamais se aventurara. Ou se aventuraria.

Leslie Jenner Hawkwood. A ex-amante cheia de recursos, que mentira e o conservara afastado do quarto do hotel, que tolamente utilizara Cindy Bonner e a troca de presentes para um marido morto que ela roubara. Leslie não era uma idiota. Queria dizer alguma coisa.

Mas, o quê?

E Pace. O pobre Ed Pace, desprovido de senso de humor, abatido no interior do recinto mais vigiado dos Estados Unidos.

A *lição de Fairfax*, anunciada com incrível correção — quase no momento exato — por um homem alto, de olhos tristes, escondido nas sombras da Fifty-second.

Eram essas as figuras do quadro desfocado.

David mostrara-se áspero com o general. Exigira profissionalmente, é claro — conhecer a data exata em que haviam decidido eliminar Erich Rhinemann. Quem decidira? Quem transmitira a ordem? O general conhecia um criptógrafo chamado Marshall? Pace jamais o mencionara? Alguém o mencionara? E um homem chamado Altmüller? Franz Altmüller. O nome significava alguma coisa?

As respostas haviam sido inúteis. E só Deus sabia que Swanson não estava mentindo. Não era bastante profissional para disfarçá-lo.

Não conhecia os nomes de Marshall e Altmüller. A decisão de liquidar Rhinemann fora tomada no período de algumas horas. Ed Pace não poderia absolutamente ter sabido; não fora consultado, ninguém de Fairfax fora consultado. Era uma decisão que emanava dos subterrâneos da Casa Branca; ninguém de Fairfax ou Lisboa poderia estar a par. Para David, esta ausência de envolvimento era o fator mais importante. Significava simplesmente que todo o quadro desfocado nada tinha a ver com Erich Rhinemann. Assim, ao que se pudesse determinar, não se relacionava com Buenos Aires. David tomou a rápida decisão de não confiar no nervoso brigadeiro. Pace tivera razão; o homem não agüentaria mais complicações. Usaria Fairfax, e a fonte de controle que fosse para o diabo. O avião pousou. Spaulding entrou no terminal de passageiros e procurou a tabuleta que dizia "TAXIS". Transpondo as portas duplas que conduziam à plataforma, ouviu os carregadores gritando os diversos destinos de seus carros vazios. Era engraçado, mas os táxis partilhados eram a única coisa que o levava a pensar que o aeroporto de La Guardia sabia haver uma guerra em algum lugar.

Simultaneamente, reconheceu a tolice de seus pensamentos. E a pretensão.

Um soldado sem pernas estava sendo colocado num táxi. Carregadores e civis mostravam-se comovidos, queriam ajudar.

O soldado estava embriagado. O que dele restava parecia instável.

Spaulding partilhou um táxi com três outros homens e pouco falaram que não fosse das últimas notícias da Itália. David decidiu esquecer seu papel, caso surgissem as inevitáveis perguntas. Não estava a fim de discutir alguma mítica batalha em Salerno. Mas as perguntas não surgiram e depois ele compreendeu por quê.

O homem ao seu lado era cego. Quando se movimentou no banco, o sol da tarde arrancou-lhe um reflexo da lapela. Era uma minúscula insígnia de metal: "Pacífico Sul".

David pensou novamente que estava terrivelmente cansado. Era o menos observador dos agentes a quem se confiara uma operação.

Saltou do táxi na Fifth Avenue três quarteirões ao norte do Montgomery. Pagara em excesso e esperava que os outros dois entregassem o restante ao veterano cego, cujo terno estava bem distante das roupas de Rogers Peet usadas por Leslie Jenner.

Leslie Jenner. . . Hawkwood.

Um criptógrafo chamado Marshall.

O quadro desfocado.

Precisava afastar tudo isso da mente. Tinha que dormir, esquecer; deixar que tudo se ajustasse antes de voltar a raciocinar. No dia seguinte, de manhã, conheceria Eugene Lyons e recomeçaria. Precisava estar pronto para o homem que queimara a garganta com álcool puro e não conversara durante dez anos.

O elevador deteve-se no sexto andar. O seu era o sétimo. Ia falar ao cabineiro, quando percebeu que as portas não se abriram.

Em vez disso, o homem voltou-se. Empunhava um Smith & Wesson de cano curto. Estendendo a mão para trás, segurou a alavanca de controle e empurrou-a para a esquerda. A gaiola fechada sofreu um sacolejo e imobilizou-se entre dois andares.

— As luzes do vestíbulo se apagarão, Coronel Spaulding. Talvez escute cigarras, mas há um segundo elevador para as emergências. Não seremos perturbados.

O sotaque era o mesmo, pensou David. Britânico, revelando Europa Central.

— Ainda bem. Afinal, faz tanto tempo.

— Não acho graça.

— Eu também não. Quanto a você, é óbvio.

— Esteve em Fairfax, Virgínia. Fez boa viagem?

— Vocês têm um extraordinário meio de comunicação. Spaulding não estava apenas ganhando tempo com a conversa.

Ele e Ira Barden haviam tomado as precauções necessárias. Mesmo que a telefonista do Montgomery repetisse tudo o que ele havia dito, nada indicava que ele voara para a Virgínia. As providências haviam sido tomadas de cabinas telefônicas, o voo de Mitchell a Andrews fora reservado sob um nome falso, na folha da tripulação. Até o número de Manhattan que ele deixara na recepção do Montgomery tinha um endereço de Nova York sob vigilância constante. E no recinto de Fairfax somente o portão soubera seu nome; fora visto apenas por quatro, talvez cinco homens.

— Temos fontes seguras de informação. . . Aprendeu a primeira lição de Fairfax, não?

— Soube que um homem bom foi assassinado. Imagino que a esta hora sua mulher e filhos tenham recebido a notícia.

— Numa guerra não há assassinatos, coronel. Foi palavra mal empregada. E não fale conosco. . .

Uma campainha interrompeu o homem. Um toque curto, bem educado.

— Quem são vocês? — perguntou David.

— Saberá quando chegar a hora, se cooperar. Do contrário, não fará diferença; será liquidado. . . Não fazemos meias ameaças. Lembre-se de Fairfax.

A campainha soou novamente, desta vez de modo prolongado, não muito polido.

— Como esperam que eu coopere? Com quê?

— Precisamos saber o local exato de Tortugas.

A mente de Spaulding recuou, voando para as cinco horas daquela manhã, em Fairfax. Ira Barden havia dito que o nome "Tortugas" era a única palavra existente no seu documento de transferência. Não havia outros dados, nada senão a palavra "Tortugas". E estava enterrada no cofre de Pace. Arquivos guardados por portas de aço, abertos somente aos mais elevados escalões do pessoal da Informação.

— Tortugas faz parte de um arquipélago na costa da Flórida. Em geral, chamam-na de Dry Tortugas. Está em qualquer mapa.

A campainha soou novamente, em toques repetidos, curtos, irados.

— Não seja tolo, coronel.

— Não sou coisa alguma. Ignoro o que está dizendo.

O homem fixou Spaulding e este notou que ele parecia inseguro, controlando a raiva. A campainha do elevador soara agora incessante. Ouviram-se vozes nos andares de cima e de baixo.

— Prefiro não matá-lo, mas matarei. *Onde fica Tortugas?* Súbito, uma voz masculina, a menos de três metros da porta, no sexto andar, gritou:

— Está aqui! Enguiçou! Vocês estão bem aí em cima?

O homem pestanejou, o grito abalara-o. David estivera esperando aquele instante. Baixou a mão direita num golpe diagonal e agarrou o antebraço do homem, prendendo-o contra a porta metálica. Atirando o corpo contra o adversário, ergueu o joelho num golpe único, arrasador, contra a virilha. O outro gritou, agonizado. Spaulding agarrou-lhe o pescoço com a mão esquerda, focalizando as veias da laringe, e golpeou-o mais duas vezes na virilha, até que a dor se tornou tão excruciante que ele não pôde mais emitir grito algum, apenas gemidos baixos, angustiados. O corpo descaiu, o revólver tombou no chão e o homem deslizou pela parede.

Spaulding deu um pontapé na arma e, agarrando o pescoço do adversário com ambas as mãos, sacudiu-lhe a cabeça para mantê-lo consciente.

— Agora, diga você, filho da mãe: que é Tortugas?

A gritaria diante do elevador tornara-se ensurdecadora. Uma cacofonia histérica, provocada pelos gritos do cabineiro. Alguém chamava a gerência.

A polícia.

O homem fitou David, com lágrimas de dor escorrendo pelo rosto.

— Por que não me mata, seu canalha — disse, entre arquejos. — ... Já tentou antes.

David sentiu-se confuso. Nunca vira aquele homem. Seria do norte? Província basca? Navarra? Não havia tempo para pensar.

— Que é, Tortugas?

— Altmüller, porco. O porco Altmüller. . .

O homem tombou inconsciente. De novo aquele nome.

Altmüller.

Spaulding levantou-se e agarrou o controle do elevador. Inclinando-o para a extrema esquerda, acelerou a velocidade ao máximo. O Montgomery tinha 10 andares. O painel indicava que o primeiro, o terceiro e o sexto haviam chamado. Se ele pudesse chegar ao décimo antes que as vozes histéricas o seguissem escada acima, saltaria no *hall* e correria até um dos ângulos, para depois se reunir à multidão que certamente se formaria ao redor das portas abertas.

Ao redor do homem inconsciente caído no chão.

Tinha que ser! Não havia tempo para envolver-se com a polícia de Nova York.

O homem foi transportado em maca; as perguntas foram poucas.

Não, ele não conhecia o cabineiro. O homem deixara-o no seu andar fazia uns 10 ou 12 minutos. Estava no quarto e saíra ao ouvir a gritaria.

Como todos os outros.

Onde iria parar Nova York?

David chegou ao seu quarto no sétimo andar, fechou a porta e fixou a cama. Jesus, estava exausto! Mas sua mente recusava-se a deixar de trabalhar.

Adiaria tudo até depois de descansar, com duas exceções. Estas, ele precisava considerar naquele momento. Não podia esperar pelo sono, porque talvez o telefone tocasse ou alguém entrasse no seu quarto. Precisava tomar as decisões antecipadamente. Estar preparado.

O primeiro item era que Fairfax não mais podia ser usado como fonte. Estava infiltrado. Tinha que funcionar sem Fairfax, o que, de certo modo, era o mesmo que dizer a um aleijado que precisava andar sem muletas.

Por outro lado, ele não era aleijado.

O segundo item era um homem chamado Altmüller. Precisava descobrir um homem chamado Franz Altmüller. Descobrir quem era, que sentido tinha no quadro desfocado.

David deitou-se; não teve energia para se despir, nem mesmo tirou os sapatos. Ergueu um braço para proteger os olhos do sol da tarde que invadia as janelas do hotel. O sol da tarde do primeiro dia do ano de 1944.

Súbito, abriu os olhos no negro do *tweed*. Havia um terceiro item, inseparavelmente ligado ao homem chamado Altmüller. Que diabo significava Tortugas?

21

2 de Janeiro de 1944

NOVA YORK.

Eugene Lyons estava sentado diante de uma mesa de desenho, no gabinete despido, em mangas de camisa. Havia plantas espalhadas sobre as mesas e o sol da manhã refletia-se nas paredes brancas, dando à sala a aparência antisséptica de um cubículo de hospital.

E o rosto e o corpo de Eugene Lyons nada faziam para dissipar a impressão.

David acompanhara Kendail, transpondo o limiar, apreensivo diante da apresentação. Teria preferido nada saber a respeito de Lyons.

O cientista voltou-se no banquinho. Era um dos homens mais magros que Spaulding jamais vira. Os ossos estavam recobertos de carne, mas não por ela protegidos. Veias azuladas destacavam-se nas mãos, nos braços, no pescoço e nas têmporas. A pele não era velha, mas desgastada. Os olhos surgiam bem engastados, mas não apáticos ou secos; eram alertas e, à sua maneira, penetrantes. Os cabelos grisalhos e lisos pareciam precocemente ralos. Poderia ter qualquer idade num período de 20 anos.

Havia, porém, uma qualidade naquele homem que parecia específica: desinteresse. Acolheu os intrusos — era evidente que sabia quem era David — mas nada fez que interrompesse a sua concentração.

Kendail forçou a interrupção.

— Eugene, este é Spaulding. Mostre a ele por onde deve começar.

E com essas palavras Kendail voltou-se e saiu porta afora, fechando-a.

David postou-se do outro lado da sala, em frente a Lyons. Dando os passos necessários, estendeu a mão. Sabia exatamente o que diria.

— É uma honra conhecê-lo, Dr. Lyon. Não sou especialista no seu campo, mas ouvi falar do seu trabalho no Instituto. É sorte minha poder partilhar da sua riqueza, embora por tão curto tempo.

Houve um leve e momentâneo brilho de interesse nos olhos do cientista. David decidira por uma simples saudação que dissesse ao emaciado cientista diversas coisas, entre as quais o fato de que estava a par de sua tragédia em Boston — e, portanto, do restante da sua história — e que isso não o afetava.

Foi flácido o aperto de mão; o desinteresse voltou rápido. Desinteresse, não necessariamente grosseria. Ficou nos limites.

— Sei que não temos muito tempo e sou um neófito em giroscópios — disse Spaulding, libertando a mão e recuando para a borda da mesa. — Mas me disseram que só preciso reconhecer material muito básico, verbalizar em alemão os termos e as fórmulas que escrever para mim.

David enfatizou — com o mais leve erguer de voz — as palavras "verbalizar, escrever para mim", observou Lyons, para verificar se haveria alguma reação ao seu reconhecimento franco do problema vocal do cientista, e achou que captara um resquício de alívio.

Lyons fixou-o. Os lábios finos distenderam-se sobre os dentes e houve uma ligeira contração nos cantos da boca, ao mesmo tempo que o cientista anuí-a com a cabeça. Um brilho infinitesimal de apreciação surgiu nos olhos profundos. Levantando-se do banquinho, aproximou-se de uma mesa onde se viam diversos livros empilhados sobre plantas. Tomando o que estava no alto, entregou-o a Spaulding. O título: *Esquemática: Inércia e Precessão*.

David compreendeu que tudo correria bem.

Passava das seis horas.

Kendall saíra; a recepcionista desaparecera ao soar das cinco, pedindo a David que fechasse as portas, caso fosse a última pessoa a sair. Senão, que pedisse a um dos outros.

Os "outros" eram Eugene Lyons e seus dois enfermeiros.

Spaulding havia encontrado rapidamente os enfermeiros na sala de recepção. Chamavam-se Hal e Johnny. Eram ambos grandalhões. O tagarela chamava-se Hal e o líder era Johnny, um *ex-marine*.

— O velho está se portando muito bem — disse Hal. — Não precisa se preocupar.

— Está na hora de levá-lo de volta a St. Luke — falou Johnny. — Ficam furiosos quando se atrasa para o jantar.

Juntos, os dois entraram no gabinete de Lyons para buscá-lo. Eram delicados com o cadavérico cientista, mas firmes. Eugene

Lyons olhou Spaulding com indiferença, deu de ombros e saiu silenciosamente com seus guardiães.

David aguardou até ouvir o elevador no vestíbulo. Abandonou então a *Esquemática* que o físico lhe havia dado na mesa da recepcionista e dirigiu-se ao gabinete de Walter Kendall.

A porta estava trancada, o que lhe pareceu estranho. Kendall se achava a caminho de Buenos Aires e talvez só voltasse dali a várias semanas. Spaulding tirou do bolso um pequenino objeto e ajoelhou-se. À primeira vista, o objeto parecia um canivete de bolso, prateado, do tipo que se encontra com frequência nos chaveiros de boa qualidade, principalmente em clubes masculinos luxuosos. Mas não era. Tratava-se de uma gazuza de serralheiro, destinada a parecer um canivete. Fora fabricada no Silver Vault de Londres, presente de um elemento do MI-5 em Lisboa.

David fez girar para fora um minúsculo cilindro de ponta achatada e inseriu-o na fechadura. Em menos de 30 segundos, ouviu os cliques adequados e abriu a porta. Entrou, deixando-a encostada.

O gabinete de Kendall não tinha arquivos, armários ou prateleiras; nenhum recesso além das gavetas da escrivaninha. David acendeu a lâmpada fluorescente instalada diante da pasta e abriu a gaveta do centro.

Foi obrigado a conter uma risada genuína. Cercadas por uma diversidade de grampos de papel, palitos, *drops* e bloco de notas, havia duas revistas pornográficas. Embora marcadas por dedos sujos, eram ambas novas.

Feliz Natal, Walter Kendall, pensou David, quase triste.

As gavetas laterais estavam vazias, ou pelo menos nada continham de interessante. Na última, havia laudas amarelas amassadas, com rabiscos sem sentido traçados por lápis duro, que rasgara o papel.

Estava a ponto de desistir e levantar-se quando decidiu mais uma vez examinar os desenhos incoerentes do papel amarrotado. Não havia mais nada; Kendall trancara o gabinete por reflexo, não por necessidade. E novamente por reflexo, talvez, colocara as folhas amarelas não na cesta de papéis — que continha apenas pontas de cigarro — mas na escrivaninha. Escondidas.

David sabia estar adivinhando. Não havia escolha; não sabia bem o que estava procurando, se é que procurava alguma coisa.

Abriu duas páginas sobre a pasta, alisando-as.

Nada.

Bem, alguma coisa. Contornos de seios e genitália feminina. Círculos e setas, diagramas: o paraíso do psicanalista.

Retirando outra folha, alisou-a. Mais círculos, setas, seios. Depois, ao lado, desenhos infantis de nuvens fofas, sombrias; marcas diagonais que poderiam significar chuva ou múltiplos raios de tempestade.

Nada.

Outra folha.

Esta chamou a atenção de David. Na parte inferior do papel sujo, quase indecifrável entre riscos cruzados, via-se o esboço de uma grande suástica. Observou-a com atenção. A suástica apresentava círculos na extremidade direita da insígnia, círculos que se ampliavam para fora como se o artista estivesse duplicando os ovais, num exercício Palmer de caligrafia. Uma extensão desses ovais eram iniciais ben; nítidas. *JD*. Depois, *Joh D.*, *J Diet...* As letras surgiam no extremo de cada linha oval. E, no final de cada letra, complicadas interrogações — ? ? ? ? ?

David dobrou cuidadosamente o papel e colocou-o no bolso do casaco.

Havia mais duas folhas, e ele as pegou ao mesmo tempo. A da esquerda continha apenas um grande e indecifrável rabisco, novamente circular — este, zangado. Mas na segunda folha de novo no extremo inferior, havia uma série de arabescos, que poderiam ser interpretados com o *Js* ou *Ds.*, similares às letras junto às pontas da suástica que encontrara na outra folha. E ao lado do *D* final havia um estranho obelisco horizontal, com a ponta voltada para a direita. Viam-se riscos dos lados, como se ele fosse serrilhado... Talvez um projétil com marcas de disparo. Embaixo, na linha seguinte do papel à esquerda, viam-se os mesmos ovais em movimento que lhe haviam recordado um exercício Palmer; só que eram mais firmes, traçados com mais vigor no papel amarelo.

Súbito, David compreendeu o que examinava.

Walter Kendall traçara subconscientemente a obscena caricatura de um pênis erecto e testículos.

Feliz Ano Novo, Sr. Kendall, pensou Spaulding.

Colocou a folha cuidadosamente no bolso, junto com a anterior, e devolveu as outras à gaveta, fechando-a. Apagou a luz, encaminhou-se para a porta aberta e atravessou a de

recepção. Ao fechar a porta de Kendall, considerou rapidamente se devia ou não colocar as lingüetas no lugar.

Inútil desperdiçar tempo. A fechadura era antiga, simples; o pessoal da limpeza em qualquer edifício de Nova York teria chave e era mais difícil inserir as lingüetas que retirá-las. Que fossem para o diabo.

Meia hora depois lhe ocorreria — num instante de reflexão — que a decisão provavelmente lhe salvara a vida. Os 60, 90 ou 100 segundos que havia eliminado na partida colocaram-no na posição de observador e não de alvo.

Vestindo o sobretudo Rogers Peet, apagou as luzes e saiu para o conjunto de elevadores. Eram quase sete horas, no segundo dia do ano, e o prédio estava praticamente deserto. Havia um só elevador funcionando. Passara pelo seu andar, subindo para os superiores, onde pareceu demorar-se. Estava para dirigir-se à escada — as salas ficavam no terceiro pavimento, de modo que seria muito mais rápido — quando ouviu rápidos e múltiplos passos subindo os degraus. O barulho era incongruente. Instantes atrás, o elevador estivera no vestíbulo; por que duas — seriam mais de duas? — pessoas estariam correndo escadas acima às sete da noite? Haveria uma dúzia de explicações razoáveis, mas o instinto levou-o a considerar as não razoáveis.

Em silêncio, correu até o extremo oposto do pavimento curto, onde um corredor lateral conduzia às outras salas do lado sul do edifício. Dobrando o ângulo, encostou-se à parede. Desde o assalto no elevador do Montgomery, passara a andar armado — uma pequena Beretta presa ao peito, sob a camisa. Abrindo o sobretudo, fez o mesmo com os botões do casaco e da camisa. O acesso à pistola seria rápido e eficiente, caso necessário.

Era provável que não fosse, pensou, ouvindo os passos se afastarem.

Percebeu então que não se tinham afastado, mas transformado em andar mais lento, silencioso, cauteloso. Ouviu vozes — murmúrios confusos. Vinham das proximidades da porta sem letreiro da Meridian, a menos de nove metros de distância.

Avançou o rosto, centímetro a centímetro, encostado à áspera parede de concreto e mergulhando simultaneamente a mão direita sob a camisa para empunhar a Beretta.

Havia dois homens de costas para ele, voltados para o vidro às escuras da porta sem letreiro. O mais baixo dos dois encostou o rosto ao painel, mãos junto às têmporas para se proteger da luz do corredor. Recuando, olhou para o companheiro e meneou a cabeça negativamente.

O mais alto voltou-se de leve, o bastante para Spaulding reconhecê-lo.

Era o estrangeiro que emergira das sombras da Fifty-second Street. O homem alto, de olhos tristes, que falava com gentileza no sotaque britânico dos Bálcãs, apontando-lhe o cano espesso de uma poderosa arma.

O homem enfiou a mão no bolso esquerdo do sobretudo e entregou uma chave ao amigo. Com a direita, retirou uma pistola do cinto. Era uma pesada . 45, do Exército. À queima-roupa, David sabia que ela ergueria uma pessoa no ar. O homem fez um gesto de cabeça e falou, em voz baixa, mas nítida.

— Tem que estar. Não saiu. Quero pegá-lo.

Ao ouvir isso, o mais baixo inseriu a chave na fechadura e empurrou a porta, que se abriu lentamente. Juntos, os dois entraram.

Naquele preciso instante, a porta do elevador abriu-se e o ruído metálico ecoou pelo corredor. David viu que os dois se imobilizavam na sala de recepção às escuras, voltavam-se para a porta aberta e fechavam-na rapidamente.

— *Jesus Cristo!* — foi o grito irado do cabineiro, quando a grade se fechou ruidosamente.

David compreendeu que era o momento de agir. Dentro de um ou dois segundos, os homens que se encontravam no interior deserto dos escritórios da Meridian compreenderiam que, se o elevador se detivera no terceiro andar, alguém apertara o

botão. Alguém que não estava à vista, que eles não haviam encontrado nas escadas. Alguém que continuava naquele pavimento.

Contornando o ângulo da parede, disparou pelo corredor em direção à escada. Não olhou para trás; não se deu ao trabalho de abafar o ruído dos passos, o que teria reduzido a velocidade. Sua única preocupação era descer aqueles degraus e dar o fora do edifício. Desceu aos saltos a escada em ângulo reto, até o patamar intermediário, e dobrou a esquina.

Imobilizou-se então.

Logo abaixo, encostado ao corrimão, encontrava-se o terceiro homem. Sabia que tinha ouvido mais de duas pessoas subindo a escada, minutos antes. O homem levou um susto e arregalou os olhos ao reconhecê-lo, a mão direita recuando em direção ao bolso do casaco. Spaulding sabia muito bem o que procurava.

Saltou do patamar direto sobre o homem, fazendo contato no ar, as mãos agarrando o pescoço e o braço direito do adversário. Segurando a pele do pescoço abaixo da orelha esquerda, dilacerou-a, batendo com a cabeça do homem na parede de concreto. O corpo de David, mais pesado, comprimiu no peito o da sentinela cujo braço direito ele torceu a ponto de quase arrancá-lo do ombro.

O homem soltou um grito e desmaiou, o crânio lacerado, sangue jorrando do ponto onde colidira com a parede.

David ouviu o ruído da porta aberta e de passos correndo no andar de cima.

Libertando as pernas emaranhadas no corpo inconsciente, correu escada abaixo até o vestíbulo. O elevador deixara instantes atrás a sua carga de passageiros. Os últimos saíam pela entrada do edifício. Se alguém escutara o grito prolongado do homem agredido a uns 20 metros escada acima, ninguém o demonstrou.

David aproximou-se rápido dos retardatários, abrindo caminho na ampla entrada e saltando, para a calçada. Voltando-se para leste, correu o mais que pôde.

Caminhara mais de 40 quarteirões — cerca de um quilômetro na região basca, mas aqui infinitamente menos agradável.

Tomara diversas decisões. O problema era colocá-las em ação.

Não podia permanecer em Nova York sem enfrentar riscos evidentemente inaceitáveis. E precisava chegar a Buenos Aires imediatamente, antes que os que o caçavam em Nova York soubessem que partira.

Pois estavam caçando-o, isso era bem claro.

Seria suicídio voltar ao Montgomery. Ou mesmo aos escritórios da Meridian, na manhã seguinte. Poderia resolver ambos os casos com telefonemas. Diria ao hotel que fora subitamente transferido para a Pensilvânia; indagaria da possibilidade de fazerem suas malas e guardá-las. Telefonaria mais tarde a respeito da conta...

Kendall estava a caminho da Argentina. Não faria diferença o que dissesse aos escritórios da Meridian.

Súbito, lembrou-se de Eugene Lyons.

E sentiu-se meio entristecido, não pelo homem, (por ele também, é claro, reconsiderou rapidamente; porém, não em virtude do seu defeito, no caso), mas pelo fato de que teria pouca oportunidade para desenvolver qualquer relacionamento antes de Buenos Aires. Lyons poderia considerar sua súbita ausência como uma rejeição a mais numa longa série. E o cientista talvez precisasse realmente de sua ajuda em Buenos Aires, pelo menos no que respeitava à tradução para o alemão. Decidiu levar os dois livros que Lyons selecionara para ele; precisava adquirir o conhecimento mais sólido possível da linguagem do cientista.

E então compreendeu para onde o conduzia o raciocínio.

Nas horas subseqüentes, os lugares mais seguros em Nova York seriam os escritórios da Meridian e o hospital St. Luke.

Após visitar ambos os locais, seguiria para Mitchell Field e telefonaria ao General-de-Brigada Swanson.

A resposta ao violento enigma dos últimos sete dias — desde os Açores até a escada da Thirty-eighth Street e tudo o que se encontrava no período intermediário — estava em Buenos Aires.

Swanson ignorava-o e não podia ajudar. Fairfax estava infiltrado e não poderia saber. E isso lhe dizia algo.

Estava sozinho. Um homem tinha duas opções em tal dilema: retirar-se da estratégia ou descobrir novas identidades, deixando de lado a sua cobertura.

A primeira opção lhe seria negada. O General Swanson era um paranóico no que se referia aos planos do giroscópio e a Rhinemann. Não era possível sair da estratégia.

Restava a segunda: a identidade daqueles que se encontravam por trás do enigma.

Sentiu-se dominado por uma sensação que não experimentava havia vários anos: o medo de não se achar à altura. Defrontava-se com um problema extraordinário, para o qual não havia solução simples ou complicada como as que encontrava no norte. Nenhum desfazer da meada ocasionado por jogadas e contra-jogadas, cuja estratégia ele dominara na região basca e em Navarra.

Encontrava-se, de repente, em outra guerra, com a qual não estava familiarizado e que lhe despertava dúvidas no íntimo.

Viu um táxi desocupado, a luz do teto mal iluminado, como que embaraçado de anunciar o seu vazio. Olhou para a placa da rua. Estava em Sheridan Square, o que explicava os sons abafados de *jazz* que subiam de porões, emergindo nas ruas amplas e movimentadas. A Village estava se aquecendo para a noite.

Ergueu a mão para o táxi; o motorista não o viu. Pôs-se a correr quando o veículo continuou a descer a rua, em direção ao sinaleiro da esquina. Súbito, percebeu que havia alguém do outro lado da praça correndo em direção ao táxi vazio e estava mais próximo que ele, gesticulando com a mão direita.

Tornou-se terrivelmente importante alcançar antes do outro o veículo. Ganhando velocidade, correu para a rua, afastando pedestres, momentaneamente bloqueado por dois automóveis parados juntos um do outro. Estendeu as mãos sobre o motor e saltou no meio da rua, continuando a correr em direção ao seu objetivo.

Objetivo.

Chegou ao táxi não mais de meio segundo após o outro homem.

Maldição! Fora o obstáculo dos dois automóveis!

Obstrução!

Bateu com a mão na porta, impedindo o outro de abri-la. O homem fixou o rosto, os olhos de Spaulding.

— Meu Deus! Eu espero pelo próximo — disse, rapidamente. David sentiu-se embaraçado. Que diabo estaria fazendo?

As dúvidas? As malditas dúvidas.

— Não, desculpe — murmurou, sorrindo. — Pode ficar com ele. Não estou com pressa. . . Perdão, mais uma vez.

Voltando-se, caminhou rápido pela rua, em meio à multidão de Sheridan Square.

Poderia ter conseguido o carro, era o que importava.

Jesus! A engrenagem era incessante.

SEGUNDA PARTE

1944

BUENOS AIRES, ARGENTINA

O Clipper da Pan American levantou vôo de Tampa às oito da manhã, com escalas marcadas em Caracas, São Luís, Salvador e Rio de Janeiro, antes da etapa final de mil e duzentas milhas até Buenos Aires. David figurava na lista de passageiros como Sr. Donald Scanlan, de Cincinnati, Ohio; ocupação: fiscal de minas. Era uma cobertura temporária, apenas para a viagem. "Donald Scanlan" desapareceria depois que o Clipper pousasse no aeroparque de Buenos Aires. As iniciais eram as mesmas que as suas pela simples razão de que era fácil esquecer um presente monogramado ou a primeira letra de uma assinatura escrita rapidamente, sobretudo quando se estava preocupado, cansado... ou com medo. Swanson estivera próximo ao pânico quando David entrara em contato com ele, falando da sala de operações de Mitchell Field, em Nova York. Como fonte de controle, Swanson era tão decidido quanto um cão confuso. Qualquer desvio da escala de Kendall — das instruções, na verdade — era-lhe detestável. E Kendall só partiria para Buenos Aires na manhã seguinte.

David não perdera tempo em complicadas explicações ao general. Havia feito três tentativas contra a sua vida — pelo menos era assim que se podia interpretá-las — e, se o general quisesse os seus "serviços" em Buenos Aires, seria melhor que ele seguisse logo, enquanto ainda estava inteiro e funcionando.

As tentativas — os ataques — relacionavam-se com... Buenos Aires? Swanson fizera a pergunta como se temesse pronunciar o nome da cidade argentina.

David fora sincero: não tinha meios de saber. A resposta estava em Buenos Aires. Era razoável considerar a possibilidade, mas não fazer suposições.

— Foi o que disse Pace — respondera Swanson. — Considere, não suponha.

— Geralmente, Ed tinha razão nessas coisas.

— Ele disse que, quando você operava em Lisboa, esteve com frequência envolvido em situações complicadas.

— Exato. Duvido que Ed estivesse a par dos detalhes, mas tinha razão no que lhe disse. Há muita gente em Portugal e Espanha que prefere me ver morto do que vivo. Ou pelo menos pensa que gostaria. Jamais puderam certificar-se. Maneira de agir padronizada, general.

Estabelecera-se uma prolongada pausa na linha de Washington. Finalmente, Swanson dissera:

— Você compreende, Spaulding, talvez seja necessário substituí-lo.

— É claro. Pode fazê-lo neste momento, se quiser.

Falara com sinceridade. Queria muito voltar a Lisboa. Seguir para o norte. Para Valdero. Descobrir o mistério do criptógrafo chamado Marshall.

— Não... Não, a coisa está demasiado adiantada. Os planos. Isso é o que importa. Nada mais tem importância.

O restante da conversa referia-se aos detalhes de transporte, moeda americana e argentina, aquisição de um guarda-roupa básico e bagagem. Logística que não se encontrava no quadro de referências do general e pela qual David assumiu responsabilidade. A ordem final — pedido — fora feita não pelo general e sim por Spaulding.

Fairfax não devia ser informado do seu paradeiro. Mais ninguém seria informado, exceto a Embaixada em Buenos Aires; todos os esforços seriam feitos para ocultar a informação de Fairfax.

Por quê? Spaulding achava...

— Há umà falha em Fairfax, general. Pode transmitir isso aos subterrâneos da Casa Branca.

— Impossível!

— Diga isso à viúva de Ed Pace.

David espiou pela janela do Clipper. Momentos antes, o piloto informara aos passageiros que estavam sobrevoando a imensa lagoa Mirim. Breve, estariam em Montevideu, a 40 minutos de Buenos Aires.

Buenos Aires. O quadro desfocado, as imagens confusas de Leslie Jenner Hawkwood, do criptógrafo Marshall, de um homem chamado Franz Altmüller; silhuetas estranhas, mas comprometidas, nas Fifty-second e Thirty-eighth — num trecho às escuras, num edifício após o horário de expediente, numa escada. Um homem num elevador, que não tinha medo de morrer. Um inimigo que revelava imensa coragem... ou zelo mal orientado. Um maníaco.

A resposta do enigma estava em Buenos Aires, a menos de uma hora de distância. A cidade ficava a uma hora; a solução, muito mais distante. Mas não ultrapassaria três semanas, se seu instinto se confirmasse. Quando os planos do giroscópio fossem entregues.

Começaria lentamente, como sempre fizera com um problema novo, tentando confundir-se com o ambiente, absorver o papel, sentir-se à vontade, relacionando-se facilmente. Não seria difícil. Seu papel seria uma extensão do de Lisboa: o rico adido trilingüe, cujo *background*, pais e relações anteriores à guerra, nos centros elegantes da Europa, tornavam-no um desejável elemento social à mesa de qualquer embaixador. Era um acréscimo atraente ao delicado mundo da capital neutra; e se houvesse alguém pensando que dinheiro e influência haviam sido utilizados para garantir-lhe um emprego longe da frente, que assim fosse. Seria negado enfaticamente, mas não com veemência; havia uma diferença.

A "extensão" para Buenos Aires era direta e permitia-lhe classificação altamente secreta. Agiria como elemento de ligação entre círculos financeiros de Nova York—Londres e o expatriado alemão Erich Rhinemann. Washington aprovava, naturalmente; o financiamento de pós-guerra nas áreas de reconstrução e a renovação industrial seriam problemas internacionais. Rhinemann não podia ser ignorado nos civilizados salões de mármore de Berna e Genebra.

David voltou os pensamentos para o livro que levava no colo. Era o segundo dos seis volumes que Eugene Lyons escolhera para ele.

"Donald Scanlan" passou pela alfândega do aeroparque sem dificuldade. Até o elemento da Embaixada que verificava todos os americanos na entrada parecia ignorar sua identidade.

Segurando a mala única, David encaminhou-se para o ponto de táxis e postou-se na plataforma de cimento, olhando os motoristas de pé ao lado dos veículos. Não estava preparado para assumir o nome de Spaulding e ser levado diretamente à Embaixada. Queria assegurar-se de que "Donald Scanlan" seria aceito pelo que dizia ser — inspetor de minas, nada mais; de que não havia interesse fora do comum por um homem assim. Porque se houvesse, isso apontaria para David Spaulding, Informação Militar, Fairfax, homem de Lisboa.

Escolheu um motorista obeso, simpático, no quarto táxi da fileira. Houve protestos dos outros, mas David fingiu não compreender. "Donald Scanlan" talvez soubesse algumas palavras em espanhol, mas não os epítetos empregados pelos aborrecidos motoristas, privados de uma corrida.

Instalando-se no carro, deu instruções ao obsequioso chofer, dizendo que tinha quase uma hora livre antes de um encontro — não mencionou local —, e perguntou se ele se importava de dar uma rápida volta pela cidade. A volta serviria a duas finalidades: verificar se estava constantemente sob vigilância e conhecer os principais pontos da cidade.

O motorista, impressionado com o espanhol culto e gramaticalmente perfeito de David, assumiu o papel de guia e saiu das alamedas do aeroporto em direção ao imenso parque 3 de Febrero, onde se localizava o campo.

Trinta minutos depois, David cobrira de anotações uma dúzia de páginas. A cidade parecia um enxerto europeu no sul do continente. Era uma estranha mistura de Paris, Roma e Espanha. As ruas não eram ruas de cidade e sim *boulevards* amplos, coloridos. Havia fontes e estátuas por toda parte. A Avenida 9 de Julio talvez fosse uma Via Véneto ou Saint-Germain-des-Prés mais ampla. Os cafés de calçada, com toldos brilhantemente coloridos e plantas em centenas de vasos, apresentavam o movimento de uma tarde de verão. O fato de que fosse verão na Argentina era sublinhado pela transpiração que David sentia no pescoço e na frente da camisa. O motorista admitiu que o dia estava extraordinariamente quente, mais de 35 graus.

David pediu para ser conduzido — entre outros lugares — a um bairro chamado San Telmo. O chofer acenou com ar aprovador, como se tivesse avaliado acertadamente o americano rico. Logo, Spaulding compreendia por quê. San Telmo era o que dissera Kendall: casas antigas e edifícios de apartamento elegantes, isolados, muito bem conservados, com grades de ferro trabalhado e flores contornando as ruas impecáveis.

Lyons estaria bem instalado.

De San Telmo, o motorista regressou ao centro e começou o *tour* da zona bancária do rio de la Plata.

A Plaza de Mayo, o Cabildo, a Casa Rosada, Calle Rivadavia — os nomes enchiam o caderninho de David; eram essas as ruas, as praças, os locais que ele absorveria rapidamente.

La Boca, o cais, no sul da cidade; aquilo não era local para turista, declarou o chofer.

Calle Florida. A melhor zona de compras em toda a América do Sul. O motorista poderia conduzir o americano a várias lojas, cujos proprietários eram seus conhecidos pessoais, e ele faria compras extraordinárias.

Lamentava, não havia tempo. Mas anotou no caderninho que o tráfego era proibido na Calle Florida.

O táxi seguiu então para a Avenida Santa Fé, em direção a Palermo. Nenhum panorama em Buenos Aires era tão bonito como o de Palermo.

O que interessou David mais que a beleza foi o imenso parque — ou série de parques; o tranqüilo, enorme lago artificial. Os acres de jardins botânicos; o extenso complexo do zoológico, com fileiras de jaulas e construções.

Beleza, sim. Áreas seguras de contato, ainda por cima. O Palermo poderia vir a ser útil.

Passara-se uma hora; não havia automóveis seguindo o táxi. "Donald Scanlan" não estava sendo vigiado. David Spaulding podia surgir.

Discretamente.

Deu instruções ao motorista para deixá-lo no ponto de táxis em frente ao zoológico de Palermo. Encontraria ali uma pessoa. O homem pareceu desapontado. Não haveria hotel? Nenhuma residência?

Spaulding não respondeu. Perguntou simplesmente quanto devia e pagou rápido. Nada de outras perguntas.

Passou mais uns 15 minutos no interior do zoológico, aproveitando realmente o passeio. Comprou um sorvete de um vendedor, passou pelas jaulas dos sagüis e dos orangotangos — descobrindo semelhanças extraordinárias com amigos e inimigos — e, quando se sentiu à vontade (como só pode se sentir à vontade um homem de ação), encaminhou-se para o ponto de táxis.

Aguardou cinco minutos, enquanto mães, governantas e crianças entravam nos táxis disponíveis. Chegou a sua vez.

— Embaixada americana, por favor.

O Embaixador Henderson Granville concedeu ao novo adido meia hora. Haveria dias em que poderiam sentar e conversar à vontade, mas os domingos eram terríveis. O restante de Buenos Aires estaria na igreja, ou se divertindo, mas o corpo diplomático precisava trabalhar. Ele teria que comparecer a duas *garden-parties* — telefonemas indicariam a chegada e a partida dos convidados alemães e japoneses; a chegada e a saída dele seriam organizadas de acordo. E depois da segunda obrigação havia um jantar da Embaixada do Brasil. Não se previa interferência alemã ou japonesa. O Brasil estava próximo a romper com o Eixo.

— Os italianos já não contam, você deve saber — disse Granville, sorrindo para David. — Jamais contaram, pelo menos aqui. Passam a maior parte do tempo nos abordando em restaurantes, ou ligando de telefones públicos, explicando de que modo Mussolini arruinou o país.

— Em Lisboa não é muito diferente.

— Temo que seja a única semelhança agradável... Não o aborrecerei com a narrativa tediosa das agitações que vivemos aqui, mas um rápido esboço — e ênfase — o ajudarão a adaptar-se. Leu sobre o assunto, suponho.

— Não tive muito tempo. Saí de Lisboa há uma semana apenas. Sei que o Governo de Castillo foi derrubado.

— Em junho passado. Inevitável... Ramón Castillo foi o presidente mais inepto que a Argentina já conheceu, e o país teve uma boa safra de palhaços. A economia estava desastrosa: agricultura e indústria, praticamente paralisadas; seu gabinete jamais providenciou a ocupação do vácuo no mercado de carne deixado pela Inglaterra em luta, embora a maioria achasse que John Buli estava liquidado. Ele mereceu ser deposto... Infelizmente, o que surgiu pela porta da frente — uma falange subindo o Rivadavia, para ser mais preciso — não torna a nossa existência mais fácil.

— O Conselho Militar, não é? A Junta?

Granville gesticulou com as mãos delicadas; as feições bem delineadas da fisionomia aristocrática compuseram uma careta sardônica.

— O Grupo de Oficiais Unidos! Um bando desagradável de oportunistas que usam o passo de ganso... Creio que é o mesmo em toda parte. Deve saber, naturalmente, que todo o Exército foi treinado pela Wehrmacht. Acrescente a esta jovial premissa o temperamento latino, o caos econômico, a neutralidade forçada — mas em que ninguém acredita —, e o que se obtém? Uma suspensão do aparelho político, ausência de controle e equilíbrio. Um Estado policial onde abunda a corrupção.

— O que mantém a neutralidade?

— As lutas internas, antes de mais nada. O GOU — como o chamamos — tem mais facções que o Reichstag de 1929. Todas lutam pelo Poder. E, naturalmente, o temor da Marinha e da Força Aérea americana bem às suas portas, por assim dizer... O GOU tem refeito seus juízos nos últimos cinco meses. Os coronéis começam a ter dúvidas sobre a

cruzada milenar de seus mentores, estão extremamente impressionados com as nossas linhas de produção e suprimento.

— E deveriam estar. Temos. . .

— Há um outro aspecto — interrompeu Granville, pensativo. — Existe uma comunidade pequena e muito rica de judeus, aqui na cidade. Erich Rhinemann, por exemplo. O GOU não está preparado a advogar abertamente as soluções de Julius Streicher... Já utilizou dinheiro judeu para manter em atividade linhas de crédito bem abaladas por Castillo. Os coronéis têm medo de manipulações financeiras, como a maioria dos militares. Mas pode-se ganhar muito dinheiro com esta guerra. E os coronéis pretendem ganhá-lo... Será que tracei um quadro nítido?

— Um quadro complicado.

— Creio que sim. . . Temos aqui uma máxima que nos é muito útil: "O amigo de hoje estará provavelmente a soldo do Eixo, amanhã; inversamente, o mensageiro chegado ontem de Berlim poderá estar à venda na próxima semana". Mantenha às claras as suas opções e conserve as opiniões para si mesmo. Em público... seja um tanto mais flexível do que seria num outro posto. É tolerado.

— E esperado?

— Ambos.

David acendeu um cigarro. Queria desviar a conversa; o velho Granville era um daqueles embaixadores professorais por natureza, que passaria o dia inteiro analisando as sutilezas de seu posto, se tivesse alguém para escutá-lo. Homens assim eram em geral os melhores diplomatas, mas nem sempre os mais desejáveis elementos de ligação nas "épocas de atividade. Henderson Granville era um bom homem, porém, e as preocupações que se refletiam no seu olhar eram legítimas.

— Imagino que Washington tenha delineado a minha finalidade aqui.

— Sim. Gostaria de dizer que não aprovo. Não a sua pessoa; você recebeu instruções. E suponho que a situação das finanças internacionais ainda continue muito depois de *Herr Hitler* exalar seu último grito... Talvez eu não seja melhor que o GOU. Assuntos de dinheiro podem tornar-se muito desagradáveis.

— Este em particular, parece-me.

— Concordo. Erich Rhinemann é o eterno companheiro do vento. Um poderoso companheiro, não se iluda, mas totalmente desprovido de consciência. Com a moral de um furacão. Indiscutivelmente, o homem menos honrado que já conheci. Considero criminoso que seus recursos o tornem figura aceitável a Londres e Nova York.

— Talvez "necessária" seja um termo mais apropriado.

— Tenho certeza de que é esta a racionalização, pelo menos.

— É minha.

— Claro. Perdoe os limites obsoletos da necessidade, segundo um velho. Mas não brigemos. Você tem a sua missão. Que posso fazer para ajudá-lo? Parece-me que bem pouco.

— Bem pouco, na verdade, embaixador. Coloque-me apenas na relação do pessoal da Embaixada; qualquer espécie de escritório me servirá, contanto que tenha porta e telefone. E gostaria de ser apresentado ao seu criptógrafo. Preciso enviar códigos.

— Isso me parece ameaçador, palavra — disse Granville, sorrindo sem humor.

— Rotina, embaixador. Mensagens de Washington. Simples "sim" e "não".

— Muito bem. O chefe dos nossos criptógrafos chama-se Ballard. Sujeito simpático. Fala sete ou oito idiomas e é um gênio em jogos de salão. Poderá conhecê-lo imediatamente. O que mais?

— Gostaria de um apartamento.

— Sim, nós sabemos — interveio Granville, lançando um rápido olhar ao relógio de parede.
— A Sra. Cameron descobriu um que, na sua opinião, será aprovado... Washington não nos deu a menor indicação sobre a duração da sua estada, de modo que a Sra. Cameron alugou-o por três meses.

— É demais. Eu resolverei isso... Creio que é quase tudo, embaixador. Sei que está com pressa.

— Temo que sim.

David levantou-se e Granville fez o mesmo.

— Ah, uma coisa, embaixador. Esse Ballard teria uma relação do pessoal da Embaixada? Gostaria de saber os nomes das pessoas.

— Não somos muitos — disse Granville, fixando David, com um laivo de censura na voz.

— Oito ou dez seriam aqueles com quem entraria normalmente em contato. E posso assegurar-lhe que temos as nossas próprias medidas de segurança.

David aceitou a censura.

— Não se trata disso absolutamente, embaixador. Eu quero realmente me familiarizar com os nomes.

— Sim, naturalmente. — Granville rodeou a escrivaninha e acompanhou Spaulding até a porta. — Converse com a minha secretária por alguns minutos. Vou chamar Ballard. Ele lhe mostrará a casa.

— Obrigado, embaixador.

Spaulding estendeu a mão para Granville e, ao fazê-lo, pela primeira vez percebeu o quanto ele era alto.

— Há uma pergunta que eu gostaria de fazer — disse o embaixador, libertando a mão de David. — Mas a resposta ficará para outra ocasião. Já estou atrasado.

— Qual é?

— Eu me pergunto por que os rapazes de Wall Street e do Strand enviaram você. Não creio que haja falta de banqueiros experientes em Nova York ou Londres, não é mesmo?

— Não há, provavelmente. Mas eu não passo de um elemento de ligação transmitindo mensagens; melhor conservar secreta a informação. Tive experiências nesses setores... num país neutro.

Granville mais uma vez sorriu sem humor.

— Sim, naturalmente. Tenho certeza de que houve um motivo.

23

Ballard partilhava dois traços em comum com a maioria dos criptógrafos, pensou David. Era um cético e uma fonte de informação, qualidades que, na sua opinião, desenvolviam-se no decorrer de anos decifrando os segredos alheios, só para descobrir que a maioria não tinha importância. Fora também amaldiçoado com o prenome de Robert — em si mesmo aceitável, mas, quando seguido de Ballard, invariavelmente reduzido a Bobby. Bobby Ballard. Lembrando uma figura de sociedade da década de 20 ou então um personagem daquela história em quadrinhos publicadas em pacotes de cereais.

Não era nem uma coisa nem outra. Era um linguísta inclinado para a matemática, cabeleira ruiva encimando o porte mediano, o corpo musculoso. Um homem simpático.

— Este é o nosso lar — dizia Ballard. — Já viu o setor de trabalho: grande, barroco e tremendamente abafado nesta época do ano. Espero que tenha sido esperto e providenciado o seu apartamento.

— Você, não? Mora *aqui*?

— É mais fácil. Meus mostradores não têm muita consideração e manifestam-se a qualquer hora. Melhor aqui do que vir correndo de Chacarita ou Telmo. E não é mau; de modo geral nos mantemos a distância uns dos outros.

— Verdade? Há muitos aqui?

— Não. Todos se alternam. Seis, em geral. Nas duas alas, leste e sul. Granville está instalado nos apartamentos do norte. Além dele, Jean Cameron e eu somos os dois únicos permanentes. Conhecerá Jean amanhã, a menos que a encontremos de saída com o velho. Geralmente, ela o acompanha aos *diplochatos*.

— O quê?

— *Diplochatos*. A palavra foi inventada pelo velho... uma contração. Surpreendo-me que não a tenha usado com você. Orgulha-se dela. Diplochato é um compromisso diplomático aborrecido.

Encontravam-se numa ampla e vazia sala de recepção: Ballard abriu portas que davam para uma pequena sacada. Ao longe, avistavam-se as águas do rio de la Plata e o estuário de Puerto Nuevo, o porto principal de Buenos Aires.

— Bonita vista, não é?

— Certamente — concluiu David, reunindo-se ao criptógrafo na sacada. — Essa Jean Cameron e o embaixador... Isto é, eles...?

— Jean e o velho? — Ballard soltou uma gargalhada bem-humorada. — Meu Deus, não!. . . Pensando bem, não sei por que me parece tão engraçado. Deve haver muita gente que pensa assim. E isso é engraçado.

— Por quê?

— Triste e engraçado ao mesmo tempo, — prosseguiu Ballard, sem se interromper. — O velho e a família Cameron remontam às velhas fortunas de Maryland. Clubes de iatismo em Eastern Shore, *blazers*, tênis pela manhã — você sabe. Território diplomático. A família de Jean também fazia parte do círculo. Ela se casou com um Cameron; conhecia-o desde que brincavam de médico nas suas barracas Abercrombie. Um romance de gente rica, namorados de infância. Casaram-se; veio a guerra; ele abandonou os livros de direito por um TBF — piloto de transporte. Foi abatido no golfo de Leyte. Isso aconteceu no ano passado. Ela ficou meio insana. Talvez mais que isso.

— Então. . . Granville a trouxe para cá?

— Isso mesmo.

— Ótima terapia, para quem pode.

— Ela provavelmente concordaria com isso. — Ballard voltou à sala de recepção. Spaulding seguiu-o. — Mas a maioria das pessoas dirá que ela paga o que deve pelo tratamento. Trabalha muito e sabe o que está fazendo. Um horário horrível, além dos *diplochatos*.

— Onde está a Sra. Granville?

— Não tenho a menor idéia. Divorciou-se do velho há uns 15 anos.

— Mas ainda acho que é um bom emprego.

David imaginava, meio distraído, que várias centenas de milhares de outras mulheres, cujo marido haviam perdido, viviam diariamente com essa recordação. Mas afastou o pensamento. Não era da sua conta.

— Bem, ela é qualificada.

— O quê? — David observava uma pilastra rococó, sem prestar muita atenção.

— Jean passou quatro anos aqui, quando criança. O pai pertencia ao serviço diplomático. Seria provavelmente embaixador a esta altura, se houvesse continuado... Venha, eu lhe mostrarei o escritório que Granville reservou para você. O serviço de manutenção já deve tê-lo arrumado — disse Ballard, sorrindo.

— Você esteve me distraindo — riu David, acompanhando o criptógrafo ao corredor.

— Era preciso. Ficou com uma sala dos fundos. Tão distante que servia de depósito, creio.

— É evidente que impressionei Granville.

— Sem dúvida alguma. Ele não consegue decifrá-lo... Eu? Nem tento. — Ballard voltou-se para a esquerda, enveredando por outro corredor. — Esta é a ala sul. Escritórios no primeiro e terceiro andares. Não muitos, três em cada. Apartamentos no terceiro e quarto. O terraço é ótimo para banho de sol, se é que você gosta.

— Depende da companhia, suponho.

Os dois aproximaram-se de uma ampla escadaria, preparando-se para tomar à esquerda, quando uma voz feminina chamou, no segundo patamar:

— Bobby, é você?

— É Jean — falou Ballard. — Sim — respondeu. — Estou com Spaulding. Desça para conhecer o novo recruta com influência bastante para obter imediatamente seu próprio apartamento.

— Espere até que ele veja o apartamento!

Jean Cameron surgiu à vista no ângulo do patamar. Era de estatura mediana, esguia, e vestia um modelo longo para coquetel, de estampado vivo, mas simples de feitio. Os cabelos castanho-claros, pelos ombros, eram cheios e soltos. Seu rosto era um misto de feições bem marcadas, unidos num conjunto suave. Olhos azuis grandes e vivos; nariz fino, bem delineado; lábios cheios e arqueados num meio sorriso. A pele muito clara estava bronzeada pelo sol argentino.

David notou que Baliard o observava, antecipando sua reação à beleza da moça, e sua expressão era de ironia bem-humorada. Spaulding captou a mensagem: Baliard estivera na fonte e voltara de mãos vazias, pelo menos para quem procurava mais que algumas gotas de água fresca. Compreendeu que seria inútil tentar outra coisa.

Jean Cameron parecia embaraçada com a apresentação na escada. Desceu rapidamente, lábios entreabertos num dos sorrisos mais genuínos que David vira nos últimos anos. Genuíno e totalmente desprovido de insinuações.

— Bem-vindo — disse ela, estendendo a mão. — Graças a Deus, tive uma oportunidade para me desculpar antes que entre naquele apartamento. Talvez mude de idéia e resolva ficar aqui.

— É assim tão horrível?

David notou que Jean não era tão jovem como parecia a distância. Já devia ter passado dos 30. Aparentou estar cônica da inspeção, mas a aprovação — ou o contrário — era-lhe indiferente.

— Serve para uma permanência limitada. Não se pode conseguir nada naquelas bases, caso a pessoa seja americana. É pequeno.

O aperto de mão era firme, quase masculino, pensou Spaulding.

— Agradeço o trabalho e lamento ter sido a causa.

— Ninguém mais seria capaz de conseguir qualquer coisa, senão um hotel — disse Baliard, tocando o ombro da moça. Seria o contato protetor?, pensou David. — Os *portehos* confiam em Mamãe Cameron. Não nos demais americanos.

— *Portenos* — disse Jean, em resposta à expressão interrogadora de Spaulding — são as pessoas que moram em B . A . . .

— E B.A. — não diga — quer dizer Montevidéu — replicou David.

— Ora, mandaram-nos um sujeito esperto — observou Baliard.

— Você se acostumará — prosseguiu Jean. — Todos os americanos e ingleses dizem B.A. Montevidéu, é claro — acrescentou, sorrindo. — Creio que o vemos com tanta frequência nos relatórios que falamos automaticamente.

— Errado — interveio Ballard. — A justaposição das vogais em "Buenos Aires" é desconfortável para a fala britânica.

— Isso é mais uma coisa que aprenderá durante a sua estada, Sr. Spaulding — disse Jean Cameron, olhando afetuosamente Ballard. — Tenha cuidado ao dar opiniões nas proximidades de Bobby. Ele tem uma inclinação para discordar.

— Nunca — replicou o criptógrafo. — Simplesmente, tenho bastante estima por meus companheiros de prisão e quero esclarecê-los, prepará-los para o mundo exterior, quando forem libertados.

— Bem, tenho uma licença temporária no momento e, se não for agora mesmo para o gabinete do embaixador, ele começará a me procurar por aquele maldito sistema de alto-falante... Mais uma vez, bem-vindo, Sr. Spaulding.

— Por favor, meu nome é David.

— O meu é Jean. *Ciao* — disse a moça, descendo apressada o corredor e depois voltando-se para perguntar: — Bobby? Você está com a chave e o endereço? Do apartamento de... David?

— Estou. Vá embriagar-se irresponsavelmente, eu cuido de tudo.

Jean Cameron desapareceu numa porta à direita.

— Ela é muito atraente — observou Spaulding — e vocês são bons amigos. Devo pedir desculpas por...

— Não, não deve — interrompeu Ballard. — Não há motivos para se desculpar. Fez um juízo apressado, baseado em fatos isolados. Eu teria feito o mesmo, pensado da mesma maneira. Não que você tenha mudado de idéia; não há razão, na verdade.

— Ela tem razão. Você discorda antes mesmo de saber por que está discordando. E depois debate a sua posição. E, se continuar, é provável que ponha em dúvida a posição anterior:

— Sabe de uma coisa? Eu entendi isso. Não é assustador?

— Vocês são uma raça à parte — falou David, rindo e acompanhando Ballard escada acima e no pequeno corredor além.

— Vamos dar uma rápida olhada no seu cubículo siberiano e depois seguir para a sua outra sala. Fica em Córdoba. Estamos em Comentes. Cerca de 10 minutos daqui.

David agradeceu a Bobby Ballard mais uma vez e fechou a porta do apartamento. Pretextara exaustão da viagem, precedida de excesso de boas-vindas em Nova York — Deus sabia que era verdade. Ballard não se importaria de adiar o jantar?

Sozinho, inspecionou o apartamento; não era de modo algum intolerável. Era pequeno: quarto, sala e cozinha conjugadas, e banheiro. Mas havia um dividendo que Jean Cameron não mencionara. O apartamento ficava no térreo e aos fundos havia um minúsculo pátio com piso de tijolos, cercado por um alto muro de concreto coberto de trepadeiras e flores que tombavam de imensos potes colocados na borda. No centro, via-se uma retorcida árvore frutífera que ele não soube identificar; ao redor do tronco havia três cadeiras de corda que tinham visto melhores dias, mas pareciam extremamente confortáveis. Para ele, aquele dividendo fazia a morada.

Ballard observara que aquela parte da Avenida Córdoba ficava nos limites da zona comercial, o complexo central de Buenos Aires. Semi-residencial, mas bastante próxima às lojas e restaurantes, para facilitar a vida de um recém-chegado.

David tomou o telefone; o sinal para discar não veio imediatamente, mas acabou soando. Recolocando o fone no gancho, atravessou a pequena peça, em direção à geladeira, um modelo reduzido da Sears Roebuck. Abrindo-a, sorriu. Cameron — ou outra pessoa — providenciara os itens básicos: leite, manteiga, pão, ovos, café. Depois, satisfeito, avistou duas garrafas de vinho — um Orfila tinto e um Cólón *blanco*. Fechando a geladeira, entrou no quarto.

Abriu a mala única, desenrolando uma garrafa de *scotch* e lembrando-se de que precisaria comprar roupas, de manhã. Ballard oferecera-se para acompanhá-lo a uma loja de artigos masculinos na Calle Florida — se seus malditos "mostradores" não estivessem funcionando. Colocou os livros que Eugene Lyons lhe dera na mesinha de cabeceira. Lera dois e começava a se familiarizar com a linguagem da aerofísica. Precisaria fazer um estudo comparativo em alemão para se sentir realmente seguro. Percorreria as livrarias da colônia alemã no dia seguinte: não procuraria textos definitivos, apenas o bastante para compreender os termos. Na verdade, era uma parte insignificante de sua missão, ele bem sabia.

Súbito, lembrou-se de Walter Kendall. Kendall já estaria em Buenos Aires, ou chegaria dentro de horas. O contabilista saía dos Estados Unidos mais ou menos ao mesmo tempo que ele, mas o vôo de Nova York era mais direto, com menos escalas.

Perguntou a si mesmo se seria praticável ir ao aeroporto e localizar Kendall. Se não houvesse chegado, esperaria por ele. Se tivesse, seria simples verificar os hotéis — segundo Ballard, havia apenas três ou quatro bons.

Por outro lado, qualquer tempo — além do absolutamente essencial — gasto em contato com o contabilista não era uma perspectiva agradável. Kendall ficaria perturbado encontrando-o em Buenos Aires antes que ele expedisse a ordem para Swanson. Exigiria, sem dúvida, explicações além das que David desejava dar-lhe e provavelmente enviaria irados telegramas a um já tenso general-de-brigada.

Não valia a pena caçar Walter Kendall até que fosse o momento de Kendall encontrá-lo. Só traria desvantagens.

Tinha outras coisas a fazer: o quadro desfocado. Sozinho, poderia fazer muito melhor a busca.

Regressou à minúscula cozinha levando o *scotch* e tirou da geladeira a bandeja do gelo. Preparando um drinque, voltou-se para a grande porta que se abria para o pátio em miniatura. Passaria alguns momentos tranquilos ao anoitecer, na brisa de janeiro, em Buenos Aires.

O sol descaía no horizonte da cidade; os últimos raios alaranjados infiltravam-se através da espessa folhagem da árvore não identificada. Sob a copa, David estendeu as pernas e reclinou-se na cadeira de corda trançada, percebendo que, se mantivesse os olhos fechados, só os reabriria horas depois. Precisava cuidar disso. Longa experiência em ação ensinara-lhe a comer algo antes de dormir.

Há muito que alimentar-se deixara de ser um prazer, para se transformar numa simples necessidade, diretamente relacionada com o nível de energia. Perguntou a si mesmo se o prazer algum dia voltaria; se tanta coisa de que se afastara lhe seria devolvida. Lisboa gozava provavelmente das melhores acomodações — alimentação, conforto — entre todas as grandes cidades, exceto Nova York, em ambos os continentes. E agora ele se encontrava num terceiro continente, numa cidade que se gabava de um luxo sem falhas.

Mas para ele era o campo de batalha, tanto quanto o norte da Espanha. Tanto quanto a região basca e Navarra e as geladas noites nas colinas da Galícia e nas silenciosas ravinas, à espera das patrulhas — à espreita para matar.

Estranho.

Inclinou a cabeça para tomar um comprido gole, apoiando-a no encosto da cadeira. Um passarinho tagarelava na bifurcação dos galhos, aborrecido com a sua intrusão. Lembrou-lhe que gostava de ouvir os pássaros no norte. Eles telegrafavam a aproximação de homens invisíveis, com frequência passando a diferentes ritmos, que ele aprendeu a identificar — ou julgava identificar — com o número de patrulheiros que se aproximavam furtivamente.

David percebeu então que o passarinho tagarela não se preocupava com ele. Saltava para cima, emitindo seu áspero gritinho, só que mais rápido e mais estridente.

Havia outra pessoa nas proximidades.

Através dos olhos semicerrados, David focalizou para além da folhagem, sem mover parte alguma do corpo ou da cabeça, como se estivesse a ponto de adormecer.

O prédio de apartamentos tinha quatro pavimentos e um telhado que parecia descair suavemente, coberto por telhas de cerâmica de um rosa acastanhado. As janelas dos quartos superiores estavam quase todas abertas para as brisas do rio de la Plata e ele ouvia trechos de conversa em voz baixa, nada de ameaçador, nenhuma vibração estridente. Era a Buenos Aires na hora da *siesta*, segundo Ballard; muito diferente da tarde romana, ou da hora de almoço em Paris. O jantar em B.A. era muito tardio pelos horários do resto do mundo. Dez, dez e trinta, até meia-noite não eram fora do comum.

O pássaro estridente não estava preocupado com os habitantes do prédio de apartamentos, mas continuava com os seus gritos de alarma.

E então David viu a razão.

No telhado, disfarçados, mas não ocultos pelos ramos da árvore, viam-se os contornos de dois homens.

Estavam agachados, olhando para baixo, fixando-o, com certeza.

Spaulding calculou a posição do galho principal da árvore e rolou levemente a cabeça, como se o sono desde tanto tempo adiado houvesse chegado — o pescoço, repousando, exausto, no ombro direito: o drinque, mal seguro pela mão frouxa, a milímetro do piso de tijolos.

Assim, podia ver melhor, mas não muito bem. O bastante, porém, para distinguir a silhueta nítida, reta, do cano de um rifle, o sol refletindo-se no aço negro. Estava estacionário, em posição de atenção, sob o braço direito. Não havia movimento para erguê-la, ou apontá-la. Estava imóvel, em guarda.

De certo modo, era mais ameaçadora assim, pensou Spaulding. Como se estivesse nos braços de um guarda assassino, que tinha a certeza de que seu prisioneiro não poderia saltar a barreira. Havia tempo de sobra para levar a arma ao ombro e atirar.

David continuou com a representação. Erguendo de leve a mão, deixou cair o drinque. O ruído "despertou-o"; meneou a cabeça, sacudindo o fingido sono, e esfregou os olhos. Ao fazê-lo, voltou casualmente a cabeça para cima. As silhuetas do telhado- haviam recuado nas telhas de cerâmica. Não haveria disparos. Não dirigidos a ele.

Recolhendo os fragmentos do copo, levantou-se e entrou no apartamento como um homem cansado, aborrecido com seu próprio descuido, devagar, mal controlando a irritação.

Ultrapassando a porta, fora da visão dos que estavam no telhado, atirou os fragmentos do copo na lata de lixo e entrou rápido, no quarto. Abrindo a gaveta superior, afastou alguns lenços e apanhou o revólver.

Colocando-o no cinto, pegou o casaco da cadeira onde o atirara anteriormente, vestiu-o e verificou se ocultava a arma.

Atravessando a sala, dirigiu-se à porta e abriu-a silenciosamente.

A escada ficava junto à parede esquerda e David praguejou contra si mesmo contra o arquiteto que construía aquele prédio da Avenida Córdoba e contra a profusão de madeira existente na Argentina. As escadas eram de madeira brilhantemente encerada, não ocultando o fato de serem antigas e provavelmente estalarem como o diabo.

Fechando a porta do apartamento, aproximou-se da escada, apoiando o pé no primeiro degrau.

Ouviu-se o estalo sólido das lojas de antiguidade.

Precisava subir quatro patamares. Os três primeiros não tinham importância. Galgou os lances de dois em dois degraus, descobrindo que se ficasse junto à parede o ruído da subida era minimizado.

Sessenta segundos após, encontrava-se diante de uma porta fechada e ostentando um letreiro em rebuscada letra castelhana:

"El Techo".

O telhado.

A porta e as escadas eram velhas. Décadas de calor e umidade haviam feito a madeira inchar nas dobradiças. As bordas estavam comprimidas contra a moldura.

Também ela gritaria a sua chegada se a abrisse lentamente.

Não havia outro jeito: retirou a arma do cinto e recuou um passo no minúsculo patamar. Calculou a moldura, as paredes de concreto que rodeavam a velha porta de madeira e, inspirando, moveu a maçaneta e escancarou-a, saltando diagonalmente para a parede direita e encostando-se ao concreto.

Os dois homens giraram, estupefatos. Estavam a nove metros de David, na borda do telhado inclinado. O do rifle hesitou e depois ergueu a arma para atirar. Spaulding apontou a pistola direto ao peito do homem. Contudo, ele não parecia disposto a atirar no alvo; a hesitação era deliberada, não o resultado de pânico ou indecisão.

O segundo homem gritou, em espanhol; David reconheceu o sotaque do sul da Espanha, não da Argentina.

— *Por favor, señor!*

Spaulding respondeu em inglês para verificar se compreendiam ou não:

— Baixe esse rifle! Agora!

O primeiro obedeceu, segurando-o pelo cano.

— Está enganado — disse, em inglês hesitante. — Tem havido... como se diz?... *ladrones*... na vizinhança.

David caminhou sobre a trave metálica, passando ao telhado e mantendo a pistola apontada para os dois.

— Não são muito convincentes. *Se dan corte, amigos*. Não são de Buenos Aires.

— Há muita gente nesta vizinhança como nós: deslocados, *señor*. Esta é uma comunidade de.... pessoas que não nasceram aqui — disse o segundo.

— Estão dizendo que não se encontram aqui por minha causa? Não estavam me vigiando?

— É coincidência, garanto — falou o do rifle.

— *Es la verdad* — acrescentou o outro. — Duas *habitaciones* foram assaltadas na semana passada. A polícia não ajuda; somos *extranjeros* para eles. Protegemos a nós mesmos.

Spaulding observou atentamente os dois. Não havia hesitação na expressão, nenhum sinal de que mentiam, nenhum medo essencial.

— Sou da Embaixada americana — falou David, secamente. Não houve reação de nenhum dos dois. — Peço que se identifiquem.

— *Qué cosa?* — perguntou o da arma.

— Documentos. Nomes... *Certificados*.

— *Por cierto, en seguida*. — O segundo enfiou a mão no bolso da calça e Spaulding ergueu a pistola ligeiramente, num aviso.

O homem hesitou, mas não revelou medo.

— Somente um registro *señor*. Todos nós temos que andar com ele... Por favor, na minha *cartera*.

David estendeu a mão esquerda quando o homem entregou-lhe uma carteira de couro barata. Abriu-a, com leve remorso. Havia uma espécie de desamparo nos dois

estrangeiros. Vira aquela expressão mais de mil vezes. Os falangistas de Franco eram especialistas em provocá-la.

Olhou rapidamente o recorte de celofane da carteira; estava rachado pelo uso.

Súbito, o cano do rifle abateu-se sobre o seu punho direito; a dor foi terrível. Depois, sentiu que lhe torciam a mão com habilidade, para dentro e para baixo, e não teve opção senão largar a arma e tentar atirá-la com um pontapé para fora do teto inclinado. Segurá-la seria quebrar o pulso.

Foi o que fez enquanto imobilizavam seu braço esquerdo — de novo com habilidade —, passando-o sobre o pescoço. Atirou o pé contra o homem armado que lhe segurava a mão, atingindo-o no estômago. Quando ele se dobrou para a frente, deu-lhe novo pontapé, fazendo-o rolar pelo teto inclinado.

David caiu na direção para onde lhe prendiam o braço — para baixo e para trás — e, quando o primeiro adversário retomou a posição, ergueu o braço direito, mergulhando o cotovelo na virilha do homem. Seu braço foi libertado, enquanto o outro procurava recuperar o equilíbrio.

Não foi bastante rápido. Spaulding girou para a esquerda e ergueu o joelho, mergulhando-o no pescoço do adversário. O rifle caiu ruidosamente nas telhas e rolou na superfície inclinada. O homem caiu, sangue jorrando da boca onde os dentes haviam rasgado o lábio. Spaulding ouviu um ruído na retaguarda e voltou-se.

Tarde demais. O segundo *extranjero* saltou sobre ele e David ouviu o assobio de sua própria pistola cortando o ar e descendo sobre o seu crânio.

Escuro total. Vácuo.

— Descreveram a atitude certa, mas no setor errado da cidade — disse Ballard, sentado do outro lado do quarto de David, que segurava um saco de gelo sobre a cabeça. — Os estrangeiros estão concentrados a oeste do distrito de La Boca. São bastante elevados os índices de criminalidade por ali; a polícia prefere passear nos parques que andar por aquelas ruas. E o grupo — o GOU — não gosta dos estrangeiros.

— Você não está ajudando — disse Spaulding, descrevendo círculos com o saco de gelo na parte posterior da cabeça.

— Bem, eles não queriam matá-lo. Poderiam tê-lo atirado do telhado ou deixado na borda; o mais provável seria que você rolasse, caindo quatro andares abaixo. . .

— Eu sabia que não queriam me m a t a r . . .

— Por quê?

— Poderiam tê-lo feito antes, com toda a facilidade. Creio que estavam esperando que eu saísse. Já desfizera as malas. Teriam o apartamento só para eles.

— Para quê?

— Para revistar minha bagagem. Já fizeram isso antes.

— Quem?

— Gostaria de saber.

— Agora, quem é que não está ajudando?

— Desculpe. . . Diga-me, Bobby, quem exatamente sabia que eu viria para cá? Como foi resolvida a questão da minha vinda?

— Primeira pergunta: três pessoas. Eu, naturalmente. Estou no rádio. Granville, é óbvio. E Jean Cameron. O velho pediu-lhe que arranjasse um apartamento. . . Mas isso você já sabe. Segunda pergunta: muito confidencialmente. Lembre-se de que as ordens vieram à noite. De Washington. Jean estava jogando xadrez com Granville no apartamento dele quando eu levei os ovos. . .

— O quê?

— *Scrambler*. Washington enviou seu rádio num código *scrambler*. Isto significa que somente eu e meu principal auxiliar podemos recebê-lo e entregá-lo ao embaixador.

— Muito bem. E depois?

— Nada. Nada que você já não saiba.

— Diga assim mesmo.

Ballard soltou um prolongado suspiro, condescendendo em responder:

— Nós três estávamos sozinhos. Que diabo, eu li a mensagem e as instruções eram claras quanto ao apartamento. Então, Granville aparentemente concluiu que Jean era a pessoa lógica para descobri-lo. Disse a ela que você vinha e pediu que fizesse o possível em tão curto espaço de tempo. — Ballard olhou em volta e na direção do pátio. — E não se saiu nada mal.

— Então, é isso: eles têm uma rede cobrindo a cidade, nada fora do comum. Ficam de olho nos apartamentos desocupados, pensões, hotéis, que são os mais fáceis.

— Creio que não compreendo.

— Podemos ser muito espertos, mas não conseguimos modificar uma coisa básica: precisamos de um lugar para dormir e tomar banho.

— Ah, isso eu entendo, mas não se aplica ao caso. A partir de amanhã você não será segredo. Até então, sim. D.C. disse que você viria sozinho; não tínhamos idéia precisa de quando ou como... Jean não alugou este apartamento para você. Não em *seu nome*.

— Não? — David estava mais preocupado do que sua expressão indicava. Os dois estrangeiros tinham que estar no telhado antes que ele chegasse. Ou pelo menos minutos após sua chegada. — Como foi que ela o alugou, então? Que nome usou? Eu não queria cobertura. Não recomendei nenhuma.

— Eu pensei que era *eu* quem falava depressa. Domingo é domingo, segunda é segunda. No domingo, não o conhecemos; na segunda, sim. Foi o que Washington sugeriu. Não queriam nenhuma notícia da sua chegada e, por falar nisso, se você resolvesse ficar à distância, nós deveríamos concordar com os seus desejos. Tenho certeza de que Granville perguntará a você o que deseja fazer pela manhã... Como foi que Jean alugou o apartamento? Conhecendo-a, sei que deve ter sugerido que o embaixador tem uma garota, ou algo parecido. Os *portenos* mostram-se muito simpáticos nesse tipo de coisa. A Paris da América do Sul... Uma coisa eu sei: ela não teria usado seu nome. Ou qualquer outro disfarce óbvio. Usaria antes o dela próprio.

— Rapaz — murmurou Spaulding, cansado, retirando o saco de gelo e apalpando a cabeça. Examinou os dedos. Apresentavam traços de sangue.

— Espero que não pretenda bancar o herói com esse corte na cabeça. Devia consultar um médico.

— Nada de heróis. — David sorriu. — Mas preciso que me removam algumas suturas. O melhor é que seja esta noite, se você puder providenciar.

— Posso providenciar. Onde colocaram os pontos?

— Sofri um acidente nos Açores.

— Você viaja bastante, não é?

— E também quem chega antes de mim.

24

— A Sra. Cameron se encontra aqui a pedido meu, Spaulding. Entre. Conversei com Ballard e o médico. Pontos retirados e outros colocados. Deve sentir-se como uma almofada de alfinetes.

Granville encontrava-se à sua escrivaninha barroca, confortavelmente reclinado numa cadeira de espaldar alto. Jean Cameron estava sentada num sofá junto à parede da esquerda; uma das cadeiras diante da escrivaninha destinava-se evidentemente a David. Decidiu esperar que Granville a indicasse antes de se sentar. Não estava certo de gostar

do embaixador. O escritório que lhe fora reservado era de fato muito afastado e usado para depósito.

— Nada sério, embaixador. Se fosse, eu diria.

Spaulding cumprimentou Jean de cabeça e notou-lhe a preocupação. Ou pelo menos foi o que julgou ler nos seus olhos.

— Seria tolo se não dissesse. O médico declarou que o golpe da cabeça felizmente caiu entre áreas de concussão. Senão, você estaria em má situação.

— Foi dado por um homem experiente.

— Compreendo. . . Nosso médico não gostou muito das suturas que removeu.

— Parece ser uma opinião médica generalizada. Mas serviram à sua finalidade. O ombro está ótimo. Ele o coseu.

— Sim. . . Sente-se, sente-se.

David sentou-se.

— Obrigado, embaixador.

— Suponho que os homens que o atacaram ontem à noite eram provincianos. Não *portenos*.

Spaulding teve um rápido sorriso e voltou-se para Jean Cameron.

— Cheguei aos *portenos*. Suponho que *provincianos* signifique o que diz a palavra. Gente do interior? De fora da cidade?

— Sim — disse a moça, em voz baixa. — Da capital, B.A.

— Duas culturas inteiramente diversas — prosseguiu Granville. — Os *provincianos* são hostis e com razão. São realmente explorados. Os ressentimentos estão fervilhando. O GOU nada fez para acalmar o assunto e só os convoca para as classes mais baixas.

— Os provincianos são nativos da Argentina, não são?

— Certamente. De seu ponto de vista, muito mais que os de Buenos Aires, os *portenos*. Menos sangue italiano e alemão, para não falar no português, no balcânico e no judeu. Há ondas de imigrantes, compreende...

— Então, embaixador — interveio David, esperando deter outra análise do diplomata pedagogo —, eles não eram provincianos. Chamaram-se de *extranjeros*. Pessoas deslocadas, foi o que entendi.

— *Extranjero* é um termo um tanto sarcástico. Morbidez às avessas. Como se fosse empregado por um índio de reserva em Washington. Um estrangeiro em seu próprio país, compreende?

— Aqueles homens não eram da Argentina — disse David, tranqüilamente, ignorando a pergunta de Granville. — Sua fala era consideravelmente alienígena.

— Verdade? É especialista?

— Sou, nesta questão.

— Compreendo. — Granville inclinou-se para a frente. — Atribui o ataque a questões da Embaixada? A questões das nações aliadas?

— Não tenho certeza. Em minha opinião era eu o alvo. Gostaria de saber como descobriram que cheguei.

Jean Cameron falou, do sofá:

— Examinei tudo o que eu disse, David. — Calou-se, numa breve pausa, cônica de que o embaixador a fixara ao ouvir o primeiro nome de Spaulding. — O seu foi o quarto apartamento que visitei. Comecei às 10 da manhã e, por volta das duas horas, encontrei-o, alugando-o imediatamente. Lamento dizer que foi o pátio que me convenceu.

David sorriu para ela.

— Seja como for, segui para o escritório da locadora, na Viamonte. Gerald Baldez é o proprietário; todos nós o conhecemos. É *partisan*. Não gosta dos alemães. Esclareci que queria alugar o apartamento para uma das quatro pessoas que moravam aqui e que,

francamente, achava muito estreitas as limitações da Embaixada. Ele riu e disse que tinha a certeza de que era Bobby. Não discordei.

— Mas foi um aluguel por pouco tempo — observou David.

— Usei como desculpa, que a pessoa talvez não gostasse do apartamento. É um contrato comum por três meses.

— Por que Bobby — ou qualquer outra pessoa — gostaria de ter seu próprio apartamento?

— Por diversas razões, também comuns... aqui — Jean sorriu, meio embaraçada, segundo pareceu a David. — Conheço a cidade melhor que muitos. Morei aqui vários anos. Além disso, há também a questão das despesas. Sei regatear. E homens como Bobby têm trabalho urgente a fazer. Meus horários são mais flexíveis. Tenho tempo.

— A Sra. Cameron é muito modesta, Spaulding. Ela é um valioso elemento da nossa pequena comunidade.

— Tenho certeza que sim, embaixador... Então, acha que ninguém teve razões para suspeitar que estava alugando o apartamento para um novo adido?

— De maneira alguma. Foi tudo feito de maneira tão... tranqüila, se é que me entende.

— E o proprietário do prédio?

— Não o vi. A maioria dos apartamentos pertence a pessoas abastadas, que moram em Telmo ou Palermo. Tudo é feito através de agências.

David voltou-se para Granville.

— Houve algum chamado para mim? Recados?

— Não. Não que eu saiba, e tenho certeza de que saberia. Entrariam em contato com você, naturalmente.

— Um homem chamado Kendall... .

— Kendall? — interrompeu o embaixador. — Conheço esse nome... Kendall. Sim, Kendall. — Granville remexeu papéis na escrivaninha. — Está aqui. Um certo Walter Kendall chegou ontem à noite. No vôo das 22:30. Está hospedado no Alvear, próximo ao parque de Palermo. Bom hotel, dos antigos, — Granville fixou Spaulding, subitamente. — Ele consta da relação como economista industrial. É uma descrição um tanto vaga, não é? Seria o banqueiro a que se referiu ontem?

— Ele tomará certas providências relativas às minhas instruções. — David não ocultou a relutância em aprofundar-se na questão de Walter Kendall. Por outro lado, viu-se oferecendo intuitivamente um esclarecimento a Jean Cameron. — Minha missão primordial aqui é agir como elemento de ligação entre círculos financeiros de Nova York e Londres e interesses bancários aqui em Buenos Aires... B.A. — David sorriu tão sinceramente quanto Jean sorriu. — Creio que é meio tolo. Não sei distinguir um débito de um crédito. Mas Washington me aprovou. O embaixador está preocupado porque sou demasiado inexperiente.

Spaulding voltou rápido o olhar para Granville, lembrando ao velho que "interesses bancários" eram o limite de sua identidade. O nome Erich Rhinemann estava fora de cogitação.

— Sim, confesso que estava... Mas isso nada tem a ver com o caso. Gue deseja fazer a respeito do que ocorreu ontem à noite? Creio que deveríamos apresentar uma queixa formal à polícia. Não que faça a mínima diferença.

David silenciou por instantes, considerando os prós e os contras da sugestão de Granville.

— A imprensa entraria no caso?

— Muito pouco, creio — respondeu Jean.

— Adidos de embaixada em geral têm dinheiro — disse Granville. — São roubados de vez em quando. Chamarão ao caso "tentativa de roubo". Provavelmente, foi mesmo.

— Mas o GOU não gosta desse tipo de notícia. Não se ajusta ao ponto de vista dos coronéis, e eles controlam a imprensa. — Jean pensava em voz alta, olhando para David.
— Vou minimizar o caso.

— E se não nos queixarmos, supondo-se que não tenha sido roubo, estaremos admitindo que foi outra coisa, o que não estou disposto a fazer — disse Spaulding.

— Então, uma queixa formal será apresentada esta manhã. Quer ditar um relato do acidente e assiná-lo, por favor? — Era óbvio que Granville queria encerrar a reunião. — E, para ser franco, Spaulding, a menos que eu esteja consideravelmente mal informado, creio que foi feita uma tentativa para roubar um rico americano recém-chegado. Soube que os motoristas dos táxis do aeroporto formaram um verdadeiro bando de ladrões. Os *extranjeros* seriam participantes lógicos.

David levantou-se, satisfeito ao notar que Jean fazia o mesmo.

— Aceito sua opinião, embaixador. Os anos passados em Lisboa tornaram-me excessivamente... preocupado. Eu me adaptarei.

— Creio que sim. Escreva o relatório.

— Sim, senhor.

— Conseguirei uma estenógrafa — disse Jean. — Bilíngüe, — Não é necessário. Ditarei em espanhol.

— Havia, esquecido — sorriu Jean. — Bobby disse que nos mandaram alguém muito brilhante.

David supôs que tudo começou depois daquele primeiro almoço. Mais tarde, ela disse que foi antes, só que ele não acreditou. Ela afirmou que foi quando ele disse que B.A. significava Montevideú. Era uma tolice, não fazia sentido.

O que fazia sentido — e ambos o reconheceram, sem qualquer tentativa de verbalizá-lo — era a total descontração que sentiam na presença um do outro. Era muito simples. Um tremendo conforto. Os silêncios jamais eram desagradáveis, o riso vinha fácil e baseado em humor comunicado, não reação forçada.

Era extraordinário. Mais ainda, na opinião de David, porque ele nem o esperava nem procurara. Ambos tinham boas razões para evitar quaisquer relacionamentos que não fossem superficiais, ou pouco além disso. Ele era um homem impermanente, esperando apenas sobreviver e recomeçar em outro lugar, de cabeça desembaraçada e lembranças recalçadas. Isso era importante para ele. E sabia que ela continuava a chorar tão profundamente um homem que não poderia — sem remorso intolerável — afastar aquele rosto e aquele corpo da sua mente.

Ela própria o disse em parte. O marido não fora a imagem do ousado piloto de transporte tantas vezes delineada pelas Relações Públicas da Marinha. Sentira um medo extraordinário — não por si mesmo, mas por tirar outras vidas. Não fosse pela vergonha que, ele o sabia, recairia sobre sua mulher e família que viviam em Maryland, Cameron teria procurado um *status* de objeção conscienciosa. Mas é possível que também não tivesse a coragem de suas próprias convicções.

Por que piloto?

Cameron voava desde adolescente. Parecia-lhe natural e acreditava que seu treino civil o conduzisse a um papel de instrutor nos Estados Unidos. Rejeitava a lei militar; um número excessivo de seus companheiros advogados havia procurado esta saída e acabado na infantaria ou no convés de navios de guerra. Os militares tinham advogados suficientes. Queriam pilotos.

David achou ter compreendido o motivo pelo qual Jean tanto falou a respeito do mando falecido. Havia duas razões. A primeira era que, ao fazê-lo abertamente, ela se adaptava ao que sentia estar acontecendo entre eles; penitenciando-se, talvez. A segunda era

menos clara, mas de modo algum menos importante. Jean Cameron detestava a guerra; detestava o que ela lhe arrebatara. Queria que ele soubesse disso.

Porque — David o percebeu — o instinto dizia que ele estava muito interessado. E ela não queria fazer parte daquele envolvimento; devia isto à memória de Cameron.

Almoçaram em um restaurante que dava para as águas da bacia de Riachuelo, próximo ao cais de Dársena Sud. Ela o sugerira — o restaurante e o almoço. Notou que ele ainda estava exausto; o pouco que dormira fora interrompido constantemente pela dor. Insistira em que ele precisava de um almoço prolongado, tranquilo; depois, voltar para a cama e recuperar-se durante um dia inteiro.

Não pretendia acompanhá-lo.

Ele não pretendia que ela o acompanhasse.

— Ballard é um bom sujeito — disse Spaulding, servindo Colon branco.

— Bobby é um amor — concordou ela. — É um homem muito bom.

— Gosta muito de você.

— E eu dele... O que você está especulando é muito natural e lamento negar a melodia mais intensa. "Melodia" estará certo? Granville me disse quem eram seus pais. Fiquei impressionada.

— Recusei-me a ler música desde a idade de oito anos, mas "melodia" está perfeito. Apenas especulei.

— Bobby fez uma tentativa inteiramente profissional, com imenso encanto e bom humor. Uma moça melhor que eu teria reagido. Ele tinha todo o direito de ficar zangado... Eu queria a companhia dele, mas pouco dava em troca.

— Ele aceitou os seus termos — afirmou David.

— Eu disse que ele era um homem muito bom.

— Deve ter havido uma dúzia de outros...

— E mais os *marines* — interrompeu Jean, fingindo uma encantadora e pouco militar continência. — Não os esqueça.

— Cento e dez, neste caso. Você é Deanna Durbin.

— Dificilmente. Os *marines* fazem rodízio na base FMF, ao sul de La Boca; a oficialidade — desembaraçada de mulher e filhos — está acometida de "síndrome da Embaixada".

— Que significa isso?

— Doença do Departamento de Estado... Tremores. Você me parece singularmente livre dela.

— Não sei se estou ou não. Ignoro o que seja.

— Isso me revela algo a seu respeito, não é mesmo?

— Que é que revela?

— Que não é um dos que querem fazer carreira no Departamento de Estado. A síndrome leva a caminhar nas pontas dos pés e certificar-se de que todos os seus superiores, especialmente o embaixador, estejam satisfeitos com os seus *sinceros esforços*.

Jean fez uma caretinha de filhote de *boxer*, erguendo o queixo delicado, descendo as sobancelhas, zombando do que dizia. Spaulding desatou a rir; a moça captara o ar e a voz da Embaixada com arrasadora fidelidade.

— Vou colocá-lo no rádio — disse ele, rindo novamente. — Descreveu a síndrome de modo que eu a vejo nitidamente! Meu Deus, como vejo!

— Mas você não está infectado por ela — Jean interrompeu a mímica para fixá-lo nos olhos. — Observei-o com Granville; mal conseguia ser polido. Não estava à procura de um relatório favorável, estava?

Ele retribuiu o olhar.

— Não, não estava... Respondendo à pergunta que está chocalhando tão alto nessa sua encantadora cabecinha que chega a vibrar, não sou oficial de carreira no serviço

diplomático. Estritamente, elemento de tempo de guerra. Trabalho com embaixadas numa variedade de missões relacionadas, por uma série de razões diferentes. Falo quatro idiomas e, por causa desses pais que tanto a impressionaram, possuo o que é eufemisticamente descrito como "acesso a gente importante no governo, no comércio, em áreas afins". Já que não sou um completo idiota, com frequência transmito informações confidenciais entre corporações de diferentes países. O mercado não pára de funcionar por causa de inconvenientes com a guerra... Esta é a minha contribuição. Não me orgulho muito dela, mas foi o que me entregaram.

Ela sorriu o seu sorriso franco e buscou a mão de David.

— Acho que você faz, seja o que for, muito bem e com inteligência. Não há muita gente que possa dizer o mesmo. E Deus sabe que não se pode escolher.

— "Que foi que você fez durante a guerra, papai?"... "Bem, filho, viaje de cidade em cidade, dizendo a amigos do Chase Bank para venderem na alta e comprarem na baixa, obtendo uma boa margem de lucro" — falou David, tentando sua própria caricatura e conservando nas suas as mãos dela.

— E foi atacado de telhados argentinos e... Que são essas suturas no seu ombro?

— O avião cargueiro em que eu viajava, nos Açores, fez uma péssima aterrissagem. Creio que o piloto e toda a tripulação desapareceram.

Olhos nos olhos, Jean retirou a mão, embaraçada. Mas para Spaulding o importante era que acreditasse nele. Aceitara sem perguntas a sua história. Ocorrera-lhe que se sentia ao mesmo tempo muito aliviado e, de certo modo, aborrecido. Não sentia orgulho profissional em mentir com êxito para ela.

— Agora já sabe como evitei a síndrome do Departamento de Estado. Ainda não sei bem por que isso é relevante. Que diabo, com 110 homens e *marines*...

— Os *marines* não contam. Têm muitos interesses aqui em La Boca.

— Então, a oficialidade — os sem mulher e filhos — não pode estar toda interessada.

— Mas está e sou grata. Gostariam de ir um dia para a corte de St. James.

— Você está fazendo ginástica mental. Não consigo alcançá-la.

— Não, não estou. Queria verificar se Bobby havia contado a você. Não contou. Eu disse que ele é um homem bom... Deu-me a chance de contar pessoalmente a você.

— Contar o quê?

— Meu marido era enteado de Henderson Granville. Os dois eram muito amigos.

Saíram do apartamento pouco depois das quatro e caminharam pelas docas de Barsena Sud, respirando o ar salgado do mar. David tinha a impressão de que Jean estava se divertindo como não o fazia desde muito tempo. Isso representava parte do "à vontade" instantâneo que se estabelecera entre eles, mas era também algo mais profundo. Como se um esplêndido alívio houvesse baixado sobre ela.

Seu encanto fora evidente desde que a vira na escada, mas ao recordar aquela rápida apresentação compreendeu qual era a diferença. Jean Cameroh era expansiva, bem-humorada, o próprio charme acolhedor. Mas antes havia um outro elemento, uma distância nascida do autocontrole. Controle total. Uma patina de autoridade que nada tinha a ver com o seu *status* na Embaixada ou com quaisquer outras vantagens derivadas de seu casamento com o enteado do embaixador. Relacionava-se unicamente com suas próprias decisões, sua maneira de ver as coisas. Ele notara aquela descontraída autoridade durante toda a manhã — quando o apresentara a vários empregados da Embaixada; quando dera instruções à sua secretária; quando atendera ao telefone, dando rápidas instruções.

Mesmo no relacionamento com Bobby Ballard, ela deslizava com firmeza, com a segurança de quem conhece o seu caminho. Ballard poderia gritar-lhe bem-humorado que fosse "embriagar-se irresponsavelmente" porque, nem com o maior esforço de imaginação, ela se permitiria tal coisa.

Jean conservava-se sob rígido controle.

A rigidez começava a desfazer-se.

Na véspera, ele a observara de perto, notando-lhe a idade; ela era totalmente despreocupada, sem vaidades. Agora, caminhando pelo cais, segurando-lhe o braço, estava agradavelmente cônica dos olhares que recebia das dúzias de *bocamos* do local. Spaulding sabia que ela esperava que ele percebesse tais olhares.

— Veja, David! — exclamou, excitada. — Aqueles barcos vão colidir de frente.

A várias centenas de metros, na baía, duas traineiras se mantinham num curso que levaria à colisão, apitos enchendo o ar cora avisos agressivos, ambas as tripulações gritando uma para a outra, das amuradas de bordo e estibordo.

— O da direita vai se desviar.

Desviou-se no último momento, entre dúzias de gritos guturais e gesticulações.

— Como sabia? — perguntou ela.

— Simples direito de passagem. O proprietário teria que arcar com os custos. Haverá uma briga num desses píeres agora mesmo.

— Não vamos esperar por ela. Você já deve estar farto de brigas.

Saíram da zona portuária, passando às ruas estreitas de La Boca, onde abundavam os pequenos mercados de peixe, repletos de gordos mercadores de avental ensangüentado e fregueses barulhentos. A remessa da tarde acabava de entrar, o dia de trabalho na água estava encerrado. O resto era vender, beber e recontar as desventuras das últimas 12 horas.

Chegaram a uma praça em miniatura, chamada — sem qualquer razão aparente — Plaza Ocho Calle; não havia rua com esse nome, nem sequer uma praça. Um táxi parou hesitante na esquina, liberou o passageiro e tornou a movimentar-se, quase bloqueado por pedestres que não davam atenção a tais veículos. David olhou para Jean e ela sorriu para ele, anuindo. O rapaz gritou para o chofer.

No interior do táxi, ele deu o seu endereço. Não lhe ocorreu outra coisa.

Viajaram em silêncio por vários minutos, ombros tocando-se, a mão dela sob o seu braço.

— Que está pensando? — perguntou David, notando-lhe a expressão distante, mas feliz.

— Na imagem que fiz de você quando Henderson leu a mensagem, na outra noite... Sim, eu o chamo de Henderson. Sempre chamei.

— Não consigo imaginar ninguém, nem mesmo o Presidente chamando-o de Henderson.

— Você não o conhece. Sob aquela jaqueta do Racquet Club ele é um amor.

— Como me imaginou?

— Muito diferente.

— De quê?

— De você... Pensei que fosse terrivelmente baixo, para começar. Um adido com o nome de David Spaulding — uma espécie de gênio financeiro que pretende conferenciar com banqueiros e coronéis sobre assuntos de dinheiro — teria de ser baixo, ter pelo menos 50 anos e pouquíssimo cabelo. Usaria óculos também e teria nariz fino. Provavelmente sofreria de uma alergia qualquer — espirraria muito e viveria assoando o nariz. E falaria em sentenças curtas, concisas. Muito preciso e bastante desagradável.

— E perseguiria secretárias, não esqueça.

— O meu David Spaulding não perseguiria secretárias. Leria livros pornográficos.

David sentiu um estremecimento. Acrescentando-se a aparência desleixada, o lenço sujo e os óculos — usados de vez em quando —, Jean estaria descrevendo Walter Kendall.

— O seu Spaulding seria um sujeito desagradável.

— Não o novo — disse ela, apertando-lhe o braço com mais força.

O táxi parou diante do prédio na Rua Córdoba. Jean Cameron hesitou, fixando momentaneamente a porta. David falou em voz baixa, sem ênfase.

— Quer que eu a leve à Embaixada?

Ela se voltou para ele.

— Não.

David pagou ao chofer e os dois entraram.

O fio invisível continuava na porta, sentiu-o.

Inseriu a chave na fechadura e instintivamente afastou Jean para o lado, ao abrir a porta. O apartamento estava como ele o deixara naquela manhã. David percebeu que ela notava o seu alívio. Jean entrou e olhou em volta.

— Não é nada mau, é? — falou.

— Humilde, mas um lar.

Ele deixou a porta aberta e, com um sorriso, um gesto — sem palavras —, pediu que ela permanecesse onde estava. Entrou rapidamente no banheiro, voltou e transpôs as portas que se abriam para o pátio em miniatura, cercado de muros altos: Olhou para cima, examinando as janelas e o telhado com atenção, e tornou a sorrir para ela, debaixo dos ramos da árvore. Jean compreendeu e, fechando a porta, aproximou-se.

— Foi muito profissional, Sr. Spaulding.

— Segundo a melhor tradição da extrema covardia, Sra. Cameron.

Percebeu o seu erro no minuto em que o. cometeu. Não era o instante de usar o seu nome de casada. Contudo, ainda que tortuosamente, ela lhe pareceu grata porque o fizera. Aproximando-se, postou-se bem diante dele.

— A Sra. Cameron agradece.

Ele a enlaçou pela cintura. Os braços de Jean, lentos, hesitantes, ergueram-se para os ombros do rapaz e as mãos contornaram-lhe o rosto, enquanto ela lhe fixava os olhos.

David não se moveu. A decisão, o primeiro passo, tinha que ser dela, ele o compreendia.

Ela ergueu os lábios para os dele. O contato era macio, encantador, feito para anjos presos na Terra. E então ela estremeceu, com um quase incontrolável senso de urgência. Seus lábios entreabriram-se e ela premiu o corpo com extraordinária força contra o dele, braços enlaçando-lhe o pescoço.

Afastando-se, enterrou o rosto no peito de David, segurando-o com feroz possessão.

— Não diga nada — murmurou. — Não diga nada. . . *Leve-me*.

Ele a tomou nos braços em silêncio e carregou-a para o quarto. Ela manteve o rosto encostado ao seu peito, como se temesse ver a luz ou mesmo David. Colocando-a suavemente na cama, ele fechou a porta.

Em momentos, estavam despidos e ele puxava o lençol para cobri-los. Foi uma úmida e bela escuridão. Um esplêndido conforto.

— Quero dizer uma coisa — falou Jean, traçando com o dedo o contorno dos lábios, o rosto inclinado sobre o dele, seios inocentemente sobre o seu peito. Sorria seu sorriso franco.

— Eu sei. Você quer o outro Spaulding. O magro, de óculos

—disse, beijando-lhe os dedos.

— Ele desapareceu numa espécie de explosão.

— Você é positivamente descritiva, menina.

— Não tão menina assim... É sobre isso que quero falar.

— Uma pensão. Quer o seguro social. Verei o que posso fazer.

— Falo sério, seu tolinho.

— Nem tão tolo assim. . .

— Não há compromissos, David — disse ela, interrompendo-o.

— Quero que você saiba. . . Não sei como dizê-lo de outra maneira. Tudo aconteceu tão depressa.

— Tudo aconteceu muito naturalmente. Explicações não são necessárias.

— Bem, creio que algumas são. Eu não esperava estar aqui.
— E eu não esperava que você estivesse. Suponho que desejasse, confesso..., mas não planejei. Nenhum de nós planejou,
— Não sei. Creio que eu, sim. Creio que quando o vi, ontem, algo no fundo de minha mente tomou uma decisão. Isso parece ousado de minha parte?
— Se foi assim, a decisão já devia ter sido tomada há muito tempo.
— Sim, imagino que sim. — Deitou-se, puxando o lençol. — Fui muito egoísta. Mimada. E me portei muito mal.
— Por que não andou dormindo com todo mundo?
Foi a vez de David rolar na cama e tocar-lhe o rosto. Beijou-lhe os olhos, agora abertos, o azul da íris mais azul por causa do sol de final de tarde que se escoava pelas persianas. Ela sorriu; os dentes brancos e perfeitos brilharam na umidade da boca e os lábios curvaram-se naquele humor genuíno, todo seu.
— Engraçado. Não devo ser patriota. Guardei todos os meus encantos para entregá-los a um não-combatente.
— Os visigodos não teriam aprovado. Segundo me disseram, os guerreiros passavam sempre na frente.
— Não vamos contar a ninguém. — Acariciou-lhe o rosto. — Oh, David, David, David.

25

— Espero não tê-lo acordado. Não o teria perturbado se não achasse que preferiria assim.
A voz do Embaixador Granville pelo telefone era mais solícita do que David poderia esperar. Consultou o relógio ao responder. Passavam três minutos das 10:00.
— Como?... Não, senhor. Eu estava me levantando. Lamento ter dormido demais.
Havia um bilhete na mesinha do telefone. Era de Jean.
— Seu amigo entrou em contato conosco.
— Amigo? — David abriu o bilhete. "Meu querido. Você adormeceu tão profundamente que eu ficaria desconsolada se acordasse. Chamei um táxi. Até amanhã. Na Bastilha. Sua fênix ex-regimentada. David sorriu, lembrando-lhe o sorriso.
— ... os detalhes, tenho certeza, não importam. Granville dissera qualquer coisa que ele não ouvira.
— Desculpe, embaixador. A ligação está deficiente. Sua voz desaparece a intervalos. Todos os telefones para além do Atlântico Norte, Médio e Sul eram instrumentos temperamentais. Um fato inegável.
— Ou outra coisa, talvez — disse Granville, irritado, referindo-se à possibilidade de uma escuta. — Assim que chegar, tenha a bondade de me procurar.
— Sim, senhor. Irei agora mesmo. Tomando o bilhete de Jean, releu-o.
Dissera na véspera que ele estava complicando a vida dela. Mas não havia compromisso, afirmara-o também.
Que diabo era um compromisso? Não queria especular. Não queria pensar na medonha descoberta, no imediato, esplêndido conforto que ambos experimentavam. Não era o momento...
Contudo, negá-lo seria rejeitar uma extraordinária realidade. E ele fora treinado para lidar com a realidade.
Não queria pensar no assunto.
Seu "amigo" entrara em contato com a Embaixada.
Walter Kendall.

Isto era outra realidade. Não podia esperar. Amassou o cigarro, zangado', observando os dedos comprimirem a ponta no cinzeiro de metal.

— Por que estava zangado?

Também não queria especular sobre isso. Tinha uma tarefa a cumprir e esperava ter o envolvimento para cumpri-la.

— Jean me disse que você mal conseguiu jantar. Precisava de uma boa noite de sono. Devo dizer que está com melhor aparência.

O embaixador rodeou a escrivaninha para cumprimentá-lo quando ele entrou no amplo e luxuoso gabinete. David sentiu-se um tanto confuso. O velho diplomata mostrava-se solícito, revelando uma preocupação que negava sua mal disfarçada desaprovação de dois dias atrás. Ou seria o nome Jean em vez do severo Sra. Cameron?

— Ela foi muito bondosa. Eu não teria encontrado um restaurante decente sem sua ajuda.

— Suponho que sim. . . Não o deterei. Melhor ir logo falar com esse Kendall.

— O senhor disse que ele entrou em contato. . .

— Ontem à noite; esta madrugada, para ser mais exato. Está no Alvear, e aparentemente muito agitado, segundo a telefonista. As 2:30 estava gritando, exigindo que dissessem onde você se encontrava. Nós não fornecemos esse tipo de informação, naturalmente.

— Sou muito grato. Conforme disse, precisava dormir. Kendall o teria impedido. Tem o telefone dele? Ou devo obtê-lo no livro?

— Não, está aqui mesmo.

Granville aproximou-se da escrivaninha e pegou uma folha de papel. Acompanhando-o, David tomou-a da mão do embaixador.

— Obrigado, embaixador. Vou ligar já.

Voltou-se para a porta e Granville deteve-o.

— Spaulding?

— Sim, embaixador.

— Sei que a Sra. Cameron gostará de vê-lo. Para verificar sua recuperação, suponho. O gabinete dela fica na ala sul, primeira porta à direita, logo à entrada. Sabe onde é?

— Eu o encontrarei, embaixador.

— Estou certo que sim. Até mais tarde.

David transpôs a pesada porta barroca, fechando-a ao sair. Seria imaginação, ou Granville estaria manifestando com relutância a sua aprovação à súbita... aliança de Jean? As palavras eram aprovadoras; o tom de voz, relutante.

Desceu o corredor em direção à ala sul e chegou à porta de Jean. Seu nome estava gravado numa placa de cobre, à esquerda da moldura. Ele não o notara na véspera.

Sra. Andrew Cameron.

O nome do marido era Andrew. Spaulding não perguntara e ela não o dissera.

Fixando a placa de cobre, experimentou uma estranha sensação: ciúmes de Andrew Cameron; ressentiu-se de sua vida, de sua morte.

A porta estava aberta e ele entrou. A secretária de Jean era evidentemente uma argentina. *Portena*. Os negros cabelos espanhóis estavam penteados para trás, formando um coque, os traços eram latinos.

— Sra. Cameron, por favor. David Spaulding.

— Entre, por favor. Ela o espera.

David aproximou-se da porta e girou a maçaneta.

Ela foi pega de surpresa, pareceu-lhe. Estava à janela olhando para o gramado do lado sul, uma folha de papel na mão, óculos empurrados para a testa, repousando nos cabelos castanho-claros.

Espantada, retirou os óculos do seu apoio e imobilizou-se. Lentamente, como se o estudasse pela primeira vez, sorriu.

Ele sentiu medo. Mais que medo, por um instante. E então ela falou e a súbita angústia abandonou-o, substituída por um profundo alívio.

— Acordei esta manhã e procurei você. Quando não a encontrei, pensei que ia chorar.

Ele se aproximou rápido e abraçaram-se. Nenhum dos dois falou. O silêncio, o abraço, o esplêndido conforto voltaram.

—Granville agiu como um intermediário, há instantes — disse finalmente, segurando-a pelos ombros e fitando-a nos olhos azuis que refletiam humor inteligente.

—Eu disse a você que ele era um amor. Não quis acreditar.

—Mas não disse que nós dois jantamos, penso. Ou que eu mal consegui me manter acordado.

— Esperava que você escorregasse e lhe desse um pouco mais em que pensar.

— Não o compreendo. Ou a você, talvez.

— Henderson tem um problema... eu. Ele não sabe o que fazer de mim. É super protetor, porque eu o levei a pensar que queria essa proteção. E queria, era mais fácil. Mas um homem que teve três esposas e pelo menos o dobro de amantes no decorrer dos anos não é vitoriano... E ele sabe que você não ficará aqui por muito tempo. Como diria ele, terei traçado um quadro nítido?

— Julgo que sim — respondeu David, no inglês britânico de Granville.

— Isso é maldade — riu Jean. — É provável que ele não o aprove, o que lhe torna difícil a sua aceitação verbal.

David libertou-a.

— Sei muito bem que não aprova... Ouça, tenho que dar alguns telefonemas, sair e encontrar alguém...

— Apenas alguém?

— Uma pequena maravilhosa que me apresentará a milhares de outras pequenas maravilhosas. E, cá entre nós, eu não posso suportá-lo. Mas tenho que falar com ele... Quer jantar comigo?

— Sim, jantarei com você. Eu pretendia mesmo. Você não tinha opção.

— Tem razão, você é ousada.

— Deixei isso bem claro. Você rompeu o regime. Eu estou emergindo do meu monte de cinzas pessoal... A atmosfera é maravilhosa.

— Tinha que acontecer... eu estou aqui.

Não sabia por que havia dito isso, mas teve que dizer.

Walter Kendall caminhava de um lado para o outro, como se o quarto do hotel fosse uma jaula. Spaulding, sentado no sofá a observá-lo, tentava decidir que animal Kendall lhe recordava; vários lhe vieram à mente e nenhum era de estimação.

— Escute — disse Kendall. — Isto não é uma operação militar. Você não dá, *recebe* ordens.

— Desculpe, mas acho que me interpretou mal.

David sentiu-se tentado a responder à altura da ira de Kendall, mas resolveu em contrário.

— Interpretou mal coisa nenhuma! Você disse a Swanson que estava em apuros em Nova York. O problema é seu, não nosso.

— Não pode ter certeza disso.

— Claro que posso! Tentou convencer Swanson e ele acreditou.

Você nos envolveu!

— Espere um momento. — Spaulding achou que podia protestar com razão, dentro dos limites que estabelecera mentalmente para Kendall. — Eu disse a Swanson que, na minha opinião, o problema de Nova York poderia relacionar-se com Buenos Aires. Não afirmei. Disse que *poderia*.

— Não é possível!

— Você não pode ter tanta certeza.

— Posso, sim. — Kendall estava não só agitado, pensou David, come impaciente. — Trata-se de um negócio. O contrato está feito. Não há ninguém querendo nos impedir de realizá-lo. Ninguém querendo nos deter.

— As hostilidades não cessam porque um contrato foi feito. Se o comando alemão soubesse explodiria Buenos Aires para impedi-lo.

— Sim. . . Bem, isso não é possível.

— Tem certeza?

— Temos certeza. . . Não vá confundir aquele estúpido filho da mãe, Swanson. Vou ser franco. Trata-se estritamente de uma negociação em dinheiro. Poderíamos fazê-la sem qualquer ajuda de Washington, mas insistiram — Swanson insistiu — em mandar um homem para cá. OK, você é o homem. Pode ser útil; pode recolher os documentos, e entende os idiomas. Mas é a única coisa que deve fazer. Não chame atenção sobre si. Não queremos ninguém preocupado.

A contragosto, David começou a compreender a sutil clareza das manipulações do general-de-brigada. Swanson colocara-o numa posição limpa. O assassinato de Erich Rhinemann — feito por ele mesmo ou por um assassino contratado — seria totalmente inesperado. Swanson não era de maneira alguma o "estúpido filho da mãe" que Kendall considerava. Ou que o próprio David julgara.

Swanson podia estar nervoso. Era um neófito. Mas bastante competente.

— Está bem, aceite as minhas desculpas — disse Spaulding, fingindo uma sinceridade que não sentia. — Talvez o incidente de Nova York tenha sido exagerado. Fiz inimigos em Portugal, não posso negar. . . Eu saí com nome suposto, deve saber.

— O quê?

— Não há maneira do pessoal em Nova York saber que eu saí da cidade.

— Tem certeza?

— Tanta certeza quanto o senhor tem de que ninguém está tentando impedir as suas negociações.

— Sim... OK, tudo decidido. Tenho um programa. — Falou com Rhinemann?

— Ontem. O dia inteiro;

— E Lyons? — perguntou David.

— Swanson vai mandá-lo no final da semana. Com as "babás". Rhinemann acha que os planos chegarão domingo ou segunda-feira.

— Em etapas, ou todos juntos?

— Provavelmente, em duas etapas. Ele não tem certeza. Não faz diferença. Estarão todos aqui na terça. Garantiu.

— Então, estamos adiantados. Calculou três semanas.

David sentiu uma pontada no estômago. Sabia que nada tinha a ver com Kendall, Eugene Lyons ou planos de giroscópios de grande altitude. Era Jean Cameron e o simples fato de que só passaria com ela uma semana.

Isso o perturbou profundamente e ele especulou — rápido — sobre o sentido daquela perturbação.

E então compreendeu que não poderia permitir-se aquela indulgência; as duas entidades tinham que permanecer separadas, os mundos isolados.

— Rhinemann exerce um bom controle — disse Kendall, com forte laivo de respeito na voz.

— Fiquei impressionado com seus métodos. Muito precisos.

— Se julga assim, não precisa de mim — David estava ganhando alguns segundos para desviar a conversa rumo a outro setor. A afirmativa era retórica.

— Não precisamos, foi o que eu disse. Mas há um bocado de dinheiro envolvido e, já que o Departamento de Guerra — de um jeito ou de outro — está recolhendo uma grande parcela, Swanson quer que as suas responsabilidades estejam protegidas. Eu compreendo. São negócios.

Spaulding aproveitou a oportunidade.

— Então, vamos aos códigos. Não desperdicei os três dias aqui. Fiz amizade com o criptógrafo da Embaixada.

— O quê?

— O chefe dos criptógrafos. Ele mandará os códigos para Washington. A autorização para o pagamento.

— Ah... Sim, isso mesmo.

Kendall apertou um cigarro, preparando-se para levá-lo à boca. Mal dava atenção a códigos e criptógrafos, pensou David. Os detalhes necessários, os acabamentos, eram relegados aos outros. Ou seria fingimento?

Saberia daí a instantes.

— Conforme observou, trata-se de muito dinheiro. Então, decidimos usar um *scrambler*, com alteração nos códigos de 12 em 12 horas. Vamos preparar a escala esta noite e mandá-la a Washington pelo correio, amanhã. O clichê-mestre conterà 15 letras... Naturalmente, a palavra primordial será "Tortugas".

Spaulding observou o descabelado contabilista. Não houve a mínima reação.

— O K... Sim, OK.

Kendall sentou numa poltrona. Parecia ter os pensamentos distantes.

— O senhor aprova, não?

— Claro, por que não? Jogue o jogo que quiser. A única coisa que me importa é o rádio de Genebra confirmado; depois, você pode dar o fora daqui.

— Sim, mas achei que a referência deveria incluir o... fator código.

— Que diabo você está dizendo?

— Tortugas. Não tem que ser Tortugas?

— Por quê? Que é Tortugas?

O homem não estava fingindo, David tinha certeza.

— Talvez eu tenha entendido mal. Achei que Tortugas fizesse parte do código de autorização.

— Cristo! Você e Swanson! Vocês todos! Gênios militares! Jesus! Se não se parecer com Dan Dunn, o Agente Secreto, não serve, não é? Ouça: quando Lyons disser que está tudo em ordem, avise. Depois, siga para o aeroporto... é um campo pequeno chamado Mendarro... e os homens de Rhinemann dirão quando pode partir. OK? Entendeu?

— Sim, entendi — disse Spaulding.

Mas não estava bem certo.

David caminhou a esmo pelas ruas de Buenos Aires, chegando ao imenso parque da Plaza San Martin, com suas fontes, suas alamedas de saibro branco, sua tranqüila desordem.

Sentando-se num banco, tentou definir as peças fugidias de um quebra-cabeças cada vez mais complicado.

Walter Kendall não mentira. Tortugas nada significava para ele.

No entanto, um homem num elevador de Nova York arriscara a vida para saber o que significava Tortugas.

Ira Barden, em Fairfax, havia dito que apenas essa palavra figurava junto ao seu nome no papel de transferência do Departamento de Guerra que se encontrava no cofre de Ed Pace..

Talvez houvesse uma resposta óbvia. A morte de Ed Pace impedia um verdadeiro conhecimento, mas a probabilidade era genuína.

Berlim soubera da negociação de Peenemünde — tarde demais para evitar o roubo dos planos — e estava decidida a impedir a venda. Não apenas impedir, mas se possível encontrar a pista de todos os envolvidos, surpreendendo toda a rede e Rhinemann.

Se era essa a explicação — e que outra plausível existia? —, o código "Tortugas" de Pace havia sido transmitido a Berlim pelo elemento infiltrado em Fairfax. Havia uma grave falha de segurança em Fairfax, claro. A prova era o assassinato de Pace.

Seu próprio papel poderia ser facilmente calculado por Berlim, pensou David. O homem de Lisboa subitamente! transferido para Buenos Aires. O perito cuja habilidade fora comprovada em centenas de transações de espionagem — numa rede que era a mais impiedosamente eficaz do sul da Europa — não abandonaria a sua criação, a menos que seu talento fosse considerado vital em outro lugar. Aceitara havia muito o fato de que Berlim tinha mais do que simples suspeitas sobre ele. De certo modo, era a sua proteção; de maneira alguma vencera todas as jogadas. Se o inimigo o matasse, outra pessoa tomaria o seu lugar. E o inimigo teria que recomeçar tudo de novo. Ele era um artigo conhecido. O melhor era aceitar um demônio conhecido.

Spaulding considerou cuidadosamente, com minúcias, o que faria se fosse o inimigo; que medidas tomaria naquela específica conjuntura.

Excetuando pânico ou erro, o inimigo não o mataria. Não no momento. Porque ele não impediria sozinho a entrega dos planos. Contudo, poderia levar os agentes de contra-espionagem ao momento e ao local da entrega.

Qual a localização de Tortugas!?

O homem desesperado, histérico, do elevador do Montgomery gritara a pergunta, preferindo morrer a revelar aqueles a cujas ordens obedecia. Os nazistas adoravam tal fanatismo. E outros também, por razões diferentes.

Ele, Spaulding, seria, portanto, colocado sob *ausserste Überwachung* — vigilância total, com equipes de três ou quatro homens, 24 horas por dia. Isso explicaria o recrutamento do pessoal extraterritorial a soldo de Berlim. Agentes que operavam fora da Alemanha, por salário, havia anos. Os idiomas e dialetos variavam; os elementos agiam sob perfeita cobertura e podiam movimentar-se com impunidade nas capitais neutras, porque não possuíam ficha na Gestapo, Gehien ou Nachrichtendienst.

Os Bálcãs e os países do Oriente Médio possuíam esse pessoal mercenário. Eram dispendiosos, mas estavam entre os melhores. Sua única moral eram a libra esterlina e o dólar americano.

Além dessa vigilância permanente, Berlim tomaria medidas extraordinárias para impedi-lo de criar sua própria rede em Buenos Aires. Isto significaria infiltração na Embaixada americana; Berlim não ignoraria tal possibilidade. Muito dinheiro seria oferecido.

Quem poderia ser comprado na Embaixada?

Tentar corromper um indivíduo de escalão muito elevado poderia dar resultados contrários, fornecendo a ele, Spaulding, informação perigosa... Teria de ser alguém que não estivesse muito no alto, que tivesse acesso às portas, fechaduras e gavetas de cofres. E códigos... Um adido de importância mediana. Um homem que provavelmente jamais chegaria à corte de St. James, que procurasse outro tipo de segurança. Negociável a preço elevado.

Alguém na Embaixada seria inimigo de Spaulding.

Finalmente, Berlim mandaria matá-lo. Junto com vários outros, é claro. Matar no momento da entrega; matar depois que o *äusserste Übenvachung* houvesse extraído tudo o que pudesse.

David levantou-se do banco verde e espreguiçou-se, observando a beleza da Plaza San Martin. Vagueou para além da alameda, pisando no relvado, até as margens de um lago cujas águas escuras refletiam as árvores circunjacentes como se fosse um negro espelho. Dois cisnes brancos deslizavam num cáldo abandono. Uma menininha estava ajoelhada junto a uma pedra na minúscula borda, separando as pétalas de uma flor amarela.

Spaulding estava certo de ter analisado corretamente as opções imediatas dos agentes inimigos. Opções e prováveis cursos de ação. A sensação nas suas entranhas era positiva. Não entusiástica, mas simplesmente não negativa.

Agora, precisava elaborar sua contra-estratégia. Precisava pôr em ação as lições que aprendera no decorrer dos anos em Lisboa. Mas o tempo era pouco e por isso sabia que qualquer passo em falso poderia ser fatal.

Displicentemente — mas sem qualquer sentimento de displicência —, olhou ao redor para as dezenas de pessoas que passeavam no parque, na relva; os que remavam, os passageiros dos barquinhos no pequeno lago escuro, Qual deles seria o inimigo?

Quem estaria observando-o, para descobrir seus pensamentos? Teria que encontrá-los — um ou dois, pelo menos —, antes que se passasse muito tempo.

Essa era a gênese de sua contra-estratégia. Isolar e romper.

Acendeu um cigarro e aproximou-se da ponte em miniatura. Estava preparado. O caçador e a caça eram um só. Sentiu uma leve tensão percorrer-lhe todo o corpo; as mãos, os braços, as pernas. Uma tensão muscular, uma percepção. Reconheceu-a. Voltara às regiões do norte.

E ele era competente naquela selva. Era o melhor de todos. Fora ali que construíra seus monumentos arquitetônicos, suas maciças estruturas de aço e concreto. Na mente.

Era a única coisa que possuía, às vezes.

26

Consultou o relógio. Eram 17:30. Jean havia dito que estaria no seu apartamento pelas 18:00. Caminhara quase duas horas e se encontrava naquele momento na esquina de Viamonte, a vários quarteirões do seu apartamento. Atravessou a rua e dirigiu-se a uma banca de jornais sob um toldo, onde comprou um jornal.

Relanceou pela primeira página, divertindo-se ao notar que as notícias da guerra — o que delas havia — estavam relegadas ao pé da página, rodeadas pela narrativa dos últimos benefícios que o Grupo de Oficiais Unidos havia trazido à Argentina. Notou que o nome de um determinado coronel, um certo Juan Perón, era mencionado em três subtítulos diferentes.

Dobrou o jornal e colocou-o debaixo do braço, percebendo que estivera devaneando; mais uma vez consultou o relógio.

Não foi um gesto deliberado de sua parte, isto é, não foi calculada a sua volta brusca. Voltou-se simplesmente porque o ângulo do sol causara um reflexo no vidro do relógio e ele inconscientemente desviara o corpo para a direita, a mão esquerda estendida, coberta por sua própria sombra.

Mas a atenção desviou-se imediatamente do relógio. Com o canto dos olhos, percebeu uma súbita e brusca interrupção no tráfego humano da calçada. A nove metros de distância, do outro lado da rua, dois homens rapidamente se voltaram, colidindo com os pedestres que vinham na outra direção, pedindo desculpas, afastando-se, mergulhando no fluxo de gente da calçada.

O homem da esquerda não fora bastante rápido — talvez por inexperiência — para inclinar e encurvar os ombros imperceptível-mente, de modo a dissolver-se na multidão.

Destacou-se e David o reconheceu.

Era um dos homens que estiveram no telhado do apartamento. De seu companheiro, David não podia ter certeza, mas daquele não havia dúvidas. Chegava até a coxear de leve, possivelmente devido à surra que lhe tinha aplicado.

Seguiam-no, e isso era bom.

O ponto de partida não estava tão remoto como julgava.

Caminhou mais 50 metros, em meio a um grupo numeroso que se aproximava da esquina de Córdoba. Abriu caminho por entre braços, pernas e pacotes, e entrou numa pequena joalheria de objetos vistosos e baratos. No interior, várias funcionárias de escritório tentavam escolher um presente para uma secretária que se despedia. Spaulding sorriu para o aborrecido proprietário, dando a entender que podia esperar, não estava com pressa. O proprietário fez um gesto de impotência.

Spaulding postou-se junto à vitrina, o corpo escondido pela moldura da porta.

Menos de um minuto após, tornou a avistar os dois homens. Continuavam do outro lado da rua. David acompanhou seu progresso através das brechas intermitentes na multidão. Os dois falavam acaloradamente; o segundo, aborrecido com o companheiro, que claudicava. Ambos tentavam olhar por sobre as cabeças da multidão, erguendo-se na ponta dos pés, tolos, amadores.

David calculou que se voltariam para a direita na esquina e seguiriam pela Córdoba, em direção ao seu apartamento. Foi o que fizeram. Sob os protestos do proprietário da joalheria, Spaulding retirou-se e caminhou rápido pela multidão, atravessando a Avenida Callao ao som de improperbs dos motoristas que eram obrigados a desviarem-se dele. Precisava chegar ao outro lado, conservando-se longe das vistas dos homens. Não podia utilizar as faixas para atravessar, ou a borda da calçada. Seria demasiado fácil, demasiado lógico que os dois olhassem para trás, como se faz quando se tenta localizar alguém que se perdeu de vista.

David já conhecia o seu objetivo. Precisava separar os homens e ficar com o que coxeava. Abordá-lo e obter à força as respostas.

Se eles tivessem experiência, chegariam ao seu apartamento e se dividiriam: um deles entraria cautelosamente para escutar junto à porta, certificando-se da presença da pessoa; o outro ficaria do lado de fora, bastante longe da entrada para passar despercebido. E o bom senso dizia que o desconhecido seria o escolhido para entrar no apartamento.

Spaulding despiu o casaco, ergueu o jornal dobrado — não de maneira óbvia, mas num gesto casual, como se estivesse incerto quanto ao sentido de uma manchete mal redigida — e caminhou com a multidão para o lado norte de Córdoba. Voltando-se para a direita, manteve um passo firme, ininterrupto, permanecendo o mais possível à esquerda da calçada.

Seu apartamento ficava a menos de um quarteirão e meio. Já avistava os dois homens, que olhavam a intervalos para trás, mas para o seu lado da rua.

Amadores. Se fosse ele o instrutor de vigilância, os dois seriam reprovados no curso.

Os homens aproximaram-se do prédio, concentrados na entrada. David compreendeu que era o momento de agir. O único momento realmente arriscado, a fração de segundo em que um ou outro poderia voltar-se e vê-lo do outro lado da rua, a metros de distância. Mas era um risco necessário. Precisava ultrapassar a entrada do prédio. Era esta a essência de sua armadilha.

Vários metros adiante encontrava-se uma dona-de-casa *porteño* carregando compras, apressada, evidentemente, ansiosa para chegar em casa. Spaulding, mantendo o passo, pôs-se a pedir-lhe orientação no seu mais elegante castelhano, dizendo entre outras, coisas que sabia ser aquela a rua procurada e que estava atrasado; durante todo o tempo conservava a cabeça desviada.

Se alguém o observasse, veria uma dona-de-casa e um homem em mangas de camisa, com o casaco debaixo do braço e o jornal sob o outro, parecendo dois amigos a caminhar apressados em direção a um destino comum.

Vinte e cinco metros além da estrada, na calçada oposta, Spaulding abandonou a sorridente *portería* e mergulhou sob um portal com toldo. Encostando-se à parede, olhou para trás. Os dois homens encontravam-se na calçada e, conforme ele esperava, separavam-se. O desconhecido entrou no prédio; o que coxeava olhou para ambos os lados, verificou os veículos que se aproximavam e atravessou a Córdoba na direção da calçada onde David se encontrava.

Spaulding sabia que em questão de segundos o homem coxo passaria por ele. Novamente a lógica, o bom senso. Ele seguiria para leste — não na direção contrária —, voltando sobre o terreno percorrido, e se postaria num local onde pudesse observar os que se aproximassem do prédio vindos do lado oeste, a direção de onde viera David.

O homem só o viu quando David o tocou, agarrando-lhe pelo cotovelo do braço esquerdo e forçando-o a assumir uma posição horizontal; dobrando-lhe a mão para baixo de modo que a menor pressão lhe causasse uma dor excruciante no pulso inclinado.

— Continue a caminhar ou quebrarei sua mão — falou David, em inglês, empurrando-o para a direita da calçada, a fim de evitar os poucos pedestres que caminhavam na Córdoba em direção contrária.

O homem fez uma careta de dor; o passo acelerado de David forçava-o quase a tropeçar, acentuando a coxeadura, agravando a dor agônica no pulso.

— Você está quebrando meu braço. Está *quebrando!* — disse o homem, angustiado, apressando o passo para aliviar a pressão.

— Acompanhe-me ou quebrarei mesmo.

David falava com calma, até com polidez. Chegaram à esquina da Avenida Paraná e Spaulding girou para a esquerda, empurrando o homem ao mesmo tempo. Havia uma ampla e protegida entrada de um velho prédio onde funcionavam poucos escritórios, e David fez girar o adversário, mantendo-lhe o braço imobilizado e empurrando-o contra a parede de madeira no recanto mais afastado. Súbito, largou-lhe o braço e o homem agarrou o pulso dolorido. Spaulding aproveitou o momento para abrir-lhe o casaco, forçando os braços a descerem e retirando o revólver preso a um grande coldre acima do quadril esquerdo.

Era uma Lüger. Fabricada menos de um ano atrás.

David enfiou-a no cinto e encostou o antebraço contra o pescoço do adversário, sua cabeça indo de encontro à parede. Examinou-lhe os bolsos. No casaco, encontrou uma grande carteira retangular de tipo europeu. Abriu-a, retirou o antebraço da garganta do homem e mergulhou o ombro esquerdo no seu peito, imprensando-o impiedosamente contra a parede. Com ambas as mãos, retirou todos os papéis de identificação.

Licença de motorista alemã; um passe para veículo na Autobahn; cartões de racionamento contra-assinados por Oberführers, permitindo ao portador utilizá-los em todo o Reich — privilégio concedido ao pessoal dos escalões superiores do Governo.

E então encontrou o que procurava.

Um passe de identidade com a fotografia afixada; para os Ministérios da Informação, Armamentos, Aeronáutica e Suprimentos.

Gestapo.

— Você é o mais inepto recruta de Himmler — declarou David, falando profundamente a sério e colocando a carteira no bolso traseiro da calça. — Você deve ter parentes... *Was ist Tortugas?* — murmurou, subitamente, com aspereza. Retirando o ombro do peito do adversário, enfiou dois dedos na clavícula do nazista com tanta violência que o alemão tossiu, paralisado pelo golpe. — *Wer ist Altmüller? Was wissen Sie iiber Marshall?* — E

martelava as costelas do homem repetidamente, provocando ondas de dor, uma após outra, no agente da Gestapo. — *Sprechen Sie! Sjort!*

— *Nein! Ich weiss nichts!* — respondeu o homem, entre arquejos. — *Nein!!*

Spaulding notou novamente o dialeto. Nada tinha de berlinense, nem mesmo de bávaro das montanhas. Era algo diferente. Que seria?

— *Noch 'mal! Vamos! Sprechen Sie!*

E então o homem fez algo inteiramente fora do comum. Em meio à dor, ao medo, deixou de falar alemão e pôs-se a falar inglês: .

— Não tenho a informação que quer! Obedeço ordens... É só! David girou para a esquerda, protegendo o nazista dos olhares

intermitentes que ambos recebiam dos transeuntes. A entrada do prédio era profunda e escura, porém. Ninguém se deteve. Os dois poderiam ser conhecidos, um ou ambos talvez um tanto embriagados.

Spaulding cerrou o punho direito, o cotovelo esquerdo contra a parede, a mão erguida para tampar a boca do alemão. Apoiando-se na madeira, mergulhou o punho no estômago do homem com tal força que o agente dobrou-se para a frente, seguro apenas pela mão de David, que o agarrou pelos cabelos.

— Posso continuar assim até arrebentar todas as suas entranhas. E quando terminar, eu o atirarei num táxi e o deixarei na porta da Embaixada alemã, com um bilhete. Receberá castigo de ambos os lados, não?... Agora, diga-me o que quero saber!

David enfiou dois dedos inclinados no pescoço do adversário, dois golpes seguidos.

— Pare... *Mein Gott!* Pare!

— Por quê não grita? Pode gritar-à vontade, sabe?... É claro que então terei que adormecê-lo e deixar que sua gente o encontre. Sem suas credenciais, naturalmente... Vamos! Grite! — David deu mais dois golpes na garganta do homem. — Agora, comece a falar. Que é Tortugas? Quem é Altmüller? Como pegaram o criptógrafo Marshall?

— Juro por Deus! Não sei de nada!

David golpeou-o novamente. O homem desmaiou. Spaulding encostou-o à parede, escondendo-o, na verdade. O agente da Gestapo abriu as pálpebras, pupilas oscilando incontrolavelmente.

— Você tem cinco segundos. Depois, cortarei seu pescoço.

— Não!... Por favor! Altmüller... Armamentos... Peenemünde...

— Que é que tem Peenemünde?

— O instrumento... Tortuga.

— O que significa isso?! — David mostrou ao homem os dois dedos dobrados; a recordação da dor aterrorizou o alemão.

— O que é Tortugas?

Súbito, os olhos do homem da Gestapo pestanejaram, tentando focalizar. Spaulding viu que ele olhava por sobre o seu ombro. Não era um ardil. O nazista estava demasiado zozinho para estratégias.

E então David sentiu a presença às suas costas. Era uma sensação inconfundível, que desenvolvera nos últimos anos — e nunca falhava.

Voltou-se.

Entrando nas sombras, afastando-se do áspero sol argentino, vinha o segundo elemento da dupla de vigilância, o homem que entrara no prédio de apartamentos. Era do tamanho de Spaulding, um homenzarrão extremamente musculoso.

A claridade e a silhueta que avançava fizeram com que David estremecesse. Libertando o alemão, preparou-se para se atirar à parede oposta.

Não conseguiu.

O agente da Gestapo, num último esforço, segurou-lhe os braços, rodeando-lhe o tórax e pendurando-se nele com todo o seu peso.

Spaulding ergueu o pé contra o atacante e recuou os cotovelos, atirando o alemão de volta à moldura da porta.

Era demasiado tarde, e ele o sabia.

Viu as mãos imensas — os dedos compridos separados — avançando para o seu rosto. Era como se um filme de terror estivesse passando em câmara lenta diante de seus olhos. Sentiu os dedos agarrarem-se à sua pele e compreendeu que sua cabeça estava sendo empurrada com toda força contra a parede.

A sensação de mergulhar, colidir e rodopiar acompanhou o choque de dor acima da nuca.

Meneou a cabeça. A primeira coisa que o impressionou foi o mau cheiro. Rodeava-o, nauseante.

Estava caído, encolhido contra a parede, na posição fetal. E molhado — ao redor do rosto, na camisa e na parte anterior das calças.

Era uísque barato. Muito barato e muito profuso.

A camisa fora rasgada, do colarinho à cintura; um sapato, retirado do pé, junto com a meia; o cinto, aberto; à braguilha, parcialmente descida.

Era a imagem perfeita do vagabundo.

Sentou-se e remediou o melhor possível a aparência. Olhou o relógio.

Ou onde estivera o relógio; desaparecera. A carteira também. E o dinheiro. Tudo o mais que estava em seus bolsos.

Levantou-se. O sol escondera-se; era o início da noite. Não havia muita gente na Avenida Paraná àquela hora.

Perguntou a si mesmo que horas seriam. Não se podiam ter passado mais que uns 60 minutos.

E perguntou a si mesmo se Jean continuaria à sua espera.

Ela lhe tirou a roupa, colocou-lhe um saco de gelo na cabeça e insistiu em que ele tomasse um prolongado banho quente.

Quando emergiu do banheiro, ela lhe preparou um drinque e depois sentou-se junto dele no pequeno sofá.

— Henderson insistirá em que se mude para a Embaixada, você sabe, não?

— Não posso.

— Bem, o que você não pode é continuar a ser surrado diariamente. E não me diga que foram ladrões. Você não aceitou essa desculpa quando Henderson e Bobby a sugeriram no caso dos homens do telhado!

— Aquilo era diferente. Pelo amor de Deus, Jean, roubaram tudo o que eu tinha!

David fa'ava com severidade. Era importante que ela acreditasse. E era inteiramente possível que ele precisasse evitá-la dali em diante. Isso poderia ser importante também. E terrivelmente penoso.

— Não se roubam as pessoas para depois encharcá-las de uísque!

— Agem assim quando querem ganhar tempo para sair do local. Não é uma tática nova. Quando o sujeito acaba de explicar à polícia que é um cidadão sóbrio, os ladrões estão a quilômetros de distância.

— Não acredito. Nem mesmo penso que você espere que eu acredite.

Retesou o corpo, fixando.

— Espero, porque é verdade. Ninguém joga fora a carteira, o dinheiro, o relógio para impressionar uma moça, querendo convencê-la de uma mentira. Vamos, Jean! Estou com muita sede e a minha cabeça dói.

Ela deu de ombros, percebendo que seria inútil discutir.

— Seu *scotch* está acabando, lamento. Vou comprar uma garrafa para você. Há uma loja de bebidas na esquina de Talcahuano. Não é longe...

— Não — interrompeu ele, lembrando-se do homem de mãos imensas que entrara no edifício. — Eu irei. Empréstimo-me algum dinheiro.

— Iremos ambos — disse ela.

— Por favor... Importa-se de esperar? Eu talvez receba um telefonema. Gostaria que a pessoa soubesse que volto logo.

— Quem?

— Um homem chamado Kendall.

Na rua, perguntou ao primeiro transeunte que encontrou onde ficava a mais próxima cabina telefônica. Ficava a vários quarteirões, na Rodrigues Pena, numa livraria.

David correu o mais depressa possível.

O criado do hotel encontrou Kendall no salão de jantar. Chegou ao telefone ainda mastigando. Spaulding imaginou o homem desenhando obscenidades, ouviu-lhe a respiração animal. Controlou-se. Walter Kendall era um doente.

— Lyons virá dentro de três dias — disse Kendall. — Com os enfermeiros. Arranjei acomodações para ele em San Telmo. Um apartamento tranquilo numa rua sossegada. Telegrafei o endereço para Swanson. Ele o entregará aos enfermeiros e eles o instalarão. Entrarão em contato com você.

— Pensei que fosse o encarregado de instalá-lo.

— Achei que você complicaria as coisas — interrompeu Kendall. — Não tem importância. Ligarão para você. Ou eu ligarei. Ficarei aqui algum tempo.

— Ainda bem. . . Porque a Gestapo também está aqui.

— *O quê?*

— Eu disse que a Gestapo também estava aqui. Seus cálculos foram um tanto errados, Kendall. — Alguém quer detê-lo. Não me surpreende.

— Você está completamente doido!

— Não estou.

— Que aconteceu?

David contou e, pela primeira vez na sua rápida associação com o contabilista, percebeu que ele sentia medo.

— Houve uma quebra na rede de Rhinemann. Isto não significa que os planos não chegarão aqui. Significa que enfrentaremos obstáculos, se Rhinemann é tão bom quanto diz. Segundo me parece, Berlim descobriu que os planos foram roubados. Sabem que foram retirados, não importa o processo utilizado, por Rhinemann. O Alto Comando soube da transação. Os Reichsführers não divulgarão, mas tentarão interceptá-lo da maneira mais discreta possível. Pode apostar que haverá muitas execuções em Peenemünde.

— É uma loucura...

Kendall estava quase inaudível. Murmurou algo que David não compreendeu.

— O que disse?

— O endereço de San Telmo. Para Lyons. Três peças. Entrada pelos fundos.

Kendall falava em voz baixa, quase indistinta.

O homem está às portas do pânico, pensou Spaulding.

— Mal posso escutá-lo, Kendall. . . Acalme-se! Creio que chegou a hora de me apresentar a Rhinemann, não acha?

— O endereço de San Telmo: Terraza Verde, 15... É tranquilo.

— Quem é o contato para Rhinemann?

— O quê?

— O contato para Rhinemann.

— Não sei...

— Pelo amor de Deus, Kendall, você teve uma conferência de cinco horas com ele!

— Eu me comunicarei com você...

David ouviu o clique e ficou estupefato. Kendall desligara. Pensou em fazer nova ligação, mas no estado de ansiedade do contabilista só havia de piorar a situação.

Malditos amadores! Que diabo esperavam? Que o próprio Albert Speer entrasse em contato com Washington e emprestasse à Força Aérea os planos, sabendo que eles continham alguns problemas?

Jesus!

David saiu zangado da cabina telefônica e foi para a rua.

Onde diabo se encontrava? Ah, sim, o uísque. A loja ficava na Talcahuano, dissera Jean. Quatro quarteirões a oeste. Olhou para o pulso e naturalmente não encontrou o relógio.

Maldição.

— Desculpe ter demorado tanto. Fiquei confuso. Caminhei na direção errada, uns dois quarteirões.

Colocou as garrafas de *scotch* e de soda na pia. Jean continuava sentada no sofá, perturbada por algum motivo.

— Ele telefonou?

— Não quem você esperava — disse ela, em voz baixa. — Outra pessoa. Disse que ligaria amanhã.

— Deixou o nome?

— Sim, deixou. — Quando ela respondeu, David notou na sua voz o medo e a interrogação. — Foi Heinrich Stoltz.

— Stoltz? Não conheço.

— Pois deveria. É subsecretário da Embaixada alemã... David, que é que você anda fazendo?

27

— Lamento, *señor*. Mister Kendall partiu ontem à noite. Às 22:30, segundo o registro.

— Deixou algum endereço ou telefone aqui em Buenos Aires?

— Não, *señor*. Creio que voltou aos Estados Unidos. Havia um vôo da Pan American à meia-noite.

— Obrigado.

David desligou e estendeu a mão para os cigarros.

Incrível! Kendall dera o fora, à primeira dificuldade.

Por quê?

O telefone tocou, assustando-o.

— Alô?

— *Herr* Spaulding?

— Sim.

— Heinrich Stoltz. Telefonei ontem à noite, mas havia saído. — Eu sei... Soube que é da Embaixada alemã. Espero não precisar dizer que acho o seu contato não-ortodoxo. E não pouco desagradável.

— Ora, *Herr* Spaulding. O homem de Lisboa falando em ortodoxia? — Stoltz riu baixo, mas não de maneira insultuosa.

— Sou um adido especializado em economia, nada mais. Se sabe algo a meu respeito, deve saber disso também. . . Agora, estou atrasado...

— Por favor — interrompeu Stoltz. — Estou telefonando de uma cabina pública. Isso deve dizer algo. E dizia, naturalmente.

— Não converso pelo telefone.
— O seu está livre, eu verifiquei minuciosamente.
— Se quer um encontro, dê-me um endereço e uma hora... Em algum local do centro, onde haja pessoas em volta. Nada de fora da cidade.
— Há um restaurante, Casa Langosta del Mar, vários quarteirões ao norte do parque Lezama. É afastado, mas não fora da cidade. Há reservados nos fundos. Cortinas, nada de portas; nenhum meio de isolamento. Apenas discrição.
— Hora?
— Meio-dia e meia.
— Fuma? — perguntou David, asperamente.
— Sim.
— Traga um maço de cigarros americanos, assim que sair do carro. Na mão esquerda, com o papel retirado de cima e dois cigarros para fora.
— É inteiramente desnecessário. Sei quem é. Eu o reconhecerei.
— Isso não me interessa. Eu não o conheço.

David desligou bruscamente. Em todos os seus encontros fazia questão de chegar mais cedo, passando por uma porta dos fundos, se possível, e situando-se da melhor maneira para observar a chegada do seu contato. Os cigarros nada mais eram que um ardil psicológico: o contato ficava meio abalado, percebendo que era uma marca identificável. Um alvo. Um contato marcado relutava em criar problemas. E se criar problemas fosse a sua intenção, não apareceria.

Jean Cameron desceu o corredor, em direção à escada metálica que conduzia ao porão. Às "Cavernas".

As Cavernas — nome não afetuosamente empregado por elementos do corpo diplomático do mundo inteiro — eram as salas subterrâneas que abrigavam os arquivos contendo dossiês sobre todas as pessoas que tivessem o mais ligeiro contato com a Embaixada, conhecidas ou desconhecidas, amigas ou adversárias. Incluía exaustivas verificações e contraverificações de todo o pessoal da Embaixada; *background* profissional, avaliações do Departamento de Estado, relatórios sobre o progresso. Não faltava nada que pudesse ser obtido.

Eram necessárias duas assinaturas para se entrar nas Cavernas: a do embaixador e a do adido *sênior* que buscava a informação.

Era um regulamento de vez em quando ignorado, no interesse da pressa e da emergência. Geralmente o oficial de Marinha que estava de guarda podia ser convencido de que um adido de muitos anos precisava de algum material, imediatamente; nesse caso, o *marine* colocava o nome de ambos — tanto do elemento da Embaixada como o da pessoa que ele pesquisava — na lista de verificações e depois ficava de guarda enquanto o dossiê era retirado. Caso houvesse repercussões, a responsabilidade era do adido.

Nunca havia. Violações desse tipo garantiam um posto em Uganda. A folha de verificações era diariamente selada e enviada, somente ao embaixador.

Jean raramente tirava vantagem de seu relacionamento com Henderson Granville, em assuntos da Embaixada. Na verdade, raramente surgia ocasião para isso; quando surgia, era sempre algo insignificante.

No momento, não era insignificante. E ela pretendia utilizar plenamente o seu *status* de família, assim como de membro respeitado do corpo diplomático. Granville saía para almoçar e só voltaria horas depois. Ela decidira dizer ao *marine* que "meu sogro, o embaixador, pediu-me para fazer uma investigação discreta, com respeito a uma transferência".

Spaulding, David.

Se Henderson quisesse aludir ao assunto, ela diria a verdade. Sentia-se muito, muito envolvida com o enigmático Sr. Spaulding, e se Henderson não o tivesse percebido era um tolo.

O oficial de Marinha de guarda naquele dia era um jovem tenente da base FMF, ao sul de La Boca. O pessoal da FMF circulava em trajes civis pela cidade, até chegar ao posto na Embaixada; o tratado que permitia a pequena e limitada base não aceitava homens uniformizados fora desses territórios. Tais restrições tendiam a tornar os jovens oficiais sensíveis aos papéis funcionais anônimos que eram obrigados a exercer. Assim, era compreensível que, quando a nora do embaixador o chamasse pelo nome e falasse confidencialmente num assunto a ser tratado com discrição, o *marine* acedesse sem replicar.

Jean estudou o dossiê de David. Era assustador. Não se parecia com nenhum outro que já vira. Não era um dossiê; não havia registro do Departamento de Estado, relatórios, avaliações, relação de postos exercidos.

Havia uma única página.

Descrevia sexo, altura, peso, cor e sinais visíveis. Sob esses dados superficiais, separados por um espaço de três linhas, lia-se o seguinte:

Depto. Guerra. Transferência. Operações Clandestinas. Finanças. Tortugas.

Nada mais.

— Encontrou o que procurava, Sra. Cameron? — perguntou o tenente, junto ao portão de grades de aço.

— Sim... obrigada.

Jean recolocou a fina pasta no lugar, sorriu para o oficial e saiu.

Chegando à escada, subiu lentamente os degraus. Aceitava o fato de David estar envolvido numa missão clandestina — aceitava, embora o detestasse; odiava o segredo, o evidente perigo. Mas de modo consciente preparara-se para o pior e o encontrara. Não estava certa de poder enfrentar aquele conhecimento, mas dispunha-se a tentar. Se não pudesse, aceitaria todos os momentos de prazer egoísta que surgissem e diria adeus a David, com um beijo. Tomara esta resolução de modo inconsciente. Não podia permitir-se sofrer novamente.

E havia mais. Não passava de uma leve sombra num quarto em penumbra, mas caía repetidamente sobre seus olhos. Era uma palavra.

"Tortugas".

Vira-a recentemente. Dias atrás.

Chamara-lhe a atenção porque se lembrara das Dry Tortugas e das vezes em que ela e Andrews haviam velejado até lá, vindo das Keyes.

Onde fora? Sim... Lembrava-se.

Fora num parágrafo prosaico, no contexto de um relatório de área de vigilância, na escrivania de Henderson Granville. Lera-o distraída naquela manhã, dias atrás. Mas não fora adiante. Os relatórios de áreas de vigilância eram redigidos em sentenças curtas, informativas, desprovidas de ritmo e calor. Escritos por homens sem imaginação, preocupados apenas com o que poderiam descrever rapidamente — com os dados. Era em La Boca.

Algo a respeito do comandante de uma traineira... uma carga. Carga cujo destino era Tortugas. Uma violação dos limites territoriais; anulado o mencionado destino, tudo indicava um erro por parte do comandante da traineira.

Mas o despacho mencionava Tortugas.

E a operação secreta de David Spaulding — operação clandestina — tinha o código "Tortugas".

E Heinrich Stoltz, da Embaixada alemã, telefonara para David. De repente, Jean Cameron sentiu muito medo.

Spaulding estava convicto de que Stoltz se encontrava sozinho. Stoltz entrara carregando o maço de cigarros na mão esquerda. Spaulding fizera sinal ao alemão para segui-lo até o fundo do restaurante, um cubículo dotado de cortina que reservara com o garçom, meia hora antes.

Spaulding rodeou a mesa, sentando-se de frente para a cortina.

— Sente-se — falou, indicando a cadeira oposta. Stoltz sorriu, percebendo que ficaria de costas para a entrada.

— O homem de Lisboa é cauteloso. — O alemão puxou a cadeira e sentou-se, colocando os cigarros na mesa. — Asseguro-lhe que não estou armado.

— Ótimo. Eu estou.

— É cauteloso demais. Os coronéis não gostam de beligerantes portando armas na sua neutra capital. A sua Embaixada devia tê-lo avisado.

— Soube que eles também prendem americanos mais depressa do que vocês.

Stoltz deu de ombros.

— Por que não? Afinal, nós os treinamos. Vocês se limitam a lhes comprar carne.

— Por falar nisso, não haverá almoço. Paguei ao garçom por esta mesa.

Lamento. A lagosta daqui é excelente. Um drinque, talvez?

— Nada de drinques. Vamos falar apenas. Stoltz falou, secamente:

— Trago-lhe as boas-vindas a Buenos Aires. De Erich Rhinemann.

David fixou o outro.

Você?

— Sim. Sou seu contato.

— Interessante.

— As coisas são assim com Erich Rhinemann. Ele paga para obter aliados.

— Quero provas.

— Certamente. Do próprio Rhinemann... Aceitável? Spaulding fez que sim.

— Quando? Onde?

— É para isso que estamos aqui. Rhinemann é tão cauteloso quanto o homem de Lisboa.

— Fui adido ao corpo diplomático em Portugal. Não atribua ao cargo outros valores.

— Infelizmente, tenho que ser franco. *Herr* Rhinemann está muito preocupado porque Washington considerou apropriado mandá-lo como elemento de ligação. Sua presença em Buenos Aires poderia atrair atenção.

David estendeu a mão para os cigarros que Stoltz colocara na mesa e acendeu um... O alemão tinha razão, sem dúvida. Rhinemann tinha razão. O risco na sua escolha era o provável conhecimento que o inimigo possuía de suas operações em Lisboa. Ed Pàce, ele tinha a certeza, havia considerado este aspecto, abandonando-o em favor de vantagens maiores. Apesar de tudo, não era um assunto a ser discutido com Heinrich Stoltz. O adido alemão era ainda um fator desconhecido.

— Não tenho a menor idéia do que está dizendo. Estou em Buenos Aires para transmitir recomendações preliminares de círculos financeiros em Nova York e Londres relativos a negociações de reconstrução no pós-guerra. Conforme vê, acreditamos na nossa vitória. Rhinemann não pode ser ignorado nas discussões planejadas.

— O homem de Lisboa é muito profissional.

— Gostaria que deixasse de repetir essa tolice...

— É convincente — interrompeu Stoltz — Sua cobertura é das melhores. Tem mais estatura que a de um americano acovardado... Até *Herr* Kendall concorda com isso. David permitiu-se uma pausa antes de responder. Stoltz fazia rodeios, preparando-se para entregar a prova.

— Descreva Kendall — disse, em voz tranqüila.

— Em poucas palavras?

— Não importa.

Stoltz teve um riso abafado.

— Prefiro falar o menos possível. É um bípede dos menos atraentes. Um homem extraordinário para cifras. Não existe nenhuma outra razão para se permanecer com ele na mesma sala.

— Esteve com ele na mesma sala?

— Durante horas, infelizmente. Com Rhinemann... Agora, podemos conversar?

— Fale.

— Seu elemento, Lyons, chegará aqui depois de amanhã. Podemos realizar toda a operação muito rapidamente. Os planos serão entregues de uma vez só e não em duas parcelas, como Kendall acredita.

— Ele acredita nisso?

— Foi o que lhe disseram.

— Por quê?

— Porque até ontem à noite *Herr* Rhinemann pensava que seria assim. Eu mesmo só soube da mudança esta manhã.

— Então, por que me telefonou ontem à noite?

— Instruções de Walter Kendall.

— Explique por favor.

— Será necessário. Uma coisa nada tem a ver com a outra. *Herr* Kendall me telefonou. Parece que acabava de falar com você. Disse que fora chamado subitamente a Washington e que eu devia entrar imediatamente em contato com você, para não haver quebra na comunicação. Foi inflexível.

— Kendall disse por que ia voltar aos Estados Unidos?

— Não. E eu não vi motivos para indagar. Seu trabalho aqui estava encerrado. Ele não tem mais nada a ver conosco. É você o homem dos códigos, não ele.

David amassou o cigarro, olhos fixos na toalha.

— Qual o seu posto na Embaixada?

Stoltz sorriu.

— Terceiro... quarto em comando seria uma classificação modesta. Minha lealdade, porém, inclina-se para os interesses de Rhinemann. Isto deve ser evidente.

— Eu saberei quando devo conversar com Rhinemann, não é? — perguntou David, fixando o alemão. — Por que a Gestapo está aqui em Buenos Aires?

— Não está... Bem, há um elemento; não passa de um escriturário, na verdade. Como toda a Gestapo, ele se considera o porta-voz do Reich e sobrecarrega os correios — que, aliás, cooperam conosco. Ele é, como dizem vocês, americanos, um imbecil. Não há mais ninguém.

— Tem certeza?

— É claro. Eu seria o primeiro a saber. Antes do embaixador, garanto. Este jogo é inteiramente desnecessário, *Herr* Spaulding.

— E melhor marcar logo esse encontro com Rhinemann... isto é que é necessário.

— Certamente... o que nos leva de volta às preocupações de *Herr* Rhinemann. Por que o homem de Lisboa em Buenos Aires?

— Temo que tinha de ser ele. Você mesmo o disse: sou cauteloso. Além de experiente. E tenho os códigos.

— Mas por que você? Retirá-lo de Lisboa é algo dispendioso. Falo como inimigo e como observador neutro, aliado de Rhinemann. Existe algum outro motivo que não seja do nosso conhecimento?

— Se existe, eu também o ignoro — respondeu Spaulding, neutralizando o olhar inquisitivo de Stoltz com outro de igual intensidade. — Já que estamos falando francamente, quero aprovar aqueles planos, mandar os códigos para liberar o seu maldito dinheiro e dar o fora daqui. Já que uma grande parte do financiamento é do Governo, Washington pensa evidentemente que eu sou o melhor elemento para impedir qualquer tipo de logro.

Os dois permaneceram silenciosos por longo tempo. Finalmente, Stoltz falou:

— Acredito no que diz. Vocês americanos estão sempre com medo de ser ludibriados, não é?

— Falemos sobre Rhinemann. Quero o encontro imediatamente. Só terei certeza de que as providências de Kendall estão corretas quando falar com ele. E só estabalecerei uma escala de códigos, com Washington quando estiver satisfeito.

— Ainda não há escala?

— Só haverá depois que eu falar com Rhinemann. Stoltz inspirou fundo.

— Você é o que dizem: um homem minucioso. Falará com Rhinemann... Terá que ser à noite, com duas baldeações de veículos, na residência dele. Não pode se arriscar a que alguém os veja juntos. . . As precauções o preocupam?

— Nem um pouco. Sem os códigos não haverá transferência de dinheiro para a Suíça. Creio que *Herr Rhinemann* será muito hospitaleiro.

— Com certeza. . . Muito bem. Nossa conversa está terminada. Alguém entrará em contato com você esta noite. Ficará em casa?

— Se não ficar, deixarei recado com a mesa telefônica da Embaixada.

— *Dann auf Wiedersehen, mein Herr.* — Stoltz levantou-se e fez com a cabeça um cumprimento diplomático. — *Heute Abend.*

— *Heute Abend* — respondeu Spaulding, quando o alemão afastou as cortinas e saiu do cubículo. David notou que Stoltz deixara os cigarros na mesa — um pequeno presente ou um leve insulto. Retirou um e, ao apertar a ponta, lembrou-se de Kendall fazendo o mesmo gesto incessantemente com todos os cigarros que pretendia fumar. Rasgando o papel, deixou cair o tabaco no cinzeiro. Qualquer coisa que lhe recordasse Kendall seria agora desagradável. Não queria pensar no contabilista e na sua inesperada partida provocada pelo medo.

Tinha mais em que pensar.

Heinrich Stoltz, "terceiro, quarto em comando" na Embaixada alemã, não estava tão bem colocado quanto julgava. O nazista não mentia — ignorava realmente que a Gestapo estivesse em Buenos Aires. E se ignorava, isto queria dizer que alguém não lhe passara a notícia.

Era uma ironia que ele e Erich Rhinemann estivessem trabalhando juntos, afinal. Antes que ele matasse Rhinemann, é claro.

Heinrich Stoltz, sentado em sua escrivaninha, tomou o telefone e falou, no seu impecável alemão acadêmico:

— Ligue-me para *Herr Rhinemann*, em Lujan.

Desligou o aparelho, reclinou-se na cadeira e sorriu. Momentos depois, a campainha soou.

— *Herr Rhinemann?*... Heinrich Stoltz... Sim, sim, tudo correu bem. Kendall falou a verdade. Esse Spaulding nada sabe a respeito de Koenig e dos diamantes. Sua única

preocupação são os planos. Sua única ameaça, a retirada dos fundos. Faz jogadas que não impressionam, mas precisamos dos códigos. As patrulhas americanas poderiam receber ordens de fechar o porto. A traineira terá que sair... Pode imaginar? Spaulding só está interessado em não ser ludibriado!

28

A princípio, julgou enganar-se... Não, não estava certo, pensou; não fora aquele o seu primeiro pensamento. Não houvera um primeiro pensamento, apenas uma *reação*.

Estava estupefato.

Leslie Hawkwood!

Vira-a da janela do táxi, falando com um homem, no extremo sul da fonte na Plaza de Mayo. O táxi enveredava lentamente pelo tráfego da imensa praça e ele pediu ao motorista que encostasse e parasse.

Pagou e saltou. Encontrava-se agora bem em frente a Leslie e ao homem e distinguia as silhuetas meio desfiguradas através do repuxo da fonte.

O homem entregou a Leslie um envelope e inclinou-se à maneira européia. Voltando-se, dirigiu-se à calçada e chamou um táxi. Um deles parou e o homem entrou. O veículo arrancou e Leslie dirigiu-se à faixa dos pedestres, esperando o sinal para atravessar.

David rodeou cautelosamente a fonte e correu para a calçada no momento em que o sinal mudou.

Evitando os veículos apressados, provocando apertos de buzinas e gritos zangados, desviou-se para a esquerda, no caso de ela se votar per causa da confusão. Leslie estava uns 25 metros à frente e não poderia vê-lo, tinha a certeza.

No *boulevard*, Leslie voltou-se para oeste, em direção à Avenida 9 de Julio. David diminuiu a distância entre os dois, conservando-se escondido pela multidão. Ela parou em diversas vitrinas, por duas vezes tentando evidentemente resolver se entrava ou não.

Era bem de Leslie. Sempre detestara renunciar à aquisição de algo novo.

Mas continuou a caminhar. Uma vez, consumou o relógio de pulso; na Julio, rumou para norte e verificou os números de duas lojas, aparentemente desejosa de certificar-se da seqüência direcional.

Leslie Hawkwood nunca estivera em Buenos Aires.

Prosseguiu para norte a passo tranqüilo, reparando no extraordinário colorido e tamanho do *boulevard*. Chegando à esquina da Corrientes, em meio ao bairro dos teatros, passou pelos cartazes, observando as fotos dos artistas.

Spaulding percebeu que a Embaixada americana ficava a menos de dois quarteirões, entre as avenidas Supacha e Esmeralda. Não havia tempo a perder.

Ela o viu antes que ele falasse. Arregalou os olhos, entreabriu a boca e estremeceu visivelmente. O sangue fugiu-lhe do rosto bronzeado.

— Você tem duas alternativas, Leslie — disse Spaulding, quando se encontrou a um palmo de distância, fixando-lhe o rosto aterrorizado. — A Embaixada fica logo aqui. É território dos Estados Unidos. Você pode ser presa como cidadã que compromete a segurança nacional, até como espiã. Ou pode me acompanhar... e responder algumas perguntas. Que escolhe?

O táxi levou-os ao aeroporto, onde Spaulding alugou um carro, usando os documentos que o identificavam como "Donald Scanlan, inspetor de minas". Era o tipo de carteira de identidade que ele carregava quando precisava entrar em contato com homens como Heinrich Stoltz.

A única coisa que ela disse junto ao balcão da agência foi:

— Para onde vamos?

A resposta foi sucinta:

— Para fora de Buenos Aires.

Ele acompanhou a estrada que beirava o rio e seguia para o norte, em direção às colinas que dominavam a cidade. A poucos quilômetros, na província de Santa Fé, o rio Lujan descrevia uma curva para oeste e David desceu o pronunciado declive da estrada paralela. Era o território dos argentinos abastados. Lá estavam iates ancorados ou movimentando-se lentamente; veleiros de todas as classes captando preguiçosos os ventos do rio, deslizando harmoniosamente entre as ilhotas verdes que brotavam da água como jardins luxuriantes. Estradas particulares, saíam da principal, que se curvava levemente para oeste, afastando-se do rio. Imensas vilas pontilhavam as margens, onde nada fora construído sem atenção ao efeito visual.

Vendo uma estrada à esquerda, no início de uma colina, David enveredou por ela e, após meio quilômetro, deu com uma interrupção na floresta e um cartaz diante de uma extensão coberta de saibro.

"VIGIA TIGRE".

Um mirante, cortesia para os turistas.

Dirigiu o carro para o estacionamento e parou junto à cerca. Era dia de semana. Não havia outros automóveis.

Leslie nada dissera durante todo o percurso de uma hora. Fumara vários cigarros, mãos trêmulas, olhos recusando-se a encontrar os dele. E, por experiência, David conhecia as vantagens do silêncio em tais condições.

A moça estava a ponto de ceder.

— Muito bem. Chegou a hora das perguntas — Spaulding voltou-se para encará-la. — E acredite, por favor, que não hesitarei em fazer uma prisão militar, caso se recuse a responder.

Ela voltou a cabeça e fixou-o, zangada, mas ainda com medo.

— Por que não me prendeu uma hora atrás?

— Por duas razões — respondeu ele, com simplicidade. — Primeiro, assim que a Embaixada se intrometer, eu ficarei preso numa cadeia de comando. As decisões não serão minhas. Estou demasiado curioso para perder esse controle... Segundo, minha velha amiga, creio que está metida em águas demasiado profundas para você. De que se trata, Leslie? Em que se envolveu?

Ela levou o cigarro aos lábios e inalou como se sua vida dependesse da fumaça. Fechando os olhos por um rápido instante, respondeu, com voz pouco acima de um murmúrio:

— Não posso dizer. Não me obrigue.

Ele suspirou.

— Creio que você não compreende. Sou oficial do Serviço de Informação, designado para operações clandestinas. Não estou dizendo nada que já não saiba. Você possibilitou a busca no meu quarto de hotel; mentiu; escondeu-se; que eu saiba, é responsável por diversos assaltos que quase me custaram a vida. Agora, surge em Buenos Aires, a quatro mil milhas do seu apartamento de Park Avenue. Seguiu-me quatro mil milhas!... *Por quê?*

— Não posso dizer! Não me disseram o que posso dizer a você! — Não lhe disseram. . . Cristo! Pelo que consigo reunir — e testemunhar — você passaria 20 anos na prisão!

— Gostaria de sair do carro. Posso? — disse, em voz baixa, apagando o cigarro no cinzeiro.

— Claro. Saia.

David abriu a porta e rodeou rápido o automóvel. Leslie aproximou-se da cerca, olhando as águas do rio Lujan lá embaixo, a distância.

— É muito bonito isto aqui, não é?

— Sim. . . Você mandou me matar?

— Oh, meu Deus! — Virou-se para ele, cuspiando as palavras.

— Tentei salvar sua vida! Estou aqui porque não quero que o matem!

David levou alguns instantes para se recuperar das palavras da moça. Os cabelos de Leslie caíam descuidadamente ao redor do rosto, os olhos pestanejavam, afastando lágrimas, os lábios tremiam.

— É melhor você explicar — disse ele, voz monótona.

Ela lhe voltou as costas e olhou rio abaixo, em direção às vilas e aos barcos.

— Parece a Riviera, não parece?

— Pare com isso, Leslie!

— Por quê? Faz parte da história. — Apoiou as mãos na grade.

— Antigamente não havia nada mais, além disto. Nada mais importava. Somente para onde se iria depois, e quem seria o próximo. Que festa encantadora!... Você fazia parte disto.

— Não, de fato. Está enganada se pensa assim. Assim como se engana agora... Não disfarce.

— Não estou disfarçando. — Agarrou-se com mais força à cerca. Era um gesto físico que telegrafava sua indecisão. — Estou tentando dizer algo.

— Que me seguiu porque queria salvar a minha vida? — Fez a pergunta com incredulidade. — Você foi também muito dramática em Nova York, se bem me lembro. Esperou quanto tempo? Cinco, seis, oito anos para me levar novamente ao abrigo dos barcos. Você é uma prostituta.

— *E você é insignificante!* — Lançou-lhe as palavras acaloradamente; depois, calou-se, readquirindo o controle. — Não me refiro a... *você*. Apenas, comparado a tudo o mais. Somos todos insignificantes neste sentido.

— Então, a senhora tem uma causa.

Leslie fixou-o, falando, em voz baixa:

— Uma causa em que acredito profundamente.

— Então não deveria ter escrúpulos em explicaria.

— Explicarei, prometo. Mas agora não posso... Confie em mim!

— Certamente — disse ele, com calma.

Súbito, movimentou a mão, agarrando-lhe a bolsa que pendia do ombro por uma alça de couro. Ela fez menção de resistir, mas ele a fitou e ela cedeu, inspirando profundamente.

Abrindo a bolsa, David tirou o envelope que lhe haviam entregue na fonte da Plaza de Mayo. Ao mesmo tempo, avistou algo no fundo, coberto por um lenço de seda. Segurando o envelope entre os dedos, mergulhou a mão. Afastando o lenço, retirou um pequeno revólver Remington. Sem uma palavra, verificou o tambor, a trava, e colocou-o no bolso do casaco.

— Apreendi a atirar — disse Leslie hesitante.

— Ótimo para você — replicou David, abrindo o envelope.

— Pelo menos, pode verificar que somos eficientes — disse ela, voltando-se e olhando para o rio.

Não havia cabeçalho, nenhuma indicação da origem do remetente ou da organização. No alto do papel, lia-se:

"Spaulding, David, Tenente-Coronel, Serviço de Informação Militar. Exército dos EUA. Classificação Quatro-Zero. Fairfax".

Abaixo, viam-se cinco complicados parágrafos, contando minuciosamente todos os movimentos que ele fizera desde que fora observado pela primeira vez ao entrar na Embaixada. David ficou satisfeito ao ver que "Donald Scanlan" não era mencionado; passara despercebido pelo aeroporto e pela alfândega.

Tudo o mais estava relacionado: seu apartamento, telefone, escritório na Embaixada, o incidente no telhado, o almoço com Jean Cameron em La Boca, o encontro com Kendall no hotel, o assalto na Avenida Paraná, seu telefonema na loja da Rodriguez Pena.

Tudo.

Até o "almoço" com Heinrich Stoltz na Casa Langosta dei Mar, nas proximidades de Lezuma. O encontro com Stoltz foi calculado em "um mínimo de uma hora de duração".

Era essa a explicação do andar descansado de Leslie na Avenida de Mayo. Mas David apressara o encontro, não houvera almoço. Perguntou a si mesmo se fora seguido ao sair do restaurante. Estivera despreocupado. Pensava em Heinrich Stoltz e na presença da Gestapo, que o alemão ignorava.

— Sua gente é muito minuciosa. Quem são eles?

— Homens. . . e mulheres com uma vocação. Um propósito. Uma grande vocação.

— Não foi o que eu perguntei. . .

Ouviu-se o ruído de um automóvel subindo a colina, abaixo do estacionamento. Spaulding enfiou a mão no bolso, em busca da arma. O carro surgiu à vista e continuou, passando por eles. Os passageiros riam. David voltou a atenção para Leslie.

— Pedi-lhe que confiasse em mim — disse a moça. — Eu estava a caminho de um endereço naquela rua, no *boulevard* chamado Julio. Devia estar lá às 13:30. Devem ter ficado preocupados.

— Você não vai me responder, vai?

— Responderei, de certo modo. Estou "aqui para convencê-lo a sair de Buenos Aires.

— Por quê?

— Seja- qual for o seu objetivo — ignoro qual seja, não me disseram —, ele não pode acontecer. Não podemos permitir que aconteça. É errado.

— Já que não sabe o que é, como pode afirmar que é errado?

— Porque me disseram. Isso basta!

— *Ein Volk, ein Reich, ein Führer* — diise David, em voz baixa. — Entre no carro.

— Não. Você precisa me escutar! Saia de Buenos Aires! Diga aos seus generais que não é possível!

— Entre no carro!

Ouviu-se o ruído de outro automóvel, desta vez vindo da direção oposta, de cima. David levou mais uma vez a mão à arma, porém retirou-a casualmente. Era o mesmo veículo com os turistas sorridentes, que passara instantes atrás. Continuavam rindo, gesticulando, provavelmente embriagados com o vinho do almoço.

— Não pode me levar para a Embaixada! Não pode! — Se não entrar no carro, acordará lá! Vamos!

Ouviu-se o ranger de freios no cascalho. O automóvel que descia voltara-se bruscamente — no último segundo — e, entrando no estacionamento, detivera-se.

David ergueu a vista e praguejou, a mão imobilizada no interior do casaco.

Dois rifles potentes saíam das janelas abertas do carro e apontavam para ele.

As cabeças dos três homens que se encontravam no interior estavam cobertas com meias de seda, achatando as feições, tornando-as grotescas para além das máscaras translúcidas. Os rifles eram apontados por um homem no banco da frente, junto ao motorista, e outro no banco de trás.

O último abriu a porta, segurando a arma com firmeza, e ordenou em voz calma, em inglês:

— Entre no carro, Sra. Hawkwood. . . Coronel, retire a arma pelo cano, com dois dedos.

David obedeceu.

— Caminhe até a cerca — prosseguiu o homem do banco traseiro — e atire a arma sobre ela, no mato.

Ouviu-se o rugir de um poderoso motor e mais uma vez o som de pneus girando no cascalho. O carro saiu do estacionamento e desceu rápido a colina.

David postou-se junto à cerca. Saltaria sobre ela para recuperar a arma. Seria inútil tentar seguir o automóvel com Leslie Hawkwood e os três mascarados. Seu carro alugado não podia emparelhar com um Duesenberg.

29

O restaurante fora escolhido por Jean. Ficava afastado, na parte norte da cidade, para além do parque Palermo, um local de encontros. Havia tomadas para telefone na parede, junto aos reservados, e viam-se os garçons transportando aparelhos de um lado para o outro, entre as mesas isoladas.

David sentiu-se ligeiramente surpreendido por Jean conhecer tal restaurante. Ou por ter feito tal escolha para eles.

— Onde esteve esta tarde? — perguntou ela, vendo que ele olhava para fora da penumbra do reservado.

— Em duas reuniões. Muito monótonas. Banqueiros têm a mania de prolongar qualquer reunião muito além de sua finalidade. Strand ou Wall Street, dá na mesma.

Sorriu para ela.

— Sim... Talvez estejam sempre buscando meios de extrair até o último dólar.

— Nada de "talvez". É isso mesmo... Que lugar impressionante! Recorda-me Lisboa.

— Roma — corrigiu ela. — Parece mais com Roma. Muito mais. Via Appia. Sabe que os italianos constituem mais de 30% da população de Buenos Aires?

— Eu sabia que a colônia era considerável.

— O toque italiano... Diz-se que simbolizado mal.

— Ou a esperteza, não obrigatoriamente o mal. A "bela mão italiana" é em geral invejada.

— Bobby me trouxe aqui, uma noite... Creio que ele traz muitas garotas aqui.

— É... discreto.

— Acho que ele estava preocupado, pensando que Henderson descobriria suas intenções desonestas. Então me trouxe para cá.

— O que confirmou suas intenções.

— Sim... é para amantes. Mas nós não éramos.

— Estou contente porque você o escolheu para nós. O local me dá uma agradável sensação de segurança.

— Oh, não! Não pense assim. Não há ninguém à vista para o lugar, este ano. Não... Segurança está fora de cogitação. E compromissos também. Não há compromissos à venda.

Tirou um cigarro do maço aberto e ele o acendeu. Por sobre a chama, notou que ela o observava. Surpreendida, baixou a vista.

— Que foi que houve?

— Nada... Nada, absolutamente. — Sorriu, mas apenas com os lábios. Não havia franqueza, nem humor. — Conversou com aquele homem, Stoltz?

— Meu Deus, é isso que a preocupa?... Sinto muito, eu devia ter dito alguma coisa. Stoltz queria vender informações da Marinha. Não estou em posição de comprar. Disse a ele que entrasse em contato com o Serviço de Informação naval. Escrevi um relatório ao comandante da base FMF esta manhã. Se quiserem utilizá-lo, que o utilizem.

— Estranho que ele procurasse você.

— Foi o que pensei. Parece que a vigilância alemã me surpreendeu, outro dia, e a informação sobre finanças estava na folha. Foi o bastante para Stoltz.

— É um desertor?

— Ou quer vender informação falsa. Problema da FMF, não meu.

— Você está muito falante. — Ela tomou o café com mãos pouco firmes.

— Que significa isso?

— Nada. . . Apenas que você é rápido. Rápido e ágil. Deve ser muito competente no seu trabalho.

— E você está de péssimo humor. O excesso de gim provoca isso?

— Acha que estou embriagada?

— Sóbria, você não está. Não que tenha importância. — Ele sorriu. — Você dificilmente seria uma alcoólatra.

— Obrigada pelo voto de confiança. Mas não faça especulações. Isto implica certa permanência. Devemos evitá-la, não?

— Devemos? Parece que você faz questão disto, esta noite. Era um problema que eu não estava considerando.

— Você o afastou, suponho. Estou certa de que tem outras preocupações mais prementes.

— Ao recolocar a xícara no pires, Jean derramou café na toalha e ficou aborrecida consigo mesma.

— Estou me saindo mal — disse, após um momento de silêncio.

— Você está se saindo mal — concordou ele.

— Estou apavorada.

— Com quê?

— Você não veio a Buenos Aires para conversar com banqueiros, veio? É muito mais que isso. Você não me dirá, eu sei. E dentro de algumas semanas irá embora. . . se estiver vivo.

— Você se deixou arrebatar pela imaginação.

Tomou-lhe a mão e ela, apagando o cigarro, colocou a outra sobre a dele, apertando-a com força.

— Está bem. Digamos que tem razão. — Falava em voz tão baixa que ele precisava esforçar-se para ouvir. — Estou imaginando tudo. Estou louca e bebi demais. Tenha paciência comigo. Jogue o jogo por um instante.

— Se você quiser... está bem.

— É hipotético. O, meu David não é uma vítima da síndrome do Departamento de Estado. É um agente. Recebemos alguns por aqui. Eu os conheci. Os coronéis os chamam de *provocarios*. . . Assim, o meu David é um agente e, como agente, é chamado a missões altamente perigosas, onde as regras são diferentes. Isto é, as regras não precisam ter qualquer sentido. . . Não há regras para tais pessoas. . . como o meu hipotético David, está entendendo?

— Estou — disse, simplesmente. — Não sei bem qual o objetivo ou como é que se classificam as pessoas.

— Chegaremos até lá. — Acabou de beber o café, segurando a xícara com firmeza, com excesso de firmeza. Os dedos tremiam. — O caso é que um homem como o meu mítico David poderia morrer, ou ficar aleijado, ou com o rosto despedaçado por um tiro. Não é uma idéia horrível?

— Sim. Imagino que essa possibilidade tenha ocorrido a centenas de milhares de pessoas a esta altura. É horrível.

— Mas para eles é diferente. Têm exércitos, uniformes e determinadas regras. Mesmo nos aviões, as chances são melhores. E eu o digo com certo conhecimento.

Ele a fitou, com intensidade.

— Pare com isso.

— Ainda não Agora vou dizer como é que você pode marcar um ponto. Por que o meu hipotético David faz o que faz?... Não, não responda nada. — Calou-se, com um débil sorriso. — Você não ia mesmo responder, ia? Não importa. Há uma segunda parte na questão. Você ganha pontos extras por levá-la em consideração.

— Qual é a segunda parte?

David imaginou que Jean estava recapitulando um argumento que havia memorizado, e o que ela disse á seguir confirmou-o.

— Pensei muito no caso... neste jogo de faz-de-conta... nesse agente imaginário. Ele se encontra numa posição muito especial: trabalha sozinho, ou pelo menos com poucas pessoas. Está em país estranho e sozinho... Você entende agora a segunda parte?

David observou-a. Ela fizera alguma conexão abstrata, sem verbalizá-la.

— Não, não compreendo.

— Se David está trabalhando sozinho num país estranho e tem que enviar códigos para Washington... Henderson me disse que... isso significa que as pessoas para quem está trabalhando têm que acreditar no que ele diz. E ele pode dizer o que quiser... Agora, voltamos à questão. Sabendo tudo isto, por que o mítico David faz o que faz? Não pode realmente acreditar que influenciará todo o custo da guerra. É apenas um entre milhões e milhões.

— E... se estou entendendo... este homem hipotético pode dizer aos superiores que está encontrando dificuldades...

— Que precisa ficar em Buenos Aires. Por muito tempo — interrompeu ela, segurando-lhe a mão com violência.

— E se eles disserem que não, ele poderá esconder-se nos pampas.

— Não caçoe de mim! — disse ela, com intensidade.

— Não estou caçoando. Nem sequer fingirei ser capaz de dar respostas lógicas, mas não creio que o homem de quem você está falando tenha um campo tão livre. Ele vive muito controlado, creio. Outros poderiam ser enviados para o setor... seriam enviados, com certeza. Sua estratégia serviria apenas a curto prazo; as penalidades são longas e terrivelmente severas.

Ela retirou lentamente as mãos, desviando o olhar.

— É um jogo que poderia valer a pena. Eu o amo muito. Não quero vê-lo ferido e sei que há gente querendo prejudicá-lo. — Calou-se e voltou a olhar para ele. — Estão tentando matá-lo, não estão?... Um entre milhões... E eu repito a mim mesma: "Ele não. Oh, meu Deus, ele não". Você não compreende?... Será que precisamos deles? Toda essa gente — seja quem for — é tão importante assim? Para nós? Você já não terá feito o bastante?

Ele retribuiu o olhar e surpreendeu-se compreendendo a profundidade da pergunta. Não era uma agradável compreensão... Ele havia feito o bastante. Toda a sua vida fora virada pelo avesso, até que as coisas mais estranhas se tornassem uma ocorrência cotidiana.

Pará quê?

Os amadores? Alan Swanson? Walter Kendall?

E o falecido Ed Pace. Uma Fairfax corrupta. Um entre tantos milhões.

— *Senor* Spaulding?

As palavras sobressaltaram-no momentaneamente, por serem de todo inesperadas. Um *maître* encontrava-se na orla do reservado, falando em voz baixa.

— Sim?

— Telefone para o senhor.

David fixou o homem discreto.

— Não pode trazer o aparelho até a mesa?

— Aceite os nossos sinceros pedidos de desculpa. A tomada desta mesa não está funcionando.

Mentira, é claro, e Spaulding o sabia.

— Muito bem. — David levantou-se, dirigindo-se a Jean. — Voltarei já. Tome mais um pouco de café.

— E se eu quiser um drinque?

— Peça-o. — E fez menção de afastar-se.

— David?

Ela chamou em voz alta o bastante para ser ouvida.

— Que foi?

Ele se voltou e surpreendeu-a fixando-o novamente.

— Tortugas não vale isso — disse, em voz baixa..

Foi como se ele houvesse recebido um violento golpe no estômago. Sentiu acidez na garganta, a respiração cortada, os olhos doloridos ao fitá-la.

— Voltarei já.

— Fala Heinrich Stoltz — disse a voz.

— Esperava o seu chamado. Suponho que a mesa telefônica tenha este número.

— Não foi necessário telefonar. As providências foram tomadas. Dentro de 20 minutos, um Packard verde estará diante do restaurante. Um homem estenderá o braço esquerdo para fora da janela, segurando um maço de cigarros... alemães, desta vez. Achei que gostaria da repetição simbólica.

— Estou comovido. Mas talvez tenha que alterar a hora e o carro.

— Não haverá alteração. *Herr* Rhinemann é inflexível.

— Eu também. Algo aconteceu.

— Lamento. Vinte minutos. Um Packard verde.

A ligação foi cortada.

Bem, o problema era de Stoltz, pensou David. Só tinha um pensamento: voltar para Jean.

Saiu do recanto em penumbra e passou pelo bar, cujos banquinhos bloqueavam o caminho. Estava com pressa; os obstáculos humanos e inanimados eram frustrantes, irritantes. Chegou ao arco que se abria para o salão de jantar e caminhou rápido por entre as mesas até o reservado dos fundos.

Jean Cameron desaparecera. Havia um bilhete na mesa.

Fora escrito no verso de um guardanapo de papel, com lápis de sobrelha. Escrito apressadamente, em letra quase ilegível:

"David, sei que você tem muita coisa a fazer, muitos lugares aonde ir, e eu estou uma chata esta noite."

Nada mais. Como se ela apenas tivesse parado de escrever. Amassou o guardanapo no bolso e correu pelo salão, rumo à entrada. O *maitre* estava à porta.

— *Señor*? Algum problema?

— A senhora que estava comigo. Para onde foi?

— A Sra. Cameron?

Cristo! pensou David, olhando para o tranqüilo *porteño*. Que estava acontecendo? A reserva fora feita em nome dele. Jean havia dado a entender que só estivera uma vez naquele restaurante.

— Sim! A Sra. Cameron! Diabo, onde está ela?

— Saiu há minutos. Tomou um táxi na calçada.

— Agora, escute. . .

— *Señor* — interrompeu o obsequioso argentino —, há um cavalheiro à sua espera lá fora. Ele pagará a despesa. Tem conta conosco.

Spaulding olhou através das amplas vidraças da porta de entrada e viu um homem na calçada. Vestia um terno branco Palm Beach.

David empurrou a porta e aproximou-se.

— Quer falar comigo?

— Estava apenas à sua espera, *Herr* Spaulding. Para escoltá-lo. O carro deve chegar dentro de 15 minutos.

30

O Packard verde parou do outro lado da rua, em frente ao restaurante. O braço do motorista surgiu pela janela aberta, com um indistinto maço de cigarros na mão. O homem do terno branco fez um gesto polido, dando a entender que Spaulding devia acompanhá-lo. Quando se aproximavam, David notou que o motorista era um homem grandalhão, vestindo camisa negra de mangas curtas, que revelavam e acentuavam os braços musculosos. Tinha a barba cerrada, sobrancelhas espessas. Parecia um estivador mal-humorado, exatamente o que queriam que ele parecesse, disse Spaulding estava certo. O que caminhava junto dele abriu a porta do carro e David entrou.

Ninguém falou. O Packard rumou para sul, em direção ao centro de Buenos Aires, e depois para nordeste — a zona do aero-parque. David surpreendeu-se ligeiramente ao perceber que o motorista enveredara pela larga estrada que contornava o rio, a mesma que ele percorrera naquela tarde com Leslie Hawkwood. Perguntou a si mesmo se teria sido propositalmente escolhida e 'se esperavam que ele fizesse alguma observação sobre a coincidência.

Recostou-se, sem dar sinais de reconhecer coisa alguma.

O Packard acelerou na ampla estrada do rio, que dobrou para a esquerda, acompanhando o curso d'água até as colinas do noroeste. O carro, porém, não subiu qualquer das estradas laterais, como fizera o de David, horas atrás. Em vez disso o motorista manteve alta velocidade. Um sinal da estrada foi momentaneamente iluminado pela luz dos faróis: "TIGRE — 12 km".

O tráfego era pouco; os veículos passavam intermitentes na direção oposta; vários foram ultrapassados pelo Packard. O motorista verificava constantemente o espelho retrovisor e o lateral..

No meio de uma longa curva, o carro diminuiu um pouco a marcha e o chofer fez um aceno de cabeça para o homem de terno branco, sentado junto de David.

— Vamos trocar de carros, *Herr* Spaulding — disse o homem, enfiando a mão no bolso e retirando uma arma.

À frente, via-se uma única construção — um restaurante de beira de estrada, ou uma hospedaria — com uma alameda circular que passava diante da entrada e seguia para uma ampla área de estacionamento lateral. Holofotes iluminavam a entrada e o gramado em frente à construção.

O motorista parou e o homem junto de Spaulding bateu-lhe no braço, dizendo:

— Salte aqui, por favor. Entre logo.

David abriu a porta e surpreendeu-se ao ver um porteiro uniformizado permanecer junto à entrada, sem fazer qualquer movimento em direção ao Packard. Ele atravessou rápido o espaço diante da porta e pôs-se a caminhar pela alameda de saibro, em direção ao estacionamento. Spaulding abriu a porta da frente e penetrou no vestibulo atapetado do restaurante; o homem de terno branco mantinha-se junto dele, a arma no bolso.

Em vez de seguir para o salão de refeições, o homem segurou delicadamente David pelo braço e bateu no que parecia ser a porta de um pequeno escritório. Esta se abriu e os dois entraram.

Era um escritório minúsculo, mas o fato não impressionou Spaulding. O que o fascinou foram os dois homens que se encontravam no interior. Um deles vestia um terno branco Palm Beach; o outro — e David foi obrigado a sorrir momentaneamente — vestia roupas

idênticas às que ele usava no momento: casaco azul-claro e calça escura. O segundo homem era de sua altura; mesma compleição, mesma cor de cabelos e epiderme.

David não teve tempo de observar mais nada. A luz do pequeno escritório — um abajur de escrivaninha — foi apagada pelo homem de terno branco que se encontrava na sala. O alemão que o acompanhara encaminhou-se para a janela única e espiou para fora, em direção à alameda circular, dizendo, em voz baixa:

— *Schnell. Beeilen Sie sich... Danke.*

Os dois se dirigiram rapidamente à porta e saíram. O alemão à janela, contornado pela luz que se infiltrava da entrada, chamou David.

— *Kommen Sie her.*

Aproximando-se da janela, David postou-se junto ao homem. Lá fora, seus dois sócios encontravam-se na alameda, conversando e gesticulando como se tivessem um pequeno desentendimento, nada violento. Ambos fumavam cigarros, os rostos meio encobertos pelas mãos, de costas para a estrada.

Surgiu então um automóvel da direita, da direção do estacionamento, e os dois entraram. O carro movimentou-se devagar para a esquerda, até a saída da estrada, e parou vários segundos, à espera de um momento oportuno para enveredar pelo rarefeito tráfego noturno. Súbito, adiantou-se, atravessou para a direita e ganhou velocidade em direção ao sul, à cidade.

David não sabia exatamente a razão do complicado ardil e estava a ponto de perguntar ao homem que se encontrava junto dele, mas antes de falar notou-lhe o sorriso no rosto a centímetros do seu, na vidraça, e espiou para fora.

Cerca de 25 metros adiante, no acostamento da estrada do rio, faróis acenderam-se. Um veículo voltado para o norte descreveu uma curva em U na ampla estrada e rumou para o sul, a toda velocidade.

O alemão sorriu, mais acentuadamente.

— *Amerikanische... Kinder.*

David recuou. O homem aproximou-se da escrivaninha e acendeu o abajur.

— Um exercício interessante — disse Spaulding.

O homem ergueu a vista.

— Apenas um — como é que se diz? — *eine Vorsichtsmassnahme...*

— Uma precaução.

— *Ja.* É verdade, fala alemão... Venha. *Herr Rhinemann* não deve esperar além do exigido pelas... *precauções.*

Mesmo durante o dia, seria difícil encontrar a estrada de terra, pensou Spaulding. Naquele momento, sem iluminação e apenas com a luz baça da lua, tinha-se a impressão de que o Packard saíra da estrada pavimentada para penetrar num negro muro de vegetação elevada. Na verdade, ouvia-se o ruído inconfundível da terra sob os pneus quando o carro avançava, com o motorista seguro em seu conhecimento das numerosas curvas e retas. Meio quilômetro além, na floresta, o caminho de terra ampliou-se e o piso tornou-se novamente rijo e liso.

Avistaram um imenso estacionamento. Quatro portões em muro de pedra — amplos, de aparência medieval — encontravam-se equidistantes no extremo da área. Acima de cada coluna de pedra havia um imenso holofote e as faixas luminosas entrecruzavam-se, iluminando toda a entrada e a floresta para além. Entre os imensos portões, via-se uma espessa grade metálica, no centro da qual havia um portão de aço, evidentemente acionado por eletricidade.

Homens vestindo camisas e calças negras de corte semi-militar encontravam-se no local, segurando cães pelas coleiras.

Dobermans maciços, lutando em suas coleiras de couro, ladrando furiosamente.

Ouviram-se ordens dos tratadores e os animais aquietaram-se.

O homem de terno abriu a porta e saltou, dirigindo-se ao portão principal, onde um guarda surgiu junto à cerca, no interior da propriedade. Os dois conferenciaram rapidamente e David notou que para além do guarda havia uma parede de concreto ou de tijolos escuros com cerca de seis metros de comprimento, na qual se viam pequeninas janelas por onde brilhava luz.

O guarda voltou à construção em miniatura e o homem do terno branco ao Packard.

— Vamos aguardar alguns minutos — disse, sentando-se novamente no banco traseiro.

— Pensei que estávamos com pressa.

— De chegar. De avisar a *Herr* Rhinemann que chegamos. Não obrigatoriamente de ser recebidos.

— Sujeito simpático — observou David.

— *Herr* Rhinemann pode ser o que bem entender.

Dez minutos depois, o portão de aço abriu-se lentamente e o motorista ligou o carro. O Packard transpôs o portão e a casa da guarda; os *dobermans* recomeçaram seu ladrar furioso, silenciado em seguida por seus tratadores. A estrada subia uma colina, terminando em outra imensa área de estacionamento diante de uma mansão enorme, toda branca, com escadaria de mármore conduzindo às maiores portas de carvalho que David jamais vira. Também ali, holofotes iluminavam todo o local. Distintamente da área externa, via-se uma fonte no centro, refletindo as luzes nos jorros de água.

Era como se uma extravagante moradia do sul anterior à guerra tivesse sido desmontada, pedra por pedra, trave por trave, mármore por mármore, e reconstruída no interior de uma floresta argentina.

Uma visão extraordinária e um tanto assustadora em seu maciço conceito arquitetônico. O engenheiro em David sentiu-se provocado e abismado ao mesmo tempo. A logística do material devia ter sido espantosa; os métodos de aterragem e transporte, inacreditáveis.

O custo, incalculável.

O alemão saltou do carro e, dando a volta, abriu a porta de David.

— Nós o deixaremos agora. Foi uma viagem agradável. Dirija-se à porta e será admitido.

Auf Wiedersehen.

David saltou e imobilizou-se no piso duro que antecedia a escadaria de mármore. O Packard verde afastou-se pela alameda em curvas.

Spaulding permaneceu sozinho por quase um minuto. Se estavam observando-o — idéia que lhe cruzou a mente —, o observador poderia pensar que ele era um espantado visitante, assoberbado pela magnificência do que se estendia diante dos seus olhos. — O juízo seria parcialmente correto; ele se concentrava também nos outros detalhes da mansão: janelas, telhado, o terreno visível de ambos os lados.

Ingresso e egresso eram questões a serem consideradas constantemente. O inesperado nunca devia ser planejado como improvável.

Subindo os degraus, aproximou-se das imensas portas de carvalho. Não havia aldraba nem campainha, conforme ele esperava.

Voltando-se, olhou para a área inundada de luz. Ninguém à vista, nem guardas, nem criados. Ninguém.

Silêncio. Até os ruídos da floresta pareciam abafados. Somente o repuxo da fonte interrompia a quietude.

A porta abriu-se. Heinrich Stoltz surgiu.

— Bem-vindo a Habichtsnest, *Herr* Spaulding. O Esconderijo do Gavião. Nome apropriado, embora teatral, não acha?

David entrou. O vestíbulo, como era de se esperar, estendia-se, imenso. Uma escadaria de mármore erguia-se para além de um lustre com milhares de pingentes de cristal. As paredes eram recobertas de tecido dourado. Quadros da Renascença pendiam sob lâmpadas de prata.

— Não se parece com nenhum ninho de gavião que eu conheça.

— Exato. Contudo, Habichtsnest perde algo na tradução, parece-me. Acompanhe-me, por favor. *Herr Rhinemann* está lá fora, na varanda que dá para o rio. Faz uma noite agradável. Caminharam sob o grotesco e belo lustre e passaram pela escada de mármore, até um arco no extremo do imenso *hall*. O arco se abria para um amplo terraço que se estendia por todo o comprimento da casa. Havia mesinhas de ferro batido pintado de branco, com impecáveis tampos de vidro, e cadeiras de vários tamanhos, com almofadas coloridas. Uma série de portas duplas estendia-se de ambos os lados do arco e deviam conduzir às diversas partes da imensa moradia.

Contornando o terraço, havia uma balaustrada de pedra de um metro de altura, com estátuas e plantas no rebordo. Para além da varanda, ao longe, avistavam-se as águas do rio Luján, à esquerda do terraço via-se uma pequena plataforma bloqueada por um portão. Cabos muito espessos corriam sobre ela. Tratava-se de um abrigo para teleférico e os cabos estendiam-se, evidentemente, rio abaixo.

David absorveu o esplendor, esperando seu primeiro contato com Rhinemann. Não houve. Encaminhou-se até a balaustrada e viu que sob a varanda estendia-se outro terraço, talvez uns seis metros abaixo. Uma grande piscina — com riscas para competição nos ladrilhos — era iluminada sob a água verde-azulada. Mesinhas de metal com guarda-sóis e espreguiçadeiras pontilhavam o terraço em torno da piscina. Rodeando tudo, um relvado muito bem cuidado, que sob o reflexo dos holofotes parecia o mais espesso e completo que David jamais vira. Do gramado, meio incongruente, projetavam-se estacas e arcos. Um campo de *croquet* fora implantado na macia superfície.

— Espero que um dia venha gozar dos nossos divertimentos simples, Coronel Spaulding. David espantou-se ao ouvir a voz estranha, tranqüila. Voltou-se. Havia uma silhueta de homem nas sombras junto ao arco do *hall*.

Erich Rhinemann estivera observando-o naturalmente.

Rhinemann saiu do recanto em sombras. Era um homem de estatura mediana, cabelos lisos e grisalhos penteados rigidamente para trás, sem repartido. Era um tanto gordo para a altura — "forte" seria a palavra usada, mas a cintura negaria o termo. As mãos eram grandes, carnudas, mas de certo modo delicadas, reduzindo o tamanho do copo de cristal que segurava.

Aproximou-se numa réstia de luz o bastante para David distinguir-lhe as feições com nitidez. Spaulding não soube exatamente por que, mas a fisionomia espantou-o. Era um rosto largo. A testa ampla, os lábios cheios sob o nariz um tanto grosso. Profundamente bronzeado, as sobranceiras quase brancas do sol. E então David compreendeu por que se espantara.

Erich Rhinemann era um homem idoso. A epiderme intensamente acobreada era disfarce para as miríades de rugas que os anos lhe haviam imposto; os olhos eram estreitos, rodeados pelas dobras da velhice; o casaco e a calça de talhe impecável, destinavam-se a um homem muito, muito mais moço.

Rhinemann lutava uma batalha que a riqueza não podia ganhar para ele.

— *Habichtsnest ist prächtig. Unglaublich* — disse David, com polidez mas sem excesso de entusiasmo.

— Bondade sua — replicou Rhinemann, estendendo a mão. — E também gentileza. Mas não há razão para deixarmos de falar inglês. . . Venha sentar-se. Aceita um drinque?

O financista conduziu-o à mesa mais próxima.

— Não, obrigado — respondeu David, sentando-se diante de Rhinemann. — Tenho um assunto urgente a tratar em Buenos Aires, fato que tentei esclarecer a Stoltz antes que ele desligasse.

Rhinemann fitou o imperturbável Stoltz, que se encontrava apoiado na balaustrada de pedra.

— Isto era necessário? *Herr Spaulding* não devia ser tratado assim.

— Creio que era necessário, *mein herr*. Em benefício de nosso amigo americano. Fomos avisados de que ele foi seguido. Estávamos, preparados para tal ocorrência.

— Se eu fui seguido, vocês é que me seguiam.

— Depois do fato, coronel. Não o nego. Antes, não tínhamos razões.

Os olhos estreitos de Rhinemann voltaram-se para Spaulding. — Isto é inquietante. Quem o teria seguido?

— Podemos falar em particular? — perguntou David, relanceando para Heinrich Stoltz. O financista sorriu.

— Não há nada em nossos planos que exclua o *Botschaftssekretär*. Ele é um dos meus mais valiosos associados na América do Sul. Nada lhe deve ser oculto.

— Afirmando que nada comunicarei, a menos que estejamos sozinhos.

— O nosso coronel americano talvez esteja embaraçado — interrompeu Stoltz, tom de voz agressivo. — O homem de Lisboa não é considerado competente por seu próprio governo. É colocado sob vigilância americana.

David acendeu um cigarro e não respondeu ao adido alemão. Rhinemann falou então, gesticulando com as grandes mãos:

— Se é assim, não há motivo para exclusão. E é evidente que não pode haver outra explicação.

— Estamos comprando — disse David, com tranqüila ênfase. — Você está vendendo... propriedade roubada.

Stoltz estava a ponto de falar, mas Rhinemann ergueu a mão.

— O que sugere não é possível. Nossos planos foram feitos sob absoluto sigilo. E foram totalmente bem sucedidos. *Herr Stoltz* é confidente do Alto Comando. Mais que o embaixador.

— Não gosto de repetir o -que digo — David falou, zangado. — Especialmente quando sou eu quem paga.

— Deixe-nos *Heinrich* — falou Rhinemann, fixando Spaulding. Stoltz esboçou uma rígida inclinação e afastou-se rápido, furioso, transpondo o arco e entrando no grande vestíbulo.

— Obrigado. — David mudou de posição na cadeira e ergueu a vista para as várias pequenas varandas do segundo e terceiro pavimentos, perguntando a si mesmo quantos homens haveria às janelas, espiando, preparando-se para saltar se ele fizesse um movimento em falso.

— Estamos sós, conforme pediu, — disse o expatriado alemão, mal escondendo a irritação. — De que se trata?

— Stoltz está marcado — disse Spaulding. Fez uma pausa para observar que reação o financista registraria diante da notícia. Conforme esperava, não houve nenhuma. David prosseguiu, pensando que talvez Rhinemann não houvesse entendido completamente: — Ele não está recebendo informação correta na Embaixada. Talvez se saísse melhor na nossa.

— Absurdo. — Rhinemann permaneceu imóvel, estreitando ainda mais os olhos finos, fixos em David. — Em que baseia sua opinião?

— A Gestapo. Stoltz afirma que não existe Gestapo ativa em Buenos Aires. Engana-se. Está aqui. Ativa. Decidida a detê-lo. A deter-nos.

A tranqüilidade de Erich Rhinemann rompeu-se — embora de modo infinitesimal. Houve a mais leve vibração na epiderme sob os olhos e o olhar tornou-se ainda mais duro — se é que era possível.

— Esclareça, por favor.

— Antes quero que responda a algumas perguntas.

— *Quer que eu responda...?* Rhinemann ergueu a voz, ia mão segurou a mesa, as veias junto às têmporas destacaram-se. Fez uma pausa e continuou: — Perdão. Não estou habituado a condições.

— Estou certo que não. Por outro lado, eu não estou habituado a lidar com contatos como Stoltz, cego à própria vulnerabilidade. Esse tipo de pessoa me aborrece... e preocupa.

— As perguntas. Quais são?

— Suponho que os planos já tenham sido retirados?

— Já.

— Estão a caminho?

— Chegam esta noite.

— Está adiantado. Nosso homem só chegará depois de amanhã.

— Agora, foi o senhor quem recebeu informação errônea, *Herr* coronel. O cientista americano, Lyons, chegará amanhã.

David permaneceu em silêncio por algum tempo. Usara o ardil demasiadas vezes com os outros para revelar surpresa.

— Ele é esperado em San Telmo depois de amanhã — disse David. — A mudança é insignificante, mas foi o que Kendall me disse.

— Antes de entrar no Clipper da Pan American. Conversamos depois.

— Parece que ele falou com uma porção de gente. Há algum motivo para a troca?

— Os planos podem ser retardados ou acelerados conforme a necessidade...

— Ou alterados para desequilibrar alguém — interrompeu David.

— Não é este o caso. Não haveria razão. Conforme disse, de modo muito sucinto, estamos vendendo e vocês, comprando.

— E é claro que não existe razão para que a Gestapo se encontre em Buenos Aires...

— Podemos voltar ao assunto, por favor? — interveio Rhinemann.

— Daqui a pouco — respondeu Spaulding, cômico de que a paciência do alemão estava novamente se desgastando. — Preciso de 18 horas para enviar meus códigos a Washington. Têm que seguir por correio, sob selagem química.

— Stoltz me disse. Foi uma tolice. Os códigos já deviam ter sido enviados.

— *Eine Vorsichtsmassnahme, mein herr*. Falando francamente, não sei quem foi comprado na nossa Embaixada, mas tenho certeza de que isso aconteceu. Há meios de se venderem códigos. Os autênticos serão transmitidos somente depois que Lyons verifique os planos.

— Então, precisa agir com rapidez. Mande os códigos pela manhã. Eu levarei a primeira parte dos planos a San Telmo amanhã à noite... *Eine Vorsichtsmassnahme*. Receberá a parte restante quando nos garantir que Washington está preparado para fazer o pagamento na Suíça... depois de ter recebido o código estabelecido. Só sairá da Argentina quando eu receber a confirmação de Berna. Há um pequeno aeroporto chamado Mendarro, próximo daqui. É controlado por meus homens. Seu avião estará ali.

— De acordo. — David apagou o cigarro. — Amanhã à noite, a primeira parte dos planos. O restante, dentro de 24 horas... Agora temos uma escala. Era o que me interessava.

— *Gut!* E agora voltemos ao caso da Gestapo. — Rhinemann inclinou-se para a frente, as veias das têmporas riscando de azul a epiderme bronzeada. — Disse que esclareceria! Spaulding esclareceu. , Quando terminou, Erich Rhinemann respirava fundo, acelerado. Sob as pálpebras, os olhos estreitos estavam furiosos, mas controlados.

— Obrigado. Estou certo de que existe uma explicação. Prosseguiremos com os planos... Foi uma noite longa e complicada. Será transportado a Córdoba. Boa-noite.

— Altmüller! — berrou Rhinemann. — Um idiota! Um tolo!

— Não compreendo — disse Stoltz.

— Altmüller... — Rhineman baixou a voz, mas a violência permaneceu. Voltando-se para o terraço, dirigiu-se à vasta escuridão e ao rio distante. — Em suas loucas tentativas de desassociar o Alto Comando de Buenos Aires, de absolver seu precioso Ministério, foi surpreendido por sua própria Gestapo!

— Não há Gestapo em Buenos Aires, *Herr Rhinemann* — disse Stoltz, com firmeza. — O homem de Lisboa está mentindo.

Rhinemann voltou-se e fixou o diplomata. Sua voz soou, glacial:

— Sei quando um homem está mentindo, *Herr Stoltz*. O homem de Lisboa disse a verdade. Não teria razão para agir de modo diverso... Se Altmüller não foi surpreendido é porque está me traindo. Mandou a Gestapo; não tem intenção de completar a troca. Ficará com os diamantes e destruirá os planos. Os miseráveis armaram uma cilada.

- Eu próprio fui o único coordenador com Franz Altmüller. — Stoltz falava em tom persuasivo, cultivado por décadas no serviço diplomático. — *Herr Rhinemann*, o senhor mesmo decidiu isso. Não tem razão para duvidar de mim. Os homens do armazém de Ocho Calle quase terminaram o trabalho. Os diamantes Koenig serão autenticados dentro de um ou dois dias; o correio entregará os planos antes que esta noite termine.. Tudo está conforme planejamos. A troca será feita.

Rhinemann voltou-se novamente e, apoiando as mãos gordas mas delicadas na balaustrada, fixou a distância.

— Há um meio de nos certificarmos — disse, em voz baixa. — Radiografar para Berlim. Quero Altmüller em Buenos Aires. Do contrário, não haverá troca.

31

O alemão de terno branco Palm Beach trocara a roupa pelo uniforme paramilitar usado pelos guardas de Rhinemann. O motorista não era o mesmo. Era argentino.

O automóvel também era diferente. Um Bentley de seis lugares, com painel de mogno, forração de feltro cinzento e cortinas nas janelas. Um veículo adequado ao serviço diplomático britânico nos altos escalões, mas não ao nível de embaixador; apenas eminentemente respeitável. Outro toque Rhinemann, concluiu David.

O motorista trouxe o carro para a estrada do rio, emergindo dos escuros confins do caminho de terra, comprimiu o acelerador ao máximo e o Bentley reagiu. O alemão junto de Spaulding ofereceu-lhe um cigarro e David declinou, com um meneio de cabeça.

— Disse que quer ser conduzido à Embaixada americana, *senor*? — falou o motorista, voltando de leve a cabeça, sem tirar os olhos da estrada. — Temo que não seja possível. As ordens do *senor Rhinemann* são para transportá-lo ao seu apartamento em Córdoba. Perdão.

— Não podemos desobedecer às ordens — acrescentou o outro alemão.

— Espero que nunca o façam. É assim que vencemos as guerras.

— O insulto foi mal orientado. Sou completamente indiferente.

— Esqueci. Habichtsnest é neutro.

David encerrou a conversa, movimentando-se no banco, cruzando as pernas e olhando em silêncio pela janela. Seu único pensamento era chegar à Embaixada e falar com Jean. Ela usara a palavra "Tortugas".

De novo, a fugidia Tortugas!

Como poderia ela saber? Seria concebível que fizesse parte do plano? Parte do quadro desfocado? Não.

"Tortugas não vale isso." Jean havia pronunciado aquelas palavras. Havia suplicado.

Leslie Hawkwood havia suplicado também. Viajado quatro mil milhas para suplicar, num desafio. De maneira fanática.

Saia de Buenos Aires, David!

Haveria uma conexão?

Oh, meu Deus, haveria realmente uma conexão?

— *Senhores!*

O motorista falou áspero, arrancando David dos seus pensamentos. O alemão girou no banco instantaneamente — por instinto — espiando pela janela traseira. A pergunta tinha três palavras:

— Há quanto tempo?

— Bastante, sem dúvida. Estava observando?

— Não.

— Ultrapassei três automóveis, sem qualquer plano. Depois, diminuí a velocidade na faixa da extrema direita. Ele está nos seguindo. Aproximando-se.

— Estamos no distrito de Duas Colinas, não estamos? — perguntou o alemão.

— *Si...* Está se aproximando rapidamente. É um carro potente. Ele nos alcançará na estrada.

— Direto para Colinas Rojas! Entre pela próxima estrada à direita! Qualquer uma! — ordenou o tenente de Rhinemann, tirando a pistola do casaco.

O Bentley derrapou numa curva súbita, inclinando-se diagonalmente para a direita e atirando David e o alemão para o lado esquerdo do banco traseiro. O argentino acelerou o motor, para galgar uma colina, e passou à primeira, alcançando a velocidade máxima em segundos. Houve um ligeiro nivelamento, uma conexão, uma superfície mais plana antes da segunda colina, e o motorista utilizou-a para condicionar o motor a uma maior velocidade. O carro arrojou-se para a frente, num impulso de aceleração, como se fosse um imenso projétil.

A segunda colina era mais íngreme, porém a velocidade inicial ajudou. Galgaram-na velozes. O motorista conhecia o seu carro, pensou David.

— Lá estão os faróis! — gritou o alemão. — Estão nos seguindo!

— Há trechos planos... creio — falou o motorista, concentrando-se na estrada. — Para além destas colinas. Há muitas estradas laterais. Tentaremos nos esconder numa delas. Talvez passem adiante.

— Não.

O alemão continuava espreitando pela janela traseira. Verificou o tambor da pistola pelo tato; satisfeito, recolocou-o no lugar. Depois, abaixou-se e apalpou sob o banco. O Bentley vibrava, subindo a íngreme estrada secundária, e o alemão praguejou, movimentando furiosamente as mãos por detrás das pernas.

Spaulding ouviu o estalido de fechos metálicos. O alemão colocou a pistola no cinto e estendeu a mão livre para baixo, retirando um poderoso rifle automático, que David identificou como a mais nova e poderosa arma de combate que o Terceiro Reich havia construído. O *magazine* curvo, rapidamente inserido pelo alemão, continha mais de 40 pentes de munição calibre 30.

O tenente de Rhinemann falou:

— Alcance o trecho plano e deixe que eles se aproximem. David sobressaltou-se, agarrado à alça de couro do banco dianteiro. Apoiando a mão esquerda contra a moldura da janela, falou asperamente ao alemão:

— Não use isso! Não sabe quem são.

O homem do rifle relanceou para Spaulding, ignorando-o em seguida.

— Conheço as minhas responsabilidades.

Estendendo a mão para a direita da janela lateral traseira, onde havia um pequeno aro metálico introduzido no feltro, nele enfiou o dedo, puxando-o em sua direção, o que fez surgir um orifício de cerca de 25 centímetros de largura por 10 de altura.

David olhou para a esquerda da janela e notou outro aro, outra abertura.

O carro de Rhinemann estava preparado para emergências. Disparos podiam ser feitos contra qualquer automóvel em perseguição; as vigias eram claras e havia um mínimo de embaraço em alta velocidade, em terreno acidentado.

— Suponhamos que seja a vigilância americana me seguindo — gritou David, quando o alemão se ajoelhou no banco, dispondo-se a inserir o rifle na abertura.

— Não é.

— Isso você não sabe!

— *Señores!* — gritou o motorista. — Vamos descer a colina. É muito longa, uma ampla curva. Eu me lembro! Lá embaixo há campos de capim alto. Terreno plano... Estradas. Segurem-se!

O Bentley mergulhou subitamente, como se houvesse despencado pela borda de um precipício. Houve uma imediata e constante aceleração, tão brusca que o alemão do rifle foi atirado para trás, o corpo suspenso no ar por uma fração de segundo. Bateu no apoio do banco dianteiro, a arma erguida para amenizar a queda.

David não hesitou e nem podia. Agarrou o rifle, passando os dedos ao redor do gatilho, torcendo a coronha para dentro e arrancando-o das mãos do alemão. O tenente de Rhinemann, surpreendido pelo gesto de Spaulding, estendeu a mão para a pistola presa ao cinto.

O Bentley voava pelo profundo declive em velocidade extraordinária. A ampla curva a que se referira o argentino foi alcançada e o carro entrou numa longa série de derrapagens que pareciam sustentar uma improbabilidade da engenharia: impelido pelas rodas de um só lado, seguia com as outras destacadas do pisó da estrada.

David e o alemão apoiaram-se de lados opostos, pernas tensas, pés mergulhados no tapete de feltro.

— Dê-me esse rifle!

O alemão apontou a pistola para o peito de David. Este mantinha a coronha da arma sob o braço, dedo no gatilho, cano monstruoso apontado para o ventre do alemão.

— Se você atirar, eu também atiro — gritou. — Eu talvez escape. Você não escapará.

Ficará espalhado por todo o carro!

Spaulding notou que o motorista entrara em pânico. A agitação no banco traseiro, mais os problemas da colina, a velocidade e as curvas provocaram uma crise que ele era incapaz de dominar.

— *Señores! Madre de Jesús!...* Vão nos matar!

O Bentley raspou pela encosta rochosa da estrada e o contato foi assustador. O motorista voltou à faixa central e o alemão falou:

— Portou-se estupidamente. Aqueles homens estão perseguindo você, e não a nós!

— Não tenho certeza. Não mato por especulação.

— Prefere nos matar, então? Para quê?

— Não quero que ninguém morra... Agora, abaixe essa arma! Nós dois conhecemos os riscos. O alemão hesitou.

Outro estremeção. O Bentley batera numa pedra grande, ou numa árvore tombada. Foi ò bastante para convencer o tenente de Rhinemann, que recolocou a pistola no banco.

Os dois adversários apoiaram-se, os olhos de David nas mãos do alemão, os do alemão no rifle.

— *Madre de Diós!* — O grito do argentino manifestava alívio, não pânico.

Gradualmente, o Bentley foi diminuindo a marcha.

David relanceou através do pára-brisa. O carro aproximava-se, dobrando a curva da colina; ao longe, viam-se descampados, pampas em miniatura, refletindo o baço luar. Estendendo a mão, pegou a pistola do alemão, sobre o banco. Foi um gesto inesperado e o tenente de Rhinemann aborreceu-se consigo mesmo, por tê-lo permitido.

— Recupere o fôlego — disse Spaulding ao motorista. — Tome um cigarro. E leve-me de volta à cidade.

— Coronel! — gritou o alemão. — Pode ficar com as armas, não se esqueça do carro lá adiante! Se não seguir meu conselho, pelo menos deixe-nos sair da estrada!

— Não tenho tempo a perder. Não disse para diminuir a velocidade, apenas para relaxar.

O motorista enveredou por um trecho plano e reacelerou o Bentley. Ao fazê-lo, aceitou o conselho de David e acendeu um cigarro. O automóvel voltou a equilibrar-se.

— Sente-se — ordenou Spaulding, colocando-se em diagonal no canto direito, um joelho no piso, o rifle seguro de maneira descansada, mas não desleixada.

O argentino falou, assustado:

— Lá estão de novo os faróis. Aproximam-se mais rápido do que posso acelerar este carro... Que quer que eu faça?

David considerou as opções.

— Dê-lhes uma chance para responder... Há bastante luar para se enxergar a estrada, com os faróis apagados?

— Durante algum tempo, não muito. Não consigo me lembrar...

— Apague e acenda! Duas vezes... Agora!

O motorista seguiu as instruções. O efeito foi estranho: a súbita escuridão, a brusca iluminação, enquanto o Bentley passava voando pelo matagal que crescia de ambos os lados da estrada.

David observou os faróis do veículo que os perseguia pela janela traseira. Não houve resposta ao sinal e ele perguntou a si mesmo se teriam sido claros, se haviam transmitido a mensagem de trégua.

— Acenda novamente — ordenou ao motorista. — E mantenha por alguns segundos. Agora!

Ouviram-se os cliques vindos do painel; os faróis permaneceram apagados, três, quatro segundos. De novo os cliques e a escuridão.

E então aconteceu.

Uma explosão de disparos vindos do automóvel perseguidor. O vidro da janela traseira despedaçou-se e, voando, mergulhou em epiderme e forração. David sentiu sangue escorrer-lhe pelo rosto. O alemão soltou um grito de dor, segurando a mão esquerda.

O Bentley derrapou; o motorista girou a direção de um lado para outro, fazendo o carro descrever ziguezagues.

— Esta é a sua resposta! — rugiu o tenente de Rhinemann, mão ensangüentada, um misto de fúria e pânico no olhar.

Rápido, David entregou-lhe o rifle.

— Use!

O alemão introduziu o cano na abertura. Spaulding saltou para o banco e, estendendo a mão para o aro de metal à esquerda da janela, puxou-o e ergueu a pistola.

Ouviu-se outra série de disparos partidos do carro perseguidor. Era uma rajada de metralhadora de calibre pesado, que pontilhou a traseira do Bentley. Saliências surgiram no forro de feltro e nas paredes laterais e diversas balas despedaçaram o pára-brisa.

O alemão começou a disparar a automática. David apontou o melhor que pôde — o Bentley em ziguezague tirava o carro perseguidor de sua mira. Ainda assim, puxou o gatilho, esperando apenas atingir os pneus que se aproximavam.

O estrondo da arma do alemão era ensurdecedor; repetidos crescendos de explosões, as ondas de choque de cada disparo enchendo o recinto pequeno e elegante.

David viu a explosão no instante em que aconteceu. A capota do automóvel transformou-se subitamente numa massa de fumo e vapor.

Mas rajadas de metralhadora continuavam a sair da fumaceira.

— Aiiiii! — gritou o motorista.

David voltou-se e viu sangue jorrando da cabeça do homem. O pescoço fora cortado pela metade. As mãos do argentino largaram o volante.

Spaulding saltou para a frente, tentando alcançar a direção, mas não conseguiu. O Bentley saiu da estrada, enveredando pelo mato.

O alemão tirou a automática da abertura, despedaçou a janela lateral com a coronha do rifle e colocou um segundo pente de balas na arma, quando o Bentley se deteve com um forte sacolejo.

O carro perseguidor — uma nuvem de fumaça e línguas de fogo — encontrava-se paralelo, na estrada. Freou duas vezes, derrapou uma e imobilizou-se.

Disparos vieram do veículo. O alemão abriu a porta do Bentley com um pontapé e saltou no capim. David agachou-se por detrás da porta esquerda, dedos procurando a maçaneta, apoiando o peso no painel de modo que, a um simples empurrão, a porta se abrisse e ele pudesse atirar-se no chão e proteger-se.

Súbito, o trovão do rifle automático encheu o ar com uma prolongada descarga.

Gritos cortaram a noite. David abriu a porta e, saltando para fora, avistou o tenente de Rhinemann erguendo-se no capim. Erguendo-se e caminhando através dos disparos, dedo comprimindo o gatilho da automática, o corpo todo estremecendo ao impacto das balas que lhe penetravam a carne.

Caiu.

No mesmo instante, uma segunda explosão sacudiu o carro. O tanque de gasolina explodira, atirando fogo e metal pelos ares.

David rodeou a traseira do Bentley, pistola em punho.

O tiroteio cessou. O rugir das chamas, os assobios do vapor eram a única coisa que se ouvia.

Espiou para além do Bentley, para o massacre na estrada.

Então, reconheceu o automóvel. Era o Duesenberg que viera buscar Leslie Hawkwood naquela tarde.

Viu dois corpos no banco traseiro, rapidamente envolvidos pelo fogo. O motorista estava inclinado sobre o banco, braços descaídos, pescoço imóvel, olhos arregalados — morto.

Havia um quarto homem estirado no chão, junto à porta direita, aberta.

A mão se moveu! Depois, a cabeça!

Estava vivo!

Spaulding correu para o Duesenberg em chamas e puxou o homem semi-consciente para longe dos destroços.

Vira muita gente morrendo para se enganar diante de uma vida que lentamente se escoava. Inútil tentar deter a morte; só poderia utilizá-la.

Agachou-se junto ao homem.

— Quem é você? Por que queria me matar?

Os olhos, oscilando nas órbitas, focalizaram David. Uma única luz bruxuleava na fumaça do Duesenberg destruído e estava morrendo também.

— Quem são vocês? Diga-me quem são!

O homem não queria — ou não podia — falar. Em vez, disso movimentou os lábios, mas não para murmurar. Spaulding inclinou-se mais ainda.

O homem morreu tentando cuspir-lhe no rosto. Saliva e sangue misturaram-se no seu queixo quando a cabeça descaiu, inerte. Ao clarão das chamas, Spaulding abriu o casaco do morto. Não havia qualquer identificação. Nem na calça.

Rasgou o forro do casaco e também a camisa, até a cintura. E então deteve-se, espantado, curioso.

Havia marcas no estômago do morto. Feridas, mas não de disparos, David já as vira antes. Não pôde conter-se. Ergueu o homem pelo pescoço e arrancou o casaco do ombro esquerdo, rasgando a camisa e expondo o braço.

Lá estavam elas gravadas na epiderme, para jamais desaparecerem.

As tatuagens de um campo da morte.

Ein Volk, ein Reich, ein Führer.

O morto era um judeu.

32

Eram quase cinco horas quando Spaulding chegou ao apartamento em Córdoba. Retirara tudo o que pudesse servir de identificação do motorista argentino e do tenente de Rhinemann. Encontrara ferramentas na mala e desatarraxara as placas do Bentley. Movimentara os mostradores, adiantara o relógio e depois quebrara-o. Os detalhes dificultariam a investigação policial — algumas horas, pelo menos —, dando-lhe tempo valioso para enfrentar Rhinemann.

E havia muito o que saber e concatenar.

Caminhara quase uma hora, regressando pelas Duas Colinas — as Colinas Rojas — até a estrada do rio. Ali, retirara os fragmentos de vidro do rosto, grato por serem poucos e superficiais os cortes. Carregando a assustadora automática para longe do cenário de morte, retirara o tambor e destruíra o gatilho, inutilizando a arma. Em seguida, atirara no mato. Um caminhão de leite do distrito de Tigre recolhera-o, contara ao motorista uma história absurda de álcool e sexo — fora enganado com muita habilidade e não tinha ninguém a quem culpar, senão ele próprio.

O motorista admirara a coragem do estrangeiro, sua aceitação de risco e perda, e a viagem fora feita entre risadas.

Sabia que era inútil, e até frívolo, tentar dormir. Havia muito que fazer. Assim tomou banho e preparou um grande bule de café.

Chegava a hora. A luz do dia surgia do Atlântico. Sentia a cabeça desimpedida. Era hora de falar com Jean.

Ao surpreendido telefonista noturno da Embaixada, um *marine*, disse que a Sra. Cameron esperava a chamada; na verdade, ele estava atrasado. Dormira demais. A Sra. Cameron fizera planos para pesca submarina. Deviam estar em La Boca às seis.

— Alô... Alô.

A voz de Jean soou, a princípio atordoada, depois surpreendida.

— David. Não tenho tempo para pedir desculpas. Preciso vê-la imediatamente.

— David? Oh, meu Deus!

— Estarei no seu gabinete em 20 minutos.

— *Por favor...*

— Não há *tempo*! Vinte minutos. Por favor, esteja lá... Preciso de você, Tean. *Preciso de você!*

O tenente OD do portão da Embaixada mostrou-se prestativo, embora desagradável. Consentiu que a mesa telefônica ligasse para o gabinete da Sra. Cameron; se ela o identificasse pessoalmente, o *marine* o deixaria entrar.

Jean surgiu na escadaria de entrada. Parecia vulnerável, encantadora. Caminhou pela alameda que conduzia ao portão e avistou-o. No mesmo instante, abafou um grito.

Ele compreendeu.

O lápis adstringente não conseguira apagar os cortes de meia dúzia de fragmentos de vidro que ele removera das faces e da testa. Ocultara em parte, talvez, pouco mais que isso.

Não falaram enquanto percorriam o corredor. Em vez disso, ela segurou-lhe o braço com tanta força que ele passou para o outro lado. Ela estava agarrando o ombro ainda não cicatrizado ferido no desastre dos Açores.

No gabinete, Jean fechou a porta e correu para os braços dele.

Tremia.

— David. Perdão, perdão, perdão. Fui horrível. Portei-me muito mal. — Ele segurou-lhe os ombros, afastando-a com delicadeza.

— Você estava enfrentando um problema.

— Parece que não consigo enfrentar mais nada. É sempre pensei que era ótima nessas coisas... Que aconteceu ao seu rosto? — Passou de leve o dedo na face do rapaz. — Está inchado, aqui.

— Tortugas. — Fitou-a nos olhos. — Tortugas aconteceu.

— Oh, meu Deus — murmurou, mergulhando o rosto no peito de David. — Estou confusa demais. Não posso dizer o que quero dizer. Por favor, não deixe que aconteça mais nada.

— Então, você terá que me ajudar.

Ela recuou.

— Eu? Como?

— Responda às minhas perguntas.... Saberei se está mentindo.

— *Mentindo?*.... Não brinque. Nunca menti para você.

Ele acreditou... o que não tornava mais fácil o seu objetivo. Nem mais nítido.

— Onde ouviu o nome Tortugas?

Ela retirou os braços que lhe rodeavam o pescoço e ele a libertou. Afastou-se vários passos, mas não batendo em retirada.

— Não me orgulho do que fiz. Nunca agi assim antes. Voltando-se, enfrentou-o.

— Desci às Cavernas... sem autorização. .. e li a sua ficha. Estou certa de que é a ficha mais curta em toda a história do corpo diplomático.

— Que foi que disse? Ela contou.

— Assim, você vê que o meu David mítico de ontem à noite tinha uma base bem definida na realidade.

Spaulding dirigiu-se à janela que dava para o relvado da Embaixada. Ao sol matutino, a grama cintilava de orvalho. Lembrou-se do relvado bem tratado que vira na véspera sob os holofotes, estendendo-se diante do terraço de Rhinemann. E a idéia levou-o aos códigos. Voltou-se.

— Preciso falar com Ballard.

— É só isso que você vai dizer?

— O David não-tão-mítico tem uma tarefa a cumprir. Isso não modificou.

— Eu não posso modificá-lo, você quer dizer. Voltou para junto dela.

— Não, não pode. Gostaria que pudesse. Gostaria que *eu* pudesse. Não consigo me convencer parafraseando uma certa moça — de que o que estou fazendo tenha tanta importância... mas reajo por hábito, creio. Talvez por vaidade. É possível que seja simples assim.

—Eu disse que você era competente, não disse?

—Sim. E sou... sabe o que sou?

—Um oficial do Serviço de Informação. Um agente. Um homem que trabalha com outros homens aos cochichos, à noite e com muito dinheiro e mentiras. É o que eu penso, está vendo?

—Não é bem assim. Isto é realmente novo... O que eu sou na verdade: engenheiro civil. Construo prédios, pontes, represas, estradas. Certa vez construí uma extensão do zoológico, no México. O melhor recinto ao ar livre para primatas que jamais se planejou. Infelizmente, gastamos tanto dinheiro que a Sociedade Zoológica não pôde comprar os macacos, mas o recinto continua lá.

Ela riu, de leve.

—Você é engraçado.

—Eu gostava de trabalhar em pontes. Transpor um obstáculo natural sem prejudicá-lo, sem destruir a sua finalidade....

—Nunca imaginei que os engenheiros fossem românticos.

—Os engenheiros civis são. Os melhores, pelo menos... Mas isso foi há muito tempo. Quando esta confusão terminar, voltarei, é claro. Mas não sou tolo. Conheço as desvantagens que terei de enfrentar... Não acontece o mesmo com um advogado que abandona os livros, para tornar a abri los mais tarde; a lei não modifica muito. Ou com um financista; as soluções do mercado não podem mudar.

—Não sei bem a que se refere...

—Tecnologia. É a única coisa real, civilizada, que a guerra produz. Em construção, foi revolucionária. Em três anos, técnicas inteiramente novas foram elaboradas... Eu me distanciei. Minhas referências anteriores à guerra não serão grande coisa.

—Meu Deus, você está com pena de si mesmo.

—Estou, sim! De certo modo... Mais exatamente, estou zangado. Ninguém apontou uma arma para a minha cabeça. Entrei nisto voluntariamente... por todas as razões erradas e sem nenhuma previsão... É por isso que preciso ser competente.

—E nós? Posso falar em, "nós"?

—Eu amo você — disse David, com simplicidade. — Isto, eu sei.

—Após um semana somente? É o que vivo me perguntando. Não somos crianças.

—Não somos crianças. Crianças não têm acesso a dossiês do Departamento de Estado.

—Ele sorriu; depois, tornou a ficar sério. — Preciso de sua ajuda.

Ela relanceou vivamente para ele.

— Que foi?

— Que sabe você sobre Erich Rhinemann?

—É um homem desprezível.

—É um judeu.

—Então é um judeu desprezível. Raça e religião não importam.

— Por que ele é desprezível?

— Porque usa as pessoas. Indiscriminadamente. Maliciosamente. Usa seu dinheiro para corromper o que e quem quer que deseje. Compra influência da Junta, que lhe consegue terras, concessões do governo, direitos de navegação. Forçou diversas companhias de mineração a abandonar a bacia da Patagônia; assumiu uma dúzia ou mais de campos de petróleo em Comodoro Rivadavia...

— Qual é a sua política?

Jean pensou um segundo; reclinando-se na cadeira, olhou pela janela e depois fitou novamente Spaulding.

— Ele próprio.

— Ouvi dizer que era abertamente pró-Eixo.

— Só porque acredita que a Inglaterra cairá e haverá um tratado. Ainda possui poder na Alemanha, segundo me disseram.

— Mas é judeu.

— Obstáculo temporário. Não creio que seja um dos anciãos da sinagoga. A comunidade judaica de Buenos Aires não quer saber dele.

David levantou-se.

— Talvez seja isso.

— O quê?

— Rhinemann voltou as costas à sua tribo, apoia abertamente os criadores de Auschwitz. Talvez queiram matá-lo. Primeiro, liquidando seu guardas; depois, ele próprio.

— Se você quer se referir aos judeus daqui, eu responderei que não. Os judeus argentinos pisam com cautela. As legiões dos coronéis estão muito próximas do passo de ganso. Rhinemann tem influência. É claro que nada impede que um ou dois fanáticos...

— Não... Podem ser fanáticos, mas não um ou dois. São organizados. Francamente, seríamos os primeiros a quem procurariam.

David imobilizou-se. As palavras vieram-lhe à mente: *Não haverá negociações com Altmüller*. Uma entrada às escuras na Fifty-second Street.

— Já ouviu mencionar o nome Altmüller?

— Não. Há um Müller na Embaixada alemã, creio, mas isso é como Smith ou Jones. Nenhum Altmüller.

— E Hawkwood? Uma mulher chamada Leslie Jenner Hawkwood?

— Também não. Mas se essas pessoas pertencem ao Serviço de Informação não haveria razão para que eu as conhecesse.

— Pertencem mas não creio que se escondam. Pelo menos, não esse Altmüller.

— Que significa isso?

— Seu nome foi usado num contexto que supõe reconhecimento. Mas não consigo encontrá-lo.

— Quer verificar nas Cavernas? — perguntou ela.

— Sim. Eu o farei diretamente com Granville. Quando são abertas?

— Oito e trinta. Henderson estará no gabinete dele às 8:45. Notou que David erguia o pulso, esquecendo que não tinha relógio, e depois consultava o da parede do gabinete. — Daqui a duas horas. Lembre-me de comprar um relógio para você.

— Obrigado... Ballard. Tenho que falar com ele. Como é Bobby de manhã cedo? A esta hora.

— Espero que a pergunta seja puramente retórica. Ele está habituado a ser acordado para problemas de código. Devo chamá-lo?

— Por favor. Pode preparar café aqui?

— Há uma cafeteira elétrica, ali — Jean indicou a porta da ante-sala. — Atrás da cadeira da minha secretária. A pia é no armário embutido... Deixe que eu preparo. Vou chamar Bobby, primeiro.

— Eu sei preparar um bom café. Você chama, eu cozinho. Você parece tão executiva. Detestaria interferir.

Ele estava esvaziando os grãos na cafeteira quando escutou o ruído. Eram passos. Passos de uma única pessoa no corredor. Passos que deveriam ser abafados, mas não eram. Normalmente, teria que vir um segundo, mas não veio.

Spaulding colocou a cafeteira na escrivaninha, abaixou-se e descasou os sapatos sem ruído. Aproximando-se da porta, postou-se junto à moldura.

De novo os passos. Silenciosos, fora do natural.

David abriu o casaco, verificando a arma, apoiou a mão na maçaneta, girou-a rapidamente e saiu.

Quatro metros adiante, um homem voltou-se ao ouvir o ruído. Sua expressão, David já a vira diversas vezes.

Susto.

— Olá, você deve ser o elemento novo. Ainda não nos conhecemos...

Meu nome é Ellis. Bill Ellis... Tenho uma detestável reunião às sete.

O adido não era convincente.

— Vários de nós vamos pescar, embora os boletins meteorológicos falem em tempo instável. Gostaria de vir conosco?

— Gostaria muito, mas tenho essa maldita reunião. — Sim, foi o que você disse.

Que tal um café?

— Obrigado, meu velho. Preciso realmente trabalhar um pouco.

— O.K. Lamento.

— Eu também... Até mais tarde.

O homem chamado Ellis sorriu, embaraçado, fez um aceno ainda mais embaraçado, que David retribuiu, e prosseguiu caminho.

Spaulding voltou ao gabinete de Jean e fechou a porta. Ela se encontrava junto à mesa da secretária.

— Com quem estava falando, a esta hora do dia?

— Ele disse que se chamava Ellis e tinha uma reunião com alguém às sete horas... Não é verdade.

— O quê?

— Ele estava mentindo. A que departamento pertence Ellis?

— Licenças de Importação-Exportação.

— Isso é útil... E Ballard?

— A caminho. Disse que você é um chato... O que é "útil" em Ellis?

Spaulding dirigiu-se à cafeteira, que estava na escrivaninha, tomou-a e voltou-se para o armário embutido. Jean interrompeu-lhe o gesto, tomando-lhe o objeto.

— Qual a classificação de Ellis? — perguntou David.

— Excelente. Exatamente a síndrome. Deseja a Corte de St. James. Você não respondeu. O que é "útil"?

— Ele foi comprado. É um elemento de ligação. Pode ser sério, ou apenas uma questão insignificante de zona portuária.

— Verdade? — fez Jean perplexa, abrindo a porta do armário embutido onde se encontrava a pia. Súbito, parou e voltou-se para Spaulding.

— David, que significa Tortugas?

— Ora, deixe de brincadeiras.

— Isto significa que você não quer me dizer.

— Isto significa que eu não sei. Gostaria muito de saber.

— É um código, não é? É o que diz a sua ficha.

— É um código de que nunca me falaram e pelo qual sou responsável.

— Tome, encha esta xícara. Lave, primeiro.

Jean entregou-lhe a cafeteira e entrou rapidamente no seu gabinete, dirigindo-se à escrivaninha. David seguiu-a detendo-se na porta.

— Que está fazendo?

— Adidos e até subsecretários, quando têm algum compromisso cedo, anotam na entrada.

— Ellis?

Jean fez que sim e falou ao telefone. A conversa foi rápida. Desligou e fitou Spaulding.

— O primeiro passe está marcado para as nove. Ellis não tinha nenhuma reunião às sete.

— Não me surpreende. Por que você se admira?

— Queria me certificar... Você disse que não sabia o que significa Tortugas. Talvez possa ajudá-lo.

David, surpreendido, deu vários passos, adiantando-se no gabinete.

— *O quê?*

— Há um relatório da vigilância de La Boca, o setor de Ellis. O departamento dele deve ter aprovado. Foi arquivado.

— Que é que foi arquivado? Que é que você está dizendo?

— Uma traineira em La Boca. Trazia uma carga com documentos que violavam normas da patrulha costeira... Disseram que foi um erro. O destino era Tortugas.

A porta da ante-sala foi subitamente aberta e Bobby Ballard entrou.

— Jesus! — exclamou. — Os Munchkins começam a trabalhar cedo neste maravilhoso mundo de Oz!

33

Com Ballard as escalas combinadas de códigos levaram menos de meia hora. David surpreendeu-se com a pronta imaginação do criptógrafo; Ele criava de imediato uma progressão geométrica de números e letras correspondentes que seus melhores colegas — conhecidos de Spaulding — levariam uma semana para solucionar.

No máximo, David precisava de 96 horas.

Bobby pôs a cópia de Washington num envelope oficial de correio, fechou-a com selo químico e colocou-a numa bolsa de fechadura tríplice. Em seguida, ligou para a base FMF e pediu a presença de um oficial — acima de capitão — na Embaixada dentro de uma hora. Os códigos estariam no avião da carreira costeira às nove; no aeroporto de Andrews, no final da tarde; e seriam entregues no gabinete do General Alan Swanson, no Departamento de Guerra, por correio blindado, logo em seguida.

A confirmação da mensagem era simples. Spaulding dera a Ballard duas palavras: "Cabo Tortugas".

Quando o código fosse recebido em Washington, Swanson saberia que Eugene Lyons havia autenticado os planos. Poderia então radiografar para o banco da Suíça, e a quantia seria depositada na conta de Rhinemann. Utilizando a palavra "Tortugas", David esperava que alguém, fosse onde fosse, compreendesse o seu estado de espírito, sua ira em arcar com a responsabilidade total sem conhecer todos os fatos.

Spaulding começava a achar que Erich Rhinemann estava exigindo mais do que aquilo a que tinha direito, possibilidade que lhe traria pouca vantagem.

Rhinemann seria liquidado.

E o esboço de um plano do qual resultaria a morte necessária começou a entrar em foco. O ato em si seria a parte mais simples da missão.

Não adiantava deixar de falar a Jean e Bobby sobre os planos do giroscópio. Kendall saía de Buenos Aires sem uma explicação. David sabia que precisaria de ajuda num momento em que não haveria tempo para instruir aqueles que o ajudavam. Sua suposta identidade era supérflua dali em diante. Descreveu minuciosamente o plano de Rhinemann, a função de Eugene Lyons e o papel de Heinrich Stoltz como contato.

Ballard espantou-se com a inclusão de Stoltz. — Stoltz! Isto é uma surpresa... Ele é um dos *crentes*. Não da camarilha de Hitler, que ele ignora, segundo me disseram..Mas da *Alemanha*. Versailles, as reparações, o gigante extenuado, exportação ou morte... toda essa história. Eu o considerava um verdadeiro Junker...

David não prestava muita atenção.

A logística da manhã estava bem clara na sua mente e às 8:45 ele iniciou.

Seu encontro com Henderson Granville foi rápido e cordial. O embaixador preferia ignorar o verdadeiro propósito de Spaulding em Buenos Aires, contanto que não houvesse conflitos diplomáticos. David assegurou-lhe que, ao que ele soubesse, não haveria nenhum, e a possibilidade seria menor ainda se o embaixador permanecesse fora do âmago da missão. Granville concordou. Atendendo a um pedido direto de David, mandou verificar nas Cavernas os dossiês de Franz Altmüller e Lesüe Jenner Hawkwood.

Nada.

Spaulding, saindo do gabinete de Granville, voltou ao de Jean. Ela acabara de receber o manifesto dos passageiros vindos do aero-parque. Eugene Lyons encontrava-se na relação do vôo 101 que chegava às duas da tarde. Sua profissão era "físico", a razão para a entrada, "conferências industriais".

David aborreceu-se com Walter Kendall. Ou será que deveria aborrecer-se com o confuso amador, General-de-Brigada Alan Swanson? O mínimo que poderiam fazer era classificar Lyons como "cientista". "Físico" era uma estupidez. Um físico em Buenos Aires era convite aberto à vigilância — até mesmo vigilância aliada.

Voltou ao seu minúsculo e isolado gabinete. Queria pensar.

Decidiu receber pessoalmente Lyons. Walter Kendall havia dito que os enfermeiros instalariam o homem mudo e triste em San Telmo. Recordando os dois em questão, David teve pressentimentos de desastre. Não estava fora de cogitações que Johnny e Hal — era assim que se chamavam, não era? — entregassem Lyons nos degraus da Embaixada alemã, pensando tratar-se de um hospital.

Esperaria o Clipper 101 da Pan American e levaria os três por um itinerário complicado até San Telmo.

Depois de instalar Lyons, calculava dispor de duas, talvez três horas, antes que Rhinemann — ou Stoltz — entrasse em contato com ele. A menos que Rhinemann estivesse procurando-o naquele momento, em pânico por causa da matança de Colinas Rojas. Neste caso, Spaulding havia construído seu "abrigo". Seu álibi irrefutável... Não estivera presente. Fora depositado em Córdoba às duas da manhã.

Quem poderia desmenti-lo?

Assim, teria duas ou três horas durante a tarde.

La Boca.

Discretamente, Jean sondara a vigilância naval da FMF. A descrição foi estabelecida num telefonema rotineiro, aborrecido, ao chefe de operações. Ela precisava fechar um "arquivo morto". Nada de importante, questão meramente burocrática — alguém estava sempre em busca de uma boa classificação baseada em encerramentos de fichas. O tenente poderia informar?... A traineira erroneamente destinada a Tortugas estava ancorada junto a um armazém em Ocho Callero erro fora verificado e confirmado pelo adido da Embaixada, o Sr. William Ellis, Divisão de Licenças de Importação-Exportação.

Ocho Calle.

David poderia passar uma hora investigando as imediações. Talvez fosse perda de tempo. Que conexão haveria entre uma traineira e a sua missão? Nenhuma, que ele visse. Mas havia o nome "Tortugas".

Havia um adido chamado Ellis, que deslizava silencioso junto a portas fechadas e mentia a respeito de reuniões imaginárias, de manhã cedo.

Ocho Calle era algo que valia a pena investigar. Em seguida, ficaria junto ao telefone, em Córdoba.

— Vai me levar para almoçar? — perguntou Jean, entrando na sala. — Não olhe para o relógio; ele não existe.

Spaulding estava de braço erguido, pulso virado.

— Não imaginei que fosse tão tarde.

— Não é. São apenas 11:00 mas você ainda não comeu nada, e provavelmente não dormiu também; e disse que ia ao aeroporto, pouco depois de 13:00.

— Eu tinha razão. Você é uma executiva de corporação. Seu senso de organização é assustador.

— Nada que se pareça com o seu. Antes, entraremos numa joalheria. Já telefonei. Você ganhará um presente.

— Gosto de presentes. Vamos. — Quando Spaulding se levantou, o telefone tocou e ele fixou o aparelho. — Sabe que é a primeira vez que essa coisa emite um som?

— Deve ser para mim. Disse à minha secretária que estaria aqui... Creio que não precisava, realmente.

— Alô?. — falou David, ao telefone.

— Spaulding?

David reconheceu o alemão polido de Heinrich Stoltz. A tensão transmitia-se pelo fio.

— Não é meio tolo telefonar para cá?

— Não tinha opção. Nosso amigo mútuo encontra-se em estado de extrema ansiedade. Tudo está ameaçado.

— Que é que está dizendo?

— Não é hora para brincadeiras! A situação é grave.

— Não é hora para jogadas também. Que diabo você quer dizer?

— Ontem à noite! Esta madrugada. Que aconteceu?

— Que aconteceu onde?

— Pare com isso! Você estava presente!

— Onde?

Stoltz fez uma pausa e David ouviu-lhe a respiração. O alemão estava em pânico, tentando desesperadamente controlar-se.

— Os homens foram liquidados. Precisamos saber o que aconteceu.

— Liquidados?... Você está louco. *Como?*

— Previno-o...

— Agora, pare você com isso! Sou eu que estou comprando, não esqueça... Não quero me envolver em problemas de qualquer organização. Eles me deixaram no apartamento cerca de 1:30. Por falar nisso, encontraram seus outros rapazes, os que estavam vigiando o meu apartamento. E também por falar nisso, não gosto dessa vigilância constante!

Stoltz ficou confuso, o que David esperava.

— Os outros?... Que outros?

— Deixe disso! Você sabe perfeitamente!

— Isto é muito inquietante... — Stoltz procurava recompor-se.

— Sinto muito — falou David, neutro. Exasperado, Stoltz interrompeu-o.

— Ligarei já.

— Não para cá. Estarei fora quase toda a tarde... Para ser exato — acrescentou rápido, simpático —, estarei num daqueles veleiros que o nosso amigo mútuo contempla majestosamente. Vou me reunir a amigos diplomatas tão ricos quanto ele. Telefone depois das cinco para Córdoba.

David desligou logo, ouvindo um início de protesto de Stoltz. Jean observava-o, fascinada.

— Você se saiu muito bem.

- Tenho mais prática que ele.
- Stoltz?
- Sim. Vamos para a sua sala.
- Pensei que íamos almoçar.
- E vamos. Mas há duas coisas que preciso fazer, antes.... Há uma saída pelos fundos?
- Várias.
- Quero usar um veículo da Embaixada. Algum problema?
- Não, claro que não.
- Sua secretária. Poderia dispensá-la para um almoço prolongado?
- Você é um amor. Tive a louca idéia de que iria sair *comigo*.
- E vou. Ela poderia prender o cabelo no alto e usar um chapéu de abas largas?
- Qualquer mulher pode.
- Ótimo. Pegue aquele casaco amarelo que vestiu ontem à noite. E indique qualquer homem por aqui mais ou menos do meu tamanho. Um com quem a sua secretária gostaria de ter um almoço prolongado. Preferivelmente, de calça escura. Pode ficar com o meu casaco.
- Que é que você pretende?
- Nossos amigos gostam de pregar peças às pessoas. Vamos verificar se gostam de ser vítimas de uma delas.

Spaulding pegou um binóculo e espiou pela janela do terceiro andar, escondido pelas cortinas. Lá embaixo, na escadaria de entrada, a secretária de Jean — chapéu de abas largas e casaco amarelo — descia rapidamente em direção à calçada. Acompanhava-a um dos assistentes de Ballard, rapaz alto, de calça escura e com o casaco de David. Ambos estava de óculos escuros. O rapaz deteve-se momentaneamente no último degrau, consultando um mapa rodoviário, o rosto encoberto pelo papel. Desceu a escada e entrou com a moça na limusine da Embaixada — um veículo de alta classe, dotado de cortinas.

Spaulding percorreu com o binóculo a Avenida Corrientes, diante do portão. Quando a limusine passou, um Mercedes estacionado do lado oposto da rua afastou-se do meio-fio e seguiu-a. Depois, um segundo automóvel, que se encontrava do lado norte, fez uma cautelosa curva em U e tomou posição vários veículos atrás do Mercedes.

Satisfeito, David abandonou o binóculo e saiu da sala. No corredor, voltou-se para a esquerda e ultrapassou rápido várias portas e escadas, em direção à parte dos fundos do prédio, até chegar a uma sala que correspondia ao seu posto de observação na frente. Bobby Ballard encontrava-se à janela e voltou-se ao ouvir seus passos.

Segurava um binóculo.

- Alguma coisa? — perguntou Spaulding.
- Dois automóveis — respondeu o criptógrafo. — Estacionados e voltados para direções opostas. Partiram, simplesmente.
- O mesmo em frente. Estão em contato pelo rádio.
- Minuciosos, não?
- Não tanto quanto julgam — replicou Spaulding.

O casaco esporte de Ballard estava um tanto largo na cintura e curto nas mangas, mas punha à mostra o relógio novo de David. Jean estava satisfeita. Era um belo cronômetro.

O restaurante era pequeno, verdadeiro cubículo numa rua lateral de San Martin. A porta da frente estava aberta; um pequeno toldo protegia do sol as poucas mesas exteriores. A deles, porém, ficava no interior. Spaulding sentou-se de frente para a entrada, podendo ver claramente os transeuntes.

Mas não os observava naquele momento. Olhava para Jean. E o que via levou-o a dizer, sem pensar:

— Tudo acabará muito breve. Vou sair disto.

Ela tomou-lhe a mão, buscando-lhe os olhos. Não falou por um longo momento. Era como se quisesse manter as palavras suspensas, isoladas, meditadas.

— Você disse uma coisa extraordinária. Não sei ao certo o que significa.

— Significa que quero passar anos e anos com você. O resto de minha vida... Não sei de que outra maneira poderia dizê-lo.

Jean fechou momentaneamente os olhos, pelo espaço de uma respiração silenciosa.

— Acho que você o disse... da maneira mais bonita.

Como poderia dizer-lhe? Como explicar? Precisava tentar. Era demasiado importante.

— Há menos de um mês — começou, em voz baixa —, algo aconteceu num campo. Era noite, na Espanha. Junto a uma fogueira... *Aconteceu comigo*. As circunstâncias não importam, mas o que me aconteceu foi... a coisa mais assustadora que eu poderia imaginar. E nada tinha a ver com os riscos calculados do meu trabalho. Nada a ver com o medo — e eu vivia com medo, pode apostar... Mas, de repente, descobri que não tinha sentimentos. Nenhum sentimento, absolutamente. Fizeram-me um relatório que normalmente deveria abalar-me, fazer-me chorar ou ficar zangado, *profundamente zangado*. Mas não senti nada. Estava entorpecido. Aceitei a notícia e critiquei o homem por ocultá-la. Disse a ele que não voltasse a cometer aquele erro... Que eu não agia impulsivamente, em quaisquer condições... Ele julgava, *com razão*, que eu agiria. — Calou-se, cobrindo com a sua a mão de Jean. — O que estou tentando dizer é que você me devolveu algo que eu julgava perdido. E não quero correr o risco de perdê-lo novamente.

— Você vai me fazer chorar — disse ela, em voz baixa, olhos marejados, sorriso trêmulo.

— Você não sabe que as mulheres choram quando ouvem coisas assim?... Tenho tanto a ensinar a você... Oh, meu Deus. Por favor, por favor... anos e anos.

David inclinou-se sobre a mesinha. Seus lábios tocaram-se e mantiveram-se, de leve. Abandonando-lhe a mão, ele acariciou-lhe o rosto.

As lágrimas estavam presentes.

Ele as sentiu também. Não correriam, mas sentiu-as.

— Vou voltar com você, é claro — disse ela.

As palavras trouxeram-no à realidade... à outra realidade, a menos importante.

— Não comigo. Mas breve. Vou precisar de duas semanas para resolver tudo... E você terá que transferir seu trabalho, aqui.

Ela o fitou interrogativamente, mas não fez perguntas.

- Há... planos especiais para você levar os projetos ou desenhos, ou seja lá o que for?

— Há

— Quando?

— Se tudo correr conforme esperamos, em um dia ou dois. Três, no máximo.

— Então, por que precisa de duas semanas?

Ele hesitou antes de responder. E então percebeu que queria dizer a verdade. Era parte do começo para ele. A verdade.

— Há uma quebra de segurança num lugar chamado Fairfax.

— Fairfax — interrompeu ela. — Isso estava na sua ficha.

— É um centro de informações, na Virgínia. Muito secreto. Um homem foi assassinado lá. Um amigo meu. Calei propositalmente a informação que poderia deter a quebra de sigilo e, mais importante, levar à descoberta do assassino.

— Pelo amor de Deus, por quê?

—De certo modo, fui obrigado. O pessoal de Fairfax não estava autorizado a saber da informação que eu possuía. O único que estava não é eficiente... em especial numa situação dessas. Não foi treinado para espionagem. É um general requisitado. Ele compra coisas.

—Como planos de giroscópios?

—Sim. Quando voltar, eu o obrigarei a liberar a informação. — David fez uma pausa e depois falou, tanto para si mesmo como para Jean: — Na verdade, não me importa nem um pouco que libere ou não. Tenho uma longa licença acumulada e passarei uma ou duas «emanas em Fairfax. Há um agente alemão circulando pelo recinto, com classificação quatro-zero. Ele matou um homem muito bom.

—Isso me assusta.

—Não deveria. — David sorriu, respondendo com sinceridade. — Não tenho a menor intenção de arriscar aqueles anos de que falamos. Se for preciso, agirei de uma cela com segurança máxima... Não se preocupe.

Ela fez que sim.

— Não me preocuparei. Acredito em você... Eu me reunirei a você, dentro de três semanas. Devo- isto a Henderson. Ele terá que se adaptar a muita coisa. Além disso, tenho que tomar uma providência a respeito de Ellis.

—Não o toque. Nada sabemos por enquanto. Se descobrirmos que está a soldo estrangeiro, ele poderá ser valioso exatamente onde se encontra. Condutos em reverso são excelentes. Quando os descobrirmos, fazemos o possível para torná-los — homem ou mulher — os mais saudáveis das imediações.

—Em que tipo de mundo você vive? — perguntou Jean, preocupada, sem humor.

—Um mundo que você me ajudará a abandonar... Depois de Fairfax, dou por encerrado.

Eugene Lyons encolheu-se no banco traseiro do táxi, entre Spaulding e o enfermeiro chamado Hal. O outro auxiliar, Johnny, sentou-se na frente, com o motorista. David deu ordens em espanhol e, o chofer enveredou pela longa e macia estrada do aeroparque.

David fixou Lyons. Não era fácil. A proximidade do rosto triste, emaciado, enfatizava a compreensão de que o que ele via era auto-provocado. Os olhos de Lyons não reagiam. Estava exausto do vôo, desconfiado do novo ambiente, aborrecido com a agressiva eficiência de David ao retirá-lo do terminal.

—É um prazer revê-lo — disse David. Lyons pestanejou. Spaulding não soube se era ou não uma saudação.

—Não o esperávamos — falou Johnny, do banco da frente. — Esperávamos nós mesmos instalar o professor.

—Trouxemos tudo por escrito — acrescentou Hal, inclinándole para a frente, à direita de Lyons, e tirando diversos cartões de fichário do bolso. — Olhe. O endereço. Seu número de telefone. E o da Embaixada. E uma carteira cheia de dinheiro *argentaino*.

A pronúncia de Hal fez David perguntar-se como conseguira aprender a dar uma injeção. Quem lia as bulas? Por outro lado, seu companheiro Johnny — menos falante, mais esclarecido — era evidentemente o líder da dupla.

—Bem, as coisas geralmente se confundem. Comunicações se embaralham com frequência... Fez boa viagem, doutor?

—Não foi má — respondeu Hal. — Mas houve muita turbulência sobre Cuba.

—É provável que fossem as pesadas camadas aéreas que sobem da ilha — falou David, observando Lyons com o canto do olho.

O físico reagiu com um ligeiro relance para Spaulding. E havia humor no olhar.

— Foi o que disse a aeromoça — falou Hal, com ar entendido. Lyons teve um leve sorriso.

David dispunha-se a capitalizar o pequeno contato quando viu algo inquietante pelo espelho retrovisor, para onde Instintivamente se voltava a intervalos.

Eira a parte anterior de um automóvel que avistara antes, embora sem alarma. Vira-o duas vezes: na longa fileira de táxis e na volta do parque fronteiro. E lá estava novamente. Mudou lentamente de posição e olhou péla janela traseira do táxi. Lyons aparentemente pressentiu que ele estava preocupado e moveu-se para facilitar-lhe o gesto.

O carro era um La Salle 1937, negro com os metais enferrujados na frente e ao redor dos faróis. Permanecia 25 a 30 metros atrás, mas o chofer — um homem louro — recusava-se a permitir que outros veículos se interpusessem e acelerava cada vez que via sua posição ameaçada. Aparentemente, não era nem inexperiente nem descuidado. Se é que estava seguindo-os.

David falou ao motorista do táxi, em espanhol — tom urgente mas tranqüilo —, oferecendo-lhe cinco dólares acima da corrida se ele girasse na direção oposta e rumasse para San Telmo nos minutos subseqüentes. O *porteno* era menos amador que o chofer do La Salle e compreendeu imediatamente, com um olhar ao retrovisor. Anuindo silenciosamente, descreveu uma súbita e perigosa curva em U, rumando veloz para oeste e mantendo o táxi em ziguezague, ondulando entre os veículos e depois dobrando bruscamente para a direita e acelerando em direção ao sul, ao longo da estrada costeira. A vista da água lembrou a David Ocho Calle.

Queria muito depositar Eugene Lyons em San Telmo e voltar a Ocho Calle.

O La Salle já não era problema.

— Cristo! — murmurou Hal. — Que diabo aconteceu? — E, respondendo à sua própria pergunta: — Fomos seguidos, não é?

— Não tenho certeza — respondeu David.

Lyons o observava, rosto inexpressivo. Johnny falou, do banco da frente:

— Isto significa que devemos esperar problemas? Mandou esse sujeito manobrar com violência. O Sr. Kendall não mencionou nenhum problema... Só falou da nossa tarefa.

Johnny não se voltou ao falar.

—Você se aborreceria, se surgisse algum?

Johnny voltou-se então para enfrentar Spaulding; era um sujeito muito sério, pensou David.

— Depende — disse o enfermeiro. — Nosso dever é zelar pelo professor, cuidar dele. Se algo interferir, acho que não vou gostar.

—Compreendo. Que faria você?

—Eu o tiraria daqui — respondeu Johnny, simplesmente.

— O Dr. Lyons tem uma missão a cumprir em Buenos Aires. Kendall deve ter dito a vocês.

O olhar de Johnny enfrentou o de Spaulding.

— Vou falar com franqueza, moço. Aquele porco sujo que se dane. Nunca ouvi tanto desaforo de alguém na minha vida.

— Por que não desistiu?

— Não trabalhamos para Kendall — replicou Johnny, como se a idéia lhe fosse repulsiva.

— Somos pagos pelo Centro de Pesquisas da Meridian Aircraft. Aquele filho da mãe não é nem mesmo da Meridian. É um maldito contabilista.

—Deve compreender, Sr. Spaulding — disse Hal, sem o tom agressivo do companheiro —, que precisamos fazer o que for melhor para o professor. Foi para isso que o Centro de Pesquisas nos contratou.

— Compreendo. Estou em permanente contato com a pesquisa da Meridian. A última coisa que alguém deseja é fazer mal ao Dr. Lyons, asseguro-lhe.

David mentiu convenientemente. Não podia transmitir uma segurança que ele próprio estava longe de sentir. Sua única maneira de agir com Johnny e Hal era transformar

aquela recém-descoberta falha numa vantagem. A chave seria o Centro de Pesquisas da Meridian e seu fictício relacionamento com ele; e mais a comum repugnância por Kendall. O táxi diminuiu a marcha, dobrando uma esquina e penetrando numa tranqüila rua de San Telmo. O chofer parou diante de uma estreita casa de estuque branco, de três andares, telhado inclinado, com telhas escuras. Era Terraza Verde, 15. O primeiro andar fora alugado a Eugene Lyons e seus "assistentes"

— Chegamos — disse Spaulding, abrindo a porta.

Lyons saltou depois de David. Imobilizando-se na calçada, contemplou a casa colorida e pitoresca, na rua tranqüila. As árvores junto à calçada eram cortadas, formando um muro. O conjunto tinha aparência cuidada. No bairro reinava uma serenidade de Velho Mundo. David teve a impressão de que Lyons encontrara subitamente algo que vinha procurando. E então julgou saber do que se tratava.

Eugene Lyons buscava um encantador local para descanso. O descanso final. Um túmulo.

34

Não tinha tanto tempo quanto julgava. Dissera a Stoltz que telefonasse depois das cinco para Córdoba. Já eram quase quatro.

Os primeiros barcos entravam nos píeres, soando apitos; homens atiravam e pegavam grossos cabos; havia redes por toda parte, penduradas para secar aos últimos raios do sol. Ocho Calle ficava em Dársena Norte, a leste dos ancoradouros de carga de Retiro, numa parte relativamente isolada de La Boca. Trilhos de estradas de ferro, desde muito em desuso, continuavam implantados nas ruas circundadas por armazéns. Ocho Calle não era um dos principais locais de armazenagem ou descarga; acesso pelas vias marítimas não era ali tão aglomerado como nas unidades internas de La Plata — mas as instalações estavam obsoletas. Era como se a administração não se decidisse entre vender os terrenos e dar-lhes tratamento adequado. Da indecisão resultava virtual abandono.

Spaulding estava em mangas de camisa; deixara o casaco de Ballard em Terraza Verde e jogara sobre o ombro uma grande rede usada que comprara numa barraca ao ar livre. A maldita coisa cheirava mal por causa da barra apodrecida e dos peixes mortos, mas servia à sua finalidade. Podia cobrir o rosto à vontade e movimentar-se com facilidade naquele ambiente, nele integrado. David pensou consigo mesmo que, se um dia — que Deus o livrasse! — tivesse que instruir recrutas em Fairfax, insistiria no fator conforto. Conforto psicológico. Era possível senti-lo imediatamente, com a mesma rapidez com que se experimentava o desconforto da artificialidade.

Seguiu pela calçada até que esta desapareceu. O quarteirão final de Ocho Calle estava contornado na extremidade por alguns prédios velhos e terrenos baldios, antes usados para armazenagem ao ar livre e no momento cobertos de capim alto. Do lado da água havia dois imensos depósitos ligados um ao outro por um recinto aberto. Dali, podia avistar-se a cabina de uma traineira ancorada entre as duas construções. O píer ao lado encontrava-se para além de uma extensão de água de pelo menos um quarto de milha. Os armazéns de Ocho Calle eram realmente isolados.

David parou. O quarteirão era como uma península em miniatura; com poucas pessoas à vista. Não havia ruas laterais nem prédios para além da fileira de casas à esquerda, mas apenas o que pareciam ser outros terrenos por detrás das casas e estacas mergulhadas na terra, isolando as águas de um pequeno canal.

O último trecho de Ocho Calle era realmente uma península. Os armazéns ficavam não só afastados uns dos outros como isolados.

David tirou a rede do ombro direito e passou-a ao esquerdo. Dois marinheiros saíam de uma construção; no segundo pavimento, uma mulher abriu a janela e gritou para baixo,

censurando o marido sobre a projetada hora do regresso. Um velho de feições índias estava sentado num pequeno e maltratado telheiro, diante de uma loja de iscas. No interior, através da vidraça manchada de sal e sujeira, outros velhos bebiam vinho em garrafas. Na última casa, uma solitária prostituta debruçou-se de uma janela do primeiro andar, avistou David e abriu a blusa, exibindo seios grandes e flácidos, que ela apertou diversas vezes, apontando o bico para ele.

Ocho Calle ficava no extremo de uma determinada parte da Terra.

Aproximando-se do velho índio, David cumprimentou-o casualmente e entrou na loja de iscas. O mau cheiro era arrasador, um misto de urina e podridão. Havia três homens no interior, mais embriagados que sóbrios, mais próximos dos 70 que dos 60.

O homem por detrás das tábuas reunidas que serviam de balcão pareceu espantado ao ver um freguês, e não sabia o que fazer. Spaulding tirou uma nota do bolso — para surpresa dos três que o rodeavam — e falou, em espanhol:

— Tem lulas?

— Não... não, nenhuma lula. Chegou pouca coisa, hoje — respondeu o proprietário, de olho na nota.

— Que é que tem?

— Minhocas. Carne de cachorro, um pouco de gato. Gato é muito bom.

— Dê-me uma porção pequena.

O homem recuou, pegou pedaços de intestinos e enrolou-os num jornal velho, colocando o pacote junto ao dinheiro.

— Não tenho troco, *señor*...

— Não tem importância — respondeu Spaulding. — O dinheiro é para você. E guarde a isca.

O homem sorriu, confuso.

— *Señor*?...

— Guarde o dinheiro, compreende?... Diga-me: quem trabalha ali? — E apontou a janela fronteira, através da qual mal se distinguia alguma coisa. — Naqueles grandes armazéns.

— Quase ninguém... Alguns homens entram e saem, de vez em quando. Um barco de pesca.... às vezes.

— Já estive lá dentro?

— Oh, sim. Três, quatro anos atrás trabalhei lá dentro. Grandes negócios há três, quatro... cinco anos passados. Todos nós trabalhávamos.

Os outros dois anuíram tagarelando uma tagarelice de velhos.

— Agora, não?

— Não, não... Tudo fechado. Acabado. Ninguém entra lá, agora. O dono é um homem muito mau. Os vigias quebram cabeças.

— Vigias?

— Ah, sim. Com armas. Muitas armas. Muito maus.

— Vêm automóveis aqui?

— De vez em quando... Um ou dois... Eles não nos dão trabalho.

— Obrigado. Guarde o dinheiro. Mais uma vez, obrigado. David aproximou-se da suja vidraça, esfregou uma parte do vidro e espreitou para o comprido armazém que se estendia por um quarteirão inteiro. Parecia deserto, à exceção dos homens do pier. E então observou com mais atenção os homens.

A princípio, não teve certeza; a vidraça — embora esfregada — ostentava ainda camadas de sujeira pelo lado externo. Os homens movimentavam-se para dentro e para fora da pequena área transparente. Mas então certificou-se. E, súbito, sentiu-se muito zangado.

Os homens ao longe, no pier, usavam as mesmas roupas para militares que os guardas de Rhinemann envergavam.

Eram homens de Rhinemann.

O telefone tocou precisamente às 17:30. A voz não era de Stoltz e por este motivo David recusou-se a aceitar as instruções transmitidas. Desligou e aguardou menos de dois minutos para que o telefone tocasse novamente.

— Você é obstinado — falou Erich Rhinemann. — Sou eu quem deve ser cauteloso e não você.

— Uma afirmativa ociosa. Não tenho a menor intenção de obedecer ordens de alguém que não conheço. Não espero controles estanques mas isso também seria ceder demais.

Rhinemann não respondeu imediatamente; quando o fez, sua voz era áspera.

— Que aconteceu ontem à noite?

— Disse a Stoltz exatamente o que aconteceu comigo. Não sei de mais nada.

— Não acredito.

A voz de Rhinemann era tensa, áspera, bem próxima a manifestação de cólera.

— Sinto muito, mas isso realmente não me interessa.

— Nenhum daqueles homens poderia ter saído de Córdoba! Impossível!

— Saíram. Aceite a minha palavra... Ouça, eu disse a Stoltz que não quero me envolver nos problemas...

— Como sabe se já não está... envolvido?

Era a pergunta lógica e Spaulding compreendeu.

— Por que estou aqui no meu apartamento, falando com você. Segundo Stoltz, os outros estão mortos, uma condição que pretendo evitar. Estou simplesmente comprando alguns documentos. Vamos nos concentrar nisto.

— Falaremos mais a respeito — disse Rhinemann.

— Agora, não. Temos negócios a resolver.

Nova pausa do judeu alemão.

— Faça o que o homem disse. Vá à Casa Rosada, na Plaza de Mayo. Portão sul. Se tomar um táxi, salte na Julio e caminhe.

— Seus homens me apanharão quando eu sair do apartamento, suponho.

— Discretamente, para verificar se é seguido.

— Então, irei a pé daqui. Será mais fácil.

— Muito inteligente. Um carro estará à sua espera na Rosada. O mesmo que o trouxe aqui ontem à noite.

— Você estará presente? — perguntou David.

— Claro que não. Mas nós nos encontraremos logo.

— Levo os planos diretamente para Telmo?

— Se tudo estiver em ordem, sim.

— Sairei dentro de cinco minutos. Seus homens estarão prontos?

— Já estão — respondeu Rhinemann.

E desligou.

David colocou a Beretta ao peito e vestiu o casaco. Entrando no banheiro, pegou uma toalha, esfregou os sapatos, removendo do couro a poeira do aero-parque e de La Boca, penteou-se e passou talco nos arranhões do rosto.

Não pôde deixar de notar as profundas olheiras. Precisava muito dormir, mas não havia tempo. Por uma questão de sobrevivência, sabia não haver tempo.

Perguntou a si mesmo quando haveria.

Voltou ao telefone. Precisava fazer duas ligações antes de sair.

A primeira, para Jean. Pediu a ela que ficasse na Embaixada; talvez fosse necessário-ligar-lhe. De qualquer maneira, eles se comunicariam quando da sua volta. Disse que estaria com Eugene Lyons na Terraza Verde. E que a amava.

O segundo telefonema foi para Henderson Granville.

—Eu disse que não envolveria a Embaixada ou o senhor no meu trabalho aqui, embaixador. Se isso foi modificado, é somente porque um homem do seu *staff* encerrou de maneira incorreta uma ficha de vigilância naval. Temo que isso me afete diretamente.

—Que quer dizer com "incorreta"? É uma séria acusação, senão uma falta passível de punição.

—Sim, senhor. E por este motivo é preciso não fazermos alarma, manter a situação muito discreta. É uma questão do Serviço de Informação.

—Quem é esse homem? — perguntou Granville, glacial.

—Um adido chamado Ellis. William Ellis. Por favor, não tome qualquer providência, embaixador — Spaulding falava rápido, enfaticamente. — Pode ter sido enganado. Ou talvez não. Seja como for, não podemos alertá-lo.

—Muito bem, compreendo... Então, por que me disse, já que não quer que eu tome uma providência?

—Não contra Ellis. Precisamos de um esclarecimento quanto, à vigilância.

David descreveu os armazéns de Ocho Calle e a traineira ancorada entre as duas construções. Granville interrompeu-o, em voz baixa.

—Lembro-me do relatório. Vigilância naval. Era o destino de uma carga... Deixe-me pensar.

—Tortugas — ajudou Spaulding.

—Sim, era isso. Violação costeira. Um erro, naturalmente. Nenhum barco de pesca tentaria tal viagem. O verdadeiro destino era *Torugos*, pequeno porto ao norte do Uruguai, creio.

David pensou um segundo. Jean não mencionara a similaridade de nomes.

—É possível, embaixador, mas seria útil investigar a carga.

—Estava relacionada. Maquinaria agrícola, creio.

—Acreditamos que não — replicou Spaulding.

—Bem, não temos o direito de inspecionar a carga...

— Sr. Embaixador — David interrompeu o velho — existe alguém na Junta em quem possamos confiar? Confiar absolutamente?

A resposta de Granville foi hesitante, cautelosa. Spaulding compreendeu.

— Um. Dois, talvez.

— Não perguntarei os nomes. Mas pedirei que requirite a ajuda deles. Com medidas de segurança prioritárias. Aqueles armazéns estão guardados... pelos homens de Erich Rhinemann.

— *Rhinemann?*

O desagrado do embaixador transmitiu-se pelo fio. Uma vantagem, pensou David.

— Temos razões para crer que ele está prejudicando uma negociação, ou ligando-a a contrabando. Precisamos conhecer aquela carga, embaixador.

Foi a única coisa que ocorreu a David. Uma generalização sem verdadeiro fundamento. Mas se havia homens dispostos a matar e morrer por "Tortugas", talvez isso já constituísse base suficiente. Se Fairfax podia colocar o nome na sua ordem de transferência, sem fazer-lhe qualquer comunicação, o motivo era mais que suficiente.

— Farei o que puder, Spaulding. Não posso prometer nada, é claro.

— Sim, senhor, compreendo. E obrigado.

A Avenida de Mayo estava vibrante de tráfego e a Plaza, mais ainda.

No extremo, a Casa Rosada, em pedra cor-de-rosa, refletia o alaranjado do poente. Bem próprio de uma capital controlada por soldados, pensou David.

Atravessou a Plaza, parando diante da fonte e recordando a véspera e Leslie Jenner Hawkwood. Onde estaria naquele momento? Em Buenos Aires, mas onde? E, mais importante, por quê.

A resposta talvez estivesse na palavra "Tortugas" e numa traineira de Ocho Calle.

Rodeou duas vezes a fonte e depois voltou sobre os próprios passos, testando a si mesmo, testando Erich Rhinemann. Onde estariam os homens que o vigiavam? Ou seriam mulheres?

Estariam em carros, táxis, ou pequenos caminhões? Circulando, como ele próprio?

Avistou um. Não foi difícil. O homem estava sentado na borda da fonte, com a ponta do casaco na água. Sentara rápido demais, tentando passar despercebido.

David enveredou pelo caminho de pedestres — o mesmo que utilizara para seguir Leslie Hawkwood — e na primeira ilha aguardou a mudança do sinal. Em vez de atravessar, porém, voltou à fonte, apressando o passo, e sentou-se na borda, observando a faixa de pedestres.

O homem do casaco molhado emergiu com o próximo contingente de transeuntes e olhou ansioso ao redor. Finalmente, avistou Spaulding.

David acenou-lhe.

O homem voltou-se e correu pela rua afora.

Spaulding saiu no seu encalço, mal conseguindo atravessar antes da mudança do sinal. O outro não se voltou; parecia decidido a alcançar um contato, pensou David, fazer com que alguém o substituísse, talvez. Dobrou à esquerda na Casa Rosada e Spaulding seguiu-o, mantendo-se fora de suas vistas.

Chegando a uma esquina, para surpresa de David, diminuiu o passo, parou e entrou numa cabina telefônica.

Era um gesto estranhamente amadorístico, pensou Spaulding. **E** revelava algo sobre o pessoal de Erich Rhinemann: não eram tão bons como se julgavam.

Ouviu-se uma prolongada buzina, que dominou os sons normalmente agudos do tráfego da Mayo. A buzina única despertou outras e em poucos segundos uma cacofonia estridente enchia as ruas. David espiou naquela direção. Não era nada. Um motorista irritado chegara momentaneamente ao extremo da paciência. Tudo voltou ao caos normal com a ultrapassagem da passarela.

E então ouviu-se um grito. Um grito de mulher. E mais outro. E outro ainda.

Uma multidão reuniu-se à volta da cabina telefônica.

David abriu caminho, empurrando braços, puxando ombros, pressionando. Chegando junto à coluna olhou para dentro.

O homem de casaco molhado estava caído desajeitadamente no piso do minúsculo recinto de vidro, pernas dobradas sob o corpo, braços erguidos, uma das mãos ainda agarrada ao telefone, esticando o fio. A cabeça estava jogada para trás e sangue jorrava da parte posterior do crânio. Spaulding olhou para as paredes da cabina. Do lado da rua havia três orifícios nítidos no vidro rodeados de rachaduras.

Ouviu os assobios agudos da polícia e abriu caminho na multidão. Chegando à grade de ferro que rodeava a Casa Rosada, dobrou para a direita e pôs-se a caminhar rapidamente para o lado sul.

Chegou ao portão da frente.

O Packard estava estacionado diante da entrada, motor ligado. Um homem do porte de David aproximou-se quando ele fazia menção de entrar no automóvel.

—Coronel Spaulding?

—Sim?

—Quer se apressar, por favor?

O homem abriu a porta e David entrou rapidamente. Heinrich Stoltz cumprimentou-o.

—Deu um grande passeio. Sente-se. O percurso será repousante.
—Não agora. — David apontou para o painel sob o pára-brisa fronteiro.. — Pode comunicar-se com Rhinemann com isso? Neste momento?
—Estamos em permanente contato. Por quê?
—Ligue para ele. Seu homem acaba de ser baleado.
—Nosso homem?
—O que me seguia. Foi baleado numa cabina telefônica.
—Não era elemento nosso, coronel. E fomos nós que o matamos
—disse Stoltz, tranqüilamente.
—*O quê?*
—O homem era nosso conhecido. É um assassino contratado, do Rio de Janeiro. O alvo era você.

A explicação de Stoltz foi sucinta. Havia localizado o assassino momentos após David sair do apartamento. Era um corso, deportado de Marselha antes da guerra; um pistoleiro da Unio Corso que havia assassinado um prefeito a mais, sob as ordens dos contrabandistas do sul da França.

—Não podíamos nos arriscar quando se tratava do americano que possui os códigos. Um silenciador em tráfego intenso é bastante adequado, há de concordar.

—Não creio que estivesse tentando me matar — disse Spaulding

—Vocês agiram com precipitação.

—Então, estava esperando que você se encontrasse conosco. Perdão, mas não poderíamos permitir isso, concorda?

—Não. Eu o teria dominado. — David recostou-se no banco, levando a mão à testa, cansado e aborrecido. — Eu ia abordá-lo. Agora, ambos perdemos.

Stoltz fixou David e depois falou, cautelosamente; uma pergunta:

—O mesmo? Você está cismado.

—Você, não? Ainda acha que a Gestapo não se encontra em Buenos Aires?

— *Impossível!* — Stoltz murmurou as palavras entre dentes, com intensidade.

— Foi o que disse o nosso amigo mútuo sobre os seus homens, ontem à noite... Não sei do que se trata, mas soube que estão mortos. Então, impossível por quê?

— A Gestapo *não pode* estar envolvida nisto. Soubemos nos mais altos escalões.

— Rhinemann é judeu, não é?

David observou Stoltz enquanto fazia a inesperada pergunta. O alemão voltou-se para fitá-lo também. Havia um laivo de embaraço na sua expressão.

— Ele não pratica religião alguma. A mãe era judia... Francamente, isto não importa. As teorias raciais de Rosenberg e Hitler não são partilhadas inequivocamente: atribui-se a elas demasiada importância... trata-se — ou tratava-se — primordialmente de uma questão econômica. Distribuição de controles, descentralização de hierarquias financeiras... Um tópico desagradável.

David estava a ponto de replicar às evasivas do diplomata, quando resolveu calar-se... Por que Stoltz acharia necessário tentar uma racionalização que fosse? Oferecer uma frágil explicação que ele próprio sabia desprovida de lógica?

Heinrich Stoltz era leal — supunha-se — a Rhinemann, não ao Terceiro Reich.

Spaulding desviou a vista e nada disse. Estava francamente confuso, mas não era o momento de trair sua confusão. Stoltz prosseguiu:

—É uma pergunta estranha. Por que a fez?

—Um boato... Ouvi-o na Embaixada. — Isso era verdade, pensou David. — Depreendi que a comunidade judaica de Buenos Aires era hostil a Rhinemann.

—Mera especulação. Os judeus são judeus em toda parte. Conservam-se afastados, têm pouco contato com os de fora. Talvez o gueto seja menos nítido, mas está presente. Não têm argumento contra Rhinemann. Não há contato, na verdade.

—Vou riscar uma especulação — disse Spaulding.

—Há outra. Seus compatriotas.

David voltou-se lentamente para o alemão.

— É uma boa sugestão. Como foi que você chegou a ela?

— A aquisição dos planos está sendo realizada por uma grande corporação de construção aérea. Há cinco ou seis grandes companhias competindo pelos infindáveis contratos com o governo. Quem quer que possua os planos do giroscópio terá uma poderosa — eu diria até irresistível — alavanca. Todos os outros sistemas de orientação se tornarão obsoletos.

— Está falando sério?

— Certamente. Discutimos a situação em profundidade e estamos quase convictos de que é a resposta lógica. — Stoltz desviou a vista, fixando a rua em frente. — Não há outra. Os que estão tentando nos deter são americanos.

35

O Packard verde descrevia ziguezagues pelas ruas de Buenos Aires. O trajeto fora planejado a esmo e Spaulding o reconhecia pelo que era na verdade; uma verificação de segurança extremamente minuciosa. À intervalos, o motorista tomava o microfone oculto debaixo do painel e recitava uma série de números pré-combinados. A resposta, entre estalos de estática, repetia os números e o Packard fazia outra volta aparentemente inútil. Por diversas vezes, David avistou veículos correspondendo às verificações visuais, Rhinemann empregara um mínimo de cinco automóveis.

Após três quartos de hora, era certo, sem sombra de dúvida, que o trajeto para San Telmo estava desimpedido. O motorista falou a Stoltz:

—Estamos livres. Os outros tomarão posição.

—Prossiga — ordenou Stoltz.

Rumaram para noroeste. O Packard acelerou em direção a San Telmo. David sabia que pelo menos três outros carros estavam no seu encalço, talvez dois à frente. Rhinemann estabelecera sua própria coluna de transporte e isso significava que os planos do giroscópio se encontravam num dos automóveis.

—Trouxe a mercadoria? — perguntou a Stoltz.

—Parte — respondeu o adido, inclinando-se para a frente e comprimindo um ponto da forração de feltro do banco dianteiro. Uma dobradiça saltou. Stoltz estendeu a mão e puxou uma bandeja que se encontrava debaixo do banco. No interior da gaveta oculta havia uma caixa de metal semelhante às usadas em bibliotecas para proteger manuscritos raros contra um eventual incêndio. O alemão tomou-a e, colocando-a no colo, empurrou a gaveta com o pé.

— Chegaremos dentro de minutos — falou.

O Packard estacionou junto ao meio-fio, diante da casa de estuque branco de San Telmo. Spaulding estendeu a mão para a porta, mas Stoltz tocou-lhe o braço e meneou a cabeça. David recuou a mão, compreendendo.

Cerca de 25 metros adiante, um dos automóveis da vigilância havia estacionado também e dele saltaram dois homens. Um deles carregava uma fina caixa metálica e o outro, uma caixa de couro oblonga — um rádio. Os dois dirigiram-se ao Packard.

David não precisava olhar pela janela traseira para saber o que estava acontecendo à retaguarda, mas, para confirmar, espiou para trás. Outro automóvel havia estacionado e

dois homens aproximavam-se pela calçada. Um deles, é claro, carregava uma caixa e o segundo, um rádio forrado de couro.

Os quatro encontraram-se junto à porta do Packard. Stoltz fez um gesto de cabeça a Spaulding, saltou e rodeou o veículo, reunindo-se ao contingente de Rhinemann. David fazia menção de percorrer a curta distância até a porta da frente quando Stoltz falou, através da janela do automóvel:

— Espere, por favor. Nossos homens ainda não estão em posição. Eles avisarão.

Ouviu-se estática no rádio sob o painel do Packard, seguida da enunciação de uma série de números. O motorista tomou o microfone e repetiu-a.

Heinrich Stoltz fez um gesto de cabeça e David dirigiu-se à porta.

No interior, dois dos homens de Rhinemann encontravam-se no *hall*; outros dois percorreram o apartamento até a cozinha e uma porta traseira que se abria para uma pequena área aos fundos. Stoltz acompanhou David ao *living*, onde Eugene Lyons se encontrava sentado a uma grande mesa vazia, à exceção de dois blocos de notas e meia dúzia de lápis.

Os enfermeiros, Johnny e Hall, aceitaram as secas ordens de Spaulding, colocando-se em cantos opostos da sala, diante de um sofá, em mangas de camisa, as pistolas presas a coldres de ombro realçadas pelo branco do tecido.

Stoltz tomara de um dos homens a caixa metálica, dizendo a David que pegasse a outra. Juntos, colocaram-nas na grande mesa e o alemão abriu as fechaduras. Lyons não fez qualquer esforço para cumprimentar os visitantes — os intrusos —, e de Stoltz partiu a mais seca das saudações. Tudo indicava que Kendall havia descrito os problemas do cientista e o diplomata alemão portava-se de acordo.

Stoltz colocou-se junto à mesa, diante de Lyons.

— A contar da esquerda, os planos estão em ordem de seqüência. Preparamos chaves bilíngües ligadas a cada um dos esquemas e, sempre que haja uma descrição dos processos esta foi traduzida palavra por palavra, utilizando-se a fórmula correspondente em inglês ou símbolos adotados internacionalmente; com freqüência, ambos... Não longe daqui e em local de fácil contato pelo rádio do automóvel, encontra-se um físico aeronáutico de Peenemünde, à disposição para qualquer, consulta... Finalmente, deve compreender que não se pode tirar foto alguma.

Eugene Lyons tomou um lápis, escreveu num dos blocos, arrancou a página e entregou-a a Spaulding.

"De quanto tempo disponho? Os planos estão completos?" David entregou o bilhete a Stoltz, que respondeu:

— O tempo que precisar, *herr doktor*... Há uma última caixa que será entregue mais tarde.

— Dentro de 24 horas — interrompeu Spaulding. — Insisto.

— Quando recebermos confirmação de que os códigos chegaram a Washington.

— A mensagem se encontra neste momento na Embaixada, sem dúvida. — David consultou o relógio. — Tenho certeza.

— Já que o diz eu acredito — falou Stoltz. — Seria inútil mentir. Só sairá da Argentina quando nós recebermos a confirmação da Suíça.

Spaulding não conseguiu definir por que, mas havia algo de interrogativo na afirmativa do alemão, uma interrogação que não cabia na frase. E começou a pensar que Stoltz estava muito mais nervoso do que gostaria que os outros percebessem.

— Confirmarei os códigos quando sairmos... Aliás, insisto também em que os planos permaneçam aqui, exatamente como o Dr. Lyons os verificou.

— Antecipamos o seu... pedido. Vocês, americanos, são tão desconfiados. Dois dos meus homens permanecerão também. Outros ficarão lá fora.

— É um desperdício de pessoal. De que servem três quartos da mercadoria?

—Três quartos é mais do que vocês possuem — replicou o alemão.

-Às duas horas e meia seguintes foram marcadas pelos rabiscos do lápis de Lyons, a estática incessante dos rádios do vestíbulo e cozinha, dos quais emergia a incessante e irritante recitação de números; pelo andar de Heinrich Stoltz, olhos constantemente pousados nas anotações do exausto Lyons, verificando se o cientista não tentava guardar algo no bolso; os bocejos do enfermeiro Hal e os olhares hostis do seu silencioso companheiro, Johnny.

Às 22:30, Lyons levantou-se, colocou a pilha de notas à esquerda e escreveu num bloco, arrancando a página e entregando-a a David:

"Até agora, autêntico. Não há perguntas".

David entregou o bilhete ao ansioso Stoltz.

— Ótimo — disse o alemão. — Agora, coronel, por favor, explique aos companheiros do professor que será necessário entregarem as armas. Elas serão devolvidas, naturalmente.

David falou a Johnny:

— Está certo. Coloquem-nas na mesa.

— Quem diz que está certo? — replicou Johnny, encostando-se à parede, sem o menor sinal de que pretendia obedecer.

— Eu — respondeu Spaulding. — Nada acontecerá.

— Esses miseráveis são nazistas! Quer que nos coloquem vendas também?

— São alemães, não nazistas.

—Merda! — Johnny desencostou-se da parede e postou-se muito erecto. — Não gosto do jeito deles falarem.

—Escute — disse David, aproximando-se. — Muita gente arriscou a vida para que isto se realizasse. Por motivos diversos. Talvez você não goste deles, assim como eu não gosto, mas não podemos estragar tudo agora. Por favor, faça o que eu digo.

Johnny fitou Spaulding, zangado.

— Espero que saiba o que está fazendo...

Ele e o companheiro depuseram as armas.

— Obrigado, senhores — disse Stoltz, saindo para o *hall*, onde falou em voz baixa, em alemão, com os dois guardas. O homem do rádio atravessou rapidamente a sala, em direção à cozinha; o outro recolheu as duas armas, colocando uma no cinto e a segunda no bolso do casaco. Em seguida voltou ao *hall*, sem uma palavra.

Spaulding dirigiu-se à mesa, acompanhado de Stoltz. Lyons recolocara os planos nos envelopes pardos, que eram três.

—Detesto pensar na quantia que o nosso amigo mútuo está recebendo por isto — falou David.

— Vocês não pagariam, se não valesse a pena.

— Suponho que não... Não vejo razão para deixar de colocá-los numa só caixa, junto com as anotações. — Spaulding fitou Lyons, que se achava imóvel no extremo da mesa. — Está certo assim, doutor?

Lyons fez que sim, olhos tristes, semicerrados, palidez acentuada.

— Como quiser — falou Stoltz.

Tomando os envelopes e as anotações, colocou-os na primeira caixa, trancou-a, fechou as outras duas e colocou-as sobre a primeira, como se estivesse realizando um ritual religioso diante de um altar. Spaulding aproximou-se dos homens que estavam à janela.

— Vocês tiveram um dia difícil. O Dr. Lyons, também. Vão se deitar e deixem que nossos hóspedes montem guarda. Creio que estão de serão.

Hal sorriu. Johnny, não.

— Boa noite, doutor. Foi um privilégio conhecer um cientista tão eminente.

Do outro lado da sala, Stoltz falou em tom diplomático, fazendo a sua ligeira inclinação.

O guarda com o rádio saiu da cozinha e fez um sinal de cabeça ao adido alemão. Os dois saíram juntos. Spaulding sorriu para Lyons.

O cientista voltou-se sem tomar conhecimento do sorriso e entrou em seu quarto, à direita da cozinha.

Na calçada, Stoltz segurou a porta do carro para David entrar.

— Um homem muito estranho, o Dr. Lyons — observou quando Spaulding entrou no Packard.

— É possível, mas é um dos melhores na sua especialidade... Peça ao seu motorista para parar num telefone público. Quero falar com a sala de rádio da Embaixada. Terá a sua confirmação.

— Excelente idéia... Depois, talvez queira jantar comigo? David fitou o adido instalado no banco com tanta segurança e

um meio sorriso de zombaria. O nervosismo de Stoltz havia desaparecido.

— Não, *Herr Botschaftssekretär*. Tenho outro compromisso.

— Com a encantadora Sra. Cameron, sem dúvida.

— Compreendo.

Spaulding não respondeu, olhando pela janela.

Terraza Verde era um lugar tranqüilo. As lâmpadas da rua lançavam luz suave nas calçadas calmas e escuras. As árvores aparadas diante das casas pitorescas destacavam-se contra tijolos e pedra em tonalidades claras. Nas janelas ornadas de floreiras, as lâmpadas amareladas de salões e quartos brilhavam, convidativas. Um homem de terno, jornal debaixo do braço subiu uma escadinha tirando a chave do bolso; um jovem casal ria baixinho, apoiado numa cerca de ferro batido. Uma garotinha, levando um *cocker spaniel* pela coleira, saltava na calçada e o cão saltava com ela, acompanhando-lhe o passo.

Terraza Verde era um lugar encantador para se morar. E David pensou rapidamente em outro bairro que vira naquele dia, onde velhos cheiravam a podridão e urina; onde uma prostituta desdentada debruçava-se num peitoril sujo; onde havia intestinos de gatos e vidraças cobertas de sujeira. E onde em dois imensos armazéns que não proporcionavam trabalho, via-se uma traineira ancorada, recentemente destinada a Tortugas.

O Packard dobrou a esquina, entrando em outra rua. Ali, havia mais iluminação, menos árvores, mas o local parecia-se muito com Terraza Verde. Lembrou a David uma daquelas ruas afastadas de Lisboa que conduziam aos ricos caminhos, pontilhados de lojas dispendiosas, ao alcance dos abastados moradores, poucos metros adiante.

Ali também havia lojas com vitrinas sutilmente iluminadas, artigos dispostos com gosto.

Mais um quarteirão. O Packard diminuiu a velocidade no cruzamento e atravessou. Mais lojas, menos árvores, mais cães — estes, conduzidos quase sempre por empregadas. Um grupo de adolescentes rodeava um carro esporte italiano.

E então David avistou o sobretudo. A princípio era apenas um sobretudo, um sobretudo cinza-claro, numa porta.

Um sobretudo cinza-claro. Numa entrada profunda.

O homem era alto e magro. Um homem alto, magro, num sobretudo cinza-claro. Numa entrada!

Meu Deus! pensou David. *O homem da Fifty-second Street!*

O homem estava de perfil, observando uma vitrina mal iluminada. Spaulding não podia vê-lo, mas imaginava os olhos escuros, vazios. Ouvia o inglês incorreto de algum ponto dos Bálcãs, via o desespero no olhar do homem:

Não haverá negociações com Altmüller.. . Aprenda com a lição de Fairfax!

Precisava saltar do Packard. Depressa!

Tinha que voltar a Terraza Verde. Sem Stoltz. *Precisava!*

— Há um café no próximo quarteirão — disse Spaulding apontando para um toldo laranja, sob o qual se viam luzes e que se estendia sobre a calçada. — Pare ali. Vou ligar para a Embaixada.

— Parece ansioso, coronel. Isso pode esperar. Eu acredito em você.

Spaulding voltou-se para o alemão.

— Quer que eu seja claro? Está bem, serei. Não gosto de você, Stoltz. E não gosto de Rhinemann. Não gosto de homens que gritam ordens e mandam me seguir... Estou comprando de vocês, mas não sou obrigado a me associar. Não quero jantar e não quero andar no seu automóvel, uma vez terminadas as negociações. Fui claro?

— Foi, embora pouco civilizado. É ingrato, caso não se importe que o diga. Salvamos sua vida, esta noite.

— É a sua opinião, não a minha. Deixe-me saltar; eu telefonarei e trarei a confirmação... Conforme disse, é inútil mentir. Siga o seu caminho, que eu tomarei um táxi.

Stoltz deu instruções ao motorista para estacionar diante do toldo laranja.

— Faça como quiser. E, caso seus planos incluam o Dr. Lyons, saiba que temos homens naquela área. As ordens são severas. Os planos continuarão onde se encontram.

— Não vou pagar por três quartos da mercadoria, encontre o que encontrar em casa. E não tenho intenção de me envolver com aquela falange de robôs.

O Packard parou junto ao toldo. Spaulding abriu rápido a porta, batendo-a, irado. Dirigindo-se à entrada iluminada, perguntou onde ficava o telefone.

— O embaixador vem tentando se comunicar com o senhor na última meia hora — falou o telefonista noturno. — Disse que é urgente. Devo dar-lhe um número de telefone.

O telefonista recitou os algarismos.

— Obrigado — disse David. — Agora, ligue-me para o Sr. Ballard, em Comunicações, por favor.

— Saloon O'Leary — disse a voz desinteressada de Bobby Ballard.

— Você é engraçado. Vou rir na próxima terça-feira.

— O telefonista disse que era você. Sabe que Granville tem tentado se comunicar com você?

— Sei. Onde está Jean?

— No quarto dela, sofrendo, conforme você ordenou.

— Recebeu notícias de D.C.?

— Tudo certinho. Chegou há umas duas horas. Os códigos estão aprovados. Como vão os planos?

— As instruções — três quartos delas — estão na caixa. Mas há excesso de jogadores.

— Terraza Verde?

— Pelas imediações.

— Devo enviar alguns vigilantes de *playground* da FMF?

— Creio que me sentirei melhor — disse Spaulding. — Diga a eles que circulem, nada mais. Eu os verei e gritarei, se for preciso.

— Levarão uma meia hora da base até lá.

— Obrigado. Nada de aparato, Bobby, por favor.

— Ficarão tão silenciosos que ninguém saberá senão nós, Os Munchkins. Tenha cuidado. Spaulding desligou, tentado a inserir outra moeda e ligar para Granville... Não havia tempo. Deixando a cabina, saiu do restaurante e dirigiu-se ao Packard. Stoltz estava à janela e David notou que uma sombra do antigo nervosismo voltara.

— Está confirmado. Entregue o resto da mercadoria e goze o seu dinheiro... Não sei de onde você vem, Stoltz, mas descobrirei e marcarei no mapa para ser bombardeado. Direi à Oitava Força Aérea que batize o reide com o seu nome.

Stoltz parecia aliviado com o mau humor de David — exatamente o que este esperava.

— O homem de Lisboa é complicado. Suponho que isso seja correto numa missão complicada... Telefonaremos para você ao meio-dia. — Stoltz voltou-se para o chofer. — *Los, abfahren, machen Sie schnell!*

O Packard verde saiu veloz, rua afora. Spaulding aguardou sob o toldo para verificar se ele faria algum desvio, pois neste caso voltaria ao café para esperar.

Não voltou, mantendo o rumo. David esperou até que os faróis traseiros se transformassem em infinitesimais pontos vermelhos e depois regressou caminhando o mais rápido possível, sem chamar atenção, para Terraza Verde.

Alcançou o pequeno quarteirão onde vira o homem de sobretudo cinza-claro e parou. Suas preocupação o levava a apressar-se; o instinto forçava-o a esperar, olhar, mover-se com cautela.

O homem já não se encontrava no quarteirão; desaparecera. David caminhou no sentido inverso até o final da calçada, dobrou à esquerda e correu rua afora até a esquina seguinte, dobrando novamente à esquerda, agora diminuindo o passo, assumindo um ar despreocupado. Gostaria de conhecer melhor o bairro, os prédios por detrás da casa de Ljons. Outros conheciam, outros encontravam-se escondidos em escuros recessos que ele ignorava.

Os guardas de Rhinemann. O homem do sobretudo cinza-claro. Quantos haveria com ele? Aproximando-se de Terraza Verde, atravessou a rua em diagonal longe da casa de estuque branco. Mantendo-se o mais possível afastado dos círculos de luz, seguiu até a rua por detrás da fileira de casas de Terraza Verde. Era, naturalmente, um quarteirão contornado por outras casas acolhedoras, pitorescas, tranqüilas. Spaulding consultou a placa vertical: "Terraza Amarilla"

San Telmo era voltado para si mesmo.

Permaneceu no extremo da esquina, sob uma árvore esculpida e espiou em direção à parte da rua adjacente onde julgava se encontrar a casa de Lyons. Mal podia distinguir o telhado inclinado, mas viu o bastante para localizar a construção que ficava atrás, a cerca de 70 metros.

Viu também o automóvel de Rhinemann, um dos que avistara durante o longo percurso de verificação a partir da Casa Rosada. Estava estacionado diante de uma residência de tijolos claros, com um grande portão de cada lado. David calculou que os portões se abrissem para alamedas de pedra, conduzindo a uma parede ou muro que separava o pátio dos fundos da casa de Lyons da entrada traseira da residência de tijolos. Devia ser algo assim; os guardas de Rhinemann estavam postados em local que lhes possibilitaria divisar quem quer que emergisse daqueles portões.

E então se lembrou dos estalidos da estática dos rádios no *hall* e na cozinha e da incessante repetição de números em alemão. Os que carregavam os rádios estavam armados. Enfiando a mão sob o casaco, empunhou a Beretta. Sabia que o tambor estava completo. Destravou a arma, enfiou-a no cinto e atravessou a rua, em direção ao automóvel.

Antes que chegasse à esquina oposta, ouviu um carro aproximar-se pela retaguarda. Não teve tempo para correr nem para tomar uma decisão, boa ou má. Levou a mão ao cinto e tentou assumir uma atitude indiferente.

Quando ouviu a voz, ficou abismado.

— Entre, seu maldito idiota!

Leslie Hawkwood encontrava-se à direção de um pequeno cupê Renault e estendia a mão para destravar a porta. David segurou-a, a atenção dividida entre o choque e a preocupação com o guarda — ou guardas — de Rhinemann, a uns 50 metros, que poderia ouvir ruídos. Havia menos de uma dúzia de pedestres na área dos dois quarteirões. Os homens de Rhinemann certamente estariam alertas.

Saltou no Renault e com a mão esquerda agarrou a perna direita de Leslie acima do joelho, pressionando os nervos. Em voz baixa, mas de inconfundível intensidade, ordenou:

— Recue este carro o mais silenciosamente possível e vire à esquerda naquela rua.

— Largue-me! Lar. . .

— Faça o que eu digo ou quebrarei sua rótula!

O Renault era pequeno, não foi preciso marcha à ré. Leslie girou a direção e o carro descreveu uma curva estreita.

— Devagar! — ordenou Spaulding, olhos no automóvel de Rhinemann. Notou que uma cabeça se voltava — duas cabeças. E então desapareceram de vista.

David libertou a perna da moça e ela a ergueu, dobrando os ombros sob a agonia da dor. Spaulding agarrou então a direção e colocou a mudança no ponto morto. O carro parou na metade do quarteirão, junto ao meio-fio.

— Seu miserável! Quebrou minha perna!

Os olhos de Leslie estavam cheios de lágrimas, não de tristeza, mas de dor. Achava-se à beira de um acesso de fúria, mas não gritou, o que revelou a David algo sobre ela própria que ele ignorava.

— Quebrarei mais que uma perna, se não me disser o que está fazendo aqui! Quantos mais vieram? Eu vi um: quantos?

Ela ergueu bruscamente a cabeça, jogando para trás os longos cabelos, olhar desafiador.

— Pensou que não poderíamos encontrá-lo?

— Quem?

— O seu cientista, esse Lyons! Nós o encontramos!

— Leslie, pelo amor de Deus, que é que você pretende?

— Detê-lo!

— A mim?

— A você, Altmüller, Rhinemann, Koenig! Aqueles porcos de Washington...

Peenemünde! Está tudo acabado. Não confiarão mais em você. "Tortugas" está liquidado!

De novo o nome sem face — Altmüller. Tortugas. . . Koenig? Palavras, nomes. . . uns com sentido, outros não. O túnel estava às escuras.

Não havia tempo!

Spaulding estendeu o braço e puxou a garota para junto dele. Agarrando-lhe os cabelos acima da testa, puxou-os com força; com a outra mão, rodeou-lhe o pescoço logo abaixo da mandíbula, fazendo pressão em movimentos rápidos, duros, cada qual mais forte que o anterior.

Tanta coisa estranha.

— Já que quer jogar, jogue até o fim! Agora, diga: que está acontecendo? *Neste momento?*

Ela tentou debater-se, golpeando-o com os braços, dando-lhe pontapés, mas cada vez que se movia os dedos mergulhavam mais na sua garganta. Os Olhos arregalaram-se, tornando redondas as órbitas. Ele tornou a falar:

— Diga, Leslie! Terei que matá-la, se você não falar. Não tenho opção! Não agora. . . Pelo amor de Deus, não me obrigue!

Ela descaiu, corpo flácido, mas não estava inconsciente. A cabeça movimentou-se para cima e para baixo e ela emitiu gemidos profundos. Libertando-a, David segurou-lhe gentilmente o rosto. Ela abriu os olhos.

— Não me toque! Oh, meu Deus, não me toque! — Mal conseguia articular, muito menos gritar. — Nós vamos entrar. Matar o cientista. Matar os homens de Rhinemann. . .

Antes que ela terminasse, Spaulding cerrou o punho e aplicou-lhe um soco duro e curto na parte lateral do queixo. Ela tombou, inconsciente.

Ouvira o bastante. Não havia tempo a perder.

Deitou-a no pequeno banco da frente, removendo as chaves do carro. Procurou a bolsa; não a encontrou. Abriu a porta, fechou-a com firmeza e olhou de um lado para o outro da rua. Havia dois casais mais adiante; um carro estacionado na esquina; uma janela aberta no segundo andar de um prédio do outro lado da rua, de onde emergia música.

Fora isso, San Telmo estava em paz.

Spaulding correu até poucos metros de Terraza Amarilla, deteve-se e seguiu cautelosamente ao longo da grade de ferro que rodeava a esquina, praguejando contra a claridade do lampião. Olhou através da grade para o carro de Rhinemann, a menos de 50 metros, e tentou focalizar no banco da frente as duas cabeças que ele vira movimentando-se, minutos atrás. Não havia agitação nem brilho de cigarros nem movimento de ombros.

Nada.

Contudo, havia uma interrupção na silhueta da janela esquerda; uma obstrução que ocupava a parte inferior da vidraça.

David rodeou a grade e caminhou lentamente em direção ao automóvel, a mão sobre a Beretta, o dedo firme no gatilho. *Trinta e cinco metros, trinta, vinte e cinco.*

A sombra na janela não se moveu.

Vinte, quinze... Tirando a pistola do cinto, preparou-se para disparar. Nada.

Via claramente, agora. A sombra era uma cabeça encostada à vidraça — não em repouso, mas com o pescoço torcido, imóvel. Morta.

Correu pela rua até o carro e abaixou-se, a Beretta ao nível dos ombros. Não havia ruído nem qualquer movimento dentro do veículo.

O quarteirão estava deserto. Os únicos ruídos eram abafados, vindos de uma centena de janelas iluminadas. Ouviu-se uma tranca fechada, a distância; um cão pequeno ladrou; um bebê chorou ao longe.

David levantou-se e espiou pela janela traseira do automóvel.

Viu então a silhueta do segundo -homem caído sobre o encosto do banco dianteiro. A luz da rua iluminava a parte superior das costas e os ombros. Todo o recinto era um mar de sangue e tecido rasgado.

Spaulding rodeou o veículo até a porta da frente. A janela estava aberta e a cena era repulsiva. O homem ao volante recebera um tiro na cabeça e seu companheiro fora esfaqueado repetidamente.

A caixa oblonga do rádio fora despedaçada e se encontrava no chão, sob o painel.

Devia ter acontecido nos últimos cinco ou seis minutos, pensou David. Leslie Hawkwood correria no Renault para interceptá-lo no momento preciso em que os homens, com silenciadores e facas de lâminas longas, avançavam contra os guardas de Rhinemann.

Terminada a matança, os assassinos deviam ter atravessado a rua e entrado pelo portão da casa de Lyons, correndo, sem pensar em se esconder ou camuflar, sabendo que os rádios estavam em contato permanente com os de Terraza Verde, 15.

Spaulding abriu a porta do carro, levantou a vidraça e retirou o corpo sem vida do encosto, fechando a porta em seguida; os cadáveres eram visíveis, porém menos que antes. Não era momento para alarma na rua, caso pudesse ser evitado.

Olhou para os portões da casa de tijolos, do outro lado da rua. O da esquerda estava ligeiramente entreaberto.

Correndo para lá, entrou sem tocar em coisa alguma, a arma junto ao corpo, apontando para a frente. O portão se abria para uma passagem cimentada que se prolongava por toda a extensão da casa até uma espécie de pátio em miniatura, rodeado por um alto muro de tijolos.

Caminhando silenciosamente, aproximou-se rápido da alameda aberta. O pátio era uma combinação de caminhos de pedra, extensões de grama e pequenos canteiros de flores. Estátuas de alabastro brilhavam no luar. Trepadeiras galgavam o muro de tijolos.

Calculou a altura do muro: dois metros, talvez um pouco mais. Espessura: 20,30 centímetros — o padrão. Construção: nova, feita nos últimos anos, forte. Era a construção o que mais p, preocupava. Em 1942, galgara um muro de três metros em San Sebastian, que desmoronara sob seu peso. Um mês depois, foi divertido; na ocasião, quase lhe causara a morte.

Recolocou a Beretta no coldre do ombro, travando-a e guardando-a com atenção. Inclinando-se, esfregou as mãos na terra seca às bordas do cimento, que absorveu todo o suor que pudessem conter. Levantou-se e correu para o muro de tijolos.

Saltou. No alto, imobilizou-se, deitado, silencioso, as mãos agarrando as bordas, o corpo imóvel, integrado à pedra. Permaneceu quieto, o rosto voltado para o terraço de Lyons, aguardando vários segundos. A porta dos fundos do apartamento estava fechada. Não havia luzes na cozinha; as venezianas tinham sido baixadas na janela. Do interior não vinha ruído algum.

Deslizou do muro, sacou a arma e correu para o lado da porta da cozinha, costas pressionando o estuque branco. Para sua surpresa, notou que a porta não estava fechada e então viu por quê. Na base, quase invisível na escuridão interior, via-se parte de uma mão. Esta segurava a moldura e fora comprimida contra a madeira. Os dedos eram os de um homem morto.

Spaulding estendeu o braço e empurrou a porta um centímetro, mais outro. Madeira contra peso morto; sentiu o cotovelo doer, da pressão.

Três, quatro, cinco centímetros. Um palmo.

Ouviu então vozes indistintas, leves, masculinas, excitadas.

Entrou rapidamente e empurrou a porta com violência — o mais silenciosamente possível— contra o corpo tombado que agia como ura imenso peso morto de encontro à moldura. Saltando sobre o guarda de Rhinemann, notou que o rádio oblongo fora arrancado de sua caixa de couro e despedaçado no chão. Fechou a porta, silenciosamente.

As vozes vinham da sala. Aproximou-se colado à parede, a Beretta erguida, destravada, pronta para atirar.

Uma despensa aberta do lado oposto da cozinha captou-lhe o olhar. A janela única, de vidro colorido, era engastada no alto da parede, criando uma estranha réstia de luar colorido. No chão, via-se o segundo guarda. Impossível descobrir o método da morte. O corpo estava arqueado para trás. Provavelmente, fora morto por uma bala de pequeno calibre, com silenciador. Devia ter sido muito tranquilo. David sentiu a transpiração escorrer-lhe da testa para o pescoço.

Quantos seriam? Havia imobilizado uma guarnição.

Não deveria enfrentar tal risco.

Contudo, sentia um estranho compromisso em relação a Lyons. Considerava-se bastante responsável naquele momento. Não ousava pensar adiante.

E era competente. Não podia, não deveria jamais esquecer. Era o melhor no seu campo.

Se é que importava a alguém.

Tanta coisa estranha!

Comprimiu o rosto contra a moldura do arco e o que viu deixou-o enojado. A repulsa talvez fosse maior por causa do ambiente: um apartamento bem decorado, com poltronas, sofás e mesas destinadas a pessoas civilizadas, dedicadas a tarefas civilizadas.

Não à morte.

Os dois enfermeiros — o hostil Johnny e o afável e denso Hal — estavam estendidos no chão, braços entrelaçados, cabeças a centímetros uma da outra. O sangue dos dois formava uma poça no chão. Os olhos de Johnny estavam arregalados, raivosos, mortos. A fisionomia de Hal, composta, interrogativa, em repouso. Atrás deles, os dois outros guardas de Rhinemarin, corpos sobre o sofá, abatidos como gado.

Espero que saiba o que está fazendo!

As palavras de Johnny vibravam penosamente — aos gritos — no cérebro de David.

Havia três outros homens na sala — de pé, vivos, com as mesmas máscaras grotescas usadas pelos passageiros do Duesenberg que haviam interrompido os poucos instantes a sós com Leslie Hawkwood, no alto das colinas de Lujan.

O Duesenberg que explodira em chamas nas Colinas Rojas.

Os homens estavam de pé — nenhum deles empunhava arma —, inclinados sobre a figura abatida de Eugene Lyons, sentado graciosamente, sem medo, diante da mesa. O olhar do cientista dizia a verdade, conforme a interpretava Spaulding: aceitava a morte.

— Veja o que o rodeia! — Era o homem de sobretudo cinza-claro quem falava. — Não hesitaremos! Você já está morto!... Entregue-nos os planos!

Jesus Cristo! pensou David. Lyons havia escondido os planos!

— Não adianta se negar, acredite — prosseguiu o homem do sobretudo, com as profundas olheiras que Spaulding tão bem recordava.

— Talvez seja poupado, mas somente se nos disser! Agora!

Lyons não se moveu, fixando o homem do sobretudo sem movimentar a cabeça, olhos tranqüilos. Olhos que tocaram os de David.

— Escreva! — disse o homem do sobretudo cinzento. Era o momento de agir.

David ultrapassou o arco, a pistola apontada.

— Não toquem nas armas! *Você!* — gritou para o homem mais próximo. Volte-se!

Em choque, sem pensar, o homem obedeceu. Spaulding deu dois passos e desceu a coronha da Beretta sobre a cabeça do mascarado, que caiu imediatamente.

David gritou para o que se encontrava junto ao de sobretudo cinzento:

— Apanhe aquela cadeira! *Agora!* — E gesticulou com a pistola em direção a uma cadeira de encosto reto que estava a alguns metros da mesa. — *Agora*, eu disse!

O homem estendeu os braços e ficou imobilizado. Spaulding prosseguiu:

— Se deixá-la cair eu o mato... Dr. Lyons, tire as armas deles. Encontrará pistolas e facas. Rápido, por favor.

Tudo acontecera depressa demais. David sabia que sua única esperança de evitar tiroteio era a rapidez da ação, a veloz imobilização de um ou dois homens, uma reversão instantânea da situação.

Lyons levantou-se e dirigiu-se primeiro ao do sobretudo claro. Ficou evidente que o cientista observara onde ele guardara a pistola. Tirou-a do bolso do sobretudo. Passando ao homem que segurava a cadeira, retirou arma idêntica; depois, revistou-o, encontrando uma grande faca no bolso e um segundo revólver curto no coldre do ombro. Colocando as armas num canto da mesa, dirigiu-se ao terceiro, que estava inconsciente. Rolando o corpo, removeu duas pistolas e uma faca de mola.

— Tirem os casacos. *Agora!* — ordenou Spaulding aos homens.

Tomando a cadeira do que se encontrava perto dele, empurrou-o em direção aos companheiros. Os três começaram a despir os casacos, quando de repente Spaulding falou, antes que completassem o gesto:

— Parem!... Doutor, por favor, traga duas cadeiras e coloque-as atrás deles.

Lyons obedeceu.

— Sentem-se — ordenou Spaulding aos cativos.

Sentaram-se, casacos pela metade das costas, David aproximou-se e puxou-os mais um pouco, até os cotovelos..

Os dois homens de grotesca máscara de meia estavam sentados, braços imobilizados pelas próprias roupas.

Diante deles, Spaulding estendeu o braço e arrancou-lhes as máscaras. Recuando, apoiou-se à mesa de jantar, pistola em punho.

— Muito bem — falou. — Calculo que tenhamos uns 15 minutos antes que tudo isto aqui vá pelos ares. . . Quero fazer algumas perguntas. E vocês vão responder.

36

Spaulding escutou, incrédulo. A atrocidade da acusação era tão ampla que, em sentido bastante real, encontrava-se além da sua compreensão

O homem de olhos vazios era Asher Feld, comandante da Ala Provisional da Haganah, operando no interior dos Estados Unidos. Foi ele quem falou:

— A operação. . . a troca do sistema de orientação pelos diamantes industriais... recebeu dos americanos o nome de "Tortugas". De um americano, para ser exato. Ele decidira que a transferência seria feita nas Dry Tortugas, mas a proposta foi evidentemente rejeitada por Berlim. Contudo, foi conservada como código por esse homem. A associação ilusória harmonizava-se com seu próprio pânico, ao ver-se envolvido. Para ele e para Fairfax, passou a significar as atividades do homem de Lisboa.

"Quando a autorização do Departamento de Guerra foi entregue nos escritórios da companhia de Koening em Nova York — um requisito aliado —, o homem deu a essa autorização o nome de "Tortugas". Se alguém pretendesse averiguar, Tortugas seria uma operação de Fairfax. É não haveria perguntas.

"O conceito da negociação foi criado pelo Nachrichtendienst. Tenho certeza de que já ouviu falar no Nachrichtendienst, coronel. . .

David não respondeu. Não podia falar. Feld prosseguiu:

"Nós, da Haganah, soubemos em Genebra. Recebemos aviso de que haveria um estranho encontro entre um americano chamado Kendall — analista financeiro de uma grande companhia de aviação — e um homem de negócios alemão muito desprezado, um homossexual, enviado à Suíça por um administrador do Ministério de Armamentos, o Unterstaatssekretar Franz Altmüller... A Haganah está em toda parte, coronel, inclusive nos gabinetes do Ministério e na Luftwaffe. . .

David continuou a fixar o judeu, que fazia tão secamente aquela extraordinária, inacreditável narrativa.

"Creio que concordará em que tal encontro era fora do comum. Não foi difícil manobrar os dois mensageiros para uma situação que nos proporcionasse uma gravação. Foi um encontro num restaurante afastado e os dois eram amadores.

"Ficamos conhecendo os fatos básicos. O material e a localização geral. Mas não o ponto específico da transferência. E era este o fator primordial. Buenos Aires é imensa, seu porto mais ainda — estendendo-se por quilômetros e quilômetros. Onde, nesta vasta área de terra, montanhas e água, se realizaria a transferência?

"Então, chegou o aviso de Fairfax. O homem de Lisboa fora chamado. Uma ação muito estranha. Mas muito bem planejada. O maior especialista em redes de espionagem da Europa, falando fluentemente o alemão e o espanhol, um perito em planejamento. Muito lógico, não concorda?

David fez menção de falar, mas calou-se. O que ouvia disparava luzes na sua mente. Inacreditáveis trovões... tão inacreditáveis como as palavras que ouvia. Só podia anuir, entorpecido.

Feld observou-o, atento. Depois, falou:

"Em Nova York, expliquei, embora rapidamente, a sabotagem no aeroporto de Terceira. Fanáticos. O fato de que o homem de Lisboa pudesse fazer parte da troca foi demais para os judeus espanhóis de sangue quente. Ninguém se sentiu mais aliviado que nós, da Ala Provisional, quando você escapou. Supúnhamos que sua passagem por Nova York tivesse por finalidade retocar a logística de Buenos Aires e agimos de acordo.

"E então, de repente, não houve mais tempo. Relatórios de Joannesburg — imperdoavelmente atrasados — diziam que os diamantes haviam chegado a Buenos Aires. Tomamos medidas necessárias e violentas, inclusive uma tentativa de matá-lo, impedida, presumo, pelos homens de Rhinemann. — Asher Feld calou-se. Depois, acrescentou, cansado: — O resto você sabe."

Não! O resto ele não sabia! Não sabia de mais nada!

Loucura!

Insanidade!

Tudo era nada! Nada era tudo!

Os anos! As vidas!... Os terríveis pesadelos do medo... as mortes! Oh, meu Deus, as mortes!

Para quê?!... Oh, meu Deus! Para quê?!

— *É mentira* — David bateu com a mão na mesa e o aço da pistola estalou com tanta força contra a madeira que a vibração encheu a sala. — *Você está mentindo!* — exclamou, sem gritar. — Estou em Buenos Aires para comprar os planos de um giroscópio! Zelar para que sejam autênticos! Confirmados por código, de modo que aquele filho da mãe seja pago na Suíça! *É só! Nada mais! Nada mais, absolutamente! Não é isso!*

— Sim. . . — Asher Feld falou, em voz macia. — É isso.

David girou, para enfrentar coisa alguma. Estendeu o pescoço e o trovão que soava na sua cabeça não quis cessar; os raios diante dos seus olhos provocaram dor terrível. Viu os corpos no chão, o sangue. . . os cadáveres do sofá, o sangue.

Quadro de morte.

Morte.

Todo o seu mundo de sombras saltara da órbita. Um milhão de jogadas... dores, manipulações, morte. E morte ainda. . . tudo desaparecia num vácuo sem sentido. A traição — se era traição — era tão imensa... Centenas de milhares haviam sido sacrificados em troca de absolutamente nada.

Precisava parar. Precisava pensar. Concentrar-se.

Olhou para o emaciado Eugene Lyons, rosto na palidez "da cera.

O homem está morrendo, pensou.

Morte,

Precisava concentrar-se.

Oh, Cristo! Precisava pensar. Começar em algum ponto. Pensar.

Concentrar-se.

Ou enlouqueceria.

Voltou-se para Feld. Os olhos do judeu expressavam compaixão. Poderiam manifestar outra coisa, mas não. Eram compassivos.

E, no entanto, eram os olhos de um homem que matava com tranqüila deliberação.

Como ele, o homem de Lisboa, matara.

Execução.

Para quê?

Havia perguntas a fazer. *Concentre-se nas perguntas. Escute.* Descubra o erro. *Descubra o erro* — se é que algum dia um erro fora tão necessário, esse dia era hoje, agora!

— Não acredito — declarou, tentando soar convincente como jamais tentara na vida.

— Creio que acredita — replicou Feld, tranqüilo. — A moça, Leslie Hawkwood, disse-nos que você não sabia, juízo que achamos difícil aceitar... Aceito-o, agora.

David precisava pensar por um instante. A princípio, não reconheceu o nome. *Leslie Hawkwood.* E então, é claro, reconheceu-o imediatamente. Penosamente.

— De que modo ela está envolvida nisto? — perguntou, entorpecido.

— Herold Goldsmith é tio dela. Por afinidade, é claro. Ela não é judia.

— Goldsmith? O nome nada significa para mim.

Concentre-se! Precisava concentrar-se e falar racionalmente.

— Pois significa para milhares de judeus. É o homem que está por trás das negociações Baruch e Lehmann. Fez mais para tirar a nossa gente dos campos de concentração que qualquer outro americano... Recusou-se a ter qualquer contato conosco até que os homens compassivos de Washington, Londres e do Vaticano lhe voltaram as costas. Então nos procurou... furioso. Criou um furacão. Sua sobrinha foi arrastada. Ela é bastante dramática, talvez, mas comprometida, eficiente. Movimenta-se em círculos de onde os judeus estão excluídos.

— Por quê? — *Escute!* Pelo amor de Deus, *escute.* Seja *racional.* *Concentre-se!*

Asher Feld parou por um momento, os olhos escuros e vazios enevoados de ódio.

— Ela conheceu dúzias... centenas, talvez, dos que Herold Goldsmith conseguiu retirar. Viu fotografias, ouviu as histórias. Foi o bastante. Estava decidida.

A calma principiava a voltar a David. Leslie era a mola de que ele precisava para regressar da loucura. Havia perguntas. . .

Não posso rejeitar a premissa de que Rhinermann comprou os planos...

— Ora, vamos! — interrompeu Feld. — Você foi o homem de Lisboa. Quantas vezes seus agentes — seus melhores homens — descobriram que Peenemünde era invulnerável? O próprio *underground* alemão não desistiu de penetrá-lo!

— Ninguém desiste. Nem de um lado nem de outro. O *underground* alemão faz parte disto!

Foi este o erro, pensou David.

— Neste caso — disse Feld, com um gesto para os alemães mortos no sofá —, esses homens eram membros do *underground.* Você conhece o Haganah, Lisboa. Não matamos homens assim.

Spaulding fixou o judeu de fala tranqüila e compreendeu que ele falara a verdade.

— Noites atrás, no Paraná — disse Spaulding, rapidamente — fui seguido, espancado... mas vi os cartões de identidade. Eram da Gestapo?

— Eram da Haganah — replicou Feld. — A Gestapo é a nossa melhor cobertura. Se fossem da Gestapo, isso suporia conhecimento da sua função... Deixariam você viver?

Spaulding fez menção de protestar. A Gestapo não se arriscaria a matar em país neutro; não com cartões de identidade. Compreendeu de repente o absurdo da lógica. Buenos Aires não era Lisboa. Claro que o matariam. E então recordou as palavras de Heinrich Stoltz.

Soubemos nos mais altos escalões... A Gestapo não pode estar envolvida nisto... impossível...

E a estranhamente imprópria apologia: *as teorias raciais de Rosenberg e Hitler não são partilhadas... trata-se primordialmente de uma questão econômica...*

Uma defesa do indefensável, apresentada por um homem cuja lealdade, ao que se dizia, não se voltava para o Terceiro Reich e sim para *Erich Rhinermann.* Um judeu.

Finalmente, Bobby Ballard:

... ele é um dos crentes... um verdadeiro Junker...

— Oh, meu Deus — murmurou David.

— Domina a situação, coronel. Qual a sua escolha? Estamos preparados para morrer. Não digo isto num sentido heróico. É um simples fato.

Spaulding permaneceu imóvel. Em voz baixa, incrédula, falou:

— Compreende as implicações?

— Compreendemos — interrompeu Feld —, desde aquele dia em Genebra, quando o seu Walter Kendall encontrou-se com Johann Dietricht.

David reagiu como se o tivessem esbofeteado.

— Johann. . . *Dietricht*?

— O sacrificável herdeiro das Dietricht Fabriken.

— J. D. — murmurou Spaulding, recordando as folhas de papel amarelo no escritório de Walter Kendall, em Nova York. Os-seios, os testículos, as suásticas... os rabiscos obscenos, nervosos, de um homem obsceno, nervoso. — Johann Dietricht. . . J. D.

— Altmüller mandou matá-lo. De certo modo, isso excluía qualquer. . .

— *Por quê?* — perguntou David.

— Para remover qualquer conexão com o Ministério dos Armamentos, segundo cremos; qualquer associação com o Alto Comando. Dietricht iniciou as negociações até o ponto em que poderiam ser transferidas para Buenos Aires. Para Rhinemann. Com a morte de Dietricht, o Alto Comando ficava mais afastado.

Os detalhes dispararam na mente de David: Kendall fugira em pânico de Buenos Aires; algo saíra errado. O contabilista não queria cair na armadilha, morrer. E ele, David, deveria matar — ou mandar matar — Erich Rhinemann. Depois dos planos, a morte de Rhinemann era considerada o mais importante. E, com sua morte, Washington também ficava mais afastada da troca.

Contudo, havia Edmund Pace.

Edmund *Pace*.

Nunca.

— Um homem morreu — disse David. — O coronel Pace. . .

— Em Fairfax — completou Asher Feld. — Morte necessária. Estava sendo usado, como você. Lidamos com pragmática. . . Sem conhecer as conseqüências — ou recusando-se a admiti-las para si mesmo —, o Coronel Pace planejou "Tortugas".

— Vocês podiam ter dito a ele e não matá-lo! Poderiam detê-lo! Miseráveis!

Asher Feld suspirou.

— Temo que não tenha compreendido a histeria entre os seus industriais. Ou os do Reich. Ele seria eliminado... Removendo-o nós mesmos, neutralizamos Fairfax e todos os seus consideráveis recursos.

Inútil insistir na *necessidade* da morte de Pace, pensou David. Feld, o pragmático, tinha razão: Fairfax fora afastada de Tortugas

— Então, Fairfax não sabe.

— Nosso elemento sabe. Mas não o bastante.

— Quem é ele? Quem é o seu homem em Fairfax? Feld fez um gesto para o seu silencioso companheiro.

— Ele ignora e eu não direi. Pode me matar, mas não direi. Spaulding sabia que o judeu de olhos escuros falava a verdade.

— Se Pace foi usado... e eu também... quem está nos usando?
- Não posso responder.

— Você sabe demais. Deve ter as suas idéias. Diga.

— Quem dá ordens a você, imagino.

— Um homem...

— Sabemos. Ele não é muito bom, não é mesmo? Há outros.

— Quem? Onde é que isso pára? No Estado? Departamento da Guerra? *Na Casa Branca? Onde*, pelo amor de Deus?!

— Esses territórios não têm sentido nestas transações. Desaparecem.

— *Não os homens!* Homens não desaparecem!

— Então, procure os que negociaram com Koenig, na África do Sul. Os homens de Kendall. Eles criaram Tortugas. — A voz de Asher Feld soou mais forte. — Isso é assunto seu, coronel Spaulding. Só queremos impedi-lo. Eu morreria com prazer para detê-lo. David olhou para o homem de rosto fino e triste.

— É tão importante assim? Com o que sabe? Com o que acredita? Será que algum dos lados vale isso?

— É preciso estabelecer prioridade, mesmo na descida. Se Peenemünde for salva, voltar a funcionar, o Reich terá um poder de opção inaceitável para nós. Veja Dachau. Veja Auschwitz, Belsen. Inaceitável.

David rodeou a mesa e colocou-se diante dos judeus. Guardando a Beretta no coldre a tiracolo, fitou Asher Feld.

— Se mentiu para mim, eu o matarei. E depois voltarei a Lisboa, ao "norte, e liquidarei todos os fanáticos da Haganah que encontrar nas colinas. Os que não matar, denunciarei. . . Vistam os casacos e dêem o fora daqui. Tomem um quarto no Alvear sob o nome de... Pace. É. Pace. Eu me comunicarei com vocês.

— Nossas armas? — perguntou Feld, puxando o sobretudo cinzento sobre os ombros.

— Eu as conservarei. Tenho certeza de que arranjarão outras. ... E não esperem por nós lá fora. Há um veículo da FMF circulando, à minha espera.

— E Tortugas? — Asher Feld suplicava.

— Já disse que me comunicarei com vocês! — gritou Spaulding. — Agora, dêem o fora daqui!... Peguem a moça, Hawkwood. Está na esquina, no Renault. Aqui estão as chaves.

— David enfiou a mão no bolso e atirou as chaves ao companheiro de Asher Feld, que as pegou com facilidade. — Mande-a de volta à Califórnia. Esta noite, se possível. Não além de amanhã pela manhã. Está bem claro?

— Sim. . . Você se comunicará conosco?

— Dêem o fora daqui — disse Spaulding, exausto.

Os dois agentes da Haganah levantaram-se das cadeiras; o mais jovem dirigiu-se ao que estava inconsciente no chão e jogou-o ao ombro. Do *hall*, Asher Feld voltou-se e seu olhar pousou momentaneamente nos mortos, fixando depois Spaulding.

— Você e eu precisamos estabelecer prioridades. .. O homem de Lisboa é extraordinário. Voltando-se para a porta, manteve-a aberta para os companheiros que carregavam o terceiro inconsciente. Saindo, fechou-a atrás de si.

David voltou-se para Lyons:

— Traga os planos.

37

No início do assalto a Terraza Verde, 15, Eugene Lyons fizera uma coisa extraordinária. Tão simples que era dotada de uma certa limpeza, pensou Spaulding. Tomara a caixa metálica que continha os planos e, abrindo a janela do quarto, deixara-a cair metro e meio abaixo, no canteiro de lírios amarelos que cresciam daquele lado da casa. Fechando a janela, correria para o banheiro e trancara-se.

Considerando-se tudo — o choque, o pânico, sua reconhecida incapacidade —, assumira a atitude mais inesperada: conservara o sangue-frio. Retirando a caixa, não tentara escondê-

la: transferira-a para um local acessível, e isso não fora antecipado pelos fanáticos que lidavam com táticas complicadas e ardis rebuscados.

David acompanhou Lyons para fora da casa, saindo pela porta da cozinha e rodeando o prédio. Tomando a caixa das mãos trêmulas do físico, ajudou o homem quase paralisado a saltar o pequeno muro que os separava da propriedade adjacente. Juntos, correram por detrás das duas casas seguintes e cautelosamente esgueiraram-se para a rua. Spaulding mantinha a mão esquerda estendida, segurando o ombro de Lyons, mantendo-o junto à parede, preparado para atirá-lo ao chão ao primeiro sinal de hostilidades.

Contudo, não esperava realmente hostilidades; estava convencido de que a Haganah eliminara todos os guardas de Rhinemann postados em frente pela razão óbvia de que Asher Feld saíra pela porta dianteira. O que julgava possível era uma tentativa extrema de Asher Feld para obter os planos. Ou o súbito aparecimento de um veículo de Rhinemann, vindo de algum local nas proximidades — veículo cujos ocupantes não tivessem conseguido obter contato pelo rádio com Terraza Verde, 15.

Tudo era possível. Nada realmente certo.

Era muito tarde e cedo demais.

O que David esperava vivamente encontrar, porém, era um *sedan* azul-esverdeado, patrulhando lentamente a rua. Um carro com uma pequena insígnia cor de laranja no pára-lama, indicando que o veículo era propriedade dos EUA. Os "vigilantes de *playground*" de Ballard, os homens da base FMF.

O carro não estava circulando. Estava estacionado do outro lado da rua, com os faroletes acesos. Os três homens que se encontravam no interior fumavam cigarros e seu brilho iluminava o carro. David voltou-se para Lyons.

— Vamos. Caminhe devagar, andar casual. O carro está ali.

O chofer e o homem ao seu lado saltaram, no momento em que Spaulding e Lyons chegaram ao meio-fio, e postaram-se, desajeitados, junto ao veículo, vestindo roupas civis. David atravessou a rua, dirigindo-se a eles.

— Entrem nesse maldito carro e vamos dar o fora daqui! E por que não pintam logo um alvo por todo o veículo? Não estariam mais à vista do que estão neste momento!

— Calma, amigo — replicou o chofer. — Acabamos de chegar. Abriram a porta traseira e Spaulding ajudou Lyons a entrar. — Vocês deveriam estar circulando, e não estacionados como cães de guarda!

David instalou-se ao lado de Lyons e o homem que se encontrava no interior cedeu um pouco mais de espaço. O motorista postou-se ao volante e ligou o motor. O terceiro homem ficou do lado de fora.

—Faça-o entrar! — gritou Spaulding.

—Ele ficará onde está, coronel — disse o homem sentado junto de Lyons. — Ficaré aqui.

—Quem diabo é você?

—Coronel Daniel Meehan, Força Naval, Serviço de Informação Naval. E queremos saber que diabo está acontecendo aqui.

O carro movimentou-se.

—Você não controla esta operação — falou David lentamente, em tom decidido. — E eu não tenho tempo para egos magoados. Leve-nos à Embaixada, por favor.

—Os egos que se danem! Quero um pouco de esclarecimento! Sabe que diabo está acontecendo no nosso setor da cidade? Esta pequena viagem a San Telmo é um inconveniente sem importância! Eu não estaria aqui se aquele maldito criptógrafo não tivesse mencionado o seu nome!... Jesus!

Spaulding inclinou-se para a frente, fixando Meehan.

— Melhor me contar o que está acontecendo no seu setor da cidade. E por que meu nome o trouxe a San Telmo.

O *marine* retribuiu o olhar, relanceando uma vez — com evidente desagrado — para o emaciado Lyons.

—Por que não? Seu amigo é autorizado?

—Agora, é. Ninguém mais que ele.

—Temos três cruzadores patrulhando a zona costeira de Buenos Aires, mais um destróier e um transporte... Há cinco horas, recebemos um alerta azul: preparação para *blackout* de rádio e radar, todos os navios e aviões imobilizados. Quarenta e cinco minutos após, recebemos um rádio de Fairfax, fonte quatro-zero. Interceptar um certo Coronel David Spaulding, também quatro-zero. Ele deve fazer contato imediato.

—Com Fairfax?

—*Somente* com Fairfax. . . Então, mandamos um homem ao seu endereço de Córdoba. Ele não o encontrou, mas descobriu um estranho filho da mãe destruindo o apartamento. Tentou dominá-lo e foi dominado... Voltou duas horas depois com rachaduras na cabeça, e adivinhe quem telefonou? Com linha aberta?

—Ballard! — respondeu David, em voz baixa. — O criptógrafo da Embaixada.

—O espertinho! Fez piadas e nos mandou brincar um pouco aqui em Telmo! Esperar até você resolver aparecer.

O Coronel Meehan meneou a cabeça, aborrecido.

— Disse que o alerta azul foi preparação para silêncio de radar... e rádio — disse David.

— Com todos os navios e aviões imobilizados — interrompeu Meehan. — Quem diabo está chegando aqui? Todo o maldito Alto Comando? *Roosevelt? Churchill? Rin-tin-tin?* E que somos nós? *O inimigo?*

— Não se trata de *quem* vai chegar, coronel — disse David, em voz baixa — mas do *que* vai sair. . . Qual a hora da ação?

— Muito vaga. A qualquer momento, nas próximas 48 horas. Que acha disso como horário severo?

— Quem é o meu contato na Virgínia?

— Ah... Tome.

Meehan mexeu-se no banco, tirando do bolso o envelope selado que era o símbolo de uma mensagem em código. Estendendo o braço diante de Lyons, David recebeu-o.

Ouviu-se a estática do rádio no banco da frente, seguida de uma só palavra: "Redbird!" O motorista tomou rapidamente o microfone do painel.

— Redbird respondendo — falou.

A estática continuou, mas as palavras eram nítidas:

— Interceptar Spaulding. Peguem-no e tragam-no aqui. Ordens quatro-zero de Fairfax. Nenhum contato com a Embaixada.

— Você ouviu o homem — riu-se Meehan. — Nada de Embaixada esta noite, coronel.

David estava abismado. Fez menção de protestar, zangado, furioso; depois, calou-se... Fairfax. Não eram os nazistas e sim a Haganah. A Ala Provisional agia pragmaticamente, como Asher Feld dissera. E o objetivo mais prático nas próximas 48 horas seria imobilizar o homem dos códigos. Washington não ativaria um *blackout* de rádio e radar sem eles. E um submarino inimigo emergindo para encontrar-se com uma traineira seria captado nas telas e destruído. Os diamantes Koenig — os instrumentos para Peenemünde — iriam para o fundo do Atlântico Sul.

Cristo! Que ironia, pensou David. Fairfax — *alguém* em Fairfax — estava fazendo precisamente o que deveria ser feito, motivado por interesses que Washington — e as companhias de construção aérea — recusava-se a reconhecer! Eles tinham outros interesses: três quartos deles encontravam-se aos pés de Spaulding. Os planos para o giroscópio de grande altitude.

David comprimiu o braço contra o ombro de Lyons. O pálido cientista continuou a fixar direto em frente, mas reagiu ao toque de Spaulding com uma hesitante cotovelada.

David meneou a cabeça e suspirou audivelmente. Erguendo o envelope amarelo, deu de ombros e colocou-o no bolso do casaco.

Quando sua mão emergiu, empunhava uma arma.

— Não posso aceitar estas ordens, Coronel Meehan.

Spaulding apontou a automática para a cabeça do *marine* e Lyons recuou no banco.

— Que diabo está fazendo?

Meehan inclinou-se para a frente e David destravou a arma, com um clique.

— Diga ao motorista que pare onde eu mandar. Não quero matá-lo, coronel, mas posso fazê-lo. É uma questão de prioridades.

— Seu maldito agente duplo! Era isso então que Fairfax sabia! David suspirou.

— Gostaria que fosse tão simples.

As mãos de Lyons tremiam quando apertou os nós ao redor dos pulsos de Meehan. O motorista se encontrava meio quilômetro atrás, na estrada de terra, bem amarrado, deitado na orla do mato. A área era quase deserta à noite. Encontravam-se em Colinas Rojas.

Lyons recuou, com um sinal de cabeça para Spaulding.

— Entre no carro.

Lyons anuiu novamente e dirigiu-se ao automóvel. Meehan rolou o corpo e fixou Spaulding.

— Você é um homem morto, Spaulding. Há um pelotão de fuzilamento na sua folha de serviço. É um tolo também. Seus amigos nazistas vão perder esta guerra!

— É melhor que percam mesmo — respondeu David, — Quanto a execuções haverá diversas, bem em Washington. Esta é a história, coronel... Alguém encontrará vocês, amanhã. Se quiser, pode começar a se arrastar para oeste. O motorista está a meio quilômetro, estrada abaixo... Sinto muito.

Spaulding dirigiu a Meehan um meio encolher de ombros de quem pede desculpas e correu para o automóvel da FMF. Lyons sentou-se na frente e, quando a luz da porta incidiu sobre seu rosto, David notou-lhe os olhos. Seria possível que naquele olhar houvesse uma tentativa de se comunicar, um sentimento de gratidão? Ou aprovação? Não havia tempo para especular, de modo que David limitou-se a sorrir gentilmente e falar, em voz baixa:

— Foi terrível para o senhor, eu sei... Mas não me ocorre outra coisa. Não sei. Se quiser, eu o levarei de volta à Embaixada. Lá, estará em segurança.

David ligou o motor e começou a subir um íngreme aclave, um dos vários de Colinas Rojas. Voltaria por uma estrada paralela e chegaria à auto-estrada dentro de 10 ou 15 minutos; levaria Lyons até um táxi na periferia da cidade e daria ao chofer instruções para depositar o físico na Embaixada americana. Não era exatamente o que desejava fazer, mas que opção lhe restava?

E então palavras soaram ao seu lado. *Palavras*. Cochichadas, abafadas, quase inaudíveis, mas nítidas! Saídas dos recessos de uma garganta torturada.

— Eu... fico... com você. Juntos...

Spaulding agarrou-se com força ao volante, temendo perder o controle. O choque da fala dolorosa — e era fala, para Eugene Lyons — quase o levava a largar o volante. Voltando-se, fixou o cientista. Na escuridão intermitente, viu que Lyons retribuía o olhar; os lábios, os olhos estavam firmes. O físico sabia exatamente o que fazia, o que ambos faziam — *tinham que fazer*.

— Muito bem — falou David, procurando permanecer calmo e preciso. — Eu o entendo perfeitamente. Deus sabe que necesito de toda a ajuda que consiga. Ambos precisamos. Parece-me que temos dois poderosos inimigos: Berlim e Washington.

— Não quero interrupções, Stoltz! — gritou David, ao telefone da pequena cabina de Ocho Calle. Lyons encontrava-se ao volante do carro da FMF, a poucos metros, na rua. O motor continuava ligado. Fazia 12 anos que o cientista não dirigia mas com meias palavras e gestos convencera Spaulding de que seria capaz, numa emergência.

— Não pode agir assim! — foi a resposta, cheia de pânico.

— Sou Pavlov, você é o cão! Agora, cale a boca e ouça! Há uma tremenda confusão em Terraza Verde, se é que já não sabe, a esta altura. Seus homens estão mortos; os meus, também. Eu estou com os planos e com Lyons... Sua Gestapo não-existente está fazendo uma série de execuções!

— *Impossível!* — gritou Stoltz.

— Diga isso aos mortos, seu incompetente filho da mãe! E limpe aquela confusão!.... Quero o resto dos planos, Stoltz. Aguarde meu telefonema!

David desligou com violência e saltou da cabina para o carro. Era o momento de usar o rádio. Depois, o envelope de Fairfax. Depois, Ballard, na Embaixada. Cada coisa a seu tempo.

Abriu a porta e deslizou para o banco, junto de Lyons. O físico indicou o painel.

— De novo... — foi a única palavra que emitiu penosamente.

— Ótimo — disse Spaulding. — Estão ansiosos. Escutarão com atenção.

David ligou o botão do painel, retirou o microfone do gancho e apertou com os dedos a pequenina rede metálica, a ponto de entortá-la. Cobrindo o instrumento com a mão, segurou-o contra o casaco enquanto falava, movendo-o em círculos para distorcer o som.

— Redbird para base. Redbird para base.

A estática se fez ouvir; depois, uma voz zangada.

— Diabo, Redbird! Estamos tentando nos comunicar há quase duas horas. Aquele Ballard não pára de telefonar! Onde estão vocês?

— Redbird... Não recebeu nossa última transmissão?

— *Transmissão?* Ora merda! Mal posso ouvir esta. Espere. Deixe-me chamar o CO.

— Esqueça! Não adianta. Mal posso ouvi-lo. Estamos no encalço de Spaulding. Seguindo-o. Ele está num veículo... 12 quilômetros, 13 *quilômetros ao norte*. . .

David calou-se, bruscamente.

— Redbird! Redbird!... Diabo, esta frequência está uma merda! Treze quilômetros ao norte de *onde?*... Não estou ouvindo, Redbird! Redbird, responda!

— ... bird respondendo — falou David, diretamente ao microfone. — Este rádio precisa de um concerto, meu velho. Repito. Não há problemas. *Voltaremos à base em aproximadamente...*

Spaulding- estendeu o braço e desligou o aparelho.

Saltando do carro, voltou à cabina telefônica.

Cada coisa a seu tempo. Nada de confusão, nada de atropelo. Cada ação definida, manejada com precisão.

Agora era o momento do rádio de Fairfax. O código decifrado que revelaria o nome do homem que estava interceptando-o. A fonte quatro-zero, cuja classificação prioritária permitia-lhe enviar tais ordens do centro de transmissão do recinto do Serviço de Informação.

O agente que circulava impune nos recintos mais secretos e que matara um homem chamado Ed Pace, na véspera do Ano Novo.

A infiltração da Haganah.

Sentira-se tentado a rasgar o envelope no momento em que o oficial da FMF o entregara em San Telmo, mas resistira à tentação quase invencível. Sabia que ficaria abismado, fosse quem fosse, conhecido ou não; e, fosse quem fosse, ele teria um nome para se ajustar à vingança que planejava para o assassino de seu amigo.

Tais pensamentos eram obstruções. Nada poderia prejudicar seu rápido mas cauteloso percurso de Ocho Calle; nada poderia interferir com o seu planejado contato com Heinrich Stoltz.

Retirou o envelope amarelo do bolso e passou o dedo pela dobra.

A princípio, o nome não fez sentido. Tenente-coronel Ira Barden.

Nada.

Então, lembrou-se.

Véspera de Ano Novo!

Oh, meu Deus, como se lembrava! O sujeito de fala dura que ocupava a segunda posição no comando de Fairfax. O "melhor amigo" de Ed Pace, que lamentara a sua morte com cólera militar; que secretamente planejava o envio de David à base de Virgínia, a fim de participar da investigação-velório; que utilizara a trágica morte de seu "melhor amigo" para invadir-lhe os cofres contendo os dossiês... e nada encontrara.

O homem que insistira em que o criptógrafo de Lisboa chamado Marshall morrera na região Basca; que realizaria uma investigação sobre Franz Altmüller.

O que naturalmente, jamais realizou.

O homem que tentara convencer David de que seria do interesse geral que ele se mostrasse flexível nos regulamentos, explicando a sua missão do Departamento de Guerra.

E David quase cedera, desejando naquele momento tê-lo feito.

Oh, meu Deus! Por que Barden não confiara nele? Por outro lado, não podia, pois confiar seria levantar especulações específicas e indesejáveis no assassinato de Pace.

Ira Barden não era nenhum tolo. Um fanático, talvez, mas não tolo. Sabia que o homem de Lisboa o mataria se a morte de Pace lhe fosse atribuída.

Aprenda com a lição de Fairfax...

Jesus! pensou David. Lutamos uns contra os outros, nos matamos ... já não sabemos quem são nossos inimigos.

Para quê?

Havia agora uma segunda razão para telefonar a Ballard. Um nome não bastava; ele precisava mais que isso. Enfrentaria Asher Feld.

Tomou o telefone, colocou a moeda e discou. Ballard atendeu, sem qualquer traço de humor.

— Ouça, David, — Ballard nunca usara seu primeiro nome em conversa; devia estar contendo muita raiva. — Não fingirei entender como é que vocês movimentam o aparelho, mas já que pretende utilizar o meu, conserve-me informado!

— Houve muitos mortos. Não fui um deles, o que é uma sorte, mas as circunstâncias não permitiram que eu entrasse em contato com você. Isso responde à queixa?

Ballard ficou em silêncio por vários minutos. Não era uma simples reação à notícia, pensou David. Havia alguém junto dele. Quando tornou a falar, já não estava zangado. Parecia hesitante, temeroso.

— Você está bem?

— Sim. Lyons está comigo.

— Os FMF chegaram tarde demais... — Ballard parecia lamentar a declaração. — Eu insisto em telefonar e eles insistem em me evitar. Creio que um carro deles se perdeu.

— Não exatamente. Está comigo...

— Cristo!

— Deixaram um homem em Telmo — para observar. Havia dois outros. Não estão feridos, apenas imobilizados.

— Que diabo significa isso?

— Não tenho tempo para explicar... Há uma ordem de Fairfax para me interceptarem. A Embaixada não deve saber. É uma armadilha. Não posso permitir que me prendam. Não por algum tempo...

— Ei, não podemos nos envolver com Fairfax — disse Ballard, com firmeza.

— Desta vez, podem. Conte a Jean. Há uma falha da segurança em Fairfax. Não sou eu, acredite... Preciso de algum tempo. Talvez 48 horas. Preciso que me respondam a algumas perguntas. Lyons pode ajudar. Pelo amor de Deus, confie em mim!

— Eu posso confiar, mas não sou importante... Espere um momento. Jean está aqui.

— Foi o que pensei — interrompeu Spaulding. Fora sua intenção pedir a Ballard a ajuda necessária, mas de repente percebeu que Jean poderia fazer muito mais.

— Fale com ela, antes que arranque a pele da minha mão.

— Antes, Bobby... Poderia fazer uma investigação prioritária a respeito de alguém em Washington? Em Fairfax, para ser exato?

— Precisaria de um motivo. A pessoa — o elemento da Informação, especialmente de Fairfax — descobriria, com certeza.

— Não me importa que descubra. Diga que eu o exigi. Minha classificação é quatro-zero; G-2 tem isso nos registros. Assumo a responsabilidade.

— Quem é?

— Um tenente-coronel chamado Ira Barden. Anotou?

— Sim, Ira Barden. Fairfax.

— Certo. Agora, deixe-me falar com...

As palavras de Jean soaram atropeladas, num misto de fúria e amor, desespero e alívio.

— Jean — disse ele, quando conseguiu calar a meia dúzia de perguntas que não poderia responder —, na noite passada você fez uma sugestão que eu me recusei a levar a sério. Mas agora estou levando. Aquele seu David mítico precisa de um local para se esconder. Não pode ser nos pampas, mas qualquer outro local mais próximo servirá... Pode me ajudar? Ajudar-nos? *Pelo amor de Deus!*

Telefonaria mais tarde para Jean, antes do amanhecer. Ele e Lyons tinham que se mover na escuridão, fossem aonde fossem. Onde quer que Jean encontrasse um abrigo para eles.

Não se mandariam códigos a Washington, não se daria permissão para a absurda troca, nem haveria *blackout* de rádio e radar que imobilizasse a armada. David o compreendia; era o meio mais simples e mais seguro de abortar Tortugas.

Mas não bastava.

Havia homens por trás de Tortugas. Eles teriam que ser arrancados aos sombrios recessos de sua podridão e expostos à luz. Se houvesse algum sentido, se os anos de dor e medo e morte contivessem qualquer significado, eles teriam que ser entregues ao mundo em toda a sua obscenidade.

O mundo o merecia. Centenas de milhares — de ambos os lados — ostentariam as cicatrizes da guerra pelo restante da vida, e estes o mereciam.

Precisavam compreender o sentido da ação.

David aceitou seu papel; enfrentaria os homens de Tortugas. Mas não poderia enfrentá-los sem o testemunho de um judeu fanático. As palavras de Asher Feld, líder da Ala Provisional da Haganah, não constituíam testemunho. Fanáticos eram loucos; o mundo já estava farto de uns e outros, e ambos eram uma coisa só. E eles seriam ignorados. Ou mortos. Ou as duas coisas.

David ""sabia não haver escolha.

Quando enfrentasse os homens de Tortugas, não seria com as palavras de Asher Feld. Ou com os códigos e manipulações enganadores, sujeitos a uma centena de interpretações.

Hipocrisia. Fingimento. Aniquilação.

Ele os enfrentaria com o que vira e o que sabia, porque prestara testemunho. E apresentaria o inegável. E então os destruiria.

Para fazer tudo isso, teria que entrar na traineira de Ocho Calle. A traineira que seria lançada pelos ares, caso houvesse uma tentativa de dominar o porto e o encontro com um submarino alemão.

Que isso seria tentado finalmente era algo inevitável. A mentalidade fanática o exigiria. Então, não haveria provas palpáveis. Juramentadas.

Precisava entrar a bordo daquela traineira.

Deu a Lyons as instruções finais e deslizou para as águas quentes e oleosas do rio de la Plata. Lyons permaneceria no carro — e o dirigiria, se necessário. Caso David não voltasse, deixaria que se escoassem 90 minutos antes de se dirigir à base FMF para dizer ao comandante que David estava prisioneiro a bordo da traineira. Um agente americano, prisioneiro.

Havia lógica na estratégia. FMF tinha ordens prioritárias para encontrá-lo. Ordens de Fairfax. Seriam 3:30. Fairfax exigira uma rápida e ousada ação. Especialmente às 3:30, num porto neutro.

Era a ponte que David sempre tentara criar para si mesmo, nas ocasiões de sério risco de infiltração. Uma negociação — sua vida por uma perda menor. Lições do norte.

Ele não queria que fosse assim. Havia um sem-número de maneiras de imobilizá-lo; um sem-número de homens assustados em Washington e Berlim para permitirem que ele sobrevivesse, talvez. No melhor dos casos, haveria um acordo. No pior... O colapso de Tortugas não bastava, a denúncia era tudo.

A pistola estava bem atada à cabeça por uma faixa da camisa, cuja ponta ele prendera entre os dentes. Nadou em direção ao casco do navio, mantendo a cabeça fora da água, o mecanismo de disparo da arma o mais seco possível. O prego era a boca cheia de água suja, poluída pela gasolina e tornada ainda mais repulsiva pelo contato com uma grande água-viva, mais tarde repelida pela carne branca em movimento.

Alcançou o casco. As ondas batiam de leve, incessantemente, contra o amplo vulto escuro. Adiantou-se para a popa do navio, olhos e ouvidos atentos a qualquer sinal de vida.

Nada senão o incessante bater da água.

Havia luz no convés, mas nenhum movimento, nem sombras, nem vozes. Apenas o reflexo cru, incolor, de lâmpadas descobertas, suspensas por fios negros, ondulando em câmara lenta ao ritmo preguiçoso do casco. Na amurada voltada para o cais, havia cabos presos a pilastras na popa e no centro do navio. Rateiras haviam sido distribuídas de três em três metros, aproximadamente; o cânhamo espesso estava negro de graxa e óleo. Aproximando-se, David avistou um guarda único sentado numa cadeira junto às imensas portas para carregamento, que estavam fechadas. A cadeira inclinava-se para trás, apoiada à parede do depósito; duas lâmpadas recobertas de arame e protetores metálicos brilhavam de ambos os lados da larga porta. Spaulding recuou para poder olhar melhor. O guarda vestia as roupas paramilitares de Habichtsnest. Estava lendo um livro; por algum motivo, aquilo lhe pareceu estranho.

Súbito, ouviu passos a oeste da plataforma do depósito. Passos lentos, firmes; sem qualquer tentativa para abafar o ruído.

O guarda ergueu a vista do livro. Entre as pilastras, David avistou uma segunda silhueta. Era outro guarda, usando o uniforme de Rhinemann e carregando uma caixa de couro, o mesmo rádio transportado pelos homens — agora mortos — de Terraza Verde.

O guarda da cadeira sorriu e falou em alemão à sentinela de pé:

— Troco de lugar com você, se quiser. Descanse as pernas um pouco.

— Não, obrigado — respondeu o do rádio. — Prefiro andar. O tempo passa mais rápido.

— Alguma novidade de Lujan?

— Nada de novo. A mesma agitação. Ouço gritos de vez em quando. Todo mundo dá ordens.

— Que terá acontecido em Telmo?

— Só sei que houve problema sério. Bloquearam-nos. Mandaram homens para a Ocho Calle.

— Ouviu pelo rádio?

— Não, conversei com Geraldo. Ele e Luis estão aqui. Na frente do armazém, na rua.

— Espero que não acordem as prostitutas.

O homem do rádio riu.

— Até Geraldo é melhor que aqueles cães.

— Não aposte nisso — replicou o guarda da cadeira.

O que estava de pé riu novamente e seguiu para leste, na sua solitária patrulha ao redor do prédio. O da cadeira voltou ao livro.

David tornou a nadar em direção ao casco da traineira.

Começava a sentir os braços cansados; águas fétidas do porto irritavam-lhe as narinas. E agora precisava considerar mais um elemento: Eugene Lyons.

O cientista encontrava-se a uns 250 metros em diagonal; a quatro quarteirões do início da Ocho Calle. Se as patrulhas de Rhinemann comesçassem a percorrer a área, encontrariam o veículo da FMF com Lyons no interior. Era algo que ele não havia considerado. Mas devia tê-lo feito.

No momento, porém, não podia pensar no assunto.

Alcançando o meio do navio a estibordo, apoiou-se na linha de flutuação, dando uma chance aos músculos dos braços e dos ombros para pulsarem aliviados. A traineira era de porte médio; não teria mais que 70 ou 80 pés de comprimento, talvez 30 de largura no centro. Pelos padrões normais e pelo que David viu se aproximar na escuridão, as cabinas do centro e da popa, abaixo do abrigo do leme, teriam cerca de 15 a 20 pés de comprimento respectivamente, com entradas de ambos os lados e duas vigias por cabina, a bombordo e estibordo. Se os diamantes Koenig se encontravam a bordo, seria lógico que estivessem na cabina da popa, mais distante das atividades normais da tripulação. Além disso, ela

seria mais ampla e apresentaria menos distrações. E na hipótese de Asher Feld estar com a razão, se dois ou três cientistas de Peenemünde se encontravam examinando ao microscópio os produtos Koenig, estariam pressionados pelo tempo e precisariam de isolamento.

David notou que sua respiração estava mais normal. Breve, saberia se os diamantes se achavam ou não a bordo.

Desatando o pano que amarrava a arma à cabeça, manteve-se à superfície, empunhando com firmeza a pistola. A faixa da camisa flutuou para longe. Apoiando-se no rebordo, olhou para cima. A amurada ficava uns dois metros acima da água; precisaria de ambas as mãos para galgar o casco, apoiado nas minúsculas saliências.

Cuspiu todo o resíduo da água do porto e colocou o cano da arma entre os dentes. Vestia apenas a calça; mergulhou as mãos, esfregando-as contra o tecido, num esforço para remover a oleosidade do estuário.

Agarrou novamente o rebordo e, estendendo a mão direita, arrancou o corpo da água e orientou a mão para a próxima saliência ao longo do casco. Os dedos agarraram o rebordo de centímetro e meio e ele se alçou, colocando a mão esquerda junto à direita e apoiando o peito na madeira áspera para se equilibrar. Os pés nus estavam próximos à superfície da água, a amurada apenas a um metro.

Lentamente, ergueu os joelhos até que os dedos de ambos os pés se apoiassem no rebordo da linha de flutuação. Parou para respirar, sabendo que, se não agarrasse a amurada, mergulharia de novo na água e o ruído chamaria a atenção.

A mão esquerda ficou firme, a direita escorregou. Mas foi o bastante.

Alçou-se até a amurada, o peito sendo arranhado pelo casco desgastado, sangrando em diversos pontos. Passando o braço esquerdo sobre a borda, retirou a pistola da boca. Encontrava-se — esperava — entre as cabinas de popa e proa, e a extensão da parede ocultava-o dos guardas que se encontravam no cais.

Rolou silenciosamente sobre a amurada e caiu no convés estreito, dando os passos necessários, agachado, até a parede da cabina. Pressionando as costas contra a madeira, levantou-se devagar e adiantou-se centímetro a centímetro em direção à primeira vigia de popa. A luz do interior estava parcialmente encoberta por uma cortina primitiva, afastada para deixar passar a brisa noturna. A segunda vigia não ostentava tal obstrução, mas ficava a apenas um palmo do ângulo da parede. Havia a possibilidade de uma sentinela — que ele não avistara da água — estar ali de guarda. Veria o que pudesse ser visto pela primeira vigia.

Rosto molhado contra a borracha apodrecida que rodeava a abertura, espiou para dentro. A "cortina" era um pedaço de lona preta, dobrada em ângulo. Mais além, a luz era como ele a havia imaginado: uma lâmpada suspensa do teto por um fio grosso — fio que saía por uma viga de popa e era ligado ao píer. Não se usavam muito os geradores de bordo quando o navio estava atracado. Havia uma peça achatada de metal, de feitio estranho, pendente de um lado da lâmpada, e a princípio David não compreendeu por que se encontraria ali. Mas daí a instantes entendeu: a folha de metal protegia da lâmpada os fundos da cabina, onde ele distinguiu — para além da dobra da lona — dois beliches. Homens dormiam; a luz estava acesa, mas eles permaneciam em sombra relativa.

Do outro lado da cabina, encostada à parede, havia uma comprida mesa com a estranha aparência de uma banca de laboratório hospitalar. Estava coberta por um oleado branco, imaculado, e sobre este, equidistantes, viam-se quatro poderosos microscópios. Ao lado de cada instrumento havia uma lâmpada de alta intensidade — todos os fios Conduziam a uma bateria de 12 volts, colocada debaixo da mesa. No chão, diante dos microscópios, viam-se quatro tamboretos altos, de um branco imaculado, em posição de sentido clínica.

Era esta a impressão que lhe davam, pensou David. Clínica. Aquela parte da traineira fazia contraste com o resto da suja embarcação — era uma pequena ilha clínica rodeada de um oceano de podridão e rateiras.

E então avistou-as, a um canto.

Cinco caixas de aço, com fechaduras metálicas, reunidas na prateleira de cima e fechadas por pesadas trancas de caixa-forte. Diante de cada caixa via-se escrito, em letras claras: "Minas Koenig, Ltda."

Vira o inegável, o irrefutável. *Tortugas*.

A troca obscena, realizada através de Erich Rhinemann.

E estava tão próximo, tão junto à posse. A acusação final. No âmago do seu medo — pois sentia medo —, fúria e profunda tentação convergiram. Foi o bastante para afastar a ansiedade e forçá-lo a concentrar-se no objetivo. Crer — sabendo que a crença era falsa em uma mística invulnerabilidade de que seria dotado apenas por alguns preciosos minutos.

Aquilo bastava.

Abaixou-se sob a primeira escotilha e aproximou-se da segunda. Levantando-se, olhou para dentro; a porta da cabina estava diretamente na sua linha de visão. Era uma porta nova, não fazia parte da traineira. De aço, ostentava no centro uma fechadura de pelo menos um centímetro de espessura, inserida num recôncavo da moldura.

Os cientistas de Peenemünde estavam não só clinicamente isolados, como numa prisão auto-escolhida.

Aquela fechadura, David o percebeu, era o seu passo alpino pessoal, a ser transposto sem equipamento.

Agachou-se e passou sob a vigia do extremo da cabina. Permanecendo abaixado, milímetro a milímetro, rosto contra a madeira, espiou para além do ângulo.

O guarda encontrava-se ali, naturalmente, fazendo a sua vigilância à maneira tradicional: no convés, a linha interior da defesa; aborrecido, entediado, relaxado na inatividade, mas irritado com sua falta de objetivo.

Mas não vestia as roupas paramilitares de Habichtsnest e sim um terno folgado, que mal ocultava seu físico vigoroso, militar. Tinha os cabelos cortados rentes, no estilo da Wehrmacht.

Estava encostado a uma grande rede de pesca, fumando, um charuto fino e soprando a fumaça casualmente no ar da noite. Ao lado, um rifle automático calibre 30 com a alça do ombro aberta, enroscada no convés. O rifle não fora tocado desde algum tempo; notava-se uma camada de umidade na superfície do couro.

A alça... David tirou o cinto da calça. Levantou-se, recuou para a vigia, apalpou sob a amurada e retirou um dos dois espeques interiores, destinados a prender as redes de pesca. Bateu de leve na amurada; depois, mais duas vezes, ouvindo a seguir ruído dos pés do guarda. Nenhum movimento para diante, apenas uma mudança de posição.

Bateu de novo. Duas vezes. Depois mais duas. As batidas tranquilas e precisas — intencionais, a intervalos regulares — foram o bastante para despertar a curiosidade; insuficientes para causar alarma.

Ouviu então os passos do guarda. Ainda tranqüilo, movimentando-se com facilidade, despreocupado de perigo, curioso apenas. Um pedaço de madeira à deriva, talvez, batendo contra o casco, captado pelo impulso da corrente.

O guarda rodeou a esquina. O cinto de Spaulding rodeou-lhe o pescoço, apertando-o instantaneamente, abafando o grito.

David torceu o couro quando o guarda caiu de joelhos, o rosto escurecendo perceptivelmente ao clarão da vigia, lábios contorcidos em estrangulada angústia.

David não permitiu que sua vítima perdesse a consciência; precisava atravessar o passo alpino. Em vez disso, colocou a pistola na cintura estendeu a mão para a bainha pendente do cinto do guarda e tirou a baioneta da carabina — faca predileta de combate, raramente usada diante de um rifle. Colocando a lâmina sob os olhos do guarda, murmurou:

— *Espanol* ou *Deutsch*?

O homem olhou para cima, aterrorizado. Spaulding torceu o couro com mais força ainda. O guarda tossiu e esforçou-se por levantar dois dedos. David murmurou novamente, a lâmina empurrando a pele sob o olho direito.

— *Deutsch*?

O homem fez que sim.

Claro que era alemão, pensou Spaulding. E nazista. As roupas, o cabelo. Peenemünde era o Terceiro Reich. Seus cientistas seriam vigiados por pessoal deles. Torceu a lâmina da baioneta, produzindo uma pequenina laceração sob o olho. A boca do guarda abriu-se, num esgar de terror.

— Faça exatamente o que eu disser — murmurou David, em alemão, ao ouvido do guarda — ou eu lhe arrancarei a vista, compreendeu?

O homem, quase sem forças, fez que sim.

— Levante-se e grite pela vigia que traz uma mensagem urgente de... Altmüller, Franz Altmüller! Diga que precisam abrir a porta e assinar o recibo... Vamos! Agora! E lembre-se de que esta faca está a centímetros dos seus olhos.

O guarda, em estado de choque, levantou-se. Spaulding empurrou-lhe o rosto para a vigia aberta, afrouxou apenas de leve o cinto e mudou de posição, colocando-se ao lado do homem e da janela, a mão esquerda segurando o couro e a direita, a faca.

— *Agora!* — murmurou David, descrevendo círculos com faca.

A princípio, a voz do guarda soou forçada, artificial. Spaulding aproximou-se e o alemão compreendeu que só teria alguns segundos de vida, caso não obedecesse.

Obedeceu.

Houve movimento nos beliches, no interior da cabina. Queixas resmungadas de início, que cessaram bruscamente à menção do nome de Altmüller.

Um homem pequeno, de meia-idade, saiu do beliche inferior esquerdo e encaminhou-se sonolento para a porta de aço. Estava de cuecas, nada mais. David impeliu o guarda para além da esquina e alcançou a porta, ao som do ferrolho que escorregava.

Atirou o guarda — ainda com o cinto à volta do pescoço — contra o painel de aço. A porta abriu-se e David agarrou a maçaneta, impedindo-a de bater na parede. Deixando cair a faca, sacou a pistola e bateu com a coronha na cabeça do pequeno cientista.

— *Schweigen!* — murmurou, em voz rouca. — *Wenn Ihnen Ihr Lebert Lieb ist!*

Os três homens que se encontravam nos beliches — mais velhos, um bastante idoso — desceram da cama, trêmulos, mudos. O guarda, ainda sufocando, começou a olhar em volta e fez menção de levantar-se. Spaulding deu dois passos e bateu com a pistola em diagonal na têmpora do homem, deixando-o estirado no chão.

O mais velho, menos assustado que os companheiros, fixou David. Por razões que Spaulding não conseguiu explicar a si mesmo, sentiu-se envergonhado. A violência era descabida naquela cabina anti-séptica.

— Não tenho nada contra vocês — murmurou, em áspero alemão. — Obedecem ordens. Mas não se iludam: eu os matarei se emitirem um só ruído! — Apontou para alguns papéis junto a um microscópio, cobertos de números e colunas. — Você! gesticulou com a pistola para o velho. — Dê-me aquilo! Depressa!

O velho atravessou hesitante a cabina até a área clínica de trabalho, tomou os papéis e entregou-os a Spaulding, que os enfiou no bolso da calça.

— Obrigado... Agora, abram aquela caixa! — E apontou a arma para os outros dois. — Agora mesmo!

— Não!... Não! Pelo amor de Deus! — exclamou o mais alto dos cientistas, voz abafada, cheia de terror.

David agarrou o velho que estava junto dele, passou-lhe o braço pela carne flácida do pescoço enrugado e colocou a pistola junto à sua cabeça, puxando a trava de segurança e falando, com calma:

— Você abrirá a caixa, senão matarei este homem. Quando ele estiver morto, voltarei a pistola contra você. Acredite: não tenho alternativa.

O mais baixo girou a cabeça, suplicando mudamente ao mais alto. O velho dominado por David era o chefe, Spaulding o sabia. Um velho... *alter-Anführer*; prenda sempre o líder alemão.

O mais alto dos cientistas de Peenemünde caminhou — passos apavorados — até o canto extremo da mesa de trabalho, onde se encontrava uma fileira de chaves penduradas na parede. Tomando uma delas, dirigiu-se hesitante para a caixa metálica. Inclinando-se, inseriu a chave no cadeado, segurando a lingüeta de metal que rodeava a borda. A caixa metálica separou-se no centro.

— Levante a tampa! — ordenou Spaulding, que em sua ansiedade falava em voz alta. Alta demais, percebeu-o.

A tampa da caixa metálica era pesada. O alemão precisou erguê-la com ambas as mãos e as rugas ao redor dos olhos e da boca traíram o esforço exigido. Quando alcançou um ângulo de 90 graus, as correntes de ambos os lados ficaram tensas, ouviu-se um estalido de mola e a tampa imobilizou-se no lugar.

No interior, havia dúzias de compartimentos idênticos, que pareciam bandejas deslizáveis — algo semelhante a uma grande e complicada caixa de iscas de pesca. David compreendeu, então: a parte anterior da caixa de aço girava sobre molas e podia também ser aberta — ou baixada, para ser exato —, permitindo que as bandejas deslizassem para fora.

Em cada um dos compartimentos, viam-se dois pequenos e pesados envelopes de papel, aparentemente forrados de tecido macio. Somente na bandeja superior havia dúzias de envelopes.

David libertou o velho, impelindo-o para os beliches. Gesticulando com a pistola para o alemão alto que abria a caixa, ordenou-lhe que se reunisse aos outros dois. Estendendo a mão para a caixa, pegou um envelope, rasgou o canto com os dentes e sacudiu o conteúdo no chão. Minúsculas nozes translúcidas espalharam-se no piso da cabina.

Os diamantes Koenig.

Observou os cientistas, enquanto amassava o envelope. Fixavam as pedras espalhadas. Por que não? pensou David. Naquela cabina encontrava-se a solução para Peenemünde. Naquelas caixas estavam os instrumentos que fariam chover morte sobre incontáveis milhões... como os planos para o giroscópio — pelos quais seriam trocados — possibilitariam um massacre ainda mais amplo.

Enojado, ia jogar fora o envelope e encher os bolsos com outros, quando seu olhar captou uma série de letras. Alisando o envelope, pistola apontada para os alemães, olhou para baixo. Era uma moca palavra:

"ECHT"

Verdadeiro. Genuíno. Aquele envelope, aquela bandeja, aquela caixa de aço — tudo passara pela inspeção.

Estendendo a mão, agarrou tantos envelopes quanto pôde e enfiou-os nos bolsos da calça.

Era o bastante para a acusação formal.

Era tudo. Era o sentido.

Havia mais uma coisa a fazer, de maneira mais prática e imediata. Dirigindo-se à mesa de trabalho, percorreu a fileira de microscópios, batendo com o coldre da pistola em cada

lente. Procurou uma caixa de laboratório, do tipo que contém equipamento ótico. Tinha que haver uma!

Estava no chão, sob a mesa comprida. Abriu-a com um pontapé dos dedos descalços e abaixou-se para levantar a tampa.

Mais escaninhos e bandejas, só que estas cheias das lentes e dos pequenos tubos negros onde seriam colocadas.

Inclinando-se, despejou o conteúdo, dúzias de lentes circulares espalharam-se pelo chão. O mais rápido possível, agarrou o tamborete próximo e baixou-o sobre a pilha de vidro.

A destruição não era total, mas o dano, suficiente talvez para 48 horas.

Fez menção de levantar-se, a arma ainda apontada para os cientistas, ouvidos e olhos vigilantes.

Ouvira! Sentira! E simultaneamente compreendeu que se não saísse do caminho seria um homem morto!

Atirou-se ao chão para a direita, a mão por trás dele abaixou-se e a baioneta da carabina cortou o ar, alvejando o ponto onde seu pescoço estivera, menos de um segundo antes.

Deixara a maldita baioneta no chão! Esquecera a maldita baioneta! O guarda voltara a si e a pegara.

O grito do nazista saiu antes que Spaulding saltasse de sua posição ajoelhada, e lhe martelasse a cabeça no chão de madeira, com tal força que o sangue se espalhou em pequeninos jorros por todo o crânio.

Mas o grito solitário foi o bastante.

— Algum problema? — gritou uma voz lá de fora, a 10 metros, no cais de carregamento. — Heinrich! Você chamou?

Não havia um segundo a perder em hesitação.

David correu para a porta de aço, abriu-a e rodeou o ângulo da cabina em direção à parte oculta da amurada. Naquele instante, um guarda — a sentinela à proa da traineira — surgiu, rifle à cintura, e disparou.

Spaulding respondeu ao disparo, mas não antes de perceber que fora atingido. A bala nazista raspou o lado da cintura e ele sentiu o sangue jorrando sobre a calça.

Atirou-se sobre a amurada e caiu na água; gritos e exclamações partiram da cabina e do píer.

Debateu-se contra as águas sujas tentando manter o sangue-frio. Onde se encontrava? Qual a direção? Onde? Pelo amor de Deus, onde?

Os gritos soavam mais fortes; holofotes foram acendidos em toda a traineira, percorrendo as águas do porto. Ouviu hopiens gritando no rádio como só gente em pânico pode gritar. Acusadores, impotentes.

Súbito, David percebeu que não havia salva-vidas. Não havia barcos saindo do píer com os holofotes e os rifles de alta potência que seriam a sua perdição.

Não havia barcos!

Quase soltou uma gargalhada. A operação em Ocho Calle era tão secreta que não haviam permitido pequenas embarcações na área deserta!

Segurou o flanco, mergulhando com frequência e nadando tão depressa quanto possível.

A traineira e os guardas de Rhinemann-Altmüller recuavam na névoa do porto. Spaulding erguia a intervalos a cabeça, esperando estar no rumo certo.

Começava a sentir-se terrivelmente cansado, mas não se permitia ceder. Não podia enfraquecer! Não naquele momento!

Precisava fazer a acusação formal de Tortugas!

Viu as pilastras a pouca distância, talvez a uns 100 ou 150 metros. Eram as pilastras certas, no píer exato! Tinham que ser!

Sentiu as águas à sua volta agitarem-se e viu formas de enguias avançando cegamente contra seu corpo. O sangue do ferimento as atraía! Uma horrível massa de vermes gigantesco convergia para ele!

Debateu-se, deu pontapés, conteve um grito. Abriu as águas a sua frente, as mãos em contato constante com as escorregadias ser pentes do porto. Seus olhos estavam pontilhados de cintilações brilhantes e riscas amarelas e brancas. Sentia a garganta seca apesar da água, a cabeça latejava.

Quando finalmente achou que o grito emergiria — tinha que emergir — sentiu a mão na sua mão, percebeu que lhe agarravam os ombros e ouviu os sons guturais de sua voz aterrorizada — um pavor profundo, para além de toda resistência. Olhando para baixo, viu seus pés escorregando na escada e o círculo de enguias lá embaixo.

Eugene Lyons carregou-o — carregou-o! — até o veículo da FMF. Teve consciência, mas não muito nítida, de que o cientista o empurrara gentilmente para o banco traseiro.

Então, Lyons entrou também e David compreendeu — mas não de todo — que o cientista o esbofeteava. Com força. Com mais força ainda.

Deliberadamente. Sem ritmo, mas com bastante vigor.

As bofetadas não cessavam! Não conseguia fazê-las parar! Não podia impedir o semidestruído, o mudo cientista de esbofeteá-lo.

Não conseguia chorar. Chorar como uma criança.

E de repente conseguiu. Ergueu ambas as mãos e agarrou os pulsos de Lyons, dispondo-se, caso necessário, a quebrá-los.

Pestanejou e fixou-o.

Lyons sorriu na escuridão e falou, no seu murmúrio torturado: — Sinto muito.. Você estava... em choque temporário... meu amigo.

39

Um estojo naval de primeiros socorros encontrava-se na mala do veículo da FMF. Lyons cobriu o ferimento de David com pó de sulfa protegeu-o com tiras dobradas de gaze e uniu a pele com esparadrapo de sete centímetros de largura. Já que o ferimento era um corte e não uma penetração, a hemorragia foi detida e agüentaria até alcançarem um médico. Ainda que fosse preciso esperar um dia e meio, não haveria consequências graves.

Lyons dirigiu.

David observou o homem pálido ao volante. Inseguro, mas decidido — a única maneira de descrevê-lo. De vez em quando, seu pé comprimia demais o acelerador e as bruscas acelerações o assustavam e aborreciam. Mas daí a minutos parecia cautelosamente satisfeito ao manobrar o carro numa curva.

David sabia que precisava fazer três coisas: alcançar Henderson Granville, falar com Jean e dirigir-se àquele abrigo que, segundo esperava, ela lhes teria conseguido. Se lhe pudessem levar um médico, ótimo. Senão, dormiria; não tinha mais capacidade de agir com clareza sem algum descanso.

Quantas vezes no norte buscara uma caverna solitária nas colinas? Quantas vezes empilhara ramos e gravetos diante de verdadeiras tocas para que corpo e mente pudessem recuperar o equilíbrio da objetividade que lhe salvaria a vida? Precisava encontrar um lugar de repouso semelhante.

E no dia seguinte tomaria as providências finais com Erich Rhinemann.

As páginas finais da acusação.

— Precisamos descobrir um telefone — falou, e Lyons anuiu com a cabeça.

David orientou o físico de volta ao centro de Buenos Aires. Segundo seus cálculos, ainda dispunham de algum tempo antes que a base FMF mandasse fazer uma busca. As insígnias cor de

laranja nos pára-choques dissuadiriam a polícia de B.A. de um excesso de curiosidade; os americanos eram filhos da noite.

Lembrou-se da cabina telefônica ao norte da Casa Rosada, aquela onde o pistoleiro da Unio Corso — enviado do Rio de Janeiro — exalara o último suspiro.

Chegaram à Plaza de Mayo em 15 minutos, fazendo um rodeio para se certificarem de que não eram seguidos. A Plaza não estava deserta. Era, conforme proclamavam os *posters* de viagem anteriores à guerra, a Paris do hemisfério ocidental. Como em Paris, viam-se dezenas de transeuntes, na maioria trajando roupas dispendiosas. Táxis paravam e seguiam caminho; as prostitutas faziam suas últimas tentativas para encontrar camas proveitosas; os postes de luz iluminavam fontes imensas; namorados mergulhavam as mãos nas suas águas.

A Plaza de Mayo às 3:30 não era um local morto, inóspito. E David sentiu-se grato pela circunstância.

Lyons parou o carro junto à cabina e Spaulding saltou.

— Seja o que for, você tocou no nervo mais sensível de Buenos Aires. — A voz de Granville era dura e precisa. — Exijo que volte à Embaixada, tanto para sua proteção como para o bem das nossas relações diplomáticas.

— O senhor precisará ser mais claro — replicou David. Granville foi claro.

"Um ou dois" contatos que o Embaixador possuía no GOU estavam reduzidos, naturalmente, a um só. O homem fizera indagações relativas à traineira de Ocho Calle e fora imediatamente recolhido em sua casa, sob escolta armada. Esta, a informação que Granville recebera de uma esposa histérica.

Uma hora depois, o Embaixador recebera um comunicado de elemento de ligação do GOU no sentido de que seu "amigo" morrera num acidente de automóvel. O GOU fazia questão de transmitir-lhe a notícia. Uma infelicidade.

Quando Granville procurou falar com a esposa, uma telefonista interrompera-o dizendo que o aparelho fora desligado.

— Você nos envolveu, Spaulding! Não podemos funcionar com o peso morto da espionagem ao redor do pescoço. A situação em Buenos Aires é extremamente delicada.

— O senhor está envolvido, embaixador. A duas mil milhas daqui, há pessoas disparando umas contra as outras.

— Merda! — Foi o expletivo mais inesperado que David julgou jamais ouvir de Granville. — Aprenda as suas linhas de demarcação! Cada qual tem a sua tarefa a cumprir dentro dos parâmetros artificiais — se preferir, que nos foram estabelecidos! Repito: volte à Embaixada e eu apressarei o seu transporte imediato aos Estados Unidos. Caso se recuse, vá para a base FMF. Fica fora da minha jurisdição. Não fará parte da Embaixada!

Meus Deus! — pensou David. *Parâmetros artificiais. Jurisdição. Sutilezas diplomáticas.* E gente morria, exércitos eram destruídos, cidade arrasadas! E homens em salas de teto elevado faziam jogo de palavras e atitudes!

— Não posso ir para a FMF, mas posso dar-lhe algo em que pensar. Dentro de 48 horas todos os navios e aviões americanos da zona costeira entrarão em *blackout* de rádio e radar! Tudo imobilizado. Isto é absolutamente certo, segundo a sagrada escritura militar. E acho melhor descobrir por quê! Eu creio que sei e se estiver com a razão o seu desastre diplomático é muito mais sujo do que imagina! Procure entrar em contato com um homem chamado Swanson, no Departamento de Guerra. Brigadeiro Alan Swanson! E diga-lhe que descobri "Tortugas"!

David desligou com tal violência que fragmentos de baquelite se soltaram do aparelho. Queria correr, abrir a porta da cabina sufocante e fugir.

Mas para onde? Não tinha para onde ir.

Inspirou profundamente várias vezes e tornou a ligar para a Embaixada.

Ouviu a voz macia de Jean, vibrante de ansiedade. Ela encontrara um refúgio!

David e Lyons deveriam rumar para oeste pela Rivadavia, até o extremo de Buenos Aires. No final da rua, havia uma estrada que dobrava para a direita e se distinguia por uma grande estátua da Virgem no início. A estrada conduzia a uma região descampada, a zona rural. Dezoito quilômetros para além da imagem da Virgem, havia outra estrada — à esquerda —, marcada por uma conexão telefônica, fios convergindo para um transformador no alto de um poste de cabos duplos. Conduzia a uma fazenda pertencente a um certo Alfonso Quesarro. O *senor* Quesarro não estaria presente... nas circunstâncias. Nem sua mulher. Mas haveria alguns criados; as acomodações restantes estariam à disposição dos amigos desconhecidos da Sra. Cameron. Jean obedeceria às suas ordens: não sairia da Embaixada. E ela o amava. Terrivelmente.

A madrugada chegou na pradaria. A brisa era quente e David lembrou-se, com dificuldade, que estavam em janeiro. O verão argentino. Um membro da criadagem da estância Quesarro recebeu-os vários quilômetros além da junção telefônica, nos limites da propriedade, e escoltou-os até a *ranchería* — um agrupamento de cabanas de um só pavimento — próximo, mas não adjacente às construções principais. Foram conduzidos a uma casinhota de barro mais afastada das outras, situada na orla de um pasto cercado, que se estendia até perder de vista. A casa era a residência do *caporal* — o capataz.

David compreendeu-o fixando o teto e vendo o único fio telefônico. O capataz podia comunicar-se para fora.

O homem que os escoltara abriu a porta e postou-se na soleira, ansioso por afastar-se. Tocando o braço de David, falou, no espanhol temperado dos índios dos pampas.

— Os telefones daqui funcionam com telefonistas. As ligações são deficientes, não como as da cidade. Mandaram que eu dissesse isto ao senhor.

Mas não era essa a informação que o gaúcho lhe transmiti. O que queria dizer é que tivesse cuidado.

— Não me esquecerei — disse Spaulding. — Obrigado.

O homem saiu depressa e David fechou a porta. Lyons encontrava-se do outro lado da sala, no centro de um pequeno arco que conduzia a uma espécie de pátio ensolarado. Com a mão direita segurava a caixa metálica contendo os planos do giroscópio; com a esquerda, chamou David.

Para além do arco havia um cubículo; no centro, sob uma janela oblonga dando para o campo, via-se uma cama.

Spaulding despiu a calça.

Deixando-se cair com todo o seu peso no colchão duro, adormeceu.

40

Teve a impressão de que apenas alguns segundos haviam transcorrido depois de transpor o pequeno arco que conduzia ao cubículo ensolarado.

Sentiu dedos delicados apalpando-lhe o ferimento e fez uma careta quando um líquido frio-quente foi aplicado na cintura e lhe arrancaram o esparadrapo.

Abriu os olhos, furioso e deu com um homem inclinado sobre a cama. Lyons estava ao lado. Na ponta do colchão duro, via-se uma universalmente conhecida maleta. Era um médico o homem que se inclinava sobre ele e falava, num inglês extraordinariamente claro: — Dormiu quase oito horas. E é a melhor receita que se poderia prescrever. Vou fazer uma sutura com três pontos. Deve bastar. Sentirá um certo mal-estar, mas com o esparadrapo poderá movimentar-se.

— Que horas são?

Lyons consultou o relógio e murmurou, com nitidez:

— Duas... horas.

— Obrigado por ter vindo até aqui — disse Spaulding, movimentando o corpo segundo as instruções do médico.

— Espere até que eu esteja de volta ao meu consultório de Palermo — O médico riu, macio, irônico. — Tenho certeza de que estou numa das listas negras. — Fez uma sutura, tranquilizando David com um sorriso contido. — Deixei recado dizendo que vinha atender a um parto numa fazenda distante... Pronto. — Amarrou o ponto e deu uma pancadinha na pele nua de Spaulding. — Mais dois e terminamos.

— Acha que será interrogado?

— Não, não creio. A junta fecha os olhos com frequência. Não há excesso de médicos por aqui... E o engraçado é que os interrogadores invariavelmente procuram uma consulta gratuita. Creio que se ajusta à mentalidade deles.

— E eu creio que está me enganando. É perigoso.

O médico imobilizou as mãos, ao fitar David.

— Jean Cameron é uma pessoa muito especial. Se algum dia a história de Buenos Aires em tempo de guerra for escrita, ela será mencionada com destaque. — Voltou às suturas, com simplicidade. Estava com pressa.

Vinte minutos depois, Spaulding estava de pé e o médico na porta da cabana. Apertando-lhe a mão, David falou: — Lamento, mas não posso pagar-lhe.

— Já pagou, coronel. Sou judeu.

Spaulding não libertou a mão do médico. Segurou-a com firmeza, e não era uma saudação.

— Explique, por favor.

— Não há nada a explicar. A comunidade judaica anda cheia de boatos a respeito de um oficial americano que está enfrentando o porco ... Rhinemann, o porco.

— É só?

— E basta.

O médico libertou a mão e saiu. David fechou a porta. Rhinemann, o porco. Chegara a vez de Rhinemann.

A voz teutônica, gutural, gritou ao telefone. David imaginou as veias azuladas destacando-se na epiderme bronzeada de sol e os olhos estreitos, estatelados de fúria.

— *Foi você! Foi você!* — A acusação repetiu-se como se isso provocasse uma negativa.

— Fui eu — disse David, sem ênfase.

— *Está morto! É um homem morto!*

David falou, em voz tranqüila, lenta, precisa:

— Se eu morrer, os códigos não serão enviados a Washington; não haverá *blackout* de rádio e radar. Os aparelhos captarão aquela traineira e no instante em que o submarino emergir nas proximidades será destruído.

Rhinemann silenciou. Spaulding ouvia a respiração ritmada do judeu alemão, mas nada disse, permitindo-lhe meditar sobre as implicações; finalmente, o financista disse, com igual precisão:

— Então, tem algo a me dizer, ou não teria telefonado.

— Exatamente — concordou David. — Tenho algo a lhe dizer. Suponho que esteja ganhando uma comissão. Não acredito que tenha providenciado gratuitamente a troca.

Rhinemann não respondeu de imediato. A respiração pesada transmitia-se pelo fio quando respondeu, cautelosamente:

— Não. É uma transação. É preciso pagar as despesas.

— Mas o pagamento virá mais tarde, não é? — David mantinha a voz tranqüila, imperturbável. — Você não tem pressa. Colocou cada peça onde lhe interessa... Não será

preciso radiografar para a Suíça a fim de que se efetue o depósito. Do submarino receberá — ou não — a única mensagem, dizendo que os diamantes Koenig foram transferidos para a traineira. É então que eu saio daqui com os planos. É este o sinal. — Spaulding teve um riso breve, frio, tranqüilo. — Muito profissional, Rhinemann. Parabéns.

A voz do financista soou de repente baixa, circunspecta.

— Que quer dizer?

— Algo também muito profissional... Sou a única pessoa que pode obter a mensagem do submarino. Ninguém mais. Tenho os códigos que apagarão as luzes, que escurecerão as telas dos radares. Mas espero receber a minha parte.

— Compreendo... — Rhinemann hesitava, a respiração ainda audível. — É uma exigência presunçosa. Seus superiores esperam os planos do giroscópio. Se impossibilitar a entrega, o castigo será, sem dúvida, a morte. Não oficial é claro, mas com o resultado. Deve saber disso.

David riu novamente, um riso breve, mas desta vez bem-humorado.

— Está enganado. Completamente enganado. Talvez haja execuções, mas não a minha. Até ontem à noite eu conhecia apenas metade da história. Agora, conheço-a toda... Não, não serei eu o executado. Por outro lado, você enfrenta um problema, eu sei. Quatro anos em Lisboa ensinam muita coisa.

— Por que é meu o problema?

— Se a mercadoria Koenig de Ocho Calle não for entregue, Altmüller enviará um batalhão secreto a Buenos Aires e você não sobreviverá.

Novo silêncio. E naquele silêncio David sentiu a concordância de Rhinemann.

— Então, somos aliados — disse o alemão. — Numa só noite você foi longe. Arriscou-se perigosamente e saltou muitos obstáculos. Admiro sua agressiva ambição. Tenho certeza de que podemos nos entender.

— Eu estava certo de que você concordaria.

— Discutimos cifras?

David riu baixinho mais uma vez.

— Pagamento vindo de você é como essa história até ontem à noite. Apenas metade. Que essa metade seja generosa. Na Suíça. A segunda será paga nos Estados Unidos. Uma vida inteira de rendimentos *muito* generosos. — Súbito, David falou, com aspereza:

— Quero nomes.

— Não compreendo.

— Pense no assunto. Os homens que estão por trás desta operação. Os americanos. São estes os nomes que eu quero. Nada de contabilistas nem de brigadeiros confusos. Os outros... Sem esses nomes não haverá trato. Nem códigos.

— O homem de Lisboa é extraordinariamente desprovido de consciência — falou Rhinemann, com um laivo de respeito. — como dizem os americanos, um sujeito muito podre.

— Observei os mestres em ação. Pensei no assunto. Por que não?

Era óbvio que Rhinemann não ouvira a resposta de David. O tom se tornara bruscamente desconfiado.

— Se essa obtenção de uma fortuna pessoal é a conclusão a que chegou, por que agiu daquela maneira, ontem à noite? Devo dizer que os danos não são irreparáveis, mas de qualquer maneira, por quê?

— Pela mais simples das razões. Só pensei nisto ontem à noite. Não havia chegado anteriormente à esta conclusão.

Deus sabia que era verdade, pensou David.

— Sim, creio que compreendo. Uma reação muito humana...

— Quero o restante dos planos — interrompeu Spaulding. — E você quer que eu envie os códigos. Para permanecer no horário, dispomos de 36 horas, com diferença de duas ou três. Telefonarei às seis. Esteja pronto para agir.

David desligou, inspirou profundamente e percebeu que transpirava. A casinha de concreto era fresca. A brisa dos campos entrava pelas janelas, erguendo as cortinas. Fixou Lyons, que o observava, sentado numa cadeira de vime.

— Como eu estou? — perguntou.

O físico engoliu antes de responder e Spaulding percebeu que ou estava se acostumando com a voz forçada de Lyons, ou a fala estava melhorando.

— Muito... convincente, não fosse o... suor no seu rosto e a expressão dos... olhos. — Lyons sorriu, mas fez logo uma pergunta que levou a sério: — Há uma chance... de obter o resto dos planos?

David levou o fósforo ao cigarro, inalou a fumaça e olhou para as cortinas que ondulavam levemente, antes de se voltar para o físico.

— Creio que será melhor nos compreendermos, doutor. Não me importo absolutamente com aqueles planos. Talvez devesse, mas não me importo. E se o modo de obtê-los é correr o risco da traição encontrar-se com o submarino, então está fora de cogitação. Além do mais vamos levar três quartos além do que possuímos. E já é demais... Eu só quero uma coisa: os nomes. Tenho as provas. Agora, quero os nomes.

— Você quer vingança — disse Lyons, em voz baixa.

— *Sim! Meu Deus, sim, quero!* — David amassou o cigarro recém acendido, dirigiu-se à janela aberta e olhou para a pradaria. — Desculpe, não quero gritar com você. Ou talvez devesse. Você ouviu Feld. Viu o que eu trouxe de Ocho Calle. Conhece toda a pútrida, obscena história.

— Eu sei... os homens que dirigem aqueles aviões... não são responsáveis... Acredito que... a Alemanha deva perder esta guerra.

— Pelo amor de Deus! — rugiu David, girando para o físico. — Você viu! Precisa compreender!

— Está dizendo que... não há diferença? Não acredito... Creio que nem você acredita.

— Não sei o que acredito! Não, eu sei. Sei contra o que protesto, porque não deixa lugar para a crença... E sei que quero aqueles nomes.

— Deveria obtê-los... Suas razões são importantes... questões morais. Penso que ficará magoado... por muitos anos — Lyons coçava a revelar dificuldade em falar. — Concordo apenas em que... apesar de tudo o que aconteceu... Asher Feld tinha razão. Esta guerra não deve ser resolvida... precisa ser vencida.

Lyons calou-se e esfregou a garganta. David dirigiu-se à mesa onde havia sempre um jarro de água e despejou um pouco num copo, levando-o ao exausto físico. Ocorreu-lhe, enquanto aceitava o gesto de agradecimento do outro, que era muito estranho... Dentre todos, o pálido recluso à sua frente era quem menos aproveitaria o resultado da guerra, ou o seu encurtamento. No entanto, Eugene Lyons comovera-se com a dedicação de Asher Feld. Talvez na sua dor anteviesse desfechos mais simples, que ele, na sua ira, havia distorcido.

Asher Feld. Hotel Alvea

— Escute — falou. — Se é que há uma chance... e talvez haja... tentaremos obter os planos. Uma troca é possível, embora perigosa; não para nós, mas para o seu amigo, Asher Feld. Veremos. Não prometo. Os nomes vêm em primeiro lugar... É um caminho paralelo. Até que eu obtenha os nomes, Rhinemann tem que acreditar que eu desejo tanto os planos quanto ele deseja os diamantes... Veremos.

O sinal fraco, indeciso, do telefone rural fez soar a sua chamada. Spaulding atendeu.

— Ballard — disse a voz ansiosa.

—Bobby, que foi?

—Espero em Deus que você esteja inocente, porque há muitas afirmativas em contrário. Suponho que um sujeito razoável não se condena a si mesmo a um longo período de reclusão em troca de alguns dólares.

—Uma suposição razoável. De que se trata? Você obteve a informação?

—Cada coisa a seu tempo. A primeira diz que a Força Naval quer você vivo ou morto. As condições não importam, mas julgo que o preferem morto...

—Encontraram Meehan e o motorista...

—Pode apostar que sim! Depois que foram espancados e despidos por vagabundos. Estavam furiosos! E revelaram toda aquela merda de não alertar a Embaixada no sentido de que Fairfax quer agarrá-lo. Fairfax, de passagem. São eles que querem você. Assalto, roubo, etc.

—Muito bem. Isto era de se esperar.

—Esperar? Você é o máximo! Creio que não preciso mencionar Granville. Você o levou à incendiar meus aparelhos! Washington está preparando uma transmissão de alto nível, de modo que estou preso à minha mesa até que ela chegue.

—Então ele não sabe. Estão escondendo — disse Spaulding, aborrecido.

—Claro que não sabe! E claro que estão! Aquele silêncio do rádio... Você se envolveu numa ação do Alto Comando! Um projeto da Central aliada, direto do Departamento de Guerra.

—Aposto que é mesmo do Departamento de Guerra. E posso dizer de que gabinete.

—É exato... Há um submarino que está transportando dois berlinenses muito importantes. Você está excluído. O caso não é seu. Granville lhe dirá isso.

— Merda! — berrou David. — Pura merda! *Merda transparente!* Pergunte a qualquer agente de espionagem europeu. Impossível obter um *Briefmarke* para sair de qualquer porto alemão! Ninguém o sabe melhor que eu!

—Interessante, do ponto de vista ontológico. A transparência não é algo que a gente associe...

— Nada de piadas! Meu bom humor está desgastado!

Súbito, David percebeu que não tinha motivos para gritar com o criptógrafo. O quadro de referências de Ballard era essencialmente o mesmo que o seu, pouco mais de 18 horas atrás. Com complicações, talvez, mas não de morte e sobrevivência. Ballard ignorava o massacre de San Telmo, os instrumentos de Peenemünde em Ocho Calle. E também que a Haganah penetrara os mais secretos recessos da espionagem militar. E não ficaria sabendo naquele momento.

— Desculpe. Estou muito preocupado.

— Claro, claro. — Ballard respondeu como se estivesse habituado ao mau humor alheio. Outro traço em comum dos criptógrafos, refletiu David. — Jean me disse que você se feriu. Caiu e se cortou bastante. Alguém o empurrou?

— Está tudo bem. O médico esteve aqui... Obteve a informação a respeito de Ira Barden?

— Sim... Utilizei G-2 direto em Washington. Uma requisição de dossiê por teletipo em seu nome. Esse Barden acabará sabendo.

— Não tem importância. Que diz?

— Quer que eu leia *tudo*?

— O que parecer fora do comum. Qualificações Fairfax, provavelmente.

— Não usam o nome Fairfax. Apenas classificação de alta prioridade. .. Ele está na reserva, não pertence ao exército regular. A família tem uma companhia de importações. Passou vários anos na Europa e no Oriente Médio. Fala cinco idiomas...

— E um deles é o hebraico — interrompeu David, tranquilamente.

— Exato. Como...? Não importa. Estudou dois anos na Universidade Americana de Beirute, quando o pai representava a firma na região mediterrânea. No ramo têxtil era a companhia mais importante do meio oeste. Barden transferiu-se para Harvard; depois, para uma pequena faculdade chamada Brandeis... Não a conheço. Diplomou-se em estudos do

Oriente Próximo, diz aqui. Quando se diplomou, passou a trabalhar nos negócios da família até a guerra... Creio que foram os idiomas.

— Obrigado. Queime o teletipo, Bobby.

— Com prazer... Quando voltará? É melhor chegar aqui antes que a FMF pegue você. Jean provavelmente convencerá o velho Henderson a ajeitar a situação.

— Muito breve. Como vai Jean?

— Hã? Ótima... Apavorada, nervosa, creio. Você verá. Mas é uma garota enérgica.

— Diga a ela que não se preocupe.

— Diga você mesmo.

— Está aí com você?

— Não... — Ballard transmitiu uma nota de preocupação, que antes se encontrava ausente. — Não, não está aqui. Está a caminho para visitá-lo...

— *O quê?*

— A enfermeira. A enfermeira do médico. Telefonou há cerca de uma hora, dizendo que queria falar com Jean. — A voz de Ballard soou subitamente áspera e forte. — *Que diabo está acontecendo, Spaulding?*

41

— O homem de Lisboa esperava contramedidas, naturalmente. Surpreende-me que se tenha mostrado tão descuidado — Heinrich Stoltz exalava arrogância pelo telefone. — A Sra. Cameron era uma criatura que aceitava sem discussões, não é? É difícil resistir ao apelo da pessoa amada, não é?

— Onde está eia?

— A caminho de Lujan. Ficará hospedada em Habichtsnest. Uma hóspede muito bem recebida, asseguro-lhe. Herr Rhinemann ficará imensamente satisfeito. Eu ia mesmo telefonar-lhe. Queria esperar até que fizéssemos a intervenção.

— Você está doido! — David tentava manter a voz tranqüila. — Está pedindo represálias em cada área neutra. Reféns diplomáticos num país neutro...

— Hóspede — interrompeu o alemão, satisfeito. — E nem tão importante assim. Uma nora, com o marido falecido. Sem *status* oficial. Tão complicados esses rituais sociais americanos.

— Você sabe o que quero dizer! Não precisa de diagramas!

— Eu disse que ela era uma hóspede! De um eminente financista que você,, mesmo foi instado a procurar... com relação a assuntos econômicos internacionais, creio. Um judeu expulso de sua pátria, sendo essa pátria seu inimigo. Não vejo motivo para alarma imediato... Embora talvez haja.

Não havia razão para adiar. Jean não fazia parte do trato, da acusação formal. A acusação que fosse para o inferno! Que fossem para o inferno os compromissos sem sentido! Pois não tinham sentido!

Somente Jean importava.

— Dite as condições — falou David.

— Eu tinha a certeza de que você cooperaria. Que diferença faz para você? Ou para mim, afinal... Você e eu recebemos ordens. Deixe a filosofia para os grandes homens de negócios. Nós sobrevivemos.

— Não me parecem palavras de um verdadeiro crente. Disseram-me que era convicto.

David falava a esmo. Precisava de tempo, segundos apenas, para pensar.

— Por estranho que pareça, eu sou. Num mundo que já desapareceu, creio. Só acredito, parcialmente, no que está por vir... O restante dos planos se encontra em Habichtsnest.

Você e seu" aerofísico irão imediatamente para lá. Quero concluir esta noite as negociações.

— Espere um minuto! — A mente de David percorria as conjecturas, as opções do antagonista. — Nunca estive em local tão sujo. Os habitantes deixam muito a desejar.

— Os hóspedes também...

— Duas condições. Primeira: que eu veja a Sra. Cameron no minuto em que lá chegar. Segunda: não enviarei os códigos — se é que eles precisam ser enviados — até que ela se encontre de volta à Embaixada. Com Lyons.

— Discutiremos os detalhes mais tarde. Há uma condição prioritária, porém. — Stoltz fez uma pausa. — Se não aparecer em Habichtsnest esta tarde, nunca mais verá a Sra. Cameron como a viu na última vez... Habichtsnest tem inúmeras diversões. Os hóspedes se distraem muito lá. Infelizmente, ocorreram terríveis acidentes no passado. No rio, na piscina, nos passeios a cavalo. . .

O capataz deu-lhe um mapa rodoviário e encheu o tanque do veículo da FMF com a gasolina do posto da fazenda. Spaulding retirou os medalhões cor de laranja dos pára-choques e apagou os números da licença, raspando a tinta de modo que os 1 parecessem 7 e os 3, 8. Em seguida, quebrou o emblema no alto do capô, passou tinta preta no radiador e retirou as quatro calotas. Finalmente, tomou uma machadinha e, para espanto do silencioso gaúcho, golpeou as portas, a carroceria, o capô do veículo.

Quando terminou, o automóvel da FMF parecia qualquer calhambeque desses que circulam no interior.

Rumaram estrada afora até o caminho primitivo onde se encontrava a caixa de conexão telefônica e dobraram para leste, em direção a Buenos Aires. Spaulding pisou no acelerador; as vibrações fizeram com que o metal solto chocalhasse por todo o carro. Lyons segurava o mapa desdobrado sobre os joelhos; se ele estivesse correto, alcançariam Lujan sem percorrer as estradas principais, reduzindo as chances de serem descobertos pelas patrulhas da FMF, que deviam estar no seu encalço.

Que maldita ironia! — pensou David. Segurança... Segurança para Jean e também para ele residia no contato com o mesmo inimigo que ele combatera ferozmente durante mais de três anos. Um inimigo que se tornara aliado graças aos mais incríveis acontecimentos, a traições ocorridas em Washington e Berlim.

Que havia dito Stoltz? *Deixe a filosofia para os grandes homens de negócios.*

Fazia sentido e não fazia, absolutamente.

David quase não avistou a meio oculta entrada de Habichtsnest. Viera da direção oposta, naquele trecho solitário onde só viajara uma vez e à noite. Foram as marcas de pneus na superfície clara da entrada que o levaram a diminuir a velocidade e olhar para a esquerda, avistando a brecha na floresta. Não se encontravam ali o tempo suficiente para serem apagadas pelo sol ardente e o tráfego contínuo. E Spaulding recordou as palavras do guarda no pór de Ocho Calle:

...Há muita gritaria.

David imaginou Rhinemann berrando ordens, lançando uma coluna de Bentleys e Packards a toda velocidade pela estrada escondida de Habichtsnest, a caminho de uma rua tranqüila de San Telmo.

E sem dúvida, mais tarde — pela madrugada — outros automóveis, com homens suarentos e apavorados deviam dirigir-se à península isolada que era Ocho Calle.

Com certo orgulho profissional, Spaulding refletiu que interferira muito bem.

Contra ambos os inimigos. Todos os inimigos.

Um vago plano entrava em foco, mas somente em linhas gerais. Muita coisa dependia do que teria a enfrentar em Habichtsnest.

E das macias palavras de ódio pronunciadas por Asher Feld.

Os guardas de uniforme paramilitar baixaram os rifles quando o automóvel se aproximou. Outros contiveram os cães que faziam pressão contra as coleiras, dentes à mostra, ladrando furiosamente. O homem que se encontrava por trás do portão elétrico gritou ordens aos que se achavam do outro lado; guardas correram para o carro e abriram violentamente as portas. Spaulding e Lyons saltaram, sendo empurrados contra o veículo da FMF e revistados.

David voltou a cabeça, olhando para a extensa cerca que se estendia de ambos os lados do portão. Calculou a altura, a força tênsil das malhas, os pontos de contato elétrico entre as partes divididas por grossos postes, os ângulos de direção.

Tudo isso fazia parte do plano.

Jean correu para ele, no terraço. David abraçou-a em silêncio por um longo instante. Foi um breve intervalo de equilíbrio e ele se sentiu grato.

Rhinemann encontrava-se na balaustrada, a uns seis metros. Stoltz ao lado. Os olhos estreitos do alemão fixaram David sob as pálpebras bronzeadas. O olhar era de zombaria e respeito e David o sabia.

Havia um terceiro homem presente. Alto, louro, de terno branco Palm Beach, sentado a uma das mesinhas de tampo de vidro. Spaulding não o conhecia.

— David, *David*. Que foi que eu fiz?

Jean não queria largá-lo e ele acariciou-lhe os cabelos macios, respondendo, em voz baixa:

— Entre outras coisas, salvou minha vida...

— O Terceiro Reich possui uma vigilância extraordinária, Sra. Cameion — interveio Stoltz, sorrindo. — Vigiamos todos os judeus, especialmente os de profissão liberal. Sabíamos que era amiga do médico de Palermo e que o coronel estava ferido. Foi muito simples.

— A vigilância dos judeus inclui o homem ao seu lado? — indagou Spaulding, voz sem qualquer entonação.

Stoltz empalideceu de leve e seu olhar desviou-se, rapidamente, de Rhinemann para o homem louro sentado na cadeira.

— Herr Rhinemann entende o que quero dizer. Falo em termos pragmáticos. Falo sobre a necessária observação dos elementos hostis.

— Sim, eu me lembro — falou David, passando os braços pelos ombros de Jean. — Foi muito claro, ontem, quando se referiu à lamentável necessidade de certos detalhes práticos. Lamento que tenha perdido a conferência, Rhinemann. Referia-se à concentração de dinheiro judaico. Estamos aqui. Vamos trabalhar.

Rhinemann afastou-se da amurada.

— Já vamos. Antes, porém, para que o círculo se complete, desejo apresentá-lo a um amigo que veio de Berlim, em vôo neutro, naturalmente. Quero que tenha a oportunidade de saber que vai lidar diretamente com ele. A troca será assim mais genuína.

Spaulding fixou o homem louro de terno branco, que enfrentou-lhe o olhar.

— Franz Altmüller, Ministério dos Armamentos, Berlim — falou David.

— Coronel David Spaulding, Fairfax, ex-agente em Portugal. O homem de Lisboa — disse Altmüller.

— Vocês são chacais que lutam como traidores e desonram as próprias casas. Eu o afirmo, a ambos... Agora, conforme, disse, coronel, vamos trabalhar — disse Rhinemann.

Stoltz conduziu Lyons até o gramado junto à piscina. Ali, numa grande mesa redonda, um guarda de Rhinemann encontrava-se segurando a caixa metálica. O físico sentou-se de costas para a varanda e o guarda colocou a caixa na mesa.

— Abra — ordenou Rhinemann, lá de cima.

O guarda obedeceu. Lyons tirou os planos e desdobrou-os na mesa.

Altmüller falou, então:

— Fique com ele, Stoltz.

Stoltz ergueu o olhar, confuso, mas não respondeu. Encaminhando-se para a borda da piscina, sentou-se numa espreguiçadeira, olhos fixos em Lyons.

Altmüller voltou-se para Jean.

— Posso falar ao coronel, por favor?

Jean fixou Spaulding, libertou-lhe a mão e dirigiu-se ao extremo da varanda. Rhinemann permaneceu no centro, olhos em Lyons.

— Por nós ambos — disse Altmüller —, creio que deveria contar-me o que aconteceu em San Telmo.

David observou atentamente o alemão. Altmüller não mentia, não estava tentando atirá-lo a uma armadilha. *Ignorava a Haganah. Ignorava Asher Feld.* Era a única oportunidade de Spaulding.

— Gestapo — falou David, dando à mentira a simplicidade da convicção.

— *Impossível!* — Altmüller cuspiu a palavra. — Sabe que é impossível! Eu estou aqui!

— Lidei com as Gestapo de diversas maneiras, durante quase quatro anos. Conheço o inimigo... Conceda-me este crédito.

— Está enganado! Não há possibilidade!

— Passou demasiado tempo no Ministério e não o bastante em ação. Quer uma análise profissional?

— Qual?

David debruçou-se na amurada.

- Foi enganado.

— *O quê?*

— Exatamente como eu fui enganado por aqueles que utilizam os nossos consideráveis talentos. Em Berlim e Washington. Há também uma notável coincidência... Ambos têm as mesmas iniciais... A.S.

Altmüller fixou Spaulding com seus penetrantes olhos azuis, e boca entreaberta, incrédulo. E murmurou o nome, em voz baixa:

— *Albert Speer....*

— *Alan Swanson* — rebateu David, macio.

— Não é possível — declarou Altmüller, com menos, convicção que a princípio. — Ele ignora.

— Não entre em ação sem um pouco de treinamento prévio. Não resistirá... Por que acha que propus fazer um trato com Rhinemann?

Altmüller ouvia, mas não escutava. Desviando os olhos de Spaulding, parecia concentrar-se nas peças de um inacreditável quebra-cabeças.

— Se o que diz é exato — e eu não concordo de maneira alguma —, os códigos não seriam enviados e a transferência não se realizaria. Não haveria silêncio do rádio, a sua Marinha estaria patrulhando com o radar, as baterias antiaéreas seriam postas em ação. Tudo estaria perdido!

David cruzou os braços. Era o momento em que a mentira seria aceita ou rejeitada, ele o sabia. Sentia-se como se sentira dezenas de vezes no norte, quando a mentira era a jogada decisiva.

— O seu lado joga com mais violência que o meu. Faz parte da Nova Ordem. Minha gente não me matará. Só querem se certificar de que eu não saiba de nada. Preocupam-se apenas com os planos. . . Para você, é diferente. Sua gente mantém em aberto as opções. David calou-se e sorriu para Rhinemann, que abandonara a posição de sentinela junto à amurada e os observava. Altmüller fixava Spaulding. O profissional inexperiente recebendo uma lição.

— A seu ver, quais são as opções?

— Duas me ocorrem. Imobilizar-me, impor outro código no último momento, substituir planos incompletos. Ou retirar os diamantes de Ocho Calle por outro caminho que não o mar — difícil, com aqueles caixotes, mas não impossível.

— Então, por que não devo permitir que tais opções sejam levadas a efeito? É tentador. Spaulding fixava o vácuo. Súbiffa, voltou-se e olhou para Altmüller.

— Nunca entre em campanha. Não resistirá um dia. Permaneça no seu Ministério.

— Que significa isso?

— Se utilizar qualquer outra estratégia alternativa, estará morto. Tornou-se um risco agora. Negociou com o inimigo. Speer sabe disso; a Gestapo, também. Sua única chance é utilizar o que sabe. Exatamente como eu. Você, para salvar a vida; eu, em troca de uma porção de dinheiro. Deus sabe que as companhias de aviação vão ganhar fortunas. Mereço uma parte.

Altmüller deu dois passos em direção à amurada e colocou-se junto de David, contemplando o rio ao longe.

— É tudo tão sem sentido.

— Não quando a gente se aprofunda. Neste negócio, nunca se obtém algo em troca de nada.

Olhos perdidos na distância, David sentiu os olhos de Altmüller bruscamente pousados em sua figura e percebeu que a nova idéia entrava em foco na mente do alemão.

— Sua generosidade pode ser sua perdição, coronel... Ainda podemos obter algo em troca de nada. E eu, uma medalha de herói do Reich. Temos você. A Sra. Cameron. O físico é sacrificável, com certeza... Você enviará os códigos. Estava disposto a negociar por dinheiro. Certamente, negociará pela própria vida.

Como Altmüller, David olhou em frente ao responder. Braços cruzados, parecia irritantemente relaxado, como sabia que precisava estar.

— Aquelas negociações foram concluídas. Se Lyons aprovar os planos, enviarei os códigos quando ele e a Sra. Cameron estiverem de volta a Embaixada. Não antes.

— Você os enviará quando eu ordenar.

Altmüller começava a achar dificuldade em manter a voz controlada. Rhinemann tornou a fitá-los, mas não fez menção de interferir. Spaulding compreendeu. Rhinemann brincava com seus chacais.

— Lamento desapontá-lo — falou David.

— Então, coisas extremamente desagradáveis acontecerão. Primeiro, a Sra. Cameron.

— Desista — suspirou David. —• Jogue pelas regras anteriores. Você não tem chance.

— Fala com muita segurança, para um homem sozinho.

Spaulding afastou-se da amurada e encarou o alemão. Sua voz soou pouco acima de um murmúrio.

— Você é mesmo um perfeito idiota. Não resistiria uma hora em Lisboa... Acha que entrei aqui sem qualquer apoio? Acha que Rhinemann esperava que eu o fizesse? ... Nós, homens de ação, somos muito cautelosos, muito covardes. Não somos heróicos. Não explodimos construções quando ainda há chances de nos encontrarmos no interior. Não destruímos uma ponte do inimigo, a menos que exista uma saída para o nosso lado.

— Você está sozinho. Não lhe restam pontes!

David fixou Altmüller como se avaliasse um feio peso de carne e, depois, relanceou para o relógio.

— Stoltz foi um tolo. Se eu não fizer uma ligação dentro de 15 minutos, haverá uma série de telefonemas, resultando em Deus sabe lá quantos automóveis oficiais vindos na direção de Lujan. Sou adido militar à Embaixada americana. Acompanhei a filha do Embaixador a Lujan. Isso basta.

— É um absurdo! Estamos numa cidade neutra. Rhinemann...

— Rhinemann abriria os portões e expulsaria os chacais — interrompeu Spaulding, com toda a calma. — Somos riscos, os dois. "Tortugas" poderia explodir no pós-guerra. Ele não permitirá isso. Pense o que pensar dos sistemas, o seu ou o meu, isso não importa. Só uma coisa lhe interessa; a causa de Erich Rhinemann.. Pensei que soubesse. Foi quem o escolheu.

A respiração de Altmüller estava um tanto pronunciada demais, pensou David. Ele procurava controlar-se e mal conseguia.

— Tomou as providências para enviar os códigos? Daqui? *A mentira fora aceita. A pedra fundamental fora colocada.*

— O regulamento entra em vigor com severidade. Silêncio de rádio e radar. Nada de ataques a submarinos que venham à superfície, nem de detenção de traineiras... navegando sob bandeira paraguaia, penetrando a zona costeira. Vencemos ambos... Que é que você quer, chacal?

Altmüller voltou-se novamente para a amurada, apoiando as mãos na superfície de mármore, dedos rígidos contra a pedra. As dobras de seu terno branco mantinham-se rigidamente imóveis. Olhos no rio, falou:

— O regulamento de "Tortugas" entra em vigor.

— Preciso dar um telefonema — falou David.

— Era o que eu esperava — replicou Rhinemann, olhando com desprezo para Franz Altmüller. — Detesto sequestros em embaixadas. Não trazem proveito a ninguém.

— Não seja severo demais — disse Spaulding, amavelmente. — Trouxe-me até aqui em tempo recorde.

— Dê o seu telefonema. — Rhinemann indicou um aparelho numa mesinha junto ao arco.

— Sua conversa será ampliada, naturalmente.

— Claro — respondeu David, dirigindo-se ao telefone.

— Sala de rádio... — ouviu-se, de invisíveis alto-falantes.

— Fala o Tenente-coronel Spaulding, adido militar — falou David, interrompendo Ballard.

Houve uma ligeira pausa, antes da resposta:

— Que deseja, Coronel Spaulding?

— Fiz um pedido de investigação antes da minha conferência desta tarde. Pode cancelá-lo neste momento.

— Sim, senhor... Como quiser, senhor.

— Posso falar com o chefe dos criptógrafos, por favor? Sr. Ballard, creio.

— Sou Ballard, coronel.

— Desculpe — disse David, secamente. — Não reconheci sua voz, Ballard. Prepare-se para enviar as escalas de código seladas que preparei. O envelope verde. Abra-o e familiarize-se com as progressões. Quando eu avisar, quero que sejam transmitidas imediatamente. .Com prioridade Faixa Negra.

— Como... senhor?

— Minha autorização é Faixa Negra, Ballard. Está no Lex, de modo que é melhor desimpedir todos os seus canais. Não haverá problemas com esse grau de prioridade. Ligarei mais tarde.

— Sim, senhor.

David desligou, esperando que Ballard fosse tão bom em adivinhações como o julgava. Ou em jogos de salão, como Henderson Granville anunciara.

— Você é muito eficiente — observou Rhinemann.
— Procuro ser.

Ballard fixou o telefone. Que é que Spaulding estava tentando comunicar? Obvio que Jean estava bem; e que ele e Lyons também estavam, pelo menos no momento.

Prepare-se para enviar as escalas de código seladas que preparei.

David não havia preparado código algum. Ele é quem tinha. Spaulding decorara as progressões, isso era exato, mas apenas para uma contingência.

Que diabo de *envelope verde* seria aquele?

Não havia envelope algum, nem vermelho, nem azul, nem verde!

Que diabo significava aquela tolice de "prioridade Faixa Negra"?

Que era Faixa Negra? Não fazia sentido!

Mas era uma chave. *Está no Lex...*

Lex.... Léxico. O Léxico de Criptografia!

Faixa Negra... Recordou algo muito obscuro, perdido no passado. Faixa Negra era uma expressão muito antiquada, obsoleta. Mas significava algo.

Ballard levantou-se da cadeira giratória e dirigiu-se à estante que ficava na parede oposta da pequena sala de rádio. Fazia anos que não consultava o *Léxico de Criptografia*. Era um livro acadêmico, inútil. Obsoleto.

Encontrava-se na prateleira de cima, com todos os outros inúteis livros de referência — como os demais, recolhendo poeira.

Encontrou o termo na página 71. Era um único parágrafo espremido entre outros igualmente sem sentido. Mas naquele momento passou a ter,

"Faixa Negra também chamada *Schwarzes Tuch*, pois foi empregada em primeiro lugar pelo Exército Imperial alemão em 1916, é um artifício para armar uma cilada. E arriscado, pois não pode ser repetido mais de duas vezes num setor. É um sinal para enviar um código, ativando determinado conjunto de providências com o intento de cancelá-las. O fator cancelamento é expresso em minutos especificamente numerados. Na prática, foi abandonado em 1917, pois anulava..."

Enviar... com o objetivo de cancelar.

Ballard fechou o livro e voltou à sua cadeira, diante dos mostradores.

Lyons voltava repetidamente as páginas dos planos para diante e para trás, como se verificasse duplamente seus cálculos. Rhinemann chamou duas vezes, da varanda, indagando se havia problemas. Por duas vezes, Lyons voltou a cadeira e meneou a cabeça. Stoltz permaneceu na espreguiçadeira junto à piscina, fumando cigarros. Altmüller conversou rapidamente com Rhinemann, uma conversa insatisfatória para ambos sem dúvida, Altmüller voltou à cadeira perto da mesa de tampo de vidro e folheou um jornal de Buenos Aires.

David e Jean permaneceram no extremo do terraço, conversando em voz baixa. De vez em quando Spaulding erguia um pouco a voz; se Altmüller estivesse escutando, ouviria referência a Nova York, a firmas construtoras, a vagos planos de pós-guerra. Planos de namorados.

Mas as referências não tinham importância.

— No hotel Alvea — disse David, em voz baixa, segurando a mão de Jean — há um homem registrado sob o nome de E. Pace. *E. Pace*: Seu verdadeiro nome é Asher Feld. Identifique-se como o contato enviado por mim... e um agente da Fairfax chamado Barden. Ira Barden. Nada mais. Diga a ele que estou invocando as suas prioridades. Dentro de duas horas precisas... no minuto em que telefonar da Embaixada... No minuto exato, Jean. Ele compreenderá.

Só uma vez Jean Cameron conteve a respiração, o que levou David a fixá-la e apertar-lhe a mão. Ela disfarçou o choque, com uma risada artificial.

Altmüller ergueu os olhos do jornal. Havia desprezo no olhar. Além do desprezo. Também evidente, a ira.

Lyons levantou-se da cadeira e espreguiçou-se, estendendo o corpo magro. Passara três horas e 10 minutos à mesa. Voltando-se, olhou para a varanda, na direção de Spaulding. E fez um gesto afirmativo de cabeça.

— Ótimo — disse Rhinemann, aproximando-se de Franz Altmüller. — Prosseguiremos, então. Breve será noite. Tudo estará concluído de madrugada. Chega de atrasos! Stoltz! *Kommen Sie her! Bringen Sie die Aktenmappe!*

Stoltz dirigiu-se à mesa e começou a recolocar as páginas na pasta.

David tomou o braço de Jean e conduziu-a em direção a Rhinemann e Altmüller. O nazista falou:

— Os planos compreendem cerca de 465 páginas de dados causais e equações progressivas. Ninguém pode decorar tal informação; a ausência de qualquer das partes inutiliza os planos. Tão logo entre em contato com o criptógrafo, para transmitir os códigos, a Sra. Cameron e o físico estarão livres para partir.

— Lamento muito — disse Spaulding. — Meu acordo foi enviar os códigos quando eles estivessem de volta à Embaixada. É assim que tem de ser.

— Certamente — interveio Rhinemann, zangado —, não acha que eu permitiria...

— Não, não acho — interrompeu David. — Mas não estou certo de que possa controlar coisa alguma fora dos portões de Habichtsnest. Assim, será mais cuidadoso.

42

Uma hora e trinta e um minutos se passaram antes que o telefone tocasse. Exatamente 21:15. O sol se escondera por detrás das colinas de Lujan; as luzes ao longo da margem distante piscavam na escuridão envolvente.

Rhinemann tomou o aparelho, escutou e passou-o a David.

Spaulding levantou-se, aproximando-se do financista e tomando o fone. Rhinemann ligou um botão na parede e os alto-falantes começaram a funcionar.

— Chegamos, David.

As palavras de Jean soaram por todo o terraço.

— Ótimo — respondeu Spaulding. — Sem problemas?

— Não exatamente. Após uns cinco quilômetros, pensei que o Dr. Lyons ficaria doente. Dirigiam tão rápido...

Após... cinco...¹

Asher... Feld... Jean conseguira!

— Mas ele está bem, agora?

— Está descansando. Levará algum tempo para se sentir... *Tempo*.

Jean transmitira a Asher Feld o tempo exato.

— Muito bem...

— Genug! Genug! — disse Altmüller, junto à balaustrada. — Basta. Já teve a sua prova. Eles chegaram. Os códigos!

David fixou o nazista. Era um olhar sem pressa, nem um pouco cordial.

— Jean?

— Que é?

¹ Em inglês, after five. (N. do T.)

— Você está na sala de rádio?

— Estou.

— Chame aquele sujeito, o Ballard.

— Está aqui.

A voz de Ballard era impessoal, eficiente.

— Coronel Spaulding?

— Ballard, desimpediu todos os canais secretos?

— Sim, senhor, assim como a sua prioridade. A faixa está confirmada, senhor.

— Muito bem. Aguarde a minha ligação. Não deve demorar mais que uns poucos minutos.

David desligou rapidamente.

— Que está fazendo? — gritou Altmüller, furioso. — *Os códigos! Transmita-os!*

— Ele está nos traindo! — gritou Stoltz, saltando da cadeira.

— Creio que deve explicar-se — Rhinemann falou em voz macia, sugerindo o castigo que pretendia infligir.

— Detalhes de última hora — disse Spaulding, acendendo um cigarro. — Daqui a minutos... Podemos falar a sós, Rhinemann?

— Não é necessário. De que se trata? — perguntou o financista. — Seu método de partida? Já está combinado. Será transportado ao campo de Mendarro com os planos. Fica a menos de 10 minutos daqui. Mas só tomará o avião quando recebermos confirmação da transferência Koenig.

- Quanto tempo levará?

— Que diferença faz?

— Uma vez iniciado o *blackout* eu não tenho proteção, esta é a diferença.

— *Ach!* — Rhinemann estava impaciente. — Durante quatro horas terá a melhor proteção do mundo. Não tenho disposição para ofender Washington!

— Está vendo? — falou David a Franz Altmüller. — Eu disse a você que nós éramos perigosos. — E, voltando-se para Rhinemann: — Muito bem, aceito. Você também terá riscos. Detalhe número um anulado. Vamos ao número dois. Meu pagamento.

Rhinemann estreitou as pálpebras.

— Você é realmente um homem minucioso. . . A soma de 500 mil dólares americanos será transferida para o Banque Louis Quatorze de Zurique. É uma soma não negociável e bastante generosa.

— Extremamente. Mais do que eu teria pedido. Qual a minha garantia?

— Ora, coronel, não somos vendedores. Sabe onde eu moro. Seus talentos estão comprovados. Não quero o espectro do homem de Lisboa no meu horizonte pessoal.

— Estou lisonjeado.

— O dinheiro será depositado; os documentos, guardados no banco. O processo normal.

David amassou o cigarro.

— Muito bem. Zurique! Agora, o último detalhe. Esses generosos pagamentos que pretendo receber em casa... Os nomes, por favor. Escreva-os num pedaço de papel.

— Tem tanta certeza de que eu conheço esses nomes?

— É a única coisa de que estou realmente certo. É a única oportunidade que não perderá.

Rhinemann tirou um caderninho de couro negro do bolso do casaco e escreveu rapidamente numa página, arrancando-a e entregando-a a Spaulding.

David leu:

"Kendall, Walter

Swanson, A. — Exército dos EUA

Oliver, H. — Meridian Aircraft

Craft, — J. Packard"

— Obrigado — disse Spaulding, guardando no bolso a página do livro e estendendo a mão para o telefone. — Ligue-me para a Embaixada americana, por favor.

Ballard leu a seqüência de progressões de códigos que David recitara para ele. Não eram perfeitas, mas não estavam distantes disso. Spaulding confundira uma equação vocálica, mas a mensagem era clara.

E a ênfase de David na "frequência de 120 megaciclos para todas as outras transmissões subseqüentes" era tolice sem sentido. Mas também isto era claro.

Cento e vinte minutos.

Faixa Negra.

O código original continha treze letras:

"CABLE TORTUGAS"

O código que Spaulding havia recitado, porém, possuía 15 le-tras.

Ballard fixou as palavras

"DESTRUA TORTUGAS"

Dentro de duas horas.

David possuía um "detalhe" final que ninguém poderia censurar profissionalmente mas que todos acharam desagradável. Uma vez que faltavam quatro horas mais ou menos até que fosse transportado ao aeroporto de Mendarro e havia diversas razões neste período para que ele estivesse a distância dos planos, insistiu em que eles fossem colocados numa só caixa metálica e presos com cadeado a qualquer estrutura permanente, a corrente fechada por novo cadeado e as chaves entregues a ele. Além do mais, guardaria também as chaves da caixa e passaria fio nas dobradiças. Se alguém mexesse nos planos ele saberia.

— Suas precauções são obsessivas — observou Rhinemann, irritado. — Eu deveria ignorá-lo. Os códigos já foram enviados.

— Então, faça-me a vontade. Sou Fairfax quatro-zero. Talvez venhamos a trabalhar juntos novamente.

Rhinemann sorriu.

— É sempre assim, não é? Está bem.

Rhinemann mandou buscar uma corrente e um cadeado, que ele teve o prazer de exhibir a David no estojo original. O ritual estava encerrado em poucos minutos, a caixa metálica presa à balastrada da escadaria do grande vestíbulo. Os quatro homens instalaram-se na imensa sala à direita do *hall*, de onde o arco proporcionava visão da escada e da caixa metálica.

O financista tornou-se, então, um anfitrião cordial. Ofereceu *brandies*, que somente Spaulding aceitou a princípio, imitado mais tarde por Heinrich Stoltz. Altmüller não quis beber.

Um guarda, de uniforme paramilitar perfeitamente engomado, transpôs o arco.

— Nossos operadores confirmam o silêncio pelo rádio, senhor. Em toda a zona costeira.

— Obrigado — disse Rhinemann. — Fique alerta em todas as frequências.

O guarda fez que sim e, voltando-se, saiu tão rápido quanto havia entrado.

— Seus homens são eficientes — observou David.

— São pagos para ser — respondeu Rhinemann, consultando o relógio. — Agora, esperemos. O processo está em andamento e nada temos a fazer senão esperar. Vou pedir uma ceia. Canapés não alimentam... e temos muito tempo.

— É hospitaleiro — observou Spaulding, levando seu *brandy* para uma poltrona junto à de Altmüller.

— E generoso, não esqueça.

Seria difícil. . . perguntava a mim mesmo, porém, se poderia incomodá-lo ainda mais. — David pousou o copo de *brandy* numa mesinha e fez um gesto para as roupas amarrotadas e desajeitadas. — Foram-me emprestadas por um empregado de fazenda. Só Deus sabe quando foram lavadas pela última vez. E eu também... gostaria de tomar um banho de chuveiro, fazer a barba; se pudesse me providenciar uma calça, uma camisa ou pulôver. . .

— Estou certo de que sua criadagem poderá providenciar — falou Altmüller, observando David com desconfiança.

— Pelo amor de Deus, Altmüller, não vou a parte alguma! Exceto ao chuveiro. Os planos estão ali! — Spaulding apontou zangado para a caixa metálica que se avistava para além do arco, presa a um balaústre de escada. — Se acha que vou sair sem aquilo, você é um débil mental.

O insulto enfureceu o nazista, que agarrou os braços da poltrona, procurando controlar-se. Rhinemann riu e falou a Altmüller.

— O coronel viveu alguns dias cansativos. Seu pedido não tem importância e asseguro-lhe que não irá a parte alguma senão ao aeroporto de Mendarro... Gostaria que já estivesse lá. Isso me pouparia meio milhão de dólares.

David acompanhou a gargalhada de Rhinemann.

— Um homem com todo esse dinheiro em Zurique deveria pelo menos sentir-se limpo. — Levantou-se. — tem razão quanto aos últimos dias. Estou exausto. E todo dolorido. Se a cama for macia, dormirei um pouco. — Fitou Altmüller. — Com um batalhão de guardas na porta, se isso tranqüilizar as preocupações do rapazinho.

Altmüller levantou-se e gritou, em voz alta e áspera:

— Basta!

— Ora, sente-se — falou David. — Você parece um tolo.

O guarda de Rhinemann trouxe-lhe uma calça, uma camisa leve de gola rolê e um casaco de suede pardo. David notou que as peças eram caras e teve a certeza de que serviriam. No banheiro havia aparelho de barbear, e se precisasse de mais alguma coisa era só abrir a porta e pedir. O homem estaria no corredor. Na verdade, eram dois homens.

David compreendeu.

Disse ao guarda — um porteño — que dormiria uma hora, depois faria a barba e tomaria banho para a viagem. Ele teria a bondade de acordá-lo às 11?

O guarda disse que sim.

Pelo relógio de David, era 22:05. Jean telefonara precisamente às 21:15. Asher Feld tinha exatamente duas horas a partir daí.

David tinha uma hora e seis minutos. Onze e quinze.

Se Asher Feld realmente acreditasse nas suas prioridades.

O quarto era amplo, de teto elevado, com duas janelas duplas, e ficava no terceiro andar, na ala leste da casa. Era a única coisa que Spaulding saberia dizer enquanto as luzes estivessem acesas.

Apagou-as e voltou às janelas. Abrindo silenciosamente a veneziana da esquerda, espiou através das cortinas.

O telhado era de ardósia e isso não era bom. Possuía uma ampla goteira, o que era melhor. A calha conduzia a um cano a cerca de 10 metros de distância. Isto era satisfatório.

Diretamente abaixo, no segundo andar, havia quatro pequenas varandas que conduziriam, provavelmente, a quartos de dormir. A mais distante ficava a menos de metro e meio do

cano. Possivelmente, relevante; provavelmente, não.

Lá embaixo, o gramado era como todos os de Habichtsnest; tratado, negro-esverdeado ao luar, espesso. Móvel de ferro batido pintado de branco pontilhava-o e pedras formando caminhos contornavam os canteiros de flores. Afastando-se em curva da área sob as janelas, via-se um amplo caminho de terra que desaparecia no extremo direito do terraço que dava para a piscina; recordava-se de ter ouvido o intermitente bater de cascos. O caminho destinava-se a equitação e devia conduzir aos estábulos situados para além das árvores.

Isto era relevante, sendo que a relevância a esta altura era relativa.

E então Spaulding viu o brilho de um cigarro para além de um caramanchão guarnecido de gelósias a cerca de nove metros do perímetro pontilhado de móvel de ferro batido. Rhinemann manifestara a sua confiança em que ele, David, estaria a caminho de Mendarro dentro de duas horas, mas tal confiança era reforçada por homens de vigia.

Não era surpreendente. A surpresa seria a ausência de tal patrulha. Era uma das razões pelas quais contava com as prioridades de Asher Feld.

Deixou as cortinas tombarem no lugar e, afastando-se da janela, dirigiu-se à cama em dossel. Afastou as cobertas despiu-se, ficando de cuecas — peça grosseira que encontrara na cabana para substituir as suas, que estavam manchadas de sangue. Deitando-se, fechou os olhos sem a menor intenção de dormir. Em vez disso imaginou a alta cerca eletrificada do portão de Habichtsnest como a vira quando os guardas de Rhinemann o revistavam, encostado ao automóvel da FMF.

— À direita do imenso portão. À leste.

Os holofotes haviam iluminado o bastante para que ele notasse a ligeira curvatura da cerca, ao penetrar no bosque. Não muita, mas definida.

Nor-nordeste.

Visualizou mais uma vez a varanda que dava para a piscina. Para além da balaustrada, extrema direita do terraço onde conversara em voz baixa com Jean... Concentrou-se na área logo abaixo — em frente e à direita.

Nor-nordeste.

Viu-a claramente. O terreno à direita do campo de *croquet* e das mesas decaía suavemente até as altas árvores do bosque que rodeava a propriedade. Era nesse bosque que o caminho abaixo penetrava. E quando o terreno descia — a cerca de 500 metros da margem do rio —, recordava-se de ter visto interrupções na linha das copas distantes. Novamente à direita.

Campos.

Se houvesse cavalos — e havia — e estábulos — tinha que haver — então haveria pastagens para os animais libertarem-se, correndo das frustrações dos caminhos cercados de árvores que os limitavam.

Os espaços entre as árvores eram pastagens, não havia outra explicação.

Nor-nordeste.

Desviou os pensamentos para a estrada, um quilómetro ao sul da escadaria de mármore de Habichtsnest, que atravessava os arredores de Lujan e seguia para Buenos Aires. Lembrava-se dela embora, bem acima do rio, no cruzamento com Habichtsnest, ela se curvasse para a esquerda e descesse a colina, em direção ao distrito de Tigre. Procurou recordar precisamente os primeiros minutos do percurso de pesadelo no Bentley, que terminara em fumaça, fogo e morte nas Colinas Rojas. O carro saía pela passagem escondida e durante vários quilómetros corria para leste, para baixo e ligeiramente para o norte. Finalmente, seguia a linha do rio.

Nor-nordeste.

Imaginou então o rio lá embaixo, para além do terraço, todo pontilhado de velas brancas e iates. Corria em diagonal para a direita.

Nor-nordeste. Por ali fugiria.

Desceria o caminho para equitação sob o abrigo do bosque, rumando para nor-nordeste, em direção aos claros entre as árvores — os campos. Atravessando os campos, rumando sempre para a direita — leste — e descendo a colina, ao norte. Voltaria à floresta em declive, seguindo a linha do rio até encontrar a cerca eletrificada que rodeava o imenso recinto de Habichtsnest.

Para além daquela cerca, ficava a estrada de Buenos Aires. E a Embaixada.

E Jean.

David relaxou o corpo, deixando que a dor do ferimento corresse em círculos à volta da epiderme dilacerada. Respirou profundamente, com regularidade. Precisava permanecer calmo. Era isto o mais difícil.

Olhou o relógio, presente de Jean. Quase 11 horas. Saltou da cama, vestiu a calça e a camisa, calçou os sapatos — apertando os cordões o mais possível, até que o couro mordiscou-lhe a pele — e Jepois tomou o travesseiro e envolveu-o com a camisa suja que trouxera da fazenda. Colocando-o na cama, puxou as cobertas parcialmente sobre o volume. Enfiou o lençol na calça do capataz e cobriu tudo com as cobertas.

Levantou-se. Na escuridão e com a pouca luz que viria do *hall*, a cama pareceria suficientemente ocupada, pelo menos de imediato.

Aproximando-se da porta, encostou-se à parede junto dela:

O relógio marcava 22:59.

A batida foi ruidosa. O guarda não era sutil.

A porta abriu-se

— *Señor?... Señor?*

A porta abriu-se mais um pouco.

— *Señor*, está na hora. São 23:00.

O guarda encontrava-se na soleira olhando para a cama.

— *Él duerme* — disse tranquilamente por sobre o ombro:

— *Señor* Spaulding! — O guarda entrou no quarto às escuras.

No instante em que o homem ultrapassou a soleira David deu um único passo e agarrou-lhe com ambas as mãos o pescoço — onde mergulhou fortemente os dedos — puxando-o para si, em diagonal.

Nenhum grito emergiu. A laringe do guarda estava completamente interrompida. Ele decaiu, inerte.

Spaulding fechou cuidadosamente a porta e ligou o comutador.

— Muito obrigado — disse, em voz alta. — Ajude-me, por favor. Meu estômago dói como o diabo.

Não era segredo em Habichtsnest que o americano fora ferido.

David inclinou-se sobre o guarda caído, massageou-lhe a garganta, beliscou-lhe as narinas e, encostando os lábios à sua boca, soprou ar na laringe ferida.

O guarda reagiu consciente, mas não de todo, ainda em semi-choque.

Spaulding tirou-lhe a Luger do cinto e uma grande faca de caça enfiada numa bainha.

Colocando a lâmina no pescoço do homem fez a pele sangrar com a ponta afiada, murmurando, em espanhol:

— Entenda bem! Quero que ria! Comece a rir, *agora!* Se não rir, vai receber isto no pescoço... Agora. Ria!

Os olhos enlouquecidos do guarda transmitiam sua total incompreensão. Parecia saber apenas que estava lidando com um louco. Um louco que queria matá-lo.

Fracamente a princípio, para depois ir crescendo em volume e pânico, o homem riu.

Spaulding riu com ele.

O riso aumentou. David continuava fixando o guarda, fazendo sinal para que risse mais alto, demonstrasse uma alegria mais entusiástica. O homem, perplexo além de qualquer raciocínio e totalmente apavorado, ria histericamente.

Spaulding escutou o estalido da maçaneta a meio metro do seu ouvido e desceu a coronha da Luger na cabeça do guarda, tão logo o segundo entrou.

— *Qué pasa, Antonio? Te re...*

A Luger abateu-se sobre o crânio do argentino com tal força que o seu expirar soou na mesma altura da voz, quando ele caiu.

David consultou o relógio. Onze e oito. Faltavam sete minutos.

Se o homem chamado Asher Feld acreditasse no que dizia com tanta convicção.

Spaulding retirou as armas do segundo guarda, colocando no cinto a outra Luger. Revistando-lhe os bolsos, retirou todo dinheiro em notas que encontrou, além de uns poucos níqueis.

Não possuía dinheiro algum e era bem possível que precisasse.

Correndo ao banheiro, ligou o chuveiro de modo que a água esquentasse ao máximo; voltou à porta que dava para o *hall* e trancou-a. Em seguida, apagou todas as luzes e dirigiu-se à janela da esquerda, fechando os olhos para adaptar-se à escuridão lá de fora. Abrindo-os em seguida, piscou diversas vezes, tentando afastar os pontos brancos de ansiedade.

Eram 23:09.

Esfregou as mãos suadas na camisa de gola rolê, respirou profundamente várias vezes e aguardou.

A espera parecia-lhe quase insuportável.

Por que, ele não tinha meios de saber. E então ouviu! E compreendeu.

Duas surdas explosões! Tão fortes, tão espantosas, tão totalmente imprevistas que se sentiu trêmulo, respiração cortada.

Seguiram-se rajadas de metralhadora, cortando a noite silenciosa.

Lá embaixo, no jardim, homens gritavam uns para os outros, correndo em direção aos ruídos que enchiam o perímetro da propriedade com crescente violência.

David observou a atividade histérica. Havia cinco guardas sob suas janelas, todos correndo para fora de seus esconderijos. Avistou a claridade dos novos holofotes que eram acesos à direita, no elegante jardim de Habichtsnest, e ouviu o rugir de potentes motores de automóveis e a crescente frequência de ordens confusas.

Escorregou para fora da janela, agarrando-se ao peitoril, até que seus pés encontraram a calha.

Ambas as Lúgers estavam no cinto, a faca entre os dentes. Não podia arriscar-se a transportar uma lâmina junto ao corpo, e assim poderia cuspi-la a qualquer momento, se necessário. Adiantou-se lateralmente pelo telhado de ardósia. O cano ficava a poucos metros de distância.

As explosões e o tiroteio aumentaram no portão. David surpreendeu-se não só com o envolvimento de Asher Feld, como com sua logística. O líder da Haganah devia ter trazido um pequeno bem equipado exército até Habichtsnest.

Baixou o corpo cautelosamente contra o telhado e, estendendo a mão direita, agarrou a calha do outro lado do cano; devagar, com todo cuidado, apoiou os pés. Fez pressão contra a orla externa da calha, testando-lhe a força e, com um salto rápido e curto pulou por sobre a borda, segurando a beirada com ambas as mãos, pés contra a parede, cano entre os joelhos.

E começou a descer, mão abaixo de mão, pelo cano.

Entre os disparos, ouviu subitamente um ruído de coisa quebrada acima de sua cabeça, gritos em alemão e espanhol e o inconfundível quebrar; de madeira.

Estavam invadindo o quarto de onde acabara de sair.

O extremo norte da varanda do segundo andar encontrava-se paralelo a ele naquele momento. Estendendo a mão esquerda, agarrou a borda, passou a direita sobre o apoio e oscilou para baixo, o corpo pendente a uns nove metros do solo, mas escondido.

Havia homens nas janelas de cima. Abrindo as venezianas sem se darem ao trabalho de girar maçanetas, quebrando as vidraças, metal rangendo contra metal.

Ouviu-se nova explosão do campo de batalha, a uns 250 metros, no campo que interrompia a floresta. Uma arma distante detonou no jardim da frente. Os holofotes apagaram-se de súbito. Asher Feld avançava. O fogo cruzado seria mortífero. Suicida.

Os gritos acima de Spaulding afastaram-se da janela e ele chutou os próprios pés duas vezes a fim de obter impulso bastante para deslocar-se novamente para a calha.

Conseguiu-o, a lâmina entre os dentes provocando dores nos maxilares.

Deslizou para o chão, arranhando as mãos no metal desgastado, insensível aos cortes nas palmas e nos dedos.

Retirou a faca da boca, uma Luger do cinto e correu ao longo do caminho, em direção à escuridão das árvores. Mergulhando naquele corredor sombrio, contornado de árvores, evitou os troncos, preparando-se para se atirar ao chão ao primeiro ruído de disparos próximos.

Estes não se fizeram esperar, quatro sucessivos, incidindo com terrível nitidez nas árvores altas que o rodeavam.

Colocou-se por trás de um tronco espesso e espiou em direção à casa. O homem que atirava estava sozinho, de pé junto à calha. Então, um segundo guarda reuniu-se a ele, vindo do campo de *croquet*, trazendo um *dobertnan* pela coleira. Os dois gritavam um para o outro, cada qual querendo assumir o comando; o cão ladrava furiosamente.

Enquanto eles gritavam, duas rajadas de metralhadora partiram do jardim da frente; mais dois holofotes explodiram.

David viu os homens imobilizarem-se, desviando a atenção para a frente da casa. O guarda que segurava o cão puxou-lhe a coleira, forçando o animal a dirigir-se à parte lateral da casa. O segundo agachou-se, levantou-se em seguida e fez menção de adiantar-se rapidamente ao longo da construção, em direção ao pátio, ordenando ao companheiro que o seguisse.

Foi então que David o avistou lá em cima. À direita, através da folhagem, no terraço que dava para o gramado e a piscina.

Erich Rhinemann irrompera de uma porta, gritando ordens furiosas. Mas não estava em pânico. Comandava suas forças, implementando as defesas. Em meio ao assalto, parecia de certo modo um César messiânico ordenando aos seus batalhões que se atirassem ao ataque, ao ataque, ao ataque! Três homens surgiram à retaguarda. Gritou-lhes e dois deles entraram novamente em Habichtsnest. O terceiro discutiu. Rhinemann abateu-o sem a menor hesitação. O corpo tombou, desaparecendo das vistas de David. Rhinemann correu então para a parede obscurecida em parte pela amurada, mas não de todo. Aparentemente, gritava contra a parede.

E nela penetrava.

Por entre rajadas de metralhadora, David ouviu o ruído abafado e constante e compreendeu o que Rhinemann estava fazendo.

O funicular que ficava à beira do rio vinha buscá-lo

Em plena batalha, aquele César fugiria ao fogo.

Rhinemann, o porco. O requintado manipulador. O corruptor de tudo, que nada cumpria.

Talvez venhamos a trabalhar juntos novamente... É sempre assim, não é?

David saltou de seu abrigo e correu pelo caminho até o ponto onde jardins e floresta reuniam-se ao gramado sob o terraço. Disparou até a mesinha de metal branco, de pernas

trabalhadas — a mesma onde Lyons se instalara para examinar os planos. Rhinemann havia desaparecido.

Mas tinha que estar ali!

Súbito, Spaulding compreendeu com toda a clareza que o único propósito da missão em virtude da qual fora arrancado de Lisboa e transportado até o outro lado do mundo — através de fogo e sofrimento — era o homem que se encontrava ali em cima, escondido pela amurada.

— *Rhinemann!... Rhinemann! Estou aqui!*

A silhueta imensa do financista correu até a balaustrada, empunhando uma automática Sternlicht. Poderosa, assassina.

— *Você! Você é um homem morto!*

Começou a atirar. David jogou-se ao chão, por trás da mesa, virando-a e dela fazendo escudo. Balas choviam na terra e ricocheteavam no metal. Rhinemann continuava gritando.

— *Seus truques são suicídio, Lisboa! Meus homens estão acorrendo de toda parte! Centenas! Daqui a minutos! Venha, Lisboa! Apareça. Você apenas apressou sua morte! Pensa que eu o deixaria viver? Nunca! Apareça! Você está morto!*

David compreendeu. O manipulador não ofenderia os homens de Washington, mas também não permitiria que o homem de Lisboa permanecesse no seu horizonte pessoal. Os planos iriam para Mendarro, mas não o homem de Lisboa.

Este seria liquidado a caminho do aeroporto.

Era tudo tão claro.

David ergueu a Luger. Teria apenas um instante. Um desvio de atenção; depois, um instante. Seria o suficiente... As lições do norte.

Abaixando-se, cavou o solo, reunindo punhados de terra e grama com a mão esquerda. Conseguindo um volume razoável, atirou-o no ar, à esquerda da mesa metálica. Terra negra e grama flutuaram para cima ampliadas pelas luzes e pela furiosa atividade que se aproximava.

Houve uma firme rajada da Sternlicht. Spaulding saltou para a direita da mesa e apertou o gatilho da Luger cinco vezes, em rápida sucessão.

O rosto de Erich Rhinemann explodiu em sangue. A Sternlicht caiu quando suas mãos se ergueram no espasmo mortal. O corpo imenso dobrou-se para trás, depois para a frente e inclinou-se para a balaustrada.

Rhinemann precipitou-se do alto do terraço.

David ouviu os gritos dos guardas lá em cima e correu de volta à escuridão do caminho de terra. Correu com todas as forças pela tortuosa passagem negra, sapatos mergulhando intermitentemente nas bordas macias e cuidadas.

O caminho fazia uma curva brusca. *Para a esquerda.*

Maldição!

Ouviu os relinchos de cavalos assustados e captou o cheiro dos animais, divisando à direita uma estrutura de um só andar que abrigava uma série de baias, que constituíam os estábulos. Ouviu também os gritos atarantados de um empregado que tentava acalmar os cavalos.

Por uma fração de segundo, David brincou com uma idéia, rejeitando-a logo depois. Um cavalo seria rápido, mas talvez incontrolável.

Correu até o extremo dos estábulos, dobrou o ângulo e parou, a fim de recuperar o fôlego e orientar-se. Julgou saber onde se encontrava, tentando traçar mentalmente uma vista aérea da propriedade.

Os campos! Os campos tinham que estar próximos.

Correu para o lado oposto da estrutura de um andar e viu as pastagens estendendo-se adiante. Conforme visualizara, o terreno descaía suavemente para o norte, mas não muito, para não dificultar a pastagem e as corridas. Ao longe, para além dos campos, avistou as colinas cobertas de árvores, destacando-se ao luar. À direita — leste.

Entre o declive do descampado e as colinas, encontrava-se o caminho que precisava seguir. O percurso mais direto e oculto até a cerca eletrificada.

Nor-nordeste.

Correu até a cerca elevada que rodeava o pasto, deslizou através dela e começou a correr pelo campo afora. Os disparos continuavam lá atrás — distantes agora, mas aparentemente não menos violentos. Alcançou uma ribanceira que lhe proporcionou uma vista do rio a uns 250 metros. Também ali o terreno era cercado por uma cerca alta, que impedia os animais de se precipitarem pelas ribanceiras mais íngremes. Viu luzes acesas ao longo do rio. O incessante tiroteio fora levado pelas brisas de verão até a elegante comunidade que vivia nas margens.

Rodopiou, assustado. Uma bala assobiara acima da sua cabeça. Fora dirigida contra ele! Tinham-no avistado!

Atirou-se no capim da pastagem e arrastou-se para longe. Havia uma ligeira inclinação e ele rolou para baixo, até que seu corpo colidiu com um poste de madeira. Alcançara o extremo do campo; para além, estendiam-se os bosques.

Ouviu o ladrar feroz de um cão e compreendeu que estava no seu encalço.

De joelhos, avistou a silhueta do imenso animal que o perseguia pelo mato. A Luger estava apontada, mas compreendeu que se atirasse revelaria sua posição. Passou a arma para a mão esquerda e tirou a faca de caça do cinto.

O monstro negro saltou no ar, atraído pelo cheiro de carne humana. Empunhando a Luger, Spaulding ergueu a mão esquerda, sentindo o impacto do pêlo duro, musculoso do doberman na parte superior do corpo; viu a cabeça do animal inclinar-se para o lado, as presas descobertas rasgando a suéter frouxa e penetrando-lhe o braço.

Ergueu a mão direita, segurando a faca com toda força, e mergulhou-a no estômago do animal. Sangue quente jorrou do ventre dilacerado; ele abafou o rugir selvagem do cão moribundo.

David agarrou o braço. Os dentes do doberman haviam rasgado a epiderme abaixo do ombro. E os movimentos bruscos, o rolar pelo chão e as contorções haviam arrebatado pelo menos um dos pontos de seu ferimento no estômago.

Agarrou-se à cerca do pasto e arrastou-se para leste.

Nor-nordeste! Não leste, diabo!

Em seu choque momentâneo, compreendeu de repente que houvera uma perceptível redução no tiroteio distante. Fazia quantos minutos que isso ocorrera? As explosões prosseguiram, mas os disparos de armas de pequeno porte diminuam.

Consideravelmente.

Ouviram-se gritos do outro lado do campo, junto às estrebarias. Olhou por sobre o mato. Homens corriam com lanternas e os feixes de luz movimentavam-se em diagonal. Ouviu ordens emitidas aos gritos.

O que viu levou-o a imobilizar-se e olhar com espanto. As lanternas dos homens que se encontravam do outro lado da larga pastagem focalizavam uma silhueta que se aproximava a cavalo! Uma dúzia de riscas luminosas captaram os reflexos de um terno branco Palm Beach.

Franz Altmüller!

Altmüller optara pela loucura que ele, David, rejeitara.

Mas é claro que seus papéis eram diferentes.

Spaulding sabia que agora ele era a caça. Altmüller, o caçador.

E o alemão não se deteria, não podia deter-se. Esporeando os flancos do animal, irrompeu pelo portão aberto.

Spaulding compreendeu, mais uma vez. Franz Altmüller era um homem morto, caso David sobrevivesse. Seu único meio de sobreviver em Berlim seria apresentar o corpo do homem de Lisboa. O agente da Fairfax que destroçara "Tortugas". O corpo do homem que as patrulhas e os cientistas de Ocho Calle identificariam. O homem que a "Gestapo" descobrira e provocara.

Tanta coisa estranha!

Cavalo e cavaleiro disparavam pelo campo. David permaneceu deitado, apalpando o solo duro, em direção a leste. Não podia levantar-se. Altmüller segurava uma lanterna poderosa, de feixe amplo. Se ele rolasse sob a cerca, o mato alto e o capim mais alto adiante o ocultariam, mas poderiam também dobrar-se, quebrando a linha uniforme.

Se... talvez.

Sabia que estava racionalizando. O capim alto seria o melhor, ocultando-o. Mas estaria fora da estratégia e ele sabia por que aquilo o aborrecia.

Queria ser o caçador, não a caça.

Queria matar Altmüller.

Franz Altmüller não era um inimigo que se deixasse viver. Seria tão letal num tranqüilo mosteiro, em tempos de paz, como no campo de batalha, em plena guerra. Era o inimigo absoluto. Estava expresso nos seus olhos. Não se relacionava com a causa da Alemanha, mas vinha de sua profunda arrogância interior: Altmüller assistira ao desabar de sua poderosa criação, vira a destruição de "Tortugas". Feita por um homem que considerava seu inferior.

E isso Altmüller não podia tolerar.

Zombariam dele, futuramente.

Inaceitável!

Altmüller aguardaria. Em Buenos Aires, em Nova York, em Londres, não importava onde. E seu primeiro alvo seria Jean. Com um rifle de mira telescópica, uma faca na multidão, ou uma pistola oculta, em plena noite. Altmüller se vingaria. Estava expresso nos seus olhos. Spaulding mergulhou os dedos na terra quando o cavalo a galope chegou ao meio do campo e depois avançou orientado pelo holofote das patrulhas que se encontravam nas estrebarias, a 250 metros, e voltado para a área onde o doberman fora visto pela última vez.

Altmüller freou o animal e diminuiu a marcha, mas não se deteve. Examinou o solo à frente com a lanterna aproximando-se cautelosamente, arma em punho, rédeas seguras.

Sem aviso, ouviu-se uma repentina e ensurdecadora explosão nas estrebarias. Os raios de luz que se aproximavam de lados opostos do campo desapareceram; os homens que tinham enveredado pelo campo no encalço de Altmüller detiveram-se e voltaram-se para o pânico que se desencadeara furioso junto à cerca. Incêndios apontavam aqui e ali.

Altmüller prosseguiu; se percebeu o alarma à retaguarda, não o demonstrou. Esporeou o cavalo, incitando-o a caminhar.

O animal parou, relinchou, ergueu-se desajeitado nas patas traseiras e recuou, apesar das ordens de Altmüller. O nazista estava frenético. Gritou com o animal, mas os gritos foram inúteis. O cavalo encontrara o doberman morto e sentia-se repellido pelo cheiro de sangue fresco no capim.

David arrastou-se o mais rápido que pôde diante do feixe de luz de Altmüller, que se movimentava devagar. Vendo-se em relativa escuridão, girou bruscamente para a direita e correu abaixado em direção ao centro do campo. Esperou até que cavalo e cavaleiro se encontrassem entre ele e a cerca; depois, aproximou-se lentamente do nazista. Sentiu-se

tentado a disparar com a Luger, mas sabia que teria que fazê-lo somente em último caso. Precisava percorrer vários quilômetros de terreno desconhecido, incluindo uma escura floresta que os outros conheciam melhor. O disparo de uma pistola de grande calibre atrairia os homens para longe do pandemônio a 250 metros. Contudo, talvez fosse necessário.

Encontrava-se a três metros, a mão esquerda empunhando a Luger, a direita livre... Um pouco mais perto, só um pouco mais perto. A lanterna de Altmüller imobilizou-se, quase. Aproximara-se do ponto em que ele, David, estivera deitado imóvel na grama.

Spaulding sentiu então uma ligeira brisa da retaguarda e compreendeu, num terrível instante de percepção, que chegara o momento de agir.

A cabeça do cavalo ergueu-se, os olhos arregalaram-se. O cheiro das roupas empapadas de sangue chegara-lhe às narinas.

Spaulding saltou, com a mão direita dirigida ao pulso de Altmüller. Agarrando o cano da arma — era um Colt, um Colt 45 do Exército americano! —, empurrou o polegar contra o gatilho. Altmüller girou, espantado, atordoado com o ataque de surpresa. Levantou os braços e movimentou os pés. O cavalo ergueu-se bem alto nas patas traseiras; Spaulding continuou agarrado, forçando a mão de Altmüller a baixar-se cada vez mais. Puxando com toda a força que lhe restava, literalmente arrancou o nazista da sela, atirando-o ao chão. Ato contínuo, bateu repetidamente com o punho do adversário no chão, até que o Colt fosse atirado longe. Naquele instante, golpeou o rosto de Altmüller com a Luger.

O alemão reagiu. Avançou para os olhos de Spaulding com a mão livre, movimentou furiosamente joelhos e pés contra os seus testículos e agitou-se com violência, ombros e cabeça presos pelo corpo do adversário. E gritou.

— *Você! Você e... Rhinemann! Traição!*

O nazista viu o sangue sob o ombro do inimigo e avançou para o ferimento, rasgando a carne já dilacerada até que David julgou não mais poder suportar a dor.

Altmüller enfiou o ombro no estômago de David e puxou-lhe o braço que sangrava atirando-o ao chão. Em seguida endireitou o corpo e jogou-se ao capim onde caíra a sua Colt .45, apalpando furiosamente o solo.

Encontrou a arma.

Spaulding sacou a faca do cinto e transpôs de um salto a curta distância que o separava de Altmüller. A corronha do Colt principiava a tomar posição, o orifício negro apontado para seus olhos.

Quando a faca penetrou a carne, o disparo ensurdecido do pesado revólver explodiu junto ao rosto de David, queimando-lhe a pele, mas sem acertar o alvo.

Spaulding voltou a faca para o fundo do peito de Altmüller e deixou-a ali.

O inimigo absoluto estava morto.

Sabia que não tinha um instante a perder, ou não haveria salvação. Viriam outros homens, outros cavalos... muitos cães.

Correu para a cerca que rodeava a pastagem, ultrapassou-a e penetrou na escuridão do bosque, correndo às cegas, tentando desesperadamente voltar-se para a esquerda. Para o norte.

Nor-nordeste.

Fuga!

Caiu sobre pedras e ramos tombados e finalmente penetrou na folhagem mais espessa, abrindo os braços para romper caminho, qualquer passagem. O ombro esquerdo estava entorpecido, o que era um perigo e uma bênção.

Já não se ouvia tiroteio ao longe; só os rumores noturnos da floresta e o selvagem e ritmado pulsar do seu peito. A luta junto às estrebarias cessara. Os homens de Rhinemann estavam livres para persegui-lo.

Perdera sangue. Quanto, não seria capaz de dizer, mas sentia os olhos cansados, assim como o corpo. Os ramos das árvores tornaram-se pesados, ásperos tentáculos; os aclives, íngremes montanhas. As ribanceiras eram imensas ravinas que precisavam ser transpostas sem o auxílio de cordas. As pernas cederam e ele precisou grande esforço para enrijecê-las novamente.

A cerca! Lá estava a cerca!

No extremo de uma colina, entre as árvores.

Pôs-se a correr, tropeçando, enfiando as mãos na terra, atirando-se para a base da colina. Chegara. A cerca estava ali.

A cerca.

Contudo, não podia tocá-la. Talvez...

Tomou um graveto seco do chão e enfiou-o no arame.

Centelhas e estalidos. Tocar a cerca significava morte.

Olhou para as árvores. O suor que lhe escorria da cabeça fazia arder os olhos, embaçando uma visão já nublada. Tinha que haver uma árvore.

Uma árvore. A árvore certa.

Sentia-se confuso. A escuridão agitava as folhas e os ramos. Havia sombras ao luar, onde deveria haver substância.

Não havia ramos! Nenhum ramo pendendo sobre a cerca, cujo contato significava o aniquilamento. Rhinemann cortara de ambos os lados toda vegetação que se aproximasse dos fios de aço!

Correu o mais que pôde para a esquerda, em direção ao norte. O rio estaria talvez a uns 500 metros. Talvez.

Talvez a água.

Mas o rio, se conseguisse alcançá-lo descendo os íngremes despenhadeiros vedados aos cavalos, tornaria mais lento o seu caminho, roubando-lhe um tempo de que necessitava desesperadamente. E Rhinemann teria patrulhas nas margens.

Foi então que ele viu. Talvez.

Um ramo cortado vários metros acima dos fios esticados, chegando a alguns palmos da cerca! Era grosso, ampliando-se ao se unir ao tronco. Certamente, um empregado optara pelo menor esforço e inclinara o serrote pouco antes do ponto final. Não seria censurado. O galho era demasiado alto e distante para todas as finalidades práticas.

Mas Spaulding sabia ser sua última chance. A única que lhe restava. E o fato se tornava indelevelmente nítido para ele, com os sons distantes de homens e cães. Vinham em sua perseguição.

Retirou uma das Lügers do cinto e atirou-a por sobre a cerca. Um volume no cinto bastava. Saltou duas vezes, antes de conseguir agarrar um tronco podado. O braço esquerdo começou a doer; já não estava entorpecido, já não tinha aquela bênção. Galgou o tronco, apoiando-se nas pernas, até que a mão direita agarrou um ramo mais alto. Lutou contra as agudas punhaladas da dor no ombro e no estômago, e içou-se.

O ramo cortado estava bem acima.

Mergulhou os lados dos sapatos na casca da árvore, batendo repetidamente para formar pequenos apoios. Esticando o pescoço, apoiou o queixo na mão calejada e ergueu ambos os braços, forçando o cotovelo esquerdo a passar por sobre o galho e impulsionando-se loucamente com a direita. Agarrou o galho amputado, movendo os pés contra a árvore até que o impulso lhe permitiu lançar a perna direita sobre o ramo. Baixando os braços, sentou-se, apoiado no tronco.

Vencera. Até certo ponto.

Inspirou profundamente várias vezes, tentando focalizar com os olhos cheios de suor. Olhou para a cerca eletrificada. Ficava a cerca de um metro e vinte abaixo, mas não chegava a um em frente. Do solo, cerca de dois metros e meio. Se pretendesse saltar a cerca teria que torcer e dobrar o corpo num salto lateral. Caso o conseguisse, não estava certo de que seu corpo resistiria ao impacto da queda.

Mas ouvia os cães e os homens com toda a nitidez. Havia penetrado o bosque para além do campo. Voltando a cabeça, viu os feixes de luz cortando a densa folhagem.

O outro castigo seria a morte.

Inútil pensar mais. Ali, pensamentos não tinham razão de ser. Só importava a ação.

Estendeu ambas as mãos, recusando-se a reconhecer os gritos silenciosos do ombro, e agarrou os ramos finos, erguendo as pernas até tocar com os pés o alto do galho espesso. Em seguida, atirou-se para a frente, por sobre os fios esticados, até poder ver-lhes a imagem embaçada. Naquela fração de segundo, torceu violentamente o corpo para a direita e para baixo, e encolheu as pernas.

Foi uma estranha e rápida sensação: sentimentos disparatados de desespero final e, em sentido muito real, uma clínica objetividade. Fizera tudo o que podia. Nada mais lhe restava.

Colidiu com a terra, absorvendo o choque com o ombro direito e rolando para a frente, joelhos dobrados sob o corpo — rolando, rolando, sem parar, distribuindo o impacto por todo o corpo.

Foi impelido contra um emaranhado de raízes ásperas e colidiu com a base de uma árvore. Agarrou o estômago. A dor lhe dizia que o corte se romperia. Teria que segurá-lo, agarrá-lo... absorvê-lo. O tecido da camisa de gola rulê estava empapado de suor e sangue — o seu e o do *doberman* — e reduzido a farrapos por causa das quedas e tropeções.

Mas conseguira.

Ou quase.

Estava fora da propriedade. Livre de Habichtsnest.

Olhou em redor e viu a segunda Luger no chão, brilhando ao luar... A do cinto bastaria. Do contrário, de nada também adiantaria a segunda. Deixou-a onde estava.

A estrada encontrava-se apenas a uns 500 metros. Arrastou-se para uma moita, a fim de recuperar o fôlego e readquirir temporariamente as poucas forças que lhe restavam. Precisaria delas para o restante da viagem.

Os cães latiam mais alto. Os gritos da patrulha soavam a poucas dezenas de metros. Súbito, o pânico voltou. Por Deus, o que estava pensando? O que estava fazendo?

O que estava fazendo?

Deitado sob uma moita, supondo-se livre!

Mas, estaria?

Havia homens com armas e animais selvagens ao alcance de sua voz e à vista de seu corpo em fuga.

Súbito, escutou as ordens expedidas aos gritos — os berros de antecipação raivosa.

— *Freilassen! Die Hund freilassen!*

Os cães haviam sido soltos! Os treinadores julgavam que sua presa estava acuada! Os animais a destroçariam!

Viu os feixes de luz subindo a pequena elevação, antes de avistar os animais. Então, os cães surgiram, saltando a ribanceira e descendo o declive. Cinco, oito, uma dúzia de formas monstruosas disparando em direção ao objeto odiado; crescendo, frenéticos de ânsia exigindo a selvagem conclusão da presa penetrando a carne.

David estava magnetizado — e nauseado — pelo terrível espetáculo.

Toda a área iluminou-se, como um cintilante diadema; estalidos, assobios de eletricidade encheram o ar. Cão após cão atirou-se à alta cerca. Os pêlos curtos incendiaram-se; gritos horríveis, prolongados de morte animal cortaram a noite.

Alarma ou terror provocaram disparos da ribanceira. Homens correram em todas as direções — alguns dos cães para a cerca, outros para os flancos, a maioria recuando.

David saiu de rastros da moita e pôs-se a correr para a floresta.

Estava livre!

A prisão que era Habichtsnest confinava seus perseguidores... mas ele estava livre!

Segurando o estômago, correu na escuridão.

A estrada era cercada por uma faixa de areia e saibro. Saindo aos tropeções da floresta, caiu sobre as pedrinhas agudas. Sentiu a vista enevoada. Nada permanecia em equilíbrio. Tinha a garganta seca, a boca amarga com o vômito do medo. Percebeu que não podia levantar-se. Não podia manter-se de pé.

Avistou um automóvel ao longe, à direita. Oeste. Trafegava em alta velocidade, piscando os faróis. Acendiam, apagavam... Acendiam, apagavam... Acendiam, apagavam, a intervalos.

Era um sinal!

Mas ele não podia ficar de pé! Não podia levantar-se! E então ouviu seu nome gritado em coro, por diversas vezes, pelas janelas abertas! Em coro!

— ... Spaulding, Spaulding, Spaulding...

O carro estava a ponto de passar por ele, e não conseguia levantar-se!

Enfiando a mão no cinto, arrancou a Luger.

Disparou duas vezes, quase sem forças para puxar o gatilho.

Com o segundo tiro, veio a escuridão.

Sentiu dedos suaves apalpando-lhe o ferimento, as vibrações do automóvel.

Abriu os olhos.

Asher Feld olhava para ele, que apoiava a cabeça no colo do judeu. Este sorriu.

— Tudo será esclarecido. Deixe que o médico o costure. Precisamos consertá-lo rapidamente.

David ergueu a cabeça, com a ajuda de Feld. Um segundo homem, jovem ainda, encontrava-se também no banco traseiro, inclinado sobre o seu estômago. As pernas de Spaulding estavam estendidas sobre os joelhos do rapaz que segurava gaze e pinças.

— Sentirá um pouco de dor — falou, no mesmo inglês de sotaque britânico e atropelado que David tantas vezes ouvira. — Creio que já basta disso. Está anestesiado.

— Estou o quê?

— Simples novocaína — respondeu o médico. — Vou refazer os pontos a caminho de Mendarro. O avião está à sua espera. Não haverá interferência.

— Pegaram os planos?

— Acorrentados à escada, Lisboa. Não esperávamos tanta facilidade. Julgávamos que estivesse no terraço, talvez num dos andares superiores. Nossa invasão foi rápida, graças a Deus. As tropas de Rhinemann acorreram depressa mas não o bastante... Bom trabalho, o da escada. Como conseguiu?

David sorriu, apesar da ligeira dor. Era difícil falar.

— Porque... ninguém queria que os planos saíssem de suas vistas. Não é engraçado?

— Alegro-me que pense assim. Precisa dessa qualidade.

— O quê... Jean?

Spaulding fez menção de levantar-se da desajeitada posição, mas Feld agarrou-lhe os ombros e o médico, a cintura.

— Não, coronel; Não precisa se preocupar com a Sra. Cameron ou o físico. Sem dúvida sairão de Buenos Aires pela manhã... E o *blackout* costeiro estará encerrado dentro de minutos. As telas de radar captarão a traineira.

David ergueu a mão, calando o judeu, e inspirou diversas vezes para conseguir falar.

— Ligue para a FMF. Diga-lhes que o encontro está marcado para aproximadamente... quatro horas... a partir do momento em que a traineira saiu de Ocho Calle. Calcular a velocidade máxima da traineira... traçar um semicírculo diâmetro... seguir naquele rumo.

— Muito bem — disse Ashcr Feld. — Transmitiremos a mensagem.

O jovem médico havia terminado. Inclinando-se, falou? alegremente:

— Levando-se tudo em conta, os pontos são tão bons quanto os que receberia em Bethesda. Melhor do que os que alguém fez no seu ombro direito. Coisa horrível. Pode sentar-se. Calma.

David esquecera. O médico inglês nos Açores — séculos atrás — merecera muitas críticas de todos os seus irmãos de profissão. Críticas mal dirigidas. Recebera ordens de retirar o oficial americano do campo de Lajes dentro de uma hora.

Spaulding sentou-se com rigidez, ajudado pelos dois homens da Haganah.

— Rhinemann está morto — disse, simplesmente. — Rhinemann, o porco, desapareceu. Não haverá negociações. Digam à sua gente.

— Obrigado — falou Asher Feld.

Viajaram em silêncio por vários minutos. Os holofotes do pequeno aeroporto já se avistavam a distância, lançando feixes de luz no firmamento noturno.

Feld disse:

— Os planos estão no avião. Nossos homens estão de guarda... Lamento que precise viajar esta noite. Seria mais simples se o piloto fosse sozinho, mas não é possível.

— Foi para isso que me mandaram aqui.

— É um pouco mais complicado, lamento. Passou por muita coisa, foi seriamente ferido. Tem todo o direito de estar hospitalizado. Mas isso terá que esperar.

— Sim? — David compreendeu que Feld tinha algo a dizer, algo que mesmo aquele pragmático judeu achava dificuldade em expressar com palavras.

— É melhor me dizer...

— Terá que resolver o caso à sua maneira, coronel — interrompeu Feld. — Os homens de Washington não esperam que alcance aquele avião. Ordenaram a sua execução.

43

O General-de-Brigada Alan Swanson, do Departamento de Guerra, suicidara-se. Os que o conheciam afirmaram que as pressões de sua posição, a imensa logística que precisava encaminhar diariamente, tornaram-se excessivas para aquele dedicado e patriótico oficial. Elas serviam também àqueles que, bem longe do *front*, ajustavam a maquinaria da guerra com toda a dedicada energia que possuíam.

Em Fairfax, Virgínia, no imenso recinto todo voltado para a segurança, que guardava os segredos da Central de Informação aliada, um tenente-coronel chamado Ira Barden desaparecera. Simplesmente desaparecera. Substância um dia, vapor no seguinte. Com ele, eclipsaram-se diversos dossiês altamente secretos. O que espantou os conhecedores de sua existência foi a informação contida nas pastas. De modo geral, tratava-se de dossiês pessoais de nazistas de alta posição envolvidos com os campos de concentração. Não era o tipo de informação que um verdadeiro desertor roubaria. O próprio dossiê de Ira Barden foi retirado e arquivado, sendo enviadas condolências à família. O Tenente-coronel

Barden estava MOA, ou seja, desaparecido em ação. Estranho, mas a família jamais insistiu em que se fizesse uma investigação. O que era de seu direito, afinal... Estranho.

Um criptógrafo de Lisboa chamado Marshall foi encontrado nas colinas da região basca. Ferido numa escaramuça de fronteira, fora socorrido por partisanos. As notícias referentes à sua morte haviam sido muito exageradas, conforme se esperava. A espionagem alemã estava no seu encalço. No momento, porém, encontrava-se confinado na Embaixada e voltara ao seu posto. Enviara uma mensagem a um velho amigo que, segundo julgava, estaria preocupado —; o Coronel David Spaulding. A mensagem era engraçada, redigida de maneira estranha. Comunicava a Spaulding que não estava aborrecido com as férias do coronel na América do Sul. O criptógrafo também tirara férias. Era preciso interromper certos códigos — caso estes fossem encontrados. Ambos precisavam arquitetar planos para o futuro, sair juntos em outras férias. Era o que deviam fazer sempre os bons amigos. Havia outro criptógrafo, este em Buenos Aires. Um certo Robert Ballard. O Departamento de Estado demonstrava para com ele grande consideração. O criptógrafo de Buenos Aires localizara um imenso erro numa mensagem cifrada e tomara a iniciativa não só de colocá-la em dúvida como de se recusar a autenticá-la. Através de uma série de graves desentendimentos e erros de informação, uma ordem para a execução imediata do Coronel Spaulding fora expedida pelo Departamento de Guerra. Código: traição. Deserção para o inimigo, durante uma missão. Fora preciso muita coragem da parte de Ballard para se recusar a aceitar uma ordem de tão alta prioridade. E o Departamento de Estado nunca se mostrava contrário a deixar embaraçado o Departamento de Guerra.

O aerofísico Eugene Lyons, Ph. D., foi transportado de volta a Pasadena. Coisas... coisas haviam acontecido ao Dr. Lyons. Ofereceram-lhe — e ele aceitou — um contrato lucrativo e interessante com os laboratórios da Sperry Rand Pacific, os melhores do país. Inter-nara-se num hospital de Los Angeles para fazer uma operação na garganta. Prognóstico: 64% favorável, caso houvesse boa vontade de sua parte... Havia. E havia mais alguma coisa a respeito de Lyons.

Baseado no seu contrato, garantira um empréstimo bancário e estava construindo uma casa em estilo mediterrâneo num trecho tranquilo de San Fernando Yalley.

A Sra. Jean Cameron regressou à costa leste de Maryland — por dois dias. O Departamento de Estado, por solicitação pessoal do Embaixador Henderson Granville, de Buenos Aires, emitiu uma carta elogiosa à Sra. Cameron. Embora seu status não fosse oficial, sua presença na Embaixada fora extremamente valiosa. Ela conservara abertas linhas de comunicação com as diversas facções da cidade neutra. Linhas de comunicação freqüentemente prejudicadas por necessidades diplomáticas. Funcionários do Departamento de Estado decidiram entregar a carta à Sra. Cameron numa pequena cerimônia presidida por um eminente subsecretário. O Departamento de Estado surpreendeu-se um pouco ao saber que a Sra. Cameron não pôde ser encontrada na residência da família, na costa leste de Maryland. Achava-se em Washington, no hotel Shoreham. No Shoreham estava hospedado o Coronel Spaulding... Mais que coincidência, talvez, embora de maneira alguma interferisse com a carta de elogio. Não nos tempos que corriam. Não em Washington.

O Coronel David Spaulding desviou a vista dos pilares de pedra marrom do Departamento de Estado. Dando um puxão no sobretudo do Exército, ajustou o pesado tecido sob o braço apoiado na tipóia. Era a última vez que usaria um uniforme ou entraria naquele prédio. Começou a subir a escadaria.

Era curioso, pensou. Havia regressado quase três semanas atrás e todos os dias, todas as noites, pensava nas palavras que diria naquela tarde. A fúria, a repulsa... o desperdício. Ressentimentos de uma vida inteira. Mas a vida continuava e, por um motivo curioso, as

violentas emoções haviam-se tranqüilizado. Sentia apenas uma exaustão, exigindo que ele ultrapassasse o caso e se voltasse para algo de valor, fosse onde fosse.

Com Jean.

Sabia que os homens de "Tortugas" não se deixariam impressionar por palavras. Para eles, a consciência perdera o significado, como tantas vezes perdera para ele. Este era mais um dos seus crimes: haviam roubado a... honestidade. A tanta gente e por tão pouco. Spaulding deixou o sobretudo na ante-sala e entrou na pequena sala de conferências. Estavam todos ali, os homens de Tortugas. Walter Kendall. Howard Oliver.

Jonathan Craft.

Nenhum se levantou. Todos permaneceram em silêncio, fixando-o. Os olhares eram um misto de ódio e medo — sentimentos tantas vezes inseparáveis.

Estavam dispostos a lutar, protestar... para obter a salvação. Havia tido sua discussão e chegado a estratégias.

Eram tão óbvios, pensou David.

Postou-se no extremo da mesa, enfiou a mão no bolso e retirou um punhado de diamantes carbonados, jogando-os na superfície de madeira, onde as pequeninas esferas rolaram, com ruído.

Os homens de Tortugas permaneceram em silêncio. Desviaram o olhar para os diamantes e o voltaram a Spaulding.

— A troca Koenig — falou David. — Os instrumentos de Peenemünde. Queria que os vissem.

Howard Oliver emitiu um suspiro impaciente e falou, com condescendência feita de prática:

— Não temos a menor idéia do que...

— Eu sei — interrompeu Spaulding, com firmeza. — São homens ocupados. Dispense a conversa desnecessária, aliás, não há razão alguma para falarem. Escutem, apenas. Serei rápido. E sempre saberão onde me encontrar.

David colocou a mão direita na tipóia e retirou um envelope. Era um envelope comercial, comum, selado, espesso. Pondo-o cuidadosamente na mesa, prosseguiu:

— Esta é a história de Tortugas. De Genebra a Buenos Aires. De Peenemünde a uma praça chamada Ocho Calle. De Pasadena a uma rua de nome Terraza Verde. É uma história feia. Levanta questões que não sei se deveriam ser levantadas no momento. Talvez, jamais. Para salvaguardar a saúde mental de tantos... em toda parte.

"Mas isto cabe a vocês, reunidos ao redor desta mesa... Tenho várias cópias desta... desta acusação. Não direi onde, e jamais as encontrarão. Mas existem. E serão publicadas de modo a resultarem em manchetes simultâneas em Nova York, Londres e Berlim. A menos que façam exatamente o que eu disser...

"Não proteste, Sr. Kendall. É inútil... Esta guerra já foi ganha. A matança continuará por algum tempo, mas nós venceremos. Peenemünde não ficou ociosa. Vasculhou o mundo inteiro. Alguns milhares de foguetes serão construídos, alguns milhares de mortes ocorrerão. Não tantas quanto se esperava. Ou que seriam necessárias. E nossos aviões explodirão metade da Alemanha. Seremos então os vitoriosos. E é como deve ser. Após a matança, precisa vir a cura. E os cavalheiros a ela dedicarão o restante de suas vidas. Cortarão quaisquer ligações com suas companhias; venderão todos os seus bens que excedam o mínimo para a subsistência — definido pelos padrões econômicos nacionais —, doando os resultados a instituições de caridade, anonimamente mas com substanciação. E oferecerão seus consideráveis talentos a um governo grato, em troca de salários de funcionários públicos.

"Pelo restante da vida, serão funcionários especializados do governo. E nada mais que isto.

"Têm 60 dias para concordar com estas exigências. Aliás, já que ordenaram uma vez a minha execução, deveriam saber que faz parte deste contrato o meu bem-estar. E o bem-estar dos que me são próximos, é claro.

"Finalmente, tendo-me ocorrido que poderiam querer recrutar outros sob este contrato, a acusação torna bem claro que não poderiam ter planejado Tortugas sozinhos... nomeiem quem quiserem. O mundo se encontra em estado lamentável, cavalheiros. Precisa de toda a ajuda que possa obter."

Spaulding estendeu a mão para o envelope, tomou-o e deixou-o cair na mesa. A bofetada do papel contra a madeira atraiu todos os olhares para o local.

— Considerem *tudo* — disse David.

Os homens de Tortugas fixaram em silêncio o envelope. David voltou-se para a porta e saiu.

Fevereiro, em Washington. Fazia frio, os ventos eram de inverno, mas a neve não queria chegar.

O Tenente-coronel Spaulding desviou-se dos carros ao atravessar a Wisconsin Avenue, em direção ao hotel Shoreham. Não percebeu que seu sobretudo estava aberto. Estava insensível ao frio.

Pronto! Tudo terminado! Haveria cicatrizes — profundas cicatrizes—, mas com tempo... Com Jean.



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!

**Esperamos que sua leitura
tenha sido ótima!**